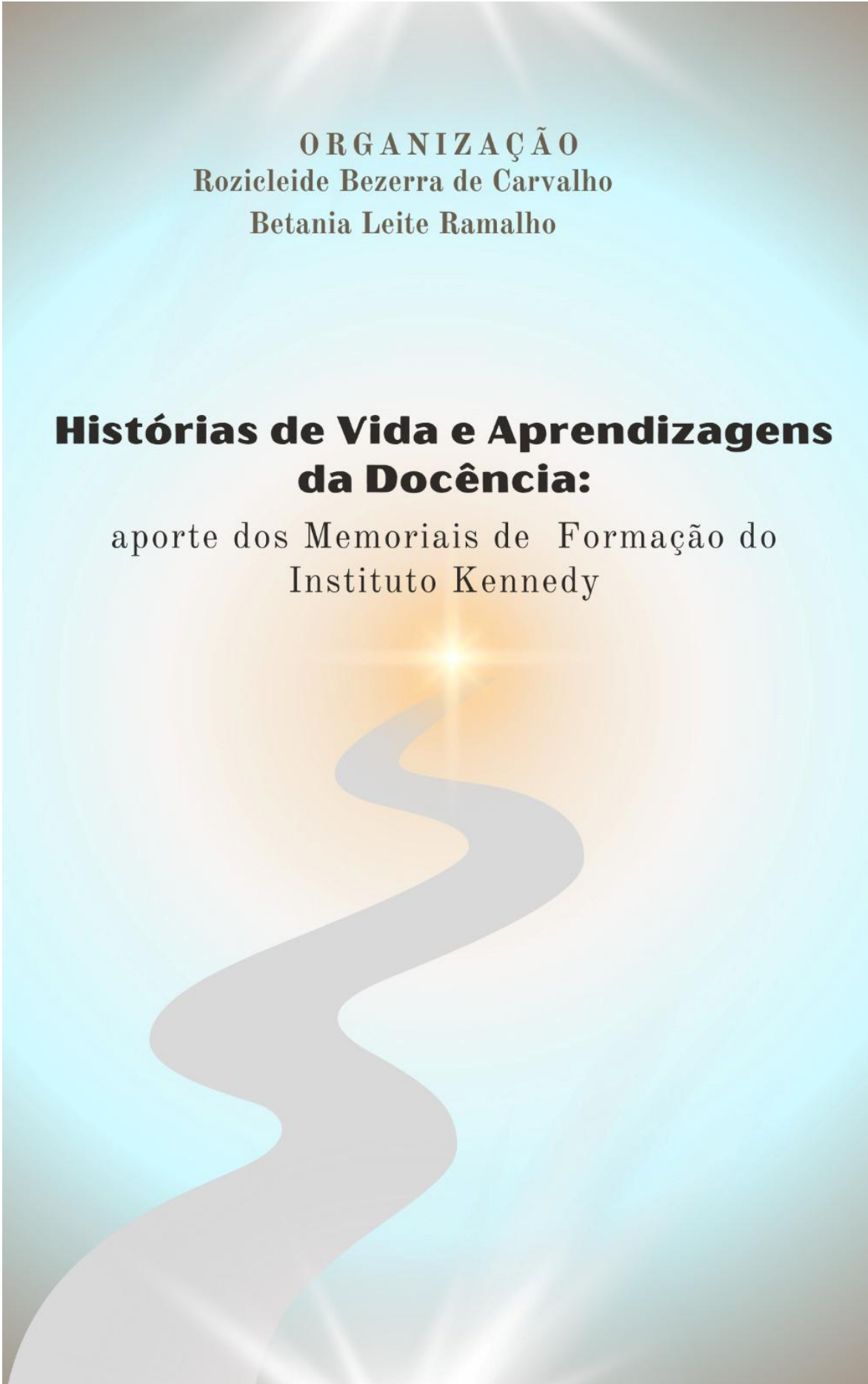


The background of the cover features a soft, ethereal light blue and white gradient. A prominent, winding, light gray path starts from the bottom left and curves upwards towards the center, where it leads to a bright, glowing yellow and orange light source, resembling a sun or a star, which casts a warm glow across the scene.

ORGANIZAÇÃO
Rozicleide Bezerra de Carvalho
Betania Leite Ramalho

**Histórias de Vida e Aprendizagens
da Docência:**

aporte dos Memoriais de Formação do
Instituto Kennedy

Rozicleide Bezerra de Carvalho

Betania Leite Ramalho

(Organizadoras)

*HISTÓRIAS DE VIDA E APRENDIZAGENS DA
DOCÊNCIA: aporte dos Memoriais de
Formação do Instituto Kennedy*

*Natal/RN
2024*

Sumário

Prefácio

Introdução

Capítulo I: Minha Vida, Minha História: Tessituras de Débora Soares

Débora Cristina Diogo Soares

Capítulo II: Aprendendo a Bordar Alfabetizando a Vida

Francineide Ferreira da Silva

Capítulo III: O Eu, O Outro e o Nós: Relações Dialógicas para a Realização de um Sonho

Maria Elizabete da Silva

Capítulo IV: Experiências Vividas e Sentidas de Glenda Gomes

Glenda Gomes da Silva

Capítulo V: Uma História de Vida Construída pela Dialogicidade entre Desafios e Aprendizagens para a Formação de uma Pedagoga

Juvaneide Batista Siqueira

Capítulo VI: Memórias Refletidas e Ressignificadas de uma Pedagoga Transformada Diante de Novos Saberes e Conhecimentos

Cátia Vieira Batista

Capítulo VII: Tecendo a História de Vida de uma Educadora

Creusa Laurentino da Silva Santos

Capítulo VIII: Relembrando o Passado: Trajetória de Uma Vida Acadêmica

Maria Adeilze Araújo Souza do Nascimento

Capítulo IX: Meu Olhar Reflexivo para Construção da Minha Identidade Pessoal e Profissional: Desafios, Conquistas e Lições Aprendidas

Maria Gorete Bezerra

Capítulo X: Narrativas que Contam Minha História de Vida

Ana Cláudia Ferreira da Silva

Capítulo XI: Fios Que Tecem Minha História De Vida: Da Brincadeira de Boneca à Formação Acadêmica e Profissional

Darcileide Lopes de Souza

Capítulo XII: História de Vida e Resiliência: Fios que Transformaram a Minha Identidade Pessoal e Profissional

Vera Lúcia da Silva

Capítulo XIII: Entre Memórias e Concretudes: Melhor que Sonhar é Realizar

Sidcleia Pereira Costa do Nascimento

Capítulo XIV: A Menina que Sonhava Outrora, Hoje, é uma Mulher de Lutas e Conquistas!

Maria Eduarda Costa do Nascimento

Capítulo XV: Narrativas Formativas e Reflexivas das Memórias de uma Estudante de Pedagogia

Janiclei Melo Silva

Capítulo XVI: Transformando o Rumo da Minha História: Vivendo uma Nova Vida para a Realização de um Sonho

Maria Mércia Barros de Souza Targino

Prefácio

Um memorial se configura como um exercício sistemático, que me permitirá escrever sobre minha própria história, rever as trajetórias da minha formação, do exercício da docência e do meu desenvolvimento pessoal e profissional e, a partir deles aprofundar a reflexão. Como exercício de reflexividade, este texto objetiva destacar os processos que maior relevância ganhou nessa trajetória de vida profissional acadêmica e que se institui como reveladores de mudanças qualitativas, na dialética, o que o torna, de certa maneira, uma autobiografia. Como narrativa, simultaneamente histórica, analítica e reflexiva, procura revelar os acontecimentos que representam pontos de inflexão, de desafios, de rupturas e de continuidades alicerçada na pesquisa, nas atividades de extensão e reflexão sobre a própria vida em sociedade.

(Ramalho, Betania, 2010. Fragmento do Memorial Acadêmico da autora como requisito ao concurso para Professora Titular da UFRN).

Tenho a honra de prefaciarmos mais uma publicação que decorre do esforço intelectual e acadêmico compartilhado por colegas professores do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, IFESP, e seus discentes do curso de Pedagogia.

Elegi tratar do tema das “Histórias de Vida e Aprendizagens da Docência, aporte dos Memoriais de Formação do Instituto Kennedy,” não de maneira individual, mas a quatro mãos. Uma obra dessa magnitude e intencionalidade formativa precisa de certa coerência ao considerarmos que o ato formativo e as aprendizagens não aconteceram de maneira isolada, mas situada, compartilhada e estruturada a partir de um Projeto Pedagógico Institucional, determinante para a composição do perfil do/a professor a ser formado/a.

Para tanto, eu e a Professora Dra. Rozicleide Bezerra de Carvalho, representando os professores formadores do Instituto Kennedy, discorreremos, neste Prefácio, sobre os fundamentos teórico-metodológicos e pedagógicos do Memorial de Formação, uma das abordagens da pesquisa qualitativa do tipo Autobiográfica. A pesquisa é um elemento decisivo da estrutura formativa de professores/as do Curso de Pedagogia do IFESP além de ser um componente curricular do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O TCC, segundo resolução IFESP/CCP nº 4, de 20 de dezembro de 2007, consiste na atividade acadêmica de elaboração de um Memorial de Formação a ser desenvolvido pelo concluinte no 7º (sétimo) e 8º (oitavo) períodos. Trata-se de um componente curricular a ser apresentado no final do curso diante de uma banca examinadora. Nessa atividade, o aluno/a, sob a orientação de um/a professor/a formador do Curso, deverá apresentar um relato do seu percurso como estudante, de forma crítico-reflexiva, destacando os

momentos mais significativos, bem como uma análise de sua trajetória acadêmica e profissional. Desde então, já se observa o entrelaçamento entre as atividades de ensino, a pesquisa e atividades do cotidiano escolar.

Nesses termos, o Memorial de Formação (MF) é considerado um recurso pedagógico estratégico e inovador, norteado a permear a formação de professores desenvolvida pelo IFESP desde sua consolidação nos anos 1990. A partir desse período, tendo havido um aprimoramento pedagógico, um salto qualitativo e inovador da sua proposta pedagógica, o Instituto Kennedy assume no país um espaço importante para a formação de professores do magistério público da educação básica, em nível superior, para atuarem na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental, na educação de Jovens e Adultos, além de formações ofertadas em nível *lato sensu* (Especializações).

Acompanhamos, de perto, esse processo de mudança curricular do Instituto Kennedy quando o país ainda não tinha abraçado a causa da formação e profissionalização do trabalho docente do magistério em Instituições de Ensino Superior, legado atribuído a Cursos de Pedagogia¹, em Universidades. Houve, inclusive, uma movimentação nacional em que posições contrárias ao Instituto Kennedy geraram muitas inquietações ao observarem a aprovação do Projeto do Kennedy², inicialmente sob a tutela da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN.

Do ponto de vista conceitual, o *Memorial de Formação* é um gênero textual e discursivo em que o/a professor/a em formação relata acontecimentos que são ou foram importantes no âmbito do seu processo de aprendizagem da docência. “Cada dia se torna mais reconhecida a importância dos estudos autobiográficos, onde o narrador retoma sua trajetória de vida a partir de objetivos previamente definidos” (Bragança e Maurício, 2008, p. 263). Portanto, as memórias das atividades pedagógicas dos/das professores/as, a forma como os docentes percebem o processo de aprendizagem do estudante e a

¹ Pedagogia – Licenciatura, é um curso presencial, que valoriza processos didáticos que não sejam focados na mera transmissão de conteúdos científicos, mas na valorização dos saberes e das experiências trazidas pelos (as) discentes, na participação em atividades de pesquisa e de extensão e que incluam o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino-aprendizagem.

² O Curso de Pedagogia – Licenciatura do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy foi autorizado a funcionar nos termos do Parecer CEE/CES Nº 094/08, homologado pelo Decreto Estadual de nº 21.009, de 12 de janeiro de 2009, e teve seu reconhecimento renovado conforme Parecer nº 014/2014 – CEE/CES/RN e Decreto Estadual de nº 24.801, de 11 de novembro de 2014. Este documento consiste na atualização do PPC para solicitação de reconhecimento e ao mesmo tempo substituirá o que estava em vigor. (IFESP, 2019).

autorreflexão sobre suas próprias atividades formam um repertório profissional da história de vida desse profissional, estando ele/ela em formação ou já acumulando experiências na sala de aula e nas inúmeras atividades da educação escolar, universitária e acadêmica.

Visto por esse prisma, o Memorial de Formação objetiva ressignificar memórias, vivências, experiências que fazem parte da trajetória pessoal e acadêmica do/a docente em formação, ao mesmo tempo em que possibilita elucidar assuntos pertinentes ao exercício da docência, valorizando o uso da escrita autobiográfica como recurso metodológico. Dessa maneira, o futuro docente adquire um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências inerentes ao que se consagra como domínios de saberes plurais que passam pelos conhecimentos teórico, metodológico e técnico-tecnológico da pesquisa pedagógica científica que alicerça o campo da formação de professores.

Estudos de Ramalho. B. L. e Núñez. I. B, (2005) destacam importantes aportes da pesquisa como elemento da atividade profissional dos professores. Os autores discutem sobre o lugar de destaque da pesquisa na literatura específica e na legislação que trata da formação docente. Defendem a pesquisa como um princípio formativo e uma atitude profissional a ser incorporada no repertório de conhecimentos dos docentes, uma inspiração obtida em Laurence Stenhouse, (1998), que revela haver uma nítida concordância a respeito da importância formativa por meio da pesquisa quando ela se faz presente na atividade em que se aprende a ensinar e naquela em que se ensina alguém a ensinar. Essa tem sido uma questão corrente entre aqueles que se preocupam com a problemática que envolve o processo ensino-aprendizagem, a formação e o desenvolvimento profissional do magistério na perspectiva de uma profissão. Nesse sentido, Núñez e Ramalho (2003) complementam: “a pesquisa supõe uma preparação inicial e sistemática como elemento da formação e do desenvolvimento profissional dos professores. Essa formação consiste em fomentar atitudes positivas para a pesquisa, pois pesquisar implica plasticidade nas ideias sobre a realidade educativa, além da disposição de participar da busca por formas democráticas na atuação na educação. Dessa maneira, a pesquisa se integra à própria concepção de professor profissional”.

Voltando-nos ao tema das *Histórias de Vida* de docentes como método de investigação e como um recurso que se incorpora na formação, esse tema permite conhecer e revelar o que habitualmente fica pouco evidente sobre o percurso trilhado nas trajetórias da formação e profissionalização de professores/as. Autores como Nóvoa,

1995; Ramalho, Núñez, Gauthier, 2004; Passeggi, 2006, 2010, descortinam inúmeros registros e argumentos (pedagógicos, históricos, sociológicos, da psicologia da aprendizagem, do comportamento e do desenvolvimento humano) pautados em reflexões que trazem à tona cenários situados em contextos particulares a respeito da escolha pela profissão docente, episódios vividos nos anos iniciais da formação e ao longo do exercício desse *metier*, além de fazer eclodir *insights* variados adquiridos durante a carreira profissional, sempre permeados de sentidos, sentimentos e significados. Nesses termos, as *Histórias de Vida* de docentes têm se tornado um fértil campo de estudos e pesquisas sobre o percurso entre a formação inicial e o exercício da docência.

Maria da Conceição Passeggi (2010) destaca, em seus estudos, que os “memoriais evidenciam como o movimento de escrita contribui para que o/a autor/a do Memorial, a partir das reflexões provocadas pelo ato de narrar suas experiências, vai construindo sua formação enquanto professor, pois, no processo de profissionalização, o autor é levado a rever suas posições, suas crenças, seus valores, a refletir em como o profissional que é e foi sendo construído ao longo de sua trajetória, caracterizando a importância desse gênero (pesquisa-formação)³ no processo de formação profissional”.

Nesse mesmo sentido, Netto; Silva, (2023) ressaltam que os “memoriais sobre a própria trajetória profissional se entrelaçam com a pessoal, unindo as suas histórias de vida com a história de vida das instituições, constituindo um relevante campo de estudos (e pesquisa-formação)⁴ que envolve a forma como os enunciadorees desses memoriais constroem os seus textos”.

As 16 histórias de vida narradas neste livro exemplificam a riqueza do Memorial de Formação como ferramenta pedagógica. Cada professora trouxe à luz suas experiências, desafios e conquistas, revelando como suas trajetórias foram transformadas pelo curso de Pedagogia do Instituto Kennedy, IFESP.

1. **Débora Diogo Soares** inicia sua narrativa comparando sua trajetória a um bordado, entrelaçando memórias de infância, juventude e vida acadêmica. Ela destaca como as aprendizagens no Instituto Kennedy abriram novos caminhos para seu desenvolvimento pessoal e profissional.
2. **Francineide Ferreira da Silva** associa sua formação ao ato de bordar chapéus, descrevendo cada componente curricular como um ponto do bordado que compôs

³ Incursão feita pelas autoras deste prefácio.

⁴ Incursão feita pelas autoras deste prefácio.

sua identidade docente. Sua narrativa é marcada por superações e a busca por novos saberes.

3. **Maria Elizabete da Silva**, em *O Eu, o Outro e o Nós*, reflete sobre a importância do coletivo na construção de sua identidade profissional, destacando a dialética das relações humanas nas aprendizagens e na prática docente.
4. **Glenda Gomes da Silva** escreve com inspiração na citação de Maria Montessori, “Ajude-me a crescer, mas deixe-me ser eu mesma”. Suas narrativas ressignificam memórias dolorosas e celebram conquistas que moldaram sua trajetória como mulher e educadora.
5. **Juvaneide Batista Siqueira**, em *Uma História de Vida Construída pela Dialogicidade*, narra como desafios e aprendizagens moldaram sua identidade pedagógica, destacando a importância da reflexão crítica na formação docente.
6. **Cátia Vieira Batista**, em *Memórias Refletidas e Ressignificadas*, apresenta uma jornada de superação e transformação, enfatizando o papel das experiências vividas na construção de uma identidade profissional sólida.
7. **Creusa Laurentino da Silva Santos** relata como suas memórias acadêmicas e familiares ressignificaram sua visão sobre o papel da pedagogia em sua vida, consolidando-a como uma educadora comprometida.
8. **Maria Adeilze Araújo Souza do Nascimento** revela como a educação transformou sua vida, destacando a sala de aula como espaço de aprendizado mútuo e de superação.
9. **Maria Gorete Bezerra**, ao citar Rubem Alves, reflete sobre as metamorfoses vividas ao longo de sua trajetória e a importância das memórias na construção de seu olhar pedagógico.
10. **Ana Cláudia Ferreira da Silva** descreve momentos marcantes de sua vida com sensibilidade, articulando lembranças da infância, juventude e vivências no Instituto Kennedy.
11. **Darcileide Lopes de Souza** conecta sua trajetória ao título *Fios que Tecem Minha História de Vida*, narrando como a formação acadêmica e profissional transformou sua visão sobre a docência.
12. **Vera Lúcia da Silva**, em *História de Vida e Resiliência*, celebra sua jornada de desafios e conquistas, ancorada na esperança e na determinação em construir um futuro promissor.

13. **Sidcleia Pereira Costa do Nascimento**, com sua filha Maria Eduarda, narra uma trajetória conjunta de formação, destacando a força dos laços familiares no enfrentamento de desafios acadêmicos e pessoais.
14. **Maria Eduarda Costa do Nascimento**, filha de Sidcleia, celebra a conquista do diploma ao lado da mãe, enfatizando a importância do apoio mútuo e da reflexão autobiográfica na formação docente.
15. **Janiclei Melo Silva**, em *Narrativas Formativas e Reflexivas*, reflete sobre a educação como caminho para a emancipação pessoal e profissional, inspirada por Paulo Freire.
16. **Maria Mércia de Souza Targino** conclui com uma narrativa de superação, celebrando o impacto do curso de Pedagogia em sua trajetória e reafirmando o compromisso com a educação transformadora.

Esperamos que o presente livro possa trazer contribuições formativas relevantes para a comunidade acadêmica e demais coletivos de docentes, equipe gestora e estudantes do IFESP. Parabênzulo a professora orientadora Rozicleide Bezerra de Carvalho e as pedagogas pela qualidade dos Memoriais.

Profa. Dra. Betania L. Ramalho - UFRN

Profa. Dra. Rozicleide B. de Carvalho- IFESP/RN

Capítulo I: Minha Vida, Minha História: Tessituras de Débora Soares

Débora Cristina Diogo Soares

1 INTRODUÇÃO

O Memorial de Formação enquanto gênero acadêmico consiste em ser um instrumento que pode possibilitar ao profissional de educação ou de outra área a revisitação da memória e com isso buscar algumas lembranças para com essas estabelecer em sua narrativa uma relação entre a formação escolar, profissional e acadêmica, em diálogo com as teorias estudadas e as experiências vividas em contato com o conhecimento humano e profissional.

Definimos o Memorial de Formação (Arcoverde & Arcoverde, 2007, p. 02), “[...] como um gênero textual rico e dinâmico que se insere na ‘ordem do relatar’, isto é, gênero que descreve fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas”. O Memorial de Formação pode ser considerado, ainda, como um gênero que possibilita as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, desafios, analisando e rememorando situações que marcam a sua trajetória. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação.

Ao sentar-me para escrever este Memorial de Formação como Trabalho de Conclusão de Curso, me sinto bordando, fiando e tecendo minha vida que passa em forma de imagens em meus pensamentos. Não é tão simples, pois tudo se emaranha como fios que se entrelaçam desenhando, bordando e tecendo – tecendo as tessituras de Débora Soares Diogo. Me sinto mais ou menos assim, como a imagem 1 e o poema de Cora Coralina: Sou Feita de Retalhos.

Imagem 1. Sou Feita de Retalhos de Cora Coralina



Fonte: acervo da Internet

Nasci no dia 08 de fevereiro de 1974, na cidade de Picos, no Estado do Piauí. Filha de José Diogo Filho, enfermeiro, e Marluce Soares Diogo, funcionária pública, pais tão afetuosos que, independentemente das situações que se enunciavam, sempre exprimiam esses sentimentos como, por exemplo, um momento especial que jamais esqueço, como esse da imagem 2.

Esta foto (imagem 2) com papai e mamãe me enche de lembranças lindas de uma infância inocente e que fui muito amada. Um tempo de muitos sonhos e alegria, meus pais ainda estavam bem novos e comemorávamos meus treze anos de idade.

Imagem 2. Eu e meus queridos pais



Fonte: acervo da autora

Este é o início da minha história que ainda continuo a tecer nesse mundo que ainda tenho muito o que caminhar.

Ao escrever sobre minha história neste Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação – busco fazer um relato da minha vida e, assim, relembro

momentos que vou tecendo como uma tessitura vivida e revivida recordando, me emocionando com essa conquista muito importante em uma das etapas da minha vida.

Escrever minha história neste Memorial de Formação, como estudante do Curso de Pedagogia – Licenciatura, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP/RN, se constitui um momento peculiar, pois é um momento ímpar na minha vida, foi tudo que mais sonhei. Pois está me levando a pensar no passado com olhar no presente e já vislumbrando o futuro. E com esses pensamentos, começo a desenhar as próximas seções desse gênero acadêmico.

O texto está organizado em cinco seções, iniciando com a introdução, cujo espaço relato brevemente sobre o início da minha história. Na segunda seção, compartilho lembranças da minha infância com maiores detalhes. A terceira seção explicito momentos da minha adolescência, tão vivida e revivida. Na quarta seção, enuncio outras tessituras vividas no segundo grau. Nas seções seguinte, narro minhas experiências no Magistério e no curso de Pedagogia

Concluindo o meu texto, apresento as considerações finais, em cuja seção reflito mais uma vez sobre a importância de ter parado para relembrar momentos peculiares da minha vida, cujos momentos são tessituras de Debora Cristina Soares Diogo.

2 MINHA INFÂNCIA: NOVAS DESCOBERTAS

Início esta seção apresentando duas imagens que representam a minha infância – época da minha alfabetização (imagem 3). É o registro que brinda o momento em que aprendi a ler. Todas as crianças eram fotografadas, como uma espécie de comemoração. Era um dos requisitos para comprovar a aprovação. Momento este que trouxe muita alegria para os meus pais e para mim também. A imagem 4 foi tirada no jardim da nossa casa, estávamos muito felizes, foi uma tarde maravilhosa, os meus pais gostavam bastante de registrar momentos felizes.

Imagens 3 e 4. Retratos da minha infância



Fonte: acervo da autora

Ao tecer sobre minha infância, lembro-me dos vestidos que vesti, dos laços nos cabelos, do meu vestido vermelho com xadrez (imagem 3), de vários livros que li: a ilha perdida, de autoria de Maria Dupre; meu pé de laranja lima, do autor José Mauro de Vasconcelos, o qual chorei muito, mas também li um poema de Cora Coralina: Sou feita de retalhos, quando já estava saindo da infância. Assim, creio que minha vida também seja feita de retalhos, retalhos que se encontram e se complementam para constituir as minhas tessituras.

Sou Feita de Retalhos

Cora Coralina

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou
costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem
ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes
que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”

Eu sou Débora Cristina Soares Diogo, enfrentando novos desafios que se incluem nesse fiar que é a tessitura da minha vida. Uma mulher realizada aos seus quarenta e poucos anos. Também prestes a realizar mais um ciclo em sua vida – se formar Pedagoga.

Não é fácil falar de mim mesma. Sou uma pessoa que gosta de misturar meus defeitos com as minhas qualidades; extraindo o melhor de mim. As qualidades e defeitos consigo utilizar a meu favor, transformando força em determinação, me transformando e transformando a realidade. Passo a olhá-la de outra forma, de maneira mais exigente comigo mesma.

Natural de Picos/PI, vim morar na capital norterio-grandense quando estava com sete dias de nascida. A cidade natal do meu pai é São José do Campestre-RN, e de mamãe, Parnamirim, do tempo em que ainda se chamava Eduardo Gomes.

Meu pai foi servir ao exército brasileiro, indo com a família viver em Picos. Trabalhando no 3º Batalhão de Engenharia, como enfermeiro, depois retornando à Natal. Fomos morar no bairro de Candelária, que na época era um bairro recém-inaugurado.

Quando completei quatro anos, meus pais me colocaram no jardim de infância “O gurulândia”, foi quando eu conheci as primeiras vogais, e socializei esse conhecimento com as outras crianças da minha idade. Me lembro da hora do lanche, e do parquinho, onde eu tinha muita vontade de brincar no balanço, mas nunca conseguia vaga, estava sempre ocupado. Adorava brincar!

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (BRASIL – RCNEI, 1998, v. 2, p. 22)

Aos cinco anos eu fui alfabetizada, no “método tradicional” do “bê a bá”. Aos seis, eu aprendi a ler, no chamado preliminar ou prezinho, com o método denominado Behaviorista – aprendia pela repetição: estímulo-resposta. Foi uma fase muito boa, me lembro da professora, de alguns colegas, e recordo que algumas crianças jogaram areia na minha cabeça, eu chorei muito e uma senhora me deu banho. Também recordo que pedi a professora para ir ao banheiro, e ela não deixou, então fiz xixi na roupa, na sala mesmo. Avisaram a minha mãe, resultado: boas palmadas! Fiz o prezinho no Jardim Escola Gurilândia, no qual eu conheci as primeiras letrinhas, as vogais e depois as consoantes, fui conhecendo, juntando as letrinhas assim: juntando a familinha: $b+a=ba$; $c+a=ca$, sendo assim, conheci as familinha do b, c e assim, sucessivamente, mas só comecei mesmo a ler na Escola Estadual Walfredo Gurgel.

Então, com sete anos de idade, fui estudar na escola estadual Walfredo Gurgel – Natal/RN, que era uma escola de 1º e 2º graus, regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996. Eu estudava a primeira série primária (era assim denominada antigamente). Desenvolvi melhor minha leitura e escrita, e tive novas descobertas e novos amigos, essa escola era muito grande e cheia de estudantes.

Na segunda série (nomenclatura para esse nível de ensino utilizada na época), tive o privilégio de ter como professora “tia” Joselita, era assim que se chamava as docentes naquela época, com todo carinho, particularmente, aprendia muito quando existia simpatia, pois a professora nos conduzia para aprender com carinho, “abria a minha mente” (era assim que eu pensava), hoje penso diferente, depois que estudei textos de Paulo Freire e as discussões que os professores do Instituto Kennedy nos levavam a refletir sobre a nossa identidade profissional; na terceira série, houve um bloqueio em relação à minha aprendizagem, pois sentia que a nova professora (da época) não gostava de mim, não aprendi a resolver problemas que envolviam multiplicação e divisão, então, fui reprovada.

O ensino na época era centrado no professor e, atualmente, já vejo que é diferente, o centro da aprendizagem é o estudante. Quando me lembrei desta fase, veio em minhas memórias um texto que li durante as aulas no Instituto Kennedy sobre avaliação. O autor desse texto era Luckesi (2005) que defende que a avaliação deve ser uma apreciação do processo de ensino-aprendizagem. Quando li esse trecho, fiquei pensando, será que a minha professora compreendia avaliação dessa forma? Acredito que não, pois o sistema de ensino era diferente, a avaliação era exclusivamente classificatória, os textos que li de

Hoffmann (2009) esclarecem esse fato, ou seja, ela explicita que mesmo atualmente, não houve muitas mudanças.

Retorno às minhas lembranças a Escola Estadual Walfredo Gurgel, lá eu aprendi muitas coisas novas, pois eu escutava mamãe chamar o *pé-de-ave* (sic), e minha professora ensinou que o certo era “árvore”. Eu fiquei encantada! Ela mostrou a ilustração, e até hoje eu tenho na memória essa aula. Outra aula inesquecível foi que a professora dando uma bronca na turma, falou que também já tinha sido criança um dia, eu fiquei surpresa, já que eu, na minha inocência de criança até esse dia pensava que as professoras vinham do céu, já prontas, que nunca tinha sido crianças. Imaginava-as descendo do céu, já prontas, sendo professora. Vivia no mundo da imaginação.

Quando refleti sobre como as professoras eram chamadas naquela época, embora ainda hoje persiste com esse termo, lembrei-me de alguns professores do Instituto Kennedy quando trouxeram textos de Freire sobre a identidade do ser professor. Segundo Freire (1997) ao analisarmos na perspectiva da educação, ensinar consiste em uma atividade intelectual que envolve trabalho, profissionalidade, profissionalismo e especialidade em seu cumprimento. Ser tia implica parentesco, logo não se constitui como profissão e muito menos como identidade profissional.

Durante esse período, eu tive também minha amiga imaginária; não só ela, eu imaginava toda a família, além disso eu colocava nome neles, e atribuí a eles, personalidades e endereços. Márcia Costa da Silva era minha amiga imaginária. Não sei em qual momento ela deixou de existir em minha memória.

Segundo Vigotsky (apud KNAUT, 2012) é no brincar que a criança desenvolve sua identidade, autonomia, atenção, imaginação, memória e imitação e experimenta regras, cria novas regras, superando medos e anseios, compreendendo o outro; enfim, é brincando que a criança se descobre como “gente” socialmente incluída e capaz de conviver com o outro no contexto em que está inserida. (Vigotsky, Apud Knaut, 2012, p. 32)

Ao lembrar deste momento, lembrei-me dos momentos vividos nas salas de aula do magistério e no Instituto Kennedy, quando os professores nos apresentavam as leituras dos textos de Lev S. Vygotsky e outros autores como Jean Piaget, por exemplo. Minhas leituras começam a fazer sentido para mim, agora.

Nessa mesma escola eu fiz o primário, que era de primeira à quarta série; conheci vários amigos e amigas que trago comigo até hoje. Nessa fase, aprendi a ler e a escrever.

Essas aprendizagens foram imprescindíveis para continuar meus estudos na adolescência, pois estava ciente que vivenciaria novos desafios.

3 A ADOLESCÊNCIA CHEGOU: NOVOS DESAFIOS!

Nesta seção, apresentarei momentos da minha adolescência, percebida como novos desafios a enfrentar, novas tessituras para viver. Nessa época da minha vida, estudei o chamado “ginásio” que correspondia da 5^a a 8^a série, nomenclatura utilizada anteriormente ao ano de 2006, e a partir deste ano com a Lei 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, onde prega no seu Artigo 32 que o Ensino Fundamental obrigatório passa a ser de nove anos, tendo por objetivo a formação básica do cidadão, portanto, a denominação de “série” é substituída pela nomenclatura “ano”, conforme o site<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>, acessado em 13 de dezembro de 2019.

Foram novas descobertas, primeiros namorados, festinhas, muitos amigos, uns ficaram, outros partiram para outras cidades. Recordo-me da sorveteria da frente da escola, que no domingo era o “*point* da galera”. As imagens 5 e 6 relembram alguns desses momentos. Gosto muito dessas fotos, pois por meio delas revivo a pré-adolescência e a adolescência.

Imagens 5 e 6. Meus 11 e 13 anos, respectivamente



Fonte: acervo da autora (1985 e 1987)

No ano de 1989, completei quinze anos. Comemoramos com uma festa simples, mas muito bonita, com vários amigos e amigas. Fui bastante convidada para dançar a minha valsa de quinze anos, das minhas amigas. Cada aniversário, um vestido mais bonito que o outro, éramos chamadas de “debutantes”, vesti dois

vestidos nesse dia: um de cor azul e o outro de cor rosa. As imagens 7 e 8 mostram bem um dos fios do meu tear.

Imagens 7 e 8. Meus 15 anos



Fonte: acervo da autora (1989)

Essas fotos, as quais enunciam como eu estava vestida nos meus 15 anos, com um vestido azul e outro rosa, me tocam o coração, pois rememoro a linda emoção que senti ao passar pela mudança de menina para moça, era um significado e um sentido todo especial para mim, era uma apresentação para a sociedade que a menina se transformou em uma moça linda e cheia de vida e de amor.

Eu fui uma adolescente muito feliz, no início da década de 1990. Eu, minhas amigas e minha prima Patrícia, todas da mesma faixa etária, íamos muito para a praia de Ponta Negra, onde ficávamos olhando os surfistas da época.

Íamos para o cinema assistir aos filmes que estavam em cartaz, e íamos à locadora alugar fitas para ver os últimos lançamentos. Na escola, era uma estudante nota 6,0, a média, uma vez que gostava sempre de estar envolvida nos “babados”, sempre de olho no gato da vez. Esta fase é recheada de ações desafiadoras, pois estava me autoafirmando, buscando grupos que pudesse me identificar. E as minhas tessituras da minha vida continuam, me preparando para adentrar outra escola, estava cheia de expectativas.

Assim, se inicia uma nova experiência para continuar tecendo minha história, tão cheias de desafios.

4 MEU SEGUNDO GRAU E OUTRAS TESSITURAS DA MINHA VIDA

Esta seção enuncia algumas memórias do meu segundo grau. No segundo grau, fui estudar na escola estadual Anísio Teixeira, fazendo o curso de técnico em contabilidade. Durante o terceiro ano, devido ao convênio da escola, fui estagiar na Empresa Brasileira de Correios e Telegráficos, no gabinete do diretor regional do Rio Grande do Norte, sendo o diretor regional da época o sr. José Luiz Borges, tendo como seu adjunto, sr. Manoel Nunes do Rego, trabalhando diretamente com sua secretária, Olga Cristina Pinto Xavier. Esse momento representa um ponto de inflexão em minha vida. Nada jamais seria do mesmo jeito. No ano de 1994, inicia-se um novo capítulo em minha vida.

Ainda nesta escola, no terceiro e último ano, fui contemplada com um estágio remunerado nos Correios (ETC) para colocar em prática o que eu aprendi na teoria. A Educação Profissional, Resolução CNE/CEB N.º 04/99, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. O art. 1º apresenta a Resolução e institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Conforme esta resolução, a educação profissional deve estar integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia e tem por objetivo garantir ao cidadão o direito ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social. As aprendizagens que internalizei nesse curso me proporcionou atuar com mais conhecimentos no estágio que consegui.

O estágio era o dia todo, indo estudar no turno noturno. Foi nessa empresa que minha vida mudou, pois conheci meu marido, que se chamava Antônio Ferreira Penha. Nos casamos e tivemos dois filhos: Amanda e Anthony. Essa mudança de vida se deu entre os anos de 1995 e 2000.

No ano de 2008, morando na cidade de Ceará-Mirim, retomei meus estudos após ter parado de estudar durante 13 anos para casar-me, assumindo uma família, como dona de casa. Quanto desafio! Precisei me empenhar muito para acompanhar a turma. Fui para uma nova escola, um novo recomeço na escola Otto de Brito Guerra – O Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), onde repeti o terceiro ano. Enfim, terminei meu segundo grau, denominado Ensino Médio, conforme a Resolução – CEB N.º 3, de 26 de junho de 1998, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM (Brasil, 2012).

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, em acordo com o disposto no art. 9º § 1º, alínea “c”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos artigos 26, 35 e 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e tendo em vista o Parecer CEB/CNE 15/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do Desporto em 25 de junho de 1998, e que a esta se integra, resolve: Art. 1º As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – DCNEM (Brasil, 2012), estabelecidas nesta Resolução, consistem em um conjunto de definições diretivas acerca de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados e seguidos na organização pedagógica e curricular de cada unidade escolar integrante dos diversos sistemas de ensino, em atendimento ao que manda a lei, tendo em vista vincular a educação com o mundo do trabalho e a prática social, consolidando a preparação para o exercício da cidadania e propiciando preparação básica para o trabalho.

Dentre os princípios estabelecidos pelas DCNEM (Brasil, 2012), podemos citar a pesquisa como princípio pedagógico, o trabalho como princípio educativo, os direitos humanos como princípio norteador e a sustentabilidade socioambiental como meta universal. Ao buscar informações sobre esses objetos de conhecimento, lembrei-me das aulas no Instituto Kennedy, quando alguns professores traziam este assunto como sendo muito importante para trabalhar com os estudantes quando eu adentrasse de fato nas salas de aula, pois, segundo eles, ao abordá-los nas aulas de maneira responsiva, consciente e contextualizada, podemos estar contribuindo para que esses estudantes possam exercer de fato a cidadania, aprender e se desenvolver.

Pois trabalhar, por exemplo, trazendo a pesquisa como um dos princípios para ensinar, ensinarei aos estudantes a desenvolver o olhar investigativo, identificando situações-problema, propondo problemas e hipóteses e, assim, elaborar estratégias de resolução, percebendo-se como pessoas responsáveis pela melhoria do Planeta. E, assim, respeitar os direitos humanos, à diversidade e às diferenças, possibilitando a esses conquistar seus direitos com consciência.

Sendo assim, volto às minhas recordações, elas se entrelaçam entre as minhas vivências antes de ter internalizado conhecimentos acadêmicos e agora com aqueles que já fazem parte das tessituras da minha vida. É uma tempestade de ideias, não consigo linear meus pensamentos, por isso os apresento como uma teia e um bordado que vou tecendo e bordando no meu dia a dia, recuo, avanço, vou ao passado e me vejo no presente, almejando o futuro que já é amanhã. Busco as melhores palavras para escrever, consulto

o dicionário, pergunto a minha orientadora Rozi, ela me responde com outra pergunta me levando a novas lembranças que estavam aparentemente escondidas em minha mente e, assim, minhas tessituras se concretizam e vão se desenhando como Cora Coralina ao escrever seu poema “Colcha de Retalhos.”

No ano de 2010, já em Natal, mais uma mudança radical em minha vida, pois meu marido foi acometido de uma leucemia severa, vindo a falecer em doze de dezembro do referido ano. Fiquei viúva aos 36 anos, com duas crianças pequenas, uma de 13 anos, outra de 10 anos. Eu, como mãe sou muito carinhosa, amiga e dou muita liberdade aos meus filhos, com muita responsabilidade. Às vezes, me preocupo demais, mas vejo que eles estão no caminho certo, a minha filha Amanda é Assistente Social e o meu filho Anthony é um pastor aos 19 anos.

Continuo a tecer a minha história que se expressa nesse Memorial de Formação, novas lembranças que aos poucos e timidamente vão se organizando de maneira espiral, que me inquietam e fico a pensar: será que posso tecer a minha nesse gênero acadêmico? Apenas parte dela, partes que continuam vivas em meus pensamentos. Uma nova história se inicia, enfim, o Magistério: novas tessituras.

5 MINHA HISTÓRIA COM O MAGISTÉRIO: novas tessituras que foram bordadas

Começo a tecer esta seção relembando como foi minha vida quando cursei o Magistério. Trago algumas lembranças felizes e saudosas, dentre elas, recortes que fiz do conto de Marina Colassanti: A Moça Tecelã. As imagens 9 a 12 expressam algumas dessas vivências. As imagens 9, 10 e 12, apresentam partes que constituíram o meu convite do curso de Magistério. Na imagem 11, estou com minha turma do referido curso.

Imagens 9 e 10. Recortes do meu acervo quando fiz o Magistério: A Moça Tecelã



Fonte: acervo da autora (2014)

Imagem 11. Turma do Magistério



Imagem 12. Convite da minha formatura



Fonte: acervo da autora (2014)

Esse era um sonho muito antigo, sempre quis fazer o curso de Magistério, em 2013, em uma tarde, eu sonhei que estava estudando o Magistério, na mesma noite fui com minha mãe na Escola Professor Luiz Antonio, em Candelária, fiz minha matrícula no curso de modalidade normal do Magistério, realizando um sonho antigo. Era um curso muito bom, tinha o ônibus que passava pegando os estudantes.

Mais uma vez relembro momentos vividos no Instituto Kennedy. Vem em minha os ensinamentos dos professores dessa instituição. Eles falavam de leis e diretrizes que regem esta modalidade de ensino. Para trazer a esse espaço o que aprendi, consultei, no dia 06 de dezembro de 2019, um dos sites do Ministérios da Educação e da Cultura – MEC do nosso país (http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_99.pdf) para me fundamentar teoricamente, busquei a Resolução,

A RESOLUÇÃO CEB Nº 2, DE 19 DE ABRIL DE 1999 (*) (**) Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal. (Brasil, 1999, P. 1)

Considereei importante trazer esse texto que constitui esta Resolução:

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no art. 9º § 1º, alínea “c”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos artigos 13, 26, 29, 35, 36, 37, 38, 58, 59, 61, 62 e 65 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e tendo em vista o Parecer CEB/CNE 1/99, homologado pelo Senhor Ministro da Educação em 12 de abril de 1999, RESOLVE: Art. 1º O Curso Normal em nível Médio, previsto no artigo 62 da Lei 9394/96, aberto aos concluintes do Ensino Fundamental, deve prover, em atendimento ao disposto na Carta Magna e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, a formação de professores para atuar como docentes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, acrescentando-se às especificidades de cada um desses grupos as exigências que são próprias das comunidades indígenas e dos portadores de necessidades educativas especiais. § 1º O curso, em função da sua natureza profissional, requer ambiente institucional próprio com organização adequada à identidade

da sua proposta pedagógica. § 2º A proposta pedagógica de cada escola deve assegurar a constituição de valores, conhecimentos e competências gerais e específicas necessárias ao exercício da atividade docente que, sob a ótica do direito, possibilite o compromisso dos sistemas de ensino com a educação escolar de qualidade para as crianças, os jovens e adultos. (Brasil, 1999, p. 1)

Julgo importante porque sei que outros estudantes do Instituto Kennedy poderão buscar a biblioteca para saber como se estrutura um Memorial de Formação. Portanto, ao ler as minhas tessituras encontrarão este texto que poderá lhe servir para conhecer essas diretrizes, as quais são, para mim, de extrema relevância para a minha prática pedagógica e como identidade profissional.

E, assim, retomo as minhas lembranças! Por motivo de força maior, fomos transferidos para a Escola Estadual Berilo Wanderley, no Pirangi. Nessa escola, conclui o Magistério.

Fomos muito bem acolhidos, tivemos ótimas professoras, fizemos o terceiro e quarto ano da modalidade. Fizemos o processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, no qual fui aprovada, fiquei muito feliz.

Segundo o texto explicitado na página dessa instituição, (<http://www.ifesp.edu.br/ead/>), acessada em 06 de dezembro de 2019, sua visão é:

Ser uma Instituição de Ensino Superior reconhecida como referência na área de formação de profissionais que atuam em espaços escolares e não escolares do estado do RN, buscando a inovação e melhoria dos processos educacionais desenvolvidos pelos poderes públicos, com vistas na indução de políticas públicas voltadas para a disseminação do conhecimento científico, cultural, ambiental e tecnológico. (<http://www.ifesp.edu.br/ead/>)

No ano de 2014, já estávamos no encerramento do curso. Neste ano, tivemos muitas dificuldades, fizemos o Memorial de Formação e dois Estágios Supervisionados, cujas atividades realizadas foram a observação participativa e a regência de sala de aula. Essa também se constituiu como mais experiências importantes para a minha vida de docente.

5.1 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste espaço de produção, apresento brevemente minhas experiências nos estágios supervisionados no curso de Magistério. O estágio envolveu momentos diferentes:

momentos de observação participativa e de regência. Em relação às observações participativas, as realizei na Escola Theodulo Câmara, na 1ª série do Ensino Fundamental (nomenclatura utilizada na época), no período vespertino, cuja escola estava situada na Rua São Geraldo, s/n, Bairro Quintas, Natal/RN.

Adquiri experiência para realizar o exercício da docência e para a regência em sala de aula. Pois, as observações me fizeram perceber como eu poderia me formar professora. A regência de sala de aula aconteceu naturalmente, sempre sob a supervisão da professora titular da sala de aula. Depois ela se reunia comigo para mostrar o que eu deveria melhorar, mas também me elogiava. Estava me preparando melhor em relação à prática pedagógica para continuar aprendendo no curso superior: meu outro sonho!

6 ENFIM, O NÍVEL SUPERIOR: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY – IFESP/RN

Rememoro aqui vivências do curso de Pedagogia, experiências marcantes na minha vida.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (Rio Grande Do Norte, 2012), o IFESP é uma instituição pioneira de referência na formação de professores no âmbito do Rio Grande do Norte e tem suas origens vinculadas à antiga Escola Normal. Nela, são oferecidos cursos de Graduação em Pedagogia – Licenciatura; Letras e Matemática, bem como, de Pós-Graduação: Educação Ambiental, Gestão de Processos Educacionais, Educação de Jovens e Adultos, Educação Ambiental, Ensino de Língua Portuguesa e Educação Infantil. A instituição trabalha com a tríade ensino-pesquisa-extensão.

Como construtora do meu conhecimento, gostaria de relatar nesse Memorial de Formação a minha vivência no Instituto Kennedy. No ano de 2014, tive a oportunidade de fazer o processo seletivo da referida instituição. O referido processo seletivo se deu por meio de uma produção textual, na qual o tema foi “A escola que engaiola, e a escola que dá asas”, então, refletindo sobre esse tema, me veio à lembrança da escola que eu estudei no primário, onde muitos dos meus amigos ficavam “presos” na primeira série.

Houve estudantes que ficaram quatro ou cinco anos na primeira série. Vindo a desistir de estudar por causa das diversas repetições escolares. Por isso, constatei que a

escola “gaiola” é aquela que prende, que algema, sem dá a oportunidade de o estudante alcançar novos voos, como faz a escola que liberta.

No ano de 2015, começou minha vivência no Instituto Kenedy, na qual foi muito proveitosa, pois tive a aplicação dos conhecimentos assimilados no cotidiano com conhecimento científico aliado ao desenvolvimento da aptidão em resolver problemas que contribuam para o progresso da ciência é um sensor que sinaliza o grau de excelência da minha formação científica.

Quanto aos componentes curriculares, estão sendo proveitosos, maravilhosos na minha docência, o que mais se destacou e me chamou atenção foi a de Pesquisa e Práticas Pedagógicas (PPP) foi a que norteou o desenvolvimento dos demais em todos os períodos letivos.

A relatar sobre os meus docentes, todos mostraram-se dedicados comigo e me incentivaram e me motivaram bastante, com tudo isso, contribuíram para que eu superasse todos os obstáculos que se interpuseram em minha trajetória e me propuseram ótimos resultados, nas disciplinas cursadas e nas diversas atividades desenvolvidas ao longo do curso.

Então, estou aqui tentando concluir o curso de Pedagogia, turma 2015.1, com muito esforço, juntamente com a minha amiga Ana Santana. Estamos sempre nos ajudando e dando força uma à outra. Temos passado por muitos preconceitos, muitas decepções, porém, sempre buscando força para não desistir. E como Trabalho de Conclusão de Curso apresentarei o Memorial de Formação, que está me fazendo aprender mais e reviver momentos na instituição ao escrevê-lo e mediante perguntas que minha professora orientadora me faz quando nos encontramos para que eu possa enriquecer o meu texto. As perguntas que ela me faz me ajuda a lembrar e continuar a tecer a minha história.

6.1 MINHA EXPERIÊNCIA NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E REMUNERADOS

Nesta subseção, relatarei um pouco da minha vivência no estágio remunerado, que é uma atividade coletiva que visa à aplicação dos conhecimentos profissionais, que integra objetos de estudo, habilidades e atitudes, que também se constituem como saberes para o exercício da função do Pedagogo que tem como objetivo observar vivências,

elaborar planejamentos, realizar regência e refletir sobre a atuação profissional desse profissional.

Também gostaria de vivenciar nesse Memorial de Formação a minha experiência com o Estágio Supervisionado, no qual estagiei junto a minha amiga Ana Santana de Oliveira, foi uma dupla acadêmica atuando no “Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Bom Samaritano”, localizado na rua Marcos Cavalcante, nº 102, Quintas, Natal/RN. Sendo acompanhada pela professora regente Ozenilde, a qual apresentou-nos os conteúdos de aprendizagem trabalhados, tendo como orientadoras acadêmicas as docentes Antonia Zélia de Assis e Elisângela Ribeiro Cabral. Nesse espaço, observamos, planejamos e ministramos aulas. Achei pouco tempo para uma profissão tão importante, diferentemente do tempo vivenciado no Programa Residência Pedagógica (apresentado em uma das seções desse memorial de Formação) que foi de um ano e dois meses que fiquei na escola. Acreditamos que é de suma importância conhecer como uma escola se constitui e como ela funciona.

Por fim, gostaria de relatar um pouco do meu estágio remunerado, que se constitui por meio do IEL” (Instituto Euvaldo Lodi), núcleo regional do RN – IEL, que tem como objetivo possibilitar aos estudantes a preparação para a vida cidadã e o trabalho nos termos da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Publicado no D.O.U de 26.09.2008).

No dia 02/06/2016, comecei a estagiar também no CMEI Bom Samaritano, sendo auxiliar de sala no nível II, com a professora regente Andréa, contribuindo para o processo e aprendizado e desenvolvimento integral das crianças, estabelecendo uma relação segura, saudável, e efetiva no cuidar e educar, proporcionar um ambiente de respeito mútuo e cooperativo, contribuindo com os docentes da educação infantil no planejamento e execução das atividades pedagógicas, recreativas, bem como as de cuidar, compreendendo dentre outras as de saúde e higiene, alimentação e repouso, assegurando o cuidado e a educação das crianças. Com o final do semestre, fui auxiliar do nível I, com a professora Ozeneide Teixeira, executando as mesmas atribuições acima explanadas.

No ano de 2017, do mês de abril, fui remanejada para acompanhar uma criança com espectro de autismo. Essa experiência contribuiu bastante como profissional de Pedagogia, pois aprendi que precisa desenvolver a Pedagogia da Escuta, como defende Freire (1998). Descobri que eu precisava identificar os interesses dela e como ela aprende. Não foi fácil, foi mais um desafio. Agora, já na escola de Ensino Fundamental: Escola Municipal Ferreira Itajubá, localizada na Rua dos Pêgas, s/n, Quintas, Natal/RN, na turma

do quarto ano do ensino fundamental, acompanhei um estudante que apresentava dificuldades na comunicação verbal e gestual, e na integração social e pouca concentração na realização das atividades. Organizei atividades diversas, algumas davam certo, outras, não. Mas, não desisti.

O término do meu estágio foi em novembro de 2018, por fim, no final do ano de 2018, tive a oportunidade de ser convidada a participar do Programa de Residência Pedagógica pela professora Antonia Zélia, começando assim um novo horizonte. Fiz minha inscrição e fui selecionada.

Fui logo impactada com as novas descobertas, novos aprendizados, aprendi muito sobre a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), documento que foi homologado em dezembro de 2017 e tem por finalidade nortear o currículo nas escolas de Educação Básica. Este documento orienta que o ensino deve ser estruturado, considerando os Fundamentos Pedagógicos: unidades temáticas, objetos de conhecimento, habilidades e competências. Eu pensei nas minhas atividades trabalhadas e senti a necessidade da minha autoavaliação.

6.2 MINHA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Começo a tecer as minhas vivências nesse programa informando que, embora este oferecesse bolsas de estudo aos estudantes residentes, eu e a minha amiga Ana Santana, fomos voluntárias, ou seja, não recebemos tal fomento, porque não éramos bolsistas, entramos no programa ocupando as vagas de voluntários, mas esse fato não impediu a nossa participação, pois sabia que tinha muito a aprender.

Segundo o Projeto Institucional elaborado no IFESP/RN (RIO GRANDE DO NORTE, 2018) e enviado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma iniciativa da CAPES e do Ministério da Educação (MEC) para estimular a iniciação à docência de estudantes de licenciaturas em instituições de ensino superior (IES), com o propósito de preparar a formação de docentes em nível superior, em curso presencial de licenciatura de graduação plena, para atuar na educação básica das redes municipal e estadual. O que possibilitará a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017).

O Programa Residência Pedagógica (PRP) tem o objetivo de auxiliar estudantes de licenciatura a exercerem atividades didático-pedagógicas nas escolas públicas de Educação Básica, com a finalidade de integrar não apenas a teoria à prática, mas também aproximar as instituições de ensino superior às escolas da rede pública de ensino municipal e estadual, de modo a alcançar melhoria na qualidade da educação ofertada.

Aliados à proposta do Projeto Institucional, quatro subprojetos elaborados pelo Instituto Kennedy foram enviados e aprovados pela CAPES: de Ciências da Natureza, Artes, Língua Portuguesa e Educação Física. Os subprojetos, com base nas orientações dessa instituição de fomento, procuram proporcionar uma formação intelectual, cultural, técnica, ética e política na qual os conhecimentos teóricos e práticos inter-relacionados possam contribuir profissionalmente para uma compreensão da realidade educacional e do trabalho educativo, de modo que esses estudantes possam ser capazes de desenvolver competências necessárias à valorização do ato pedagógico compreensivo, crítico, reflexivo, autônomo, com vistas a formar docentes que possam contribuir com a transformação de uma sociedade comprometida com a construção do saber, entendida como instrumento de luta pela ascensão e equidade social, conforme orientação do EDITAL CAPES nº 06/2018.

Segundo esse edital (Brasil, 2018), o presente PRP auxiliará no aperfeiçoamento do estágio supervisionado no curso de Pedagogia, considerando a valorização do trabalho docente, proporcionando aos futuros docentes compreender os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais se dá a sua atividade docente, ampliando, assim, a sua consciência sobre a sua própria prática.

O subprojeto no qual fiz parte foi o de Ciências, coordenado e orientado pela Professora Formadora Dra. Rozicleide Bezerra de Carvalho, cujo título deste é A ESCOLA DO SÉCULO XXI: Ciência e Tecnologia como vias para o desenvolvimento do pensamento científico de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

O subprojeto de Ciências foi desenvolvido em uma escola pública estadual de Ensino Fundamental que atende aos anos iniciais, situada no Município de Natal, no Rio Grande do Norte – RN, que compõe o Complexo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – Escola Estadual Professor Joaquim Torres.

A Escola Estadual Professor Joaquim Torres é uma instituição pública de Educação Integral, que atende, em Tempo Integral, estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais.

Segundo o Censo de 2016, a Escola Estadual Joaquim Torres em relação à sua infra-estrutura, apresenta os seguintes itens: água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; fossa; lixo destinado à coleta periódica; acesso à *Internet*; banda larga. No que diz respeito aos equipamentos, possui: computadores administrativos; TV; videocassete; DVD; antena parabólica; copiadora; retroprojektor; impressora; aparelho de som; projetor multimídia (*datashow*); câmera fotográfica e filmadora.

No tocante às suas dependências, possui: 6 salas de aulas; sala de diretoria; sala de professores; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); quadra de esportes descoberta; cozinha; sala de leitura; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria; banheiro com chuveiro; despensa; almoxarifado; pátio coberto e área verde.

No que concerne ao índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do ano de 2015, a escola obteve nota 6,0, embora a projeção desse índice, segundo o IDEB fosse de 5,2 para 2017; 5,5 para 2019 e 5,8 para 2021, tendo o Rio Grande do Norte, atualmente, um IDEB de 3,2 para esse nível de ensino. Toda essa infraestrutura me surpreendeu, pois pensei que não houvesse no nosso estado uma escola tão organizada e com esse IDEB, pois na mídia só publica que as escolas públicas não prestam. Apresento esse detalhamento da referida instituição para que as pessoas que venham a apreciar o meu Memorial de Formação possam saber que existem escolas públicas de qualidade.

Embora o resultado do IDEB dessa escola esteja acima do esperado, o corpo docente e a equipe gestora esperam que o Programa Residência Pedagógica, mediante o subprojeto de Ciências, possa contribuir com a formação continuada de todos os profissionais da instituição, de modo que tenham competência para formar os estudantes integralmente.

A equipe da escola tem como expectativa que o referido subprojeto permita contribuir com a prática dos professores que nela atuam, de modo a articular teoria e prática, respondendo aos desafios exigidos pela sociedade do século XXI e referendados pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), dentre outros documentos oficiais brasileiros.

Penso ser necessário que os professores desenvolvam o olhar de pesquisadores no seu próprio espaço de trabalho, identificando situações-problema relacionadas à sua prática docente, bem como, àquelas relacionadas à aprendizagem e desenvolvimento dos

estudantes. Para esse fim, sugerimos que se pense e se concretizem situações de aprendizagem que estejam diretamente relacionadas à realidade da escola, percebendo o estudante como aquele que tem o direito de aprender a aprender e se desenvolver, e ao professor o direito de ensinar com competência técnica, concordando com Sacristán (2011) em relação a definição de competência.

Uma competência, é mais que conhecimentos e habilidades, é a capacidade de enfrentar demandas complexas em um contexto particular, um saber fazer complexo, resultado da integração, mobilização e adequação de capacidades, conhecimentos (conceitos, procedimentos/habilidades e atitudes) e valores utilizados de modo eficaz em situações reais (Sacristán, 2011, p. 84)

Que possamos realmente saber mobilizar os conhecimentos que internalizamos no decorrer da nossa vida acadêmica com domínio e consciência para resolver situações-problema do contexto profissional, ajudando aos nossos estudantes a aprender e a se desenvolver, direito de todo cidadão.

Os professores preceptores da escola-campo também esperam que os estudantes residentes possam obter formação de qualidade para atuar com habilidades e competências em sua prática de sala de aula e, assim, contribuir com a formação dos estudantes que futuramente serão seus. Além disso, há a expectativa de que a equipe gestora seja facilitadora do desenvolvimento do projeto.

Ao adentrar nesta escola me surpreendi com a infraestrutura que encontrei, contrariamente à minha época de estudo na Educação Básica. Naquele tempo não havia o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) em vigor desde janeiro de 2007 e que se estenderá até 2020.

Segundo o Ministério da Educação e da Cultura – MEC (acessado em 17 de novembro de 2019) se trata de um importante compromisso da União com a Educação Básica, na medida em que aumenta em dez vezes o volume anual dos recursos federais. Além disso, materializa a visão sistêmica da educação, pois financia todas as etapas da educação básica e reserva recursos para os programas direcionados a jovens e adultos.

De acordo com o portal do MEC (acessado em 17 de novembro de 2019), a estratégia é distribuir os recursos pelo país, levando em consideração o desenvolvimento social e econômico das regiões — a complementação do dinheiro aplicado pela União é direcionada às regiões nas quais o investimento por aluno seja inferior ao valor mínimo

fixado para cada ano. Ou seja, o Fundeb tem como principal objetivo promover a redistribuição dos recursos vinculados à educação.

Sendo assim, acreditamos ser importante a iniciativa do MEC em proporcionar às Instituições de Educação Superior (IES) e às escolas de Educação Básica a oportunidade de um Programa como a Residência Pedagógica, pois este superou as experiências nos estágios supervisionados em relação ao tempo que ficamos na escola-campo: um ano e três meses. Aprendi muito com a minha orientadora, a profa. Rozicleide Bezerra de Carvalho (Rozi), com as professoras preceptoras Francisca, Katarina e Mirian, com outras professoras da escola-campo, que tive a oportunidade de vivenciar momentos profissionais tão importantes para minha vida profissional, com a gestão (diretoras, coordenadoras pedagógicas, apoio pedagógico) e demais funcionários daquela escola, principalmente, com as crianças, pois a cada pergunta que me faziam, relembra-me da minha infância na escola e dos conhecimentos que os professores do Instituto Kennedy compartilharam comigo durante os oito períodos que ali estudei e que me fizeram perceber a academia como um grande desafio.

Compartilho aqui uma imagem que representa as vivências lindas no IFESP e na escola-campo Professor Joaquim Torres, no desenvolvimento de atividades realizadas no Programa Residência Pedagógica.

Imagens 13. Vivências no Programa Residência Pedagógica



Fonte: acervo da autora (2019)

7 ENFIM, A ACADEMIA: MAIS UM DESAFIO

Nesta seção, continuo bordando e tecendo as minhas tessituras que vivi na academia. Quantos desafios! Então, estou eu aqui tentando concluir o curso de Pedagogia - Licenciatura, com muito esforço, juntamente com a minha amiga Ana Santana. Estamos

sempre nos ajudando e dando força uma à outra. Estudamos juntas e fazemos nossos trabalhos sempre compartilhando saberes, pois aprendo mais assim. Lembro-me quando, ainda no início da minha escolaridade, era mais fácil aprender com minhas colegas quando fazíamos trabalhos em grupo.

Ao recordar este momento da infância, lembrei-me das ideias de Vygotsky (2005) quando explicita que nós aprendemos do plano social para o plano individual interagindo com o outro. Para ele, é importante considerar a Zona de Desenvolvimento Próximo da criança. É uma definição elaborada por Lev Vygotsky e explicita que a distância entre o nível de desenvolvimento atual, determinado pela capacidade de resolver um problema com auxílio do outro, ou seja, é a distância entre a Zona de Desenvolvimento Real e a Potencial do aprendente (Vygotsky, 2005)

Nessa caminhada do curso de Pedagogia, temos passado por muitos desafios, porém sempre buscando força para não desistir. Estou tentando concluir o curso e como requisito para obter meu certificado, estou fazendo este Memorial de Formação, trazendo às minhas lembranças boas memórias, mas também memórias que me deixam triste, porém são elas que me proporcionam lutar para conseguir mais um sonho: ser Pedagoga!

7.1 MINHA PARTICIPAÇÃO NO IV ENCONTRO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO DO IFESP (ENCIPE): minha primeira publicação como pesquisadora

Narro nesse espaço as minhas experiências no IV Encontro Científico-Pedagógico do IFESP/RN.

Participar desse encontro proporcionou ampliar meus conhecimentos para atuar como professora com o olhar de pesquisadora. Esse trabalho é o resultado de pesquisas que realizei junto com meus amigos João Gomes e Ana Santana, no Programa Residência Pedagógica. Me senti feliz e importante. Acredito que será também importante para abrir as chances do mercado de trabalho, pois pretendo, com a minha conclusão do curso, conseguir um emprego dentro dessa área que tanto desejei e almejei – a Pedagogia, pois finalizo esse curso mais fortalecida e confiante de um futuro melhor. Aprendi muito com as minhas professoras preceptoras Katarina, Mirian, Francisca, e em especial à minha professora orientadora Rozicleide, nos diferentes momentos de observação, planejamento e regência de sala de aula.

Quero concluir esse TCC com a expectativa de serem abertos outros novos horizontes que eu possa continuar a construir as minhas tessituras. As imagens a seguir enunciam alguns momentos vividos nesse programa (na escola e no ENCIPI).

Imagem 15. Planejamento com a professora preceptora Katarina, da escola-campo



Fonte: acervo da autora (2019)

Imagens 16 e 17. Apresentação do trabalho de pesquisa no ENCIPIE, com meus amigos João Gomes e Ana Santana



Fonte: acervo da autora (2019)

7.2 A FORMATURA: EXPECTATIVAS!

Nesta subseção expresso um breve relato sobre as minhas expectativas em relação à minha apresentação do Memorial de Formação à Banca Examinadora: os

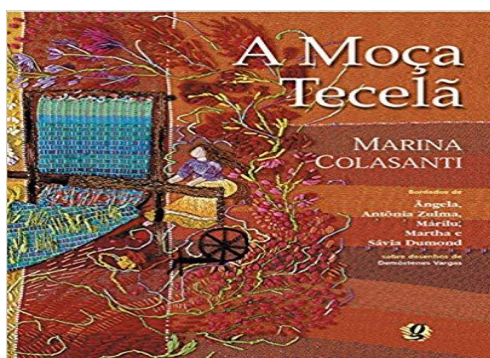
Professores Formadores: Regina Lúcia Alves Costa e Nednaldo Dantas dos Santos, bem como no tocante à minha formatura.

Em relação ao momento com a Banca Examinadora, as minhas expectativas é que os professores que leram o meu Memorial de Formação possam contribuir ainda mais com o meu trabalho. Quanto a minha formatura, acredito que será linda, nela reunirei mais uma vez meus fios como em um tear, de modo que ao juntar todos esses fios eu possa estar preparada para exercer o meu fazer profissional, com o compromisso de ajudar a construir uma educação de qualidade no Estado do Rio Grande do Norte e no Brasil, e que eu possa, por meio do meu trabalho, impactar de forma positiva a vida dos estudantes que serão meus, futuramente. Cada pedacinho da minha vida vou juntando para formar uma linda colcha de sonhos que se concretizará com as minhas ações, assim é a minha vida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não compreendo as considerações finais como algo que foi concluído porque mesmo concluindo esta etapa da minha vida continuo a bordar como a personagem do conto “A Moça Tecelã”, de autoria de Marina Colassanti, que explicitiei no meu trabalho de conclusão do curso de Magistério. Continuo a tecer e a bordar como A Moça Tecelã, representada na imagem 18.

Imagem 18. Capa do livro: A Moça Tecelã de Marina Colassanti



Fonte: Internet

Ao escrever esse Memorial de Formação, pude rever lembranças da minha infância e voltar em um tempo dourado, momentos em que tudo era sonho e que também levei para minha adolescência e juventude. Relembrar as minhas experiências familiares,

escolares, profissionais e a minha chegada e vivências no Instituto Kennedy me fizeram perceber que se abriram vários leques para eu continuar sonhando, tecendo e almejando novos fios para entrelaçar nas minhas tessituras e construir uma nova Débora Soares Diogo. A experiência no Programa Residência Pedagógica foi e será um dos fios mais fortes para contribuir que contribuíram com a minha vida profissional e, assim, as minhas tessituras ficaram mais fortes para poder continuar a bordar como “A Moça Tecelã”. Também “sou feita de retalhos”.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica de Currículos e Educação Integral. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica de Currículos e Educação Integral. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: **cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: **uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

KNAUT, Michele Souza Julio. **Ludicidade e prática pedagógica**. Curitiba: Opet, 2012.

Site: <http://portal.mec.gov.br/fundeb> - acessado em 28 de novembro de 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: **Estudos e Preposições**. 22ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

REPÚBLICA, Presidência da. **Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>.

SACRISTÁN, José Gimeno [et al.]. Educar por Competências: **o que há de novo?** Tradução: Carlos Henrique Lucas Lima; revisão técnica: Selma Garrido Pimenta. – Porto Alegre: Artmed, 2011. 264p.

VIGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. Havana: Educação, 2005.

Capítulo II: Aprendendo a Bordar Alfabetizando a Vida

Francineide Ferreira da Silva

1 INTRODUÇÃO

As minhas experiências serão rememoradas como um bordado tecido por mim em cada etapa da minha vida. Rememorar essas tessituras me faz sentir diferentes sensações: alegria, saudade, fé, força (para continuar tecendo e bordando), expectativa, presente, passado e futuro. Essas palavras representam a minha realidade como ser humano, como estudante, como filha, como mãe, como irmã, dentre tantas outras vivências que são pontos que se entrelaçam como o que une um bordado, algo que sempre esteve presente em minha vida, meu ganha-pão.

Ao escrever este Memorial, relato fragmentos da minha vida, pois me vi bordando como fazia enquanto bordadeira. Cada componente curricular que conhecia, representava um ponto do bordado, um novo conhecimento que se entrelaçava como um tear que constituía a minha vida profissional. Meu rosto assume diferentes formas, ora estou sorrindo, ora minhas lágrimas teimam em cair, cada gota como uma experiência de vida que vivi, já que foram tantas emoções. Mas, tudo valeu a pena, pois cresci em todos os sentidos, ainda não o desejado, mas sei que chego lá. Estamos aqui na Terra para isso, não é mesmo?

Podemos então, definir o Memorial de Formação,

[...] como um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação. (Arcoverde & Arcoverde, 2007, p. 02)

Nesse gênero acadêmico, relato a minha história de vida como se fia em um tear e como se borda um bordado, que se expressa na materialidade para deixar bonito um

tecido, um desenho. Nesse desenho e tecido, conto eventos das minhas vivências, desde a infância até a vida que experencio hoje.

Para Prado e Soligo (2003), Prado e Cunha (2007) e Prado et al. (2007), aquele que escreve deve buscar a narrativa de seu processo formativo enquanto indivíduo, discente e profissional. De acordo com as ideias desses autores, somente ele, o autor, é quem pode escrever o entrelaçamento entre lembranças, colocando-se na posição de quem as organiza e lhes dá um sentido, encontrando caminhos de autoconsciência no próprio processo de escrita em curso. Por isso, constitui-se como um momento reflexivo, de autocrítica, de autoavaliação, mas também de autocontrole, de censura, pois nem tudo devemos contar.

A escrita do Memorial de Formação é desenvolvida em primeira pessoa: o Eu de quem escreve, do narrador, do relator e do argumentador, do que descreve fatos, coisas e objetos, encontra-se em um só: o Eu que possibilita a utilização de uma escrita em primeira pessoa (Passeggi & Carrilho, 2007). Por ser uma escrita do Eu, constitui-se como um trabalho monográfico, que somente aquele que escreve pode se enunciar.

Passeggi (2010) explicita que a relação do escrevente com sua própria história ocorre em tempo não linear; e, por essa razão, resolvi escrever meu memorial como se tece fios e se borda um desenho, com etapas que dialogam entre si, com convergências e divergências. Segundo a autora, a escrita de etapas da vida daquele que escreve será selecionada e organizada, desconsiderando o tempo cronológico, observando as relações entre as lembranças e o conhecimento adquirido até o momento da escrita, pois, conforme ela, quem escreve é aquele que se encontra no tempo presente e que vai se dirigir a vários desdobramentos de posicionamentos subjetivos, num processo de construção de concepções sobre vivências diversas, jamais revivendo a experiência tal como a experimentou, mas reelaborando um novo sentido para o vivido.

Ao bordar e tecer cada ponto da minha história, unia os fios, experienciando momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, repleto de novas concepções de si e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que leu, o qual pode fundamentar sua argumentação, como registra Passeggi (2008). A autora expõe que escrever sobre o positivo ou negativo, numa postura de reflexão e não de redução do que fez parte de sua formação, consiste em um verdadeiro processo de análise reflexiva.

Os relatos da minha vida estudantil e da minha prática profissional aparecem, mas não são apenas relatos de situações no contexto de atuação da minha vida escolar,

acadêmica e profissional, e sim, também, aspectos e situações que revelam momentos de entrelaçamentos com o conhecimento, possibilitado pela formação continuada (acadêmica ou outra), como expressa Passeggi (2008).

Portanto, como argumenta Carrilho (2007), o memorial é um instrumento de formação: busca desencadear a reflexão sobre a formação continuada e prática profissional – o efeito do desejo da escrita sobre si e suas práticas num movimento de olhar para si, de se debruçar sobre uma prática, constituindo-se o próprio movimento de formação. A análise reflexiva que o memorial proporciona em si é uma ação formativa.

Este Memorial de Formação está delineado em seis seções: na primeira, relato a minha infância e as minhas primeiras aprendizagens; na segunda, compartilho as minhas vivências com o magistério e o curso de Pedagogia; na terceira, relato os estágios remunerado e supervisionado; na quarta, narro minhas experiências no Programa Residência Pedagógica; na quinta, descrevo minhas vivências como bordadeira; na sexta, concluo a minha escrita com as considerações finais, momento que me proporcionou novas reflexões.

O título do meu Memorial foi pensado porque a minha vida de bordadeira é algo que marcou e marca a minha vida. Continuo a bordar para ajudar nas despesas de casa. Quero encerrar os meus escritos rememorando cada experiência vivida como um bordado que é desenhado com consciência pedagógica, política e científica. Os bordados que fiz na minha vida acadêmica me fizeram aprender e me desenvolver como docente. E, assim, preciso continuar a pensar em outros pontos que precisarei ainda bordar para continuar aprendendo e me formando.

Aos 13 anos de idade, aprendi a costurar boné (meus primeiros bordados) em uma bonelaria na região do Seridó/RN. Tempo depois, acrescenta-se que, no ano de 2002, realizei um curso de bainha de rede, em seguida, de acabamento, especificamente, na cidade de Caicó/RN. Aos dezoito anos de idade, já sendo mãe e residindo em uma comunidade - zona rural (Barra da Espingarda), município de Caicó/RN, fui convidada por um grupo de mulheres que, ali, também faziam parte da Associação de Moradores do lugar. Sendo assim, no mesmo ano, iniciei o curso de iniciação ao bordado à máquina, fazendo parte de um grupo escolar situado na mesma localidade, que foi realizado no período de 19 de maio a 30 de setembro de 2003, no total de 360 horas.

O conteúdo programático do curso era organizado em quatro módulos, a saber:

- Módulo I - Iniciação ao bordado;

- Módulo II - Bordado em acabamentos (Desfiar, Crivo, Rechiliê e Bainha);
- Módulo III - Colorir e matizar;
- Módulo IV - Aplicações.

Os cursos de capacitação que participei são realizados por meio de parcerias entre os municípios: Caicó/RN; o governo do Estado/RN e o Sebrae/RN. Seus maiores objetivos são capacitar mulheres da região para que elas possam, com seu trabalho artesanal de mão de obra, sustentar seus filhos. Ao mesmo tempo, o bordado faz parte da cultura e é visto como uma tradição, e é uma atividade que integra a sobrevivência do dia a dia de muitas famílias do Seridó.

O bordado contribuiu significativamente com o meu processo de ensino-aprendizagem, em relação à concentração, atenção e percepção, bem como com objetos de conhecimento de matemática e de Arte, além de ter proporcionado saber trabalhar com partilhas de saberes e experiências.

2 INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E PRIMEIRAS APRENDIZAGENS

Meu nome é Francineide Ferreira da Silva, sou filha de José Francelino da Silva (in memoriam) e Dalvanira Ferreira da Silva, eles liam muito pouco. Meu pai era vigilante noturno e a minha mãe, empregada doméstica. Eram casados civilmente e trouxeram para o mundo sete filhos.

Nasci no dia 24/03/1977, na maternidade Bandeira Filho, em Afogados - Recife/PE. Fui registrada no cartório de Porta Larga, em Jaboatão-PE. Sou mãe de dois filhos: Esaú Teodoro da Silva e Eliseu Teodoro da Silva.

Venho aqui compartilhar um pouco das lembranças da minha infância em relação às minhas aprendizagens. Para Kramer (2006, p. 13) “a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade”. A infância deve ser vivida como criança, respeitando seus direitos de brincar, aprender e se desenvolver, ser cuidada, respeitada e protegida.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (acesso em 26 de março de 2022), são direitos da criança: Direito à Vida e à Saúde; Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade; Direito à Convivência Familiar e Comunitária; Direito à Educação, à Cultura,

ao Esporte e ao Lazer. Portanto, olhar para esses direitos é compreendê-los como conhecimento inerente à minha profissão de futura Pedagoga.

Esses direitos são de fundamental importância para o desenvolvimento emocional, físico e psicológico da criança. Essa é um ser histórico, como apregoa Vygotsky (1996), pois se apropria da cultura, interagindo com ela e a internalizando na relação com o outro por meio da linguagem. Sendo assim, como ele escreve, o homem é um ser histórico-social, ou, mais abrangentemente, um ser histórico-cultural. De acordo com seus escritos, esse ser é moldado pela cultura que ele próprio cria; ele é determinado nas interações sociais, ou seja, é por meio da relação com o outro e por ela própria que esse sujeito é determinado, é constituído.

Suas aprendizagens ocorrem do plano social para o plano mental em interação com a realidade, e essa relação acontece mediante signos, símbolos e instrumentos. Ou seja, é por meio da atividade psíquica que esse sujeito se relaciona com o mundo dos objetos. Por isso, a importância de proporcionar às crianças momentos com atividades para que elas possam internalizar esse mundo dos objetos, aprendendo e se desenvolvendo. A atividade mental é exclusivamente humana e é resultante da aprendizagem social, da interiorização da cultura e das relações sociais. Assim, aprendi e continuo aprendendo e me desenvolvendo como sujeito sócio-histórico-cultural.

O desenvolvimento, segundo Vygotsky (2005), é um longo processo, marcado por saltos qualitativos que ocorrem em três momentos: da filogênese (origem da espécie) para a sociogênese (origem da sociedade); da sociogênese para a ontogênese (origem do homem); e da ontogênese para a microgênese (origem do indivíduo único); o desenvolvimento mental é, em sua essência, um processo sociogenético. Para o autor, a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo assim, a linguagem compreende várias formas de expressão: oral, gestual, escrita, artística, musical e matemática.

O processo de interiorização das funções psicológicas superiores é histórico, e as estruturas de percepção, a atenção voluntária, a memória, as emoções, o pensamento, a linguagem, a resolução de problemas e o comportamento assumem diferentes formas, de acordo com o contexto histórico da cultura. Essa, segundo o autor, é interiorizada sob a forma de sistemas neurofísicos, que constituem parte das atividades fisiológicas do cérebro, as quais permitem a formação e o desenvolvimento dos processos mentais superiores, conforme expressa Lucci (2006).

Nesse contexto, ao relembrar meus momentos de infância no momento de escrita do meu Memorial de Formação, posso refletir ao dialogar com as ideias desses autores, e, assim, perceber o quanto me transformei intelectualmente no decorrer do curso de Pedagogia. Atualmente, enxergo a realidade percebendo-a transformada diante dos meus olhos, compreendendo que também fui transformada.

Rose (2001) discute como a Psicologia é resultado da história, emergindo no século XIX, visto que apenas nesse contexto histórico-social-cultural, o ser humano passa a ser entendido em termos de indivíduos que são vistos como eus, equipados com um domínio interior e estruturados a partir da interação entre suas experiências de vida e determinadas leis gerais do desenvolvimento humano.

Cito aqui Kuhlmann Júnior (2007, p. 30), quando ele afirma que: “É preciso considerar a infância como uma condição da criança.” O conjunto de experiências vividas por ela em diferentes lugares históricos, geográficos, sociais e culturais é muito mais do que uma representação feita por adultos sobre essa fase da vida, como relata o autor. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças, cuja fase é a aprendizagem por meio de materiais concretos, localizá-las nas relações sociais, em contexto etc., reconhecê-las como produtoras de história. Assim, compreender a criança como ser histórico, social e cultural significa considerar a infância como experiência humana, e não apenas um momento transitório da vida.

Nesse contexto, os estudiosos Bazílio e Kramer (2003) enfatizaram que, embora concebidas como sujeitos históricos, sociais e titulares de direitos, as crianças são tidas como objetos, como abstração; na maioria das vezes, não se leva em conta as diferentes classes sociais em que estão inseridas, reflexão que faço ao relembrar momentos desse período da minha vida.

Frente a essa afirmação, é possível explicitar que, dependendo do contexto social em que a criança está incluída, a conotação de infância passa por transformação social ou educacional, identificam-se mudanças no que se refere à formação da ética, dos valores, do respeito, e do próprio comportamento, os quais irão orientar, na maioria das vezes, a postura do sujeito perante a sociedade. Essas características se consolidam no seio familiar e escolar. Por exemplo, o estímulo a atividades como a leitura é imprescindível para se interagir com o mundo dos objetos, intervindo nele e mediante ele, tendo oportunidade que não tive na minha infância.

Lembro-me, nitidamente, da falta de incentivo à leitura no ambiente onde eu morava juntamente com outras crianças, minha mãe, minha avó (in memoriam), meus tios, dentre outros. Todos que ali residiam tinham pouca escolaridade, alguns liam com muita dificuldade, outros não conseguiam ler, pois eram analfabetos. Acredito que por esses motivos minha mãe nunca se sentou comigo nem com meus irmãos para nos ensinar a ler e escrever. Minhas funções superiores do cérebro foram se materializando, principalmente, durante a minha vida escolar. Até hoje, tenho dificuldades para aprender, pois não vivenciei práticas didático-pedagógicas que pudessem ter me proporcionado a internalização de conhecimentos que sinto falta.

Tem um fato bem curioso que sempre acontecia quando eu, meus irmãos e irmãs éramos crianças. Havia uma senhora, que não me vem na memória no momento o seu nome, a qual, todo início de ano, dava-nos caderno e lápis para, assim, darmos continuidade aos nossos estudos, pois minha mãe não podia comprar, pois somos sete filhos, o que dificultou o acesso a uma educação de qualidade e, principalmente, pelo fato de a educação não ser prioridade para os governos estadual e federal. São necessárias políticas públicas que garantam igualdade e equidade em relação aos direitos de aprender e se desenvolver integralmente, como apregoam os documentos educacionais brasileiros.

Quando criança, muito pouco tive contato com os livros. O livro que via diariamente era apenas a bíblia, a qual ficava em cima da estante, minha avó só nos deixava olhar (eu e meus irmãos...). Quando saíamos para brincar na calçada, eu ficava a observar vizinhos lendo e, quando eu ia para a missa, gostava de ficar olhando a pessoa que lia a liturgia em voz alta; sei que ainda não entendia nada do processo de leitura, mas confesso que achava tudo muito bonito, aquela cena, um ser humano lendo para as outras pessoas ouvirem. Nessa época, não lia livros, mas já conseguia fazer a leitura de mundo, como tão bem expressou Freire (1989): “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”.

Ao rememorar esses momentos hoje, consigo estabelecer relação com os conhecimentos que internalizei nas aulas ministradas pelos/as professores/as no curso de Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Lembro-me do seguinte texto de Almeida (2009), quando ele enfatiza que a atividade lúdica envolve, principalmente, o entretenimento, em que não importa somente o resultado, mas o divertimento, o prazer e a interação dos participantes. Nesses momentos, os espaços em que o lúdico se faz presente são desenvolvidos a criatividade e inúmeros conhecimentos

que envolvem jogos, brinquedos, brincadeiras, músicas, danças e representações artísticas. Essas atividades não foram vivenciadas na minha infância.

Afirmo aqui, nessas humildes linhas, que trilhei a minha infância em um ambiente de muita “ignorância” em relação ao conhecimento, e rudeza por parte dos que ali moravam. Lembro-me, como se estivesse vivendo agora, eu, minhas irmãs, primas e primos, brincávamos de modelar casinha, mesinha, banquinho, panela... tudo construído com barro vermelho. Nesse momento, aprendíamos e nos desenvolvíamos mediante o contexto no qual vivíamos. Eu não podia deixar de lembrar das brincadeiras nos dias de chuva, quando brincávamos na terra molhada com um espetinho de ferro, artefato que utilizávamos para a construção de um peixinho desenhado no chão molhado; brincávamos também de amarelinha, bola de gude, passar o anel e outras. Todos esses momentos são necessários para as nossas aprendizagens e desenvolvimento. Olho para esse momento estabelecendo relação com as teorias que estudei em meu curso de Pedagogia.

Da mesma forma, vem me chamar atenção uma das lembranças importantíssimas em minha vida, além das demais citadas acima: o “Centro Social Urbano” (CSU), situado na cidade de Caicó/RN. Nesse espaço, aprendi a fazer alguns artesanatos, como o bordado à mão e a pintura em pano de prato, ainda na infância.

Há anos, no “recreio”, como era chamado pelas crianças e professores/as da época, hoje denominado “intervalo”, brincávamos de jogar vôlei, queimada, bambolê, jogar dominó, dama, pular corda, entre outros, e, para mim, essas boas lembranças me trazem uma enorme felicidade. Ainda continuo a viajar pela minha imaginação, revivendo meu tempo de criança que um dia ficou lá atrás, e que hoje permanece em meu coração e em meu ser imaginário.

Nesse ínterim, venho aqui trazer uma recordação de uma pessoa (*in memoriam*), pois não citarei o nome, por motivos pessoais, mas percebi que ela está entrando nesse trabalho de conclusão de curso devido ao fato de ter marcado a minha vida, quando contava histórias de trancoso e outras bem divertidas, as quais me fizeram rir ao longo da minha infância. Ao mesmo tempo, encontrei uma professora atenciosa, pois se preocupava com as nossas aprendizagens. Foi com ela que aprendi a ler e a escrever. Se uma letra ou sílaba estivesse escrita de forma inadequada, ela me “mandava” apagar e escrever novamente. Orientava-nos a usar o caderno de escrever, ler livros etc., “tudo” tinha que ser bem-organizado, senão eu e a turma receberíamos reclamação dela.

Escrevo agora sobre as contribuições pedagógicas compartilhadas por um ser humano especial no Curso de Magistério que, até os dias de hoje, são caras para mim. Essa pessoa, ao longo de todos esses anos que voltei a estudar, vem com muito zelo e cuidadosamente procurando, diariamente, reservar sempre um pouco de seu tempo para comigo esclarecer muitas dúvidas relacionadas à minha atuação como pedagoga no espaço de Educação Infantil, as quais vão surgindo ao longo do curso de Pedagogia. Minhas dúvidas principais diziam respeito ao uso das Tecnologias Digitais (TDIC) nas atividades com crianças no contexto pandêmico, o qual fomos “obrigados” a utilizar essa ferramenta para ensinar. Não tive durante a minha infância acesso às TDIC, primeiro porque esse acesso era para aquelas pessoas com boa situação financeira, segundo porque não fazia parte ainda das práticas docentes da maioria dos/as professores/as. Ainda estou me apropriando desse conhecimento.

Segundo Santaella (2013), as contribuições das TDIC e suas aplicações em sala de aula, bem como a relevância e as perspectivas que essas possuem em um recente cenário educacional, que se adapta ao uso dessas tecnologias, deve fazer parte da prática de professores/as como conhecimento inerente à sua profissão. Ela afirma que as potencialidades das TDIC, no contexto de sala de aula, e o papel do professor inovador são condições *sinequanom* no mundo atual para internalização de novos conhecimentos.

Esaú Teodoro da Silva (meu filho) faz parte dos escritos do meu memorial, pois sempre estava a me encorajar. Sou grata a ele, pois sempre esteve presente nas horas e momentos mais árduos e difíceis de todo o percurso desse curso.

Desde que aprendi a ler e escrever, ainda quando criança, continuo exercendo essa função diariamente, em voz alta, se for necessário, para realizar apresentações ou contar uma história para crianças.

Fui uma criança muito medrosa devido aos assombros que alguns adultos faziam naquela época, como, por exemplo, quando minha avó (in memoriam) dizia que não ficasse sozinha na frente da casa, não ir para canto algum sem a companhia de um adulto pois ela afirmava que tinha um homem com um saco nas costas pegando criança e levando para matar. Até hoje carrego dentro de mim essa imaginação desse ser com esse saco.

Segundo Ponte (2022), o medo é uma emoção adaptativa, ou seja, permite ao ser humano ter reações corporais e psicológicas que são importantes para a sua sobrevivência. Mas, quando o medo é exagerado, é inadequado à sua idade e a criança deixa de fazer coisas que queria por causa dos medos que tem, e isso se torna preocupante.

A autora expressa que pode afetar o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Os medos exagerados, conforme afirma ela, estão dentro da categoria de ansiedade.

Outro fato muito importante que carrego da minha infância foi a morte de meu pai, no ano de 1984, quando eu tinha 07 anos de idade. Depois de sua partida, eu e minhas irmãs tivemos que trabalhar como domésticas para contribuir com a ajuda financeira em nossa casa. Meu Deus! como foi difícil para mim, para meus irmãos e para nossa mãezinha tão sofrida. Após a morte de meu pai, deixamos nossa terra Natal (Pernambuco) e partimos para o Rio Grande do Norte, com o auxílio da nossa avó Otávia de Brito.

Venho, por meio destas linhas, viajar um pouco no túnel das brincadeiras que muito contribuíram nas minhas aprendizagens, mesmo eu ainda não sabendo da grande importância dessas, as quais carrego até os dias de hoje, acesas nas minhas lembranças, como: modelar com barro (construir mesinha, cadeirinha, boneco e outros), peteca. Éramos nós mesmos quem confeccionávamos, pular corda (eu amava...), pedrinhas, casinha de boneca, amarelinha e outras.

Durante as aulas do componente curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física-II, do 6º período do curso de Pedagogia, ministrada pela professora Tereza Cristina Bernardo Câmara, a qual sou muito grata por me trazer boas recordações da época em que eu era ainda uma criança e brincava bastante com o jogo das pedrinhas. Enquanto ela teorizava sobre a importância dos jogos na etapa da infância, rememorava meu passado quando brincava e, aos poucos, meu olhar era transformado, passava a enxergar a realidade, articulando as vivências ao campo teórico da educação.

Ainda vou mais além, quando vem na minha mente as aulas ministradas pela professora formadora do componente curricular – Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Arte II, 6º período do curso, a Professora Evanir Pinheiro. Nesse componente curricular, a professora levou para a sala de aula atividades relacionadas ao “desenho de observação, imaginação, criação, sensibilidade, beleza e conhecimento”. Nessas aulas, veio-me à imaginação um passeio que a escola onde eu estudava naquela época realizou para um rio em que se encontrava muitas plantas, árvores gigantes etc. Eu tomava muito banho nesse rio. Então, o desenho que fiz para representar esse momento relatou esse passeio muito rico para mim, quando criança. As aulas me proporcionavam e estimulavam voltar ao passado.

Hoje, ainda me recordo de alguns fatos que vivenciei na minha infância, por motivos peculiares, não quero aqui relatar o vivido por mim, pois foi deveras significativo para mim, mesmo causando dores, mas sei que momentos difíceis são importantes para o nosso crescimento, desde que sejamos orientados a fazer essa reflexão. No meu ambiente familiar, apanhava bastante, e na escola mordida com frequência as outras crianças. Nesse ínterim, descobri, através dos novos conhecimentos que internalizava no curso de Pedagogia, que o que eu vivia era fruto da educação que aquelas pessoas viveram quando crianças, em meio a seres humanos rudes e ignorantes. Por isso, descobrir que, ao longo da minha existência, posso fazer diferente com as crianças que irão estar ao meu lado, passando a ouvi-las e procurar entendê-las bem melhor com o olhar de pedagoga e ser humano.

Minha vida escolar teve início precisamente a partir dos oito anos de idade, vindo aprender a ler só com os doze anos. Devido às várias dificuldades de ordem pessoal, não tive acesso à escola até meus sete anos de idade. Sou de uma família muito humilde, pois minha mãe não tinha dinheiro para comprar material escolar, nem para mim, nem para os outros seus filhos.

Uma parte do meu ensino fundamental (início), anos iniciais, realizei na escola municipal Maria Leonor Cavalcanti, situada a rua Irmã Crescência (Bairro nova descoberta) Caicó/ RN; escola cenecista de 1º grau João XXIII. Foi nessa instituição que fiz todo o Ensino Fundamental, anos iniciais. O componente curricular que mais me interessava era Língua Portuguesa, por envolver a leitura, sempre adorei ler, aqui confesso que amava as histórias... os contos, as fábulas infantis.

Estudei com uma professora dessa mesma época, era muito organizada e reclamava com frequência do meu lápis ser bem pequenino. Tinha dia que eu levava a atividade pela metade pelo motivo de não ter tempo, pois eu trabalhava como doméstica, mesmo estando com a idade de criança.

Naquela época, o ECA, instituído pela Lei 8.069, no dia 13 de julho de 1990, durante o governo de Fernando Collor, ainda não tinha sido elaborado, portanto, não apenas eu, mas outras crianças do Brasil trabalhavam para ajudar a manter a casa. O projeto de lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é de autoria do Congresso Nacional.

Essa professora queria todo meu caderno e dos demais estudantes sempre bem-organizados. Venho confessar que tinha medo dela, mas foi com ela que aprendi a ler e melhorar um pouco minha ortografia. Como aprendi? ao interagir com o contexto escolar!

Na minha adolescência, fui matriculada nos anos finais do Ensino Fundamental; estudei nas escolas estaduais Joaquim Apolinar (EEJA) – Caicó/RN; Senador Guerra, supletivo a distância (não me identifiquei), em Caicó/RN e escola municipal Profa. Dalva de Oliveira, (Natal/RN), onde cursei EJA, nível III e nível IV, no período da noite.

Em 1992, com 15 anos, estava cursando a Educação de Jovens e Adultos – EJA, o ensino fundamental dos anos finais. Em 8 de outubro de 2008, por meio do Parecer CNE/CEB nº 23/2008, a Câmara de Educação Básica definiu Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, especificamente no que concerne aos parâmetros de duração e idade dos cursos para a EJA; aos parâmetros de idade mínima e de certificação dos Exames na EJA; e ao disciplinamento e orientação para os cursos de EJA desenvolvidos com mediação da Educação a Distância, com reexame do Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e adequação da Resolução CNE/CEB nº 1/2000, que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Segundo o Parecer 6/2010, em relação à idade mínima para matrícula nos cursos da EJA e realização de exames, o Parecer nº 23/2008, com base no documento do professor Jamil Cury, faz um alerta no que diz respeito aos “exames supletivos”, considerados como de “massa”, que se diferenciam da avaliação no âmbito da EJA: eles “devem ser cuidadosamente controlados a fim de não se perderem sob padrões inaceitáveis”. O CNE relembra as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos, em que a idade inicial para matrícula nos cursos de EJA é a partir de 15 anos para o ensino fundamental; e a partir de 18 anos para o ensino médio, em consonância com a disposição da LDB, que aponta essas mesmas idades mínimas para a realização dos exames ditos supletivos. E, segundo argumentos que considera relevantes para tratar a matéria idade, o novo Parecer promove a alteração da idade mínima para início dos cursos de EJA para 18 anos, tanto no ensino fundamental como no ensino médio, e solicita ao Ministério da Educação que envie projeto de lei para o Legislativo, preconizando a mesma alteração na LDB, da idade para os exames ditos supletivos. (PARECER CNE/CEB Nº: 6/2010). Acessado em 29 de março de 2022.

Nessa época de escolarização, recorro de um conteúdo ministrado e que eu fui apresentar com o tema: ECO-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), se não me engano, foi no componente curricular “Ciências e Programas de Saúde”, que, na atualidade, não faz mais parte do currículo. O que mais me

chamou atenção foi que esse trabalho foi todo escrito à mão em uma cartolina, mas eu amei realizá-lo.

Nessa Instituição, realizei a 5ª série, como era chamado na época, respaldada pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. No ano de 1993, dei início à 6ª série, hoje, 6º ano. Não consegui obter êxito devido ao trabalho.

Em 1993, na Escola Estadual Senador Guerra – Supletivo a distância no ano (Caicó/RN), comecei uma nova experiência. Não me identifiquei pelo motivo de a Instituição se prestar apenas a esclarecer dúvidas do conteúdo uma vez por mês, tinha muita dificuldade em permanecer naquele “modelo” de aula, por isso não continuei. Ainda em 1994, tive que abandonar os estudos, nesse ínterim, participei de alguns cursos de capacitação, que irei expor logo mais.

Dando continuidade ao meu relato, em 2004, estudei o ensino fundamental anos finais na Escola Municipal Profa. Dalva de Oliveira, situada em Natal/RN, onde cursei a EJA – níveis II e III no período da noite, de modo presencial.

Quando retomei os estudos na referida Instituição, já era adulta, tinha mais ou menos entre 26 e 27 anos de idade e já sendo mãe de dois filhos: Esaú e Elizeu Teodoro da Silva, hoje já estão todos dois adultos. Confesso: deixei meus filhos crescerem para poder voltar a estudar novamente.

O que eu mais gostava na escola, na minha adolescência, em relação aos estudos, era o componente curricular Língua Portuguesa, pois adorava ler os textos que a professora compartilhava conosco. Adorava estudar em Ciências porque a professora apresentava conhecimentos sobre a Natureza; e em Geografia porque o professor trazia conhecimentos acerca do clima das regiões brasileiras.

Tem um ambiente em que eu apreciava e aprecio, que é a biblioteca das escolas. Adorava frequentar a biblioteca Pública Municipal da cidade de Caicó/RN, recordo-me quando ia lá, chegava pela manhã e só saía às 17 horas realizando os trabalhos e atividades da escola. Eu gostava muito de estudar e hoje continuo com o mesmo pensamento.

Compartilho aqui acerca das coisas que eu não gostava na minha adolescência, na escola, pois essas coisas também fizeram parte dos meus bordados, já que os pontos e os fios que se entrelaçam são também aqueles que não apreciamos. A vida é assim, uma constante dialética. Eu tinha pavor de chegar atrasada e sempre acontecia isso, porque a distância de casa para a escola era grande e eu tinha que ir a pé, e isso fazia com que me atrasasse; saía sem almoçar, pois, muitas vezes, não dava tempo; não possuía o material

necessário para estudar (o básico); tinha que contribuir com alimentação dos irmãos menores que ficavam em casa. nessa ocasião, os filhos maiores tinham que trabalhar para sustentar os menores; não gostava de apelido; não gostava de brigar com os colegas; não gostava de estudar à noite, por ter trabalhado o dia inteiro, e adormecia na sala de aula; não gostava das greves, pois duravam até três meses, hoje sei que é um direito da classe de professores; nunca podia comprar a farda da escola.

Hoje, compreendo que essas vivências foram importantes para a minha formação, pois aprendi com elas e me tornei uma pessoa mais forte, perseverante e resiliente. Tudo na nossa vida é aprendizado que contribui para o nosso crescimento pessoal e profissional.

3 MINHAS HISTÓRIAS COM O MAGISTÉRIO E O CURSO DE PEDAGOGIA

Nesta seção, bordo as minhas vivências no Ensino Médio Normal – Magistério.

O curso Normal Magistério tem por tradição, em relação à realização, um espaço de formação para professores/as para a primeira etapa de escolarização (1º ao 5º ano – anos iniciais).

No curso de Magistério, novos bordados foram desenhados, ora no momento de assistir as aulas, outrora naqueles que eu tinha que realizar as atividades. Prazer e ansiedade se misturavam para um novo bordado. Aprendi a elaborar planejamentos, a me expressar verbalmente; internalizei ideias de autores da educação, como: Paulo Freire, L. Vygotsky, Piaget, dentre outros de igual importância para a minha profissão. Cada autor que conhecia as suas concepções fazia meu bordado crescer, tomar corpo. Meus bordados para aprender e me desenvolver como futura pedagoga, pois era mais um desenho que almejava bordar.

Segundo Assis (2015), o olhar sobre o Curso Normal, embora tenha ocorrido mudanças, sua continuação em alguns Estados do Brasil se justifica pela manutenção da demanda social pelo curso, indicando que seus egressos ainda encontram inserção profissional, especialmente na Educação Infantil e até mesmo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com os escritos da autora, a formação de professores, para atender a demanda social e o interesse público em ampliar a oferta da educação básica, tem sido tema de discussões desde o Brasil Império, período em que a formação de professores

para a escola primária ocorria através do recrutamento daqueles que apresentavam as características necessárias à docência, identificadas, principalmente, através da prática do ensino mútuo, regulamentado desde 1827.

O Curso Normal também tem sua origem no Império com a criação da Escola Normal de Niterói, no Rio de Janeiro ainda em 1835, sendo que neste período era destinado aos homens, formando a primeira mulher apenas em 1866, em Niterói. No Paraná, a fundação da Escola Normal de Curitiba ocorreu em 12 de abril de 1876. (ASSIS, 2015, p. 03)

Cavalcante (1994) escreve que, embora tenha se criado dezenove escolas normais entre 1835 e 1883 (Niterói e Minas Gerais em 1835, Bahia em 1836, São Paulo em 1846, Pernambuco em 1865, Alagoas em 1869, Rio Grande do Sul e Pará em 1870, Sergipe em 1871, Amazonas em 1872, Espírito Santo em 1873, Rio Grande do Norte e Maranhão em 1874, Paraná e Mato Grosso em 1876, Santa Catarina em 1880, Goiás em 1881, Piauí em 1882 e Paraíba em 1883), diversas delas passaram por vários fechamentos e reaberturas, ou apenas implantavam o componente curricular Pedagogia junto aos liceus.

Assis (2015) expressa que a legislação da época pouco se referia à Educação e à formação de professores. A Constituição Federal de 1891 trata apenas da competência da União com relação à legislação do Ensino Superior e ao Ensino Secundário no Distrito Federal, ficando implícita a destinação aos Estados da responsabilidade com as primeiras etapas da escolarização, com absoluta maioria de professores leigos. Em razão das disparidades regionais, “excetuando-se São Paulo, que já começava seu desenvolvimento econômico com o início da industrialização, a escassez de recursos impediu que houvesse progresso no setor educacional” (Cavalcante, 1994, p. 29).

O Curso Normal de formação de professores que vinha sendo estruturado com base no entendimento possível de cada época, a partir das condições necessárias para a formação do profissional da educação que iria atuar no processo de aquisição de conhecimentos dos alunos que cada vez mais em maior quantidade e cada vez mais de diferentes classes sociais estabelecidas na sociedade sofre um processo de ruptura ao ser considerado mais uma habilitação profissional, como um ensino técnico e que enquanto formação desenvolvida no ensino de 2.º grau deveria seguir as determinações gerais deste grau de ensino. (Almeida, 2004, p. 30)

O Curso Normal, segundo Assis (2015), sobrevive e apresenta significativa demanda social na atualidade, levando-se em conta que, mesmo grandes centros ainda não conseguindo qualificar professores em quantidade suficiente, é possível perceber,

através de um olhar sobre a sua constituição histórica, que, a despeito de todas as políticas de formação docente desde antes da República, a figura do professor leigo nunca deixou de existir na educação brasileira.

Ingressei no curso Normal – Magistério no ano de 2010, na Escola Estadual Professor Luís Antônio, situada no bairro de Candelária-Natal/RN. Mas, devido a meu filho Elizeu Teodoro ter ficado doente com pneumonia (duas vezes seguidas), tive que trancar o curso para cuidar dele. No ano seguinte (2011), iniciei novamente o curso. Todo esse percurso se deu na referida escola. No ano de 2013, aconteceu o que nós estudantes não esperávamos – todos os estudantes do curso de Magistério tiveram que ser transferidos para a Escola Estadual Berilo Wanderley, no conjunto de Pirangi – Natal/RN. Em dezembro de 2014, apresentei o meu Relatório do curso de Magistério, vindo a finalizar, então, essa etapa da minha vida, mais um desenho que eu acabara de bordar.

No mês de outubro do mesmo ano (2014), fiz a inscrição para fazer a redação e concorrer a uma vaga do curso de Pedagogia Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP/RN, mas não consegui obter êxito. No ano seguinte (2015), inscrevi-me para entrar no cursinho preparatório: Programa Complementar de Estudos do Ensino Médio – PROCEM, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, para, assim, ter uma preparação melhor em redação, principalmente, em Língua Portuguesa, parte essa que eu não conseguia me sair bem. Nesse mesmo ano, o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy lançou um novo edital. Dessa vez, realizei nova inscrição, fiz a redação, mas não consegui ser aprovada novamente.

No ano de 2016, em fevereiro, matriculei-me e cursei novamente no PROCEM, e, assim, consegui, com muita prática, escrever melhor uma redação.

Cheguei para estudar no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) no dia 15 de agosto de 2017, através de uma prova de redação com o tema “Escola sem Partido”, realizada no mesmo ano. Assim, ingresso no curso de Pedagogia – Licenciatura. Resolvi acatar essa brilhante oportunidade que a vida veio me oferecer, era mais um bordado, porém, mais desafiador. Novos conhecimentos e experiências vivenciei. Foram tantos componentes curriculares, cada um representava um novo bordado que constituiria um novo desenho, um desenho mais desafiador – o curso superior.

Agora, encontro-me na organização do meu Memorial de Formação para conclusão do curso de que em breve possa se encontrar montado. Gradativamente, a estrutura Curricular tem contribuído imensamente para o meu desenvolvimento cognitivo como

pessoa, como profissional para, posteriormente, dar continuidade ao meu presente e futuro referente a área da educação. Esse bordado foi complexo, pois tive dificuldade em unir alguns pontos: a articulação entre as minhas experiências de vida, da infância até o momento atual com os referenciais teóricos. Mas consegui, e foi necessária a orientação. Minha orientadora me mostrou o caminho, bordou comigo esse novo desenho, a escrita do meu Memorial de Formação.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy é uma Instituição de Ensino Superior reconhecida como referência na área de formação de profissionais que atuam em espaços escolares e não escolares do estado do RN, buscando a inovação e melhoria dos processos educacionais desenvolvidos pelos poderes públicos, com vistas à indução de políticas públicas voltadas para a disseminação do conhecimento científico, cultural, ambiental e tecnológico.

A minha maior dificuldade se deu durante as aulas remotas (on-line), devido à Pandemia ocasionada pelo COVID-19, que teve seu início em 2020, o que obrigou o isolamento social, e, conseqüentemente, o fechamento das escolas, foi lidar com as tecnologias digitais. Compreendo que é necessário, como conhecimento inerente à nossa profissão, mas ainda se constitui como necessidade formativa da docência.

No Instituto Kennedy, a cada dia, sem dúvida, procurei aguçar meu aprendizado com a finalidade de enriquecer minha prática pedagógica, com o propósito de poder trilhar as batalhas que, constantemente, venho enfrentando ao longo deste percurso, almejando, assim, como resultado, o prazer da vitória. Sempre estou caminhando ao encontro de novos conteúdos de aprendizagem, novas metodologias viabilizadas pelos/as professores/as da instituição.

O ambiente acadêmico vem sendo de muita importância para mim como estudante e futura pedagoga, fazendo-me despertar e conhecer o novo, com efeito a uma nova visão sobre os conhecimentos científicos e sobre a realidade, e é nesse espaço e o da escola que me formo pedagoga. Durante o trajeto do curso, precisei me adaptar a todos os componentes curriculares, visto que a maioria dos conteúdos de aprendizagem era novo para mim. Sem dúvida, minha atenção se centrou, de uma forma surpreendente, no 1º período do curso no componente curricular Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação – I (FHFE I), cuja carga horária é de 60 horas, sendo ministrado pelo professor Márcio Fabrício, o qual me trouxe muitas explicações de coisas que antes não entendia.

Estudamos sobre a história da cultura e do pensamento pedagógico ocidental dos filósofos, como o que me chamou muito atenção, nesse meio termo, foi o pensamento que cada filósofo traz para, assim, transformar o seu ideal. De fato, trago aqui Sócrates de Mileto (470-399 a.C.), atuante como um dos principais filósofos da Grécia antiga, e que também desafiou os contemporâneos daquela época. Ele propiciava momentos para que as pessoas agissem como sujeitos pensantes, com seus questionamentos e respostas, afirmando, com insistência, que nada sabia. Acreditava ele: “o melhor remédio para o crime é a educação”, e “sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância”. Em outras palavras, pregava a doutrina de que o homem possui o “saber” como o bem mais valioso do seu ser.

Indubitavelmente, com a contribuição dos mestres dessa instituição, almejei a oportunidade de participar dos caminhos planejados para as aulas de campo. Alguns autores perceberam o reconhecimento da importância da aula de campo. Seniciato e Cavassan, (2004) vêm nos relatar que a aula de campo, nesse contexto, consiste numa forma de inovação para o trabalho do professor, no despertar para sensações e emoções que não se encontrariam em uma aula tradicional (Behaviorismo).

Segundo Watson (1913), o behaviorismo é o conjunto de abordagens, nascidas nos séculos XIX e XX, que propõe o comportamento publicamente observável como objeto de pesquisa da Psicologia. Alguns consideram John B. Watson (1878-1958) o fundador do Behaviorismo Metodológico, pelo fato de, no seu manifesto, de 1913, afirmar: "a psicologia, como um behaviorista a percebe, é um ramo puramente objetivo da Ciência Natural. Seu objetivo teórico é a previsão e o controle do comportamento".

Os/as professores/as sempre, em suas aulas, buscavam motivar os estudantes a se apropriarem de novos conhecimentos de forma prática e prazerosa, orientando sobre as limitações do behaviorismo.

Compartilho com você, leitor, uma aula de campo que aconteceram e que foram significativas para mim, pois me reencontrei nelas. No dia 30/11/19, houve a aula relativa ao componente curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Geografia II, ministrado pelo professor José Avelino da Hora Neto, com a carga de 50 horas, oferecido no 5º período do curso. Fomos realizar essa atividade na cidade de Ceará Mirim/RN, com o tema “lugar e identidade”. reuniram-se, nesse dia, as três turmas do curso de Pedagogia, concentramo-nos na estação de trem no bairro da Ribeira – Natal/RN. Ao adentrar a cidade, tivemos a oportunidade de conhecer de perto a sua história, a cultura, as

influências de outros povos, a religião, o grupo folclórico, os canaviais da cana de açúcar, as histórias dos senhores de engenho, a feira livre, os casarões mais antigos, dentre outros espaços.

4 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E REMUNERADOS: CAMINHO PARA MINHA VIDA PROFISSIONAL

Nesta seção, tecerei e bordarei minhas tessituras e bordados acadêmicos e profissionais, os quais contribuíram significativamente para minha formação como pedagoga nos estágios remunerados e supervisionados, este último promovido pelo Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.

Ramalho, Núñez e Gauthier (2003) relatam que a profissionalização docente (profissionalidade e profissionalismo) tem como pilares a tríade formação, aprendizagem e desenvolvimento profissional. Segundo os autores, a profissionalidade diz respeito à nossa competência técnica para ensinar, ou seja, os saberes e o conhecimento para lecionar, enquanto o profissionalismo refere-se ao status para ensinar, ou seja, é o reconhecimento profissional, no que tange às condições para atuar na profissão (ambiente de trabalho, salário digno etc.).

Para ensinar, três dimensões se constituem como necessárias: a política, a pedagógica e a científica.

Portanto, para a efetivação da profissionalização da docência, constituem-se como caminhos: o investimento na formação continuada de professores/as, a reorganização do currículo dos cursos de licenciatura, a valorização profissional, a construção da identidade da docência e a elaboração de políticas públicas para o reconhecimento profissional.

A profissionalização da docência, como processo de construção de identidades, é muito complexo e não pode acontecer por decreto ou exclusão; portanto se faz necessário incorporar os docentes na busca e na construção de uma nova representação – de um novo sentido – da docência como atividade profissional. Assim, faz-se também necessário que a profissionalização seja parte dos projetos pessoais e coletivos e de desenvolvimento profissional dos professores. (Núñez e Ramalho, 2008, p. 01)

Núñez e Ramalho (2008) revelam que o processo da construção de uma identidade profissional para a docência, como parte integrante dos processos de profissionalização,

está relacionado com a autoimagem, a autobiografia e as representações que os/as professores/as fazem de si mesmos e dos outros no seu grupo profissional.

Sendo assim, faz-se necessário formar o/a professor como esteio para profissionalizar o ensino, como argumentam Ramalho, Núñez e Gauthier (2003).

4.1 OS ESTÁGIOS REMUNERADOS: NOVOS DESAFIOS

Minhas narrativa, nesta seção, correspondem às minhas vivências no estágio remunerado. Nele, experienciei grandes desafios que foram importantes para me formar pedagoga. Durante a escrita do meu relatório, cada conhecimento que expressava no papel correspondia a um ponto, um fio do bordado. Meu relatório se constituía como mais um bordado da minha vida acadêmica.

Quando me encontrava cursando o 2º período, optei pelo programa de estágio remunerado do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), e no Instituto Euvaldo Lodi (IEL). No meu entender, o estágio remunerado não obrigatório do curso de Pedagogia é constituído como uma base para enriquecer a prática docente, de modo que teoria e prática dialoguem constantemente. Tendo em vista o regulamento que ampara o estágio remunerado (Lei nº11.788), faz-se saber que essa lei já sobrevive a 30 anos em nosso País.

Iniciei o estágio no espaço formal (escolar), na Escola Estadual Professor Laércio Fernandes Monteiro, situada no bairro Vale Dourado, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que lecionei nos 1º, 2º e 4º anos. Logo, resolvi procurar uma escola para estagiar pela prefeitura municipal de Natal/RN, em virtude da necessidade, mas encontrei pontos positivos que me fizeram ter o desejo de continuar e compartilhar um pouco de conhecimento que tinha, e, principalmente, os conhecimentos que aquela escola iria me proporcionar. Nessa escola, trabalha-se constantemente a leitura e a poesia.

A Secretaria de Estado e da Educação/RN – SEEC me proporcionou acompanhar uma criança com transtorno do espectro autista (TEA). Mas, para minha surpresa, chegou uma determinação da SEEC, informando que eu deveria me afastar do acompanhamento dessa criança e deveria acompanhar uma outra, de outra sala, com o quadro de epilepsia. Internamente, não concordei, pois não pude concluir as atividades que estava realizando com ela e, conseqüentemente, suas aprendizagens.

Após essa experiência, participei de um outro estágio em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) – Arnaldo Arsênio de Azevedo, no bairro do Leningrado

(Natal/RN), sendo atuante em um berçário classificado como “A”, por existir o berçário A e B. Porém, nessa época, eu estava vivenciando um momento muito difícil em minha vida, de ordem pessoal.

Como estudante, surpreendi-me com a facilidade de interação daqueles bebês, visto que me trouxeram muitos abraços, muitos risos, muita alegria; situações maravilhosas; respondiam às atividades que desenvolvíamos.

No ano de 2019, consegui outro estágio também em um CMEI, dessa vez no bairro Satélite (Natal/RN). A turma era composta por 18 crianças, sendo 8 meninos e 10 meninas, mais precisamente de nível IV. A minha contribuição como estagiária foi no acompanhamento de uma criança do gênero feminino, com o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA). Mas, era preciso auxiliar a professora titular com os demais em sala. Eu ainda não havia me apropriado de conhecimentos para ensinar crianças com esse tipo de transtorno, nem a professora.

Considerando as minhas interpretações, as observações que realizei nesses espaços escolares me permitiram sentir a forma inadequada pela qual alguns gestores agiam com os/as estagiários/as, como, por exemplo, retirando-os de suas funções sem respeito e ética alguns, deixando-os/as sem alternativa, obrigando-o/a realizar outras funções como, por exemplo, varrer sala de aula, passar pano no piso, levar gritos, entre outras situações incoerentes, ficando para trás todos os processos de atividades pedagógicas importantes para a nossa formação.

Ao longo da história educacional brasileira, o/a pedagogo/a apresenta-se como um profissional com características indefinidas, cuja identidade ainda não é respeitada. Observamos que esse/a profissional ainda não tem a sua identidade clara a respeito da sua atuação nos espaços que lhes são de direito para atuar.

As questões referentes ao campo de estudo da Pedagogia, da estrutura do conhecimento pedagógico, da identidade profissional do pedagogo, do sistema de formação de pedagogos e professores, frequentam o debate em todo o país há quase vinte anos nas várias organizações científicas e profissionais de educadores. (Libâneo, 2007, p. 25)

Portanto, o/a Pedagogo/a é um/a profissional especialista em educação, que trabalha no interior da escola, nos processos ligados diretamente ao ensino-aprendizagem. É um trabalho de apoio educacional que fortalece a apropriação do conhecimento e está relacionado diretamente às atividades do/a professor/a.

O pedagogo é aquele que domina sistemática e intencionalmente as formas de organização do processo de formação cultural que se dá no interior das escolas. “[...] Daí a necessidade de um espaço organizado de forma sistemática com o objetivo de possibilitar o acesso à cultura erudita” (Saviani, 1985, p. 28).

Pimenta (1985, p. 34) reforça a importância do pedagogo no trabalho coletivo da escola:

A prática na escola é uma prática coletiva. – os pedagogos são profissionais necessários na escola: seja nas tarefas de administração (entendida como organização racional do processo de ensino e garantia de perpetuação desse processo no sistema de ensino, de forma a consolidar um projeto pedagógico – político de emancipação das camadas populares), seja nas tarefas que ajudem o(s) professor(es) no ato de ensinar, pelo conhecimento não apenas dos processos específicos de aprendizagem, mas também da articulação entre os diversos conteúdos e na busca de um projeto – político coerente.

Sendo assim, o/a pedagogo/a deverá articular coletivamente as ações na escola, de forma que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem possam ter conhecimento das funções que são exercidas na escola.

Acredito que se faz necessária a elaboração de políticas públicas e sua efetivação em relação à profissão de Pedagogo, deixando claras suas atribuições, seja nos espaços escolares, seja nos espaços não escolares.

4.2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Nesta seção, relato minhas experiências mais significativas que vivenciei nos estágios supervisionados, que tiveram como instituição formadora o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Nesse bordado, o desenho se formava, ora o ponto, ora o fio se desmanchava, pois estava em conflito cognitivo, ocorria a relação entre o que sabia com a nova informação, foi difícil transformar as informações em conhecimento. Ainda tinha dificuldades em mobilizar os conhecimentos teóricos que aprendi e aprendia para a prática. Mas, aos poucos, mobilizava com a orientação dos professores.

O componente curricular Estágio Curricular Supervisionado tem como objetivo proporcionar ao estudante dos cursos licenciatura a vivência de experiências em sua área específica, por meio do desenvolvimento de atividades nas instituições de educação

formal e não formal, sob a orientação dos/as professor/as de Estágio e a supervisão dos profissionais que atuam nessas instituições.

Os estágios supervisionados se distribuem em quatro etapas e fazem parte da estrutura curricular do curso de Pedagogia – Licenciatura dessa Instituição. O estágio supervisionado I é destinado a conhecimentos e procedimentos da Educação Infantil. Sua carga horária é de 75 horas, oferecido no 5º período do curso. Cursei esse componente curricular no semestre 2019.2, em que estagiei no turno vespertino, das 13h às 17h. Na turma que estagiei, havia um total de 24 estudantes. Desde já, tive a oportunidade de participar desse componente curricular, efetivamente, supervisionado pelos docentes professor Dr. Nednaldo Dantas dos Santos e o professor Dr. Denilton Silveira de Oliveira. Os mestres, sem dúvida, contribuíram com todo o suporte necessário para que eu pudesse atuar com competência, de modo a possibilitar um estágio de qualidade.

As orientações para o Estágio Supervisionado se embasam na resolução CNE/CP no 1/2006, que tem a finalidade de assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional em ambientes escolares e não-escolares, que ampliem atitudes éticas, conhecimentos e competências.

A legalização da Educação Infantil no Brasil começa com a Constituição Federal do país, esta do ano de 1988. Todavia, com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), a Educação Infantil é reconhecida como um segmento que promove a aprendizagem, fazendo parte integrante da Educação Básica, sendo garantido o atendimento gratuito em creches e pré-escolas. Já a Emenda Constitucional de nº 59, de 11/11/2009, prevê a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos de idade. Porém, a Educação Infantil tem sua etapa consolidada com atendimento de qualidade, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI/2009).

Hoje, com o surgimento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), considerado o documento mais recente de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais para a Educação Infantil, caminha-se para uma compreensão mais clara dessa modalidade de ensino.

O estágio de estudantes passa a ser regulado pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, publicada no Diário Oficial da União, quando entra em vigor em 26.03.2008. A nova lei define o estágio como ato educativo supervisionado e determina medidas para que a atividade possa contribuir com a contextualização curricular e com a familiarização do estudante em relação ao mundo do trabalho.

Pela referida lei, o estagiário deve ser acompanhado por professor/es da instituição onde estuda e por supervisor no local de estágio. Além disso, a jornada de trabalho deve ser compatível com as atividades escolares e o estagiário passa a ter direito a férias remuneradas. Outra novidade é a extensão da possibilidade de estágio aos estudantes da educação especial, o que me deixou muito feliz, pois foram diferentes experiências que vivenciei nessa esfera da Educação Básica.

De acordo com a Ementa do Estágio Supervisionado I, do curso de Pedagogia – Licenciatura do IFESP, na Educação Infantil, incluir o estudante no curso de Pedagogia, no campo de estágio, objetiva oportunizar momentos para que ele observe, conheça e participe da dinâmica institucional do cotidiano pedagógico da escola. Estou crendo que todos esses aspectos foram vivenciados na perspectiva da ementa.

Constato, no referido estágio, que aconteceram variadas atividades em leituras orais, escritas, individual/coletiva, contação de histórias, e foram bem participativos os alunos com as estagiárias, e fui imensamente feliz. Ao passo que se dava o estágio, buscava fazer minhas reflexões sobre o ensinar as crianças da primeira etapa da educação básica, percebi, de imediato, um processo que requer cuidado e atenção no educar, que precisam de conhecimento do profissional voltado para a área do desenvolvimento infantil.

O componente curricular estágio supervisionado – II, para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, ocorreu no 6º período, no ano de 2020, com carga horária de 75 horas. Seu segmento escolar é do 1º ao 5º ano. A minha prática foi realizada na Escola Estadual Professor Joaquim Torres, localizada no bairro de Lagoa Nova, em Natal/RN. O estágio foi supervisionado pelos discentes Dr. Paulo Roberto Souza e Prof. Me. José Avelino da Hora Neto. Ocorreu de forma remota devido ao atual contexto pandêmico, ocasionado pelo COVID-19, que obrigou o distanciamento social. Essa experiência, até então, nunca havia sido vivenciada no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Por esse motivo, foi elaborado um documento orientador que normatizou o desenvolvimento de atividades remotas não presenciais pela Instituição (IFESP)-CCP/IFESP nº 01/2020. Espero que essa nova forma de proporcionar aos estudantes o ensino-aprendizagem tenha contribuído significativamente para o meu crescimento profissional, pois, além de me exigir a elaboração de novas estratégias didático-pedagógicas, permitiu-me conhecer um pouco mais sobre o uso das TIDIC em sala de aula.

O estágio foi ministrado em uma turma do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professor Joaquim Torres, no Município de Natal-RN, e ocorreu na sala de aula virtual pelo aplicativo WhatsApp.

O Estágio foi realizado no período de 22/02 a 19/03/2021. Procurei sempre me questionar e refletir sobre essa nova forma de ensino-aprendizagem, e logo constatei alguns empecilhos dos estudantes e de suas famílias para participar desse novo “modelo”. Entre as dificuldades encontradas, destacam-se: estudantes com dificuldades de ler, outros sem aparelho celular para desenvolver as atividades, alguns só conseguiam realizar as atividades quando o pai ou a mãe chegava em casa do trabalho tarde da noite e, muitas vezes, tínhamos estudantes cujos pais não eram alfabetizados.

Mesmo tendo demorado cerca de dois meses para iniciar as aulas em regime não presencial (aulas remotas), não houve formação para os/as professores/as para o uso das TIDIC nesse novo formato de aulas. Esses profissionais tiveram que buscar sozinhos novas formas para ensinar, ou seja, procuraram meios para se adaptar à nova realidade.

A pandemia, ocasionada pelo COVID-19, deixou exposta intensamente a crise sanitária. Essa crise proporcionou escancarar as mazelas mundiais em relação à economia, à saúde pública e à educação. Em relação à educação, acirrou-se mais ainda a desigualdade social, a exclusão social. Percebíamos, nas aulas remotas, que o quantitativo de estudantes presentes era inferior ao número que frequentavam as aulas presenciais. Para esses que não tinham como ter acesso a esse novo formato, a equipe gestora e professores/as organizavam atividades impressas, e as famílias ou responsáveis se deslocavam até a escola para recebê-las.

Boaventura Santos (2020) afirma que as pandemias evidenciam, de maneira cruel, como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incompetência, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável.

Em relação ao Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Educacional, esse se deu em uma escola estadual de educação de tempo integral anos iniciais, no semestre 2021.1, carga horária de 75 horas. Esse estágio, sem desmerecer os demais, foi de grande importância para a minha formação, pois vivenciei na escola experiências cuja comunidade escolar realizava, de fato, um trabalho de equipe, respeitando-se a

coletividade, pois bem sabemos que uma das funções da escola é desenvolver um trabalho coletivo.

Concordo com Pimenta (2009) quando ela diz que a prática é a educação em relacionamentos práticos, e a teoria é a ciência da educação, pois a teoria investiga a prática sobre a qual retroage, mediante conhecimentos adquiridos, e a prática é um ponto de partida do conhecimento, a base da teoria e, por efeito dessa, torna-se prática orientada consciente.

Com esse pensamento, percebe-se que o estágio supervisionado está atrelado à teoria e à prática (a Práxis) sobre a educação e a ciência. A organização metodológica aconteceu a partir dos seguintes eixos: I - função social, administrativa e pedagógica da escola; II - formação pedagógica e eixo; III - administrativo, financeiro e pedagógico, orientado pelas professoras da instituição na qual estagiei.

Supervisionada e orientada pelas professoras formadoras Liz Araújo (Ma.) e Evanir de Oliveira Pinheiro (Dra.), tive a oportunidade de me apropriar de novos conhecimentos relativos ao Estágio Supervisionado. O nosso estágio ocorreu de modo presencial e em dupla, pois as orientações, advindas da SEEC/RN, eram direcionadas para o retorno das aulas nesse formato, já que cerca de 70% da população Norte-Riograndense já se encontrava vacinada contra o COVID-19.

O retorno às aulas presenciais nas escolas públicas do Rio Grande do Norte, de acordo com a publicação no portal da Tribuna do Norte (acessada em 28.03.2022), acontecerá com o cumprimento de três critérios de biossegurança definidos no 'Plano de Retomada Gradual das Atividades Presenciais da Rede Estadual de Ensino'. O documento foi assinado pela Secretaria de Estado da Saúde Pública (Sesap/RN) e foi enviado à Justiça para avaliação.

Segundo essa fonte de informação, as aulas presenciais na rede pública de Educação, que engloba escolas estaduais e municipais, estão suspensas desde a segunda quinzena de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu o avanço da COVID-19 como uma pandemia mundial e impôs o isolamento social como forma de conter a propagação mais rápida da doença, provocada pelo novo coronavírus.

No primeiro critério, é estabelecido como indispensável que sejam adotadas as medidas dos protocolos de biossegurança pelas unidades escolares, nos termos constantes nas portarias e orientações editadas pela SEEC, em especial a Portaria-Conjunta nº 004/2021 - GAC/SESAP/SEEC, publicada na Edição nº 14.913, de 23 de abril

de 2021, do Diário Oficial do Estado. A referida portaria consolida e estabelece os protocolos gerais de biossegurança para a retomada gradual das atividades escolares no sistema estadual de ensino, traçando normas para os espaços administrativos, assim como para todo o ambiente escolar, detalha o documento.

Com essa portaria, tivemos a oportunidade de estagiar de forma presencial, a qual foi bem melhor do que às experiências vivenciadas nos estágios anteriores, que ocorreram no modelo remoto, pois minhas dificuldades no uso das TIDIC se constituíram como um grande desafio.

De acordo com os eixos citados anteriormente, foram utilizados como procedimentos metodológicos a observação, um roteiro para obter informações dos questionamentos sobre a administração pedagógica, administração financeira, formação pedagógica, com foco na gestão democrática escolar. Primordialmente, a programação das nossas atividades se deu a partir do 1º dia de aula.

Durante o percurso de realização do Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Educacional, tive a oportunidade de conhecer esse universo e refletir um pouco sobre a prática pedagógica com atenção, principalmente, na organização das atividades da gestão, em como se davam as orientações de planejamento e as ações dos/as professores/as em sala de aula, conforme a ótica da equipe gestora.

Foi observado o interesse mútuo da equipe em relação ao funcionamento da escola, à preocupação da gestão/coordenação pedagógica em conseguir melhor resultado no processo de aquisição da leitura e escrita dos/as estudantes. Percebi que o conhecimento profissional ali se volta constantemente em conformidade com a formação humana integral dos/as estudantes, conforme orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais (Brasil, 2013).

Levarei para minha caminhada profissional, para meu olhar e pensamento crítico/reflexivo, a participação de todos da referida escola, bem como o processo de trabalho coletivo/participativo que é tão evidente na instituição. Acredito que as tomadas de decisões que ocorrem coletivamente na escola devem ser compartilhadas com o comprometimento e envolvimento de todos, pois uma gestão envolvida nas situações da escola é capaz de enfrentar situações adversas que surgem nas dependências dela, de forma participativa e democrática.

A palavra Gestão, segundo o dicionário Aurélio (1977, p. 273) significa o “ato de gerir, gerenciar”. Para Libâneo gestão é entendida como “os

processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar caracterizam a ação que denominamos gestão.” (Libâneo, 2004, p. 101)

Portanto, como expressa Libâneo (2004), a gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se alcançar os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos. Esse sentido é sinônimo de administração. Isso significa que a gestão deve sempre incentivar ações desenvolvidas no ambiente escolar, com o objetivo de desenvolver projetos e resoluções, de maneira que, junto com a comunidade escolar, possam atingir resultados positivos com o seu trabalho.

Em relação ao Estágio Supervisionado IV, que ocorre no espaço não escolar, a ementa que orienta o curso é a abordagem de questões teóricas, metodológicas e vivenciais relacionadas à formação docente, com carga horária de 75h. Os professores formadores que supervisionaram esse estágio foram a profa. Esp. Regina Lúcia Alves Costa e o prof. Esp. Gilmar Félix. Esse estágio aconteceu no período de 21/02 a 22/03/2022.

A priori, o componente curricular Estágio Supervisionado IV foi apresentado à turma pelos referidos professores com a apresentação do cronograma das aulas, juntamente com a ementa apresentada pela professora Regina Lúcia Alves Costa. Assim, o campo de estágio aconteceu em uma Associação de Mulheres em Conquista, de forma presencial. Nesse componente curricular, estudamos: a prática pedagógica, a formação docente, o trabalho do pedagogo, o reconhecimento em diferentes campos de investigação que tributam para a reflexão da atuação e identidade do pedagogo em espaços não escolares como ONG, Empresas e Sistema Prisional, Abrigos de Idosos, Hospitais etc. Foram apresentados os documentos que fazem parte desse componente curricular. Em seguida, os professores apresentaram o modelo de um projeto de intervenção unido às necessidades no campo de estágio, que deveríamos entregar para obtenção da nota final.

Discutimos e refletimos, nesse primeiro momento, acerca da importância do trabalho do pedagogo em ambientes não escolares. O modelo do projeto apresentava, como elementos estruturantes principais: identificação de um problema de pesquisa no contexto profissional (no espaço não escolar); enunciação da causa do referido problema; e a proposição de estratégias de resolução, como forma interventiva.

As interações entre os professores orientadores se deram por meio de debates, mediante a Plataforma Google Meet (sala virtual) e o aplicativo WhatsApp. As interações

também ocorreram presencialmente, com atividades como leituras de textos (artigos científicos); estudos orientados.

A professora Regina Lúcia Alves Costa orientou a turma a elaborar o "Design Thinking" no dia 07 ao dia 09 de março de 2022, tendo como objetivo principal a apropriação dessa ferramenta para resolver problemas do cotidiano, ou seja, analisar problemas do cotidiano, de modo a propor resolução, mediante elaboração e testagem de hipóteses, a partir das informações no espaço não escolar para, assim, enriquecer a minha formação como pedagoga.

No espaço do estágio, tive a oportunidade de apresentar para a "Associação de Mulheres em Conquista", a importância de um pedagogo(a) nos locais não escolares, utilizando a referida ferramenta.

Segundo Woebcken (acessado em 29.03.2022), o Design Thinking é uma abordagem de pensamento criativo. Com essa ferramenta, é possível gerar e organizar ideias, assim como resoluções para os problemas enfrentados pela instituição.

A capacidade de inovar e encontrar resoluções criativas para problemas comuns, de acordo com Woebcken (acessado em 29.03.2022) é um dos aspectos mais determinantes na trajetória de uma empresa. Sendo assim, não é surpresa notar que a maioria dos cargos que envolvem tomadas de decisão são preenchidos por pessoas criativas e com raciocínio crítico.

Dessa maneira, para que o estágio tivesse andamento, foram tomadas algumas decisões, como, por exemplo, foi utilizado, como procedimento metodológico, a "observação" pautada no diálogo entre a "Associação de Mulheres em Conquista" e a observadora (discente). Com o uso da ferramenta Design Thinking, apresentei, para os profissionais daquela instituição, o tema "A conscientização da Família". Como categorias estruturantes para a dita produção, identifiquei um dado problema na "Associação de Mulheres em Conquista", em seguida, a "Causa", do problema observado, e, por último, a "resolução" (intervenção) como ideia para solucionar o problema.

Como fundamentação teórica, utilizamos aporte da Psicologia Sócio-Histórico-Cultural, elaborada por Vygotsky (1896-1934), uma vez que esse defende a linguagem como interação e a aprendizagem colaborativa. Utilizamos, também, princípios da Sociologia, em relação ao significado da família para a sociedade.

Como resultado, o Estágio Supervisionado IV me fez enxergar de perto a expansividade do Curso Pedagogia – Licenciatura, que, por meio da teoria-prática, o

pedagogo pode atuar em diferentes espaços não escolares para, assim, compreender os aspectos que caracterizam os processos educativos em diferentes organizações.

A formação inicial do pedagogo, conforme explicita Rabelo (2017), acessado em 06/04/2022), deve alcançar a complexidade educacional atual, uma vez que essa não se restringe apenas ao espaço escolar formal. Os espaços não escolares, já explicitados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, devem compor o processo formativo do/as pedagogo/as.

A possibilidade da atuação do/a pedagogo/a em novos espaços, além da escola, já está determinada nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia, em seu artigo 4º, II e Art. 5º, IV (BRASIL, 2006).

Rabelo (2017) expressa que há, para o/a profissional da Pedagogia, o desafio de uma reconfiguração na atuação pedagógica, ou seja, a vivência em espaço não escolar. A autora registra que as Diretrizes referenciadas marcam os desafios da contemporaneidade para a atuação do/a pedagogo/a, alcançando, além dos espaços escolares, as crianças e os adolescentes que estão fora do ambiente da escola.

Essas situações, segundo ela, mostram debates para a formação desse profissional, que deve preocupar-se com os princípios da construção da identidade, da profissionalização e da igualdade de direito que garante o acesso à educação e à permanência desses sujeitos em se formarem e se desenvolverem como sujeitos intelectuais e sociais.

Nesse sentido, como explica a autora, a docência vivenciada por estudantes em processo de formação inicial se dá, geralmente, nas escolas do sistema formal de ensino, contudo, outras possibilidades têm sido evidenciadas pelos espaços não escolares, e esse estudo aponta para o ambiente hospitalar.

O desafio de formar-se professor/a perpassa todo percurso formativo, porém o/a pedagogo/a é ciente de que a docência é mote de seu curso. Para tanto, é preciso construir a base de conhecimento para tal exercício, e essa base consiste em um corpo de compreensões, conhecimentos, habilidades, disposições necessárias ao ato de ensinar e aprender ou um conjunto de saberes da docência (Pimenta, 2009; Tardif, 2010).

Nesse percurso de formar-se um/a docente, há uma dualidade entre o que é ser professor/a e como desenvolver sua docência em um espaço diferenciado da escola formal, não mais compartilhado com crianças e adolescentes sabedores de seus objetivos

no referido espaço, qual seja, o de aprender, pois, quando se trata de hospital, os pacientes preocupam-se com seu tratamento e sua cura (Rabelo, 2017).

5 O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Mais um bordado que me permitiu aprender a práxis: o Programa Residência Pedagógica. Esse bordado se uniu com aqueles que desenhei nos estágios remunerados e supervisionados.

Segundo o Projeto Institucional elaborado no IFESP/RN (RIO GRANDE DO NORTE, 2020) e enviado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma iniciativa da CAPES e do Ministério da Educação (MEC) para estimular a iniciação à docência de estudantes de licenciaturas em instituições de ensino superior (IES), com o propósito de preparar a formação de docentes em nível superior, de licenciatura de graduação plena, para atuar na educação básica das redes municipal e estadual.

Esse programa possibilita a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017).

O PRP tem o objetivo de auxiliar estudantes de licenciatura a exercerem atividades didático-pedagógicas nas escolas públicas de Educação Básica, com a finalidade de integrar não apenas a teoria à prática, mas também aproximar as instituições de ensino superior e escolas da rede pública de ensino municipal e estadual, de modo a alcançar melhoria na qualidade da educação ofertada.

Minha atuação como estudante residente foi na Escola Estadual Professor Joaquim Torres, situada em Natal/RN. Esta escola é uma instituição pública de Educação Integral, que atende, em Tempo Integral, estudantes do Ensino Fundamental, anos iniciais.

Segundo o Censo de 2016, a Escola Estadual Joaquim Torres, em relação à sua infraestrutura, apresenta os seguintes itens: água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; fossa; lixo destinado à coleta periódica; acesso à Internet banda larga.

No que diz respeito aos equipamentos, possui: computadores administrativos; TV; videocassete; DVD; antena parabólica; copiadora; retroprojeto; impressora; aparelho de som; projetor multimídia (datashow); câmera fotográfica e filmadora.

No tocante às suas dependências, possui: 6 salas de aulas; 22 funcionários; sala de diretoria; sala de professores; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); quadra de esportes descoberta; cozinha; sala de leitura; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria; banheiro com chuveiro; despensa; almoxarifado; pátio coberto e área verde.

No que concerne ao índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do ano de 2015, sua nota foi 6,0; em 2019, subiu para 7,1, embora a projeção desse índice, segundo o IDEB, fosse de 5,2 para 2017; 5,5 para 2019; e 5,8 para 2021, tendo o Rio Grande do Norte, atualmente, um IDEB de 3,2 para esse nível de ensino.

Toda essa infraestrutura me surpreendeu, pois pensei que não houvesse no nosso Estado uma escola tão organizada e com esse IDEB, pois a mídia só publica que as escolas públicas não são adequadas. Apresento esse detalhamento da referida instituição para que as pessoas que venham a apreciar o meu Memorial de Formação possam saber que existem escolas públicas de qualidade.

Embora o resultado do IDEB dessa escola esteja acima do esperado, o corpo docente e a equipe gestora esperam que o Programa Residência Pedagógica, mediante o subprojeto de Língua Portuguesa, destinado a alfabetização, possa contribuir com a formação continuada dos profissionais da instituição, de modo que tenham competência para formar os estudantes integralmente.

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) representa para mim, como estudante do curso de Pedagogia – Licenciatura, um leque de inovações em experiências.

O projeto foi desenvolvido com crianças do 1º e 2º anos dos anos iniciais, com durabilidade de 18 meses. Ele foi organizado em três módulos:

- 1º Módulo - Alfabetização Científica nos anos iniciais do ensino fundamental;
- 2º Módulo - Alfabetização e matematização;
- 3º Módulo - A ética no processo de ensino/pesquisa.

O projeto foi desenvolvido tendo como orientadoras/coordenadoras do PRP as professoras: Dra. Maria Aparecida da Silva Andrade e Ma. Denise Caballero da Silva. Durante o percurso do PRP, aconteceram vários cursos de formação, como: Alfabetização Científica; estudos sobre a BNCC e sua instrumentalização, ministrados pela professora Dra. Rozicleide Bezerra de Carvalho; curso sobre Planejamento Educacional, ministrado

pela professora Ma. Denise Caballero da Silva e Dra. Maria Aparecida da Silva Andrade; curso sobre fonética e fonologia, ministrado pela professora Dra. Maria Aparecida da Silva Andrade; oficinas de leitura dramática, ministrado pela professora Dra. Evanir de Oliveira Pinheiro.

Ademais, cheguei ao PRP quando cursava o 6º período do curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP. A minha participação no programa aconteceu pelo motivo de ainda apresentar imensa dificuldade em elaborar um plano de aula; assim, tive a oportunidade de poder participar das atividades práticas e atividades de formação teórica dos novos conhecimentos, que foram oferecidos a mim e a todos os estudantes residentes participantes, bem como aprendi a lidar com o momento que estávamos e estamos vivenciando em relação às aulas remotas, pois tinha que incluir, como conhecimento profissional, o uso das TIDIC, um dos meus maiores desafios. Ainda tenho muitas dificuldades nesse campo de conhecimento.

Durante o projeto, as atividades realizadas por mim ocorreram na Escola Estadual de Educação em Tempo Integral Professor Joaquim Torres – 2º ano do ensino fundamental - Anos Iniciais. Ao longo do projeto (PRP), lecionei os conteúdos de aprendizagem de Língua Portuguesa (Alfabetização) e Matemática (Letramento Matemático).

Dessa forma, o projeto foi realizado diariamente com estudos sobre o contexto educacional; processo no ensino-aprendizagem, leitura, discussões sobre legislações, diretrizes; como também o Projeto Político Pedagógico da escola, no qual realizei o estágio.

Venho relatar, diante disso, as principais produções desenvolvidas por mim durante o tempo em que o projeto foi desenvolvido: o relatório e os relatos de experiências, ou seja, atividades essas produzidas em sala de aula com as três turmas, que receberam os nomes de “Amor, Carinho e União”.

Enfim, o meu olhar sobre o PRP é que se trata de uma oportunidade única para estarmos por mais tempo em contato com a docência e a vivenciando, diferentemente dos estágios supervisionados. O programa possibilitou estimular minha criatividade, apropriar-me de novos conhecimentos, criou oportunidade para poder inovar minha prática como docente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso da minha vida escolar, bordei situações emblemáticas, vivenciei coisas novas e, assim, a cada desafio, novas aprendizagens. Esses novos conhecimentos são e serão de grande importância para a minha vida profissional e pessoal. Esse caminhar trilhado mostra que é possível me formar sujeito ativo, crítico, reflexivo, autônomo e criativo. Um caminhar que continua a ser bordado, pois sei que novas experiências pessoais e profissionais vivenciarei.

Escrever sobre os bordados da minha história de vida significa dar um passo à frente, pois, ao rememorar situações vividas no passado e no presente, percebi que, intelectualmente, sou outra pessoa, visto que, atualmente, posso afirmar que me apropriei de novos conhecimentos e experiências importantes para minha vida profissional.

Às vezes, ao longo do curso, eu pensava que não iria superar os obstáculos que apareceram pelo caminho. Ao relatar minhas vivências, vejo o meu crescimento como pessoa e como profissional, mas também sei o quanto ainda preciso aprender para ensinar, o quanto ainda precisarei bordar.

Para dar continuidade aos meus escritos, fui buscar, em minha memória, fatos que não recordava mais, pois, com o tempo, envolvida em outros acontecimentos, pensava que não me lembrava mais, uma vez que, com o passar do tempo, fui esquecendo. Mas, ao me sentar para escrever, consegui resgatar algumas lembranças, tendo a oportunidade de reviver muitos momentos jamais esquecidos, como o do ensino das primeiras séries (anos iniciais). Fatos esses vividos por mim que, até hoje, fazem parte da minha vida. Não apenas resgatei o passado, mas também o ressignifiquei, vejo que houve transformação em mim, vejo a realidade com outro olhar.

Sou muito agradecida a Deus por ter me dado a oportunidade de fazer parte do curso de Pedagogia como estudante do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP. Os conteúdos de aprendizagem, ministrados pelos/as professores/as, sempre abarcaram discussões que nos levavam a reflexões. Ali, estávamos nos transformando como pessoa e como profissionais. Os/as professores/as são docentes comprometidos, pesquisadores, com o cuidado de antes de iniciar a aula, em nos ouvir, saber quem somos nós, levantar nossos conhecimentos prévios, para, a partir disso, modelar o planejamento.

Enfrentei muitas dificuldades que, hoje, compreendo como desafios, como perda de sono, ansiedade. Havia dias em que meu corpo não aguentava mais, pelo fato de passar muitas noites sem dormir realizando atividades, elaborando relatórios, dentre outros fazeres. Quantas horas esperando um coletivo para ir ao curso, como também para ir para casa.

Em 2020, o mundo é acometido pelo COVID-19, e o medo tomou conta de mim. Estava no 6º período do curso e minha vontade era desistir, nunca tinha vivenciado tal experiência. Só via falar sobre pandemias nos livros, quando estudei na Educação Básica. Mas, não desisti!

Estou muito feliz, grata a Deus e a todos os docentes do IFESP, por ter contribuído com minha formação acadêmica. As aprendizagens obtidas nas esferas teórica e prática, vivenciadas no curso de Pedagogia, irão trazer realizações no campo profissional, contribuindo, assim, com meu conhecimento como forma de avanço, de crescimento. Levarei aos meus futuros estudantes os saberes (aqueles que me possibilitarão mobilizar conhecimentos para resolver situações no contexto real) do percurso vivido na minha vida estudantil.

Após concluir a escrita do meu Memorial de Formação, com o objetivo de revisar, observar se havia faltado alguma informação, se estava claro, de modo que quem o fosse ler, compreendesse, novos sentimentos afloraram, emocionei-me. Foi uma mistura de sentimentos, mas o principal foi consegui escrever, pois pensei que não conseguiria. Minha vida segue buscando e encontrando novos pontos para entrelaçar fios que continuarão a ser tecidos.

Um ponto do bordado se encontrará com outro ponto, para, então, formar um novo desenho. Esse desenho é a minha história de vida, que continua a ser bordada por cada experiência que vivencio e vivenciarei enquanto estiver na Terra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Disponível em: <https://caroleamanda-pedagogia.blogspot.com/2009/12/ludicidade-como-instrumento-pedagogico.html>. 12, 2009. (Acessado em 26.03.2022).

ALMEIDA, Claudia M. **A Política de Cessação do Curso de Magistério no Estado do Paraná: das razões alegas às que podem ser aventadas**. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

ASSIS, L. L. de. **O curso de formação de docentes, modalidade normal, em nível médio: questões atuais em perspectiva histórica**. PUC/PR, 2015.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sônia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Constituição Federal de 1988**. Art. 7º, inciso XXV, do Direitos Sociais.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Emenda Constitucional no 59**, de 11/11/2009. Art. 208, inciso I e VII.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) no 9394/96**. Art. 4º.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Resolução CNE/CP no 1 de 15 de maio de 2006**.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/PDF>.

CARRILHO, M. F. P. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora: vivências e escrita de si**. Tese de doutorado apresentada ao PPGED/UFRN, 2007.

CAVALCANTE, M. J. **CEFAM: uma alternativa pedagógica para a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: Editora Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NÚÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. A profissionalização da docência: um olhar a partir da representação de professoras do ensino fundamental. **Revista Iberoamericana de Educación** ISSN: 1681-5653 n.º 46/9 – 10 de septiembre de 2008 EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI).

PASSEGGI, M. da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a.

PASSEGGI, M. da C. Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: **Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes**.

PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 5. ed. Lisboa: F. C Gulbenkian, 1987.

PIMENTA, Selma Garrido. Orientador Educacional ou Pedagogo. In: **Revista da ANDE**, São Paulo, n. 9, p. 29-37, 1985.

PIMENTA, S.G. **Formação de professores**: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2009.

RABELO, F. S. **Os espaços não escolares e os desafios da docência em ambiente hospitalar para o/a pedagogo/a em formação**. 38ª Reunião Nacional, AMPed. UFMA. São Luís do Maranhão. 2017

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ROSE, N. Como se deve fazer a história do Eu? **Educação e Realidade**, v. 26, n. 1, pp.33-57. 2001.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado, da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer. Portaria-Conjunta nº 004/2021 - GAC/SESAP/SEEC, publicada na Edição nº 14.913, de 23 de abril de 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. ISBN 978-972-40-8496-1 CDU 347, 2020.

SAVIANI, Demerval. Sentido da Pedagogia e Papel do Pedagogo. In: **Revista da ANDE**, São Paulo, n. 9, p. 27-28, 1985.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamiento y lenguaje**. La Habana: Pueblo y Educación, 2005.

WATSON, John B. «Psychology as the behaviorist views it.». **Psychological Review**. 20 (2): 158-177. doi:10.1037/h0074428, 1913.

Direitos e deveres das crianças. Disponível em: <https://negocios.umcomo.com.br/artigo/direitos-e-deveres-das-criancas-29948.html>. (Acessado em 26 de março de 2022).

Estratégias para crianças superarem o medo. Disponível em: <https://www.oficinadepsicologia.com/estrategias-para-as-criancas-superarem-o-medo/>. (Acessado em 26 de março de 2022).

Retorno as aulas presenciais no Rio Grande do Norte. Disponível em:

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/seec-define-crita-rios-para-retorno-a-s-aulas-presenciais-no-rio-grande-do-norte/510284>. (Acessado em 27.03.2022).

Design Thinking. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/design-thinking/>. (Acessado em 28.03.2022).

Os espaços não escolares e os desafios da docência em ambiente hospitalar para o/a pedagogo/a em formação. Disponível em:

http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT08_134.pdf. (Acessado em 06/04/2022).

BRASIL. Lei Nº 5.692, DE 11 de agosto de 1971. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=713997&filename=LegislacaoCitada+-PL+6416/2009 (Acessado em 05.04.2022).

BRASIL. Constituição Federal de 1891. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm. (Acessado em 05.04.2022).

Capítulo III: O Eu, O Outro e o Nós: Relações Dialógicas para a Realização de um Sonho

Maria Elizabete da Silva

1 INTRODUÇÃO

O propósito destas narrativas, elaboradas na forma de Memorial de Formação, consiste em apresentar minhas memórias, aquelas que desejo compartilhar com o leitor. Conforme mencionado por Passeggi (2010), no memorial somos autores da nossa história de vida. Dessa maneira, apresentamos fragmentos de nossa jornada que autorizamos os outros a ler.

O Memorial de Formação é um gênero textual e acadêmico rico e dinâmico, inserido na categoria de relato, narração e argumentação. Ou seja, é um gênero que relata, narra e argumenta sobre eventos da memória, documentando experiências humanas vivenciadas. “O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que propicia às pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória” (Arcoverde; Arcoverde, 2007, p. 2).

Por meio desse gênero, apresento aquelas memórias que são significativas para mim, como pessoa e profissional. Compartilho tais lembranças em narrativas que são caras para mim. Estabeleço uma relação dialógica entre as minhas vivências e os autores com os quais tenho afinidade e conheci durante o curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.

Durante os meus relatos, posso demonstrar, descrever, argumentar e analisar experiências vividas que escolhi para socializar com os leitores. Enquanto escrevia, pude refletir criticamente acerca da minha história de vida, da infância à atualidade, e, assim, ter um novo olhar para a realidade que outrora não tinha.

Para realizar a análise crítica das vivências que lembrei, senti e escolhi compartilhar, baseei-me em alguns autores que considero de grande relevância. Isso não diminui a importância de outros que conheci, mas esses autores estarão presentes na minha formação como indivíduo e profissional.

Dentre os autores, destaco Paulo Freire (1921-1997), Vygotsky (1896-1934) e Freinet (1896-1966). Esses pensadores dialogarão com as narrativas que apresento.

A partir desta introdução, o texto está estruturado por várias seções teóricas: “Convívio familiar, infância e educação infantil”, “Novas aprendizagens: meu primeiro grau”, “O nascimento do meu filho: novos desafios para enfrentar”, “Trilhando mais um passo: meu supletivo de 2º grau”, “Ascendendo mais um degrau: a escola normal”, “Curso de Pedagogia: um sonho realizado”, “Minha experiência como professora da educação infantil”, “A formatura: gratidão e novas perspectivas”, além das Considerações Finais.

2 CONVÍVIO FAMILIAR, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, relato, de forma sucinta, o convívio com meus familiares e o quanto fui feliz, apesar das diversas dificuldades financeiras que enfrentamos na época em que eu era criança. Acredito que essas dificuldades me fizeram ser quem sou hoje, uma pessoa determinada em seus objetivos e que não desiste de seus sonhos facilmente. Apesar das poucas lembranças que tenho dos tempos de criança, acredito que vou conseguir expressar meus sentimentos através de minha escrita e ter êxito na construção deste Memorial.

Quando começo a escrever meu Memorial de Formação, vislumbro um sonho possível e sinto muita alegria e emoção ao percorrer as páginas do passado e reavivar lembranças da minha infância e do convívio familiar que o tempo quase apagou. Começo esta narrativa memorialista pelo dia em que vim ao mundo: nasci em 22 de agosto de 1981, em Natal-RN, e fui registrada com o nome Maria Elizabete da Silva. Sou a segunda menina de dez filhos que minha mãe gerou, sendo oito meninos e uma irmã mais velha. Eu era a única menina que morava com meus pais. Por esse motivo, tive algumas regalias dentro de casa, por parte deles, e proteção de meus irmãos na rua e na escola.

Sempre gostei dos cuidados que minha família dedicava a mim. Lembro-me que quase todos os dias era necessária a intervenção dos meus irmãos para me tirar de alguma situação difícil. Eu era uma criança alegre, porém gostava muito de brigar com meus colegas, aprontava muita confusão, pois sabia que meus irmãos estariam prontos para tirar-me do perigo.

Minha infância foi cercada por brincadeiras, descobertas e alegria, numa época em que as crianças podiam brincar na rua até tarde da noite, sem se preocupar com o perigo, pois não existia a violência que vemos atualmente. Mesmo assim, as mães ficavam conversando nas calçadas das casas observando suas crianças brincarem. Sinto saudades

desse tempo em que a minha grande preocupação era brincar. Eu brincava bastante com meus irmãos e vizinhos.

Não tínhamos muitos brinquedos, mas, em compensação, não nos faltava criatividade e imaginação para o nosso brincar, que era muito divertido. Lembro nitidamente das nossas brincadeiras de roda, casinha, índio, pula-corda e queimada. Eu amava todas elas, porém tinha uma que era minha preferida: a brincadeira de escolinha, em que eu sempre era a professora.

Para Vygotsky (1984), o que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Através das brincadeiras de faz de conta, eu podia ser quem eu quisesse ser – princesa, mãe, meu animal preferido. Nessas brincadeiras, desejos que pareciam irrealizáveis eram realizados. Assim, as brincadeiras me permitiram desenvolver e construir diversas formas de linguagem para poder expressar meus sentimentos, ideias e resolver conflitos. Da mesma maneira, considero de fundamental importância a minha interação com meus irmãos e vizinhos. O contato com eles me permitiu construir minha identidade e conquistar minha autonomia. Segundo Ferreira, citado por Ortiz e Carvalho (2012),

[...] desde o início da vida, as relações são construídas a partir das interações, isto é, de ações partilhadas e interdependentes. Essas ações se estabelecem por meio de processos dialógicos, nos quais cada pessoa tem seu fluxo de comportamento continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio, através da coordenação de papéis ou posição, dentro de contextos específicos. (Rossetti-Ferreira, 2004, p. 51)

Ao brincar, meus irmãos e eu esquecíamos das diversas dificuldades que nossa família passava, principalmente financeira, pois constituíamos uma família muito grande. Assim, ficava muito difícil sustentar tantos filhos somente com meu pai trabalhando. Minha mãe não podia trabalhar, por ter muitos filhos pequenos e por não existirem muitas oportunidades de empregos para as mulheres naquela época. Sobre família, Ortiz e Carvalho (2012) afirmam: “não é o formato ou o tamanho da família, e sim a qualidade das relações que estabelecem dentro dela que determinam boas ou más condições de desenvolvimento para a criança” (Ortiz; Carvalho, 2012, p. 19).

Mesmo com uma família grande, não nos faltava amor e carinho por parte dos nossos pais. Acredito que existia uma relação muito saudável entre nós. O dinheiro que meu pai colocava dentro de casa era a única renda que tínhamos. Somente com muita sabedoria, economia e amor – acima de tudo – para conseguir a proeza de sustentar tantos

filhos. E quando falo na temática amor, não posso deixar de citar o nome de minha querida mãe, dona Dalva, uma mulher pela qual tenho grande estima e carinho. Sou muito agradecida por tudo que ela representou para mim enquanto criança e representa até hoje em minha fase adulta.

Minha mãe mal frequentou a sala de aula, mas tinha uma sabedoria e uma forma de se expressar que nem todos formados da época tinham. Dona de uma linguagem natural que admirava muita gente, gostava de dar conselhos para os filhos. Nunca vi minha mãe reclamando das dificuldades financeiras. Pelo contrário. Quando as coisas estavam mais difíceis, ela chegava diante de nós com um sorriso no rosto e dizia que tudo ficaria bem. Eu gostava muito de observar minha mãe e como ela cuidava de sua família com muito carinho. Dentro de mim, eu pensava: quando eu crescer, quero ser como minha mãe, uma pessoa muito boa, dona de um coração enorme, que gosta de ajudar as pessoas.

Mesmo com os poucos recursos que tínhamos, ela nutria um grande amor pela vida e principalmente pelos seus filhos. A pouca escolaridade não a impedia de quase todas as noites contar histórias para os filhos antes de dormirem. Lembro-me que esse momento era bastante aguardado por todos nós. Era muito bom ver a dedicação e sentir todo o amor que ela sempre tivera para conosco. Aprendi muito com minha mãe e esse aprendizado nem o tempo consegue apagar.

Quando o meu pai ficou desempregado, começamos uma nova fase, com minha mãe precisando sair de casa para trabalhar e poder garantir o sustento da família. Ela se viu, então, diante de um grande dilema: quem ficaria com seus filhos? Os mais velhos já estavam na escola, mas ainda havia três crianças pequenas que precisavam de cuidados. Nessa época já existia uma creche no nosso bairro, porém era muito difícil conseguir vagas. Minha mãe, então, precisou insistir muito até finalmente conseguir as vagas para seus três filhos estudarem. Foi assim que comecei a dar meus primeiros passos no universo escolar e na alfabetização.

Iniciei minha vida escolar aos três anos de idade na creche Vida Nova, no bairro Bom Pastor, zona Oeste de Natal. A princípio, as creches surgiram como um lugar onde mães colocavam seus filhos para passar o dia enquanto trabalhavam fora de suas casas. Esse foi exatamente o caso da minha mãe, que precisava de alguém que cuidasse de seus três filhos mais novos, enquanto ela trabalhava e garantia o sustento deles.

Naquela época, as creches adotavam um modelo assistencialista de atendimento, focando principalmente nos cuidados básicos de saúde e higiene das crianças. Não havia

uma ênfase na oferta de atividades com o propósito de estimular o desenvolvimento e a aprendizagem, como é observado nos dias de hoje em berçários e instituições de educação infantil. Atualmente, existe uma preocupação em proporcionar um desenvolvimento integral às crianças desde os primeiros anos, uma vez que se acredita que esse ambiente seja propício para esse progresso.

As creches não possuíam esse objetivo, uma vez que se acreditava que crianças de tenra idade não estavam aptas a aprender. Além disso, os profissionais que atuavam nessas instituições careciam das devidas qualificações para cuidar dessas crianças, o que resultava em estabelecimentos com pouca confiabilidade e qualidade limitada.

Estudos revelam que, em 1980, um ano anterior ao meu nascimento, pressões populares e movimentos sociais conduziram a alterações nas políticas voltadas para a infância. Destaca-se a Constituição de 1988, que define a creche/pré-escola como um direito da família e um dever de o Estado prover esse serviço. Dois anos após, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente reforçou os direitos constitucionais relacionados à educação infantil. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) também buscou aprimorar o atendimento às crianças.

Na minha época, a concepção de infância diferenciaria significativamente da perspectiva atual. Acreditava-se que a criança era como uma folha em branco. Entretanto, com os estudos de Piaget, Wallon, Vygotsky e outros, essa crença tem passado por uma transformação radical. Esses teóricos apresentaram teorias que demonstram que o ser humano está em processo de aprendizado desde o nascimento. De acordo com Oliveira (1993), o desenvolvimento consiste em um processo que ocorre desde o nascimento até a morte, em espaços culturalmente organizados e socialmente regulados, mediante interações estabelecidas com parceiros, nas quais cada pessoa (adulto ou criança) desempenha um papel ativo.

Apesar dessas conquistas e do grande avanço nos estudos e pesquisas realizados com objetivo de discutir a função de creches/pré-escolas, observei, de acordo com as minhas vivências, que pouca coisa havia mudado desde quando comecei minhas experiências na educação infantil, precisamente na creche escolar¹. O ensino continuava a seguir um modelo assistencialista e sem preocupação com a aprendizagem das crianças.

¹ O artigo sétimo da Constituição Federal de 1988 prevê assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até cinco anos de idade em creches e pré-escolas. Sendo que a educação infantil é até os três anos e a pré-escola até os cinco anos de idade, conforme a Lei Federal 9.394/96.

Vivenciei essas experiências nos meus três anos de estudos, até ir para outra escola e iniciar o meu ensino de 1º grau, nomenclatura estabelecida pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Com os estudos realizados no curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, pude refletir sobre a importância de não mais agir dessa forma, ou seja, de não mais compreender a Educação Infantil como uma modalidade que se centra no assistencialismo, e sim como um espaço que tem a obrigatoriedade de educar as crianças de maneira que elas possam aprender e se desenvolver e, assim, exercer de fato a sua cidadania.

3 NOVAS APRENDIZAGENS: MEU PRIMEIRO GRAU

Nesta seção, pretendo expor minhas lembranças da época do meu primeiro grau, atualmente ensino fundamental.

Comecei a estudar na Escola Estadual 12 de Outubro, localizada também no Bom Pastor. Lembro-me dessa escola como sendo um ambiente acolhedor, com professores dedicados e atenciosos com os estudantes. A escola atendia a comunidade carente do bairro, oferecendo aos estudantes o ensino de 1º grau nos turnos matutino, intermediário e vespertino, e no período da noite oferecia o supletivo, também de 1º grau².

Meus irmãos e eu estudávamos no horário intermediário juntamente com alguns colegas da rua onde morávamos. Eu não gostava desse horário, pois quase sempre passava mal, devido ao sol muito quente e por não ter almoçado.

Antes de começar a aula, todos os estudantes ficavam enfileirados para cantar o Hino Nacional. Isso era algo bem presente nas escolas em minha época. Diante de um sol forte, na maioria das vezes, ou da chuva, todos entoavam o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Somente depois desse momento, cada um entrava na sala de aula e, em seguida, os professores chegavam para ministrar suas aulas.

Eu tinha um bom relacionamento com os funcionários da escola, principalmente com as merendeiras. Sempre que terminava a aula, elas me chamavam e me entregavam uma tigelinha com lanche da escola para eu levar para casa e alimentar a mim, a meus irmãos e meus pais. Isso ocorria todos os dias. Como passávamos por muitas privações de alimento, essa atitude fez muita diferença em nossas vidas.

² Atualmente, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 1996, anos finais do Ensino Fundamental.

Éramos uma família bastante numerosa e por um período somente minha mãe trabalhou para nos sustentar. Com as dificuldades financeiras, surgiu a necessidade de os filhos ajudarem no sustento da casa também. Todos os dias, antes de irmos para a escola, meus irmãos e eu procurávamos material reciclável para vender no depósito. Com o dinheiro das vendas, comprávamos alimentos para casa.

Voltando para a minha vida escolar, tenho lembranças de alguns professores que me auxiliaram em minhas aprendizagens. Posso citar a professora Salete, de Língua Portuguesa. Foi por intermédio dela que aprendi a ler minha primeira palavrinha: bola. Lembro-me como se fosse hoje da minha enorme felicidade em conseguir ler.

Lembro-me também das professoras Geralda e Nelma, de Geografia e Estudos Sociais. Todos os dias Nelma dava-me um beijo e dizia que gostava muito de mim, e hoje compreendo o quanto aquele carinho e atenção ajudaram em meu desenvolvimento educacional.

Às vezes chegava triste e sem querer ficar na escola e era aquela atenção dos professores, principalmente da professora Nelma, que me animava e logo eu esquecia minhas insatisfações. Aquele afeto e carinho fizeram bem para mim, pois lembro de aguardar as aulas dela com muito entusiasmo e alegria.

Na escola, vivenciei momentos felizes que já mencionei e momentos tristes, como é normal acontecer durante nossas vidas. A exemplo disso, posso citar os momentos reservados para as aulas de educação física. Eu não gostava, pois a professora colocava os estudantes na quadra e saía, deixando as meninas jogando queimada e os meninos futebol.

Foi nesse período que vivi situações que me deixaram marcas negativas e que, ao recordar, ainda causam um certo desconforto. As meninas da minha turma gostavam de fazer brincadeiras de mau gosto comigo. Quando eu estava começando a andar, enfrentei uma doença chamada sarampo, o que afetou os movimentos dos meus membros inferiores. Minhas colegas de sala me xingavam de aleijada, me batiam, me amarravam para que as outras colegas jogassem a bola em meu rosto. Isso era uma diversão para elas. Naquela época, não tínhamos consciência de que essas ações constituíam uma forma de *bullying*. Atualmente, essa problemática é amplamente debatida e combatida no ambiente escolar.

Passeggi (2010) destaca que é natural termos esses tipos de sentimentos, visto que existem lembranças que rejeitamos devido ao sofrimento que nos causam. Foi difícil vivenciar alguns momentos da minha trajetória escolar, no entanto, sinto-me fortalecida

ao reviver e descrever essas lembranças. Conseguir superar os obstáculos que surgiram na minha infância é uma conquista, pois acredito que o que somos no presente reflete o nosso passado. As situações que vivenciei proporcionaram-me um olhar mais atencioso e sensível para identificar possíveis práticas semelhantes na minha sala de aula.

Concluo esta seção agradecida por tudo que vivenciei na Escola 12 de Outubro, pois, apesar das dificuldades de convivência com as outras pessoas, sempre acreditei que me formaria professora, tive bons exemplos em minha caminhada e era nesses exemplos que iria me espelhar e me espelhei.

4 O NASCIMENTO DO MEU FILHO: NOVOS DESAFIOS PARA ENFRENTAR

Nesta seção irei relatar um acontecimento que mudou totalmente a minha história: o nascimento do meu filho. A maternidade me fez rever todos os meus planos e projetos pessoais. Cuidar, zelar e educar aquele ser tão inocente se tornou minha prioridade e acabei deixando o meu sonho de estudar para depois, afinal, meu filho só podia contar comigo e assim eu fiz.

Tive meu filho ainda na adolescência. Engravidei aos 17 anos, e quando o pai do meu filho ficou sabendo da minha gravidez, sumiu da minha vida rapidamente, deixando-me sem qualquer explicação. Ele simplesmente desapareceu, o que me fez sentir o amargo gosto do abandono. Fiquei desesperada diante de sua atitude, pois além de gostar dele, ele sempre havia demonstrado interesse em construir uma família comigo. Acreditava que ele ficaria contente e me apoiaria naquele momento delicado. Não me conformava por ter sido abandonada grávida por ele e isso me levou a um estado de depressão. Eu chorava muito, imaginando o quão difícil seria ser mãe solteira.

Ao refletir sobre esse momento atualmente, não posso deixar de estabelecer uma relação com o que tenho aprendido no curso de Pedagogia. Ao estudar a respeito da Educação Infantil, os professores abordaram diversos temas, incluindo os direitos das crianças e dos adolescentes. Eles nos apresentaram teóricos que pesquisam sobre esse assunto e as leis brasileiras que o regem. Sinto que seria muito bom se eu tivesse tido acesso aos direitos assegurados pela lei que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e estabelece outras providências:

Art. 8: é assegurado a todas as mulheres o acesso aos programas e às políticas de saúde da mulher e de planejamento reprodutivo e, às gestantes, nutrição adequada, atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério e atendimento pré-natal, perinatal e pós-natal integral no âmbito do Sistema Único de Saúde. (Brasil - Lei nº 13.257, de 2016)

Devido à impossibilidade de permanecer por longos períodos na casa da minha irmã, tomei a decisão de colocar meu filho em uma creche logo após o seu nascimento. Essa escolha permitiu-me trabalhar com mais tranquilidade, tendo a certeza de que ele estava em um ambiente seguro e recebendo os cuidados necessários, incluindo a alimentação.

O nascimento do meu filho precipitou meu amadurecimento, pois agora eu era responsável por alguém que dependia inteiramente de mim. Atravessei momentos desafiadores e memoráveis, no entanto, posso afirmar com absoluta certeza que enfrentaria tudo novamente. Ter meu filho representou uma das maiores alegrias da minha vida.

Apesar de todas as dificuldades que surgiram, sempre mantive a crença de que em cada situação da vida há um aspecto positivo. Atualmente, reconheço que criar meu filho sem a presença do pai contribuiu para minha evolução como pessoa. Com o passar do tempo, essa perspectiva foi se solidificando e as peças se encaixaram naturalmente. Com o tempo, cheguei a um ponto em que pude perdoar o pai do meu filho. Entendi que não era adequado privar meu filho do contato com ele, afinal, todos merecem uma oportunidade de redenção. Optei por conceder a ambos a chance de se conhecerem, reconhecendo a importância dessa segunda chance.

Sinto uma profunda emoção ao relembrar essa parte da minha história, pois foi o momento que mais me marcou como pessoa. Expresso minha gratidão a Deus, pois tenho fé de que Ele nunca abandona ninguém. Recordo com clareza que nos momentos em que mais necessitei de auxílio Ele colocou no meu caminho a maravilhosa família Costa, pela qual guardo um sentimento de profunda gratidão. Essa família me acolheu em sua casa e providenciou o que eu mais precisava: emprego e a capacidade de sustentar meu filho. Tenho uma imensa gratidão a eles, pois trabalhei como empregada doméstica em sua residência por dez anos, o que praticamente permitiu que eu criasse meu filho sob o teto deles. A lembrança desse período é uma prova da generosidade e apoio que encontrei, e sou eternamente grata por todo o auxílio que me proporcionaram.

Todos os dias eu saía cedinho para deixar meu filho na creche. Depois ia trabalhar na casa da família Costa e no final da tarde buscava meu filho. Lembro-me que todos os dias o dono da casa me dava o dinheiro de voltar para casa, mas eu guardava as passagens de dois dias e ia para casa caminhando, para poder no final de semana levar meu filho para tomar uma bolinha de sorvete na esquina da minha casa. João Vitor, o meu lindo filho, lembra disso até hoje. A família Costa fez por mim o que minha mãe não pôde fazer na época. Essa família me acolheu em sua casa e durante muitos anos pude cuidar do meu filho com dignidade.

João Vitor foi crescendo e na mesma proporção que ele crescia também crescia dentro de mim o desejo de voltar a estudar, pois sentia muita saudade das salas de aula e desde muito nova sempre tive o desejo de ter o meu diploma de segundo grau. Foi por intermédio de Heloisa Maria, filha de meus patrões, que fiquei sabendo do supletivo que algumas escolas ofereciam. Inclusive foi ela quem fez minha matrícula na Escola Jean Mermoz, no bairro Bom Pastor. Ela sempre me aconselhava a voltar a estudar e buscar melhoria para mim e para o meu filho. Suas palavras me estimularam de tal forma que um dia eu decidi me organizar para voltar à escola.

Resumindo minha trajetória, posso concluir que sempre há um aspecto positivo nas situações. Tive diversos exemplos disso. Em muitas ocasiões, vi comprovada a existência de pessoas boas no mundo e percebi como Deus coloca as pessoas certas em nosso caminho para nos auxiliar. Dona Epifânia e sua família, por exemplo, foram fundamentais nesse processo. Suas orientações sobre finanças contribuíram para que eu economizasse e pudesse me organizar financeiramente. Foi assim que juntei algumas economias para adquirir minha casa. Dona Epifânia e sua família são aquelas pessoas que permanecem inesquecíveis em nossos pensamentos e possuem um espaço reservado em nossos corações. São indivíduos repletos de respeito e positividade que deixam uma marca positiva na vida dos outros. Para mim, eles foram verdadeiros anjos guardiões, colocados por Deus em minha jornada para realizar o que minha mãe não poderia fazer. Sinto apenas gratidão por tudo que vivi até agora e por tudo que ainda está por vir em minha vida.

Hoje em dia, meu filho João Vitor tem 23 anos e é formado em História. Ele está casado há um ano com Ana Priscila, que eu considero como filha. Quando reflito sobre o passado e observo a bela história que construí ao longo dos meus 40 anos, sinto uma profunda felicidade e sensação de realização. Minha trajetória não foi fácil, mas as lições

aprendidas ao longo do caminho são inestimáveis. E sei que ainda tenho muito a aprender, uma vez que novos desafios continuarão a enriquecer o meu processo de aprendizagem.

Passeggi (2008) explicita que haverá momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, que incorpora novas percepções de si mesmo, dos outros, do conhecimento adquirido e das teorias que embasam nosso entendimento. Essa dinâmica envolve a construção de argumentações fundamentadas em teorias estudadas. Escrever acerca dos aspectos positivos ou negativos requer uma abordagem reflexiva que vá além da simples redução do que compôs nossa formação. Trata-se de um verdadeiro processo de análise reflexiva.

5 TRILHANDO MAIS UM PASSO: MEU SUPLETIVO DE 2º GRAU

Nesta seção, expressarei emoções e lembranças de vivências durante meu supletivo³ de 2º grau, hoje Ensino Médio e, assim, poderei compartilhar algumas das experiências pelas quais passei nessa fase de estudo.

Quando engravidei, deixei de lado meu projeto de estudar para poder direcionar todo o meu tempo àquele ser iluminado que eu teria a honra de chamar de filho. Carregando uma profunda gratidão a Deus por me conceder essa dádiva da maternidade, enfrentei desafios significativos para garantir o sustento do meu filho desde seus primeiros anos de vida.

Somente quando meu filho João Vitor completou três anos de idade, voltei a pensar nos antigos projetos que, por uma justa causa, deixei de lado. Assim, quando voltei para a sala de aula, estava muito fora de faixa, então optei por fazer um supletivo, que permitia ao estudante concluir um ano letivo em seis meses.

A Escola Estadual Jean Mermoz oferecia essa opção de ensino, e devido à sua proximidade da minha casa, decidi concretizar meu desejo de retornar às salas de aula e, finalmente, concluir o meu Ensino Médio.

No ano de 2006, iniciei o supletivo na mencionada escola, que abrangia o Ensino Fundamental e Médio. Minha motivação principal era obter o diploma de Segundo Grau. Trabalhava na época como empregada doméstica e queria buscar novas possibilidades e

³ Conhecido como Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma das modalidades do sistema educacional brasileiro criado com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas que, por diferentes motivos, não concluíram o ensino fundamental e médio na idade adequada.

melhorias de trabalho. Era uma rotina bastante cansativa. Eu passava o dia trabalhando e durante a noite assistia às aulas. Como não tinha ninguém para ficar com meu filho, ele assistia às aulas junto comigo.

No supletivo, não precisava estudar os conteúdos, somente decorava-os. Decorava regras e até questionário. Lembro-me do componente curricular de História que eu passei o dia todo decorando. Quando recebi a prova, as questões eram tudo que eu passei o dia decorando. Eu chegava tão cansada na escola que dormia os dois primeiros horários e infelizmente não conseguia internalizar os conteúdos. Tinha dificuldade de concentração principalmente quando o assunto era de Matemática, apesar de todos os esforços do professor Francisco em ensinar.

Lembro-me com muita alegria da professora Gorete. Ela ministrava os conteúdos de Ciências e foi a partir de suas aulas que passei a gostar de genética. Ficava admirada em ver como ela lecionava. Outro nome que marcou minha trajetória escolar foi o professor Toinho, de Língua Portuguesa. Era muito bom participar de suas aulas, pois dava para perceber sua alegria ao ensinar. Eu tinha um imenso carinho por ele, sempre muito paciente e afetuoso com a turma. Era difícil alguém não gostar dele.

Foi uma experiência extremamente gratificante ter compartilhado momentos com pessoas tão significativas durante essa fase da minha vida. Sinto profunda gratidão pelo apoio e carinho desses profissionais dedicados, que se empenharam em me auxiliar em minhas jornadas de aprendizado, com contribuições inestimáveis para o meu desenvolvimento. A convivência com eles teve um impacto profundo em meu desempenho acadêmico, sendo uma influência crucial tanto para minha vida pessoal quanto profissional.

6 ASCENDENDO MAIS UM DEGRAU COM O MAGISTÉRIO: A ESCOLA NORMAL

O propósito desta seção é documentar minha jornada no curso de Magistério (também conhecido como curso Normal), que se estendeu de 2008 a 2010 na Escola Estadual Professor Luiz Antônio, localizada em Natal/RN. Através das minhas narrativas, pretendo compartilhar as experiências que vivenciei ao longo deste curso, assim como minhas expectativas em relação às aprendizagens que ocorreram nesse período.

Fui informada sobre o curso de Magistério oferecido pela Escola Luiz Antônio por uma amiga. Diante do meu desempenho acadêmico insatisfatório no supletivo de Segundo Grau, optei por ingressar no curso Normal oferecido por essa instituição.

O Decreto de Criação da Escola Normal 1835 – nº. 10, sancionado por Joaquim José Rodrigues Torres, presidente da Província do Rio de Janeiro, fez saber a todos os seus habitantes, mediante a Assembleia Legislativa Provincial, as diretrizes presentes no Artigo 1º: haverá na Capital da Província do Rio de Janeiro uma Escola Normal para nela se habilitarem as pessoas que se destinarem ao magistério de instrução primária e os professores atualmente existentes que não tiverem adquirido a necessária instrução nas Escolas de Ensino, na conformidade da Lei de quinze de Outubro de mil oitocentos e vinte sete, Artigo quinto.

Em 2008, comecei o curso no horário noturno, bastante empolgada e com expectativas positivas com relação a essa nova caminhada. Estava disposta a aproveitar cada instante das aulas.

No começo, enfrentei consideráveis dificuldades para assimilar os conteúdos, uma vez que durante o supletivo os tópicos eram abordados de maneira superficial. No entanto, pude contar com o auxílio dos meus colegas de turma, que tinham uma compreensão melhor dos textos e com o apoio dos professores, que sempre passavam trabalhos em grupo, o que facilitava a aprendizagem.

Eu me relacionava bem com todos na sala, composta em sua maioria por pessoas mais maduras e que tinham o propósito de concluir o curso de Magistério. Assim, não perdíamos tempo com conversas paralelas e coisas que nos desviassem desse objetivo.

Cheguei na instituição com uma série de inseguranças. Afinal, havia se passado bastante tempo desde a última vez que estive em uma sala de aula. Como já mencionei anteriormente, havia lacunas significativas em minhas aprendizagens. No entanto, ao estabelecer um propósito firme em meu coração, encontrei a perseverança e a determinação necessárias para superar esses obstáculos. Costumava refletir: o que poderia ser mais desafiador do que criar uma criança sozinha? Com essa mentalidade, mantive um forte compromisso com meus estudos.

Essa postura já era parte de mim havia muito tempo e, portanto, estava determinada a aproveitar ao máximo o curso. Reconhecia que não tinha mais tempo para distrações, e estava plenamente disposta a absorver os conteúdos para desenvolver minhas habilidades de aprendizado.

Embora eu desejasse lembrar detalhes específicos de todos os envolvidos, minhas recordações selecionam algumas pessoas. Entre elas, destaco as amigas Paula Francinete, Fernanda e Ozenir. Todas as três tiveram um papel crucial em minha jornada, oferecendo suporte para cuidar do meu filho, visto que eu não tinha alternativa a não ser levá-lo para a escola comigo.

Eu também enfrentava dificuldades para chegar à escola, mas quando finalmente chegava, encontrava na instituição um ambiente acolhedor e saudável. Esse ambiente revigorava meu ânimo e foi assim que consegui alcançar o sucesso em meus objetivos.

Dentre os professores com os quais tive a honra de estudar, destaco a figura marcante do querido professor Quirino, que dava a disciplina Prática de Ensino. Com sua educação cativante, ele transmitia o conteúdo de forma acessível. Foi através das aulas dele que conheci os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Esse documento busca estimular discussões sobre o papel da escola e reflexões a respeito do que, quando, como e por que ensinar e aprender, envolvendo não apenas as escolas, mas também pais, governo e sociedade (Brasil, 1998, p. 9). O método de ensino do professor Quirino era leve e de fácil compreensão. Sinto-me privilegiada por ter sido sua aluna.

Na Escola Luiz Antônio, os professores eram comprometidos e sempre prontos para nos auxiliar quando precisávamos. Como eu enfrentava dificuldades consideráveis em Matemática e interpretação de texto, frequentemente buscava a ajuda deles e sempre recebia um apoio muito eficaz.

Outra figura que surge facilmente em minha memória é a professora Viviane, carinhosamente apelidada de “Moranguinho” devido às suas bochechas rosadas. A professora Viviane era uma pessoa notável, não só pela sua aparência, mas também pelo seu jeito gentil de se comunicar conosco. Sua maneira delicada de falar deixou uma marca profunda em minha vida como estudante.

A professora Viviane era responsável por ensinar a disciplina de Matemática. Foi em suas aulas que consegui superar o medo que tinha dessa matéria, fazendo com que a Matemática deixasse de ser um “monstro” em minha vida. Com sua abordagem gentil e explicações claras, a professora Viviane apresentava à turma uma Matemática que se tornava compreensível, algo que a maioria de nós não conhecia.

Dado que a nossa turma era composta por pessoas que passavam o dia trabalhando, os professores adaptavam suas aulas com menos conteúdo e maior interação

dos alunos. Eles utilizavam estratégias para se conectar de maneira satisfatória com os estudantes, assegurando que o aprendizado fosse efetivo e compreensível para todos.

Por meio de abordagens mais interativas e explicações direcionadas à nossa faixa etária, os professores conseguiam despertar em mim um desejo constante de aprendizado. Recordo-me com grande satisfação do professor Marcos, que transformava suas aulas de Geografia em momentos dinâmicos e envolventes. Eles não se baseavam no modelo tradicional de ensino (behaviorismo) para conduzir as aulas. Embora as nuances desse estilo de ensino fossem sutis naquela época, após cursar Pedagogia, consigo enxergá-las com maior clareza.

Os professores realizavam aulas-passeio para vários lugares, por meio das quais conheci pontos turísticos importantes do nosso estado. Ao refletir sobre a ampla gama de oportunidades que experimentei durante o curso de Magistério, sinto profunda gratidão por meus professores, que acreditaram em meu potencial e enxergaram não apenas as minhas dificuldades, mas também as minhas potencialidades, com um olhar empático e encorajador.

Segundo Ferrari (2008), muitos dos conceitos e atividades escolares idealizados pelo pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) se tornaram tão difundidos que há educadores que os utilizam sem nunca ter ouvido falar no autor. É o caso das aulas-passeio (ou estudos de campo).

Para Freinet (1998), o professor deve subsidiar o estudante, permitindo-lhe aprendizagens experimentais. Nessa concepção do ser social, que participa e transforma o mundo, a atividade natural do sujeito é integrada ao seu meio social, é cooperativa e não há necessidade de tolher a sua espontaneidade alegre e criativa e a aula passeio proporciona essas aprendizagens e vivências. Percebi isso quando participava dessas aulas.

Ao fazer uma análise retrospectiva do período em que frequentei o curso de Magistério, chego à conclusão de que o desenvolvimento das habilidades e aprendizagens dos estudantes depende da experiência prazerosa e do significado que a educação tem em suas vidas. Isso transcende as qualificações dos profissionais da educação, pois é influenciado por diversos fatores emocionais, sociais, biológicos, entre outros. Quando os professores têm conhecimento desses elementos, fica mais acessível alcançar o estudante e contribuir para seu desenvolvimento.

Em muitas ocasiões, os estudantes estão motivados a aprender, porém, como podem se concentrar na aprendizagem se não tiverem sequer feito uma refeição no dia? Isso fez parte da minha trajetória e ainda é uma realidade para muitos estudantes atualmente.

Em minha vida escolar, contei com a compreensão e carinho dos meus professores. Quando eu chegava à escola, eles se importavam em perguntar se eu havia almoçado. Esse tipo de cuidado teve um impacto significativo em mim e é fundamental para todos os estudantes. Sentir-se verdadeiramente acolhido é crucial, e isso acontece quando reconhecem que cada estudante é único, com limitações e necessidades distintas, e que o tempo de aprendizado varia para cada um. Ao entendermos isso, criamos um ambiente favorável para múltiplas maneiras de ensinar e aprender.

As palavras de Paulo Freire (1989) ressaltando a importância da afetividade do professor para a aprendizagem dos estudantes tiveram um profundo impacto em mim, provocando reflexões como indivíduo e educadora. Isso me fez compreender a relevância de conhecer cada indivíduo, especialmente aqueles que estarão sob minha responsabilidade por um determinado período, com o objetivo de contribuir para seu processo de desenvolvimento e formação.

7 CURSO DE PEDAGOGIA: UM SONHO REALIZADO

Nesta seção descreverei minha trajetória no Curso de Pedagogia – Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, situado em Natal/RN, destacando minha enorme satisfação em fazer essa graduação.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso (2019), seu currículo considera os princípios da relação teoria-prática, da interdisciplinaridade, da gestão democrática e autonomia, da contextualização, dos direitos humanos e diversidade, da ética, da sensibilidade afetiva e da estética – objetos de estudo que vivenciei nos diferentes componentes curriculares que estruturam a matriz curricular.

Como destacado nesse documento, o objetivo é superar a abordagem tradicional que deriva dos conteúdos de formação a partir dos componentes curriculares. Em vez disso, propõe-se substituir essa abordagem por outra baseada na análise das práticas profissionais, a fim de determinar as contribuições necessárias a serem incorporadas aos componentes curriculares.

Em relação à concepção de currículo, os fundamentos teóricos são pautados em autores como, por exemplo, Sacristán (2000), pois os compreende como uma seleção de conteúdos e metodologias que se materializa a partir de concepções políticas, administrativas e institucionais e está condicionado pelos valores, pressupostos e ideias presentes no contexto social no qual a escola encontra-se inserida.

Me formei em Magistério na escola Estadual Professor Luiz Antônio e foi através desse curso que consegui fazer a seleção para ingressar no Kennedy. Fazer um curso superior era o meu grande sonho, porém não tive condições de realizá-lo. Então quando soube, por meio de um amigo, que poderia fazer essa seleção, fiquei muito contente e com expectativas positivas.

Agarrei essa oportunidade com todas as minhas energias através da porta que o Kennedy me abriu, e por meio do meu empenho tornei possível reavivar meu sonho de graduação. Prometi a mim mesma que dedicaria o meu melhor para alcançar essa meta. Foi emocionante quando vi meu nome na lista de aprovados, e não pude conter as lágrimas de felicidade. Nesse período, eu estava trabalhando como técnica em enfermagem e confesso que meu foco quase se desviou inteiramente para essa realização. A emoção foi intensa, pois sabia que minha vida estava prestes a mudar de maneira significativa.

Comecei a dar meus primeiros passos acadêmicos de nível superior no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy com muita alegria e ansiedade, pois eram imensas as minhas expectativas com relação à instituição e seus profissionais, pois acreditava serem os melhores possíveis, baseado em informações que recebi antes de entrar na instituição para estudar.

Comecei a minha graduação em Pedagogia no ano de 2019, no horário vespertino. Como já mencionei anteriormente, a escolha da licenciatura em Pedagogia está relacionada ao desejo que cultivei em meu coração desde minha infância, quando já sonhava ser professora.

Nesse ano, trabalhava como técnica em enfermagem no horário noturno, por isso a escolha do turno vespertino. Gostei muito da turma e dos professores, que me acolheram com carinho e alegria. Me senti feliz com a energia de todos. A turma era formada em sua maioria por professores da rede estadual de ensino, o que contribuiu para o meu crescimento e aprendizagem. Meu ingresso no Kennedy me proporcionou o grande privilégio de conhecer excelentes profissionais, que me inspiraram a prosseguir em meu propósito de ser uma educadora.

O amor pela educação aumentou ao passar dos anos e fazer Pedagogia no Kennedy está sendo uma grande realização. Costumo dizer que minha graduação está muito além de uma formação profissional ou até mesmo uma conquista de um diploma. Os professores que compõem o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy possuem um papel primordial em meu crescimento profissional e principalmente em meu desenvolvimento humano.

Prossigo meu relato narrando minhas vivências com esses profissionais. A primeira professora que tive o grande privilégio de conhecer foi a querida professora Rosalye Lira, que lecionou para nós Tópicos Linguísticos. Nunca tinha ouvido falar nesse componente curricular, mas imaginei que fosse algo relacionado à língua portuguesa. Lembro-me que gostei da professora de imediato. Sempre muito elegante, ela conseguia despertar em mim a curiosidade em saber mais sobre os objetos de conhecimento desse componente. Nele, aprendi sobre a linguagem como interação, concepção defendida por Bakhtin (2011).

Entre os vários professores que me encantaram com sua didática, seu amor e principalmente pelo seu olhar humano, posso citar o nome do querido professor Arandí Róbson Martins. Foi através do componente curricular Produção Textual, que ele ministrava, que passei a ter amor pelos livros. No início do componente curricular, relatei ao professor a minha dificuldade em entender os textos acadêmicos e ele, com muita paciência, disse para mim que era normal no início do curso os estudantes terem essa dificuldade.

O professor Arandí me disse que para eu desenvolver o gosto pela leitura teria que começar com leituras prazerosas, gêneros textuais que eu gostasse. Foi quando comecei a ler um livro espírita da autora Zíbia Gasparetto, intitulado “Violetas na janela”. Essa foi uma das leituras mais emocionantes que já fiz. Todos os dias lia uma página e assim passei a gostar de outros gêneros textuais e a compreender os textos acadêmicos. A leitura tornou-se mais atrativa para mim.

Sou muito agradecida ao professor Arandí. O seu exemplo como professor em sala de aula e o seu amor pelos livros ajudaram a despertar em mim o exercício da leitura diária, que realizo até os dias atuais, todas as noites antes de dormir.

Vários outros professores contribuíram para o meu desenvolvimento, porém há aqueles que me marcaram de uma forma tão linda que preciso citar em meus relatos os seus nomes. A afetividade desses profissionais de educação fez toda a diferença em minha

trajetória. Dessa lista, preciso citar a querida professora Tereza Penha e o quanto gostei dela e de suas explicações sobre surdez e a pessoa surda.

Compreendi, através do componente curricular Libras II, ministrado por ela, as diversas dificuldades enfrentadas pelas pessoas surdas para serem inseridas na sociedade. Em uma de suas aulas, Tereza frisou a importância de os professores terem essa compreensão, esse olhar de empatia para com os estudantes, a fim de amenizar suas dificuldades.

Foi a partir de suas aulas que passei a repensar toda a minha prática em sala de aula, que passei a ter um olhar mais criterioso para observar possíveis crianças com essa dificuldade, procurando a forma correta de assisti-las em sala de aula. Suas aulas de Libras foram tão inspiradoras que levei para a gestão da escola em que trabalho a sugestão de todos os professores participarem de cursos de libras.

Mostrei a necessidade de atender crianças na escola que já foram identificadas com surdez e outras que poderão perder a audição, situação para a qual temos que estar preparados. A gestora gostou da sugestão, que está sendo avaliada pelo conselho escolar.

Agradeço à professora pelo carinho e pela dedicação. Suas aulas foram importantes e me marcaram positivamente. Sem dúvidas, contribuíram para o meu desenvolvimento como profissional e como ser humano e vou guardá-las para sempre comigo.

7.1 VIVÊNCIAS NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS: GRATIDÃO PELA EXPERIÊNCIA

Esta subseção tem o objetivo de relatar minhas experiências durante os Estágios Supervisionados. Enfatizo, aqui, a relevância dessas vivências com a certeza de que elas contribuem de forma significativa para nosso crescimento pessoal e profissional. Os Estágios Supervisionados visam oferecer aos estudantes a oportunidade de vivenciar e compreender os elementos que definem os processos educativos.

Os Estágios Supervisionados têm como finalidade oportunizar experiências para os estudantes, compreensão dos aspectos que caracterizam os processos educativos em diferentes organizações, identificar práticas educativas de forma a estabelecer a relação dialógica entre teoria e prática como uma atividade indissociável na formação do pedagogo. São ao todo quatro estágios (três em espaços escolares, atuando na Educação Infantil, anos finais do Ensino Fundamental e Gestão, e um em espaços não escolares,

como, por exemplo, hospitais, ONGs etc.). Cada um deles possui carga horária de 100 horas, dividida em 52 horas em campo de estágio e 48 horas nos nossos encontros no Instituto Kennedy (Projeto Pedagógico do Curso IFESP, 2019).

A Escola 12 de Outubro, onde estagiei, está em funcionamento há mais de trinta anos no Km-6, localidade do bairro Bom Pastor, focando sempre no ensino de qualidade. A comunidade é muito carente de recursos financeiros; a maior parte dos alunos mora próximo à maré, em casas com estrutura precária.

No passado, a escola funcionava nos três turnos – manhã, tarde e noite –, mas atualmente atende às famílias somente pela manhã e à tarde, uma vez que não conseguiu formar turma para o horário noturno. Guardo boas recordações da época em que estudei nessa instituição de ensino, que tão bem assistiu meus familiares.

Realizei o estágio nessa escola, no período de 16 a 25 de março, na turma do 3º ano matutino, e através dele compreendi o quão importante é estar atuando em sala de aula auxiliando os estudantes a serem protagonistas de suas aprendizagens.

Na academia, os estágios curriculares são obrigatórios nos cursos de licenciatura em Pedagogia. É através deles que podemos adquirir mais conhecimentos, a partir de vivências em sala de aula, para, assim, melhor desenvolver nossas atividades.

Durante o período de observação nos quatro estágios supervisionados – Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais, gestão escolar e espaços não escolares – foi possível vivenciar e compreender como são desenvolvidas as atividades no ambiente escolar e como é construída a relação entre coordenação pedagógica, direção pedagógica e professores; relações dialógicas, mas também dialéticas. Observei, por exemplo, que na escola Ecopark há alinhamento entre a equipe gestora e os professores, além de perceber como eles desempenham um bom trabalho visando sempre ao melhor atendimento para os estudantes e os pais, em especial, às suas aprendizagens. Quando a coordenadora chega na instituição, visita todas as salas de aula a fim de contribuir com a resolução de possíveis problemas que lhe competem.

Embora a escola possua um espaço amplo e com muitos atrativos para os estudantes, não encontramos uma biblioteca em seu ambiente. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de criar um espaço destinado à biblioteca escolar. Essa iniciativa representou momentos de aprendizado significativos para mim.

Foi verdadeiramente gratificante realizar meu estágio nessa instituição que frequentei durante minha infância. Sem dúvida, pude enriquecer ainda mais minha trajetória escolar por meio dessa oportunidade.

Devido à importância que essas experiências têm para mim, além de mantê-las em minha memória, gostaria de compartilhar algumas fotos desses momentos neste espaço (Apêndice – A), ilustrando alguns desses instantes significativos.

8 MINHA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta seção tem como objetivo descrever um pouco da minha trajetória em ambiente escolar, primeiro na função de auxiliar de sala da turma do nível II e III, e em seguida como professora do nível 4 da educação infantil, em uma escola em Natal. Em 2020, tive a grande oportunidade de atuar como estagiária e dei o meu melhor nessa função, pois sempre tive a convicção de que precisava oferecer o meu máximo em tudo que fazia.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a primeira infância, que abrange o período desde a concepção até os 6 anos de idade, é uma fase de oportunidades cruciais para a saúde, aprendizagem, desenvolvimento e bem-estar social e emocional das crianças. Conforme essa instituição, pesquisas científicas têm destacado que as experiências iniciais vivenciadas durante a infância, assim como intervenções e serviços de qualidade oferecidos nesse período, estabelecem os alicerces do desenvolvimento. Em outras palavras, o que ocorre nos primeiros anos de vida assume um papel fundamental no desenvolvimento completo de meninos e meninas. Como resultado, é imperativo investir nessa fase, a fim de gerar impactos positivos que repercutam em benefício de toda a sociedade.

A escola Ecopark⁴ me proporcionou uma experiência riquíssima, pois por mais que a academia nos forneça conteúdo e teoria do contexto escolar, só vamos conhecer de verdade essa realidade quando colocamos essas teorias em prática no espaço da escola.

Acredito que nada na nossa vida acontece por acaso; tudo tem um propósito maior. Quando fui desligada da empresa na qual havia trabalhado como técnica em

⁴ É um colégio situado em Natal, no Rio Grande do Norte, que atende as modalidades da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Seus princípios educacionais se baseiam na sustentabilidade socioambiental.

enfermagem por mais de dez anos, fiquei muito triste e sem rumo, porém acredito que quando acontece algo ruim nas nossas vidas, é para melhorar algo. Foi nessa crença que me agarrei e assim me reergui.

No pouco tempo que fiquei desempregada fui chamada para essa escola, onde vivi uma experiência relevante para a minha formação. Eu auxiliava a professora titular nas rodas de conversa, no momento do parquinho, nas realizações das atividades e nas trocas de fraldas.

O estágio foi uma grande experiência na qual pude comprovar a minha aptidão para a sala de aula. Fiquei muito empolgada com essa oportunidade, que contribuiu para a construção de mais conhecimentos, pois vivenciei na prática a rotina de aula e seu planejamento.

Essa experiência durou seis meses. No ano seguinte, fui contratada pela instituição como professora do nível IV, onde estou até os dias atuais. Com essa prática, pude observar que a realidade no ambiente escolar é diferente da teoria, embora o curso tenha me orientado para essa realidade.

Estou em sala de aula há dois anos e me sinto realizada. Sou feliz e agradeço a todos pelas oportunidades que me oferecem e ao instituto de Educação Superior presidente Kennedy por ter aberto a porta para meu ingresso na faculdade no curso de Pedagogia. Essa experiência em sala enriqueceu ainda mais meu vocabulário e conhecimentos.

Finalizo mais uma seção com muita alegria, pois pude reviver diferentes emoções. Tive alguns reveses, como qualquer pessoa pode ter, porém as conquistas foram muito maiores e as perdas serviram de esteio para o meu crescimento pessoal e profissional. Sou grata a Deus e a todos que de alguma forma me ajudaram a conquistar essa tão sonhada graduação.

9 A FORMATURA: GRATIDÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

Nesta seção, descrevo a minha sensação de gratidão e alegria por conseguir minha tão sonhada graduação, uma das minhas maiores realizações. O caminho que percorri foi longo e turbulento, algo que parece ser uma constante em tudo que tive que conquistar até agora. No entanto, a jornada foi extremamente gratificante. Tenho a convicção de que Deus sempre nos reserva o melhor, e com essa fé inabalável busquei sempre enxergar o

aspecto positivo das situações, porque ele sempre existe. Às vezes, nossa atenção está tão voltada para outros elementos que nos impede de perceber esses pontos positivos. Se enfrentei momentos de dificuldade, entendo que isso fez parte do meu processo de crescimento e amadurecimento, além de contribuir para valorizar ainda mais a minha profissão. Cada desafio que superei moldou meu percurso de maneira significativa, fortalecendo meu desenvolvimento pessoal e a minha apreciação pela carreira que escolhi.

Lembro com muita saudade dos primeiros passos que dei no Kennedy. O curso de Pedagogia trouxe um imenso crescimento aos meus conhecimentos e aprendizados, algo que carregarei para toda a minha vida. Além disso, essa jornada contribuiu significativamente para minha evolução pessoal. Saio do IFESP com uma bagagem repleta de novos saberes e maturidade. No IFESP, tive a honra de conviver com professores notáveis pelos quais sinto uma profunda gratidão. Eles se empenham incansavelmente para o desenvolvimento de seus alunos, uma característica que se reflete em suas metodologias e que me marcou intensamente. Minha licenciatura conquistada no Kennedy é, para mim, um presente de Deus.

A importância social proporcionada pelo Kennedy é indiscutível, pois a disponibilização de vagas para aqueles que possuem apenas a formação em Magistério representa uma significativa oportunidade de inclusão. Essa iniciativa tem um impacto substancial, e foi através dessa chance que pude concretizar minha graduação e me tornar hoje uma pedagoga.

Estou concluindo minha graduação com muita alegria e com o sentimento de que valeu muito a pena seguir em meu propósito. Acredito que consegui com êxito meu desenvolvimento pessoal, profissional e emocional, essa conquista só foi possível graças a meu esforço pessoal e aos professores que enxergaram em mim não somente minhas limitações, afinal, elas estavam a amostra para quem quisessem enxergá-las, mas olharam para o meu potencial, que as vezes nem eu conseguia enxergá-lo.

Concluo o meu curso de Pedagogia já inserida em sala de aula como profissional da área, outra grande oportunidade que o IFESP me proporcionou. Tornar-me professora tem sido minha grande realização profissional. Agora é colocar em prática todos os ensinamentos que foram absorvidos durante essa etapa de aprendizagem.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as muitas lições que obtive ao longo da minha trajetória no curso de Pedagogia no IFESP, uma das mais marcantes é a de que nunca é tarde para lutar por aquilo em que acreditamos. Se algo tem significado para nós, vale a pena empenhar-se para alcançá-lo. A idade não é uma barreira para aprender, afinal, somos seres em constante evolução e desenvolvimento, sempre em processo de transformação. Essa perspectiva foi constantemente enfatizada pelos professores ao longo do curso e suas palavras tornaram-se um mantra que me guiou diariamente, possibilitando-me trilhar esse caminho com êxito.

Todas as experiências vivenciadas por mim durante minha trajetória no Instituto Kennedy têm sido de suma importância e me levam a refletir e repensar todos os dias minha prática em sala de aula. O exercício da docência é algo sério e temos que exercê-lo com muita responsabilidade. O professor tem um grande poder em suas mãos. Hoje associo a nossa profissão com a profissão de um médico, a diferença é que um erro médico pode matar uma pessoa, e nós como professores podemos “matar” o estudante um dia após o outro.

Foi com os professores do Kennedy que aprendi que para a criança desenvolver sua aprendizagem é necessário observar vários fatores, e que o professor precisa ter esse olhar atento. Foi com esse olhar que os professores do Kennedy me alcançaram, por isso vou sempre ser grata pela oportunidade que me foi dada na instituição e honrarei essa oportunidade espelhando-me nos profissionais que trilharam comigo essa conquista.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. M. M. **Percursos Linguísticos**. Vitória (ES), v. 3. n. 1, p. 171-182, 2011 (edição especial).

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Presidência da República, Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em: 09 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016**. Presidência da República, Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-homem/publicacoes/lei-no-13-257-de-8-de-marco-de-2016.pdf/view>. Acesso em: 13 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 26 mai. 2023.

Conceito de Infância – UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 13 jul. 2023.
Direito Garantido: Detalhes sobre direito à creche. Disponível em: https://www.tst.jus.br/radio-destaques/-/asset_publisher/2bsB/content/direito-garantido-detahes-sobre-direito-a-creche. Acesso em: 09 jul. 2023.

FERRARI, Márcio. Henri Wallon: o educador integral. **Revista Nova Escola**, Edição especial, jul. 2008.

FREINET, C. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam/Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

ORTIZ, Gisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau. **Interações**: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação. Coleção interações. Blucher. São Paulo: 2012.

PASSEGGI, M da C. **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório**. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy**. Natal/RN, 2019.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**. São Paulo, v. 67, n. 4, p. 59-63, nov. 1988.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Um pouco de história da docência no Brasil – a Escola Normal. Disponível em: <https://cfvila.com.br/blog/2019/09/20/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-a-escola-normal/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Havana: Educação, 1984.

Capítulo IV: Experiências Vividas e Sentidas de Glenda Gomes

Glenda Gomes da Silva

1 INTRODUÇÃO

*Ajude-me a crescer, mas deixe-me ser eu
mesma.*

Maria Montessori

O trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia é a escrita de um Memorial de Formação, cujo título “Experiências Vividas e Sentidas de Glenda Gomes”, tem o objetivo de narrar de minha trajetória pessoal, profissional, escolar e acadêmica. Ao trazer à tona minhas memórias me vem recordações que espero jamais apagar da minha mente, pois considero de grande importância para meu crescimento como ser humano e profissional.

Neste Memorial, posso narrar experiências vividas nas etapas da minha vida, e poderei também, através da minha escrita, expor minhas aprendizagens durante algumas fases escolares, até chegar ao curso de Pedagogia, que tanto sonhei em um dia cursar e que me possibilitou uma grande ampliação de conhecimentos que levarei para a vida toda.

O Memorial de Formação é um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. “O Memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória”. (Arcoverde; Arcoverde, 2007, p. 2).

Alguns autores que estudei durante o curso me inspiraram, os quais trarei para respaldar a escrita desse trabalho como, por exemplo, Paulo Freire (1921-1997) Vygotsky (1896-1934); Piaget (1893-1980); Wallon (1879-1962); Montessori (1870-1952); e Skinner (1904-1990).

O trabalho está organizado em seis seções: na primeira apresento a introdução; na segunda seção, faço o relato da minha infância: recordações de momentos maravilhosos. Na terceira seção, narro sobre a minha adolescência, adolescência:

aprendizagens, sucessos e desafios para aprender. Na quarta, descrevo acerca da minha trajetória profissional, minha vida profissional e diversidade de vivências: experiências vividas e sentidas. Na quinta, minhas narrativas dizem respeito às vivências no curso superior; o curso superior e um sonho que era distante: aprendizagens acadêmicas. E na última, apresento as considerações finais. Algumas seções estão organizadas em subseções, na sequência, explico as referências, um anexo (A) e apêndices (A, B e C) que representam momentos significativos da minha vida.

2 MINHA INFÂNCIA: RECORDAÇÕES DE MOMENTOS MARAVILHOSOS

*Lembrar da minha infância me traz cheiros, um ar
diferente e um aconchego no coração.
Denise Campos*

Meu nome é Glenda Gomes da Silva, sou uma pessoa determinada, honesta, família, tímida, e de muita fé. Nasci na cidade de Assu, um interior do estado do Rio Grande do Norte, que fica a 213 km da nossa capital, Natal. A cidade tem 165 anos de emancipação política. Sua população no censo demográfico de 2018 foi de 57.644 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo então a oitava cidade mais populosa do estado e a primeira de sua microrregião.

Morei até os vinte e dois anos de idade nessa cidade, onde passei minha infância e adolescência cercada de amor e muita felicidade. Sou filha de Geraldo Gomes da Silva, que tinha duas profissões - pedreiro e barbeiro, e de Maria do Socorro Gomes, que era dona de casa, ambos estão hoje aposentados.

Minha infância só me traz boas recordações, vivi momentos maravilhosos, pois sou de um tempo em que poucos pensavam em maldades no ambiente em que viviam. Busco novamente memórias da minha infância, com um olhar maravilhado por este momento. Esse rememorar só me traz boas recordações, pois participava de um universo de brincadeiras, já enunciadas.

Nas minhas recordações, tenho em mente que mesmo sem ter frequentado a escola tão cedo, no meu cotidiano já estudava, pelo fato de minha mãe ter sido professora, pois mesmo tendo cursado somente o Primário, hoje Ensino Fundamental (Anos Iniciais), nos incentivava muito a estudar e até criava situações dentro do nosso lar

cooperando com nossa aprendizagem. Lembro que brincávamos muito de escolinha na sala da nossa casa e até debaixo das árvores estudando de uma maneira bem lúdica, numa vida arrodada de crianças, da nossa família e da vizinhança. A brincadeira, portanto, é, de acordo com Federici et al. (2012, p. 267), “uma linguagem não verbal como forma de expressão, na qual a realidade é percebida pelos sentidos, não necessitando de explicação lógica para existir.”

Para Vygotsky (1991), mediante as brincadeiras, a criança opera com significados desarticulados do mundo dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados; entretanto, uma contradição muito interessante surge, uma vez que, na brincadeira, ela inclui também ações reais e objetos reais.

Neste relembrar, percebo a realidade de outra forma, compreendendo as brincadeiras e os jogos como estratégias didático-pedagógicas para lecionar em articulação com concepções teóricas estudadas no curso de Pedagogia.

Assim, eu, meus familiares e amigos, passávamos o dia brincando, quando não era em nossa casa, era na rua ou mesmo no nosso quintal, e nossas brincadeiras eram sempre muito saudáveis como: pular corda, passar o anel, esconde-esconde, brincadeiras de roda, futebol, voleibol, bonecas, brincar de cozinhar, casa de jardim, escolinha, amarelinha e isso quando não estava na escola. Como sinaliza Ribeiro (2013):

O lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância. (Ribeiro, 2013, p.1)

Comecei a estudar no ano de 1979. No interior onde eu morava ainda não havia Jardim de Infância¹ oferecido pela rede pública, então fui logo para 1ª série, do primeiro grau, na Escola Instituto Padre Ibiapina, em Assu/RN; inclusive só saí de lá quando conclui o 2º grau, que atualmente é chamado de Ensino Médio e, em seguida, terminei o curso de Magistério. Durante os anos iniciais eu era criança tímida e como todas, era cheia de sonhos.

¹ A ideia de “jardim de infância” é atribuída ao alemão Friedrich Froebel, influenciado pelas teorias de Johann Pestalozzi, fundador dos primeiros ensaios no atendimento infantil institucionalizado. Froebel fundou o primeiro ¹jardim de infância em 1873, propondo que seria um lugar onde as crianças estariam livres para aprender sobre si e sobre o mundo, com manuseio de objetos e participação em atividades lúdicas.

A primeira impressão que tive na escola foi bem positiva, pois esperava ansiosamente por àquele momento. Lembro nitidamente do rosto da minha primeira professora, ela se chamava Darci, de estatura alta, olhos pretos e cabelos nos ombros, cacheados, e eu tinha admiração e muito respeito por ela, devido ser atenciosa com as crianças e muito carismática. Eu estudava numa sala enorme com janelas largas e era bem ventilada. Tínhamos que subir escadas com bastantes degraus para chegar até a sala. Sempre tinha muitos estudantes, o que fazia com que o ambiente ficasse muito divertido e cheio de energia, mas acima de tudo me sentia rodeada de muito afeto.

Oliveira (2013) ajuda-nos a refletir sobre esses momentos quando diz que,

“O afeto inclui expressividade, a interiorização de certos estados emocionais socialmente elaborados em uma cultura. Contudo, em qualquer atividade humana, afeto e cognição são inseparáveis. Embora presentes em proporções variáveis, permitem ao indivíduo construir noções sobre objetos, pessoas e situações, conferindo-lhes atributos e valores. (Oliveira, 2013, p. 136)

A escola era conveniada com a Paróquia São João Batista e tinha como gestor um padre que se chamava Francisco Canindé dos Santos, que fazia do ambiente um local de respeito e de muita organização. Naquela época, todas às quintas-feiras, antes de começar a aula, cantávamos o Hino Nacional, todos em filas e para mim era inesquecível e gratificante, sentia-me gente grande naquele momento, porque isso me dava uma sensação de responsabilidade, perante as questões da pátria.

Não consigo tirar da minha mente a hora do recreio, pois adorava saborear a merenda. Até hoje me dá água na boca quando me lembro da sopa de soja, do cuscuz com carne de charque e do macarrão com sardinha que eram uma delícia. Naquela época aprendi a ler através da cartilha do ABC² e nas operações matemáticas era utilizada a tabuada e raciocinávamos contando nos dedos, já que não existiam materiais concretos como o ábaco, o material dourado desenvolvido por Maria Montessori, por exemplo. Nas demais disciplinas, tínhamos que decorar todo o conteúdo trabalhado pelo professor para fazermos as avaliações e trabalhos que eram feitos à mão e datilografados.

O método utilizado na época era tradicional era aquele defendido pelo educador Burrhus Frederic Skinner (1938). De acordo com ele, os comportamentos são obtidos

² Conforme destaca Stamatto (1998), a cartilha (segundo o dicionário Houaiss a palavra cartilha designa um pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os rudimentos para aprender a ler, carta do ABC), manuais escolares empregados na alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil, desde a época colonial.

punindo aqueles não desejados e reforçados ou incentivados, os desejados com um estímulo, repetido até que torne automático. Sendo bem diferente daqueles que atualmente são utilizados na maioria das escolas para possibilitar as aprendizagens dos estudantes.

Na atualidade, outras abordagens e concepções de educação têm sido utilizadas por educadores, cujas ideias modernas têm contribuído com as aprendizagens dos estudantes como, por exemplo, Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999). Essas autoras, segundo Picolli; Camini (2013) se embasaram na teoria piagetiana – de que todo conhecimento possui uma origem – e, apoiadas no método clínico de Piaget, observaram crianças e seu funcionamento no tocante ao sistema de escrita. Elas tinham por objetivo compreender como as crianças internalizam a cultura escrita, elaborando a obra intitulada “Psicogênese da Língua Escrita”, introduzida no Brasil por volta dos anos 1980.

Jean Piaget (1975) destaca que as crianças possuem um papel ativo na construção do seu conhecimento, de modo que o termo construtivismo ganha destaque em seu trabalho. Importantes contribuições para a educação também nos deu o psicólogo russo Lev S. Vygotsky (1836-1934) e sua teoria histórico-cultural. Vygotsky apresenta como conceito-chave a mediação e a mediatização. Para ele toda relação do sujeito com o mundo é realizada por meio de símbolos, signos e instrumentos, como, por exemplo, as ferramentas agrícolas (mediadores) e as atividades de estudo, que trazem consigo conceitos consolidados da cultura a qual pertence o sujeito.

Esses símbolos, signos e instrumentos são disponibilizados por pessoas, como por exemplo, o professor quando ensina, sendo esses os mediatizadores, conforme Vygotsky (2005). Para ele, a fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelos objetos, as expressões emocionais e outro tipo de fala social. Essas, por exemplo, são atividades psíquicas, práticas e valorativas que as pessoas se utilizam para estabelecer relações com o mundo dos objetos.

Desde os primórdios, os símbolos têm sido utilizados para melhorar a comunicação de crianças e adolescentes e adultos com dificuldades físicas e/ou de aprendizagens, através de livros e de quadros de comunicação.

À medida que escrevia o Memorial, esses autores se evidenciavam em minha mente, pois percebia que agora eu conseguia olhar para a realidade vivida com outro olhar, ou seja, meu olhar agora estava impregnado de concepções que antes de adentrar ao curso de Pedagogia, não existiam.

Outra concepção de alfabetização que estudei durante o curso de Pedagogia, além das ideias de Ferreiro e Teberosky (1999) foi a de Paulo Freire (1921- 1997). Embora não tenha sido utilizada por Freire para ensinar crianças, ele foi um educador brasileiro, criador de uma concepção inovadora para alfabetização de adultos. Mas, sendo possível redimensioná-la para outras idades.

Ao mesmo tempo em que alfabetizava em tempo recorde, trazia um exercício da cidadania por meio de debates, concepção baseada nas experiências de vida das pessoas. Ao invés de buscar a alfabetização por meio das cartilhas e ensinar, por exemplo, “o boi baba” e “vovó viu a uva”, ele trabalhava as chamadas “palavras geradoras” a partir da realidade do sujeito. Freire (1989) dizia que não bastava saber ler “Eva viu a uva”, mas compreender qual a posição que Eva ocupa em seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Ou seja, era necessário que as pessoas fossem letradas, soubessem fazer uso da leitura e da escrita, essas compreendidas como prática social.

Quando os professores me apresentaram as concepções freireanas, novamente me via diante de novos conhecimentos que me permitiam compreender a importância de se considerar o contexto de vida daqueles que somos responsáveis, enquanto educadores, por formar e preparar para a vida. Cada vez mais me encantava com tantos conhecimentos e a forma como os professores do Instituto Kennedy compartilhavam conosco. Corroboro o pensamento de Freire (1979) quando afirma que não se transmite conhecimentos, compartilhamos com o outro, ou seja, possibilitamos vivências com teoria e prática para que este outro crie o motivo para aprender, que tenha sentido para ele.

Na época que eu estudei, a lei que respaldava a educação era a Lei nº 5692/1971. Essa lei modificou a estrutura de ensino do país, o curso primário e o antigo ginásio se tornaram um só curso do 1º Grau. Foi uma lei promulgada no contexto da ditadura civil-militar e que trouxe permanências e mudanças nas concepções de educação que vinham se desenhando no período. Penso que é importante para nós educadores termos o conhecimento das leis, além das concepções teóricas para ensinar, percebi o quão é importante conhecermos as leis e diretrizes que orientam a educação e o ensino.

Com o passar dos anos presenciei muitas vezes o esforço dos meus pais para manter a mim e aos meus irmãos na escola, pois éramos dez filhos. Vale salientar que a minha mãe era uma grande incentivadora de todos nós na escola, porém, nem sempre

tínhamos materiais completos para estudar e muitas vezes contamos com a ajuda de tios, como o tio materno, chamado Durval. Dentre outros tios, era ele quem mais se interessava em nos amparar, apesar de não morar na mesma cidade, mas estava sempre presente se preocupando com o nosso futuro e, assim, conseguimos passar por muitas etapas.

No curso primário, não me recordo de ter tido dificuldades nos conteúdos escolares. Porém, no ano de 1983, tive uma surpresa relacionada à disciplina de Matemática: fui reprovada pela primeira e única vez. Isso aconteceu na 5ª série do 1º Grau (nomenclatura utilizada na época e estabelecida pela legislação brasileira), hoje corresponde ao 6º ano do Ensino Fundamental dos anos finais. Foi muito frustrante para mim. Lembro que eu e minha irmã fomos pegar o resultado e saímos da escola ambas arrasadas. Eu não sabia quem chorava mais, se era eu ou ela.

De certa forma, eu era um pouco desinteressada nos estudos, levava muitas coisas na brincadeira, e isso causava preocupação na minha mãe que muitas vezes, tanto ela como meus irmãos, sentavam-se para me ajudar a fazer as atividades de estudo, pois nunca desistiam de mim. Eu acredito que o método tradicional utilizado me prejudicou, pois a escola não trabalhava o suficiente com o lúdico, e isso fazia com que eu perdesse o estímulo de realizar as atividades em alguns momentos.

Hoje, reflito sobre esses acontecimentos, pois nas aulas do curso de Pedagogia, outras abordagens e concepções nos foram apresentadas, dentre elas, o ensino por investigação, que me encantei. Portanto, acredito que se essa abordagem fosse utilizada em sala de aula, eu teria desenvolvido o interesse para aprender. Respaldo-me em Lima, Marques e Carvalho (2019), pois segundo as autoras,

[...] as crianças desenvolvem diversas habilidades como a elaboração de hipóteses, a autonomia, a tomada de decisão, a argumentação, a cooperatividade, a criatividade, a investigação, entre outras, tornando-se protagonista da construção do seu processo cognoscitivo, levando-o a aprender a aprender, isto é, a metacognição. Nesse sentido, a educação científica tem se mostrado como uma importante aliada para a promoção da formação integral dos sujeitos. (Lima; Marques; Carvalho, 2019, p. 16029)

Assim, foi através do curso eu pude aprender que a criança tem de ser protagonista no processo de sua própria aprendizagem.

Lembro-me do cuidado da minha mãe com nossos materiais escolares e da limpeza do nosso fardamento, quando chovia tínhamos que sair mais cedo porque a

escola inundava e eu e meus irmãos chegávamos em casa completamente molhados, junto com os materiais e pendurávamos no varal para não estragar.

Teve uma passagem que me causa até hoje muitas recordações, mas no dia que aconteceu foi traumático. Porém, hoje vejo como um aprendizado. Foi um episódio relacionado às comemorações da Independência do Brasil, do dia 7 de setembro, quando na nossa escola como quase todas na época, participavam do desfile.

A escola tinha mudado o fardamento, que antes era calça de cor marrom, para a calça jeans, e era obrigatório desfilar, pois contava como pontuação. Mas minha mãe não tinha condições de comprar as calças, nem a minha nem da minha irmã, e assim nos vimos obrigadas a desfilar com a calça marrom, juntamente com os mais de trezentos que usavam calças jeans. Naquele dia choramos muito e ainda ficamos distantes uma da outra.

Depois do desfile fomos para casa e reclamamos inocentemente para a minha mãe; lembro que ela com aquela firmeza e tranquilidade disse-nos que não tinha condições de comprar nossa farda e tínhamos que aceitar a realidade e foi dessa forma que fomos crescendo e aprendendo a viver com o que tínhamos.

Passegi (2008) destaca que haverá momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, repleto de novas concepções de si e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que você leu, o qual pode fundamentar sua argumentação. Escrever sobre o positivo ou negativo numa postura de reflexão e não de redução do que fez parte de sua formação, ou seja, um verdadeiro processo de análise reflexiva. Sou grata por ter estudado numa instituição que me ajudou numa fase importante para o meu crescimento e desenvolvimento profissional.

3 MINHA ADOLESCÊNCIA: APRENDIZAGENS, SONSICES E DESAFIOS PARA APRENDER

*E a gente canta, a gente dança, a gente não se cansa
de ser criança; a gente brinca na nossa velha
infância.
Tribalistas*

Nesta seção, registro minhas recordações de momentos vividos na minha adolescência. Foram tantas aprendizagens, sonsices (pois, aparentemente eu era quieta e

calada, mas sempre aprontava, na escola e em casa) e desafios para aprender dentro e fora da escola. Ao relembrar esses momentos, volto a ser criança.

O que mais me impressionava era a avaliação oral de matemática, quando o professor perguntava a tabuada inteira rapidamente, e até hoje me lembro desses momentos não agradáveis, pois tinha dificuldades.

As salas de aula eram bem numerosas, o quadro enorme, em que passávamos praticamente um turno todo escrevendo e os professores passavam muitos conteúdos e, aparentemente, não existia a preocupação de saber se tínhamos aprendido ou não.

As avaliações não eram processuais e formativas, na maioria das vezes eram longas e para poder dar conta tínhamos que decorar cada palavra, pois se assim não fosse (tinha que ser da forma que eles queriam onde não deixavam passar uma vírgula, e se caso isso acontecesse a nota da prova era diminuída). Ou seja, não consideravam quando respondíamos com nossas próprias palavras. Lembro que escutava de alguns professores que nenhum estudante tirava nota máxima com eles, usavam isso como desafio para nos incentivar; assim, argumentavam.

Na época de adolescente, eu estava numa fase que tinha outros pensamentos e tudo me interessava, menos estudar. Eu não tinha consciência do quanto me prejudicaria no futuro, hoje penso diferente. Eu tinha uma vida cheia de sonhos, não ligava para os estudos, não era importantes para mim.

Porém, relembrando desses momentos atualmente, penso que fazia isso, porque tinha desinteresse, pode ser pelo fato das aulas, que para mim pareciam monótonas.

Dei continuidade aos meus estudos na mesma escola e cursei o Magistério. Recordo da época que eu tinha que escolher entre o curso de Magistério ou o curso Científico, cujo horário era no turno da noite. Então, por incentivo dos familiares e por vocação, acabei escolhendo o Magistério, com o qual logo me identifiquei e passei a ter bom êxito na aprendizagem. Embora, tenham se passado muitos anos, eu me recordo que na época havia carência de professores e isso foi bastante prejudicial.

Na época, eu estudei conteúdos de diversos componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Ciências, Geografia, Psicologia da Educação, Metodologia da Comunicação e Expressão, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Redação e Expressão, Didática Geral, Jogos e Recreação, dentre outros. Em seguida, veio o estágio que foi uma experiência inesquecível e pude aprender por meio da prática. Essa experiência foi valiosa para o meu crescimento como pessoa, pois devido à timidez que

me atrapalhava em alguns momentos, o convívio com aquelas crianças da alfabetização me fez ficar com mais segurança e sem perceber, tanto eu ensinava como aprendia.

Fui uma adolescente que adorava passear, paquerar, escutar músicas, participar das festas da cidade e conhecer novas pessoas. Na cidade do interior em que eu morava, a cidade de Assu, no Rio Grande do Norte, apesar de ser pacata tinha datas que eram muito festivas como: festa do padroeiro São João Batista, e o mês de junho era repleto de eventos, com bandas que iam de todo o país com festival de quadrilhas; tinha muito forró pé-de-serra e a festa é conhecida como patrimônio cultural. Adorava participar das novenas que tinham durante aquele período, e logo após a novena, ia para a praça para fazer amizades e namorar. O “São João” da cidade de Assu, por ser uma festa tradicional, todos os anos chama a atenção das pessoas que moram na cidade e dos visitantes.

Os momentos mais saudosos da adolescência foram aqueles de convívio com meus primos que, em sua maioria, moravam próximo da minha casa. Tínhamos uma convivência saudável, nos encontrávamos para jogar vôlei, ir para festas da cidade, assistir filmes de terror e usufruir das belezas da natureza que existiam nos arredores das nossas casas. Nas férias, íamos para o sítio dos meus avós paternos que era próximo à cidade. Era muito divertido, íamos tomar banho de rio e à noite ficávamos vendo as estrelas e esperando os vagalumes aparecerem para admirarmos.

Lembro que naquela época na cidade tinha carência de água e por muitas vezes íamos para o rio de carroça lavar as roupas da nossa casa. Buscávamos água nos locais públicos que era oferecida gratuitamente para a população, e quando chovia era aquela felicidade, pois além de ser um lazer maravilhoso usávamos aquele momento para deixar os baldes abastecidos pensando numa possível falta de água.

Hoje, na minha vida adulta, corro atrás dos meus objetivos e neles encaixo os estudos como um dos principais, pois vejo o quanto o conhecimento é importante para vida toda. Pois, sou uma pessoa diferente, principalmente pelo fato de estar cursando Pedagogia. Curso este que está contribuindo imensamente para eu saber olhar o mundo de outra forma e de compreender a realidade.

4 MINHA VIDA PROFISSIONAL E DIVERSIDADE DE VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E SENTIDAS

*Experiências de outrora quando rememoradas
são novamente sentidas.*

Autor desconhecido.

As minhas narrativas nesta seção dizem respeito a minha vida profissional e a diversidade de experiências vivenciadas, as quais me trouxeram conhecimentos que me fizeram olhar para a realidade de outra maneira. Ou seja, com o olhar de educadora.

Naquela época, na década de 1990, não havia muita exigência para exercer a profissão de professora e eu fui chamada para ministrar aula no lugar da professora da sala que fiz estágio, pois ela havia viajado para participar de um congresso na área da educação e passei um mês com aquela turma de alfabetização. Foi gratificante para meu processo de aprendizagem, lembro que me sentia livre para direcionar aquela turma e coloquei em prática alguns conhecimentos que havia internalizado no curso de Magistério.

Não demorou muito para eu receber outro convite para substituir outra professora, próximo de onde eu morava, em um período de três meses e foi algo transformador nas minhas ações e pensamentos acerca da sala de aula. Na época, existiam poucos transportes e íamos trabalhar nas caminhonetes lotadas e muitas vezes de carona. Aqueles estudantes me fizeram refletir bastante, pois era um ambiente onde tinham muitas crianças carentes, e eu observava que muitos frequentavam as aulas para adquirir a merenda que era ofertada pela escola.

Depois dessa experiência profissional, por questões de necessidade, fui trabalhar em outras áreas. Meu primeiro emprego foi em uma padaria, na função de balconista e me recordo que trabalhava distante da minha casa e ia pedalando em uma bicicleta e todos os dias acordava de madrugada para cumprir os horários e era exaustivo. Porém, me sentia realizada na época, por ter o meu salário mensal que, apesar de ser mínimo, dava para ajudar em casa e até para o meu lazer.

Sobre esse aspecto, Ramalho, Núñez e Gauthier (2003)³ destacam que para profissionalização docente (profissionalidade e profissionalismo) é necessário investimento, de modo que a valorização profissional possa ser reconhecida pela sociedade. Com tempo foi aparecendo outras oportunidades como na área de comércio e lojas de importados, onde me trouxe muitos conhecimentos e maturidade.

No ano de 1994, me mudei para capital, Natal/RN, em busca de experiências novas, e passei a trabalhar numa farmácia. Para mim, tudo era novo, pois tinha saído de uma cidade pacata e estava num lugar onde praticamente cada um era por si e não nego, me assustava aquela experiência, mas aos poucos fui amadurecendo e conhecendo pessoas que até hoje tenho contato.

No ano de 1997 me mudei para Estado do Rio de Janeiro, pois casei e tive uma filha, passei a trabalhar na área de esportes, numa academia de artes marciais exercendo várias funções. Lembro que ficava maravilhada estar naquele ambiente, por ser cheio de crianças me fazendo me sentir amada. Desenvolvi nesse lugar diferentes habilidades motoras (aquelas destinadas à realização de movimentos corporais específicos para a materialização de certas atividades); cognitivas (aquelas que são do plano mental e que se materializa por meio das cognitivo-linguísticas como, por exemplo, a atenção, a observação, a percepção e a concentração); e cognitivo-linguísticas (aquelas efetivadas no plano material como, por exemplo, ler e escrever um texto).

As atividades que realizei naquele espaço me mostraram que as artes marciais cooperam de maneira significativa para o desenvolvimento humano como: fortalecendo o coração, aumentando a resistência física, ajudando na coordenação motora, favorecendo a percepção, raciocínio e atenção, aliviando o estresse e além dos mais era um esporte que ajudava a socialização do sujeito e a ter respeito ao próximo. Vivências que me ajudaram a perder um pouco da timidez, pois convivia diariamente com diversas pessoas e foram oito anos de experiências incríveis.

Em 2007, voltei para meu Estado, o Rio Grande do Norte, onde passei a ter outras experiências profissionais, como por exemplo, na área jurídica, onde trabalhei em uma empresa terceirizada para o Estado em um setor de ajuizamento no juizado civil. Foram

³ De acordo com esses autores a profissionalização docente se estrutura em dois pilares: a profissionalidade (competência técnica para ensinar) e profissionalismo (status de ser professor; condições físicas e salariais para trabalhar).

cinco anos de muitos conhecimentos e experiências, aprendi muito sobre a área do Direito como, por exemplo, trabalhando na recepção e triagem para orientar as pessoas que iam abrir processos, aprendi a ter mais empatia e a escutar mais o outro, pois a maioria das pessoas que procurava os serviços já se encontrava irritadas por causa das questões de ordem jurídica.

Com a experiência vivenciada no dia a dia naquele lugar, pude também enriquecer minha oratória e saber quais os direitos que o consumidor tem diante de situações diversas como, por exemplo, o DECRETO Nº 4.680, de 24 de abril de 2003 que regulamenta o direito à informação, assegurado pela Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, quanto aos alimentos e ingredientes alimentares destinados ao consumo humano ou animal que contenham ou sejam produzidos a partir de organismos geneticamente modificados, sem prejuízo do cumprimento das demais normas aplicáveis. E, ainda, quando tinha tempo disponível trabalhava na área de estética, realizando depilação, cuja atividade que até hoje exerço para ajudar no meu orçamento.

Com o tempo, continuei atuando nessa área de estética, ficava mais em casa e passei a me dedicar mais à família. Nessa época, nasceu minha segunda filha, Vitória, atualmente com oito anos de idade. Comecei a sentir algo vazio dentro do meu coração e me despertou a vontade de voltar a estudar.

5 O CURSO SUPERIOR E UM SONHO QUE ERA DISTANTE: APRENDIZAGENS ACADÊMICAS

*Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é
alguém que acredite que ele possa ser
realizado.*

Roberto Shinyashiki

Nesta seção, tenho o objetivo de apresentar o meu percurso no curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, situado em Natal, no Rio Grande do Norte.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (2019), o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, tem uma importante participação na história do Estado do Rio Grande do Norte. Desde 1994, formando educadores que, em

sua maioria, exercem sua profissão como docentes, ou em cargos de coordenação e direção em escolas públicas estaduais e municipais.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) tem sua história ligada à fundação da Escola Normal de Natal, ocorrida no ano de 1908. Por diversos anos, agiu na formação de professores em nível médio

O IFESP tem um perfil inovador e uma equipe de profissionais em educação (professores formadores) qualificada e experiente, que lecionavam anteriormente na Educação Básica. Esses profissionais realizam um trabalho reconhecido na área de Formação e Profissionalização docente.

Ingressei do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy em 2019, no intuito de realizar um sonho de adquirir o curso superior e trabalhar na área da Educação. Por incentivo de minha irmã, Glaudênia, fiz a inscrição no processo seletivo e aguardei ansiosa para o dia da prova. Eu estava apreensiva, pois fazia 25 anos que não estudava e minha expectativa era imensa. Com o passar dos dias, me submeti a uma redação, e não demorou, saiu o resultado, que foi umas das melhores surpresas da minha vida, pois tinha sido aprovada.

A emoção tomou conta de mim, na minha mente veio planos para o futuro, já que na época estava sem trabalhar, me dedicando à família, e me sentia incompleta por estar ali seguindo aquela rotina de trabalhos domésticos que parecia não ter fim.

Nos primeiros meses tudo foi desafiante e cada aula era uma vitória conquistada e a maioria dos professores e colegas me incentivavam bastante a vencer etapas e medos. A cada dia que passava, eu me tornava uma pessoa diferente, pois através das aulas e das vivências daquele ambiente passei a ter conhecimentos e confiança de quanto era capaz de vencer minhas limitações, e esses conhecimentos estão me ajudando tanto na vida familiar como em outras áreas da minha vida.

5.1 APRENDIZAGENS ACADÊMICAS: OS COMPONENTES CURRICULARES QUE ME INCENTIVARAM

O componente curricular Metodologia do Trabalho Científico (MTC), ministrado pela Professora Maria das Neves de Medeiros, foi um dos componentes curriculares que contribuiu bastante para o meu avanço como iniciante no curso de Pedagogia. Passei a ter

alguns conhecimentos a respeito de como se faz investigação no ambiente escolar, como eu posso, como professora, ter o olhar de pesquisadora da minha prática.

Como estudante de Pedagogia, percebi que é essencial aprender sobre esses objetos de conhecimento, pois me ajudou na elaboração dos meus trabalhos no percurso do curso, uma vez que permitiu o desenvolvimento da autonomia e da criticidade. Além disso, pude perceber que estava tendo a oportunidade de ter cotidianamente, a aprendizagem significativa, a respeito dos tipos de conhecimentos: científico, teológico, epistemológico, filosófico e de senso comum. Pois, ao estabelecer relação com o que antes sabia, pude incluir na minha estrutura mental novos conhecimentos, mediante análise que realizei e, assim, elaborar uma síntese para novamente elaborar uma teoria.

Segundo Ausubel (1983), em sua obra “Teoria da Aprendizagem Significativa”, as aprendizagens dos sujeitos, independentemente de sua idade, estão sujeitas a sua estrutura cognitiva anterior, que está relacionada com as novas informações. Sendo essa estrutura, as representações mentais (conjunto de ideias e conceitos) que a pessoa constrói sobre uma parcela da realidade, pois remete a uma construção pessoal e, portanto, não é real.

Ausubel (1983) destaca ainda que o fator mais importante que influencia na aprendizagem é o que o estudante já conhece, assim ele continua afirmando que quando o professor descobre o que ele sabe, conseqüentemente, deve ensiná-lo.

Nesse componente curricular, aprendemos sobre como escrever um Memorial de Formação, pois é este gênero acadêmico que consolidará a nossa formação no curso de Pedagogia.

No início, a professora compartilhou o conceito de Memorial, nos orientando passo a passo de como fazer, e nos deu orientações da importância de usarmos uma forma crítica e reflexiva ao contar a nossa história, principalmente, a profissional. A Professora Maria das Neves foi umas das primeiras a me ajudar na elaboração da escrita do Memorial, com orientações valiosas, foi quando me senti mais segura e direcionada a começar a pensar em algo que para mim era desafiante: falar sobre minha vida.

Em Pesquisa e Prática Pedagógica I (PPP-I), ministrada pela professora Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral, vi o quanto é importante a pesquisa como instrumento pedagógico numa escola, de modo que percebi que orienta as ações para auxiliar nas aprendizagens dos estudantes. Ou seja, nos permite desenvolver o olhar de professor pesquisador da nossa prática.

Passei a ter conhecimentos de como elaborar resenhas, e da importância do planejamento na vida do professor e do estudante quando identificamos dificuldades desses em relação às suas aprendizagens, cujo professor como mediatizador precisa pesquisar conteúdos e metodologias atualizadas para provocar o estudante, de maneira que o conduza a reflexões.

O professor Eduardo Antônio Gurgel Cavalcante ministrou o componente curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil II, nele estudamos sobre o surgimento da educação no Brasil, os autores que tiveram ideias para o ensino sobre crianças como, por exemplo, Jean Jacques Rousseau (1712-1778), Johann H. Pestalozzi (1746-1827), Friedrich Froebel (1782- 1852), Sigmund Freud (1856-1939), Maria Montessori (1870-1952), Henri Wallon (1879- 1962), entre outros, os rumos da educação, atrelados as transformações sociais.

Com essas aprendizagens, pude refletir sobre a prática do professor e que ele precisa respeitar o tempo, espaço e o ritmo de cada estudante, oferecendo-lhe atividades flexíveis para que o estudante avance em suas aprendizagens, ou seja, respeitar seus conhecimentos prévios, seu contexto de vida, suas experiências e vivências, de modo a estar sempre olhando o seu planejamento, compreendendo que no decorrer das aulas pode passar por modificações, respeitando-se, é lógico, os objetivos de aprendizagem que eles precisam alcançar.

Estudamos sobre os três princípios que regem a Educação Infantil e a Educação Básica: ético, político e estético, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento de grande importância, elaborado no ano 1998, pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC), cujo objetivo é o de orientar o professor com as diretrizes estabelecidas para o ensino-aprendizagem de crianças; sobre a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) para a Educação Infantil e suas principais diretrizes, a qual estabelece seis direitos de aprendizagens para as crianças, que são: brincar, participar, explorar, expressar, conviver e conhecer-se e os campos de experiência na Educação Infantil (O eu, o outro e o nós; corpos gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços tempos, quantidades, relações e transformações, além das três dimensões da Educação Infantil: brincar, educar e cuidar. Após esses estudos, já percebo esta realidade de outra maneira, com conhecimento da teoria e da prática para trabalhar nessa modalidade de ensino.

O componente curricular Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil I, ministrado pela Professora Claudete da Silva Ferreira, que mesmo durante a Pandemia, ocasionada pelo COVID-19, que nos “obrigou” a incluir no nosso cotidiano acadêmico a aulas remotas, que na nossa instituição ocorreram nos formatos síncronos e assíncronos, foram bastante interessantes, pois passei a ter mais conhecimentos no uso das tecnologias digitais, conhecimentos sobre a história das creches e a organizar espaços para a Educação Infantil, e conheci os principais teóricos da Educação Infantil.

Um objeto de conhecimento que me chamou bastante atenção foi sobre as influências pedagógicas na Educação Infantil, em que conhecemos os pensamentos de autores que ajudaram na Educação como Rousseau, Maria Montessori (1870-1952), Jean Piaget (1896-1980), Vygotsky (1896-1934), Freinet (1896-1966), entre outros. Esse componente curricular contribuiu bastante para as minhas aprendizagens, pois me possibilitou conhecimentos para que eu tivesse uma compreensão em relação a como se constituiu a história da Educação Infantil tanto cultural, social e política.

A Professora Rozicleide Bezerra de Carvalho lecionou para nós Psicologia da Educação I, colaborou bastante para meu processo de ensino-aprendizagem, onde passei a refletir sobre os comportamentos emocionais que possam ser trabalhados nas aprendizagens dos estudantes, levando-me a refletir sobre o quanto é essencial que o professor tenha conhecimentos nessa área, pois ele irá lidar com situações diversas no ambiente escolar.

Com as experiências vivenciadas, pude conhecer as ideias de alguns autores, que contribuíram com educação até atualmente como, por exemplo, Vygotsky (1896-1934), elaborador da Teoria Histórico-Cultural, ele defendia que as aprendizagens ocorrem em interação com o meio, e ela se dá do plano social para o plano individual.

Ela nos apresentou Wallon (1971) como o primeiro a levar as emoções para a sala de aula, para ele, o espelho aparece como o “elemento mediador, fazendo a intercessão entre a imagem corporal parcial e fragmentada do início da vida da criança; Piaget (1975), que defende que a criança possui um papel ativo na construção do seu conhecimento; Montessori (1965) acreditava que nem a educação nem a vida deveriam se limitar às questões materiais. Para a autora, é por meio da relação dialógica que se inicia o ato de ensinar e de aprender ativamente, de modo colaborativo e de (re)elaboração própria, em que há o envolvimento e motivação para (re)conhecer interpretações diferentes, fazer inferências, enquanto sujeitos de conhecimento, cujas

atitudes refletem na história singular e plural reconstruída pelas experiências dialógica e de interdependência.

Com a professora Rozicleide Bezerra de Carvalho (Profa. Rozi), passei a ter noções de como elaborar um plano de aula como, por exemplo, uma unidade didática disciplinar e interdisciplinar, e a identificar objetos de conhecimento na natureza, utilizando-me de conhecimentos científicos. Recordo-me que sempre tive dificuldades de expor minhas opiniões na sala de aula, mas a maneira dela ensinar me encorajou em alguns momentos falar diante dos professores e colegas, pois a todo tempo vivenciávamos em sua teoria e prática como uma unidade inseparável, a qual ajudava bastante na nossa compreensão e, assim, nos dava condições de falar com compreensão sem medos.

As aulas ministradas pela professora Maria Tereza Penha de Araújo Silva, cujo componente curricular denominava-se de Noções de Libras I e II, foram muito importantes para meu processo de aprendizagens, tive conhecimentos sobre a pessoa com surdez e o deficiente auditivo, pois são deficiências diferentes, sobre a cultura, identidade e comunidade surda. Através das aulas, vi o quanto no passado os surdos eram ignorados pela sociedade, sendo considerados como incapazes de aprender, pois a sociedade de antigamente os tratava como inúteis e proibidos de casar-se e até receber suas heranças.

Pude compreender a importância da Língua Brasileira de Sinais para os sujeitos surdos e para as pessoas que convivem com eles. Fiz uma reflexão e vi que apesar dos avanços, percebi que o ensino para surdos e deficientes auditivos em nosso país ainda é insuficiente, pois a carência de profissionais que atuam nessa área e os sujeitos que apresentam essa deficiência não são assistidos como deveriam, ou seja, de acordo com a legislação brasileira.

A Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, completou 21 anos. Com uma população de mais de 10 milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a lei proporcionou maior evidência para a comunidade surda.

Desde 2005, a Libras é obrigatória para os cursos de Licenciatura. A comunicação não pode ser obstáculo expressivo no desenvolvimento da pessoa surda, portanto, é imprescindível ter mais pessoas com formação e com domínio da Língua Brasileira de Sinais, de modo que possamos garantir junto aos governantes os direitos desses

cidadãos, enfatiza a Secretária Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (SNDPD/MMFDH), Priscilla Gaspar (2021) que, atualmente, não está mais neste cargo.

Compreendo como uma futura profissional da educação, em particular, de Pedagogia, a necessidade de termos conhecimentos de Libras, é essencial no setor pedagógico. Para que a educação passe por mudanças, é preciso o investimento em mais políticas públicas voltadas ao ensino de Libras, tanto para os surdos, deficientes auditivos, como para seus familiares.

O Componente Curricular Corporeidade da Educação, ministrado pela professora Tereza Cristina Bernardo Câmara, me trouxe muitas reflexões para a prática em Pedagogia, através das aulas percebi que no ensino pode ser contemplada as noções corporais em uma esfera psicológica, social e moral. Apesar de ter sido na Pandemia com aulas síncronas e assíncronas, a professora conseguiu proporcionar momentos que me trouxeram muitos conhecimentos como, por exemplo, técnicas de autoconhecimento, em que podemos investigar a nós mesmos, aprendendo a reconhecer atitudes ou procedimentos que nos prejudicam fisicamente e psicologicamente, afetando nosso bem-estar.

Nestas aulas, pude aprimorar conhecimentos que tive no curso, em algumas aulas anteriores sobre as diferenças de algumas terminologias que faziam confusão como, por exemplo, entre **multidisciplinaridade** (o professor é polivalente e trabalha nos anos iniciais e ensino fundamental, em que trabalha múltiplas disciplinas, porém estabelece relações entre elas e dá uma de cada vez ; **disciplinaridade** (a escola lança um projeto e é combinado de que forma é para trabalhar, porém, cada um com sua disciplina; e **transdisciplinaridade** (representa um nível de integração disciplinar que vai além da interdisciplinaridade, pois ela busca os conhecimentos além das disciplinas, estuda a vida, respeita a cultura de cada sujeito, trabalha as disciplinas todas ao mesmo tempo, respeita as crenças, religiosidade, espiritualidade, costumes, sentimentos, tradições, valores e ver o sujeito como uma totalidade de integração nas ciências. (Zabala, 1998)

E além do mais, a professora proporcionava momentos de vivências através de exercícios de relaxamento, pelo qual cooperava de maneira gratificante para ficarmos mais leves diante de tantos desafios que estávamos enfrentando em um contexto tão sombrio – a pandemia do COVID-19, que estava mexendo com as nossas vidas, tanto física como psicologicamente.

O componente Curricular Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, ministrado pela professora Denise Caballero da Silva, cooperou bastante com as minhas aprendizagens, nele estudamos o significado de desenvolvimento humano nos aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social desde nascimento à vida adulta. Fatores que influenciam o desenvolvimento humano. Para Vygotsky (2005), o desenvolvimento humano consiste em o sujeito ter a capacidade de mobilizar seus conhecimentos para resolver situações no contexto real, ou seja, como destaca o autor, este desenvolvimento acontece quando esse sujeito consegue dar um salto qualitativo em relação às suas aprendizagens.

Nesse componente curricular estudamos concepções de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, entendida como a representação de uma abordagem para a compreensão da criança e do adolescente, através da descrição e exploração das mudanças psicológicas que as crianças sofrem no decorrer do tempo (Rappaport, 1981). Estudamos como eram os estudos da criança nos períodos da humanidade, pois próximo ao século XX, as crianças eram tratadas como pequenos adultos e só recebiam cuidados especiais quando bebês e que a partir de 3 a 4 anos participavam das mesmas atividades do adulto.

Achei muito importante estudar os períodos do desenvolvimento baseado nos estudos de Piaget (1975): período sensório motor que é quando através dos da percepção e dos movimentos a criança conquista todo universo que o cerca; período pré-operatório, período em que ocorre o aparecimento da linguagem para formar modificações nos aspectos intelectuais, afetivos e sociais da criança; período operatório concreto é uma fase em que as crianças são capazes de manipular mentalmente representações internas, mobilizando ideias em memórias para realizar operações mentais; período das operações formais, nesse período, ocorre a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal, abstrato, isto é, o adolescente realiza as operações no plano de ideias sem necessitar de manipulação ou referências concretas.

As aulas abriram muitos caminhos para as minhas aprendizagens como a importância da Psicologia para nosso desenvolvimento. Lembro que tinha poucos conhecimentos em muitos assuntos por ter passado muitos anos sem estudar e a professora foi umas delas que de forma carinhosa e paciente me ajudou a perder o medo para seguir em frente em busca do sonho de concluir o curso de pedagogia.

O componente curricular História da Educação I, ministrado pelo professor Paulo Roberto Lima de Souza me trouxe muitas curiosidades, e devido não ter tido uma base nesse conteúdo, internalizei conhecimentos que outrora ainda não sabia mediante as aulas ministradas por ele. Comecei a entender com mais clareza os fatos históricos ocorridos no passado e vi a importância de conhecer a cultura em diversos tempos.

Achei deveras gratificante um trabalho que foi orientado para nós estudantes, que foi um exercício de escrita já pensando no Memorial de Formação, cujo tema foi “trajetória da minha vida acadêmica”, experiência vivenciada bem no início do curso de Pedagogia. Por meio desse trabalho comecei a me expressar e exercitar para escrita do meu Memorial de Formação, depois de refletir sobre essas vivências percebi o quanto é importante começarmos desde cedo escrever sobre as nossas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

Realizamos um seminário em grupo, o qual compartilhamos com a turma, nosso grupo ficou responsável para falar sobre Comenius (Jan Amos Komensky) e a Educação Moderna.

Jan Amos Komensky (1592-1670) defendia uma educação para a vida cotidiana, com todos os conhecimentos organizados de forma sistemática, e o estabelecimento de um sistema universal de educação, com oportunidades para as mulheres. Ele apoiou a ciência ao mesmo tempo que exaltava a majestade divina. Seu ideal pedagógico era movido pelo preceito ‘ensinar tudo a todos’, o qual resumia os fundamentos e as normas que regem a espécie humana no seu desempenho na esfera terrena, como criador de sua trajetória.

Mediante o seminário passei a ter mais interesse nas pesquisas bibliográficas orientadas pelos professores, a partir de então, me tornei uma defensora da pesquisa e a vejo uma ferramenta de grande importância para as minhas aprendizagens. Passei a conhecer mais sobre as contribuições dos jesuítas para a educação, mostrando que eles foram os primeiros educadores na história do Brasil. Aprendi sobre a educação difusa nas comunidades tribais, onde as crianças aprendem imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais.

Em relação aos Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Matemática I e II ministrado pelo Prof. Me. Robson de Oliveira Santos vi o quanto é necessário estudar e planejar para poder ensinar os estudantes dos anos iniciais. Entendi a importância de o professor ter o domínio de conteúdos, de estratégias didático-

pedagógicas e metodologias de ensino-aprendizagem que possam fazer com que o estudante avance no seu processo de ensino-aprendizagem.

Com as aulas desse professor Robson passei a ver a matemática com outro olhar, pois a maneira lúdica dele ensinar me trouxe conhecimentos valiosos para futuramente compartilhar daqui para diante como docente. No passado como estudante tive muitas dificuldades em aprender a matemática, pois na época que estudei se priorizava o ensino era tradicional⁴, e era muito mecanizado. Mas, a maneira pela qual o professor Robson ensinava me fez ver a matemática de uma maneira mais leve mostrando que podemos aprender bem mais sem pressões.

Todos esses momentos e outros que não evidenciei nesses escritos contribuíram significativamente para as minhas reflexões, percebendo o quanto estava mudando a minha forma de ver como se ensina e como se aprende.

As aulas do Componente Curricular Alfabetização e Letramento I ministrado pela professora Suely Rocha Haussler Rodrigues Ferreira foram bem gratificantes, foram conteúdos que me marcaram, mas foi Alfabetização e Letramento que mais me marcaram, pois através das aulas com a professora pude compreender as diferenças de alfabetizar (processo de ler e escrever a língua – decodificação linguística) para letrar (aprendizagens em tudo que há na sociedade, ou seja, o uso social da leitura e da escrita). Magda Soares (2010) defende que a aprendizagem da codificação da escrita é a alfabetização, e o impacto de seu efetivo uso em práticas sociais, é o letramento.

Segundo Soares,

a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada mas não é letrada. (Soares, 2010, p. 36)

Pude refletir nas aulas o quanto é importante incentivar a criança no processo de alfabetização e letramento, oferecendo elementos relevantes para a construção da linguagem, contribuindo para a visão de mundo mais abrangente e com significados. Vivemos numa sociedade cheia de regras e imposições no campo da aquisição da linguagem, com uma cultura que nos exige uma apropriação do letramento

⁴ Ensino baseado no conteudismo, os estudantes não eram o centro das aprendizagens, o centro era o ensino e professor – era a educação bancária.

para a nossa formação pessoal e profissional. Diante disso, para minimizar essa realidade, enquanto sujeitos transformadores, devemos adotar práticas que atendam e despertem o gosto pela leitura e escrita nas diferentes áreas de conhecimento.

Os conhecimentos que tive acesso por meio dos componentes curriculares ministrados pelos professores contribuíram e contribuirão significativamente com a minha vida pessoal e profissional, o primeiro, pelo fato de poder acompanhar as aprendizagens da minha filha, o segundo, porque os mobilizarei para a minha sala de aula, fazendo parte da minha prática docente, de modo que ensinarei com consciência, sabendo utilizar tais conhecimentos para ensinar aos estudantes.

5.2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS: TEORIA E PRÁTICA EM DIÁLOGO

Os estágios supervisionados que são constitutivos da estrutura curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Kennedy, foram de grande importância para minha formação. Como estudante, pude compreender como é necessário convivermos, experimentarmos, formarmos e desenvolvermos habilidades para a docência, e como se dá o conhecimento dentro de cada fase da criança. Percebi durante essas experiências vividas que posso ir mais além do que imaginava.

No Estágio Supervisionado I, tivemos como professores orientadores Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral e Robson de Oliveira Santos, sendo iniciado no dia 04 de outubro de 2021, no Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI Mônica Alves do Amaral, situado na Rua Aveloz S/N, em Parnamirim RN, este atende a um público diversificado, e possui espaço e uma estrutura física adequada para receber as necessidades educativas das crianças.

Naquele momento o mundo estava tentando sair da Pandemia da COVID-19, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, no ano de 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. De acordo com essa instituição, tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Passados os momentos de grande preocupação, algumas escolas estavam voltando a funcionar de forma presencial, sob orientação das instituições governamentais, instruídas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), embora, ainda

existisse o risco de transmissão do vírus. O CMEI, no qual eu estava estagiando trabalhou de forma escalonada, devido as normas de segurança orientadas pelos governos municipal, estadual e federal por causa do surto pandêmico, as crianças eram divididas por grupos para que a sala não ficasse tão cheia, havia o cuidado com a higiene e com o distanciamento.

Ao observar as metodologias utilizadas pela professora Maria dos Anjos, e a forma como trabalhava naquele espaço escolar, vivenciava envolvimento de todos e muita ludicidade, vi que a maioria das crianças aprenda brincando, eram compreendidas como protagonistas.

Vivenciei experiências que jamais irei esquecer, a cada dia era um desafio, estávamos vivendo um momento difícil por causa da pandemia, e existia um fator que me atrapalhava um pouco no estágio, era minha timidez, tive que passar por cima do nervosismo para vencer mais essa etapa. Na prática, pude mobilizar meus conhecimentos que aprendi no curso e isso foi gratificante para mim como estudante de Pedagogia.

No Estágio Supervisionado II, o realizei na Escola Estadual Presidente Kennedy localizada no bairro de Lagoa Nova na cidade de Natal/RN, que tem como Ensino Fundamental, os anos iniciais. O estágio iniciou no dia 16 de março de 2022 e finalizou-se dia 01 de abril de 2022. Foi deveras proveitoso para a minha formação, e por meio das observações realizadas em sala de aula e dos conhecimentos aprendidos no curso, percebi que o corpo docente está comprometido com a proposta estabelecida pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer – a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), e com o Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte (2018), respectivamente, sempre exercendo suas funções com muita responsabilidade.

Ainda estávamos na pandemia, com menos gravidade pelo fato de a vacina contra o COVID-19 ter chegado e a população já está vacinada, porém ainda existia aquela norma de todos usarem máscaras terem os cuidados com a higiene. O uso da máscara dificultava o contato facial, pois atrapalhava um pouco na socialização com todos que lá se encontravam, principalmente, nos momentos. O estágio dos anos iniciais do Ensino Fundamental foi de grande importância para meu processo de ensino-aprendizagem, pois pude dar continuidade a uma prática que já havia sido trabalhada de forma positiva na busca da apropriação de conhecimentos. Aprendi com a prática na sala

de aula que trabalhar com crianças requer muita dedicação, conhecimento, respeito e comprometimento.

O Estágio Supervisionado III - Gestão Escolar ocorreu na Escola Estadual Presidente Kennedy, já citada. Tive como orientadora a Professora Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral e o professor Rafael da Silva Pereira Roseno. A proposta oferecida pelos professores foi a elaboração de um projeto, na semana de observação percebemos que mesmo a escola oferecendo uma merenda de ótima qualidade e com cardápio variados, ainda existiam estudantes que demonstravam certa resistência com a alimentação da escola. Então, elaboramos e materializamos um projeto de intervenção com o tema “educação alimentar.”

Foi uma experiência e um grande desafio, de grande importância para meu processo de ensino-aprendizagem, tendo a oportunidade de me apropriar conhecimentos valiosos, como por exemplo, como desenvolver um projeto de pesquisa interventiva em um ambiente escolar. Internalizei conhecimentos a respeito de como um gestor direciona a escola.

O Estágio Supervisionado IV, ocorrido em um espaço não escolar, se deu na Clínica Pedagógica Professor Heitor Carrilho localizada na Rua Desportista Jeremias Pinheiro da Câmara Filho 02 no Bairro de Ponta Negra, CEP: 59.091-250, tive como orientadores os professores José Damião Souza de Oliveira e Rafael da Silva Pereira Roseno, onde foi proposto um projeto de intervenção. Através das nossas observações vimos que lá existe um projeto com oficinas para pessoas de diferentes idades, sendo então, o nosso projeto foi voltado para aquele público.

Percebemos que a quadra do referido ambiente, estava sendo pouco utilizada e assim, resolvemos fazer um projeto voltado para o esporte com o tema “desenvolvendo diferentes habilidades através do basquetebol”, com foco na inclusão escolar e na qualidade de vida. Nosso intuito na escolha desse esporte foi poder contribuir com o desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa, nas esferas intelectual e social das pessoas que lá frequenta.

O estágio no ambiente não escolar foi de grande importância para minha formação, pois me trouxe muitas contribuições para meu processo de ensino-aprendizagem, me proporcionou diversos acontecimentos que jamais esquecerei com pessoas com deficiência. Reconheci nesse estágio que quero trabalhar nessa área, ou seja,

trabalhar com pessoas com deficiência, e para esse fim, compreendo que preciso me especializar. Procurarei formação para esse feito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do Memorial de Formação pude escrever algumas experiências vivenciadas durante minha trajetória escolar, familiar e profissional. Confesso que quando iniciei os escritos em alguns momentos tive dificuldades de expor alguns fatos ocorridos. Porém, na continuidade do meu relembrar me senti privilegiada por ter passado por tantas experiências que cooperaram para eu ser quem eu sou atualmente, me sinto constituída por outras vozes, portanto transformada, percebendo a realidade com outras lentes.

O Memorial de Formação é um gênero acadêmico de grande importância para a vida do estudante, pois nele escrevi algumas aprendizagens vivenciadas na minha vida acadêmica desde que iniciei os estudos, e resgatei lembranças que estavam adormecidas na minha mente me fazendo refletir sobre o ser humano que serei daqui e diante, contribuindo para um mundo mais justo e democrático, sendo que depois desse curso me tornei alguém com mais conhecimentos de vida, me formei e continuo me formando como pessoa e profissional da educação.

Com as aprendizagens no curso de Pedagogia consegui ver o mundo com outro olhar e a partir de agora pretendo colocar em prática experiências vivenciadas nas aulas com o olhar para os autores que tive a oportunidade de conhecer por meio dos professores.

Ressalto que o Instituto de Educação Presidente Kennedy tem um diferencial para aqueles que nele têm o privilégio de se formar, aprender e se desenvolver nas esferas técnica, científica, pedagógica e política.

Afinal, temos as concepções do honroso Paulo Freire como a principal base teórica para compreender a realidade. Em seus livros “Pedagogia do Oprimido”; “Educação com Prática da Liberdade”; “Educação e Mudança” dentre outros, proporciona ao estudante diferentes maneiras de aprender em todas as áreas de conhecimento, em especial, na educação, além de nos permitir saber colocar em prática diversas teorias de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, M. D. L. e ARCOVERDE, R. D. L. **Produzindo gêneros textuais: o memorial**. Campina Grande/Natal: Editora da UFRN, 2007.

AUSUBEL, D. **Teoría del aprendizaje significativo**. Fascículos de CEIF, 1, 1-10, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC/SEF. Brasília – DF. 2017.

Escola e Educação. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/>, acesso em 25 de nov. 2022.

FEDERICI, C. A. G., Passos, K. T., Abrão, R. O., Paula, T. B., Melo, C. V. I., Viana, C. V. et al. A narrativa como um dispositivo na elaboração de um novo olhar sobre o câncer infantil. **Revista Ciência em Extensão**, 8(3), 267-270, 2012.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Frases pedagógicas de Paulo Freire. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_pedagogicas_de_paulo_freire/, acesso em 13 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez Editora, 1989.

GASPAR, Priscila. . 2021.

HISTÓRICO DA PANDEMIA DE COVID-19. OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde e OMS – Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 20 set. 2022.

Lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos completa 19 anos. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/lei-que-reconhece-a-libras-como-meio-legal-de-comunicacao-e-expressao-dos-surdos-completa-19-anos>. Acesso em 28 abr. 2023.

LIMA, Ana Glória B. B. de Sousa; MARQUES, Heloísa Cruz; CARVALHO, Rozicleide B. de **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 16025-16035, sep. 2019, ISSN 2525-8761.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica**: a descoberta da criança. São Paulo, Flamboyant, 1965.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete jardim de infância. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/jardim-de-infancia/>>. Acesso em 09 jul. 2023.

OLIVEIRA, Maria Miguel de. A inclusão do aluno com deficiência intelectual no ensino regular. **Revista Ciencias da Educação**. Maceió, ano I, vol 02, n. 01, abri/jun. 2013.

O que Comenius defendia. Disponível em:

<https://vocepergunta.com/library/artigo/read/10191-o-que-comenius-defendia>. Acesso em 02 de mai. 2023.

PASSEGI, Maria da Conceição. **Mediação Biográfica**: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes. PASSEGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIAGET, Jean. **A equilibração das Estruturas Cognitivas**: o problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização**: espaço, tempo e corporeidade. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

POLITY, E. **Dificuldade de Aprendizagem e Família**: Construindo Novas Narrativas. São Paulo; Vetor, 2001.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RAPPAPORT, R. C. **Psicologia do Desenvolvimento**. Vol. 1 São Paulo: E.P.U., 1981. 74p.

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 22 de mar. 2022.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy**. Natal/RN, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SKINNER, B. F. **The behavior of organism**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Notas sobre o Behaviorismo de Ontem e de Hoje.

Psicologia: Reflexão e Crítica, 24(1), 186-194, 2011. Disponível em:

www.scielo.br/prc. Acesso em: 23 de março de 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente** (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamiento y lenguaje**. La Habana: Pueblo y Educación, 2005.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro. (Trabalho original publicado em 1934), 1971.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. 224 p.

Capítulo V: Uma História de Vida Construída pela Dialogicidade entre Desafios e Aprendizagens para a Formação de uma Pedagoga

Juvaneide Batista Siqueira

1 INTRODUÇÃO

Este Memorial de Formação, cujo título *Uma História de Vida Construída pela Dialogicidade entre Desafios e Aprendizagens para a Formação de uma Pedagoga*, tem como objetivo relatar a minha história de vida fora do espaço escolar e a trajetória estudantil vividas na infância, adolescência e quando adulta. Além de narrar minhas experiências no curso de Magistério e no curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), uma instituição de referência para formação de professores. Quando ingressei no IFESP para cursar o ensino superior conquistei vários amigos, os quais me identifiquei, e me apropriei de conhecimentos, o que me proporcionaram novas aprendizagens.

Estou tendo a oportunidade de poder escrever a minha história de vida com um olhar crítico-reflexivo, considerando o que vivi e aprendi. Nesse movimento intelectual, emocional e afetivo da minha escrita, percebo que reflito sobre a minha formação como futura Pedagoga. Essas narrativas se constituem, para mim, como uma das possibilidades viabilizadas por esse gênero discursivo para pensar no meu eu como pessoa, mãe, esposa, filha, estudante e profissional. Esses e outros argumentos são as razões pelas quais escrevo esse Trabalho de Conclusão de Curso – o Memorial de Formação.

O sentido de Memorial de Formação que apresento está fundamentado nas ideias de autores que estudamos durante o curso de Pedagogia – Licenciatura (Passey, 2010; Arcoverde & Arcoverde, 2007; Carrilho, 2010), entre outros, de igual importância para minha formação docente. Aquele que escreve deve buscar a narrativa do seu processo formativo enquanto indivíduo, discente e profissional. Somente ele, o autor, é quem pode escrever o entrelaçamento entre lembranças, se colocando na posição de quem as organiza e lhes dá um sentido, encontrando caminhos de autoconsciência no próprio processo de escrita em curso (Prado; Soligo, 2003, Prado; Cunha 2007; Prado et al., 2007).

Ao rememorar a minha trajetória de vida, interajo com o meu passado, no qual me apropriei de saberes, o qual me permite mobilizar conhecimentos que internalizei ao longo da minha caminhada em interação com o outro. Piaget (1893-1980) apresenta uma compreensão de que a construção do conhecimento acontece por meio da interação entre meios (objetos) e os indivíduos (Sujeitos), mediante as adaptações que ocorrem. Vygotsky (2005) expressa que as relações humanas, sobretudo, propiciam possibilidades de aprendizagens do sujeito. Esses e outros autores farão parte da minha fundamentação teórica para dialogar com a minha história de vida.

Apresento as seções do meu Memorial de Formação, além de outros elementos constitutivos desse gênero acadêmico: Introdução; Infância sentidas em ambientes diferentes; Adolescência e Tessituras Pessoal e Escolar; Vida de Adulta: outras aprendizagens; O Curso de Magistério e Novos Desafios; O Curso Superior no Instituto de Educação Presidente Kennedy. Além das considerações finais, apêndices e anexos.

2 INFÂNCIA, VIVÊNCIAS SENTIDAS EM DIFERENTES AMBIENTES

Eu, Juvaneide Batista, nasci em um povoado conhecido como Lajedo, distrito de Pedra Grande, Cidade a 146 km da Capital do Estado do Rio Grande do Norte. Gosto tanto deste lugar que quero compartilhar com o leitor algumas de suas características que, talvez, possa se constituir como um lugar que deseje conhecer.

Pedra Grande é um município no Estado do Rio Grande do Norte, no Brasil, localizado na microrregião do Litoral Nordeste, sua área territorial é de 221 km² e sua população foi estimada em 3.163 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021.

De acordo com o IBGE (Penud, 2010), o Índice de Desenvolvimento Humano é baixo (0,559), o Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 238.442,47 e o PIB *per capita* é igual a R\$ 73.661,56 (IBGE, 2019).

Sou Filha de Pedro França da Silva e Ana Batista da Silva, ambos agricultores e analfabetos, ela doméstica e ele feirante e agricultor, comprava e vendia peixe nos finais de Semana, nos dias normais, cuidava da agricultura.

Sendo a 2ª filha de 4 filhos, do segundo casamento, nasci em 21 de agosto de 1964. Junto com meus familiares, nos mudamos para uma casa na beira da estrada que pertencia ao fazendeiro conhecido por Manoel Dino, que pertencia ao distrito de São Bento do Norte,

conhecido como São Francisco. Neste povoado, tínhamos como vizinhos uma senhora conhecida como dona Prazeres, vó de Conceição e de Maria, sendo as duas meninas minhas amigas de infância, com quem, juntas, fazíamos muitas brincadeiras de crianças como: casinha, bonecas (de pano)¹ que eram feitas pela minha mãe. Passamos um bom tempo na Casa do Senhor Manoel Dino, e tudo era difícil e muito distante da Cidade de São Bento.

Quando relembrei essa vivência e resolvi trazê-las para compartilhar com o leitor, me lembrei dos estudos realizado no curso de Pedagogia, em que professores nos apresentaram sobre a importância do lúdico para o desenvolvimento dos sujeitos.

Assim, nos revela Winnicott,

O brincar, como forma de expressão dos sentimentos e desejos, tende a auxiliar a criança no processo de elaboração dos conflitos internos. Por esse motivo, o brincar assume uma posição importante e constitui por si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar (Winnicott, 1975, p. 74).

Na minha infância, convivi com o meu pai nos finais de semana, comprando peixes em Caiçara do Norte para vender em feiras livres nas cidades de Pedra Grande, Parazinho e João Câmara e este foi motivo de mudarmos mais uma vez para a fazenda de Zé Dará, que pertencia ao município de Caiçara do Norte (todos situados no RN), ficando perto da praia, onde facilitava o comércio de meu pai. Neste período, eu estava com 9 anos e minha mãe procurou uma professora da redondeza, que morava em outra fazenda vizinha de Vavá Italiano, que era conhecida como Dona Tereza, esposa de Seu Manoel Peba, onde ficou acertado que eu e meus irmãos íamos estudar com esta professora para aprender a ler e escrever, era o ano de 1974.

Caiçara do Norte é um município no litoral norte do Estado do Rio Grande do Norte, no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano 2021, sua população era estimada em 6.572 habitantes. Sua área territorial é de 225,633 quilômetros quadrados.

¹ Boneca de pano: é uma forma simples e rudimentar de boneca, em que as partes do corpo são confeccionadas em tecido, podendo o enchimento ser feito em diversos materiais, que vão desde a palha, chumaços de algodão, maravalha, etc. As bonecas, até 1930, eram confeccionadas de pano, seus "criadores" eram costureiras e artesãos. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Boneca_de_pano)

Caiçara tem origem no tupi antigo *ka'aysá* (ou *ka'aysara*), que designava uma cerca rústica feita de galhos de árvores.

Por volta do ano 1000, conforme evidenciado na página eletrônica da Wikipédia, é uma região considerada como a maior parte do litoral brasileiro, foi invadida por povos tupis, procedentes da Amazônia. Eles expulsaram os originais habitantes tapuias para o interior do continente. No século XVI, quando chegaram os primeiros europeus (franceses e portugueses) à região, ela era ocupada pela tribo tupi dos potiguaras. No século XVIII, a economia da região se baseava na extração de sal, na pesca, na criação de gado e na agricultura. Em 1844, o missionário frei João da Purificação orientou a construção da capela de santo Antão. Em 1847, a localidade foi elevada à condição de distrito pertencente a Touros. No ano seguinte, ganhou sua primeira escola. Era zona de pescarias de peixe-voador. O nome original da povoação era "Baixa Verde"

Em 1912, ressaltado na referida página da Web, a povoação foi invadida pela areia das dunas, forçando a transferência do povoado. O núcleo antigo passou, então, a ser chamado de "Caiçara, a velha", na praia atlântica. A nova povoação é a vila atual. A sua atual capela de Santo Antão é de 1915. Passou a pertencer a São Bento do Norte pelo decreto-lei de 31 de outubro de 1938. Pela Lei nº 6 451, de 16 de julho de 1993, Caiçara do Norte recebeu *status* de município.

Em 1975, fui matriculada em uma escola, em Caiçara do Norte, conhecida como Djalma Marinho, eu conheci esta instituição pública pela primeira vez. Ainda morando na fazenda distante aproximadamente 3 km, muitas vezes vinha a pé e outras usava como transporte animais, como jumento e cavalo, eu e os vizinhos estudávamos na mesma escola.

Tive como minha primeira professora na Escola pública Dona Francisca de Abel Justino, na 2ª série², meu pai conseguiu uma casa em Caiçara, onde nos mudamos e melhorou o meu deslocamento para estudar. Nesta escola, tive como professora D. Lourdes. Na 3ª série, a minha professora foi D. Ana Maria de seu Beija, é assim, na maioria das vezes que conhecemos as pessoas nas cidades do interior no nosso Estado. Quantos momentos singulares, muitas aprendizagens, principalmente, o convívio com o outro, se constituía como uma relação dialógica, pois, ensinávamos e aprendíamos.

² Denominação estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996).

Na 4ª série, fui estudar em Natal/RN, no Grêmio dos pescadores, que ficava localizado em Santos Reis, onde já estava morando com familiares. Minha mãe me levou para morar nesta cidade. Esse acontecimento se deu no ano de 1978, fui aprovada na escola e retornei para Caiçara onde passei a estudar na Escola Estadual Senador Dinarte Mariz, no ano de 1979, a 5ª série. Sendo aprovada, em seguida, no ano de 1980, cursei a 6ª série, na atualidade, o 7º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, mas não prossegui, por ter engravidado.

Esses momentos para mim foram de muitos desafios e aprendizagens, conquistando um de cada vez. Os ensinamentos que a escola possibilitava me permitiam realizar reflexões que foram indispensáveis para reconhecer que esses nos libertam enquanto ser humano, cidadão e profissional.

2.1 VIDA EM FAMÍLIA: ENCANTOS E DESENCANTOS

Da minha infância tenho boas lembranças, que está difícil recordar, mas lembro que eu, minha mãe e meus irmãos morávamos todos juntos, apenas meu pai que se distanciava porque vivia sempre na praia comprando peixe para comercializar em feiras livres.

Meu pai era agricultor, plantava e trabalhava na roça, todo o esforço para sustentar a família. No período de plantação, minha mãe levava eu e meu irmão mais novo “João Maria” para o roçado, onde tinha uma árvore e eu ficava debaixo dela em uma rede, pois meu irmão ainda mamava. Enquanto ela fazia o trabalho no roçado, eu esperava. Segundo Cervera e Alcázar (1983), precisamos considerar na educação de nossos filhos o reconhecimento da importância do trabalho nas nossas vidas. Portanto, como expressam os autores, quando na família se respira um clima de trabalho bem-feito, quando os pais contribuem para que os filhos sejam participantes das suas aspirações profissionais, na medida em que as podem compreender, quando o trabalho ocupa um lugar objetivo - sem ociosidade, e é aceita numa atitude de serviço, então, e só então, que o ambiente familiar é uma motivação significativa para os estudos dos filhos.

Após terminar o dia de trabalho já de tardezinha íamos embora, chegando em casa à noite, onde íamos nos preparar para jantar, após esse momento, minha mãe ia contar histórias para toda a família até chegar a hora de dormir. Às vezes, em determinados momentos, nós fazíamos visitas aos familiares por parte materna, onde eles moravam em um povoado denominado Farias, situado no Distrito de Pedra Grande, no Rio Grande do

Norte. Nos divertíamos com os parentes que há tempos não os via, ficávamos satisfeitos em revê-los.

Eu, minha mãe e meus irmãos ficávamos ansiosos para chegar na casa de minha vó Maria, conhecida como Dona Marica. Lá, vivíamos momentos maravilhosos, desde brincadeira a conversas variadas. Ela era parteira da região, casada com o meu avô Manoel Batista, lá, eu e meus irmãos encontrávamos nosso Irmão mais velho, Wilson, que morava com a minha vó. Era só alegria, junto com os meus primos, minhas tias, enfim, meus familiares.

A nossa chegada era de momentos de abraços e de muita euforia. A noite tínhamos roda de contação de histórias, à luz de vela e lamparina, dormíamos cedo, pois ao amanhecer era a hora de acompanhar meu avô para tirar leite de Cabra.

O café da manhã era escaldado de leite, muito gostoso, que está em minha memória até hoje. Quanta saudade! Em seguida, íamos para o quintal, espaço das brincadeiras, o quintal era grande e com sombra, as plantas eram cajueiro, umbuzeiro, pé de pinha, adorava seus sabores. Nós não víamos o tempo passar, brincávamos de subir na árvore esconde-esconde, tica-tica e várias brincadeiras da época, isso nos 1970. Sobre esse tipo de experiência, Winnicott nos revela:

[...] a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar; a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (Winnicott, 1975, p. 63)

Na vida adulta, o espaço potencial continua se evidenciando, entretanto, sob outras maneiras como por meio da experiência e expressão cultural que, segundo Winnicott (1975 [1967]), “é comum da humanidade”, mas que, ao mesmo tempo, exige algo de individual e próprio de cada sujeito: a sua experiência e contribuição nesse vasto campo e que, além disso, decorre do brincar.

A brincadeira está em interlocução com a curiosidade, a criatividade e, portanto, ao mundo intrapsicológico da criança e, ao mesmo tempo, articula-se com a realidade social, externa, interpsicológicas. Quando a criança brinca é sinal de que o desenvolvimento emocional está acontecendo de forma saudável, pois, mediante o brincar, a criança tem a possibilidade de compreender o mundo dos objetos e de elaborar

os conflitos internos que, quando não compreendidos, podem dificultar seu desenvolvimento.

2.2 A FAMÍLIA DO LADO DA MINHA CASA

Na época em que morávamos em fazenda, praticamente não tínhamos vizinhos por perto, os mais próximos ficavam aproximadamente a 1Km de distância. Os nossos vizinhos se chamavam Dona Prazeres (*in memoriam*) e Dona Marina que morava na fazenda vizinha, conhecida como a fazenda de Zé Dará.

Dona Prazeres tinha filhas e netas que eram minhas amigas de brincar com as bonecas de pano, que minha mãe fazia para mim. Na casa de Dona Marina era o lugar em que eu levava o meu irmão pequeno, quando minha mãe saía para trabalhar. Lá, eu aprendi a ajudar nas tarefas domésticas, em troca, ela me ajudava a fazer pequenas costuras como: pregar botão, fazer bainha, e outras coisas.

Hoje, percebo que esses momentos contribuíram para as minhas aprendizagens e desenvolvimento, pois, ao entrar em contato com essa realidade, sei que internalizei novos conhecimentos. Vigotsky (2005) explicita que nós aprendemos do plano social, externo para o individual, interno, mediante a interação com o outro, ou seja, com as outras pessoas e o conhecimento. Realmente, concordo com esse autor quando ele defende que as aprendizagens e desenvolvimento ocorrem por meio da linguagem em interação com o outro.

Essas vivências foram muito importantes para o meu desenvolvimento e para a minha formação pessoal. Entendo que essas duas mulheres que foram minhas vizinhas do lado de minha casa fizeram e fazem parte de minha história de vida desde a infância, ainda hoje tenho recordações importantes desses momentos com essas famílias.

3 ADOLESCÊNCIA E TESSITURAS PESSOAL E ESCOLAR

Nesta seção, compartilho com o leitor momentos da minha história de vida na adolescência, tessituras que, ao escrever, aos poucos, com certa dificuldade para me expressar, os fios foram se entrelaçando como o movimento que faz a máquina de fiar. Eu era uma adolescente com dificuldades para aprender, mas tinha e ainda tenho vontade de estudar, meu pai não estudou, ou seja, não foi para a escola, para ele não era necessário estudar, pois fazer as obrigações de casa era o suficiente, já que eu era mulher. Ao

relembrar essa passagem da minha vida, atualmente já a enxergo de uma outra forma, não que concordasse na época. Mas, os estudos vivenciados no Instituto Kennedy me fazem olhar de uma outra forma, ou seja, revendo as minhas anotações encontrei um registro que julgo importante apresentá-lo neste momento para dialogar com essa minha vivência.

Segundo Vieira (2005), para além das questões de gênero, nas últimas décadas, houve uma expressiva transformação na proporção de brasileiros de ambos os gêneros com formação de nível superior e de pós-graduação *stricto sensu*, conforme o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2015), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2016), além de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2016). A autora nos relata que os dados reunidos e disponibilizados por essas entidades enunciam crescente evolução no quantitativo de sujeitos matriculados em todos os níveis educacionais, com destaque para a educação superior.

Este período já era nos anos de 1980, a minha mãe tinha que convencer meu pai a me matricular na escola, pois ela defendia que a pessoa só ia ser alguém na vida se estudasse, essa era a tese que minha mãe defendia. Por ela nós permanecíamos estudando. Para comprar o material escolar tinha que passar pelo meu pai, então, minha mãe combinou com o dono do comércio que vendia fiado para a nossa família, solicitou a ele incluir o material escolar, como se fosse mercadoria ou alimentos para a família, assim foi feito, portanto, tive acesso ao material escolar, eu já estava cursando a 5ª série³.

Todas essas vivências foram e são, para mim, aprendizagens que compartilhei com os meus filhos, e ainda socializo, porque sabemos que as dificuldades na vida existem, mas não foram motivos para me deixar abatida e desmotivada para estudar. Compreendo essas experiências como desafios na minha vida que só contribuíram para o meu enriquecimento. Conclui o ano, fui aprovada e no ano seguinte caminhei para a 6ª Série (7º ano do Ensino Fundamental, na atualidade). E assim, começa o ano seguinte, e já não tinha mais aquela dificuldade relativa à compra do material escolar, pois minha mãe recebia um auxílio-doença do governo federal, provento este que ela usava para comprar o material escolar para que eu pudesse estudar.

Mas eu ainda era muito pressionada pelo meu pai, que não queria que eu estudasse. Com muita conversa partindo da minha mãe, foi permitido que eu fosse para a escola, mas

³ Que corresponde atualmente, ao 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental.

tinha que chegar cedo em casa, não podia sair, nem tinha como me divertir, pois meu pai era uma pessoa deveras rigorosa, nesse quesito. Nesta fase que foi de transição, não consegui avançar na minha vida estudantil. Pois, durante o período que estava cursando a 6ª série, e durante a comemoração do Sete de Setembro, no clube da Cidade conhecido como Inferninho, conheci João Maria e começamos a namorar, continuei estudando, mas antes do final do ano, fiquei grávida do primeiro filho, conseqüentemente, fui reprovada.

Por necessidade, João Maria foi para São Paulo e eu fiquei na casa da mãe dele, esperando a chegada do nosso filho e a sua volta. No ano de 1981, o mesmo ano que partiu, ele retorna de São Paulo e vivencia o nascimento do nosso filho que aconteceu no dia 13 de agosto de 1981, o nome que demos a ele foi Hawlyson. Momento de felicidade. Era o meu primeiro filho e a minha mãe fez questão que eu estivesse junto dela, com um compromisso de me casar após o nascimento, e isso aconteceu, casamo-nos no mês de setembro, passamos a morar separados cada um na casa de familiares, pois não tínhamos condições financeiras de nos sustentar, éramos sustentados pelos nossos familiares. Quanta reflexão e aprendizagens nesse período!

Em 1982, nasce minha filha, a qual recebeu o nome de Hawkelyny. Viemos para Natal à procura de emprego, o meu esposo tinha colocado seu currículo no Supermercado Nordestão e foi chamado para trabalhar. A partir de então, passei a conviver com meu esposo, em um quarto com três cômodos, alugado, com uma filha e o nosso filho ficou em Caiçara do Norte com a minha mãe, um lar com muito afeto. Tivemos cinco filhos, foi um período muito difícil, de diversos desafios, enfrentamos muitas dificuldades, mas éramos dedicados na criação dos nossos filhos, fazíamos o que podíamos para o bem-estar deles, tanto que graças a Deus todos são saudáveis e felizes. Os seus nomes derivaram do primeiro, o Hawlyson, portanto, os demais são: Hawkelyny, Hawkely, Cícero Hawfyson em homenagem a uma promessa que a mãe de João Maria fez ao Padre Cicero do Juazeiro.

Em 1985, meu esposo ficou desempregado, recebeu as contas do Supermercado Nordestão e, assim, voltamos para Caiçara do Norte, onde alugamos uma casa e fomos caminhar com as nossas vidas, buscando vivenciar novas experiências. Montamos um comércio, financiado com o dinheiro das contas recebidas do antigo emprego, mas, depois desistimos, pois tomava muito do nosso tempo, impedindo que alçássemos outros voos.

No Mesmo ano, João Maria conseguiu uma vaga na prefeitura de São Bento do Norte, no Rio Grande do Norte, foi a partir daí que eu voltei a estudar, agora já mãe de 5

filhos, mais experiente, assim, recomeço no Supletivo⁴, na Escola Estadual Godofredo Cacho, onde fiz o que equivale hoje o 5º e 6º anos. No ano seguinte, fiz a segunda etapa que corresponde aos 7º, 8º e 9º anos. Neste período, enfrentei os preconceitos da cidade do interior, que discriminavam a mulher casada e mãe de 5 filhos estudando á noite. Ainda tinha que enfrentar da minha casa para a escola a distância de 2Km. Vejo que valeu o esforço, estou aqui escrevendo o meu Memorial de Formação, em um curso superior tão almejado por mim.

Diante de toda essa situação, embora diversos obstáculos que os entendo como desafios enfrentados, chego ao final, concluindo o Ensino Fundamental dos anos finais, que hoje corresponde ao ensino de 9 anos⁵. Esse fato, para mim, foi o grande desafio, o qual só fortaleceu a minha vontade de querer estudar e continuar aprendendo.

4 VIDA DE ADULTA: OUTRAS APRENDIZAGENS

Convido você, leitor, a conhecer um pouco dos momentos que vivenciei e vivencio na minha vida adulta, foram outras aprendizagens que me fizeram crescer como pessoa.

Diante de vários acontecimentos na minha adolescência, com mais responsabilidades para dar conta e dar início a minha vida adulta com diversos desafios, vivendo a realidade em companhia de 5 cinco filhos amados para cuidar e, ainda tendo que trabalhar para ajudar na renda familiar. Como, por exemplo, fazer vendas (cocadas, manguzá, arroz doce etc.), e comercializava outros produtos como, por exemplo, produtos das revistas do Avon, Tupperware etc. Passei a me dedicar à criação dos nossos filhos, e outras aprendizagens experienciava e, diante desse contexto, não pude continuar a estudar. Mas, quando a minha filha mais nova estava com 5 anos, retornei aos estudos, eu já tinha 26 anos.

Ao longo do tempo, as memórias vão se acomodando em nós, elas ficam para sempre, aos poucos são ativadas e momentos de crianças, brincadeiras, aprendizagens com nossos familiares se expressam e nos dá saudade. Com a minha mãe, minhas

⁴ Na década de 1970, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5. 692/71, de 11 de agosto de 1971, elaborada pelo governo militar, acontece a implantação do Ensino Supletivo, que tinha como intenção a ampliação do direito resguardado aos indivíduos que, por algum motivo, não tiveram oportunidade de frequentar o espaço escolar no decorrer da infância e da adolescência.

⁵ No dia 06/02/2006 o Presidente da República sancionou a Lei nº 11.274 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos. O objetivo é assegurar a todas as crianças um tempo maior de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem com mais qualidade.

lembranças, nesse momento, quando narro sobre o meu desejo em estudar, lembro que ela tinha o poder de convencer meu pai a permitir que eu pudesse estudar. E, assim, era o seu discurso: “quem não sabe ler, fica cego, é necessário aprender a ler para ver o mundo”. Essa frase, de sua autoria, me remeteu ao nosso querido Paulo Freire (1989).

Minhas aprendizagens na escola foram e ainda são de grande importância para minha formação, por meio das aulas com os professores pude aprender sobre artes na escola, aprendi com a professora Riva a fazer crochê, com a professora de Ciências, aprendi a fazer higiene corporal, como também aprendi a me relacionar com os outros por meio dos ensinamentos nas aulas de boas maneiras, que focava nos pilares: respeitar os mais velhos, não passar no meio de duas pessoas conversando, dar bom dia, ou seja, cumprimentar as pessoas, ser solidário. Vejo como naquela época havia maior preocupação com os conteúdos de aprendizagens, sendo este denominado por Zabala (1988) de conteúdo atitudinal.

Refletindo sobre esses acontecimentos, me dou conta de como aprendi e como esses conteúdos retornam no meu cotidiano nas aulas no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. De modo que reconheço a sua importância como conhecimento inerente a minha profissão de Pedagoga.

4.1 VIDA DE MÃE, DE AVÓ E DE BISAVÓ: MEMÓRIAS QUE SIGNIFICARAM E SIGNIFICAM

Tornar-se mãe se constitui como um grande desafio e é uma grande construção identitária materna que ocorre em nossas vidas, é viver a cada dia uma expectativa de algo desconhecido, mudanças de sentimentos no processo da gravidez, vivências e experiências que são únicas. Essas vivências provocam mudanças físicas, cognitivas, afetivas e emocionais. O amor materno é um sentimento que envolve carinho sincero, dedicação, paciência, tolerância, preocupação, sacrifício e renúncia, esses são sentimentos que vivenciei e que levo para toda a minha vida. Bruschini (1990) destaca sobre a importância de tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade, principalmente, pelo fato da sua jornada no espaço familiar.

Como avó, tenho a sensação de ser mãe duas vezes, experienciando os mesmos sentimentos que uma mãe tem com seus filhos, é um sentimento duplo para mim, pois passei a amar um novo ser e me preocupar com ele, e com a nova mãe que a minha filha agora se tornava.

Quando completei 34 anos, em 1998, fui avó, experimentei e experimento um sentimento muito importante na minha vida, me dediquei, quando meus netos nasceram, ao máximo para fazer minha parte como frisei acima ao ser mãe duas vezes. Para mim, foi uma honra e uma dádiva de Deus vivenciar essas etapas como mãe e avó.

Quando estávamos pensando ainda em nossos netos, em 2019, nasce o nosso primeiro bisneto, filho do nosso primeiro neto. Eu Passei a ser mãe pela terceira vez, é assim que me sinto, mas sei o lugar de avó e de bisavó, mas no meu mundo familiar, essas funções se entrelaçam e esta é uma emoção que poucas mulheres da minha geração familiar ainda não sentiram, que tenho o orgulho de sentir.

Mas, quero deixar um legado, fui mãe, avó e bisavó com orgulho e responsabilidade. Mas sabendo que devo deixá-los caminhar com a orientação dos pais e da escola para que possam se formar cidadãos críticos, reflexivos, solidários, de modo a tomar para si suas responsabilidades como pessoa e profissional.

Contar esses fragmentos da minha história de vida me leva a refletir sobre as minhas aprendizagens no seio familiar e durante as aulas no curso de Pedagogia. Além de perceber que o que aprendi neste curso posso levar para o ambiente familiar de modo a contribuir com as aprendizagens e desenvolvimento dos meus netos e bisnetos, ou seja, posso acompanhar seu processo de ensino-aprendizagem embasada em concepções teóricas.

5 CONHECIMENTOS PARA APRENDER A ENSINAR

Esta seção diz respeito a um breve relato acerca dos conhecimentos que internalizei no percurso da minha formação acadêmica para exercer a docência. Para este fim, a organizei em subseções. Na primeira, narro sobre o curso de Magistério e os novos desafios; na segunda, descrevo sobre minhas vivências nos Estágios Supervisionados realizados na Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Gestão Escolar, e em Espaço não Escolar. Na segunda subseção, relato sobre as minhas impressões nos estágios.

5.1 O CURSO DE MAGISTÉRIO E NOVOS DESAFIOS

O Magistério que corresponde ao último nível da Educação Básica, iniciei na Escola Estadual Senador Dinarte Mariz, situada em São Bento do Norte, no Rio Grande do Norte.

Estava com grandes expectativas, mas comecei a vivenciar dificuldades para internalizar os conteúdos de aprendizagem.

As minhas dificuldades eram diversas, uma delas centrava-se na quantidade de componentes curriculares. Era difícil, para mim, internalizar tantos conteúdos de aprendizagem, principalmente, os cálculos matemáticos, além dos conteúdos de Química, Física e Estatística. O professor Darci me ajudou muito a superar algumas das dificuldades quando lecionou para nós Psicologia do Desenvolvimento. Ele falava sobre o comportamento do ser humano, sendo assim, a psicologia trouxe para mim mais equilíbrio e tranquilidade.

Foi bastante importante o meu aprendizado com as orientações do professor Darci. Pelo fato de a turma ser bastante numerosa, dificultava, para mim, aprender. Muitos estudantes desistiram, não sei a razão, mas presumo que seja pelo fato de serem trabalhadores estudantes, sempre comentavam sobre o cansaço.

No segundo ano já foi mais tranquilo, resolvi solicitar ajuda a um primo, o Francisco, ele me ajudou, nas aulas de “reforço”, me ensinando sobre cálculos, sendo importante, pois, consegui passar para o terceiro ano, que também foi tranquilo. Neste ano, conheci o componente curricular Didática, com o qual aprendi a elaborar os planos de aula. Os elaborava e os materializava nos estágios da docência.

Os meus estágios realizei com garra, determinação e perseverança. Realizei o estágio em uma escola pública estadual, denominada Godofredo Castro, no Rio Grande do Norte. A Gestão nos recebeu muito bem, a professora de sala foi uma professora de grande importância para a minha formação docente e como pessoa. Considerada uma professora bem-conceituada e de referência, lecionando no terceiro ano, ela compartilhou conosco experiência, nos passou confiança. O Estágio Supervisionado, segundo Pimenta e Lima (2012), é um momento do curso de graduação que possibilita o estudante colocar em prática a teoria aprendida em sala de aula. Ele é importante para que haja uma vivência da profissão, aquisição de experiência e desenvolvimento de habilidades.

Durante o estágio, a professora Alda, que era titular da sala, nos deixou muito à vontade e nos ajudou em nossas aprendizagens e seus conhecimentos. Ela nos acompanhou até o término do nosso estágio, porém, logo estaria se aposentando. Às vezes, ela nos deixava a sós com a turma, nos lembrando da importância de seguir o planejamento.

Mediante as metodologias que aprendemos em nossas aulas, lecionávamos com segurança. Com as observações da experiência da professora e suas orientações, demos conta das aulas e terminamos esse estágio, que foi proveitoso. Pois, conseguimos desenvolver a nossa autonomia em sala de aula. Deixamos os envolvidos nessas atividades bem tranquilos e satisfeitos, principalmente, os estudantes, pois estabeleceram laços afetivos conosco.

Concluímos nosso estágio, recebemos o nosso diploma e no ano seguinte, já estávamos aptos a lecionar em escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Com o diploma de Magistério, no ano seguinte, já poderíamos nos submeter a concurso público. Quando menos esperávamos, foi publicado o edital, mas, infelizmente, não pude fazê-lo. As minhas colegas de turma fizeram, foram aprovadas e hoje são concursadas.

Na vida, encontramos empecilhos que temos que enfrentar, mas nem por isso, desistir. Na época, minha mãe se encontrava enferma e precisava muito de mim, e a oportunidade passou, em seguida ela faleceu, após seis meses de muita luta. Posteriormente a este ocorrido, eu tive a oportunidade de fazer um curso sobre alfabetização com base nas concepções de Emília Ferreiro. Para esse fim, viajei para São Paulo, se tratava de um programa do Governo Federal.

Fiquei preparada para alfabetizar e na época, durante dois anos, eu alfabetizei uma sala de aula de uma associação, em seguida, parei, pois o programa foi concluído e eu não tive mais essa oportunidade. Fiquei 20 anos sem estudar, mas retorno decidida a realizar meu grande sonho, cursar o nível superior, em especial o curso de Pedagogia, pois tinha certeza de que precisava me aperfeiçoar, investir na minha profissionalidade para a valorização do meu profissionalismo, de modo a alcançar a minha profissionalização docente. Ramalho, Núñez e Gauthier (2003) evidenciam que é necessário a valorização profissional, buscando o equilíbrio entre a competência técnica para ensinar (profissionalidade) e esta valorização (profissionalismo).

5.2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS PARA ME FORMAR PROFESSORA

Os Estágios Supervisionados são componentes curriculares presentes na estrutura curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Educação Superior

Presidente Kennedy. São quatro estágios, o I, que corresponde à Educação Infantil; o II, ao Ensino Fundamental anos iniciais; o III, Gestão Escolar; e o IV, Espaços não Escolares.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (RIO GRANDE DO NORTE, 2019), os Estágios Supervisionados têm o objetivo de propiciar experiências para os estudantes, compreensão dos aspectos que caracterizam os processos educativos em diferentes organizações, identificar práticas educativas e estabelecer a relação dialógica entre teoria e prática como uma atividade indissociável na formação do pedagogo. Esses estágios (são quatro: três em espaços escolares, atuando na Educação Infantil, anos finais do Ensino Fundamental e Gestão, e um em espaços não escolares como, por exemplo, hospitais, ONGs etc.). Cada um deles possui carga horária de 100 horas, divididas em 52 horas em campo de estágio e 48 horas nos nossos encontros no Kennedy (PROJETO PEDAGÓGICO, 2019).

Na época da realização dos nossos estágios, estávamos vivenciando a pandemia causada pelo novo *Corona vírus*, COVID-19. Este acontecimento nos causou perplexidade, pois, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença ocasionou a morte de quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Segundo a BBC News (2021), uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Esses vírus, relata a OMS, são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Com esse acontecimento, sob orientação dos Governos Federal e Estadual, as escolas, entre outras instituições, foram fechadas, obrigando a população a se manter em distanciamento social.

O Estágio Supervisionado I, destinado à Educação Infantil, teve como professores orientadores Elisângela Ribeiro de Oliveira Cabral e Robson de Oliveira Santos. Estávamos cursando o 5º período do Curso de Pedagogia na referida instituição. Em sala de aula, os professores nos orientaram para que nós aprendêssemos a desenvolver a nossa prática, em seguida, por meio de um seminário pudemos vivenciar situações diversas da docência como, por exemplo, a observação e o registro dessa para, então, materializar em sala de aula.

O nosso estágio (realizado em dupla) aconteceu em um espaço educativo denominado Agrovila, situado da Zona/Rural do Município de Caiçara do Norte, distante a 157Km da Capital (Natal) do Estado do Rio Grande do Norte, conhecido pela comunidade local como Olinda I. Neste lugar está localizado o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), este fica localizado em um assentamento.

Devido à ausência das tecnologias digitais e recursos para este fim, as aulas foram denominadas de aulas plantão, funcionando da seguinte forma: uma vez na semana a professora realizava a entrega de atividades de estudo para os pais ou responsáveis na escola com data e horário determinados. Caso esses não comparecessem para este fim, a professora se deslocava até a casa do estudante, orientava como deveria ser realizada a atividade e a sua entrega na escola.

No CMEI, havia um grupo formado de educadores exclusivos para o esclarecimento de dúvidas sobre como deveriam ser orientadas as atividades.

Neste lugar moram, aproximadamente, oitenta famílias, e os filhos dos moradores são matriculados neste CMEI. A escola era aberta ao público uma vez por semana, cujo objetivo era o de entregar e receber das famílias ou responsáveis as atividades orientadas. Quando não compareciam, a professora se deslocava até as casas dos estudantes, tanto para entregar, como receber as atividades das crianças.

Foi formado um grupo no Whatzapp para a comunicação entre a escola e a família, para caso de dúvidas ou alguns esclarecimentos necessários.

Tivemos dificuldades na realização desse estágio, tanto devido ao uso das tecnologias digitais, como em relação ao acesso às crianças, aos seus familiares, à gestão da escola, e às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças. Mas, por meio do diálogo da amizade, conseguimos êxito, pois contamos com a ajuda de pais e de professores do CMEI. Compreendo que todos envolvidos neste contexto aprenderam, embora tenha sido tão cruel, a pandemia foi pedagógica. A maior aprendizagem, para mim, foi de aprender a conviver com esta adversidade e buscar caminhos junto à escola para as crianças continuarem aprendendo

No Estágio Supervisionado II, ocorrido nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tivemos como professoras orientadoras Maria das Neves e Dayanne Chianca. Este estágio foi realizado na Escola pública de São Sebastião, distrito do Município de Caiçara do Norte, a 157 km da capital do Estado, localizado em um povoado. É uma escola que faz parte da extensão da rede de educação de Caiçara do Norte, onde a equipe gestora é do município.

Esse estágio, para mim, foi de grande importância, com ele, pude utilizar os conhecimentos que aprendi nos componentes curriculares, principalmente, Didática e Pesquisa e Prática Pedagógica. A vivência foi presencial, o que facilitou ainda mais para a minha atuação em sala de aula.

A realização do Estágio Supervisionado III foi em Gestão Escolar, onde foram realizadas atividades de observação e participação da rotina escolar, na Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja concepção teórica utilizada pela escola é construtivista. Os professores orientadores desse estágio foram Elisângela Cabral e Rafael Roseno

Bastos (1998) explica que é um equívoco pensar que há uma única definição sobre o que é o construtivismo, pois “construtivismos diferentes são possíveis” (p. 9). Esses têm suas origens na filosofia, psicologia e sociologia. Galiazzi (2008) encontrou quinze sentidos diversos para a terminologia construtivismo que, embora compartilhassem a ideia de construção do conhecimento, possuíam interpretações diferentes. É uma palavra de caráter polissêmico, sendo que suas origens ainda é fonte de controvérsias, como enuncia o debate, relativamente recente, encontrado nos trabalhos de Gil-Pérez et al. (2002) e Niaz et al. (2003).

O construtivismo educacional, segundo Galiazzi (2008), é movimento que teve seu início na década de 1960 como uma possibilidade de resolver os problemas da educação tradicional, me refiro ao behaviorismo. A autora relata que, historicamente, as obras de Jean Piaget e Lev S. Vygotsky foram fundamentais na sua consolidação e no surgimento de novas teorias de ensino-aprendizagem.

Nesse estágio, elaborar o projeto de intervenção para a escola, contexto desse estágio, foi de fundamental importância para mim, pois ainda não tinha vivenciado essa experiência. Por meio dele, refleti sobre minhas aprendizagens, pois se trata de uma proposta elaborada a partir de situações de ensino-aprendizagem observadas e experienciadas nesse espaço educacional.

Nesse estágio, pude vivenciar as atribuições da equipe gestora, da coordenação pedagógica e da direção. Dentre elas, o acompanhamento de estudantes e familiares, no tocante ao comportamento na escola, atribuição da coordenação pedagógica); a organização das reuniões com os professores (coordenação e direção); organização da infraestrutura da escola (direção), dentre outras observadas. Nessas observações, reconheci que para exercer quaisquer dessas funções, se faz necessária formação, pois, em

alguns momentos, percebi que tais funções não eram realizadas de forma proativa. Compreendo que o universo escolar é bem peculiar e o tempo de estágio ainda não é suficiente para adentrarmos nas peculiaridades da escola.

No que se refere ao Estágio Supervisionado IV, desenvolvido em um espaço não escolar, orientado pelos professores José Damião Oliveira e Rafael Roseno, foi realizado também em dupla, escolhemos o Assentamento Agrovila, conhecido como Olinda II, situado no município de Caiçara do Norte, a 157km da Capital do Estado. Neste assentamento, funciona a Igreja de Deus no Brasil, que tem como gestor o Pastor Antônio Pedro de Lima Junior, que permitiu a realização do nosso estágio, na escola bíblica dominical da igreja que lidera. Portanto, o nosso estágio ocorreu nesta instituição religiosa.

O público que esteve presente na realização das atividades didático-pedagógicas realizadas por nós foram crianças e adolescentes de 2 a 13 anos de idade. Realizamos a observação em três dias, o que nos levou a perceber a necessidade de um projeto que tivesse como tema a formação para o exercício da cidadania.

Ao realizar esse estágio, pude constatar o que teóricos como Pimenta e Lima (2012) destacam sobre esse objeto de estudo, componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura dos cursos de formação de professores, como eixo central desses cursos. Pois apresenta características indispensáveis à formação do profissional docente, no que se refere à atribuição de sentido da profissão, desenvolvimento de competências e habilidades, e emancipação profissional e construção da identidade profissional.

6 OS COMPONENTES CURRICULARES E O CURSO DE PEDAGOGIA

Neste espaço da escrita do meu memorial, minhas narrativas dizem respeito à importância dos componentes curriculares para a minha formação. Embora não detalhe todos, mas cada um deles foi de extrema importância para me formar pedagoga. Porém, há aqueles que me tocaram pelo fato de me identificar com os objetos de conhecimentos apresentados pelos professores.

Dentre esses componentes, destaco quatro nos quais me debrucei para lembrar: Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil I, ministrado pela Professora Claudete da Silva Ferreira, cuja ementa apresentada foi: concepção de infância, a Educação Infantil como elaboração histórico-social e cultural, diferentes teorias

pedagógicas na educação infantil. Ao estudar sobre esses objetos de conhecimento, relembrei das brincadeiras em família, com os colegas de infância, me fazendo sentir aqueles sentimentos que não mais lembrava.

Neste componente curricular, pude compreender a importância do brincar, do educar e do cuidar no processo das aprendizagens e desenvolvimento infantil. Para Vygotsky (1989), a criança nasce incluída em um meio social, que é a família, e é ela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros, mediante as brincadeiras, os brinquedos, os jogos. Nas interações cotidianas, a mediação (mediante símbolos, signos e instrumentos) e a mediatização (que se dá por meio do professor, por exemplo) necessárias na intervenção que ocorre no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas, pois é por meio da linguagem que interagimos com o outro e nós nos construímos como pessoas e profissionais.

Esses momentos, significaram e significam muito para mim pelo fato de vivenciar experiências diversas dentro da minha realidade, primeiro por ser mãe, avó, e bisavó, depois porque estive em sala de aula como professora auxiliar durante 2 anos com crianças, inclusive, com uma criança especial, onde foi necessário utilizar metodologias do componente citado como, por exemplo, buscar o interesse da criança e identificar os conhecimentos já internalizados por ela. Procurei saber o contexto de vivência dessa criança para poder saber ensiná-la.

Dando continuidade a outro componente estudado que significou bastante para mim e contribuiu para as minhas aprendizagens, foi Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), ministrado pelo Prof. Denilton Silveira de Oliveira, que nos explicou que devemos incluir em nossos planejamentos as questões relativas às aprendizagens mediada por Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, cujo objetivo componente consiste em avaliar a importância das TDIC no contexto da sociedade, e discutir a importância da formação continuada do professor para o uso dos recursos tecnológicos no processo de letramento digital.

As aprendizagens em relação ao uso das TDIC fizeram sentido para mim, pois comecei a conhecer o computador por meio das aulas apresentadas pelo professor Denilton, além de estratégias didático-pedagógicas para ensinar utilizando esse conhecimento como, por exemplo, as nuvens de palavras, o Power Point. Mas, confesso que ainda tenho dificuldades.

Aprendi que as TDIC estão presentes nas nossas vidas, nas diferentes esferas, em diferentes espaços e tempos, contribuindo para a interação com o mundo dos objetos. Podemos citar, por exemplo, o período das aulas remotas no contexto pandêmico, pois permitiu que as aulas acontecessem, bem como acelerou o nosso conhecimento em relação ao processo de ensino-aprendizagem com as tecnologias digitais, pois a partir daí conhecemos novos hábitos, tivemos que nos reinventar para poder aprender, aulas online, sala de aula em sua própria casa, aulas invertidas, aulas síncronas e assíncronas, processo que não entendíamos antes, mas hoje já estamos familiarizados.

Também considero como importante o componente curricular Educação de Jovens e Adultos (EJA), que foi ministrado pela professora Maria das Neves de Medeiros, conhecida no IFESP como Neves, tão grande é a popularidade dela com os estudantes, o que permite essa relação íntegra e respeitosa.

Me identifico consideravelmente com este componente, pois fui estudante da EJA, antigo supletivo. Nele, concluí a 6ª série, denominação antiga, na atualidade, o 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tive a necessidade de estudar o supletivo para concluir o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais); em seguida, adentrei ao curso de Magistério, no qual sempre almejei.

Reconheço que este componente curricular é de grande relevância para a minha formação profissional e pessoal, se constituindo como novas aprendizagens para a minha profissionalidade. Ramalho, Núñez e Gauthier (2003) destacam que nós professores estamos sempre nos formando, aprendendo e nos desenvolvendo, segundo eles, se constitui como uma tríade para a nossa profissionalização.

A EJA é um desafio na vida de um estudante que não teve condição de estudar na “idade certa”, ou seja, considerando a nossa cronologia. Por diversas vezes, tinha que trabalhar para ajudar em casa. Também percebia, mediante as minhas vivências neste espaço educacional, que muitos jovens não continuavam os seus estudos por diferentes motivos, dentre eles, o trabalho ou mesmo, para começar a vida de casado.

A EJA é uma modalidade de ensino, elaborada pelo governo federal para proporcionar o acesso à educação e à formação de pessoas que, por diversos motivos, não concluíram a educação básica na “idade certa”. Mediante as aulas expositivas e dialógicas da professora Neves, aprendi que devemos aplicar em sala de aula uma metodologia que possa facilitar o aprendizado do aluno, para que o mesmo possa ser motivado para conseguir ir até o final.

Dentro deste contexto entendi que o professor da EJA deve conhecer e entender a realidade do estudante e as diretrizes que orientam essa modalidade de ensino, para que assim, possa saber qual será as metodologias que melhor se adeque para permitir a apropriação de conhecimentos pelos estudantes. De tal forma que os estudantes encontrem motivos para aprender e continuar estudando. Para nortear ações dessa modalidade, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação estabeleceram a Resolução nº 01/2021, de 25 de maio de 2021 que:

[...] institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Educação de Jovens e Adultos a Distância. (Brasil, 2021)

Em seu Artigo 2º, esta Resolução expressa que o objetivo dessa modalidade de ensino consiste em possibilitar o acesso, a permanência e a continuidade dos estudos de todas as pessoas que não iniciaram ou interromperam o seu processo educativo escolar.

Compreendo que a importância da EJA para os estudantes se constitui como uma possibilidade efetiva, caminhos, aprendizagens e desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional a todas as pessoas e todas as idades (dentro do que é permitido por lei), permitindo que esses sujeitos tenham oportunidades de atualizar seus conhecimentos, se apropriando de conceitos, habilidades, atitudes, mediante trocas de experiências com seus pares sob a orientação dos professores e, assim, lhes viabilizando o acesso à novas formas de trabalho.

Políticas voltadas para a EJA exigem projetos pedagógicas que realmente compreendam esses trabalhadores estudantes. Destaca a Resolução nº 01/2021, de 25 de maio de 2021.

Em relação ao componente curricular que esteve conosco em todos os períodos, Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) I a VIII, os quais, por exemplo, o I e o II, tivemos como professoras: a professora Denise Caballero, a professora Elisângela Cabral. Nesses estudos, tive a oportunidade de vivenciar tipos de pesquisas variadas como, por exemplo, pesquisa qualitativa e quantitativa, estudo de caso, pesquisa-ação, dentre outras.

O estudo de caso é um procedimento de pesquisa que permite o aprofundamento de um assunto específico permitindo aprofundar o conhecimento sobre ele e, assim, oferecer subsídios para novas investigações sobre a mesma temática. (Yin, 2001). Segundo o autor, o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um

método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. Se constitui como uma pesquisa qualitativa.

Em relação à pesquisa-ação, aprendi que, como o estudo de caso e outros tipos de pesquisa educacional, podemos utilizar esse procedimento investigativo como professores pesquisadores da nossa prática. Lüdke e André (1986) enunciam, portanto, contribuições essenciais para a metodologia científica no contexto da pesquisa educacional, por meio de importantes discussões sobre a pesquisa-ação, detalhando alguns métodos de obtenção de informações, contribuindo assim, para a organização do processo metodológico de pesquisadores na área da educação.

Um dos textos orientados que estudei e gostei bastante foi o da autora Maria do Carmo Galiuzzi (2000) – O educar pela pesquisa como princípio, pedagógico e metodológico, sustentado pela importância da competência dialógica do professor pelo exercício da leitura, da escrita e da participação coletiva em estudos de investigação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo as minhas narrativas relembrando o passado, vivenciando o presente com as lentes para o meu futuro. Essas memórias acontecem em uma velocidade mil, permitindo dessa forma eu perceber que a nossa história de vida quando rememorada, nos leva para um entrelaçamento, cujos momentos estão presentes em nossa mente como uma trama. Uma trama repleta de fios de cores diferentes, de sentimentos, sentidos e significados diversos.

Relembrando a minha história de vida, vejo o quanto cresci intelectualmente, nas esferas conceituais, procedimentais e atitudinais. Quantas aprendizagens necessárias para lecionar na Educação Infantil, Ensino Fundamental e em espaços não escolares.

Na educação básica internalizei conhecimentos que foram base para a minha formação no nível superior, neste me apropriei e ainda estou em fase de assimilação para mobilizar para o meu contexto profissional, ou seja, utilizar esses conhecimentos em minha prática de sala aula, compreendendo, como expressa Paulo Freire, que somos sujeitos inacabados.

Concluo este curso de Pedagogia me sentindo transformada como pessoa, mulher, esposa, mãe, avó e bisavó, enxergando a realidade à luz do conhecimento que aprendi nesta instituição que é e continuará sendo uma referência na formação de professores.

Não pretendo parar meus estudos na graduação, almejo a pós-graduação, pois sei que a formação continuada é condição necessária para eu continuar me formando, aprendendo e me desenvolvendo como pessoa e como profissional da educação.

REFERÊNCIAS

BASTOS, F. Construtivismo e ensino de Ciências. *In*: NARDI, R (ed.). **Questões atuais no ensino de Ciências**. São Paulo, Brasil: Escrituras, 1998. p. 9-26.

BBC NEWS. **Pandemia Covid -19**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BONECAS de pano. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boneca_de_pano. Acesso em 10 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 01/2021 de 25 de maio de 2021**. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/aceso_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

BRUSCHINI, C. Mulher, casa e família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, fev. 1990. (Versão impressa).

CAIÇARA DO NORTE. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cai%C3%A7ara_do_Norte. Acesso em: 10 ago. 2023.

CERVERA, J. M.; ALCÁZAR, J. A. **Os pais perante o rendimento escolar**. 1983. Disponível em: <https://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo053.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (2016). **Evolução da formação de mestres e doutores no Brasil**. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/evolucaoformacao/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

COORDENAÇÃO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2016). **GEOCAPES**: dados estatísticos. Disponível em: <http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GALIAZZI, M. C. Algumas faces do construtivismo, algumas críticas. *In*: MORAES, R. (org.). **Construtivismo e ensino de ciências**: reflexões epistemológicas e metodológicas, Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS, 2008. p. 131-158.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: espaço de transformação e avanço na formação do professor de Ciências. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GIL-PÉREZ, D.; GUISASOLA, J.; MORENO, A.; CACHAPUZ, A.; CARVALHO, A.; TORREGROSA, J.; SALINAS, J.; VALDÉS, P.; GONZÁLEZ, E.; DUCH, A.; DUMAS-CARRÉ, A.; TRICÁRICO, H.; GALLEGU, R. Defending construtivism in science education. **Science & Education**, 11, p. 557-571, 2003.

HAMZE, Amélia. **As legislações do ensino fundamental de nove anos**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/ensino-fundamental-de-nove-anos.htm>. Acesso em: 21 jul. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativa populacional. 27 de agosto de 2021. (Consultado em novembro de 2022).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA.

Censo da Educação Superior 2014: notas estatísticas. Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

NIAS, M.; ABD-EL-KHALICK, F.; BENARROCH, A.; CARDELLINI, L.; LABURÚ, C.; MARÍN, N.; MONTES, L.; NOLA, R.; ORLIK, Y.; SCHARMANN, L.; TSAI, C.; TSARPALIS, G.

Construtivismo: defense or a continual critical appraisal? a response do Gil-Pérez.

Science & Education, 12, p. 787-797, 2003.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RAMALHO, B. L.; NÚÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto político pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy**. Natal/RN, 2019.

VIEIRA, J. A. **A Identidade da mulher na modernidade**. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/#>. Acesso em: 21 jul. 2023.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago ed., 1975.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookmam. 2001.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução: Ernani e da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Capítulo VI: Memórias Refletidas e Ressignificadas de uma Pedagoga Transformada Diante de Novos Saberes e Conhecimentos

Cátia Vieira Batista

1 INTRODUÇÃO

*Eu sou aquela mulher, a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.*

Cora Coralina

No começo não é tão fácil rememorar momentos vividos há um certo tempo de nossas vidas. Mas, ao ler o livro “A festa dos bonecos: identidades docentes em movimento”, organizado por González (2021), os memoriais lidos coletivamente e a partilha de nossas histórias de vida nos momentos de orientação fizeram com que experiências que eu imaginava ter esquecido voltassem à tona.

Escrever sobre nossa identidade pessoal e profissional como um ser em constantes buscas é uma das formas de compreender que somos constituídos em momentos prazerosos e desafiadores. Todos eles nos fazem crescer. E relatar nossa história de vida em relação à docência é uma das formas de compreender que a nossa profissão é tecida em diálogo com o outro (professores e colegas de turma) e o conhecimento. Assim, narrar minha história de vida me proporcionou refletir criticamente sobre as várias experiências vividas nas esferas pessoal, familiar, escolar, profissional e acadêmica.

O Memorial de Formação é um tipo de texto/discurso no qual o autor narra fases da sua vida, escolhidas e organizadas de maneira não linear, com foco nas conexões entre as lembranças e o conhecimento adquirido até o momento da escrita. O autor, situado no presente, se dirige a várias ramificações de perspectivas subjetivas, em um processo de desenvolvimento de conceitos a respeito de diversas experiências vividas. Isso ocorre sem

uma reconstituição exata das experiências passadas, mas sim por meio da reinterpretação, atribuindo um novo significado ao vivido (Passeggi, 2008; 2010).

Alguns autores cujas concepções explorei durante o curso de Pedagogia - Licenciatura são significativos para estabelecer um diálogo com momentos da minha trajetória pessoal. Dentre eles, destaco Paulo Freire, Lev S. Vygotsky, Maria da Conceição Passegi, Betania Ramalho, Isauro Núñez e Clermont Gauthier.

O propósito deste trabalho é realizar relatos, narrativas e argumentações sobre a trajetória de uma vida marcada por descobertas, desafios e conhecimentos diversos, presentes em minhas memórias desde a infância até as experiências que culminaram em minha formação como pedagoga.

Este memorial está estruturado em sete seções: Introdução; Minha infância e um recomeço; Adolescência e os desafios inéditos; Experiências no Magistério e as primeiras evidências de minha vocação docente; O ensino superior e os desafios na busca pelo diploma; A formatura: gratidão e novos horizontes; Considerações finais.

2 MINHA INFÂNCIA, MOMENTOS OUTROS E UM NOVO RECOMEÇO

*A adolescência é um segundo parto: nascer da família
para andar sozinho na sociedade.*

Içami Tiba

Meu nome é Cátia Vieira Batista, tenho 44 anos e nasci em Brasília, Distrito Federal (DF). Meus pais são Luzinete Vieira Batista (*in memoriam*) e João Batista Sobrinho. Infelizmente, perdi minha mãe devido a uma parada cardíaca e complicações pulmonares. Na época, eu tinha apenas 6 anos, minha irmã mais velha, 14 anos e a mais nova, apenas 4 anos. A perda da nossa mãe foi profundamente dolorosa – é imensurável como a presença de uma mãe é essencial para seus filhos! Entretanto, essa experiência nos proporcionou lições valiosas.

Morávamos em Brasília e tivemos que nos mudar para Natal, no Rio Grande do Norte, onde passamos a morar com nossos avós por parte de pai e com uma tia que é para nós uma segunda mãe.

Sou grata a Deus pelos avós que tive e à minha tia que permanece presente até hoje. Meus avós já estão na glória do Pai Celestial. Graças a eles, pude adquirir princípios

que continuam a me guiar, como o respeito ao próximo e a importância de internalizar apenas aquilo que é lícito, ou seja, os princípios e leis que contribuíram para o meu crescimento com significado. Essa base me impulsionou a alcançar várias conquistas e vitórias.

Natal, a “Cidade do Sol”, continua a me encantar. Aqui estou vivenciando uma série de experiências maravilhosas, cheias de aprendizado. O processo de recordar não segue uma linha reta, pois durante o ato de escrever estou imersa em diferentes sentimentos, navegando entre passado e presente e já contemplando o futuro. Nossa vida se assemelha a uma trama intrincada, composta por uma variedade de fios coloridos, representando as vozes dos outros que se entrelaçam conosco, se tornando parte da nossa própria história.

No dia 29 de outubro de 2006, nasceu minha filha Ana Beatriz. Costumo afirmar que ela é a minha história mais preciosa! Atualmente, aos 15 anos, está matriculada no primeiro ano do Ensino Médio. Ela é meu maior orgulho, minha melhor amiga, companheira, conselheira e confidente.

2.1 GRATIDÃO: SAUDADES ETERNAS

Saudades! Desejo prosseguir com meu relato memorial sob o tema “Saudades”, pois sinto falta da minha perna direita, de fato! Eu a perdi em um acidente de moto quando tinha 30 anos. Lamento pelas escolhas que poderia ter feito de maneira diferente, para que ela continuasse fazendo parte do meu corpo fisicamente. Entretanto, mentalmente, ela permanece no mesmo lugar. Passei por diversos cuidados hospitalares, mas a recuperação da minha perna não foi possível, já que ela foi dilacerada. No entanto estou aqui profundamente contente, pois emergi renovada das adversidades.

Às vezes, é necessário enfrentar uma pequena morte interna para que possamos renascer. Acredito que isso seja inerente ao nosso desenvolvimento pessoal e moral. Assim, crescemos mais resilientes e perspicazes, prontos para empregar os conhecimentos que acumulamos ao longo da vida. Trata-se de uma nova versão de nós mesmos, porém, preservando tudo de valor em nossas lembranças. Agora redefinindo o significado das coisas, é assim que entendo.

Hoje, passados 14 anos, expresso profunda gratidão a Deus pelo que me tornei e pelas conquistas que alcancei, tanto em termos materiais quanto espirituais. Tenho uma

forte convicção em minha fé em Deus, reconhecendo que construí e conquistei muitas coisas que não esperava e que não faziam parte dos meus planos.

Essa perda me proporcionou e continua a proporcionar valiosos ensinamentos, destacando aspectos que costumavam parecer insignificantes. Aprendi que precisamos uns dos outros para nossa própria formação e para contribuir para a formação dos demais. Não somos entidades absolutas, mas sim interdependentes. Pertencemos a uma intrincada rede de aprendizados, uma vez que somos todos filhos do Universo.

Por que destaco a palavra “saudades” no título desta seção? Porque sinto uma imensa saudade da minha mãe Luzinete, bem como do meu avô Amaro e da minha avó Raimunda. Quanto à minha mãe, não há muito a relatar, visto que as lembranças que restaram são escassas, pois vivi apenas seis anos ao seu lado, com pouca oportunidade de convivência e compartilhamento de experiências, já que ela dedicava a maior parte do dia ao trabalho. Minha mãe era uma guerreira incansável, sempre determinada a garantir que nada nos faltasse.

Minha mãe faleceu muito jovem, com apenas 33 anos, e coube à minha querida irmã mais velha, Jaqueline, uma adolescente de 14 anos, a tarefa de cuidar de mim e de nossa irmã mais nova, eu com 6 e ela com 4 anos, conforme mencionei anteriormente. Mesmo com tão pouca idade, Jaqueline assumiu o papel de nossa guardiã e segunda mãe. No fiar dessa história, meus avós paternos, Amaro e Raimunda, se tornam minhas referências fundamentais – e continuam sendo – moldando-me na pessoa que sou hoje.

Quando pessoas especiais, como meus avós, partem, elas deixam saudades e memórias, e levam não só nossos pensamentos, mas uma parte do nosso coração. São recordações que misturam alegrias e desafios, desempenhando um papel fundamental na formação de nossa identidade. Sou grata! Profundamente grata a Deus pela oportunidade de uma segunda chance de existir.

Sinto-me hoje renascida no mesmo corpo, porém com novos pensamentos, reflexões e intenções. Assim é a nova Cátia, cuja atual versão deve muito à tia Corrinha, a quem sou profundamente grata pela pessoa que me tornei, pela minha formação e por todas as conquistas e realizações que alcancei e construí. Meu mais sincero agradecimento, minha querida tia, hoje com 74 anos, mas que nos educou e apoiou, sendo minha primeira professora ao chegarmos a Natal. Até hoje ela continua a ser minha mentora, oferecendo seus conselhos, auxílios e “ajustes” a cada passo que dou na vida. Te amo, tia Corrinha.

Agradeço a você também, minha filha Ana Beatriz, carinhosamente chamada de Bia. Você foi e continua sendo minha grande fonte de inspiração para viver. Minha companhia mais preciosa, amiga e a história mais significativa que posso contar. Quero também expressar minha gratidão às minhas irmãs por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim. Obrigada, Jaqueline e Josi!

À minha tia Tetinha, uma mulher admirável e atualmente professora aposentada, expresso minha gratidão. Com certeza, ela foi minha grande inspiração para dar início ao curso de Magistério e, posteriormente, ao curso de Pedagogia. Hoje me encontro dedicada a estudar e a escrever o tão aguardado e sonhado Memorial de Formação.

Durante esta escrita, uma multiplicidade de sentimentos tomou conta de mim, variando entre alegria, tristeza e satisfação. Em algumas ocasiões, afastava-me dessas lembranças, chegando mesmo a desejar esquecê-las. A respeito desses momentos, Passegi (2008) ressalta que há momentos de tensão entre o “Eu” das experiências passadas e o “Eu” do presente, repleto de novas concepções sobre si mesmo e os outros, bem como do conhecimento adquirido e das teorias que foram estudadas, as quais podem embasar seus argumentos. Escrever sobre aspectos positivos ou negativos exige uma abordagem reflexiva, evitando a simplificação daquilo que fez parte de sua formação. Este é, portanto, um autêntico processo de análise reflexiva (Passeggi, 2008).

Assim como a fênix, sinto que renasço das cinzas em momentos inesperados, voltando ao campo para enfrentar novas batalhas. O renascimento é parte integrante da minha essência; persistirei em minha busca. Sinto atração pelo improvável, sou movida por desafios e firmemente acredito no poder da transformação. Não me contento com o óbvio; o “não” apenas me incentiva a continuar.

3 O SER ADOLESCENTE E OS NOVOS DESAFIOS

*Nossas vidas começam a terminar no dia em que
permanecemos em silêncio sobre as coisas que
importam.*

Martin Luther King

Nesta seção relato, de forma sucinta, as experiências vividas em família e as bonitezas da escola, aquelas que escolhi compartilhar com o leitor.

O sentimento é dotado de um poder extraordinário, de uma forma criativa e de um significado extraordinário, até que torne o inconsciente em consciente, mediante a sua materialização e, assim, o pensamento sentido se torna linguagem (VYGOTSKY, 2005).

3.1 O AMOR NA ADOLESCÊNCIA

Ser adolescente, para mim, significou a descoberta do amor. Foi nessa fase que comecei a frequentar a Escola Estadual Augusto Severo, em Natal, onde conheci um jovem chamado Clébio Balbino. Desde o momento em que o vi, ele capturou minha atenção de imediato. O que mais me encantava nesse início de descobertas, que trazia consigo tantas indagações, curiosidades e desafios, é que meus olhares eram correspondidos. Esse evento marcou minha adolescência. Eu estava experimentando meu primeiro amor, e o que tornava isso ainda mais encantador é que esse sentimento era tingido de inocência. Eu me sentia profundamente comovida por essa emoção e sentimento. Era como se, ao ser tocada por outra alma humana, eu também a tocassem.

Assim, minha adolescência foi marcada por sentimentos profundos e experiências desafiadoras que me conduziram ao mundo adulto. No entanto, ao reviver essas lembranças da adolescência, sinto-me novamente como aquele SER ADOLESCENTE, repleto de momentos singulares tanto em família quanto na escola. As situações complexas, algumas vezes entrelaçadas e outras vezes distantes, me orientaram continuamente a caminhar em direção a novos horizontes, sempre consciente dos desafios que surgiam.

Hoje, ao fazer uma autorreflexão após ter vivenciado inúmeras experiências nesse campo ao longo da minha vida, sinto uma forte inclinação em me colocar no lugar do outro. Esse desejo me leva a querer constantemente me aprimorar como ser humano, a ser alguém que está disposto a cometer erros para, em seguida, encontrar o acerto. Quando esse acerto ocorre, sinto-me motivada a continuar, mesmo que isso envolva superar obstáculos. A cada desafio, sinto-me mais preparada para enfrentá-lo.

Enquanto elaborava essas narrativas, lembrei-me de alguns estudos realizados em sala de aula acerca da adolescência. As pesquisas de Abramo (1997) destacam que a adolescência se caracteriza como um momento de exploração de valores, papéis sociais e identidades, muitas vezes envolto na ambiguidade entre a infância e a fase adulta.

Conforme a descrição de Abramo (1997), o aspecto central que define tanto a adolescência quanto a juventude é a sua natureza transitória.

3.2 TESSITURAS EM FAMÍLIA

Ao tecer minhas vivências familiares, percebo que revivo momentos únicos e especiais. Foi por meio dessas relações que passei a compreender, de fato, o que constitui uma família. Isso aconteceu quando me vi distante dela, vivendo em Natal, no Rio Grande do Norte. Nos meus primeiros anos, enfrentei uma grande tragédia que marcou profundamente minha vida: a perda da minha mãe – como já relatei neste espaço de memórias que agora se traduzem em palavras escritas. Atualmente, sinto plenamente o que é possuir e ser parte de uma FAMÍLIA.

Esses momentos especiais em família vivi e vivo depois que cheguei aqui em Natal. Em Brasília, não havia espaço para saborear e vivenciar as experiências que envolvem o conceito de família. Aqui, por outro lado, temos a oportunidade de conversar, brincar, compartilhar experiências e nossas vidas de forma mais significativa.

3.3 BONITEZAS DA ESCOLA

As escolas por onde passei, nas quais permaneci, estudei e me encantei, proporcionaram-me a oportunidade de experimentar muitas bonitezas. Por onde fiz a minha trilha, deixei marcas e também levei comigo, de cada momento vivido, grandes descobertas, experiências, desafios e muitas alegrias que para sempre estarão guardadas em meu coração.

As muitas experiências positivas que vivenciei em todas as escolas pelas quais passei, sem dúvida, permanecerão guardadas em minha memória eternamente. Tive a oportunidade de experimentar a simplicidade, a colaboração e o empenho de alguns colegas, assim como de cultivar amizades sinceras. Embora tenha tido poucos amigos, posso afirmar que eram verdadeiros e as inúmeras experiências que compartilhamos tiveram um impacto profundo em meu processo de aprendizado. Devido à minha perspectiva de que estudar e aprender são experiências incrivelmente cativantes, alimento um desejo ardente de continuar a buscar novos conhecimentos. Para mim, o ato de estudar é verdadeiramente fascinante!

4 O MAGISTÉRIO E AS PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS DE SER PROFESSORA

Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano.

Paulo Freire

Nesta seção, enfatizo as evidências que sinalizavam minha jornada para me tornar professora, bem como as lições que aprendi e o fascínio que experimentei em relação ao Magistério.

Foi no Magistério que me encontrei! Senti que era exatamente o que eu queria para o meu futuro. Meu desejo me encaminhou para a realização dessa escolha e foi quando vislumbrei trabalhar na área da educação. Pensei de imediato: quero ser professora. Posso dizer que a minha tia Tetinha foi, sim, minha grande inspiração.

Acho muito linda a arte de ensinar, quando realizada com amor e dedicação. Percebo que, ao ensinar, entrelaço saberes, experiências, desafios e conhecimentos, como uma artesã que entrelaça os fios para criar uma obra, independentemente da sua natureza. Contudo, reconheço a relevância tanto da formação inicial quanto da formação contínua para ser professora. Em consonância com Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), compreendo que a profissionalização docente está ancorada na profissionalidade, ou seja, na capacidade de ensinar. Portanto, enfatizo a importância da formação profissional, bem como no profissionalismo, que engloba o reconhecimento econômico, social, político e geográfico da profissão.

4.1 MINHAS INSPIRAÇÕES

Nesta subseção, trago à tona minhas experiências, marcadas por lembranças que perduram, especialmente as saudades eternas e as recordações da minha primeira professora. Relato o encontro com o novo, as descobertas da vida escolar e as novas vivências que vivi. Compartilho essa fase da minha vida porque ela possui um valor muito significativo para mim. Mesmo que este seja um breve texto, carrega grande importância ao compartilhar com o leitor essas memórias.

Minhas inspirações, especialmente minha primeira professora, a quem carinhosamente chamávamos de tia Irene (*in memoriam*), me impactaram

profundamente. A maneira como ela compartilhava conhecimento com seus alunos, com dedicação, paciência e amor, era verdadeiramente encantadora.

Dentro do âmbito familiar, minha tia Tetinha, como mencionado anteriormente, desempenhou um papel crucial. Sempre sábia e, ocasionalmente, “zanha” (firme), ela me deixava claro que ser professora requer uma abordagem séria com afetividade. Era, e continua sendo comum chamar as professoras de tia; no entanto, após as leituras orientadas pelos professores do Instituto Kennedy e suas explanações, compreendemos que ser professora não é o mesmo que ser tia.

No livro “Professora, sim; tia, não”, Paulo Freire aborda a responsabilidade dos educadores na transformação social. Ele critica a substituição da palavra “professora” por “tia” para se referir à “pessoa que ensina”, considerando isso uma armadilha ideológica. Em suas palavras, Freire examina as autênticas virtudes éticas que os educadores progressistas devem possuir e praticar. Ele enfatiza a importância de alinhar nosso discurso com nossa prática, especialmente se estamos comprometidos com a construção de uma sociedade justa e libertadora.

4.2 MINHAS APRENDIZAGENS

Ah, minhas aprendizagens! Percebo que a vida é como uma casa em constante construção, já que todos os dias estamos em um processo contínuo de transformação. Um livro tem o poder de alterar nossas vidas, permitindo-nos enxergar o mundo com um olhar diferente, um olhar crítico e reflexivo. Através dele, a cada dia descobrimos o mundo ao nosso redor. Para nos tornarmos bons profissionais, é essencial investir em nossa formação e na implementação de políticas públicas que valorizem os profissionais da educação.

Percebemos constantemente que estamos nos educando, aprendendo e nos desenvolvendo quando estamos presentes na sala de aula. É nesse ambiente que nossas necessidades formativas são articuladas. Conforme apontado por Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), essa tríade é de extrema importância como unidade dialógica em nossa profissionalização.

A cada estágio da minha vida, desde a educação básica até o ensino superior, tenho evoluído como pessoa e como profissional. Atualmente, sou habitada por diversas vozes que me moldaram em uma pessoa transformada. Isso se deu por meio dos

professores e dos conhecimentos que eles compartilharam conosco, conhecimentos que absorvi e ainda estou assimilando nas salas de aula do Instituto Kennedy, bem como nos espaços não formais nos quais entramos para explorar outras áreas nas quais um pedagogo pode atuar.

Toda essa trajetória se assemelha a um tecido, com suas variadas tramas, já que a nossa vida é uma reunião de fios, com diferentes fases, ciclos e tempos. Eu costumo afirmar que estou sempre buscando me aprimorar, a cada dia melhorando a mim mesma, pois as surpresas que encontramos ao longo desse percurso nos impulsionam a florescer, formando um novo ser: eu, Cátia!

5 O ENSINO SUPERIOR E OS DESAFIOS PARA A CONQUISTA DO CANUDO

*O ego é dotado de um poder, de uma força criativa,
conquista tardia da humanidade, a que chamamos
vontade.*

Carl Jung

Nesta seção, apresento o trajeto que percorri durante o curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior Presidente Kennedy - IFESP, instituição localizada em Natal/RN e reconhecida por formar professores para a Educação Básica.

De acordo com o Projeto do Curso de Pedagogia - IFESP/RN, a Graduação em Pedagogia - Licenciatura desta instituição foi autorizada a operar conforme o Parecer CEE/CES Nº 094/08, homologado pelo Decreto Estadual nº 21.009, de 12 de janeiro de 2009, e teve sua renovação de reconhecimento com base no Parecer nº 014/2014 - CEE/CES/RN e no Decreto Estadual nº 24.801, de 11 de novembro de 2014. Esse documento representa a atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) para solicitação de reconhecimento, ao mesmo tempo que substituirá a versão anterior em vigor.

O Curso de Pedagogia - Licenciatura consiste em um curso presencial que valoriza processos didáticos que não sejam focados na mera transmissão de conteúdos científicos, mas na valorização dos saberes e das experiências trazidas pelos (as) alunos(as), na participação em atividades de pesquisa e de extensão e que incorporem o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem (IFESP, 2019, p. 7).

O IFESP, conforme esse documento, tem uma trajetória centenária. É uma instituição de ensino superior com uma história peculiar em Natal e no Rio Grande do Norte. Sua origem se situa no contexto da elaboração das Escolas Normais no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX. Essas instituições tinham por objetivo formar o professor para atuar no ensino primário, hoje, denominado anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo de sua existência, a instituição passou por transformações embasadas nas demandas sociais e nos marcos legais, porém mantendo seu objetivo de formar professores.

Ainda me embasando nesse documento, apresento a missão da instituição:

Promover uma educação profissional de qualidade social, através do ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva de uma formação docente crítica, ética, reflexiva e política que permita uma atuação na sociedade que contribua para o desenvolvimento sustentável do Rio Grande do Norte e do país. (IFESP, 2019, p. 16)

Minha chegada no Instituto Kennedy foi algo muito inesperado e incrível, tendo acontecido por meio de uma amiga da igreja que frequento. Ela me falou da inscrição e sobre a prova que ia acontecer, então eu me inscrevi e na semana seguinte realizei a prova para concorrer a uma vaga no curso de Pedagogia. Havia trinta vagas e eu passei na 26ª colocação. A prova foi uma redação cujo tema não me recordo agora.

Hoje agradeço a minha amiga Rejane por ter compartilhado comigo essa informação e me alegro por estar na etapa final de muitas e grandes realizações vividas.

Fiz e tenho muitos colegas no Instituto Kennedy. Quando falo colegas, falo no geral. Amigos, só tenho dois, o Daniel e a Geiza, com os quais me identifico bastante. Somos um trio e sempre fazemos e apresentamos trabalhos e seminários juntos. São pessoas maravilhosas, compreensivas e muito inteligentes. Considero-os verdadeiros amigos/irmãos!

No que diz respeito aos professores, expresso profunda gratidão e admiração por todos. Sempre elogio a equipe de professores onde quer que eu vá, ao mencionar que estou prestes a concluir meu curso de Pedagogia. Eles são responsáveis, competentes, afetuosos e incrivelmente compreensivos. No entanto, permita-me ser honesta ao afirmar que há duas professoras e quatro professores aos quais admiro imensamente, sem menosprezar os demais, mas é que eles me lembram muito Paulo Freire em sua abordagem de conexão interpessoal ao ensinar.

Em relação aos componentes curriculares que tive a oportunidade de estudar, devo confessar que todos deixaram uma marca profunda em mim. Cada professor(a) compartilhou os conteúdos de forma esclarecedora e dinâmica, alinhados à nossa realidade atual. Através deles, absorvi os conteúdos de aprendizado que pretendo ensinar, como, por exemplo, os conceitos, procedimentos e atitudes, conforme orientado por Zabala (1998). Além disso, aprendi estratégias didático-pedagógicas valiosas, como o método de ensino por investigação na Educação Infantil e nos anos finais do Ensino Fundamental. Essa abordagem permite aos estudantes desenvolverem autonomia e criatividade, visto que são orientados a explorar por conta própria.

No que diz respeito aos estágios, tanto os remunerados quanto os supervisionados, estes últimos sendo componentes integrantes do currículo do Curso de Pedagogia, aprendi a aplicar os conhecimentos adquiridos na prática em sala de aula. O estágio supervisionado abrange diversos ambientes educacionais, incluindo a Educação Infantil (Estágio I), os anos iniciais do Ensino Fundamental (Estágio II), a gestão escolar (Estágio III) e espaços não escolares (Estágio IV).

No contexto do Curso de Pedagogia - Licenciatura, os Estágios Curriculares Supervisionados (I, II, III e IV) ocupam um lugar de destaque no Projeto Pedagógico do Curso. Eles são considerados componentes curriculares obrigatórios, sendo uma oportunidade fundamental para estabelecer conexões entre a formação acadêmica e o mundo profissional. Isso ocorre por meio de um processo contínuo de interação entre a academia e a realidade social, cultural e educacional.

O Estágio Curricular Supervisionado obrigatório do curso representa um espaço crucial para o aprofundamento teórico-prático em diferentes dimensões da educação básica e da gestão pedagógica, tanto em ambientes escolares quanto não escolares. Por meio dessa experiência, os estudantes têm a chance de integrar e aplicar os conhecimentos adquiridos, preparando-se para enfrentar os desafios do campo educacional.

Assim estão organizados os Estágios Curriculares Supervisionados, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do IFESP (2019):

- Estágio Curricular Supervisionado I - Educação Infantil: o estudante consolida os conhecimentos teóricos estudados ao longo do curso e concretiza as habilidades profissionais no decorrer das suas ações em instituições de Educação Infantil, acompanhado de estudo, análise e reflexão crítica.

- Estágio Curricular Supervisionado II – Anos Iniciais do Ensino Fundamental: o estudante mobilizará os conhecimentos aprendidos no curso para as salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, acompanhado de estudo, análise e reflexão crítica.
- Estágio Curricular Supervisionado III – Gestão Escolar: o estudante é imerso no espaço escolar em busca de informações sobre a estrutura, funcionamento e todas as complexidades que permeiam a gestão do processo educacional. Ele participa da gestão, contribuindo para a implementação de ações e atividades a partir de estudos e análise da problematização com sugestão de soluções às circunstâncias de ensino e aprendizagem nos sistemas de ensino.
- Estágio Curricular Supervisionado IV – Espaço não escolar: o estudante mobiliza seus conhecimentos teóricos aprendidos ao longo do curso para diferentes espaços não escolares: ONGs, movimentos sociais, hospitais, abrigos de idosos, empresas, sistema prisional, editoras, brinquedotecas, participando do planejamento e execução de ações/atividades práticas pedagógicas supervisionadas nos diferentes contextos.

Em cada estágio que realizei, tive a oportunidade de conectar as concepções teóricas que estudei durante o curso com a prática em sala de aula, desenvolvendo um olhar crítico-reflexivo em relação à minha atuação profissional. A importância da relação entre teoria e prática se tornou evidente, especialmente ao perceber que as aprendizagens dos estudantes ocorrem de maneiras variadas. Isso me levou a considerar a necessidade de continuar estudando e me aperfeiçoando, reconhecendo a importância de conhecer diversas teorias de aprendizagem e estratégias didático-pedagógicas para adaptar meu ensino de acordo com as necessidades dos alunos.

No que diz respeito aos estágios remunerados, tive a valiosa oportunidade de estagiar na Escola Municipal Antônio Campos, localizada no bairro de Mãe Luiza, na zona leste de Natal. Durante dois anos, acompanhei uma adolescente de 12 anos que enfrentava depressão.

A convivência com essa estudante me ensinou a buscar estratégias alternativas de ensino-aprendizagem para despertar seu interesse pela aprendizagem. Essa experiência proporcionou aprendizados significativos e deixou lembranças profundas em meu coração.

De acordo com Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), a escola é um espaço de formação contínua e dinâmica. Nesse ambiente, os educadores se formam, aprendem e desenvolvem suas habilidades profissionais. Reconhecer as necessidades formativas dos estudantes é fundamental para compreender e atender às nossas próprias necessidades de desenvolvimento profissional, contribuindo assim para nossa contínua profissionalização.

Uma das partes que mais me admirava nessa escola era a gestão, muito organizada e acolhedora.

Outra escola em que vivenciei experiências importantes para minha futura profissão de pedagoga foi o Colégio FACEX, localizado no bairro de Capim Macio, na zona sul de Natal. Segundo informações disponíveis na página eletrônica da instituição, o colégio nasceu do sonho de uma família dedicada à educação, tendo como idealizador o professor José Maria Barreto Figueiredo, diretor-presidente do Centro Integrado para Formação de Executivos - CIFE. A história do colégio remonta a 1971, quando foi fundado no antigo casarão da Escola Técnica de Comércio, no bairro da Ribeira, como ressalta o texto no site da instituição.

Durante minha passagem por essa escola, atuei por oito meses acompanhando um adolescente de 13 anos que tinha Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade - TDAH. O TDAH é um distúrbio neurobiológico que se manifesta geralmente na infância, caracterizado por falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. De acordo com Silva (2020), esse transtorno afeta cerca de 3% a 8% da população infantil e adolescente.

Embora o TDAH seja reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Silva (2020) ressalta que ainda há muito preconceito associado a ele. Muitas vezes, as pessoas erroneamente interpretam os sintomas como falta de educação ou desinteresse intencional, o que não corresponde à realidade.

Infelizmente, ainda há uma falta de compreensão generalizada em relação às necessidades dessas pessoas, sejam crianças, adolescentes ou até mesmo adultos com esse transtorno. Algumas pessoas já possuem um olhar mais afetivo e técnico, mas muitas continuam a perceber o TDAH com preconceito. Essa é uma questão relevante, uma vez que, como menciona Silva (2020), cerca de metade dos casos de TDAH persiste ao longo da vida, ainda que de forma mais atenuada. Portanto, a conscientização e a compreensão são fundamentais para oferecer um ambiente de apoio e inclusão a essas pessoas.

Os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Pedagogia, especialmente nos componentes curriculares baseados na psicologia, como Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Educação, desempenharam um papel fundamental em minha capacidade de planejar atividades de estudo e estratégias didático-pedagógicas que atendessem às necessidades específicas do estudante com quem trabalhei. Ao considerar o interesse e as características individuais desse estudante, busquei criar situações de aprendizagem significativas para o seu processo educativo.

Minha experiência de estágio nessa escola foi altamente gratificante. Durante esse período, pude conscientemente aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, além de vivenciar a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. A reciprocidade de cuidado entre mim e o estudante foi tocante, evidenciando a importância do respeito e da dedicação mútua.

Os estágios obrigatórios em outras escolas também foram enriquecedores e proporcionaram oportunidades contagiante e inesperadas de aprendizado. A interação com profissionais competentes e acolhedores nessas instituições me levou a refletir sobre minha prática pedagógica e a reconhecer a necessidade contínua de me especializar para atender às demandas dos estudantes. Percebi que a aprendizagem é um processo colaborativo, no qual a relação entre teoria e prática é essencial para criar estratégias de ensino eficazes.

Essas experiências me ensinaram que o amor é a base de um ambiente de aprendizagem saudável e produtivo. Acolher os estudantes como indivíduos únicos e respeitar suas diferenças é fundamental para o desenvolvimento pleno de cada um. Ensinei aos meus alunos a importância de aceitar a diversidade e de valorizar a singularidade de cada pessoa.

Minhas reflexões sobre essas vivências reforçam como me tornei uma profissional comprometida e dedicada à educação. Ser pedagoga não é apenas transmitir conhecimento, mas também é proporcionar um espaço de crescimento, descoberta e amor. Minha jornada como educadora me fez compreender a importância de minha voz na vida daqueles que cruzaram meu caminho, deixando um legado de aprendizado e afeto.

5.1 ENCONTRO COM NOVOS COLEGAS: CONHECIMENTOS E RESENHAS

Na minha jornada, tive a oportunidade de conhecer novos colegas, com os quais tive a chance de trabalhar em equipe, aprender coisas valiosas e compartilhar os conhecimentos adquiridos ao longo deste enriquecedor curso.

Entre esses colegas, destaco com carinho dois amigos especiais que tive a honra de conhecer. Juntos, enfrentamos desafios, realizamos trabalhos em equipe, compartilhamos ideias e vivemos momentos de aprendizado e diversão. Nossa colaboração constante fortaleceu nosso vínculo e tenho certeza de que construímos uma amizade duradoura.

Uma das memórias especiais que tenho com esses amigos remete a um acontecimento marcante em nossa trajetória.

5.2 OS MESTRES: MEDIATIZADORES DAS MINHAS APRENDIZAGENS

Meus amados mestres, mediatizadores¹ das minhas aprendizagens, tenho muita gratidão a todos vocês, pois demonstram notável competência na arte de ensinar e conviver. São compreensivos e nas aulas de cada componente curricular, eu observava claramente o domínio dos temas abordados, assim como a abordagem dialógica que estabeleciam com afetividade. Isso se refletia tanto na partilha de saberes e conhecimento quanto nas atividades orientadas.

Quero expressar meu sincero agradecimento a cada um de vocês por me proporcionarem a oportunidade de concluir este maravilhoso curso. Hoje consigo identificar suas influências em meu discurso oral e escrito. Vygotsky (2005) destaca a importância crucial dessa interação dialógica para que os indivíduos possam efetivamente aprender e se desenvolver.

Cada aula trouxe consigo um conjunto diversificado de aprendizados. Entre eles, destaco a habilidade de elaborar planos de aula e relatórios, além de desenvolver uma postura firme diante de apresentações, seja na sala de aula como docente ou em seminários, que inicialmente me geravam apreensão, mas que consegui superar com determinação.

¹ Mediatizadores, segundo Vygotsky (2005) são aqueles sujeitos que orientam as aprendizagens, diferentemente de mediadores que são os símbolos, signos e instrumentos.

5.3 OS NOVOS CONHECIMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: DELICIOSAS E PRAZEROSAS EXPERIÊNCIAS

Ao longo desses anos de curso, assimilei diversos conhecimentos que me levaram a refletir sobre como posso me aprimorar tanto pessoal quanto profissionalmente. O que antes parecia complexo e difícil, hoje se tornou claro e objetivo, uma concepção transformada.

Gosto de compartilhar as experiências e aprendizados adquiridos durante este curso, especialmente nas escolas onde tive a oportunidade de vivenciar a prática docente, tanto nos estágios supervisionados obrigatórios quanto nos remunerados. Em todos esses contextos, acumulei ensinamentos prazerosos e memoráveis, como já mencionados.

Esses novos conhecimentos me capacitam e continuarão a fazê-lo, permitindo-me entrar nas salas de aula com habilidades técnicas, pedagógicas e científicas bem desenvolvidas. Consigo agora abordar as diversas situações que vivencio e vivenciarei nesse ambiente com a mentalidade de uma professora-pesquisadora, capaz de identificar situações desafiadoras da minha prática e buscar soluções fundamentadas em teorias do conhecimento.

Em relação à abordagem educacional baseada na pesquisa, Galiuzzi, Moraes e Ramos (2003) ressaltam que ela contribui de forma efetiva para o aprimoramento da formação docente. Contudo, essa ideia inovadora ainda encontra barreiras em muitos ambientes escolares, resultando frequentemente em movimentos implícitos de resistência (Galiuzzi, Moraes; Ramos, 2003, p. 2).

Cada etapa deste curso foi repleta de desafios, já que tudo era novo para mim. No entanto, isso foi extremamente prazeroso, pois estava imersa em um processo de aprendizado, formação e desenvolvimento pessoal e profissional. Ramalho, Núñez e Gauthier (2003) nos fazem refletir sobre a importância dessa tríade, que, segundo eles, tributa para a nossa profissionalização como docentes. Ou seja, estamos nos apropriando de novos saberes² e conhecimentos³ para, então, sermos reconhecidos na nossa profissão.

² Compreendido como social ou socializável, sendo mais ligado à reflexão e à linguagem; tem mais a ver com as palavras (GROSSI, 1990).

³ Entendido como pessoal e mais ligado à ação; tem mais a ver com as percepções e movimentos (GROSSI, 1990).

6 A FORMATURA: GRATIDÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

Sonhos determinam o que você quer. Ação determina o que você conquista.

Aldo Novak

A minha formatura finalmente chegou e estou emocionada, pois aguardei esse momento com grande expectativa! Alegria e gratidão transbordam em meu coração! Embora já tenha expressado meus agradecimentos, sinto a necessidade de fazê-lo novamente. Minha gratidão a Deus é imensa, especialmente por ter superado minha própria descrença e alcançado essa conquista. Me orgulho de mim mesma, por ter conseguido algo que em determinado momento pareceu impossível.

Quero agradecer a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para essa realização. À medida que este momento se aproxima, começo a traçar novos projetos, como participar de concursos assim que surgirem, e no próximo ano, planejo me matricular em um programa de pós-graduação que já tenho em mente. Ainda estou considerando minhas opções, pois há muitos campos do conhecimento nos quais desejo me aprofundar. Com o certificado em mãos, continuarei investindo em minha formação, pois é o que tenho como base para meu futuro.

Para mim, a formação representa alcançar a liberdade intelectual, permitindo-me analisar discursos com maior capacidade e expressar minhas opiniões de maneira autônoma e crítica. Essa ideia ressoa com o que Paulo Freire (1996) discute em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. Ele destaca que o processo de ensino não se trata apenas da transmissão de conhecimentos, mas sim da criação de oportunidades para a construção de novos saberes. Segundo Freire, os educandos se tornam sujeitos ativos em seu próprio aprendizado, reconhecendo que ensinar é aprender e aprender é ensinar.

Com esses princípios em mente, estou pronta para seguir adiante, continuando a aprender, ensinar e crescer como pessoa e profissional. A formatura é apenas o começo de uma jornada contínua de busca pelo conhecimento e pelo aprimoramento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não há saberes mais, não há saberes menos, o que há
são saberes diferentes.*

Paulo Freire

Hoje, dia 14 de julho de 2023, estou sentada na terceira carteira da primeira fila, no último dia de aula do componente curricular Estatística Aplicada à Educação, sob os cuidados de um grande mestre, o professor Robson, a quem admiro profundamente e de quem absorvi inúmeras aprendizagens e descobertas interessantes.

Durante este curso, enfrentei diversos desafios que certamente deixaram uma marca significativa em mim. Fazer um breve resumo desses momentos é uma forma de reconhecer que a perseverança e a determinação devem ser partes essenciais de todas as nossas ações. Neste instante, meus olhos estão cheios de lágrimas, pois sinto uma profunda emoção ao escrever estas palavras. Ao resumir esses longos anos de estudos, uma única palavra surge com grande força: GRATIDÃO!

Agradeço por ter concluído este curso tão desejado e sonhado. Quero expressar minha gratidão a um ser supremo pela sua grandiosidade e pela força que me foi concedida: Deus, sou imensamente grata a ti. Também gostaria de agradecer à minha orientadora, cuja presença foi fundamental. Com ela, percebi a simplicidade e a facilidade na construção do meu memorial, graças à sua calma, paciência e habilidade em inspirar e orientar a construção das palavras. Agradeço também aos meus grandes mestres pela dedicação, paciência, boa vontade e carinho, por passarem, via Google Meet e na sala de aula, aprendizagens tão centradas, com metodologias diversas, que nos permitiram internalizar teoria e prática nesse caminhar. Uma jornada mágica, com muitas descobertas que desabrocharam em mim.

Quero reforçar meu agradecimento a esses mestres por fazerem parte da minha jornada, reconhecendo que minha transformação aconteceu em colaboração com eles, assim como com meus colegas de turma. Me torno uma nova pessoa, com novas habilidades e pensamentos renovados, uma construção que também é fruto da minha própria contribuição. No entanto, mantenho a consciência de que meu processo de formação, aprendizado e desenvolvimento pessoal e profissional é contínuo.

Tenho em meus planos prosseguir com minha educação através de um programa de pós-graduação. Estou de olho nos cursos que em breve terão seus editais lançados, buscando aprimorar ainda mais meu conhecimento na área da educação. Reconheço que a vida de um professor é uma jornada de crescimento constante, em que a busca por aprendizado e aperfeiçoamento nunca cessa. Estamos sempre subindo uma escada em direção ao conhecimento, adaptando-nos às mudanças e incorporando novos saberes para enriquecer a experiência educacional de nossos futuros estudantes.

Termino os dias sempre com um pensamento positivo e é assim que quero concluir este memorial: Não importa o quão difícil tenha sido o dia de hoje, amanhã representa uma nova oportunidade para fazer melhor, para continuar aprendendo e crescendo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, p.25-36, maio/dez.1997.

As 50 Melhores Frases de Paulo Freire. **Pensador** Disponível em: <https://www.pensador.com/melhores frases paulo freire patrono educacao brasileira/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

FACEX: CONHEÇA. Site Facex. Disponível em: http://site.facex.com.br/?page_id=49. Acesso em: 22 jul. 2023.

Frases de Cora Coralina. **Pensador**. Disponível em: https://www.pensador.com/cora_coralina frases/https://www.pensador.com/cora_coralina frases/. Acesso em: 22 jul. 2023.

Frases de Içami Tiba. **Pensador**. Disponível em: https://www.pensador.com/icami_tiba frases/. Acesso em: 22 jul. 2023.

Frases de Martin Luther King. **Pensador**. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_de martin_luther_king/. Acesso em: 22 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque; RAMOS, Maurivan Güntzel. **Educar pela pesquisa**: espaço de transformação e avanço na formação do professor de Ciências. Editora: Unijuí. Porto Alegre, 2003.

GONZÁLEZ, Fred Enrique (Org.). **A festa dos bonecos: identidades:** docentes em movimento. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021 327p.

GROSSI, E. P. **Didática do nível alfabético.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 1990

NOVAKI, Aldo. Frases de Conquista. **Pensador.** Disponível em: https://www.pensador.com/frases_aldo_novak/. Acesso em: 22 jul. 2023.

PASSEGGI, Maria da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Mediação Biográfica:** figuras antropológicas do narrador e do formador. In: Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes. PASSEGGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

RAMALHO, Betania L.; NÚÑEZ Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o Professor –** Profissionalizar o Ensino. 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.** Natal/RN, 2019.

SALES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia I.** Campinas I22(1) I 33-41 I janeiro -março 2005.

SILVA, Flávia. **Entenda o que é TDAH e como ele pode afetar o processo de aprendizagem.** Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/o-que-e-tdah/>. Acesso em 03 de maio de 2023.

VIGOTSKY, Lev. S. **Pensamiento y lenguaje.** La Habana: Pueblo y Educación, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. 224 p. ISBN: 8573074264.

Capítulo VII: Tecendo a História de Vida de uma Educadora

Creusa Laurentino da Silva Santos

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial de Formação acadêmica intitulado *Tecendo a História de Vida de uma Educadora* tem por objetivo transcrever o relato histórico das minhas vivências enquanto estudante desde minha infância até o presente momento acadêmico que estou vivenciando no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP). Segundo Arco Verde (2007),

O memorial é um gênero textual rico e dinâmico que se insere na ‘ordem do relatar’, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação (Arco Verde; Arcoverde, 2007, p. 02).

Consciente da minha individualidade e produtividade de todo o meu desempenho enquanto discente até o ponto mais elevado da minha vida acadêmica, falar da minha vida escolar, minha vida acadêmica é falar de algo que expressam muitas sensações, é narrar, pesquisar, riscar, relacionar-se com o outro e assim por diante... É uma infinidade de ações possíveis, é falar das minhas aprendizagens como das minhas travessuras, é fazer uma retrospectiva do tempo, fazendo uma espécie de diário no qual escrevo todas as minhas recordações desde os momentos bons como também os constrangimentos da minhas experiência da vida durante a minha trajetória escolar.

Refletir sobre a minha biografia é olhar para um tempo do passado e trazê-lo para mais perto; é como se desse um *clic* nas lembranças da minha história reescrevendo uma nova história pela qual o ponto de partida são as experiências do meu passado. Sinto-me orgulhosa com a construção advinda deste trabalho, pois ele será, para mim, um tesouro diferente cujo valor são as letras que descrevem todo o meu processo da minha

aprendizagem e objetiva a cumplicidade do meu esforço, acreditando em minha maneira de pensar, valorizando cuidadosamente todo o conhecimento adquirido, como também adequando-os em minha carreira enquanto uma profissional da educação.

2 PREFÁCIO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA

As minhas narrativas nesta seção expressam sobre a construção da minha história, na qual exigiu de mim comprometimento, renúncia, persistência e o pleno interesse em realizar algo que um dia sonhei: *ser professora!*

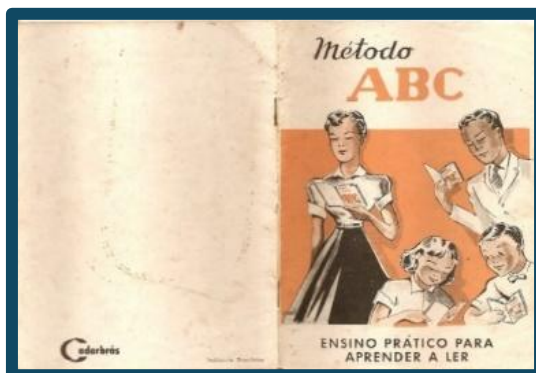
Nasci no dia 05 de março do ano 1964, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Meu pai era pescador e minha mãe lavadeira de roupas, sendo os dois analfabetos. Com isso, eles não se preocupavam em nos matricular numa escola pública e sim, em escolas tradicionais (casas)¹, tendo uma professora como alfabetizadora, pois era de costume naquela época. Não me lembro bem da minha idade quando iniciei os meus estudos numa dessas escolas, acredito que eu tinha entre 7 e 8 anos de idade.

Iniciei essa trilha com a famosa cartilha do ABC² (Fotografia 1), tendo como professora uma senhora conhecida como dona *Naninha*; era uma professora rigorosa e tinha como um dos instrumentos de trabalho uma palmatória, confesso que era bem assustador aquela metodologia, eu tinha muito medo, mas como eu gostava muito de estudar achava prazeroso ir para aquela escola mesmo eu sabendo que apanhava por não saber a lição. Afinal, eu não tinha outra escolha!

¹ O ensino tradicional fundamentou-se na filosofia da essência, de Rousseau, passando à pedagogia da essência (Saviani, 1991). Ao indivíduo que está "adquirindo" conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (MIZUKAMI, 1986. p.11).

² Conforme destaca Stamatto (1998), a cartilha (*segundo o dicionário Houaiss a palavra cartilha designa um pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os rudimentos para aprender a ler, carta do ABC*), manuais escolares empregados na alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil, desde a época colonial. Disponível em: <https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=imagem+da+cartilha>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Fotografia 1 – Representação da Cartilha do ABC



Fonte: Google imagem, 2023.

Passei por várias escolas daquele tipo, lembrando-me muito bem do nome de cada uma das professoras pelas quais sempre dediquei todo o meu respeito. O que eu não entendia era o fato da minha mãe nos mudar tanto de escolas, porque para onde eu e os meus irmãos íamos estava lá a cruel palmatória para nos assustar, pois eu ainda vivenciei aqueles procedimentos no século XX. Embora, a dita palmatória tenha surgido no século XIX, naquele espaço, onde eu estudava, ainda estava presente em nossas vidas de estudante.

Segundo Giusta (2013), a expressão mais modesta para essa epistemologia é refletida pelo behaviorismo, tanto em sua versão clássica, como em sua versão contemporânea. Ainda, para a autora, a meta do behaviorismo sempre foi a construção de uma psicologia *científica*, livre da introspecção e fundada numa metodologia “materialista” que lhe garantisse a objetividade das ciências da natureza.

Em resumo, quanto ao processo da leitura e da escrita daquela geração, a do século XX, enfatizo que Jean Piaget (1896-1980) teve grande influência, sendo ele revolucionário nas modificações de posturas e concepções tradicionais que orientavam o processo do desenvolvimento e da aprendizagem da época.

A teoria de Piaget (1970), denominada de Teoria Piagetiana, se centra no desenvolvimento infantil e, por isso, chamada de Teoria do Desenvolvimento. Segundo o autor, nas fases da infância correspondem ao tempo de maior criatividade na vida de um ser humano. Fundamentada nas pesquisas acerca do desenvolvimento humano e cognitivo, a chamada teoria cognitiva de Piaget foi denominada por ele próprio como *epistemologia genética*. Sua teoria foi fundamental para o surgimento da corrente construtivista.

2.1 RETROSPECTIVA DAS MINHAS APRENDIZAGENS COM AS PROFESSORAS DO PRIMÁRIO

Primeiro foi a dona Naninha, depois dona Josina, dona Ambrozina a dona Lourdinha e seu Chiquinho. E cada um desses mestres me ensinaram o *B – A (BA)*. Eu tinha muita vontade de estudar numa escola pública, os chamados grupos escolares. Era encantador ver os estudantes fardados de azul e branco e a famosa conga com as meias brancas até o gargalho dos joelhos como também ver aquele público desfilar pelas ruas do bairro no dia da Independência, todos os anos. Entretanto, os meus pais não despertavam para essa minha vontade.

Por último, a minha mãe me colocou para trabalhar numa casa de família quando eu tinha apenas 10 anos de idade, e lá estava eu estudando outra vez numa daquelas “escolinhas” (forma carinhosa de denominar), onde a professora tinha por nome dona Dequinha. O bom é que ela não usava mais a palmatória, esse capítulo da história já tinha acabado. O ponto bacana dessa história foi que por mais que eu não tivesse uma escola certa, e com todo esse meu vai e vem, eu já estava pré-silábica, eu já lia algumas palavras simples e escrevia poucas palavras, como também já não estava mais na cartilha do *ABC*.

Agora, eu já estava ponderada da minha primeira cartilha que tinha por nome o “Meu Barquinho Amarelo”. A minha felicidade era muito grande, pois na cartilha não havia só letras, mas também gravuras bem coloridas; era um mundo encantado com letras e desenhos de personagens cujo personagem principal era um menino chamado Marcelo. E lá estava eu naquele mundo imaginário.

Todas as noites quando me deitava naquele quartinho que ficava pelo lado de fora da casa da patroa, eu, cuidadosamente, tentava fazer as minhas atividades de casa sozinha e como eu entendia e lia pequenos trechos das leituras propostas no livro. Foi aí, em uma noite desse mundo encantado pela força da vontade de aprender a ler, que eu aprendi ler sozinha a minha primeira palavra mais complexa.

A palavra foi *Brasileira*, pois essa palavra estava escrita numa caixa, num cantinho do quarto que eu dormia e que por várias e várias noites eu colocava a minha cabeça pendurada na rede e tentava ler aquela palavra que eu não conseguia juntar as sílabas; era uma palavra muito difícil de se ler! Eu só conseguia fazer a leitura assim: Brasil/eira, Brasil/eira... e foi muitas noites tentando descobrir aquela palavra misteriosa. Foi então, que em uma daquelas noites bateu em minha lembrança a palavra “brasileira” e lá estava

eu lendo aquela palavra tão avançada para o meu grau de pré-alfabetizada. Aquele momento foi a noite mais encantadora de todas as minhas leituras. E foi assim o início da minha trajetória enquanto estudante.

Nesta época, para ensinar a ler e a escrever, era por meio do soletrar.

[...] o professor profere as palavras destacando as sílabas uma por uma de modo a torná-las bem perceptíveis, e os alunos vão repetindo as mesmas palavras ao modo vulgar, isto é, sem essa separação de sílabas, tendo o cuidado de bater as palmas ao proferir a sílaba tônica. [...] Da decomposição da palavra em sílabas, o professor passa à distinção dos elementos de uma palavra. Vejamos exemplos dessas duas situações da 'leitura auricular'. O professor diz: escola. Os alunos repetem (em côro): escola e batem as palmas ao proferir a sílaba có. [...] O professor diz: P, â; r, ê; d, e. O côro repete: Pâ, rê, de; Parede. (Lage, 1924, p. 46-47)

Atualmente, por meio do curso de Pedagogia, compreendo que esse método não responde mais a realidade, pois conheci as concepções de Emília Ferreiro (1989) e Magda Soares (1980), essas pesquisadoras orientam que ensinar a ler e escrever consiste em um sistema construído progressivamente. Dessa forma, chego à conclusão de que as primeiras escritas feitas pelos educandos no início das suas aprendizagens devem ser consideradas como produção de grande valor.

Hoje, cursando Pedagogia, aprendi que existem outros métodos, dentre eles, aquele que é orientado por uma teoria da alfabetização, que concilia resultados e integra estruturadamente os estudos dos métodos de alfabetização nos diferentes processos de aprendizagens, o que concordo com Magda Soares (2016), Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984).

Segundo Magda Soares (2016), é imprescindível que os alfabetizadores conheçam os caminhos e o contexto da criança para orientar seus procedimentos ao ensinar, e os passos da criança. Só assim, é possível alfabetizar com método, afirma a autora. Para Magda Soares (2016), o desenvolvimento da escrita e da leitura ocorre por meio da organização de fases do desenvolvimento.

Ferreiro e Teberosky (1984) investigaram os processos cognitivos da criança, envolvendo a construção de suas hipóteses e conceitos acerca da escrita, compreendendo como um sistema de representação. As autoras estabelecem cinco níveis do desenvolvimento da escrita: desde um primeiro, que parte dos grafismos e garatujas infantis até níveis posteriores, nos quais a criança processualmente, parte de concepções

de escritas sem correspondência com o valor sonoro, até escritas com essa correspondência, chegando ao princípio alfabético.

Atualmente, cursando Pedagogia, compreendo melhor esses processos e os vejo como conhecimento inerente à profissão do professor com formação em Pedagogia, seja ele alfabetizador ou não.

2.2 METODOLOGIAS ESCOLARES E OUTRAS APRENDIZAGENS

Falar desse momento da minha vida não é tão fácil, mas também não é impossível! Passeggi (2008) nos relata que o momento em que buscamos relembrar nossa história de vida, nos leva a momentos positivos e aqueles, os quais rejeitamos, nesse instante, naturalmente, nos afastamos das recordações que não gostamos de relembrar.

Sinto-me honrada falar da importância do meu vivido, que se deriva dos fatos da minha história. Sendo assim, sou incentivada a refletir sobre os aspectos da minha infância como brincadeiras, brinquedos, a convivência com a minha família, a vizinhança, os colegas da escola, enfim, uma infinidade de coisas boas que me deixaram com saudades para o meu tempo futuro.

Ainda falando dessas lembranças, lembro-me também do meu tempo escolar e de algumas metodologias que por sua vez eram utilizadas como recursos para as nossas aprendizagens, e eu estava lá, sendo vítima daquela rotina tradicionalista³ que, hoje, compreendo que tudo aquilo era um mero castigo.

Os ensinamentos eram ministrados para as crianças por professores particulares nas casas como pequenas escolas. Sendo o principal método de ensino o repetitivo, iniciando pela carta do ABC, nos ensinando a leitura e a escrita, sendo a leitura soletrada e memorizada. Lembro-me bem que eu tinha que repetir cada palavra pronunciada pela professora e com a mesma entonação, e a dinâmica indesejável era a maldita palmatória que por vezes, o medo de errar a lição era tanto, me deixava travada, complicando e dificultando ainda mais a minha aprendizagem como também a aprendizagem de alguns colegas da turma.

³ Método elaborado por Skinner (1904-1990) e utilizado pelas escolas da época. Para ele as leis de aprendizagem se aplicavam a todos os organismos. Nas escolas, seguindo este preceito, o comportamento de estudantes poderia ser modelado pela apresentação de materiais em cuidadosa sequência, e pelo oferecimento das recompensas ou reforços apropriados.

Afinal, ao remexer nesse tempo do meu passado enquanto a minha aprendizagem na infância, compreendo hoje, como estudante de Pedagogia, que a sistemática pedagógica daquela época era composta por formalismos e regras que impediam os estudantes entrarem num clima que garantiam os seus direitos, pois teriam que seguir uma rotina dirigida pelo seu mestre.

Entretanto, tratando-se de remexer nas lembranças da minha educação, chego à conclusão de que não sou um banco de memória, é claro! Contudo, a minha “CPU” humana aponta uma grande quantidade de fatos ocorridos pela qual me permeia descrever esse percurso que me movimenta para refletir e transitar sobre a história da educação e as aprendizagens daquela época da minha infância.

Partindo dessa experiência única e singular, faço menção ao leitor desse memorial compreender que a educação foi tendo um novo rumo com a criação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e que ao longo do tempo foi se modificando a forma de trabalhar com uma metodologia mais humana, partindo da postura do professor, como mediador, e não como um professor coronel, sendo relevante ao meu entendimento, tanto quanto ao entendimento do leitor que nessa época da minha infância, se fazia notório a educação bancária cujo professor era o ditador e os estudantes o receptor das ordens (Brasil,1971).

Dessa forma, foram fluindo novas conquistas de aprendizagens dentro das escolas, de modo que esse novo contexto criado para a educação modelou o operar da inteligência abrindo o caminho que se fundem nas emoções do recordar, gerando emoções positivas como também situações de prazer e sentimento ativo, pelo qual o curso de Pedagogia tem nos mostrado uma nova existência e realidade, nos qualificando como educadores reflexivos.

Relativamente, o eu (narradora) me aproprio das vivências e dos valores, acreditando sempre na força transformadora da educação, na construção desse conhecimento que durante a minha trajetória como estudante de Pedagogia me fez compreender que a vida e a aprendizagem não se separam.

3 A ESCOLA PÚBLICA: UM SONHO REALIZADO

O repertório que aqui se enuncia sob o tema está atribuído a toda obra do eu (narradora) da sua própria história de recordar para contar. Assim, lembro-me dos

escritos de Passeggi e Carrilho (2007), quando argumentam que o Eu de quem escreve, do narrador, do relator e do argumentador, do que descreve fatos, coisas e objetos, se encontra em um só: o Eu que possibilita a utilização de uma escrita em primeira pessoa. Portanto, mais uma vez me encontro como narradora, relatora e argumentadora da minha própria história. Uma narradora, ora menina, ora adolescente, ora adulta. Dou início a minha história nesta seção, assumindo a identidade de menina.

Havia uma menina que morava em um bairro da capital, considerado muito simples e afastado do centro da cidade. Ela levava uma vida simples com a sua família, contudo uma vida feliz, pois a sua infância a tornava muito feliz! Ela já sabia ler algumas palavras com poucas sílabas, sendo pré-alfabetizada por várias professoras das supostas escolas particulares.

Aquela menina tinha um sonho de estudar numa escola do governo (pública), porém a sua mãe, por falta de conhecimentos, não se voltava para atender o pedido insistente daquela menina e, para piorar, a sua mãe ficou muito doente de uma enfermidade por nome de *Elefantíase* e o seu pai saiu de casa, deixando aquela senhora com os seus seis filhos. Não vendo outra saída, a sua mãe colocou as suas três filhas para trabalhar como domésticas, sendo a mais nova delas entre 10 e 11 anos de idade (Eu).

E mais uma vez aquele sonho de estudar numa escola Pública foi embora! Porém, considerando que a mãe daquela menina não a tinha abandonado, ia vê-la sempre... e em uma dessas visitas para saber como estava a sua filha, ela a encontrou a menina muito frágil e com muita febre. Foi aí que a mãe da menina a trouxe de volta para a sua casa. Cujo momento soava como um sonho incrível! Qual se traçou ali um final feliz. O sonho de estudar numa escola pública estava perto de realizar-se. A saída daquela casa estava sendo a porta de entrada para a realização da grande conquista daquela menina, pois o sonho de estudar numa escola pública estava mais perto do que se pudesse imaginar! O calendário daquele ano já marcava o final do ano de 1976.

Foi aí que aquela menina se dirigiu a sua irmã mais velha e repetiu o mesmo pedido o qual se arrastava há anos, de ser matriculada numa escola pública. Sua irmã, atendendo ao pedido, foi até aquela escola que ficava no final daquele mesmo bairro, e para a alegria daquela menina a sua matrícula foi realizada com sucesso para o ano seguinte, o ano de 1977. Naquele momento, estava iniciando-se uma nova trajetória escolar para a alegria daquela menina.

Ainda fazendo-se menção por se falar desse momento encantador da minha vida, em resumo, trago na lembrança o aconchego daquela escola. Era uma escola pequena, situada na Praia da Redinha, em Natal, no Rio Grande do Norte, tendo por nome Escola Estadual Professor Leonor Lima. Foi então, nessa escola, no cantinho no meio do nada, que a contadora dessa narrativa se sentia estudante de verdade. Estando ela de posse da farda tão sonhada, com o direito aos livros, provas e boletins com os registros das notas, provando que ela estava inserida na sociedade, na escola.

No entanto, aquela menina do início da história já estava fora de faixa, já havia completado os seus 12 anos de idade e, sendo assim, não pôde cursar a 1ª série primária⁴, mas dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN nº 9.394/1996, permitia cursar a 2ª série primária. Era tudo muito encantador... as brincadeiras, fila para a merenda, o Hino nacional por reverência à Pátria nas consagradas quintas-feiras, o tão sonhado desfiles pelas ruas do bairro, no dia 7 de setembro e, é claro, não poderia deixar de falar da querida professora que, carinhosamente, todos a chamavam de dona Luizinha.

O meu entusiasmo e a vontade de estudar só crescia, sendo que, para mim, o ponto mais difícil se dava nas realizações das atividades de casa, uma vez que eu não podia contar com a ajuda da minha família pelo fato deles não saberem ler, que de tal modo, eu me encontrava na necessidade de pedir ajuda para alguém, sempre que precisava. Na verdade, essa ajuda vinha sempre de um rapaz por nome de *Jacinto*, a quem tenho muita gratidão pelas inúmeras vezes que sempre recorria e ele nunca se omitiu em ajudar-me com a realização das minhas lições de casa.

Dentro desse contexto de entusiasmo, a vontade de estudar, que não parava mais, o corre-corre pelas ajudas para as execuções das atividades de casa, e enfim... vale ressaltar que o resultado de todo esse esforço, para a minha alegria, no final daquele ano, é que fui aprovada por média. Sendo a única aluna a tirar nota 100 na disciplina de Língua Portuguesa. A felicidade era tanta que não cabia dentro de mim, precisava dar a notícia o mais rápido possível para minha mãe e minha irmã e, é claro, ao amigo Jacinto e, por fim, a nota tão desejada no boletim dentro do sistema escolar estava garantida.

Sob o novo ano (1978), nascia novas expectativas... agora, já com quase 13 anos de idade, iria cursar a 3ª série primária. Eu continuava muito animada com aquela maratona

⁴ Terminologia utilizada na época, estabelecida pela LDB nº 9.394/1996. Atualmente, anos iniciais do Ensino Fundamental.

que não parava mais. Tendo por professora iniciante daquele novo ano letivo, a querida professora por nome de *Nice*, lembro-me bem da sua doçura, uma voz leve e serena e os seus olhos azuis, igual um pedacinho do céu. No entanto, ela precisou se ausentar da turma antes mesmo de concluir o ano letivo; ficando em seu lugar a professora *Tereza*, a quem nós chamávamos de dona Terezinha.

Considerando a sua personalidade, ela era muito carrancuda e suas ideias não agradavam muito a turma. Sem ter outro jeito, o ano letivo prosseguiu e lá estava eu em busca de mais uma conquista. E diante dessa corrida contra o tempo, contei com mais um sucesso, a minha aprovação por média foi bem-merecida pelo tamanho dos meus esforços. A gratidão a *Deus* vinha sempre em primeiro lugar, pois a sua Graça me basta. Logo após, a gratidão a minha família e a todos aqueles que estiveram sempre dispostos a ajudar-me na minha aprendizagem.

As recordações não acabaram por aí, e a cada momento surgem as lembranças como resgate do tempo, que continua no papel da minha memória, refloreando como um tempo afetivo e reflexivo, como o espírito de boa compreensão mútua entre o eu e o outro da minha própria história. Sendo assim, nessa linha do meu recordar, que por sua vez vem átona o ano de (1979). Estava cursando a 4ª série do ensino primário, o 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental no tempo presente (2023). Era mais um ano espetacular na minha trajetória estudantil, parecia que eu estava sonhando acordada, afinal, considero esse ano como a marca registrada (LTDA) no período daqueles três anos.

Todavia, o que escrevo nessa parte da minha história não é uma utopia e nem tampouco uma ideia qualquer da minha imaginação ou coisa parecida. O que, de fato, registro aqui foi real, é uma parte do acontecido do meu vivido naquele ano de 1979, sem aumentar ou diminuir um ponto. Tudo começou muito bem como todos os anos, a professora era maravilhosa e como todos os estudantes, nessa idade, têm os seus professores como ídolos e sua total segurança.

Diante do que já foi mencionado, na abertura dessa epígrafe, tendo como referência a minha professora como meu ídolo e, de fato, eu a considerava assim. Contudo, toquei num ponto, do eu e do outro como se fosse a face das duas moedas, como exprime o dito popular. Não me sinto confortável ao relembrar do acontecido dessa parte da minha história. Mas se tratando da escrita de um memorial, ressalto que vale a pena lembrar, pois foi a partir desse ponto não agradável, entre mim e a minha professora que nasceu em mim o desejo de ser professora.

Sobre esses meus pensamentos, Passeggi (2008) defende que haverá momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, repleto de novas concepções de si e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que você leu, o qual pode fundamentar sua argumentação. Escrever sobre o positivo ou negativo numa postura de reflexão e não de redução do que fez parte de sua formação, ou seja, um verdadeiro processo de análise reflexiva. É justamente o que está acontecendo comigo ao escrever a minha história de vida.

3.1 O ACONTECIDO

Era uma manhã, como todas as manhãs, a sala de aula estava repleta de estudantes todos enfileirados, sentados de dois em dois, dividindo a mesma carteira de acordo com a organização das salas de aula daquela época. Na ocasião, a turma estava realizando uma atividade de interpretação de texto. Foi nesse momento que surgiu um ato desagradável, pelo qual eu fui chamada atenção pela professora de forma que eu senti o mundo desabar sobre mim. Naquele momento, eu senti muita vergonha, e não aceitei a repreensão, embora a culpada por aquela circunstância teria sido eu mesma.

E naquele instante, tomada por um sentimento raivoso, escrevi numa folha de papel uma palavra que nunca tinha feito parte do meu vocabulário. Como também escrevi a seguinte frase: “Um dia eu vou ser professora, e vou ser diferente!”

Então, eu pedi para uma colega ler o que eu havia escrito e a colega, após ler, falou para a professora. Ela recebendo a mensagem ficou muito triste e eu reconheci que não era para menos! Como ela poderia ficar feliz com aquela atitude de uma aluna tão aplicada e que ambas demonstravam muito carinho uma pela outra? Na verdade, a culpa era minha!

A professora estava fazendo o seu papel, que só depois de um tempo, compreendi o lado certo da moeda ao qual me referi. Ainda refletindo sobre o descontentamento, ressalto que o que distancia uma pessoa da outra é o mal-entendido. Por essa razão, se faz pertinente compreender que o professor e o estudante devem manter-se regulados pelo amor e compreensão.

3.2 O PEDIDO DE DESCULPAS

Inicia-se aqui mais um capítulo da história onde o eu (narradora) continuo refletindo sobre o tempo do meu passado. Agora, com uma corrida contra o tempo, que

perpassa a vontade ilimitada de corrigir e curar o seu erro. É notório reconhecer que foram dias refletindo, pois eu não queria ocultar a verdade e a rota a traçar era procurar a casa da professora para um pedido de desculpas. Eu não sabia do endereço, mas eu tinha uma pequena pista que, para falar a verdade, eu não sabia se ali era uma pista de fato.

Nesse momento de reflexão, lembro de um dos textos que li sobre Memorial de Formação nas aulas do curso de Pedagogia. Como expressam Prado e Soligo (2003) Prado, Cunha e Soligo (2007) busco na memória a narrativa do meu processo formativo enquanto indivíduo, discente e profissional. Pois, mesmo narrando sobre as minhas vivências do passado, vem em minhas memórias o Eu indivíduo, o Eu discente e o Eu profissional. Somente eu, a autora, quem pode escrever o entrelaçamento entre lembranças que são minhas, me colocando na posição de quem as organiza e lhes dá um sentido, encontrando caminhos de autoconsciência no próprio processo de escrita em curso.

Parece loucura, ou história de pescador, mas para quem acredita em cumplicidade, fará jus de que a história aqui contada não é dinheiro, mas é real. O que me remete escrever sobre a suposta pista, foi que em um determinado momento nós íamos no mesmo ônibus quando ela desceu em uma determinada parada no Bairro das quintas. Contudo, ela ainda magoada por conta do episódio, não me dirigiu a fala. Foi aí que refleti ainda mais sobre o meu erro. Foi então, que em uma certa tarde resolvi tomar uma atitude, sem falar nada para a minha mãe, me arrumei peguei o ônibus e lá fui eu a traçar a rota...O destino era o Bairro das Quintas.

Particularmente, eu não sabia se aquela direção estava certa, o que sei é que eu estava à procura do meu “elo perdido”, o que não foi tão fácil, passei parte daquela tarde batendo de porta em porta, como também fazendo o retrato falado boca a boca. Quanto mais eu procurava, mais difícil ficava.

No entanto, a vontade de abraçar o meu “elo perdido” era tanto, que eu ganhava forças por aquela procura incessante... e quando me parecia que todo aquele esforço estava sendo em vão, encontrei alguém que a conhecia, apenas de vista. Na verdade, acredito que foi um anjo que me apareceu naquele momento. Ele me orientou o caminho onde eu podia encontrar o meu elo perdido. E finalmente a encontrei.

O momento do reencontro foi incrível, foi um momento ímpar! O pedido de desculpa foi feito por ambas as partes. O meu coração vibrava de felicidade, porque tudo que me interessava era aquele pedido de desculpas.

Naquele momento compreendi que reciprocidade é ter atitudes, é dividir sentimentos favoráveis com o eu e com o outro, pois o respeito depende da entrega do sujeito para que tudo dê certo e tenha um final feliz. Essa parte da minha história é algo indescritível para o eu (narrador) contador da própria história.

E para aprimoramento desse relato escrito nessas linhas do meu memorial, trago uma linda reflexão que permeia a verdade fundamentada na elaboração desse texto, onde remete-se a um dos versos encantadores da poetiza Cora Carolina (1889-1985): Não sei... Se a vida é curta, ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

4 O CAMINHO PARA A ESCOLA: MEU MUNDO NATURAL E FASCINANTE

Inicia-se aqui, mais uma viagem no trem das minhas aventuras sendo o passageiro especial o registro das minhas memórias com as experiências do meu vivido. E no embarque dessa incrível aventura, vale ressaltar que um bom registro não deve ser genérico, ele deve abordar os detalhes, privilegiando as origens das memórias.

Falar desse tempo, do caminho para escola intitulado o meu mundo natural e fascinante, é falar dos encantamentos da natureza como o mar, o céu, as dunas, os rios e as vegetações. Todas essas belezas fizeram parte desse mundo natural, o meu mundo físico. Portanto, como não falar dessas belezas, se elas permeavam pelo meu caminho para a escola? Elas me encantavam e me fascinavam deixando o meu trajeto escolar mais atraente.

Por essa razão, como não lembrar de um cenário como aquele? Reflexões como essas transformam o registro aqui escrito num instrumento valioso, onde a personagem real aprende com a própria história ao recordar dos encantamentos que fizeram parte da sua infância até a sua adolescência.

As memórias que fazem parte para a escrita desse memorial são os espaços e o tempo, que vinham acompanhados das descobertas, dos desafios e das novas experiências. A mais preciosa era cada emoção que dominava as brincadeiras que surtiavam um efeito positivo como a socialização, a autonomia, e a comunicação entre o eu e o outro.

Conforme Vygotsky (2008, p. 36), "a relação entre a brincadeira e o desenvolvimento deve ser comparada com a relação entre a instrução e o desenvolvimento". E, ainda: "à medida que a brincadeira se desenvolve, temos o

movimento para o lado no qual se toma consciência do objeto da brincadeira" (Vigotski, 2008, p. 37).

Ainda nessa conexão com o (re)memorar dos acontecimentos sobre o meu passado, o que de fato me faz sentido transitar por mais uma etapa do meu mundo natural são as lembranças daquele cantinho quase que no meio do nada, pois era ali que situava a escola na qual eu estudava. Era realmente um mundo encantador, pois a sua frente ficava voltada para o mar e para uma igrejinha de pedra sendo a mesma um monumento histórico daquele bairro da minha cidade Natal.

Entretanto, era mesmo ali naquele cantinho, que nos intervalos das aulas, ou antes de abrir os portões para a entrada, nós aproveitávamos o tempo para brincar. Embora o espaço fosse grande geograficamente, ele se tornava pequeno para as nossas aventuras como tica-tica, roda, e tantas outras, sendo o mais atraente era o famoso jogo de pedrinhas que tinha por nome as *Cinco Marias*. No entanto, apesar de ser atraída pelas brincadeiras, o desejo de aprender operações de aritmética era grande. Embora eu já dominasse algumas operações, porém, eu ficava perdida na divisão e mais uma vez estava eu correndo atrás de quem podia me ajudar.

Sendo que dessa vez, não foi o moço “jacinto” citado no início desse escrito e sim, por um próprio colega de sala por nome de “Maciel,” eu sabia que ele não era o gênio da lâmpada, mas na minha concepção, eu o considerava o gênio da matemática. E sendo assim, em um certo dia, quando nós estávamos brincando no intervalo da aula, eu me uni a ele não para brincar e sim para pedir que ele me ensinasse como determinar continhas de divisão.

Pois naquele momento único, ficando até mesmo difícil de se acreditar, talvez! Mas, bastou apenas um curto momento na hora daquele intervalo e com a minha força de vontade de aprender, que o conhecimento veio à tona. É notável que crianças em sua construção cognitiva possam sim ser um sujeito ativo e participativo que, de tal modo, possam compartilhar o seu conhecimento em que ele também se encontre na sua formação cognitiva. Além disso, lembro-me que, enquanto estudante de Pedagogia, aprendi nos estudos do componente Curricular *Psicologia do Desenvolvimento*, ministrado pela professora formadora Rosa Maria Silva Damasceno, que estudamos o período das operações formais, onde compreendi que o indivíduo consegue aprender de forma abstrata, formula o conhecimento a partir das ideias e pensamentos. Nesse sentido, Rappaport (1988) afirma que a adolescência, entre onze e doze anos, percebe-se a

passagem do pensamento concreto para o formal, abstrato, isto é, o adolescente realiza as operações no plano das ideias, sem necessitar de manipulação ou referências concretas, como no período anterior. Ele é capaz de lidar com conceitos como liberdade, justiça etc. E para acentuar mais essa concepção, harmonizo também com o que diz Vygotsky (1984).

A brincadeira cria para a criança uma 'zona de desenvolvimento próximo' que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual do desenvolvimento determinado pela capacidade de desenvolver independente um problema e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de companheiro mais capaz. (Vygotsky, 1984, p. 97)

Graças ao jeitinho paciente daquele colega que deixou o seu momento de brincadeira para ajudar uma colega de sala. E dali por diante eu aprendi por completo resolver as operações de divisão. E daquele momento de brincadeiras e interações, estava ali crianças pré-adolescentes colocando em prática a mistura de fantasias e conhecimentos.

4.1 AS TRAVESSURAS QUE AINDA ME TOCAM

Ainda em consonância com a prática da vivência e muitas descobertas por aquelas viagens, destaco um público que não se dava por conta das suas travessuras em que muitas das vezes desafiavam os perigos pelos quais, levados (as) pelas brincadeiras, não percebíamos o que poderia dar errado com as travessuras aprontadas. Dessa feita, enquadra-se aqui nessa seção da minha história a interação da autonomia e o brincar.

E quando trato de falar do caminho para a escola, atribuo esse momento para uma liberdade enquanto estudantes, e sobre a forma do nosso entendimento para aquele mundo natural, ele era enriquecido de possibilidades magicamente para aquele público. Afinal, o recordar é o reviver de um tempo para outro tempo.

Falo de um tempo do meu vivido que já ficou para trás por décadas, mas quando me aprofundo nas lembranças desse meu passado, percebo que quase nada foi apagado da minha memória. Além de lembrar das minhas aprendizagens, vale ressaltar também falar das minhas travessuras. Daqui por diante, embarco em mais um momento argumentativo que se reflete na história do meu passado.

Como eu morava num bairro praiano (litoral), quando me refiro a um bairro praiano, estou me referindo a uma praia linda, ao meu pedacinho de chão, um cantinho que considero paradisíaco, sendo esse pedacinho de chão a praia da Redinha, com suas areias brancas, barcos e pescadores, que, de acordo com alguns historiadores, apontam o termo Redinha como um nome originado de Portugal (Focoturismo, 2018).

Já para outros estudiosos historiadores do Rio Grande do Norte, o seu nome se originou das redes de pescarias e que também ele era uma colônia de pescadores, tendo consigo os encantos das belezas naturais, a qual eu – narradora – defino como sendo o meu *Caribe* brasileiro.

Havia ali muitas casas de veraneio em que a maioria delas ficava fechada durante um certo período do ano, bem como ainda é até os dias de hoje. É aqui, nessa parte da minha história, que entram as inusitadas aventuras que fizeram parte do meu próprio universo.

Todas as tardes, quando saíamos da escola e retornávamos às nossas casas, nós observávamos algumas casas fechadas e algumas delas tinham árvores frutíferas e logo vinha o desejo de mexer naquilo que não era nosso. E como os muros não eram tão alto, já se pode imaginar qual seria a astúcia genuína daquele bando de pré-adolescentes levados. Como não tendo muito o que fazer, o jeito era pular os muros das casas e o resultado era muito bom!

Eu confesso que eu, narradora dessa história, nunca tinha visto um lugar tão apropriado para tamanhas travessuras e que, na verdade, o grupo só precisava estar preparado para segurar as emoções dos espetáculos, pois dos pés de carambolas, pitangas, pinhas e o delicioso jambo só sobravam as folhas. Porém, o que eu não sei explicar é se as pobres formigas levavam a culpa pelas nossas travessuras.

E mais que isso, eram os pés de limões, que nem mesmo eles escapavam das nossas garras... Enfim, esse era o nosso momento lúdico de explorar o nosso mundo. Eram tantas descobertas malucas do nosso paladar, o limão só ficava mais saboroso polvilhando sal por cima. Nossa estratégia era cada um levar das nossas casas um pouco de sal na mochila. Entretanto, nós reconhecíamos que a coisa não era tão boa, mas também não era tão ruim. Na verdade, o que estava em jogo era a nossa adrenalina.

Reconhecendo-me narradora que se desloca nessas escritas para contar as suas reais experiências do seu vivido, lembrando do seu tempo de criança, onde até mesmo os

perigos se infiltravam em brincadeiras e de tudo tirava aprendizados, vale concordar com o que diz Vygotsky:

As brincadeiras são estratégias que permitem o aprendizado da criança no campo da alfabetização. A criança aprende a atuar em uma determinada esfera cognitiva motivada por brincadeiras dando significados existências entre comportamento na realidade, que atua em seu mundo imaginário estabelecendo regras a serem seguidas. (Vygotsky, 1998 apud Rego, 2001, p. 80)

Foram muitas travessuras aprontadas, era um mundo de magia, todos nós com a mesma mentalidade, entendendo a vida não só como existência, mas como um processo de construção e prazer e que tudo se tornava brincadeira. E nessa perspectiva do recordar para contar... é como se eu voltasse a ser criança outra vez.

Tenho um novo olhar para essas recordações, um olhar de futura pedagoga, pois vejo nessas travessuras a ludicidade, reconhecendo-as como uma das estratégias didático-pedagógicas que aprendi, no curso de Pedagogia, ser tão importante para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança. E reflito “quanto me desenvolvi ao fazer essas travessuras – brincadeiras de criança.

5 A MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR: DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS AO ENSINO MÉDIO

Inicia-se nesse espaço de partilha mais uma contação da minha história de vida, uma vez em sintonia com a realidade do eu-narradora, que tomo como ponto de partida para essa epígrafe o tempo do meu passado e do meu vivido que, particularmente, iniciarei com a escrita de um verso da minha própria autoria, pois se não fosse o tempo do meu passado, o que era bom não tinha virado lembranças. Que não tinha virado saudades. Que não tinha virado inspiração para eu escrever tantas recordações das fases da minha história e de tantas coisas boas que a vida me proporcionou num determinado tempo. Sem idade, onde tudo era encantamento, tudo era belo, e tudo era realidade. Esse tempo, era como se eu fosse uma metamorfose, uma borboleta em transformação, passando de uma experiência para outra.

Falo aqui do tempo da minha transição escolar, o meu ginásio, ou 1º grau no ano de 1971. Hoje, segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996, a nomenclatura dessa modalidade de ensino foi substituída por Ensino Fundamental Anos Finais. Sendo os

documentos de referência que norteiam a educação básica a Lei de nº 9.394, que estabelece as Diretrizes da Educação Nacional (LDBEN).

Afinal, essa trajetória foi traçada pela minha adolescência, na qual passei a estudar na Escola Estadual Professora Dulce Wanderlei, situada no próprio bairro onde eu morava, na Redinha, sendo ela inaugurada no ano de 1980, para receber as primeiras demandas escolares. Era uma escola “novinha em folha”, tudo a sua volta exalava o perfume de coisas novas. Pois bem, eu tive o privilégio de ser estudante da turma inicial daquela escola e daquele ano de 1980.

Nessa nova etapa, passei a ter vários professores, como também, vários Componentes Curriculares. Faço destaque de um deles: o Componente Curricular de Educação Física, tendo um excelente professor por nome de Dário. Eu estava vivenciando uma nova experiência, e um dos pontos mais atraente das aulas era o jogo de queimada e quando o professor levava a turma para realizar os exercícios na areia da praia, ao ar livre que, por vezes, fazia parte do meu mundo “Natural e Fascinante.”

Hoje, eu, narradora desse Memorial, como também estudante de Pedagogia, tenho a concepção de que tudo que eu praticava estava relacionado ao método de educação lúdica, e que contribuía para as minhas aprendizagens. No entanto, de acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1988), educar significa, portanto, proporcionar situações e cuidados, brincadeiras e aprendizagens direcionadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal.

Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Ainda falando nas lembranças dos meus professores daquela época, além do professor Dário, um outro professor que me marcou foi o professor do componente Curricular Língua Portuguesa, que tinha por nome de *Gilson*, ele era muito legal, porém ele não dava moleza para os seus estudantes, de forma alguma! Ele me fez passar por uma experiência inesquecível, porém não tão agradável, pois ele havia passado um trabalho para a turma, era um trabalho bem complexo, tratava-se das conjugações dos verbos e sendo dado para a turma um prazo de 15 dias para a entrega. E lá estava eu com o trabalho prontinho entregando no dia marcado. Nossa! Precisava ver a minha alegria por ter entregado o meu dever de casa.

Os trabalhos eram realizados em folhas de papel pautado, pois as folhas de papel eram a maior atração e fazia parte do material didático da época. A realização da atividade foi a parte boa e positiva. No entanto, a parte negativa veio ao entregar trabalho para o professor, quando eu havia escrito o trabalho colorido, pois na época havia surgido uma caneta com quatro cores onde fazia a alegria dos adolescentes.

Pois é! Para mim, o trabalho estava perfeito, mas para o professor, estava um carnaval. Aliás, se tratava de um trabalho de Língua Portuguesa. E para o leitor desse Memorial entender o que aconteceu, segue a explicação. O professor não aceitou aquele meu trabalho multicolor e me mandou para a sala dos professores para que eu refizesse todo o trabalho, usando apenas a caneta da escrita azul. Meu Deus! Foi uma tortura! Um trabalho, em que eu passei quase duas semanas escrevendo, tive que refazê-lo em apenas metade de uma tarde. Sem dúvida! O ponto bom daquele professor era o fato de ele aprimorar em nós estudantes o conhecimento e nos preparar para os anos seguintes.

Uma outra coisa boa que ele gostava de realizar com a turma era a prática da leitura nos livros Literários e depois fazermos o resumo. Lembro-me bem de um desses livros pelo qual sou apaixonada pela história até os dias de hoje. É o livro do escritor *José de Alencar* que tem por título: *Cinco minutos e a Viuvinha*.

A obra relata um romance do escritor José de Alencar. A história inicia-se muito linda. Porém, no meado da leitura, aparece um misterioso suspense. Sendo o enigma pra lá de bom, deixando o leitor curioso pra ler o livro até o final, a fim de desvendar o mistério. O romance tem um final lindo e feliz, e que remeto a minha opinião que, o objetivo do autor era fazer com que os jovens leitores se sentissem atraídos pelo conteúdo e lessem o romance até o final para descobrir o mistério. E, modéstia parte, confesso que valeu a pena eu ter feito parte como leitora daquele livro.

Ainda em consonância com o meu Ensino Fundamental Anos Finais, cujo início foi no ano de 1980, sendo eu estudante concluinte no ano de 1983, a turma já estava na perspectiva para a escolha do novo colégio onde iríamos cursar o Ensino Médio, dando início a escolha do curso no qual iríamos cursar.

Foi então que chegou a minha vez, dando origem ao cumprimento do meu desejo de ser professora, o qual (eu-narradora) citei no início da escrita deste Memorial. “um dia eu vou ser professora.” É bem certo que o desejo de ser professora já soava forte dentro de mim, pois eu era encantada por ver os meus educadores (as) aplicarem suas aulas. Achava também fantásticas as reuniões com os pais para a entrega das avaliações e os

boletins. Então, a partir desse pressuposto, eu já tinha a convicção de qual profissional eu queria ser.

Contudo, uma coisa ainda não estava bem clara! Não sabia eu qual o curso me levaria a tornar-me professora. E por incrível que pareça, e tomando eu, por mera providência de Deus foi quando na escola chegaram duas senhoras bem-vestidas, com a proposta do curso de *Magistério* e explicando elas o que era oferecido por aquele curso. Pois, evidentemente naquela época, era oferecido aos estudantes os cursos técnicos. Aquele momento, para mim, foi um momento mágico! Era tudo que eu precisava saber, não só pela ousadia de tão somente querer me tornar professora e sim porque eu tinha a convicção que o processo de ensinar me envolvia paixão.

E mais, aquelas senhoras ofereceram para as estudantes interessadas a ingressarem no curso o colégio de referência o *Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy*, parecia até um paradoxo tudo aquilo que aquelas mulheres estavam ofertando. Mas era mesmo verdade! O meu cupido, o meu amor à primeira vista tinha se revelado. Foi então que eu, apaixonada pela ideia, não pensei duas vezes e agarrei a benção, juntamente com uma outra amiga de sala por nome de Irenildes. Foi então que as senhoras nos entregaram duas senhas para então garantir a nossa vaga na instituição. E agora, era só esperar o grande dia da tão sonhada matrícula.

Enfim, dava-se o início do ano de 1984, o mês era janeiro. Contudo, vale ressaltar, que não me lembro do dia, até porque vale compreender que eu não sou um robô para guardar todas as datas em minha memória. Na verdade, o que bem sei é que havia chegado o tão desejado dia marcado para as matrículas e eu e a minha irmã estávamos lá, naquele novo colégio logo bem cedo da manhã. Afinal, aquela espera para conhecer o meu cupido já tinha me custado muitas noites em claro.

No entanto, entendemos que, qualquer expectativa é capaz de gerar ansiedade. Porém, em contrapartida, me batia a certeza de que eu estaria prestes a conhecer caras novas, fazendo novas amizades e estabelecendo laços de afeto com a nova turma. E sem embargo, a minha matrícula foi realizada com sucesso. E a partir dali eu, narradora deste Memória de Formação, estava ciente de que iniciava ali, naquele momento, uma outra trajetória com mais responsabilidades, pois eu já não era mais uma criança e nem adolescente. A borboleta que apareceu na história já havia se transformado na sua fase adulta e tinha agora, em seu novo percurso, outro voo que a preparava para a vida e o processo da escolha dava-se o nome de educação.

6 O CURSO DE MAGISTÉRIO: MINHA INSPIRAÇÃO NA DISCÊNCIA PARA ME FORMAR PROFESSORA

Inicia-se aqui, para mim, mais uma escrita relevante sobre minhas experiências, que quando lembradas sou tomada por fortes emoções, viajando pelas minhas memórias. Ao rememorar, tomo o passado como uma reflexão que se concretiza nas minhas narrativas do meu tempo presente, mas que me levam ao passado e me faz ter expectativa do futuro. Nesse contar, tomo por eixo que a memória aqui narrada terá um sobe e desce de emoções como se fosse uma montanha russa. Ora pega-me sorrindo, ora pega-me chorando, pois são tantas linhas que se entrelaçam como um novelo multicolor, cada cor uma experiência. É a linha do tempo que começa a se desnovelar e não sei aonde vai chegar, ora lembro-me do ano de 1984, outrora, do ano que iniciei o meu curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. O magistério me deu base sólida para este.

Iniciava-se o ano de 1984, e lá estava eu dando início ao meu ensino médio na instituição dos meus sonhos como também de posse do meu curso tão almejado. O entusiasmo tomava conta de mim. E para completar, eu estava sendo nomeada normalista do Kennedy e apaixonada pelo novo uniforme caracterizado como tradição da época. Eu estava muito orgulhosa com todo aquele aparato e ao mesmo tempo, grata a Deus pela nova conquista, ciente de que estava me formando professora.

No entanto, a nova realidade que estava vivenciando estava prestes a mudar a minha história, devido às condições financeiras, pois precisa custear as passagens, o que era inviável para a minha mãe assumir esse custo. De tal modo, que muitas vezes eu levava semanas sem comparecer nas aulas e, assim, era excluída por alguns grupos de trabalhos por ser uma estudante que faltava. Era nessa parte que eu chorava. Eu era bem silenciosa diante da situação, quebrando o silêncio somente para duas colegas, a Sânzia e Eliane, que sem sombra de dúvida, muitas das vezes me ajudaram nos trabalhos.

Sem ter muito o que fazer, a única alternativa que encontrei foi trancar a minha matrícula naquele ano, sobrando-me apenas as lembranças dos bons momentos vividos com as colegas e professores. Chegou o novo ano, era agora 1985, e lá estava eu tentando meu sonho outra vez... É claro que repeti o ano! Mas dessa vez eu consegui concluí-lo.

No ano de 1986, começava mais uma maratona, iria cursar o 2º ano e já na torcida para que tudo desse certo, porém, parecia até ironia do destino, fui interrompida mais uma vez! Afinal, iniciei esses dizeres comparando-os como uma montanha russa, subindo

e descendo com as minhas emoções que por ora me batia alegria, outrora me batia tristeza.

Naquele tempo, não existia o nosso queridinho e famoso ônibus 08 que garantisse o meu ir e vir, a me transportar de um lugar a outro. E, sabendo eu que as dificuldades não haviam acabado, cheguei à conclusão de que a melhor opção era mesmo mudar de colégio, onde me oferecesse o mesmo curso. Foi então que no ano seguinte, em 1987, migrei para o Colégio Estadual Atheneu Norte Riograndense, onde funcionava a Escola Normal, dando continuidade ao meu tão desejado curso. É certo que ele não foi o meu cupido e nem o meu amor à primeira vista. Mas, sem sombra de dúvida a transferência foi bem louvável! Sendo ele o promotor que garantiu o meu certificado, com o título pelo qual eu mais desejava: o magnífico e sonhado curso de Magistério, o orgulho da minha profissão até os dias de hoje.

O Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense é um tradicional colégio do Rio Grande do Norte, localizado na sua capital, Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

De acordo com Minervino Wanderley (2023), em seu blog, o Atheneu foi fundado no século XIX, em 3 de fevereiro de 1834, época em que o Brasil era uma monarquia, pelo então presidente da província Basílio Quaresma Torreão, que também foi o seu primeiro diretor-geral. Basílio Quaresma escolheu o nome da escola, da versão portuguesa de Athénaion. Como explicou Luís da Câmara Cascudo, “no Ateneu de Atenas os poetas liam os poemas e os historiadores o relato dos jornais pelas terras estranhas e misteriosas”. Segundo ele, é a segunda mais antiga instituição brasileira, sendo a primeira, o Ginásio Pernambucano, de 1825, fundado antes mesmo do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro.

7 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY: MEU CUPIDO E AMOR À PRIMEIRA VISTA

A cada nova seção narrada nesse Memorial, sou encorajada a ser protagonista daquele que se debruça para relatar a sua própria história e a reviver partes importantes das minhas trajetórias acadêmica, profissional e pessoal, atribuídos as ações do recordar.

Considerando a autenticidade da narrativa em foco, dá-se a conhecer ao leitor a forte tomada de decisão, por mim, para priorizar o curso de Licenciatura em Pedagogia e dar continuidade a minha vida profissional, ciente de que eu precisaria fortalecer os meus conhecimentos, aprender e desenvolver metodologias renovadas para trabalhar com uma

dinâmica apropriada nessa geração presente. A priori, houve uma certa resistência da minha parte, para não ingressar na carreira acadêmica, pois, para mim, o meu curso, cuja modalidade é o “Magistério”, já me bastava, sendo ele a minha prioridade, pois o meu sonho de ser professora já havia se realizado por inteiro, assim eu pensava.

Compete-me destacar que eu comecei a lecionar alguns anos após ter concluído o curso de formação docente (já dito); que eu me esmerava no meu fazer, deixando dessa forma, um legado de excelente educadora dos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas por onde eu passava. Além disso, eu estava lecionando em uma escola desde o ano de 1999 até o final do ano de 2020. Sou suspeita em falar dela, pois a tenho como a menina dos meus olhos. Tendo como diretora, a senhora Alexandra Medeiros que, por sinal, tenho muito apreço por ela, pois ela acreditava em meu potencial e incentivava-me a fazer o curso de Licenciatura em Pedagogia. Afinal, a torcida vinha de tantas outras colegas, que conheciam a minha atuação enquanto profissional da educação.

Evidentemente, era maravilhosa toda aquela torcida pelo meu sucesso em busca do meu encontro acadêmico. Contudo, eu era pega por algo desagradável! Eram os meus medos. Medo de enfrentar o novo da atualidade do ensino secular, com as novas modalidades de ensino, acompanhadas de tecnologias avançadas, que para falar a verdade eu estava muito insegura para ir adiante em busca do objetivo que faz parte do meu *DNA*; ser professora, o ato responsável de ensinar. Foi então que, em um certo dia, após uma reunião com a direção da escola e sua equipe, eu vendo e ouvindo profissionais tão jovens se expressarem tão bem, usando uma linguagem profissionalmente atualizada e todas (os) apropriados de conhecimento dos documentos oficiais da educação, sendo o mais atualizado, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), comecei a pensar em me formar.

Eu estava lá, cumprindo com a minha responsabilidade, porém, eu não tinha aquele conhecimento apraz. Eu saí daquela reunião com um peso enorme, uma vergonha de mim mesma. A vontade era de renunciar aos meus sonhos já realizados e desistir de tudo! Desistir até mesmo de ser aquela professora que um dia outrora eu desejei ser. Ao término, daquela reunião e, voltando-me para a minha sala e, levando o meu olhar para cima da minha mesa, estava uma revista intitulada “Construir Notícias” da Editora Sucesso. Fui folheando aquela obra – aquela revista (fotografia 2) quando, de repente, me deparei com uma linda mensagem que chamou a minha atenção. Foi um momento ímpar! Aquela

mensagem, retratava a história a qual eu estava vivendo. A iniciar pelo título que dizia... *Eu perdi*, texto escrito pelo Padre Aberio Christe (2014).

Fotografia 2 – Texto: Eu perdi



Fonte: acervo da autora (2014).

Ao concluir a leitura da mensagem, eu estava nadando nas minhas próprias lágrimas! Eu compreendi, que aquela mensagem não veio por mera coincidência e sim, como uma resposta divina que sussurrou para mim, dizendo: Siga em frente... Era 12 de agosto, de 2016. E aqui nesse primordial Memorial de Formação, compartilho com você, leitor, o que de fato, estava escrito naqueles dizeres.

7.1 A REFLEXÃO – EU PERDI...

Eu perdi o sono, perdi a hora, perdi o ônibus, perdi meu bilhete, perdi o emprego, perdi meu tempo, perdi o dia, perdi a oportunidade, perdi o jogo, perdi o dinheiro, perdi a chance, perdi a paciência, perdi a explicação, perdi a inocência, perdi a vergonha, perdi a namorada, perdi o amigo, perdi o programa, perdi o processo, perdi a eleição, perdi a luta, perdi a calma, perdi a graça...

Perdi muitas coisas, mas não perdi a fé nem a esperança. E mesmo seguindo com um olhar perdido, batalhando por uma causa perdida e me perdendo nas ruas da cidade, eu não perco o que tenho de mais importante: a certeza de que posso recuperar tudo. A certeza de que as perdas estão me fortalecendo e que, apesar de perder tanta coisa não posso perder a coragem nem a vontade. E, se tiver de continuar perdendo alguma coisa, que seja o medo. O medo de perder, o medo de arriscar, o medo de ser feliz, o medo de viver.

Como resposta para a reflexão, continuo a narrar, pois eu não tinha como me negar mais. O que eu precisava fazer, era tomar uma decisão genuína e correr atrás do tempo perdido. Em resumo, conversando com uma colega, ela me falara do Instituto de Educação Superior Kennedy (IFESP). Eu fiquei toda animada com a boa notícia. Era a minha chance que estava em jogo.

Logo que saiu o edital para as inscrições, a minha colega me enviou o documento. Ali, era a minha porta de entrada para concorrer ao processo seletivo em um curso superior. Realizei a minha inscrição no dia 17 de agosto de 2018. Não tenho na lembrança a data em que realizei a prova. Contudo, na data marcada eu estava lá, embora com aquele friozinho na barriga, as pernas e mãos trêmulas, mas dei o meu melhor na redação. Para a minha alegria fui classificada em 6º lugar. E o mais imprescindível, foi a realização da minha matrícula realizada no dia 13 de novembro de 2018, o meu compromisso estava selado com o IFESP, antes Escola Normal de Natal.

A Escola Normal de Natal criada em 1908 se transforma em Instituto de Educação em 1960 e em Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy no ano de 1965 durante o governo Aluísio Alves. Já em seu prédio atual, no bairro de Lagoa Nova, construído no governo Aluísio Alves, contando com financiamento do programa norte-americano Aliança para o Progresso.

O novo Instituto teve como responsabilidade fundamental capacitar estudantes para o exercício do Magistério. Atividade primordial que permanece até os dias atuais sob a forma moderna da formação em níveis inicial e continuada para o exercício qualificado do Magistério.

A instituição oferece três cursos de graduação: Pedagogia, Matemática e Letras; e seis de especialização: Ensino de Língua Portuguesa, Educação Matemática, Educação Ambiental, Gestão de Processos Educacionais, Educação de Jovens e Adultos, e Educação Infantil. É uma instituição de formação de professores.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso – PPC (IFESP, 2019), o Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, o curso foi autorizado a funcionar nos termos do Parecer CEE/CES Nº 094/08, homologado pelo Decreto Estadual de nº 21.009, de 12 de janeiro de 2009, e teve seu reconhecimento renovado conforme Parecer nº 014/2014 – CEE/CES/RN e Decreto Estadual de nº 24.801, de 11 de novembro de 2014. Este documento consiste na

atualização do PPC para solicitação de reconhecimento e ao mesmo tempo substituirá o que estava em vigor.

O Curso de Pedagogia – Licenciatura consiste em um curso presencial, que valoriza processos didático-pedagógicos que não sejam focados na mera transmissão de conteúdos científicos, mas na valorização dos saberes e das experiências trazidas pelos (as) estudantes, na participação em atividades de pesquisa e de extensão e que incorporem o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem – (IFESP, 2019).

7.2 VIVENCIANDO A MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Era 26 de novembro do corrente ano, quando eu estava outra vez sendo estudante do Kennedy. Desta vez, não mais como estudante do Ensino Normal (Magistério). E sim, para vivenciar uma nova fase da minha vida, delinear um novo desafio e era tudo que o meu bom senso precisava entender. Aliás, eu fiz e refiz muitas perguntas a mim mesma! E ao escrever esse Memorial, ainda sou pega me perguntando: seria um traçado do destino eu estar no Instituto Kennedy outra vez? ou seria a teimosia do meu cupido, o meu amor a 2ª vista? Bom, como definir essa indagação eu não sei! Mas, o que eu posso afirmar é que as histórias aqui contadas são verdadeiras do eu-narradora e construída a um longo prazo. Sendo assim, para abrilhantar esse trecho, faço juízo das palavras de Cora Coralina, escritas em um dos seus lindos versos. “todos estão matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo.”

Ainda em consonância com o dia 26 de novembro, iniciava-se o nosso primeiro encontro na sala de aula, sendo a turma acolhida pelo professor Rafael Roseno. Ele falou do Componente Curricular: Organização da Educação Brasileira (OEB). Explicou como se dava a avaliação Institucional. Foram poucos os professores a se apresentarem naquela semana, concluindo, assim, o calendário do ano de 2018 e logo, entramos de férias.

Nesse componente, nos foi apresentada a ementa: organização educacional brasileira: aspectos legais, organizacionais e administrativos (Educação Básica e Ensino Superior). Escola como instituição educativa de organização do conhecimento. Marcos regulatórios da educação brasileira (Constituições e LDB). Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio. Modalidades da educação. Ensino Superior.

Nas aulas desse componente, o que mais me chamou atenção foram os estudos das Leis que regem as políticas educacionais brasileira, pois aprendi que elas, se constituindo sob a influência de grupos sociais do país e atendendo as exigências de organismo internacionais. Diante disso, foi de suma importância o estudo do modelo das Tendências Pedagógicas, e o que me deixou encantada foi exatamente a Tendência Pedagógica Liberal Renovada Progressista – ao enfatizar a criação da Escola Nova. A partir daí, fui tendo uma clareza sobre o que era a Educação Tradicional e a Renovada.

Eu guardava ansiosamente o nosso retorno, que só aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2019, iniciando com a professora Rosa Maria, trazendo para o nosso conhecimento o Componente Curricular: *Psicologia do Desenvolvimento*. Em sua companhia veio a nossa doce Claudinha (funcionária da instituição) para auxiliá-la a organizar o multimídia para apresentação da aula. Logo, a Claudinha abriu um sorriso com uma afeição para mim, que no mesmo instante nascia entre nós um início de amizade que eu nunca vou esquecer. Daí por diante, vieram os outros professores a se apresentarem com suas propostas dos seus respectivos Componentes Curriculares durante aquela semana inicial do ano letivo de 2019.

Em Psicologia do Desenvolvimento estudamos sobre conceitos fundamentais a respeito do desenvolvimento humano e suas relações com a Psicologia. A importância da Psicologia do Desenvolvimento na formação docente, além dos aspectos básicos relativos ao processo de desenvolvimento da criança, do adolescente, do jovem, do adulto e do idoso no âmbito da Neurociência, da Psicanálise, de acordo com as perspectivas sociointeracionistas.

Estando ainda na semana inicial das apresentações, destaco uma que dentre as outras, marcou-me de modo transparente e estimulador. Era o dia 15, o 4º dia das apresentações, ao se apresentar, a professora Rozicleide Carvalho trazia para o nosso conhecimento o Componente Curricular: *A Metodologia do Trabalho Científico* (MTC). Confesso que naquele momento as pernas tremeram mais que todos os dias, pelo fato do nome do Componente.

Era, de fato, uma coisa nova para mim. Contudo, o que fez a diferença, naquele momento, foi a delicadeza da professora ao se apresentar e falar sobre a sua metodologia. Logo, ela pediu para que cada um (a) se apresentasse. Foi o momento muito impactante, quando a professora me ouviu e, quando eu concluí a minha fala sobre as minhas fragilidades, ela retrucou me encorajando e não precisou de muitas palavras filosóficas. Mas com apenas uma frase bem simples que saiu dos seus lábios fez toda diferença. Ela

olhou para mim e apenas disse: “A credite em você!” Concluiu a professora. Aquela frase foi como se fosse uma sincronia, uma preparação para o meu campo físico e emocional que contribuiu para o meu processo político e social que somou para dar continuidade a minha formação acadêmica.

Afinal, o que mencionei nesse trecho não foi um conto de fada, foi uma história real, que a partir daquele momento, fui encorajada de modo a fazer a curva do jeito que tem que fazer. Diante desse senso comum, corroboro com os dizeres de Gadotti, quando afirma que:

A conscientização é o processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre a sua existência. Ela consiste em inserir criticamente os seres humanos na ação transformadora da realidade opressora, implicando, de um lado, no desvio da realidade opressora e, de outro, na ação sobre ela para modificá-la. (Gadotti, 2018, p. 17)

Não há dúvida de que os dizeres do educador Moacir Gadotti fez uma conexão com a frase da professora Rozicleide, que logo eu fui me descobrindo, tendo uma outra visão de mundo e me adaptando aos poucos para uma nova realidade identitária, a vontade de mergulhar no conhecimento teórico só crescia e, de fato, eu estava vivenciando uma nova e real modificação.

Entretanto, na medida que os dias foram se passando, vieram os primeiros trabalhos, iniciando com o professor Emerson, ministrando o componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica I (PPP/I). Na ocasião, nos orientou para fazermos um *Diário de Pesquisa*. Foi um trabalho encantador, eu dei asas a minha criatividade na produção das minhas pesquisas, deixando até mesmo o próprio professor surpreso com o que produzi. E para completar a minha felicidade, conquistei a nota máxima – 10,0!

Além disso, para encerrar o dito componente, foi realizado um seminário. Foi o meu primeiro seminário. O frio na barriga e as pernas trêmulas ninguém via. Mas o efeito foi radical. A emoção tomou conta de mim de tal modo que extrapolei os limites dos minutos dados e mais uma vez surpreendi o professor. O seminário teve como tema: Educação Inclusiva: *A Prática Docente Frente a Educação Auditiva*.

O seminário teve como objetivo mostrar os problemas e dificuldades do cidadão (ã) portador(a) de deficiência auditiva mediante a sociedade escolar, pois o fator principal é encontrar profissionais capacitados para lidar com a situação para que possam trabalhar com segurança a capacidade do desenvolvimento cognitivo desse público-alvo. O

seminário, também mostrou a importância da Língua de Sinais, sendo ela o ponto de partida para a formação da escrita e da oralidade na Educação Inclusiva do portador.

Com o estudo da pesquisa, foi notável que a inclusão nas escolas ainda é um grande desafio, não por falta de interesse dos profissionais e sim por falta de recursos que não são oferecidos nas escolas para que façam um bom trabalho na formação desses estudantes.

Portanto, afirmo que o nosso trabalho teve como embasamento, mostrar os problemas e as dificuldades desses cidadãos durante toda a sua história e que a luta ainda continua até os dias de hoje pela igualdade social. A pesquisa serviu para mostrar o que fazem as políticas Públicas do nosso País, a fim de acordar e oferecer aos profissionais da Educação recursos necessários com a perspectiva de se fazer um bom trabalho de inclusão com as pessoas com PCD, de forma geral, em nosso País.

Sendo eu narradora desse Memorial, descrevo que o componente curricular PPP-I foi similar a uma explosão de novos conhecimentos que resultou num eficiente crescimento para a minha formação acadêmica em primeiro tempo. E é claro que, sem sombra de dúvida, o professor Emerson desenvolveu com a turma um trabalho prazeroso e produtivo que, particularmente, estava sendo algo de fato inovador. A partir daquele momento, senti-me que estava me libertando das minhas inseguranças e me apropriando das novas experiências. Na verdade, eu pude contar com a ajuda de um professor mediatizador e criativo, e a palavra que tenho a expressar é gratidão.

É certo de que ali era o meu ponto de partida, onde estava tão somente iniciando o meu processo de novas aprendizagens e que, quando olhei para o caminho a traçar, eu vi muito chão para trilhar e que precisava de muito esforço para prosseguir com a carruagem, mas logo percebi que uma frase suave que sussurrou para mim ficou gravada no meu coração. “Acredite em você!” Logo, lembrei-me da lagartinha que virou casulo, que se transformou numa borboleta e que agora precisava aprender a voar mais alto, dando um voo mais firme para ampliar o seu horizonte, acreditando que iria conseguir.

Às vezes, eu enfrentava algumas dificuldades, contudo, diante dessa repercussão, agrego o dito popular “a gente faz o caminho caminhando...” Eu caminhei, talvez de modo rudimentar, mas no curso dessa escrita ponho-me a entrever a história da minha trajetória que deu origem a minha formação acadêmica – o meu mundo íntimo e profissional. Porém, quando menos esperei, fui surpreendida por algo estranho e desafiador, que propiciou um

reflexo quase que negativo no meu voo – *A Pandemia!* Mas, vale ressaltar, que eu não perdi a fé e nem a coragem para seguir com o meu voo.

7.3 MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS ANO 2020

Diante desse tema, afirmo que ao rememorar-lo implica numa ação que desempenha um papel fundamental, pois a lembrança é um acontecido verdadeiro de uma vivência que outrora aconteceu e que marcou, embora não faça mais parte do meu presente. Esse acontecido diz respeito às minhas dificuldades nas tecnologias digitais, que embora afirmo não fazer parte da minha vida, mas que continuo aprendendo, pois, enfrento, agora, desafios, e não dificuldades.

Portanto, mediante esse contexto, se faz necessário entender que de alguma forma geral, a humanidade enfrentou uma nova realidade social e procurou buscar soluções para encarar os problemas referentes à globalização mundial. E, assim, na esfera da educação, nós tivemos que aprender a utilizar as tecnologias digitais em nosso cotidiano que, outrora para mim, era um grande obstáculo.

Vale lembrar que essa mudança global evidenciou vários conflitos sociais, visto que toda a sociedade, de uma hora para outra, se fez necessário adaptar-se para uma outra realidade, desde o cidadão mais experiente aos menos experientes. De forma geral, se fez notório perceber mudanças de culturas e de costumes, tanto quanto o nosso modo de pensar e de agir. Podemos dizer que esses momentos foram pedagógicos, pois nos ensinou a repensar muitas ações que executávamos, dentre elas, o cuidado com a nossa higiene e a forma de nos comportarmos, nos reeducamos, mas nem todos. Um outro exemplo de novas aprendizagens, posso citar a minha superação em utilizar as tecnologias digitais: eu consigo digitar os meus textos que, anteriormente, eu não sabia como fazer usando essa ferramenta.

Tivemos que encarar uma nova realidade, fosse ela prazerosa ou até mesmo sob o peso de grandes consequências dolorosas, onde se pôde vivenciar com transparência a velocidade de uma Pandemia que nessa magnitude só tinha visto nos livros de ciências, história e geografia, quando ainda estudava nos anos iniciais do ensino fundamental.

Ainda ressalto: eu estou incluída nessa sociedade de mudanças, onde diante das circunstâncias e surrada pela dor mais atroz pelas perdas familiares que a Pandemia me trouxe, ainda se fez necessário encarar o medo e mudar o meu trajeto social como, por

exemplo, remanejar o meu tempo como profissional, dona de casa e estudante, de modo a equilibrar a minha estrutura física e emocional, uma vez que se fez necessário vencer o medo e lidar com as exigências para trabalhar com aulas remotas, e da mesma forma como estudante universitária, sem experiência com as tecnologias digitais.

Tive que vencer, encarar a realidade e optar por uma escolha entre o trabalho e a vida acadêmica. E para não ficar com sobrecarga, optei em renunciar à minha carreira acadêmica por uma questão de tempo. Não foi fácil interromper a minha carreira estudantil, eu estava decidida a trancar a minha matrícula. Foi então que, em uma manhã de sábado, era 20 de junho de 2020, eu estava desolada e desconsolada, quando, de repente, o meu celular tocou e quando eu atendi eu não queria acreditar, pois quem estava do outro lado da linha era a professora Mariza Araújo. Aquele momento foi inesquecível! Ela ficou sabendo, através do grupo, que eu havia desistido por um tempo. E ela não aceitando resolveu ligar para mim. Ela falou palavras lindas de autoestima e me fez o pedido para eu não desistir do meu curso, e nem mesmo trancar a matrícula.

Ela estava aplicando na turma o componente curricular: *Educação Sociedade e Cultura*. Ela ainda falou para que eu ficasse tranquila, pois ela não me reprovaria e que tudo aquilo iria passar.

Nesse componente curricular, estudamos sobre conceitos de cultura, educação e sociedade, à luz das novas sociologias e dos estudos culturais. Discutimos sobre condicionamentos socioculturais da educação e dos processos educacionais em seus fundamentos socioeconômicos, políticos e culturais, educação básica em tempo de globalização neoliberal, educação, direitos humanos, diversidade, diferenças e relações interétnicas nas instituições educativas. Objetos de conhecimento presentes no plano de curso do componente curricular.

Fiquei empolgada e curiosa com esses novos conhecimentos que eram expostos para nós, pois poderia não ter tido a oportunidade de conhecê-los e compreendê-los, visto que estava preste a trancar a minha matrícula.

E, assim, fiquei muito feliz e grata a professora pelo cuidado em se preocupar comigo, sentir tanto zelo. Segui as orientações, falei com cada professora que ministrava aula no momento, e fui bem compreendida por todas. Compreendi que eu sou muito abençoada por Deus.

Vale ressaltar que um desses alguém revelou com carinho o professor Arandí que dentre algumas manhãs, ele me cumprimentava com um bom dia, acompanhado com um

afetuoso buquê de flores, era tudo virtual, e o pombo – correio era a tela do celular que me entregava a mensagem. E como uma magia, todo gesto de carinho era bem-vindo e tinha um sentido real. Para mim, cada pétala daquelas flores tinha um significado diferente de superação e que, me motivaram a não parar de voar para que a minha história enquanto estudante universitária tivesse um final feliz.

Afinal, me inspirei no pensamento de Paulo Freire quando ele fala: neste momento não dá para parar. “É possível e normal um desalento. O que não é possível é que o desalento vire desencanto e passe a imobilizar” (Freire, 1989 *Apud* Cortella, 1992, p. 54).

Ao refletir acerca do que nos diz Freire, sem dúvida, eu não poderia desanimar no meio do caminho, nem tampouco me emergir nos desalentos da vida. Todavia é perceptível que nesse Memorial, o eu lírico narra a sua história dividida em várias partes que se fundem nas recordações do rememorar aliado ao otimismo. Pois tenho por certo que em vez de dar foco aos momentos difíceis, foi melhor aplaudir o que cada experiência pode me ensinar ao médio ou ao longo tempo. E para acentuar com o feitiço dessa narrativa, reescrevo uma frase que guardo na minha memória que diz: “um pássaro sentado em uma árvore nunca tem medo de que o galho quebre, porque sua confiança não está no galho, mas nas suas próprias asas” (Pensador, 2023).

Embora com tantas situações diferentes, mas fez a minha história acontecer. Nasceu um novo ano, 2021. E a expectativa foi diferente, começava uma nova história de superação, iniciando pelos estágios que foram incríveis e que relatarei as experiências na próxima seção.

Dessa forma, chego à conclusão que não é o galho que me sustenta e sim a força que está nas minhas próprias asas para fazer o meu voo com determinação.

8 OS ESTÁGIOS E A MINHA FORMAÇÃO: UNIDADE DIALÓGICA ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Nesta seção, compartilho sobre meus estágios obrigatórios, Estágios Curriculares Supervisionados na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, em Gestão Escolar e Espaço não escolar. Os apresento em versos e prosa; e em imagens (Apêndices de 6 a 18).

8.1 MEUS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS

Brota nestas linhas mais uma incrível contação das memórias do eu-narradora. Talvez seja das memórias mais puras e lindas dentre todas as linhas já transcritas aqui no meu *caderno de memórias*. Embora, toda escrita, seja admirável e encantadora do sujeito que narra a sua própria história (eu). E para iniciar essa aventura, nada melhor do que dinamizar com versos, rimas e prosas.

Bom, falar dos meus estágios é pureza sem igual!
Lá, fui observar, conversar, brincar, ensinar, estudar e um lindo trabalho realizar.
Junto com as crianças pequenas me encontrar.
Com a BNCC me respaldar.
E os Campos de Experiência internalizar.
A Educação Infantil contemplar;
Com a professora regente, Cleonice, um espetáculo em ensinar, comemorar!

Com o 2º Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a prosa vai continuar.
Em dupla com a amiga Itaneide, era puro momento para se alegrar.
Estar com a professora Dayse e um monte de anjinhos era a nossa alegria.
Chegou o momento da despedida!
A equipe da Escola Municipal Zuleide Fernandes agradecer.
Por nos receber e sempre com um sorriso a nos alegrar.
Com os professores orientadores Paulo e Avelino a nos contagiar com tanto conhecimento e parceria.
Já no Estágio de Gestão, eis aqui uma questão!
Eu e a amiga Itaneide de novo para mais uma missão (formação).
Fizemos tudo certinho e com amor no coração,
deixando na portaria do CMEI a nossa opinião,
duas caixinhas bem decoradas com a nossa intervenção
para o público escolar, colocar a sua sugestão.

No Espaço não Escolar, tenho de tudo a contar;
foi no Bombeiro Mirim, nova experiência a manejar;
com otimismo e afeição em prosa vou relatar;
eu e Itaneide, outra vez a nos reunir;
com delicadeza e contentamento e nada a nos interferir;
na ação Outubro Rosa a alegria nos fez refletir,
orientando a turma, para o câncer de Mama prevenir.
Termino essa prosa, não esquecendo de citar;
as professoras Regina Lúcia e Ana Paula a nos orientar;
nos passando segurança para mais uma etapa conquistar.

Concluindo todos os Estágios Obrigatórios,
veio as bênçãos a nos encontrar;
o Estágio Remunerado, no CMEI Padre Sabino Gentile,
contratadas para trabalhar;
Foi um momento surreal da nossa linda profissão,

dando assim continuidade da nossa singela lição.
 Eu e Itaneide, uma dupla abençoada com proteção.
 Agradecendo sempre a Deus por toda nossa dedicação.
 Não termina aqui a prosa,
 ainda tenho o que contar;
 dos estágios obrigatórios dois deles vou falar!
 Ressalto, que os versos escritos foram criação da própria narradora.
 Que alinha a sua produção com o que diz, Clarice Zamonaro Cortez e Sarah Casagrande.

Poesia e música encanta o ser humano desde os primórdios da humanidade. Procura-se assim sendo “defini-las”, diferenciá-las e investigar, na medida do possível – até que ponto a união aparentemente mágica dessas duas artes ocorre com ênfase para a arte poética. O objeto de análise é o poema “Inspiração” (1922), de Mário de Andrade, que além de figura central da literatura brasileira foi também um grande estudioso de música e pianista.

Ele elaborou uma teoria analógica entre elementos musicais e elementos da poesia em relação ao verso livre muito pertinente, que ilustra uma fusão dessas duas artes respeitando suas características próprias, não se referindo, porém a certas particularidades que as distinguem. Com isso, os autores mostram que a arte vai muito além do que se imagina, a arte é vida e com ela podemos colorir o nosso horizonte da maneira que imaginamos como tem de ser

8.2 MEU ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Iniciei o meu Estágio Curricular Supervisionado no dia 13 de setembro de 2021 e concluí no dia 22 do referido mês. O Estágio aconteceu na Instituição do Educação Infantil (CMEI) Padre Sabino Gentile, localizada no conjunto Parque das Dunas, no bairro Pajuçara, Zona Norte de Natal R/N, tendo como professores orientadores Paulo Roberto Lima e José Avelino da Hora Neto do IFESP.

As aulas aconteceram de forma remota, pois ainda estávamos vivenciando o *Lockdown* devido ao contexto pandêmico ocasionado pelo COVID-19. Foi um momento difícil para que eu pudesse me relacionar durante as aulas com os familiares e, principalmente, com as crianças, pois eu era desconhecida para todos, visto que o meio para que eu pudesse interagir e conquistar a turma, interação que acontecia por meio da tela do celular, sendo eu uma aprendiz e engatinhando no uso das tecnologias.

Foi um momento desafiador, pois nele enxerguei novas necessidades formativas para ensinar e vivenciei de fato a intensidade nas desigualdades sociais nos campos da saúde, economia, política, educação, dentre outros. Boaventura Santos (2020) enuncia que as pandemias evidenciam de modo cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o

Estado para responder às emergências. Dentre essas, a educação, as respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação às emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável.

Contudo, embora vivenciando tantos desafios, pude contar com a colaboração genuína da professora da turma que estagiei – Cleonice, que me acompanhou no Estágio. Na verdade, adotei a professora como a minha fada madrinha, no entanto, o que posso afirmar é que ela não tinha em suas mãos nenhuma varinha de condão como vemos nos contos de fadas. Porém, a gentileza da professora foi a sua maior magia real, que com um jeitinho mágico, com seu profissionalismo, contribuiu para eu me apropriar do ambiente escolar, realizando com competência e muito amor o meu papel no Estágio Curricular Supervisionado I (Educação Infantil).

As atividades eram enviadas aos estudantes através da ferramenta *Canva*, eram impressas, os responsáveis pelas crianças pegavam na escola. Confesso que foi um momento difícil para mim e para todos os envolvidos. Entretanto, tudo aconteceu da melhor forma possível. E como o isolamento social já estava em vias de deixar de acontecer, as vacinas já tinham entrado em ação e a população já estava ciente do novo contexto que denominaram de o “novo normal.” Sendo assim, a escola resolveu romper com o isolamento social, resolveu realizar na Escola o primeiro reencontro presencial com a proposta de ocorrer em um sábado letivo, com uma palestra cuja convidada, em especial, foi a autora potiguar Salizete Freire (*in memoriam*), falando do seu livro *Tudo Vira Outra História*. O encontro foi muito emocionante. Na ocasião, as crianças receberam um certificado autografado pela autora. Tudo foi muito lindo! A Escola cuidou cautelosamente do ambiente para receber o público, ciente da *Biossegurança* que ainda continua com o distanciamento social. Contudo, deu tudo muito certo!

Eu, porém, estava ciente de que a fé e a esperança me permitiram executar as minhas ações, denominado ao meu Estágio Supervisionado no Ensino Infantil pautado de respeito e dignidade e que se tornou para mim um objeto de mero valor que contribui com um grande aprendizado dentre o meu passado, o meu presente e o meu futuro, atrelados a minha formação como Pedagoga. Hoje, tenho uma outra forma de ver que o contexto pandêmico teve o seu lado negativo e positivo, que mesmo eu, narradora, marcada por esse passado, continuei na maratona do meu aprender sempre com o pensamento

positivo, confiante e alinhado no que escreveu a autora Salizete Freire com o texto: *Tudo Vira uma outra História*.

Fotografia 3 – A autora Salizete Freire admirando a releitura do seu Livro, Tudo vira uma outra história



Fonte: acervo da autora

8.3 MEU ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Brota nestas linhas mais uma incrível contação das memórias do eu-narradora. Talvez seja das memórias mais puras e lindas dentre todas as linhas já transcritas aqui no meu caderno de memórias. Embora toda escrita seja admirável e encantadora do sujeito que narra a sua própria História (eu). E, para iniciar essa aventura, nada melhor do que dinamizar com versos, rimas e prosas.

Bom, falar dos meus estágios é pureza sem igual; foi observar, conversar, brincar, ensinar, estudar e um lindo trabalho realizar e juntos as crianças pequenas se encontrar; de acordo com a BNCC, o Campo de Experiência na educação Infantil contemplar; com a professora regente, Cleonice no CMEI Padre Sabino Gentile um espetáculo de ações comemorar.

No segundo Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a prosa vai continuar; em dupla com a amiga Itaneide era a pura alegria; estar com a professora Dayse e um monte de anjinhos era a nossa categoria, agradecendo penhoradamente a equipe da Escola

Municipal Zuleide Fernandes a qual com alegria nos recebia. E contando com os professores orientadores Paulo e Avelino, a convicção nos contagia.

8.4 MEU ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR

O meu estágio nesse campo aconteceu na Escola de Bombeiros Civil Mirim, localizada na Avenida Tocatónea, 1000, Bairro Pajuçara, Zona Norte de Natal/RN.

O Estágio Não Escolar foi realizado por obrigatoriedade do Estágio Supervisionado Curricular do Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), orientado pelas professoras Regina Lúcia Alves e Ana Paula Leão.

O Estágio foi encantador, as ações que desenvolvi constituíram-se de aulas de recreações como: oficinas, resgates de construção de brinquedos e brincadeiras antigas. Entretanto, descobri que o curso de Pedagogia tem uma proposta ampla e espetacular, é como um leque aberto com as cores de uma magia incomparável, pelo qual me fez entender que a Pedagogia não se limita só em conteúdos proposto para as salas de aulas. Ressalto que a descoberta nesse campo era desconhecida para mim.

Entretanto, quando mergulhei nesse Espaço não Escolar, foi como se eu tivesse mergulhado de ponta-cabeça em um rio de Águas Cristalinas, onde a abordagem desse campo veio me trazer uma sistemática produtiva com a variação de temas que envolvem vários processos sociais, culturais e de orientação, que apontam para uma pluralidade metodológica e construtiva para uma sociedade em construção, envolvendo vários públicos e que resultam numa educação diferenciada, onde o público alvo explora o espaço para desenvolver sua própria autonomia e responsabilidade diante de um modelo de Educação diferenciada.

Conhecer o Espaço Não Escolar, com as possibilidades de Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Pedagogia foi abrir os meus olhos e ver um novo horizonte e expandir conhecimentos diversos que não estão apenas no ambiente escolar, mas que permitem intervenções de forma prática e pedagógica em todas as áreas em que se encaixam a Pedagogia.

Confesso que concluir o Estágio o coração apertou, pois descobrir esse espaço num período tão distinto foi como um veículo de informação onde embarquei num mundo que para mim era uma outra galáxia e de lá contemplei uma visão panorâmica por um outro

ângulo, que nunca havia apreciado desde a minha infância até a presente idade e fazer coisas novas é sempre muita gratidão.

Revelo também a minha gratidão ao casal de professores da Instituição que me abriu as portas com muita educação: Iranildo Batista do Nascimento e Anaciara Silva da Costa (fotografia 4).

Fotografia 4 – Profissionais do corpo de Bombeiros Mirim: Iranildo Batista do Nascimento e Anaciara Silva da Costa



Fonte: Acervo da autora (2022)

9 MINHAS NARRATIVAS E O OLHAR PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minhas narrativas nessa seção tem o objetivo de descrever um dos fortes relatos por mim, sobre as minhas perspectivas como pedagoga e tomada pela construção que movimenta os saberes de uma pedagoga em formação recente.

Me formar Pedagoga foi tocar a razão de todas as minhas perspectivas em busca de um crescimento inovador e seguro, de modo que eu possa expandir, na prática, todo o meu conhecimento acadêmico a mim passado enquanto estudante.

E com esse olhar sentimental, que não tem preço, de todo aprendizado e com uma mente mais aberta para a atualidade é relevante concordar com o pensamento de Albert Einstein citado por Bombonato (2023) que diz: “a mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”. Dessa forma, interpreto que essa frase é prova viva do que realmente se tornou a minha mente com a minha nova forma de pensar e, mais

do que nunca, como futura educadora, uma educadora transformada, constituída por novas vozes.

Com subjetividade construtiva diante do processo da minha formação identitária, profissional, de modo singular, eu-narradora comparo-me com a uma árvore junto ao ribeiro pelo qual dá o seu fruto na estação apropriada e, por essa razão, o meu desejo é continuar dando frutos, porém ainda não sei em qual das estações atuarei. Penso eu que o tempo é a melhor estação para orientar-me do que farei daqui para frente.

Diante do meu ponto de vista, o desafio está posto e o convite está feito para que eu descubra qual resposta darei para o tempo, convicta da minha autoconsciência e responsabilidade para as respostas das minhas indagações em construção, ou seja, julgo que novas situações se anunciam a bem da verdade das minhas particularidades.

Freire (1979) destaca que nos tornamos sujeitos transformados quando desenvolvemos a conscientização em relação ao nosso eu, pois mobilaremos, dessa forma, os nossos pensamentos para transformar realidades que aprisionam aqueles que são oprimidos.

Embora eu me reconheça como um SER inacabado, que ainda enxergo em mim necessidades formativas para ensinar, e continuar aprendendo e me desenvolvendo como uma profissional da educação, começo a pensar em outra direção, que é a minha família, que sinto necessidade de conviver mais com ela, pois é um outro contexto no qual irei aprender e ensinar, visto que este curso me proporcionou olhar para a realidade buscando transformá-la, mas antes de tudo, me sinto transformada por ela.

Esse cessar no espaço profissional é apenas físico. Tenho 28 anos de profissão como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e sinto a necessidade de mobilizar esses novos conhecimentos com aqueles que estão em meu entorno, com os meus futuros netos, ou seja, vou fazer valer as minhas experiências, conhecimentos internalizados e vivenciados no Estágio Curricular Supervisionado em espaços não escolares, utilizando esses conhecimentos para transformar a vida de outras pessoas, como tive a minha transformada ao cursar Licenciatura em Pedagogia nessa instituição de formação de professores.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho construído aqui descrito tange a ação do recordar de um sujeito que se debruçou para narrar a sua própria história, compreendendo que o Memorial de

Formação é um trabalho discursivo e escrito pelo próprio narrador que conta a sua a sua história de vida.

Nesse sentido, o sujeito reflete sobre si, sobre o seu processo de subjetividade no qual destaca-se a movimentação comparada a altos e baixos que, por ora, a narradora se apresenta cotando uma história, outra ora, remete-se a uma crônica, outra ora, a uma poesia e, assim, foram construídas as narrativas do sujeito (eu) e comparo, com orgulho, o Memorial com uma Pedra Preciosa, após o seu processo de lapidação para ser refletido e aplaudido pelo narrador como também a quem se dispor aplaudi-lo.

Sendo o Memorial surreal, pois ele faz parte do processo criativo desde as primeiras linhas onde (eu) narradora falo de mim mesma, da minha própria história com as experiências vividas desde a minha infância até a minha “tenra idade.” Conta também com a revelação dos fatos do (eu-narradora) que levou décadas para acontecer e que agora foi transcrita nessas linhas, aceitando com dignidade a passagem do tempo em seus períodos distintos.

Nesse trabalho de escrita, vislumbra os próprios dizeres da narradora que aponta a sua conquista identitária como olhar do intermediário, ou seja, do outro que analisa o tipo de engajamento da narradora que se debruçou para contar e escrever os seus dizeres.

Pensando ainda no meu processo de aprendizagem, enquanto estudante em formação, desde as minhas etapas dos anos iniciais até o meu ensino médio, sinteticamente, avançando nas minhas aprendizagens de degrau a degrau, cheguei à etapa da minha profissão tão desejada, onde realizei o meu sonho de menina, me tornando professora polivalente, com o meu curso do inesquecível Magistério que me deu por origem o ato de ensinar.

Ciente de que sou uma eterna aprendiz e que, de modo sucinto, faço valer o que nos diz Freire (1989) em uma das suas memoráveis frases a qual é digna de ser lembrada: “Quem ensina aprende ao ensinar.” “E quem aprende ensina ao aprender.”

Sendo assim, a minha profissão exigia de mim mais conhecimentos do fazer para o aprender a ensinar. Foi então que, a partir desse pensamento, nasceu em mim a certeza de que só o curso de Licenciatura em Pedagogia era o meu alicerce para eu continuar aprendendo e construir saberes me formando pedagoga, ao que diz a respeito a uma metodologia mais atualizada e equilibrada.

Pois vejo, no presente, o curso de Pedagogia sendo o capitão da minha embarcação, me proporcionando a rota certa, adquirindo conhecimentos para que, enquanto

educadora, eu seja uma verdadeira heroína e em constante aprendizagem da arte de ensinar e formar cidadãos para a vida. Seja dentro ou fora da sala de aula. O que me leva a dizer com prazer é que valeu a pena todo o meu esforço relevante a toda a minha trajetória estudantil. Como também ter a conclusão da escrita desse Memorial ecoa em mim o grito de vitória dizendo... Obrigada, meu Deus, pela batalha conquistada.

REFERÊNCIAS

BOMBONATO, Felício. **'A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original'**: Albert Einstein. 21 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.revive.com.br/blog/felicio-bombonato/mente-que-se-abre-uma-nova-ideia-jamais-voltara-ao/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora**: vivências e escrita de si. 2007. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

CORTELLA, Mario Sérgio. A reconstrução da escola: a educação municipal de São Paulo de 1989 a 1991. **Em aberto**, Brasília, ano 11, n. 53. jan./mar. 1992.

CORTEZ, Clarice Zamonaro; CASAGRANDE, Sarah. Mário de Andrade: 'inspiração', poesia e música. **Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 28, n. 2p. 143-154, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324782006.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 16 ed. São Paulo: Cortez. 2018.

GIUSTA, Agneta da Silva. **Concepções de aprendizagem e prática pedagógica**. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/y9JvZV8HZRFN3XtvJ8vf9Rk/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2023.

LAGE, Bernardino da Fonseca. **Metodologia especial**: a língua e a literatura portuguesa na educação primária. Lisboa; Porto; Coimbra: LVMEN, 1924.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docentes. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PENSADOR. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQ0NzEwNA/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea, 2007. Disponível em: www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Cristina Barrichelo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais de educação**. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2007.

RAPPAPORT, Clara Regina, *et al...* **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: E. P.U. 1988.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROTEIROS NO NORDESTE. **Conheça a praia da Redinha no Rio Rande do Norte**. Disponível em: <https://focoturismo.com.br/nordeste/conhaca-a-praia-da-redinha-no-rio-grande-do-norte/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Os manuais escolares, o método de alfabetização e de ensino no Brasil (1822 -1889). *In*: FERNANDES, Rogério; ADÃO; Áurea, (org.). **Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)**. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Porto, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista virtual de gestão em iniciativas sociais** (8), p.18-36, 2008. Disponível: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/2008/>» <http://www.ltds.ufrj.br/gis/2008>. Acesso jun. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Incluye pensamiento y lenguaje**: conferencias sobre Psicología. Obras Escogidas II. Trad. José María Bravo. Madrid: Visor, 1982. (Colección aprendizaje).

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WANDERLEY, Minervino. **Conheça a história do Colégio Atheneu, a segunda escola mais antiga do Brasil**. Disponível em: <https://pensenumanoticia.com.br/conheca-a-historia-do-colegio-atheneu-de-natal-a-segunda-escola-mais-antiga-do-brasil/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Capítulo VIII: Relembrando o Passado: Trajetória de Uma Vida Acadêmica

Maria Adeilze Araújo Souza do Nascimento

1 INTRODUÇÃO

*“Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem
tão pequeno que não possa ensinar”*

Esopo

Neste espaço relato sobre as experiências vividas nesses cinquenta e seis anos, meus sonhos, lutas e superações. Em sala de aula, estive em dois lugares que me preenchem, o de discente e docente. Neste lugar aprendi o poder da educação e como ela transforma a vida dos que estão ao seu redor.

Atualmente, me encontro concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), refletindo nos momentos de elaboração do meu Memorial de Formação, intitulado: “Relembrando o Passado: Trajetória de uma Vida Acadêmica”, uma realidade que permanece em construção, buscando ressignificar minha história de vida, revivendo momentos importantes em termos morais, sociais, éticos e cognitivos.

Para Prado & Soligo (2003); Prado e Cunha (2007) e Prado et al., (2007), aquele que escreve deve buscar a narrativa de seu processo formativo enquanto indivíduo, discente e profissional. De acordo com as ideias desses autores, somente ele, o autor, é quem pode escrever o entrelaçamento entre lembranças, se colocando na posição de quem as organiza e lhes dá um sentido, encontrando caminhos de autoconsciência no próprio processo de escrita em curso. Por isso, se constitui como um momento reflexivo, de autocrítica, de autoavaliação, mas também de autocontrole, de censura, pois nem tudo é possível relatar.

Relembrar esses momentos é vivê-los, é buscar uma felicidade, pois é a minha vida que vejo, analiso e reflito sobre o que me ajudou a ser a pessoa que hoje me transformei. Escrever este Memorial se tornou um momento único que me permitiu

também, analisar meu comportamento e o que posso modificar ou não na minha formação intelectual e pessoal.

Nesse sentido, O presente Memorial tem como objetivo principal descrever um pouco sobre minha vida, ressignificando sentimentos que fizeram e fazem parte fundamental para a construção da minha identidade profissional. Ramalho, Núñez e Gauthier (2003) expressam que essa identidade é construída mediante as experiências com outro, respeitando-se a formação, a aprendizagem e o desenvolvimento profissional que tributam para a profissionalização docente, ou seja, a competência didático-pedagógica e científica, e o status profissional.

Escrevê-lo é buscar para o presente, momentos jamais esquecidos e passados em diferentes situações e nas diversas fases da vida. No passar dessa narrativa, pretendo contextualizá-la com as teorias estudadas durante o curso de Pedagogia.

Para esse fim, este Memorial está organizado em nove seções. Na primeira, faço uma breve introdução que tem por objetivo apresentar o que é um Memorial de Formação à luz de autores, e sua organização composicional. Na segunda, expresso reflexões sobre minha família: minha base, meu mundo. E sobre os meus pais, a razão do meu viver.

Na terceira, narro um pouco sobre minha infância e juventude: das dificuldades à realidade das conquistas. Na quarta, trato acerca da reflexão e análise das aprendizagens com relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental (antigo Primário ao Ginásio)¹: Descobertas e Desafios. Na quinta, relato um pouco sobre o Ensino Médio e as minhas habilidades e experiências. Na sexta seção, escrevo sobre o Magistério: sonho realizado. Na sétima, discorro sobre o meu estágio na docência: experiência inesquecível.

Na Oitava, registro sobre a minha formação em Pedagogia e a descoberta da realização profissional e experiências vivenciadas no campo de estágio. Destaco os Supervisionados, na Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Gestão e Espaços não escolares. Por fim, explico acerca de perspectivas da minha graduação e do campo profissional, as considerações finais e as referências bibliográficas.

¹Nomenclatura estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996.

2 FAMÍLIA: MINHA BASE, MEU MUNDO

“Só há duas maneiras de viver a vida: A primeira é vivê-la como se os milagres não existissem A segunda é vivê-la como se tudo fosse um milagre.”

Albert Einstein

Narrando um pouco da minha vida: nasci no dia 29 de abril de 1966 no município cidade de Natal/RN, sendo a 5ª filha de uma família de dez filhos. Minha mãe, lavadeira e educadora particular em casa, com apenas o 7º ano do curso ginásial, lecionava para as crianças do bairro onde morávamos. Filha de pais separados, a vida não foi muito fácil, afeto, carinho foi algo que ficou distante na minha infância e no decorrer da vida.

Minha mãe lecionava em casa, onde eu sempre muito curiosa e esperta, aprendi a ler e a escrever antes de ir à escola. Como não era registrada, não podia ingressar nas escolas, havia dificuldades para matricular crianças sem o registro de nascimento em qualquer escola pública. Aos nove anos de idade, minha mãe conseguiu fazer a minha certidão de nascimento e eu fui matriculada na 1ª série do primário, hoje ensino fundamental anos iniciais, no ano de 1974, na escola Dr. José Manoel Wanderley Filho (rede ferroviária), no bairro da Guarita. Foi nessa escola que dei os primeiros passos para minha vida estudantil.

A escola era localizada em uma área de risco situada em cima de uma vala, e após seis meses de escola, no dia 21 de julho de 1974, após uma linda festa junina, uma chuva muito forte na madrugada desse dia veio a triste notícia que a escola havia desabado e sido levada pela forte correnteza. Foi uma das maiores tristezas que vivenciei na minha infância. No mesmo bairro, havia uma outra escola onde foram recebidos todos os estudantes matriculados na escola da rede ferroviária. Todos os documentos e sonhos foram nessas águas. A Escola Estadual Professora Stela Gonçalves, localizada no bairro da Guarita, foi minha segunda escola. Lá fomos bem acolhidos, e no ano seguinte já estávamos incluídos nas turmas da escola.

Sempre fui uma excelente estudante, buscava sempre ser aplicada, quieta e dedicada, característica de comportamento muito elogiados e exigidos na época². Adorava ser destaque na hora de apresentar os trabalhos de leitura, pintura, cujas atividades sempre eram bem caprichadas e continuamente elogiadas pelos professores e direção da escola. Minhas professoras eram maravilhosas. Dona Clarisse e Dona Iara

com as quais até hoje mantenho contato, excelentes professoras da 2ª série. Foi um tempo feliz, cheio de boas recordações.

Diante desse relato posso dizer que o caminho não foi fácil, enfrentei muitas dificuldades e uma das maiores foi sair de casa aos 15 anos, mas nunca desisti do que diz respeito a minha educação, visto que, nesse mesmo período tive a sorte de ser mãe de coração de um menino que a mãe não podia criar. Essa criança com apenas alguns dias de vida veio para o meu convívio. Enfrentei tudo e todos por essa criança. Alexsandro foi o nome dado a esse filho que tenho a honra de poder falar em minha trajetória. Foram momentos, situações desafiadoras as quais reviver todas aquelas lembranças me fazem sofrer novamente.

Segundo Passeggi (2008) haverá momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, repleto de novas concepções de si mesmo e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que você leu, o qual pode fundamentar sua argumentação. Escrever sobre o positivo ou negativo numa postura de reflexão e não de redução do que fez parte de sua formação, ou seja, um verdadeiro processo de análise reflexiva, destaca a autora.

Embora com tantos desafios, aprendi a amar, ser forte e enfrentar barreiras. Pareço muitas vezes uma fortaleza, mas hoje aprendi e vejo que essa pessoa forte, é tão frágil diante de muitas situações. Hoje sei que tudo que vivi e aprendi não foi em vão, foram ensinamentos para construção da minha vida futura.

Passado minha adolescência, consegui chegar a fase adulta com um estágio na prefeitura de Natal no estado do Rio Grande do Norte e, em seguida, no ano de 1985, fui contratada. Era apenas um dos meus sonhos que foi se tornando realidade. Aos 22 anos, casei e formei uma família, sonho de muitas mulheres.

Desse casamento veio a razão maior da minha vida, uma filha, Emilayne era meu sonho desde os treze anos de idade. Foram momentos bons, porém cheios de incertezas. Meu esposo não permitia que eu estudasse e isso foi exatamente o que

² Característica exigida na época para ser considerado um estudante com boas atitudes e aplicado.

me fez tomar a decisão de uma separação. Tornei-me mãe e pai, quando minha filha tinha três anos, não pensei muito, assumi a casa e os dois filhos. Não me arrependo da decisão. Foram dias difíceis, sem ajuda da família, que acreditava que casamento era para o resto da vida. O tempo foi passando e resolvi dar um rumo diferente a minha vida. Foi então que me veio a certeza de continuar com o meu maior sonho: ser professora.

Minhas condições eram poucas, não tinha muito para quem pedir algo. Foi então que Deus escreveu e colocou no meu destino o professor Paulo de Paula, o mantenedor de 1995 a 1999 da Universidade Potiguar (UNP). Uma instituição reconhecida e renomada até os dias atuais. Esse Homem foi o meu anjo da guarda.

Trabalhando na Secretaria de Transporte e Trânsito Urbano (STTU), no estacionamento Zona Azul na cidade do Natal/RN, conheci esse senhor distinto, no qual um dia ao estacionar em um dos pontos que eu trabalhava, o recebi e o orientei sobre o uso do cartão rotativo de estacionamento que existia em algumas ruas do centro da nossa cidade Natal.

Se foi apenas uma coincidência, não sei. Só sei que minha vida mudou completamente. Ele me perguntou se eu gostava daquele trabalho e eu o respondi que sim, complementado que no momento sobrevivía com ele, mas que meu sonho era ser professora, entrar em uma faculdade e me formar. Mas, as condições eram precárias para pagar um cursinho e enfrentar um vestibular. Isso foi o bastante para aquele homem voltar um dia ao estacionamento e quando chegou me entregou um cartão com o nome da UNP e o seu telefone. Orientou que eu fosse procurar sua secretária, Conceição, para que eu pudesse conversar com ele, sobre esse sonho.

Passados os dias, conversando com as colegas do trabalho, falei o que havia ocorrido, e elas falaram que eu fosse falar com aquele homem, e que só iria saber se fosse procurá-lo. Então, no outro dia, não perdi tempo, me arrumei e fui à busca de um futuro melhor. Chegando lá, falei com a secretária e em poucas horas estava entrando naquela sala perfeita de um reitor da Universidade. Tudo era perfeito, na minha visão. Foi quando ele retornou a mesma pergunta sobre o que eu pretendia fazer; qual seria o curso. Respondi, imediatamente, que queria ser professora. Para a minha surpresa ele me encaminhou para o setor para eu fazer a inscrição para o vestibular do curso de Letras. Essas questões e vivências me fizeram e ainda me fazem refletir sobre a minha formação, aprendizagens e desenvolvimento profissional.

2.1 MEUS PAIS, RAZÃO DO MEU VIVER

Recordo bem da minha infância, algo que é difícil de esquecer. Foram momentos marcantes que dificilmente se pode apagar da memória. Dias difíceis para uma criança que no decorrer de sua trajetória foi abandonada pelo pai enfrentando as maiores dificuldades do ponto de vista afetivo e cognitivo. Mas o tempo foi passando e a rotina da nossa infância era precária, sem estudar por falta de documentos e por vezes sem alimentação. Uma vida vivida, apenas de esperança.

Falar sobre meus pais é algo muito marcante em minha vida. Apesar de ter sido abandonada pelo meu pai, o Sr. Américo Bernardo de Souza, é um homem que trago no meu coração. Nunca pude entender, porque eu era tão apaixonada por um homem que nunca havia dado o mínimo de atenção a uma filha.

Minha mãe sempre esteve do meu lado, uma mulher guerreira, forte e persistente, Aldelicia Francisca de Araújo, nunca deixou de batalhar para que todos os filhos tivessem um destino diferente, ou seja, que todos se formassem. Sempre fui criada por minha mãe e minhas irmãs, pois tenho apenas um irmão homem do lado materno e oito irmãos do lado paterno, o que resulta em uma família grande, como nas fotografias 1 e 2, momentos esses comemorados todos os anos, um agradecimento a essa mulher sem igual para nossa família.

Fotografia 1 – Aniversário de 78 anos da minha mãe



Fonte: acervo da autora

Fotografia 2 – Viagem em família



Fonte: acervo da autora

Uma mulher cheia de sonhos e seis filhos pequenos para cuidar. Nada era fácil naquele momento, mas uma coisa eu lembro, éramos felizes, não tínhamos nada de bens materiais, mas a união e o amor entre irmãos era o que nos moviam.

Nesse período da minha formação, aprendi muitas coisas com minha mãe e irmãs, pois, a presença paterna era ausente em minha vida, algo que me entristecia bastante. Eu sempre busquei a figura do meu pai em tudo que me rodeava, a lembrança dele sempre esteve presente em minha mente. Américo Bernardo de Souza, foi o homem que mais amei em toda minha existência. Sempre sofri com sua ausência e isso me tornava uma criança e uma adolescente insensível e desprotegida.

O que mais me magoava no período escolar era não ter o sobrenome do meu pai em meus documentos. Foram anos de tristeza e uma certeza de que um dia o encontraria. Aos treze anos descobri que ele morava no município de cidade de Afonso Bezerra/RN, lugar próximo a nossa capital. Ele era um homem de renome na cidade, um político bem-sucedido na vida.

Cada momento vivido que experienciei me constituíram como pessoa e como profissional, pois, somos sujeitos constituídos pelo outro em uma relação que ocorre, dialogicamente e dialeticamente.

3 TRAJETÓRIA EDUCACIONAL ATÉ A VIDA FORMAL

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

Nesta seção relato um pouco da minha trajetória educacional, buscando destacar o curso primário³, que hoje, denominado como anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), e o curso ginásial⁴ que atualmente é denominado de anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

3.1 O CURSO PRIMÁRIO: PRIMEIRAS SÉRIES

A minha vida estudantil iniciou-se no ano de 1974, aos oito anos de idade, na escola José Manoel Wanderley Filho (uma escola da rede ferroviária) localizada no bairro da Guarita, Natal/RN. Minha primeira professora, dona Clarisse, uma senhora amável, compreensiva, paciente, lembro bem. Nessa escola, foram momentos únicos que não consigo apagar da memória. Foram seis meses muito felizes. Um semestre encerrado com a festa junina, todos dançando quadrilha e brincando numa tarde linda. Diante de uma noite de muita chuva, a escola, que era situada em uma área de risco, acabou sendo levada pela enxurrada em um desabamento de terra durante a madrugada. A tristeza tomou conta de todos, foi a maior angústia vivenciada na infância. Após a tragédia, fomos para outra escola no mesmo bairro, a escola estadual Professora Stela Gonçalves, onde concluí toda minha fase da educação primária.

Eu sempre fui uma estudante muito dedicada e procurava tirar excelentes notas e tinha um comportamento impecável. Minha mãe quando era chamada à escola, sempre ia para escutar elogios a meu respeito, evidenciados pelos educadores.

³ Termo estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/1996.

⁴ Atualmente, anos finais do Ensino Fundamental.

No meu tempo de curso Primário a educação era orientada mediante o ensino tradicional, em que o professor era mediador de conhecimento e cabia ao estudante apenas reproduzi-lo, e eu gostava da forma que aprendia. Afinal, era a metodologia daquele tempo. O respeito com os colegas e professores era fundamental. Hoje, podemos perceber a falta de respeito com os docentes, colegas e familiares.

Sempre fui a favor da educação tradicional. Nos dias de hoje, o professor interrompe suas aulas para pedir aos estudantes silêncio, respeito. É assustador o comportamento deles nos dias de hoje. A educação familiar na minha infância, era bem diferente da atual, os estudantes frequentemente eram conduzidos para a diretoria ou coordenação naturalmente. Ou seja, fazia parte do cotidiano da escola, pois a disciplina era rigorosa. Antigamente, nem podíamos falar na coordenação que já nos assustamos e chorávamos.

Refletindo sobre a educação de hoje, começo a me perguntar qual concepção os docentes têm de educação? Será que os comportamentos que observo em sala de aula na atualidade são de responsabilidade apenas do professor? Das famílias? A que se devem comportamentos tão preocupantes de estudantes no espaço escolar? Esses e outros questionamentos me fazem refletir todos os dias, buscando, pelo menos, estratégias educativas que possam contribuir com a mudança de atitudes desses sujeitos, de modo que eles possam aprender e se desenvolver para atuar em sua vida pessoal, coletiva e profissional.

De toda essa experiência vivenciada, pude extrair grandes ensinamentos e significativas lições de vida. O comportamento de crianças, adolescentes e jovens de antigamente era compreendido sob o ponto de vista psicológico e pedagógico como Rappaport (1982, p. 96) defende:

O ajustamento pessoal e social da criança na idade escolar está muito relacionado às atitudes paternas. Pais muito autoritários ou muito distantes afetivamente, podem predispor ao aparecimento de problemas de personalidade nas crianças e de dificuldade de interação com os companheiros.

Além do que destaca Rappaport (1982), é necessário também considerar outros fatores, por ser tão complexa a situação em relação a esse conteúdo. Atitudes autoritárias de professores em sala de aula, metodologias utilizadas para ensinar que atualmente não respondem mais à realidade atual, podem também se constituir para tais comportamentos, entre outros fatores implicantes.

Lembro-me que minha mãe tinha e sempre demonstrava preferências por filhos, eu com certeza não era a preferida. Ficava feliz ao sair de casa para a escola onde eu podia brincar, conversar, estudar, partilhar materiais escolares com os colegas, coisas que eu não tinha. Mas, todas essas dificuldades enfrentadas não foram obstáculos para eu desistir dos meus sonhos. Eu sabia que minha vida só mudaria se eu buscasse algo diferente através dos estudos.

Segundo Piaget (2007, p. 26), "[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada aos seus filhos."

Com minha mãe aprendi o respeito, o amor, a solidariedade, a moral, o caráter, a formação, a personalidade, os limites, os direitos e deveres que viverei para o resto da vida.

Mas, voltando à minha vida escolar, consegui superar alguns obstáculos enfrentados no percurso da minha trajetória no Ensino Primário, atualmente, anos iniciais do Ensino Fundamental e comecei a me preparar para adentrar no curso ginásial, hoje, anos finais do Ensino Fundamental.

3.2 O CURSO GINÁSIAL: NOVAS EXPERIÊNCIAS

Meu ingresso no curso ginásial foi algo surpreendente, fui para escola Técnica de Comércio de Natal, localizada no bairro da Ribeira- Natal/RN. Tudo era diferente, novo, uma escola grande, com várias salas, quadra de esportes e pátio. O que mais me impressionava era o número de professores para cada componente curricular.

Eu morava no bairro das Quintas e estudava, no bairro da Ribeira, bairro bem distante do que eu residia; um trajeto que fazia diariamente a pé. Estudava em um horário intermediário²⁵ (que antes existia nas escolas), foi lá que descobri minha vocação para ser professora. O que mais me chamava atenção eram as aulas da professora Gilda, a professora de História, sua letra na lousa, encantava a todos. Era uma perfeição. Até hoje fico imaginando como nós, estudantes, éramos dedicados aos professores. Naquela época, havia mais respeito.

A professora de Língua Inglesa, Dinorah, era muito delicada e a forma como socializava seus conhecimentos era encantadora. Até a Língua Francesa nós

⁶ Período presente em algumas escolas públicas nas décadas de 1970/1980.

aprendíamos no ginásio. Hoje os tempos mudaram e fico me perguntando se as inovações no ensino foram benéficas quanto se esperava, ou se os educadores somente não acreditam ou não praticam, uma vez que, ainda não percebo tanto na prática de professores que conheço. Ramalho, Núñez e Ramalho (2003) defendem que é necessário investimento na formação inicial e continuada de professores, pois a realidade é outra, todos os dias novos desafios se expressam no espaço escolar.

Em relação às aulas de Matemática considerava fantásticas. O professor Augusto nos ensinava a utilizar nas aulas esquadros, compasso, réguas, dentre outros materiais didático-pedagógicos que facilitavam as nossas aprendizagens. Como era interessante vê-lo utilizar todos esses materiais didáticos em sala de aula e na lousa com sua letra impecável. O ensino tradicional, baseado apenas no Behaviorismo de outrora, não contribui significativamente para a aprendizagem dos estudantes, quando se constitui como única alternativa para o professor lecionar.

As aulas de Educação Física com o professor Janilson, que fazia o campeonato de “queimada” (brincadeira com bola entre as classes) eram maravilhosas e aguardadas por todos os estudantes da sala. Foram amizades inéditas que permanecem até hoje com o laço de eterna fidelidade. Embora não tenhamos muito contato atualmente, as tecnologias digitais hoje nos proporcionam manter viva essa amizade de longas décadas. Cada uma dessas antigas amigas seguiu seu caminho: Ednalva Sinésio, hoje trabalha na auditoria dos Correios; Rosemary, na Policial Civil; Cida Lobo, tornou-se cantora; Sandra, Jurema, Etevalda França, Rejane e Liudiêr, entre outras com as quais ainda mantenho contato seguiram suas carreiras.

Com a realização dos cursos de Letras e Pedagogia - Licenciatura pude estabelecer relação entre esse período de estudos e vivências com a minha prática em sala de aula, compreendendo de fato a importância dessas aprendizagens para a nossa vida pessoal e profissional. De maneira a mobilizar esses conhecimentos para o contexto real nas diversas esferas da minha vida, seja lecionando na escola ou educando meus filhos.

3.3 O ENSINO CIENTÍFICO: ATUALMENTE, ENSINO MÉDIO

O Ensino Médio, antigamente Ensino Científico, pois era atrelado a uma complementar básica na área da saúde, cursei no horário noturno, na Escola Estadual Winston Churchill que ficava localizada na Avenida Rio Branco, no centro da cidade de

Natal/ RN. A escolha do curso básico em saúde foi apenas para poder concluir o Ensino Científico, pois minha vontade mesmo era cursar o Magistério. Mas não encontrei vaga nas escolas para esse curso. Afinal, eu já sabia minha escolha e decisão em ser professora.

Minha luta por uma escola que tivesse o Magistério foi longa na época. A escola Paula Francinete (onde funcionava o antigo Colégio Imaculada Conceição), era meu sonho; depois a Escola Estadual Berilo Wanderley, no conjunto Pirangi, na Zona Sul da nossa capital. Não conseguindo vaga nas escolas mencionadas, enfim, optei por colocar em segundo lugar o meu único sonho de ser professora.

Sabemos que é por meio de conhecimentos que internalizamos na escola, durante os anos estudados ao longo da vida desde a educação básica, que nos preparamos para a formação profissional. No entanto, o Ensino Médio deveria se constituir como a etapa que contribuiria para os estudantes enfrentarem os desafios após a sua conclusão. Mas, ainda não observamos nitidamente esta contribuição. Na atualidade, de acordo com a Lei 13.415/2017, há maior preocupação para esse feito.

Segundo o texto que constitui a introdução da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, homologada em outubro de 2017, os currículos das escolas devem incluir conhecimentos e práticas que preparam os estudantes para a esfera profissional. As Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2012) destacam que deve ser incluída nos currículos escolares do Ensino Médio, o eixo estruturante: ciência-cultura-trabalho, cuja última dimensão, deve ser um princípio educativo.

Após vários questionamentos possíveis, o mais importante é pensar se essa nova reforma produz resultados efetivos no sentido da preparação do estudante hoje com a estrutura mantida, concebida ainda no século XVII. Ou seja, estamos no século XXI com escolas ainda utilizando o modelo do século XVII.

A realidade, os novos desafios impostos pelo atual século, como por exemplo, a velocidade da veiculação das informações que se constata e se renova diariamente, exige que se elaborem projetos de educação que preparem estudantes das instituições públicas de maneira mais adequada, em outros temas sociais e educacionais. Ou seja, é importante se pensar e materializar estratégias didático-pedagógicas que proporcionem aos estudantes desenvolverem a criticidade, a criatividade, a refletividade e a materialização das suas ideias, pensando cientificamente.

O fato é que os estudantes de hoje são os futuros profissionais de amanhã, ou seja, a sociedade é composta por cidadãos que influenciam e, em sua busca social por coletividade, são influenciados.

A sociedade vive e na maioria das vezes consome e para consumir depende da produção. Logo, toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte ele transmite algo da sua, e do educar. Não há sociedade sem trabalho e sem educação. (Konder Apud Frigotto, 2008).

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal Brasileira de 1988, todo cidadão terá direito à Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, três etapas importantes na vida de um estudante. (Brasil, 1988) Sendo assim, compreendemos a importância de se pensar e materializar metodologias de ensino que sejam inclusivas.

Segundo Melo e Leonardo (2019), a verdadeira função da escola, que é a socialização, às novas gerações, do saber produzido pela humanidade ao longo de sua história.

Volto a contar minha história vivida no Ensino Médio, foi uma experiência inexplicável no Curso Básico de Saúde, um curso que na realidade não ensinava muita coisa em relação à área da saúde. Não havia experiências na área, a escola não tinha laboratório para as aulas práticas, foi aí que fiquei frustrada por não ter a preparação profissional adequada. Continuei a busca do sonho do Magistério o qual enfrentei desafios diversos.

Nessa época, concluindo os estudos no Ensino Médio, consegui um estágio na Secretaria de Transporte e Trânsito Urbano (STTU) onde trabalhei durante dois anos, na zona azul, que era estacionamento rotativo no centro da cidade; local que permaneci, por algum tempo. No ano de 1988, no mandato do prefeito Marcos César Formiga, fui contratada como funcionária da mesma secretaria que estava estagiando, meu primeiro emprego que durou trinta e quatro anos e oito meses, o qual fui aposentada, no ano de 2020.

Nesse mesmo período, também fui a busca de fazer o Magistério, e mais uma vez não encontrei escola. Voltei para Escola Técnica de Comércio para fazer outro curso técnico, dessa vez Administração, no horário noturno, onde nesse mesmo período trabalhava e estudava. Uma nova experiência, fiz novas amizades e novos

conhecimentos foram surgindo e eu, na maioria das vezes, só queria ir em busca de um bom emprego e fazer um concurso para melhorar minha situação econômica.

Meu sonho era passar em um vestibular. O tão sonhado vestibular, um exame seletivo exigido para ingressar no ensino superior e ainda praticada por algumas instituições a fim de oferecer bolsas. Era um sonho distante, porque minhas condições financeiras eram bastante precárias, nem o dinheiro para a passagem eu tinha para ir à escola. Como o sonho de um curso superior estava distante resolvi ir à busca de outra escola, para fazer o Magistério, já era o terceiro curso de nível médio que eu tentava, mesmo tendo concluído o curso de Educação em Saúde Básica, e o curso de Administração.

Em 1988 consegui cursar o Magistério, na Escola Estadual Professor Luiz Antônio, situada no bairro de Candelária – Natal/RN. Como fiquei feliz com esse curso, porém agora era diferente, era o início de um sonho sendo realizado. Nesse período, foi onde comecei a perceber que estava no caminho certo e não pensei nos comentários de outras pessoas quando questionavam para que fazer tantos cursos e estudar tanto. Acontece que o sonho de ser professora, de fazer uma faculdade, um concurso público, tudo isso me deixava inquieta.

O sonho e a vontade de ser professora sempre estiveram presentes em minha vida, esse sonho vinha como uma sede de mudança, crescimento profissional e a certeza de ter conquistado o que sempre almejei.

No período do Magistério constitui uma sala de aula para alunos com dificuldades na leitura e escrita. Não tive dúvidas da tamanha felicidade que estava sentindo naquele momento, onde vi várias mães à minha procura para ajudar suas crianças.

Foi no magistério que começou o meu desafio, depois de quase dois anos veio o tão sonhado estágio, uma experiência incrível e oportunidade única. Sei que o estágio é disciplina obrigatória para conclusão do curso, porém, é a certeza que você realmente escolheu o que é o certo, é vestir a camisa pelo amor e o prazer de ensinar, pois, ensinar é ter valor pelos outros e saber que realmente está no caminho certo.

A dificuldade muitas vezes enfrentada no processo de formação do professor se destaca no período do estágio supervisionado, em que as partes docentes e discentes passam a ser a atenção em formas organizacionais e esquecem de focar na reflexão e na análise crítica a respeito do desenvolvimento, no processo de formação. É importante

refletir sobre a realidade e avaliar os docentes que vão desenvolver seu papel atuando no processo de ensino.

De modo geral, os estágios supervisionados se foram realizados envolvendo a parte burocrática, com preenchimento de fichas, e a realização de atividades que envolveram observação, participação e regência sem utilizar, por exemplo, o ensino por investigação, pois estudamos essa estratégia em sala de aula. Porém a escola que estagiamos não a utilizava, ainda se centrava em um ensino que pouco levava a reflexão e a criticade.

Dessa forma, por um lado se reforçava a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar análise crítica do contexto escolar, de processos constituintes da aula e, por outro lado, reforçam-se práticas e instituições não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como momento da prática e da aprendizagem de técnicas do bem a fazer (Barreto e Gebran, 2006 p.26 e 27)

O Estágio Supervisionado permite ao docente, conhecer, analisar e refletir sobre a sua escola e o seu ambiente de trabalho. Para tanto, o estudante de estágio necessita enfrentar a realidade munido das teorias que aprendeu ao longo do curso, reflexões que faz a partir da experiência vivenciada no período da observação em sala de aula. Realizar o estágio me permitiu reconhecer que práticas que outrora eu materializava (o estudante não era o protagonismo) em sala de aula, deixou de fazer sentido, percebendo como é importante organizar o meu planejamento a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, reconhecendo-o como o protagonista de sua história. O curso de Pedagogia me permitiu desenvolver este olhar para o ensino-aprendizagem, para a minha prática de sala de aula.

Dessa forma: “Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (Pimenta e Lima, 2012, p. 25)

Aurélio da língua portuguesa define o termo magistério como uma palavra relacionada ao ensino, mais especificamente ao ato de lecionar.

Essa formação de nível médio, que habilita docentes para ministrar aulas inovadoras, é diferente da graduação com licenciatura, que são formações de nível superior, e não me permitiu uma experiência completa da docência.

O principal objetivo do Magistério é formar, capacitar docentes para lecionar exclusivamente na Educação Infantil, em creches e pré-escolas. Hoje ainda encontramos

em algumas situações profissionais apenas com o curso Magistério no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/1996, recomenda que a formação de docentes seja feita em nível superior. Uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) para o ano de 2020 era que todos os entes da Educação Básica, o que inclui a Educação Infantil, Fundamental e Médio – tenham cursado alguma licenciatura. De acordo com o contexto atual, o Magistério foi substituído pelo Curso Normal Superior e atualmente pelo curso de Pedagogia.

É possível destacar, que embora o curso de Magistério tenha sido substituído aos poucos pela Pedagogia ele é de grande valor para o professor que possui esse título.

3.3 O ENSINO SUPERIOR: UM SONHO REALIZADO

Foram muitos anos sem estudar, quase dezesseis anos, mas minha escolha profissional era a única certeza que eu tinha. Lecionava no Jardim Escola Nossa Senhora dos Navegantes, bairro das Quintas, e trabalhava no Sistema de Transporte Urbano (STTU). Minha vida não era fácil, e a única coisa que me deixava feliz era uma sala de aula. Nesse período o sonho de frequentar a faculdade era imenso e nada me faria desistir.

Eu sempre me mostrei uma excelente funcionária e estudante, mas antes deste sonho tornar realidade, veio o casamento. Sempre acreditei que casamento fosse para a vida inteira, mas o meu não foi construído com amor.

O que mais importa desse matrimônio é a filha que tanto sonhei. Minha filha Emillayne, nome que retirei do filme “Lagoa Azul”. Foi a maior e melhor experiência que vivi, enfrentei muita coisa para cuidar dessa filha, mas a minha realização profissional não havia acabado.

Deus coloca anjos em nossa vida, e na minha não seria diferente. O Professor Paulo de Paula, na época (1995) Reitor da Universidade Potiguar (UnP) perguntou se eu tinha interesse em ter um curso superior. E pensei: *“Meu Deus! Será que o sonho ia se tornar realidade?”*.

Fiz a inscrição para o tão sonhado vestibular em Letras. Para minha surpresa, após anos sem estudar, veio a minha maior vitória educacional. Havia sido aprovada para o curso de Letras Língua Portuguesa/ Inglesa”. Foi a maior alegria que tive após ser

mãe. Na época minha filha estava com dois anos e meio e eu já sabia o que ia enfrentar, ou imaginava: casamento, casa, trabalho, escola, filha, e agora uma faculdade.

Um profissional que aceita os desafios, que pensa que o país está diante de muitos desafios e que ele aceita essa possibilidade de transformar a realidade porque, de fato, é pela educação que nos transformamos. Então tem que ser alguém com esse perfil, que tenha gosto de estudar sempre. A gente chama de formação inicial, que é a faculdade, curso de graduação, mas há uma formação continuada pela vida que ela é dada pela pesquisa, pela pós-graduação, essa que cursei virtualmente enquanto cursava Pedagogia, pois o conhecimento é contínuo.

E na qualidade de professora nós estudamos sempre. “Nós nos formamos a cada dia depois da nossa formação inicial” (Professora Sueli Marques, Coordenadora do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

E foi pensando em desenvolver novas habilidades, novas metodologias, desafios e tecnologias que fiz essa opção em inovar, porque lecionar hoje é um ato de inovação.

Falar sobre minha graduação em Letras é algo que me emociona muito até hoje, foi a minha primeira oportunidade de realizar o sonho de ser professora, esse curso superior podia me propiciar portas diferentes, novas oportunidades para que eu pudesse ser professora de uma instituição pública, por exemplo.

Essa chance me foi dada por Paulo de Paula, diretor e proprietário da instituição na qual tive a oportunidade de estudar para me preparar para adentrar a universidade. É uma pessoa e profissional que considero um anjo que foi colocado em minha vida, e a quem eu agradeço imensamente por este presente que me auxiliou na realização de dois sonhos.

No ano de 1999, conclui minha formação em Letras e já no ano seguinte consegui passar em 8º lugar no concurso do Estado do Rio Grande do Norte, cargo que assumi em agosto de 2000. Eu me formava então, professora de escola pública. Minha primeira atuação foi na grande Natal, em uma pequena escola do Município de Extremoz/RN, minha estadia lá foi curta de apenas dois anos. Mas obtive aprendizagens que para mim foram e são caras, pois vivenciei diferentes experiências profissionais que me enriqueceram, ou seja, como expressam Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), como a competência técnica para ensinar, os saberes e conhecimentos necessários para lecionar.

O curto período se deu pela gestação da minha segunda filha, no fim do ano de 2002, uma gravidez de risco em que não podia fazer grandes esforços, o que fazia parte da minha rotina naquela escola, pois ela se localizava distante da estação e que resultava em uma caminhada de quarenta minutos. Por causa de uma proibição médica, me vi obrigada a vir para Natal.

Fui realocada para a Escola Estadual Arquiteta Elizabeth, localizada no Conjunto Habitacional Nova Natal, para lecionar no turno noturno na vaga disponível. Lá lecionei do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e me deparei com uma realidade muito diferente, pois agora os discentes eram adultos. Essa foi uma experiência foi muito enriquecedora, pois aprendi novas maneiras de ministrar aula.

Sair de uma sala de aula com adolescentes para uma sala com adultos, é completamente diferente, lidar com as pessoas de uma faixa etária diferente. Na época, recordo que existia uma espécie de incentivo para os professores, era Programa “O Professor nota 10 do ano”, e em menos de seis meses eu fui eleita para receber essa premiação. Esse reconhecimento me encheu ainda mais de orgulho para que eu pudesse continuar o meu propósito na educação.

Apesar de tudo, minha passagem pelo Arquiteta Elizabeth durou somente quatro anos, quando fui transferida para a Escola Estadual Felizardo Moura, onde consegui uma vaga no turno vespertino, opção que fiz para poder ficar à noite com minha filha pequena, com apenas três anos de idade, além de ser mais próximo da minha casa, que ficava no bairro das Quintas.

Na escola Felizardo Moura, voltei a ministrar aulas à tarde do 6º ao 9º ano. Nesse período da minha vida conheci duas grandes amigas, a professora Sonaly, de Matemática, e a professora Joyra, de Biologia, amizade essa que perdura até os dias atuais. Sempre nos encontramos para trocas diversas, desde fatos da vida a experiências de sala de aula, um tesouro que a educação me proporcionou. O engajamento na escola vai muito além do professor-aluno, essa interação entre o corpo docente permite uma perspectiva diferente de sala e do próprio educar.

Na Escola Estadual Felizardo Moura, ainda conquistei um prêmio do Ministério da Educação, referente a um concurso sobre a educação para o trânsito, onde disputavam várias escolas do estado. Para esse concurso desenvolvi um projeto chamado *“Pedestre Inteligente é um Felizardo”*

Esses momentos me levam a refletir, pois se trata da realização do meu sonho, o sonho de impactar na vida de jovens e adultos por meio da educação, e dei o meu melhor para fazer desse sonho a maior realização da minha vida.

4 FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA E A DESCOBERTA DA REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Início esta seção com uma imagem minha (Fotografia 3) que representa um momento maravilhoso que vivenciei no curso de Pedagogia, em um dos componentes curriculares, ministrado pelo professor Arandi Róbson Martins Câmara.

Neste espaço relato sobre algumas experiências vivenciadas nesse curso, que para mim é especial e que faz parte da minha realização como pessoa e profissional.

Fotografia 3 – Apresentação da “Língua de Eulalia” em sala de aula



Fonte: Acervo da autora (2023)

Quando descobri que a Pedagogia é a área do conhecimento que abarca os processos de ensino e aprendizagem, foi através dessa abordagem que partiu o interesse em realizar mais esse sonho, unir Letras e Pedagogia e enfrentar os desafios da sala de aula.

Um curso de graduação que prepara o profissional para realmente atuar em diversos segmentos do mercado de trabalho, que vai além da sala de aula, mas tudo sempre voltado para a aquisição de conhecimento e formação humana.

O curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura dá direito ao pedagogo para ministrar aula para estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais, além de outros cargos dentro das instituições de ensino tradicionais do nosso país. O profissional de Pedagogia atua diretamente na formação acadêmica e humana dos estudantes, seja trabalhando como docente, gestor escolar e hospitalar, pesquisador ou coordenador.

A atuação do pedagogo vai muito além do âmbito escolar. Ele pode encontrar oportunidades no mercado de produção de material didático, em empresas que necessitem de coordenação para treinamentos, em ONG's e órgãos públicos, dentre outras possibilidades. Para ser um excelente profissional na área da Pedagogia, precisa realmente ter um perfil de pedagogo. Para ensinar, o docente necessita, inicialmente, estudar e aprender. Mas, o aprendizado não se limita só ao momento de preparar ou mediar suas aulas. A maneira de mediar o processo de aprendizagem contribui para a formação do próprio docente.

A excelente comunicação implica tanto em saber transmitir informações de forma mais clara, seja ela escrita ou oral, como também saber ouvir. O ato de ensinar vai muito além de ministrar aulas, ele perpassa também pelo lugar de escuta.

A empatia é um ponto fundamental para ouvir e compreender as necessidades dos estudantes e, então, como atuar como um mentor, orientando-o em seu caminho de autoconstrução acadêmica e humana. O profissional de Pedagogia tem verdadeiro amor pela sua profissão, acredita que a educação é a chave verdadeira para as transformações sociais.

O Pedagogo é um ser curioso, se mantém sempre em constante movimento, aprendendo e descobrindo novos conteúdos e novas formas de ensinar, sempre inovando seus métodos.

A criatividade é o que possibilita os frutos dessa curiosidade, trazendo ferramentas inovadoras, por meio de novidades e novas técnicas, atividades e metodologias de ensino. Todas essas características fazem com que o pedagogo encontre o seu diferencial tornando-se um excelente profissional.

Após vinte anos sem ingressar em outro curso, enfrentar outra sala de aula, sem ser a minha e após conhecer mais sobre o curso de Pedagogia, me apaixonei pela matriz curricular.

Resolvi então fazer a inscrição no Instituto de educação Superior Presidente Kennedy- IFESP. Sinceramente, não apostei muito na aprovação, mas passei e iniciei o curso com bastante entusiasmo, onde às vezes os colegas da escola que trabalho me perguntavam para que fazer o curso de Pedagogia; para que estudar novamente depois de um dia todo de sala de aula. Diziam que eu estava louca. E aquilo me deixava desanimada. Com o passar dos dias, comecei a perceber que cursar outra faculdade não era tão fácil, mas faz a gente formar, pensar e criar conceitos sobre a educação das outras pessoas e, mais ainda, a nossa própria educação.

Falando um pouco sobre a turma, fiz uma interação muito boa com todos, principalmente com Maria Da Guia e José Carlos (Carlinhos), amigos Inseparáveis durante quatro anos de curso.

Foi nesse período, que aprendi com a Pedagogia o segredo do olhar, que o docente junto com seus estudantes tem que aprender a aprender e que valorizar o estudante não é apenas dar boas notas, mas reconhecer seu potencial; sua bagagem, sua história, fazer com que a aprendizagem seja cada vez mais significativa e não somente ensinar conteúdos que na realidade não têm uma verdadeira ligação com o cotidiano do estudante.

Uma fase importante no IFESP foram os períodos dos estágios supervisionados, apesar de ser professora do Ensino Fundamental Anos Finais, pude perceber a importância de cada fase de estágio. Esse trabalho em séries iniciais me deixou curiosa porque tinha trabalho em "Jardim Escola" no período da adolescência.

A vida me deu várias oportunidades de conhecer e falar o que sempre quis, e é assim que sou muito grata a Deus por ter tido momentos maravilhosos, difíceis e ter conhecido pessoas especiais em minha vida e principalmente nesse curso de Pedagogia. A professora Rozicleide, um ser humano iluminado foi àquela que me deu a oportunidade de realizar esse sonho junto a ela.

Mostrar um pouco da minha trajetória, e saber que consegui ser o que sou e pelo fato de já existir, de conseguir interagir com o meio em que estou inserida, mostrar e transmitir meus conhecimentos para diversos estudantes, de diversas classes sociais e em momentos diversos, me faz ser a profissional que sou hoje.

Como alerta Hernandez e Ventura (1998):

A criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação ao tratamento das informações entre os diferentes conteúdos em

torno de problema e hipóteses que facilitam aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em acontecimento próprio. (Hernández e Ventura, 1998, p. 51)

Todo o processo escolar constrói no discente o conhecimento não só das disciplinas, mas o conhecimento próprio, onde é definido seus desejos, sonhos e interesses. Foi na escola que tomei a decisão de me tornar professora. O ensino superior foi um objetivo traçado ainda no meu Ensino Fundamental anos finais Grande parte do que sou hoje depende do que vivi no passado, mas principalmente do que vivi na escola.

4.1 ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS I E II: EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O Estágio Curricular Supervisionado I é obrigatório, e foi realizado em dupla, como sempre, eu e Maria Da Guia, inseparáveis até nesse momento. Ela com uma vasta experiência na área. Nosso estágio foi realizado no Centro Municipal de Educação Infantil/CMEI Amor de Mãe, onde vou relatar sobre ele. O Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental), foi realizado na Escola Estadual Professor João Tibúrcio, localizado no Bairro do Alecrim, no 2º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, período matutino, no período de 14 a 25 de março de 2022, compreendendo duas semanas, sendo este período dividido em dois momentos: a primeira semana foi para a observação e a segunda semana foi a regência. Tivemos como professora Supervisora, a titular da sala, a professora Maria Aparecida da Silva Holanda.

Em ambos os estágios, a observação teve como objetivo conhecer o espaço educacional, observar a metodologia utilizada em sala de aula pela professora, contrapondo o conhecimento teórico adquirido durante o estudo do componente curricular.

Na Educação Infantil trabalhamos diferentes atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, percebendo neste universo como as crianças aprendiam e desenvolviam por meio da ludicidade, olhar que não tinha antes de conhecer concepções teóricas como as de Vygotsky (2005) quando ele defende a importância da ludicidade para o desenvolvimento infantil. Hoje, ensinaria de uma outra forma, seja nessa modalidade de ensino como nas demais, pois percebi como os jogos e brincadeiras por meio de materiais concretos e atrativos, permitem aos estudantes aprenderem e se desenvolver.

Durante as observações nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pudemos perceber que as turmas eram bastante heterogêneas em relação à aprendizagem, pois percebemos que alguns já conseguem ler e escrever e outros não. Nesta observação, também observamos que a professora desenvolve diversas atividades que atendem às dificuldades das crianças, como levá-las às salas de jogos para manusearem o material dourado, trabalharam também com as letras móveis, palitos de picolé e canudos.

Na semana da regência, tivemos como objetivo despertar nas crianças suas percepções e o reconhecimento como sujeitos de sua própria aprendizagem. As fotografias 4, 5 e 6, representam essa vivência (elaboração do Registro de Nascimento: o RG).

Fotografia 4 – Momento da assinatura do RG



Fonte: acervo da autora (2022)

Fotografia 5 – Momento da finalização da atividade: elaboração do RG



Fonte: acervo da autora (2022)

Fotografia 6 – Apresentação do RG para a turma



Fonte: acervo da autora (2022)

4.2 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III: GESTÃO ESCOLAR

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP organiza o Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar do Curso de Pedagogia, com o objetivo de possibilitar o conhecimento das atribuições do pedagogo-gestor e do pedagogo-coordenador no âmbito da escola pública, com o propósito de identificar os instrumentos e espaços de trabalho deste profissional na organização do trabalho coletivo da escola, bem como fazer uma reflexão crítica sobre o trabalho de gestão e coordenação neste espaço.

O Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar é de suma importância na formação do profissional pedagogo, visto que, conforme Pimenta e Lima (2009), o estágio é um campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores. Este eixo curricular vem proporcionar aos acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia a possibilidade de relacionar a teoria estudada durante a formação à prática das instituições escolares, contribuindo assim, para seu conhecimento teórico-prático. Nesse sentido, ressaltamos que,

[...] o estágio precisa ser, em seus fundamentos teóricos e práticos, esse espaço de diálogo e de lições, de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e construir um jeito de caminhar na educação de modo a favorecer resultados de melhores aprendizagens dos alunos. De modo que, possibilite que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas do exercício profissional docente (Pimenta; Lima, 2009, p. 129- 130).

Desta forma, ao experienciar o Estágio Supervisionado em Gestão Escolar e percebermos a sua importância para a formação enquanto futuro pedagogo, entendo que o componente curricular foi permeado por reflexões e estudos proporcionados ao longo do curso de Pedagogia.

O estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar foi executado na Escola Estadual Augusto Severo, localizado na Rua Mipibu, 439 - Petrópolis – Natal/RN. O estágio foi feito em dupla, tendo como orientadoras as professoras Denise Caballero e Regina Lúcia Alves Costa.

Realizado no período matutino e vespertino nos dias: 08 a 12 de agosto de 2022 para observação e dias 22 a 26 de agosto de 2022 para a intervenção pedagógica. Durante estes dois processos do Estágio, tivemos a colaboração de Maria de Fátima Oliveira (diretora) e Dalton Ivo Medeiros (vice-diretor) e da Coordenadora geral Lisimar Souza e de Jarlene Carla de Azevedo Santos Coordenadora e apoio pedagógico. Sendo todo o processo muito enriquecedor para o meu conhecimento.

Aguiar (2002) enfatiza que a estrutura curricular do curso de Pedagogia deve oferecer bases teórico-metodológicas que amplie as possibilidades para a inserção do graduando no campo de conhecimento e na prática educativa. Para apreender o fenômeno da prática educativa em suas múltiplas determinações, o futuro pedagogo precisa desenvolver a aquisição e desenvolvimento de categorias e ferramentas analíticas que favoreçam a compreensão da natureza e de seus significados, como construção do sujeito profissional inserido num contexto histórico-social. A gestão escolar como objeto de estudo do estágio refere-se à organização dos estabelecimentos de ensino, que segundo o art. 12 da LDBEN n.º9394/1996, tem como funções:

[...] elaborar e executar sua proposta pedagógica; administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros; assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aulas; velar pelo cumprimento do trabalho docente; prover meios para a recuperação de alunos com menor rendimento; articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; informar pais e responsáveis sobre a frequência e o bom rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. (Brasil, 2019, p. 06)

Desta forma, o trabalho do pedagogo-gestor orienta-se para participar das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto político pedagógico” (BRASIL, 2006).

Para Tardif e Lessard (2005), o estágio é uma experiência única e tem um valor de vivência ligada aos aspectos pessoais e profissionais, que são expressos, por exemplo, como sentimento de controle e descoberta de si no trabalho. Assim sendo, exteriorizamos que os estágios são importantes, pois iniciam o estudante no mundo profissional permitindo que o acadêmico perceba essa ação como uma experiência social, “[...] na medida em que o revés e o sucesso de uma ação são igualmente categoriais sociais através das quais um grupo define uma ordem de valores e méritos atribuídos à ação” (Tardif; Lessard, 2005, p. 53).

Evidenciamos que a gestão democrática escolar é um desafio na operacionalização das políticas de educação e no cotidiano escolar (Vieira, 2007). Ela é definida no art. 14, da LDB n.º 9394/1996, e deve seguir os princípios de participação dos profissionais da educação na elaboraçãoR do projeto político pedagógico da escola e tendo a participação da comunidade escolar e local nos conselhos escolares ou equivalentes. Logo, a gestão democrática envolve toda a comunidade na escola, organizando ações e mecanismos institucionais para o planejamento e tomadas de decisão acerca das necessidades que envolvem as instituições de ensino.

4.3 ESTÁGIO CURRICULRA SUPERVISIONADO IV: ESPAÇO NÃO FORMAL

O estágio realizado no Instituto Juvino Barreto, instituição “que abriga idosos carentes de Natal desde 1944. É um espalho que tem cerca de 50 idosos, conta com mais de 50 funcionários, como médicos, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas, arte educador, assistente social e cuidadores. foi regado de inúmeros desafios, em conversa com a terapeuta ocupacional Priscilla, ela informou que com a Pandemia do COVID 19, todos os projetos que antes eram desenvolvidos dentro da instituição haviam sido extintos em decorrência deste fato e que, com nosso estágio, nós seríamos as primeiras pessoas a desenvolver um novo projeto. (Texto retirado do site: <https://1library.org/article/instituto-juvino-barreto-institui%C3%A7%C3%B5es-longa-perman%C3%Aancia-idosos-an%C3%A1lise.zk3dpopy>)

Como apontado pela terapeuta ocupacional, hoje, no Juvino Barreto, não há qualquer projeto que venha ajudar aos idosos. Ao perguntar qual a real necessidade dos

idosos, ela relatou que a socialização ficou para trás com a pandemia, e que eles gostavam de ouvir músicas antigas, de jogos, de poemas, de cantar.

Pensando nestas necessidades e junto com a terapeuta, elaboramos este projeto que será aplicado no período de 14 a 21 de outubro de 2022, nos turnos matutino e vespertino, com o propósito de que este projeto tenha continuidade na instituição.

O estágio foi feito no Instituto Juvino Barreto, em Natal no Rio Grande do Norte, que acolhe mais de 70 idosos.

O objetivo dessa atividade foi o de oportunizar aos idosos, a socialização destes, através da ludicidade. Música, artes, literatura, jogos, conversas informais, entre outros serão desenvolvidos durante a aplicação do projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste Memorial me deu a oportunidade de olhar para trás no tempo, no passado e poder perceber claramente quantas pessoas foram importantes nesses degraus da minha vida, ou posso dizer na minha caminhada.

Uma pessoa próxima costuma dizer o tempo leva tudo e deixa grandes aprendizados que constrói quem somos, esses aprendizados são as memórias, essas memórias formam quem somos.

O presente Memorial de Formação me lembrou momentos felizes e tristes, de uma trajetória de grandes sonhos. Sonhos esses que me permitiram hoje estar onde estou: no curso de Pedagogia. É a partir dessas memórias que reafirmo que estou e continuarei no meu lugar, a sala de aula.

Mesmo que às vezes por nossa vida pensemos que o passado está morto, ele está vivo dentro de cada um, nas partes mais inimagináveis.

É a partir de diversos acontecimentos aqui relatados que entendo a inexistência do acaso. Pedagogia não era a minha opção, mas nunca foi um erro, e sim um caminho alternativo para voltar às minhas raízes. Para entender que a educação infantil é um meio importante no meu aprendizado e compreensão, enquanto professora de Ensino Fundamental Anos Finais.

Esse Memorial de Formação expressa quem sou, quem fui e, muito provavelmente, quem serei. Cada sentimento e experiência vivida e revivida nele, além de demonstrar quem sou, faz refletir a pessoa que quero ser a partir de agora.

Buscar novos conhecimentos me motiva todos os dias, um dos motivos que me leva a sala de aula. O mestre não é o detentor do conhecimento, ele é uma porta para que o conhecimento possa acontecer, uma porta que abre para os dois lados, oferecendo conhecimentos e aprendendo outros.

Quanto às minhas projeções futuras, desejo continuar desenvolvendo, construindo, lecionando na rede Estadual onde trabalho há vinte e três anos, no Ensino Fundamental Anos Finais, um desafio que sempre amei.

Como grande amante do aprendizado, não pretendo parar por aqui, mas sim, fazer o curso de Matemática, uma meta também antiga. Até porque os acasos precisam acontecer para que voltemos a tentar. Talvez resgatar ainda outro velho sonho, de cursar Gastronomia. Na verdade estou ansiosa para ver o que o futuro e o destino estão me reservando.

Em conclusão, me sinto honrada pelo percurso que trilhei no curso de Pedagogia, crescendo em mim como pessoa e profissional, porém mais do que isso como aprendiz. Nesses anos vivi intensamente, fiz amigos, ganhei mestres, sorri, chorei, briguei e, com toda certeza, aprendi.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação: 2014-2024**. Brasília, DF: MEC, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Básica da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996**. Brasília – DF, 1996.

ESOPPO. **As Fábulas de Esopo**. Tradução direta do grego, prefácio, introdução e notas de Manuel Aveleza de Sousa. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

FERREIRA, E.B.; SILVA, M.R. Centralidade do Ensino Médio no contexto da nova “ordem e progresso”. **Educação e Sociedade**, v.38, n.139, p.287-292, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino**. Centro de Educação do Estado da Bahia/CETEB. 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KONDER, Leandro. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, M. A. (Org.). **Educação e crise do capital**: reflexões sobre a pedagogia histórico-crítica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MELO, L. C. B.; LEONARDO, N. S. T. Sentido do ensino médio para estudantes de escolas públicas estaduais. **Psicologia escolar e Educacional**, v. 23, 2019.

O Instituto Juvino Barreto. Disponível em: <https://1library.org/article/instituto-juvino-barreto-institui%C3%A7%C3%B5es-longa-perman%C3%A2ncia-idosos-an%C3%A1lise.zk3dpopy> . Acesso em 02 de nov. 2024.

PASSEGGI, M. C. **Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador**. In: PASSEGGI, M. C; BARBOSA, T. M. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio: diferentes concepções**. Estágio e Docência. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRADO, G.V.T. CUNHA, R. B.; SOLIGO, R. **Formação, escrita e produção de conhecimento no contexto da escola**. In: VICENTINI, A. A. F.; SANTOS, I. H.; ALEXANDRINO, R. (Org.). **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos**. Campinas: Gráfica da Faculdade Educação da Unicamp, 2006. p. 23-34.

RAMALHO, B. L.; NÚÑEZ, I. B. ; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: EPU, 1981. v. 1, cap. 2: **Modelo psicanalítico**, p.11-50.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

Capítulo IX: Meu Olhar Reflexivo para Construção da Minha Identidade Pessoal e Profissional: Desafios, Conquistas e Lições Aprendidas

Maria Gorete Bezerra

1 INTRODUÇÃO

*Não haverá borboletas se a vida não passar por longas
e silenciosas metamorfoses.*

Rubem Alves

Este Memorial de Formação tem o objetivo de enunciar experiências marcantes ocorridas na vida estudantil da autora, iniciando com um passeio por sua identidade pessoal, para, então, adentrar nas suas tessituras formativa, profissional, acadêmica e pessoal, cujas memórias narradas serão aquelas que a autora autorizou o leitor a ter conhecimento, conforme orienta Gaston Pineau (2006).

O Memorial de Formação é um gênero acadêmico em que, nos momentos de escrita, há a relação do narrador com sua própria história em tempo não linear. A escrita de etapas da vida daquele que escreve será selecionada e organizada desconsiderando o tempo cronológico, observando as relações entre as lembranças e o conhecimento internalizado até o momento da escrita, pois quem escreve é aquele que se encontra no tempo presente e que vai se dirigir a vários desdobramentos de posicionamentos subjetivos, num processo de construção de concepções sobre vivências diversas, jamais revivendo a experiência tal como a experimentou, mas reelaborando um novo sentido para o vivido (Passeggi, 2010).

Os referenciais teóricos, os quais se constituíram como matriz teórica para dialogar reflexivamente com a escrita deste Memorial de Formação são, entre outros, Paulo Freire (2013; 2004; 2001; 2000; 1996; 1987; 1984; 1983), Vygotsky (2005); Maria da Conceição Passeggi (2010), Gaston Pineau (2006), Rosaura Soligo (2020), John Flavell (1976), e Donald Schön (2000).

O Memorial está delineado em dez seções assim intituladas: Minha identidade: quem sou eu!; Minha filha Thaís: companheira de estudos e motivação; Meu processo

formativo e acadêmico; Minha vida profissional: meu porto seguro; A pedagogia: memórias da minha mãe para essa profissão; A Pedagogia: luz para enxergar a vida com outro olhar; O curso de Pedagogia: entrelaçamentos de saberes e conhecimentos; Os estágios supervisionados: namoro com o estágio em espaços não escolares; Considerações finais; e Referências. Assim, apresentarei como foi constituída a minha identidade pessoal e profissional.

2 MINHA IDENTIDADE: QUEM SOU EU!

Sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser. E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério. Sou uma só. (...) Sou um ser. E deixo que você seja. Isso lhe assusta? Creio que sim. Mas vale a pena. Mesmo que doa. Dói só no começo.

Clarice Lispector

Nesta seção, mergulho em meu eu, no meu passado e no meu presente, enunciando narrativas que guardo em minha memória, com as quais permito ao leitor ter conhecimento. E nesse contar, se materializarão momentos felizes, desafiadores e ressignificados. Portanto, ao escrever sobre momentos da minha história de vida, relembro de passagens vividas, mas olhando para esse passado com outro olhar, cujos significados, agora reelaborados, tomam novos contornos e desdobramentos. É um olhar em rede, pois no mesmo instante se entrelaçam passado, presente e futuro. São etapas vividas que se encontram em tempos diferentes com sentidos e significados diversos.

Segundo Passeggi (2010), a escrita de etapas da vida daquele que escreve será selecionada e organizada desconsiderando o tempo cronológico, observando as relações entre as lembranças e o conhecimento adquirido até o momento da escrita, pois quem escreve é aquele que se encontra no tempo presente e que vai se dirigir a vários desdobramentos de posicionamentos subjetivos, num processo de construção de concepções sobre vivências diversas, jamais revivendo a experiência tal como a experimentou, mas reelaborando um novo sentido para o vivido.

Sou Maria Gorete Bezerra, tenho 39 anos, mãe de dois filhos, Maria Thaís e Tarsio Bezerra; minha profissão no momento é diarista, a qual desempenho com orgulho e perseverança. Nessa profissão, aprendi e aprendo todos os dias, principalmente a ser resiliente. Por meio da resiliência, me constituo e constituo o outro, me formando, me

desenvolvendo, galgando uma vida mais digna, no sentido de ter os bens materiais, e assim vou construindo a minha identidade pessoal e profissional, vislumbrando e construindo outros horizontes como, por exemplo, ter ascensão profissional mediante o curso que escolhi – Licenciatura em Pedagogia.

Na minha opinião, a construção da identidade, principalmente a pessoal, é uma das coisas mais complexas e profundas que um ser humano pode enfrentar, visto que precisamos mergulhar em nosso eu, nos conhecer, encontrar memórias que ora nos agradam, ora nos deixam tristes.

Ao refletir sobre quem sou eu, claramente mergulho em uma jornada íntima de conhecimento de mim mesma e de autodescoberta, e em meus relatos vão se materializando lembranças, as quais ressignifico sem perder a minha identidade. Para mim e para muitas pessoas com as quais tenho convivido, a identidade é vista como características físicas, traços de personalidade, crenças, valores, experiências de vida e conexões culturais e sociais, dentre tantas outras que nos tornam um ser multidimensional, porém único diante do outro.

O Memorial de Formação, [...] como um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação. (Arcoverde & Arcoverde, 2007, p. 02)

Nasci em Timbaúba, um município do interior de Pernambuco, rodeada por plantações de cana de açúcar, açudes e rios. Sou filha de Iracema Bernadete Bezerra e José Luiz Bezerra. Minha mãe, agricultora, e meu pai, eletricista, desde cedo me ensinaram o valor da perseverança, da resiliência e que o trabalho árduo é a moeda corrente e a determinação é o alicerce sobre o qual se erguem os sonhos.

A cada dia que amanhecia, novos desafios surgiam. Por exemplo, quando pegava uma bacia de louça para lavar no rio e, em seguida, ia para a roça com minha mãe, sempre com o sorriso nos lábios e a coragem no coração. Sempre que tinha milho, eu pegava um para fazer de conta que era uma boneca. Isso me bastava, pela falta de um olhar mais amplo sobre o mundo, aquele que existe fora do que eu e meus pais conhecíamos. Nunca

tinha parado para pensar na importância dos estudos e como eles são essenciais. Mas, ao conhecer o mundo acadêmico (o curso superior), adquiri conhecimentos que me permitiram pensar criticamente, enxergando a realidade de uma outra forma e podendo intervir nela com a conscientização como bem defende Paulo Freire (1987). Ou seja, posso colocar o meu pensamento em ação para transformar a realidade que me incomoda e incomoda o outro, por meio de ações coletivas. Considero o conhecimento uma ferramenta poderosa que transforma não apenas a mente, mas também nossas vidas como um todo.

Muitos anos depois, percebi que ir para o rio ou para a roça não bastava. Naquela época, eu já fazia trabalhos domésticos na casa dos meus irmãos, mas a minha vida não poderia ser apenas isso. Não desqualificando o trabalho doméstico, mas eu queria ser mais, no sentido profissional. Mesmo assim, não fui estudar. Deixei a minha cidade natal e fui para a capital de Pernambuco, Recife, para ser doméstica. Vivenciando essa experiência, percebi novas oportunidades e despertei para o mundo profissional, que exigia de mim mais intelectualidade. Então, tentei me profissionalizar em uma área, a técnica em radiologia, mas não pude exercer a profissão, pois não realizei os estágios obrigatórios e acabei não me formando.

Hoje, olhando para o passado, vejo a vida como uma jornada repleta de altos e baixos, risos e lágrimas, mas também de amor e gratidão, vivências e experiências importantes para a construção da minha identidade. Cada fase, cada experiência, contribuiu para formar a pessoa que me tornei. Continuo perseverando e percebi que somente por meio das aprendizagens, mantenho a busca constante pelo conhecimento que expande a minha mente, que me faz compreender melhor o mundo que me cerca.

Enquanto continuo a minha caminhada rumo ao conhecimento, a vida se encarrega da certeza de que minha história ainda está sendo escrita, cheia de promessas e possibilidades, de desafios e conquistas. E, com essa certeza, sempre surgem perguntas em minha mente. Quem sou eu? De onde eu vim? E para onde vou? São perguntas tão simples, mas as respostas são tão complexas quanto minha própria vida, pois a cada momento novos desafios surgem e vou enfrentando um de cada vez. Mas eu paro e penso: eu, Maria Gorete, sou um ser humano único e singular, trago comigo traços de personalidade definidos pelos desafios enfrentados (que são muitos) e pelas vitórias conquistadas.

Sou feita de memórias boas e ruins, que deixaram meu coração cheio de cicatrizes. E é através dessas cicatrizes que me encorajo a ir adiante, pois consigo ressignificá-las e,

assim, continuo a caminhada, tendo a certeza de que a vida é feita de antíteses: alegria-tristeza; morte-vida; pequeno-grande. Faz parte. O que precisamos compreender é que devemos olhar para os momentos vividos, ressignificando-os e entendendo que contribuem para o nosso crescimento pessoal, profissional e espiritual.

Sou um reflexo das minhas paixões e interesses, das coisas que me fazem vibrar de alegria (com uma risada meio escandalosa) e dos desafios que me impulsionam a crescer. Sou uma alma em constante busca de amor, de realização profissional, em busca da minha família. Sou um mistério a ser resolvido, estou em busca da minha jornada e conquista. Sou simplesmente eu, um ser humano cheio de complexidade, emoções e conexões que se entrelaçam para transformar e formar o eu Gorete, uma pessoa ímpar.

2.1 RELATOS DE PESSOAS SOBRE QUEM SOU EU: COMO ME PERCEBEM

Como compreendo que somos constituídos pelo outro e que também o constituímos, gosto de saber como me percebem. Com esse pensamento, vejo que, ao escutar o outro, reflito sobre mim e sobre a vida, tentando não deixar que me influenciem no meu pensar e nas minhas ações. Assim, senti vontade de relatar o que algumas pessoas pensam ao meu respeito, seres amados da minha convivência familiar e de amizade.

Para a minha sobrinha Maria Rita, eu sou um ser de luz, que, apesar de ter passado por momentos difíceis na vida, ainda consegui lutar para ter o que desejo e para proporcionar o melhor para aqueles que amo, com um jeito leve e divertido de ser. Ela relata que tenho orgulho desta fase em que eu estou adentrando, dizendo que eu serei esplêndida em qualquer coisa que eu for realizar.

Ana Maria, minha amiga, assim relata: “Ter amigos verdadeiros é uma dádiva que devemos valorizar e cultivar, e a nossa amizade é assim, um vínculo eterno, onde já superamos o tempo, a distância, discordâncias de atitudes e pensamentos. A verdadeira Gorete é uma pessoa maravilhosa, tem um senso de humor incrível e em muitas situações acaba sendo chata. Ela se doa ao seu próximo, seja familiar, amigo, patrões, a ponto de esquecer dela própria, e muitas vezes acabou sofrendo decepções, desilusões, chegando a desacreditar de si mesma. Hoje tenho orgulho dessa amiga maravilhosa, que é exemplo de superação e de mulher. Nossa conexão é tão especial que me sinto suspeita em falar dela; sua amizade é um presente de Deus que valorizo e guardo com carinho no meu coração.”

Assim, o meu companheiro Hoover Perea descreve: “Maria Gorete Bezerra, nome que ficará gravado no meu coração para o resto da minha vida. Uma pessoa inteligente, determinada e apaixonada que coloca o melhor que tem para tudo o que faz. Companheira da minha vida, meu pilar fundamental para encarar a vida de forma diferente a qual não faria sozinho; de força *incansable* para correr atrás dos seus objetivos, metas e sonhos. Mulher impressionante. Bela, carismática, humilde e de um grande coração. Fiel a seu instinto de mulher guerreira e batalhadora que não sossega até conseguir o que quer! Obrigado, Deus, por colocá-la no meu caminho. Boas qualidades acompanhadas de um *character* forte e, ao mesmo tempo, de uma alma gentil e generosa que não perde a sua essência, apesar das dores e situações complicadas que a sabido *sobrepassa*. Eu te amo e desejo que nunca mude para menos do que você já é, princesa. Tudo de bom para você, meu amor.”

Hoover é de nacionalidade colombiana. Por isso, há em seu texto algumas palavras escritas na língua espanhola que decidi preservar.

O meu amigo e colega de turma Márcio Targino, que tem me acompanhado nessa jornada acadêmica com companheirismo, afetividade, paciência e alguns puxões de orelha deveras merecidos, assim me vê: “Gorete, mulher de força e determinação, carrega consigo muitas qualidades, porém existe uma pessoa cheia de medo, ansiosa e com muitas dúvidas. Se eu pudesse descrevê-la em algumas palavras, seria alguém que ajuda o próximo sem medo de se arrepender, que encara o favor ao outro de coração. Lhe gosto muito, uma amizade que levarei para o resto de minha vida.”

Não podia deixar de fora o relato da minha patroa “Keity”, uma mulher, mãe e profissional de qualidade. Ao solicitar a ela para que escrevesse sobre mim no meu Memorial de Formação, não hesitou, e assim escreveu:

– Você é luz! Aonde chega, você ilumina e irradia felicidade, enchendo o ambiente de energia de ação.

– Você é sinônimo de honestidade e dedicação. Qualquer um pode confiar em você de olhos fechados. E é lindo de ver a sua dedicação em tudo que faz. Independentemente de qualquer coisa, você está sempre entregando o seu 100%.

– Você é fiel aos seus. Uma vez assumido um compromisso com alguém, você nunca vai deixar esse alguém na mão.

– Se eu pudesse te resumir em um trecho de música, sem dúvidas seria este:

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz

Cantar, e cantar, e cantar A beleza de ser um eterno aprendiz Ah, meu Deus!

Eu sei, eu sei

Que a vida devia ser bem melhor e será!

Mas isso não impede

Que eu repita

É bonita, é bonita

E é bonita.”

A minha filha Thaís, ao falar sobre mim, percebi ainda mais que é uma menina-mulher madura, inteligente, decidida, amiga e companheira de todos os momentos. Assim ela me delineou: “Gorete, uma mulher dedicada e focada em seus objetivos. Uma pessoa que transmite alegria e que oferece suporte a quem precisar. Como mãe, a vejo como exemplo de superação, minha amiga, confidente e companheira de estudo.

Você pode estar a indagar se um memorial que narra a vida de uma pessoa, pode expressar falas de outras pessoas sobre si? A minha resposta é muito simples: eu sou Maria Gorete, ser único, portanto, constituído por outras pessoas, e essas, por sua vez, são constituídas por mim, pois nos constituímos nas relações que estabelecemos com o outro, sejam pessoas, animais ou conhecimento.

Um ser constituído que futuramente estará em sala de aula continuando a ser constituído e constituindo o ser dos meus estudantes e da minha filha Thaís, olhando-a como mãe e como pedagoga.

3 MINHA FILHA THAÍS: COMPANHEIRA DE ESTUDOS E MOTIVAÇÃO

*Teus filhos não são teus filhos. São filhos e filhas da vida,
anelando por si própria. Vem através de ti, mas não de
ti. E embora estejam contigo, a ti não pertencem. Podes
dar-lhes amor, mas não teus pensamentos, pois eles têm
seus pensamentos próprios.*

Khalil Gibran

Neste espaço apresento narrativas que dizem respeito a vivências com a minha filha Thaís, sempre companheira nos diversos momentos da minha vida, de tal maneira, que ora nos parecemos no agir e no falar. Parafraseando Khalil Gibran, nunca procurei

fazê-la semelhante a mim, pois a vida prossegue e nossas vidas se transformam, não se vive mais o ontem. Para ela, fui o arco; ela também o foi e ainda o é. Como flechas vivas, disparamos entre nós saberes e conhecimentos. Aprendemos juntas.

Ser mãe é uma experiência repleta de desafios, emoções e alegrias. Portanto, essas experiências me fizeram e me fazem construir a minha identidade. Descrever essa experiência é como mergulhar nas minhas lembranças mais sublimes, tão vasta e única é a jornada de cada mãe. A maternidade é uma mistura de amor incondicional, preocupações constantes e um profundo senso de responsabilidade. Tive Maria Thaís aos 19 anos, muito nova, no meu olhar de hoje. No entanto, apesar dos desafios, a maternidade é permeada por momentos de pura felicidade e gratidão. Ver seu sorriso iluminar o mundo ao meu redor fazia meu coração transbordar de alegria. Nesse momento da minha vida, fui adquirindo autoconhecimento e grande crescimento pessoal.

Ser mãe é descobrir novas camadas de paciência, compaixão e força interior que nunca pensava que possuía. É aprender a equilibrar-se, saber gerir as demandas da vida, da família, encontrando harmonia entre ser mãe e ser mulher. Fui testemunhando o crescimento dela, uma mistura de orgulho com nostalgia. À medida que foi crescendo, também foi se enunciando o seu amadurecimento, e assim fui aprendendo novas maneiras de apoiá-la e orientar as suas atitudes em cada fase da sua vida. Apoiei-a em suas conquistas e desafios, fortalecendo o nosso vínculo entre mãe e filha, criando nosso espaço seguro onde podemos compartilhar qualquer coisa. Os anos passaram e Maria Thaís hoje tem 20 anos, e está ao meu lado para tudo.

Nesta terceira seção, descrevo como ter incentivo e motivação é crucial para alavancar nossa vida, permitindo ao leitor compreender o quão minha filha Maria Thaís Bezerra Silva foi (é) uma luz nessa minha jornada. Ela é mais que uma simples estudante, é minha companheira de estudo, constante inspiração, pois esse companheirismo torna meu caminho de aprendizagens mais leve e agradável. Ora ela me ensina, ora ela aprende comigo.

Nos momentos de desafios, que são muitos, ela me oferece apoio incondicional, incentivando-me a perseverar e nunca desistir. Mediante os nossos diálogos diários, ela vai descrevendo e lembrando a minha capacidade, rememorando constantemente a importância da realização de sonhos através dos estudos (tudo que disse a ela). A nossa parceria em cada obstáculo superado fica mais fortalecido não só na realização acadêmica,

mas também na vida pessoal, e assim vamos construindo memórias preciosas que durarão para sempre.

Ter Thaís em minha vivência como motivação é ter uma âncora em meio à tempestade da vida. Ela vê em mim um potencial que nem eu mesma ainda enxergo. Com isso, tenho mais motivação e comprometimento com os meus objetivos, e venho alcançando resultados acadêmicos extraordinários e desenvolvendo habilidades de estudo que serão valiosas ao longo da minha vida.

Sua perspectiva é única, as suas orientações muitas vezes me ajudam a enxergar as coisas sob uma nova visão, ampliando minha compreensão e enriquecendo minha experiência e aprendizados. Ela me desafia a ser a melhor estudante, a melhor professora e, acima de tudo, a melhor mãe. Parte desse sucesso acadêmico e pessoal devo a ela. Além disso, uma companheira de estudo pode ajudar a manter o foco, superar desafios e celebrar conquistas juntas, criando um ambiente propício para o conhecimento e desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional.

Rememorar essa trajetória da minha vida me fez pensar o antes e o depois do curso de Pedagogia, pois, depois dele, passei a ter um novo olhar para as relações vividas. Relações essas que me constituíram como pessoa, mãe, mulher, irmã e profissional. Uma vez que nos constituímos mediante as interações com o outro, também constituímos esse outro, como defende Vygotsky (2005).

Portanto, posso afirmar que essas vivências me constituíram como um ser da natureza, como pessoa, como filha, como irmã, como mãe e como profissional, e assim meu processo formativo e acadêmico foi me delineando e estruturando.

4 MEU PROCESSO FORMATIVO E ACADÊMICO

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber.

Paulo Freire

As narrativas aqui descritas dizem respeito às memórias que selecionei para compartilhar sobre o meu processo formativo e acadêmico.

Meu processo formativo se constituiu e ainda se constitui nas interações que vivenciei, cujo caminho é único e pessoal. Foram experiências, desafios e conquistas; são momentos sentidos desde o primeiro momento estudando na Educação Infantil até a conquista de estar escrevendo o meu Memorial de Formação, me formando pedagoga. São conquistas marcadas por uma série de experiências transformadoras, desafiadoras e enriquecedoras, pois tive a oportunidade de internalizar novos conhecimentos, conhecer pessoas, me sentir parte, sentir que sou importante e que posso escolher qualquer lugar para ocupar e brilhar.

A cada vivência, reconhecia dificuldades para aprender. Era tudo novo, palavras rebuscadas, que, na maioria das vezes, quando proferidas pelos professores, eu tinha que buscar o significado no celular. E assim eu ia aprendendo, enriquecendo o meu vocabulário. Cada etapa vivida era um avanço, pois cada vez mais tinha certeza de que estar nesse espaço educativo contribuía para a formação da minha identidade pessoal e profissional.

O início da fase escolar na Educação Básica, embora não me recorde o ano, foi marcado por muito aprendizado. Não só aprendi os conteúdos conceituais e procedimentais em sala de aula, mas também a interação social, respeito ao próximo, o trabalho em equipe. As professoras dessa época eram as minhas irmãs. Lembro que não gostava muito, não sei por que sempre era uma ou outra a cada ano, e foi assim até a terceira série¹, correspondente hoje aos anos iniciais, porém elas desempenhavam um papel crucial nessa etapa da minha vida, me alfabetizando, despertando em mim a curiosidade para aprender a ler e a escrever.

Na terceira série, passei a estudar com uma professora que não era nenhuma das minhas irmãs. Ela se chamava Bernadete e eu a amava. Lembro da sua voz meiga, despertando em mim o desejo de ser professora. Lembro que quando eu brincava de ser professora eu sempre a imitava. Então, quero destacar a importância do papel do professor nessa primeira fase da educação. É de vital importância a afetividade para com os estudantes, pois ensinar vai além de partilhar conhecimentos teórico-práticos.

¹ A determinação legal (Lei nº 10.172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental) de implantar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade, tem duas intenções: “oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade”.

Paulo Freire (1996) nos leva a refletir sobre a educação como um processo dinâmico e afetivo, cujo relacionamento entre educador e educando é fundamental para a construção do conhecimento e da cidadania. Na obra "Pedagogia da autonomia", ele nos revela: "A afetividade não pode estar ausente da relação entre os seres humanos. A afetividade é parte integrante do processo educativo."

Esses profissionais devem, além da competência pedagógica e científica, ser mediatizadores de referência, pois influenciam diretamente na vida dos seus estudantes, principalmente, no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, criando um vínculo de confiança, de modo a deixar marcas indelévels em seu processo de ensino-aprendizagem e no seu agir na sociedade.

Durante o Ensino Médio, no ano de 2000, mergulhei em vários componentes curriculares que me chamaram atenção e despertaram meu interesse, como, por exemplo, História e Geografia. Nesse período, tive a oportunidade de estudar vários conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento². Com esses estudos, uma base sólida de conhecimento ia se formando em minha mente, tendo, assim, a oportunidade de desenvolver habilidades³ cognitivas essenciais.

O Ensino Médio, que correspondia ao Normal Médio⁴, é um período em que nós estudantes lidamos com a questão de identidade, evidenciando-se desejos diversos, desde a aceitação em grupos, o namoro, o gosto por literaturas que abordam a sexualidade, dentre outros aspectos da vida. Essa jornada é complexa e transformadora, pois desafia os estudantes a investirem em seu potencial, a enfrentar dificuldades. Lembro que esse período foi de muito crescimento, aprendizados e descobertas que nos prepararam para a oportunidade que nos aguardava no futuro. Descobri, por exemplo, que a formação não é apenas um acúmulo de conhecimentos teóricos, mas uma preparação que inclui, principalmente, a relação entre teoria e prática, além da reflexão contínua no tocante à nossa profissão, ou seja, ser consciente de como desempenhar as nossas habilidades práticas, com pensamento teórico e crítico, além de estarmos preparados para o desenvolvimento da nossa capacidade de inovação.

² Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017; 2018), nos ensinos Fundamental e Médio os componentes curriculares são organizados em áreas de conhecimento. Por exemplo, no Ensino Fundamental, temos: Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Matemática e Linguagens.

³ Segundo Núñez (2009), habilidades são ações que executamos com domínio e consciência, como, por exemplo, argumentar, classificar, descrever.

Ao ingressar no Ensino Superior em 2020, na graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura, sinto que dei o passo mais importante da minha vida rumo à realização dos meus sonhos profissionais. Durante esses quatro anos de graduação, tive a oportunidade de desenvolver habilidades e aprofundar meus conhecimentos nas áreas específicas de estudo, vivenciando experiências práticas que completavam minha formação.

Entretanto, minha trajetória acadêmica não foi marcada apenas por momentos de sucesso. Enfrentei desafios e muitas dificuldades em determinados componentes curriculares. Foram muitos momentos de pressão, diante de prazos e exigências acadêmicas. Tinha dia que pensava que não ia dar conta, mas sempre dava tudo certo, pois eu tinha minha companheira de estudo e motivação – a minha filha Thaís –, e a ajuda dos colegas de aula também. Cada obstáculo superado me fortalecia e me ensinava lições valiosas, de perseverança, autodisciplina e autoavaliação. Sou grata por todas as experiências vividas; estou ansiosa pelo futuro a mim reservado.

Esse processo de formação, para mim, não se resume apenas ao recebimento da certificação profissional, mas tudo que vivi e estou vivendo. Foi e está sendo uma jornada de autoconhecimento, mostrando minha capacidade de enfrentar os desafios, me deixando ciente de que eles nunca acabam. Então, estou pronta para os que ainda estão por vir, certa de que eles me fortalecem e me constituem como pessoa e profissional. Como nos revela Freire (1983; 2004), somos seres inacabados.

O inacabamento do ser humano como sua característica fundamental aparece na maioria dos textos de Paulo Freire, desde o início das obras até seus últimos escritos (Freire, 1983; 2004). A compreensão do inacabamento é imprescindível para compreender o pensamento de Freire, já que é por ele que se justifica a sua pedagogia e todo o seu pensamento.

Quando paro para pensar e olho para trás, já consigo perceber que meu processo formativo, e da minha vida inteira, foi mais do que apenas uma sequência de aula. Foi, sim, um caminho de autodescoberta, de desafios superados e de crescimento pessoal e profissional. Cada dia de aula presente, cada projeto realizado, cada material construído, foram oportunidades para internalizar novos conhecimentos e expandi-los, desafiando meus próprios limites e desenvolvendo novas habilidades, de modo a me formar pedagoga e, assim, que a cada experiência vivida nesse campo, eu possa refletir em relação à minha prática.

A escrita dessas memórias me faz refletir sobre a importância de estarmos nos formando sempre, investindo na nossa formação, aprendizagem e desenvolvimento profissional, pois acredito que a reflexão sobre o nosso fazer profissional nos permite identificar as nossas necessidades formativas.

Zeichner atribui à reflexão do professor sobre sua prática um potencial transformador das condições da atividade profissional dos professores sob projetos de mudança institucional e social nos quais as preocupações sociais e políticas são explicitadas, como critérios de orientação da prática reflexiva (Ramalho; Núñez; Gauthier, 2003, p. 14).

Entendi como é importante a perseverança e a disciplina diante das dificuldades, e a colaboração e a ajuda mútua dos colegas e da busca constante pelo conhecimento. Espero que, com os meus conhecimentos, eu possa trazer contribuições significativas para a sociedade e para o meu próprio desenvolvimento pessoal e profissional.

5 MINHA VIDA PROFISSIONAL: MEU PORTO SEGURO

Se você ouvir uma voz interna dizer: 'você não pode pintar', então pinte e a voz será silenciada.

Vincent Van Gogh

Nesta seção, narro sobre fragmentos das minhas memórias em relação à minha vida profissional, que considero meu porto seguro, pois é dela que tiro o meu sustento e o da minha filha Thaís.

Minha vida profissional é marcada por desafios e aprendizados constantes. A cada experiência, eu sempre procuro extrair lições valiosas e aplicá-las para o meu desenvolvimento. Os obstáculos são inevitáveis, mas são eles que me permitem crescer e me tornar mais resiliente no trabalho. Sigo aprendendo a encarar as adversidades, a exemplo da longa jornada de trabalho, como oportunidades e superação a cada atividade realizada, a cada dia que termina, transformando-as em caminhos enriquecedores para o meu crescimento e amadurecimento como profissional.

Atualmente, exerço a função de diarista, meu porto seguro em meio à correria do dia a dia, em que as demandas profissionais parecem não dar trégua. Aqui estou eu no meu trabalho faxinando, mas pensando nas minhas narrativas que pretendo materializar

no meu Memorial de Formação. Então, estando inspirada para escrever as minhas memórias durante as atividades domésticas profissionais, resolvi gravar, pois não poderia parar para escrever.

Hoje, 1º de maio de 2024, Dia do Trabalhador⁴, para onde me viro, a mídia nos relembra o 1º de maio em que Ayrton Senna deixou a Terra para morar em outra dimensão. As minhas memórias começam a fluir. Estou leve, com vontade de escrever. Mas como fazer se as minhas mãos estão ocupadas com vassoura, rodo, panelas, talheres, dentre tantos outros objetos domésticos? A água escorre em minhas mãos para deixar limpos todos esses materiais e a casa.

Como minhas mãos não podem escrever, resolvi gravar as minhas memórias. Memórias do presente e do passado. Apesar da correria, me sinto confortável desempenhando meu papel, que sei que é fundamental na manutenção do equilíbrio e da harmonia do lar, podendo, assim, deixar as pessoas desfrutarem de um ambiente limpo, organizado e acolhedor. Nessa profissão, me sinto uma verdadeira artista da limpeza, modificando cada ambiente que toco, transformando-o em um espaço mais encantador.

Meu trabalho não se limita a remover poeira e outras sujeiras, mas, sim, a criar um ambiente onde as pessoas se sintam confortáveis e protegidas. Como se as minhas mãos habilidosas trouxessem um pouco de tranquilidade para dentro dos lares em que trabalho. Mas, por trás do esfregão e do aspirador de pó, estou eu aqui, uma pessoa cheia de sonhos, aspirações e desejos.

Fui babá e cuidadora de idosos nesse período da minha existência e percebi que cuidar de idoso não é apenas uma profissão⁵, mas, sim uma missão repleta de desafios, significados e responsabilidades. No centro dessa atividade, estão o amor incondicional e a serenidade. O primeiro, por causa das adversidades que constituem essa profissão, desde o cuidado íntimo até as falas cheias de angústia da pessoa, por estar em tal condição; o segundo, porque é imprescindível a resiliência e a paciência para saber lidar com uma

⁴ O Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador é celebrado anualmente no dia 1º de maio. Celebrada internacionalmente, essa data remete à luta histórica dos trabalhadores para conquistar melhores condições de trabalho. A origem da data remonta ao movimento grevista puxado por trabalhadores estadunidenses em Chicago no final do século XIX.

⁵ A legislação que regulamenta os cuidadores de idosos é a lei dos trabalhadores domésticos, ou seja, a Lei Complementar Nº 150/15. Na categoria dos empregados domésticos, os cuidadores são classificados pela Classificação Brasileira de Ocupações [CBO] 5162-10. Portanto, como cuidador contratado para trabalhar em âmbito residencial, o profissional tem direitos legais a condições de trabalho de acordo com as leis designadas aos trabalhadores domésticos e, por conseguinte, nada em seu contrato ou condições de trabalho podem violar esses direitos.

pessoa com tanta experiência e vivências, com tanto para nos ensinar. É importante ressaltar que os idosos são detentores dos saberes e das experiências. Como era bom escutar cada história contada por eles. Cada uma carregava um tesouro de saberes e de conhecimentos que merecia ser compartilhado, apreciado e aprendido.

Estar nessa profissão e missão nos transforma, nos enriquece e nos inspira a sermos seres humanos melhores, a poder desenvolver a sensibilidade, além de criar e fortalecer laços afetivos com aqueles de quem cuidamos. Juntos construímos memórias, sorrisos e até lágrimas, criando uma conexão especial que ilumina os dias mais difíceis e enriquece os momentos mais simples. Por esses ensinamentos, considero também como uma missão.

Atualmente, a minha vida profissional é meu porto seguro. Não é apenas sobre alcançar metas ou sucesso financeiro. É sobre encontrar alegria e satisfação no que faço, porque me permite ser quem sou, explorar meu potencial e contribuir para uma melhor qualidade de vida das pessoas, e é também onde encontro equilíbrio, propósito e realização, fazendo eu me sentir grata por cada oportunidade e contribuir para o bem-estar de todos.

Olhando para o futuro, reflito sobre a minha vida profissional como uma tela em branco cheia de infinitas possibilidades e potenciais ainda não explorados. Nessa tela em branco, não vejo apenas desafios, mas também oportunidades a serem aproveitadas, e estou determinada a preencher essas telas com cores vibrantes neste novo ciclo que vem chegando. Com os novos conhecimentos internalizados através da graduação em Pedagogia, que eu possa investigar e experimentar diversas áreas, adequando à realidade e transformando minha trajetória conforme minha visão, meus saberes e meus conhecimentos.

A reflexão como estratégia formativa caracterizada por Schön (2000) revela a reconstrução da prática profissional a partir da própria prática. Esse elemento da formação docente procura construir “uma epistemologia da prática” (Ramalho; Núñez; Gauthier, 2003, p. 14), ao considerar a docência como uma profissão que se constrói na prática. Ao mesmo tempo, como revelam os autores, as telas que julgava em branco, de repente são escritas por novos conhecimentos que são inerentes à profissão, ou seja, conhecimentos esses que fazem parte da minha profissionalidade, construída a partir da minha formação constante, aprendizagem e desenvolvimento profissional (Ramalho; Núñez; Gauthier, 2003).

Ou seja, essa tela começa a ser preenchida desde a minha infância, com conhecimentos e saberes construídos com aqueles que pude vivenciar momentos vários que se entrelaçaram com aqueles orientados pela minha mãe e os que internalizei na Educação Básica e no Ensino Superior.

6 O CURSO DE PEDAGOGIA: MEMÓRIAS DA MINHA MÃE PARA ESSA PROFISSÃO

Se não posso estimular sonhos impossíveis, não devo negar o direito de sonhar com quem sonha.

Paulo Freire

Por que minha mãe sempre ressaltava o sonho e o desejo de que eu me formasse pedagoga? Sempre estava a me estimular! É sobre esse sonho e essas memórias que me deterei nesta seção.

Entre conversas, o tema sempre surgia. Acredito que envolvia diversos fatores, podendo refletir sua própria experiência profissional, pois ela lecionou durante um período de sua vida, ou também queria que eu fizesse parte do que ela entendia como educação: a educação como meio de empoderamento e transformação. Ela sempre dizia que o pedagogo, por seu papel na sociedade, é visto como um agente de mudança, que não só compartilha conhecimento, mas também inspira, motiva e forma os estudantes a desenvolver seu potencial.

Por outro lado, a importância de reconhecer o desejo da minha mãe Iracema Bernadete Bezerra (*in memoriam*) me gerava um conflito interno, embora ela me deixasse livre para fazer minhas escolhas e me apoiasse em tudo. Além disso, essa memória também revela o profundo amor e cuidado que minha mãe tinha pelo meu futuro profissional. Ao desejar que eu me formasse pedagoga, minha mãe estava expressando sua crença no meu potencial e sua vontade que eu tivesse uma profissão definida. Ela achava que a educação era uma área nobre e significativa.

As lembranças que guardo da minha mãe em relação à Pedagogia são cheias de ternura, desde cedo me incentivando a ter amor por essa ciência. Sua voz calma e gentil me mostrando a importância de ser uma pedagoga. Assim ela me relatava: os pedagogos desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança, dos jovens e dos adultos (minha irmã lecionava a jovens e adultos); são responsáveis por criarem um ambiente em que os estudantes se

sintam estimulados a desenvolver o cognitivo, o emocional, o social e os valores éticos, utilizando metodologias dinâmicas para promover a participação ativa de todos, incentivando a investigar, questionar e produzir seu próprio conhecimento.

Ao escrever essas narrativas, me reporto a autores cujas concepções dos conteúdos tive a oportunidade de conhecer, e assim começo a enxergar essa realidade com o olhar desses autores. Soligo (2020), por exemplo, defende que podemos compreender, analisando as últimas décadas, sobre como aprendem os sujeitos quando se alfabetizam. Este é o único sentido aceitável ao se falar de um método de alfabetização: “um caminho que se faz ao caminhar, considerando os sujeitos singulares em processo de aprendizagem, sempre conforme suas possibilidades, sempre conforme suas necessidades” (Soligo, 2020, p. 631).

Sendo assim, reconheço que esse incentivo que tive, através de seus conselhos simples, mas sábios, me constituíram como o ser que sou hoje; segui outros caminhos, que não o almejado, no sentido profissional acadêmico, mas a semente que foi plantada pela minha mãe veio a florescer ao longo da minha jornada. Estou conseguindo a minha formação no Ensino Superior: pena que quando essa minha busca aconteceu ela não estava mais entre nós – virou uma estrela no céu –, porém, nos momentos de dúvidas e incertezas, lembro do que ela falava sobre meu potencial e de como sempre me incentivava para eu prosseguir com os meus sonhos.

Hoje, olhando para trás, vejo o impacto profundo que o incentivo da minha mãe teve em minha vida, de como foi positivo. Formar-me pedagoga não foi apenas uma escolha profissional, foi uma maneira de honrar a sua confiança em mim. Eu sei que ela está vendo todo esforço que estou fazendo, e é com gratidão e determinação que continuo a seguir meu caminho, sabendo que ela está sempre comigo, guiando-me e inspirando-me a fazer a diferença no mundo por meio da educação.

Com esses dizeres rememorados, os ressignifico com o olhar de pedagoga relembro Freire (1987), quando ele enuncia em sua obra “Pedagogia do Oprimido”: “Minha prática dialógica com meus pais me preparara para continuar a vivê-la com meus alunos” (Freire, 1987, p. 83). Assim, já vislumbrava a Pedagogia como uma luz para compreender o mundo sob outro prisma.

7 A PEDAGOGIA: LUZ PARA ENXERGAR A VIDA COM OUTRO OLHAR

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Paulo Freire

As narrativas que delineiam esta seção dizem respeito às minhas memórias acerca de momentos vividos no curso de Pedagogia, os quais marcaram e ainda marcam uma nova fase da minha vida.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), segundo o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia (Rio Grande do Norte, 2019), é uma instituição de Ensino Superior de caráter público, organizada sob a forma de autarquia, vinculada à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, com sede e foro na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte/RN. De acordo com o dito documento, o IFESP tem uma trajetória centenária e é uma instituição de ensino com história específica em Natal e no Rio Grande do Norte.

Sua origem se situa no contexto da criação das Escolas Normais no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX. Essas tinham por finalidade formar o professor para atuar no ensino primário. Ao longo de sua existência, a instituição passou por mudanças respaldadas nas demandas sociais e nos marcos legais, porém mantendo seu objetivo de formar professores. (Rio Grande do Norte, 2019, p. 10)

A aprovação no vestibular do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, no ano de 2019, não apenas marcou o início de uma nova fase da minha vida, mas também foi uma virada de chave. Ser aprovada no Ensino Superior foi mais do que apenas alcançar uma pontuação satisfatória, foi me enxergar, reconhecer que eu sou capaz. Então resolvi dar o primeiro passo em direção a uma carreira acadêmica, a um objetivo. E foi justamente nesse ponto que começou a jornada ao conhecimento científico, a superação de desafios e a realização de sonhos.

O ingresso na faculdade foi marcado por um turbilhão de sentimentos, pois ali começava a representação de uma realização de um desejo e a concretização de uma profissão com curso superior. Para mim, como estudante, o Ensino Superior é um marco importante que abre portas para novas oportunidades profissionais, me permitindo experimentar áreas de interesse e desenvolvimento de habilidades específicas. Foi a oportunidade de investigar e sentir novos horizontes e expandir o conhecimento.

E assim começa a jornada de descobertas de saberes e conhecimentos que vão além de páginas de livros. É uma jornada transformadora, com trocas de experiências e questionamentos sobre conceitos estabelecidos. Isso nos impulsiona a investigar mais e mais, atrás de novos conhecimentos. A cada componente curricular que era apresentado pelos professores, íamos percebendo as diversidades e as singularidades de cada área de estudo; descobríamos novas paixões que nos levavam e ainda nos levam a reavaliar nossas escolhas e aspirações para a nova profissão. Com isso, desenvolvemos o aprender a aprender, ou seja, o pensamento metacognitivo, como expressa Flavell (1976). Aos poucos, a autoavaliação e a autorreflexão passavam a fazer parte do nosso cotidiano.

Percebi que, com muita dedicação de nossa parte, os saberes e conhecimentos nos levam para onde quisermos. E é prazeroso mergulhar em um ambiente intelectualmente estimulante. Descobri também que, por meio da leitura, das pesquisas, dos Estágios Curriculares Supervisionados, das atividades extracurriculares, internalizamos experiências valiosas que podemos externalizar de uma forma prática e eficiente, ou seja, que possibilita as aprendizagens para aqueles que estamos ensinando e para nós também.

Trata-se de um espaço dialógico que nos permite perguntar, expor as nossas ideias e dúvidas, pois, assim como Freire (2000), defendo um ambiente dialógico no qual estudantes e professores são sujeitos que aprendem e ensinam mediante a interação. “Proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta” (Freire, 2000, p. 83).

Para mim, foi uma experiência transformadora de crescimento pessoal, pois comecei a enxergar a vida com outro olhar. A descoberta do meu eu e da minha capacidade foi muito forte, transformando significativamente a minha vida. Essa fase não apenas me proporcionou conhecimento acadêmico, mas também me desafiou a crescer emocionalmente, social e intelectualmente. É um ambiente com pessoas diversificadas, com culturas diferentes, ideias diferentes e, por isso, me ensinou a valorizar e a respeitar a subjetividade de cada sujeito. Foi um período de autodescoberta e amadurecimento. Aprendi a lidar com as pressões, prazos e regras. A cada trabalho, uma expectativa era criada. Tudo isso me ensinou a ter resiliência.

A luz que enxerga com outro olhar é uma metáfora que nos convida a refletir sobre a capacidade de compreendermos o universo de uma forma diferente, com uma nova expectativa de perceber o mundo mais profundo. Foi assim que a Pedagogia entrou na minha vida. O mundo acadêmico me permitiu perceber a capacidade de captar nuances

e significados que antes me passavam despercebidos. Com essa nova visão, encontro soluções criativas para desafios e entendo melhor as experiências dos outros. Fez também aflorar em mim a empatia e a compaixão, me fez construir conexões mais profundas e significativas com pessoas ao meu redor.

De acordo com Tardif (2013), o professor constrói os seus saberes dentro de sua própria prática. Não é apenas um reprodutor de conhecimentos produzidos por terceiros, é um ator que não ocupa lugar de coadjuvante na sua profissão, mas sim de protagonista em cena, possuindo um saber fazer e um cabedal de conhecimentos próprios advindos de sua própria atividade, na qual ele estrutura e orienta. Portanto, me formar pedagoga me permitiu, ao escrever esta seção, lembrar de autores que dialogam com a minha história de vida profissional. Por essa razão, afirmo que o meu olhar para esta nova realidade profissional é acompanhado de concepções que estudei no curso de Pedagogia.

Tanto esse autor como Paulo Freire me levam à reflexão quando se trata de formação humana e profissional. Freire revela que somos seres inacabados. Portanto, segundo a sua visão, “o processo do saber implica o de crescer” e vice-versa, por ser impossível “saber sem uma certa forma de crescimento” e “crescer sem uma certa forma de sabedoria” (Freire, 2013, p. 179-180).

Sendo assim, nós nos formamos, aprendemos e nos desenvolvemos sempre! Aprendizagens e desenvolvimento profissional que busquei no curso de Pedagogia, pois nele pude vivenciar entrelaçamentos de saberes e conhecimentos em articulação com aqueles que já trazia comigo.

8 O CURSO DE PEDAGOGIA: ENTRELÇAMENTOS DE SABERES E CONHECIMENTOS

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

Paulo Freire

Nesta seção, relato sobre o curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, instituição a qual tenho orgulho de pertencer. Nas minhas narrativas, apresento brevemente o curso, pois julgo importante trazer um pouco da sua historicidade para aqueles que ainda não o conhecem ter o privilégio de conhecer, mesmo que seja por meio do meu relato. Também compartilho com o leitor saberes e

conhecimentos que internalizei ao longo do curso, entrelaçamentos que se delinearam entre linhas coloridas e, às vezes, cinzentas, quando eu ficava ansiosa por ainda não conseguir compreender palavras tão rebuscadas da Pedagogia.

De acordo com o Projeto Pedagógico (Rio Grande do Norte, 2019), o Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy foi autorizado a funcionar nos termos do Parecer CEE/CES Nº 094/08, homologado pelo Decreto Estadual de nº 21.009, de 12 de janeiro de 2009, e teve seu reconhecimento renovado conforme Parecer nº 014/2014 – CEE/CES/RN e Decreto Estadual de nº 24.801, de 11 de novembro de 2014.

A atualização do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Pedagogia – Licenciatura, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – Centro de Formação de Professores (IFESP) ficou sob a responsabilidade do Núcleo Docente Estruturante que considerando as legislações em vigor e as recomendações do Conselho Estadual de Educação tendo em vista as necessidades formativas do pedagogo e a melhoria da educação básica do estado do Rio Grande do Norte. (Rio Grande do Norte, 2019, p. 7)

O Curso de Pedagogia – Licenciatura consiste em um curso presencial, que valoriza processos didáticos que não sejam focados na mera transmissão de conteúdos científicos, mas na valorização dos saberes e das experiências trazidas pelos (as) estudante (as), na participação em atividades de pesquisa e de extensão e que incluam o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, tem como missão: propiciar uma educação profissional de qualidade social, mediante o ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva de uma formação docente crítica, ética, reflexiva e política que permita uma atuação na sociedade que contribua para o desenvolvimento sustentável do Rio Grande do Norte e do país.

Ao buscar esses ditos no Projeto Pedagógico do curso da referida instituição, passei a refletir sobre a nossa responsabilidade em relação à formação de cidadãos críticos e reflexivos, sujeitos éticos com visão de um mundo com direitos e deveres iguais para todos e uma educação inclusiva e libertadora.

Antes de adentrar no curso de Pedagogia, minha visão de mundo ainda era restrita; eu não pensava como hoje. Ou seja, compreendo que o curso me fez enxergar o mundo pensando cientificamente, pois os componentes curriculares da matriz curricular me permitiram construir esse olhar. Posso citar, por exemplo, o componente

“Corporeidade”, ministrado pela professora Ana Paula Maia Fonseca, que me possibilitou fazer uma reflexão complexa sobre a interação entre o corpo e a mente. Por meio das suas atividades, me fez compreender um pouco como os pensamentos, emoções e estados mentais influenciam na nossa condição física e vice-versa.

O componente curricular nos desafia a reconhecer e valorizar a interdependência entre o corpo e a mente de maneira consciente. Cito também o componente “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Ciências”, ministrado pela professora Rozicleide Bezerra de Carvalho, que me incentivou a pensar criticamente. Fui desafiada a questionar, investigar, a observar, pois essas abordagens foram essenciais não apenas para que eu compreendesse conceitos, mas também para que eu aplicasse esses conceitos em situações práticas, me permitindo uma base sólida em relação ao conhecimento científico, ou seja, a compreensão com reflexão.

Com esses e outros componentes curriculares, em relação aos conhecimentos que internalizei, pude mobilizar para o contexto real, ou seja, pude utilizá-los nos Estágios Curriculares Supervisionados, componente que abordarei na seção seguinte.

8.1 OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: NAMORO COM O ESTÁGIO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Os meus relatos nesta seção narram sobre os Estágios Supervisionados oferecidos no curso, que são quatro. Dentre eles, eu namorei com os que são realizados em espaços não formais.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (Rio Grande do Norte, 2019), os Estágios Curriculares Supervisionados são parte do processo de formação do estudante integrada ao currículo, como componente curricular obrigatório, o qual favorece a interlocução entre a formação acadêmica e o mundo profissional, por meio de uma (re) aproximação contínua da Academia com a realidade social, cultural e educacional.

Os Estágios Curriculares Supervisionados foram uma etapa crucial em minha formação acadêmica, proporcionando-me a oportunidade de mobilizar os conhecimentos teóricos internalizados ao longo do curso para a prática de sala de aula. Essa experiência contribuiu significativamente para uma formação mais completa, permitindo-me vivenciar um ambiente real de trabalho, uma vez que pude vivenciar na prática, em cada

planejamento e atividades elaborados e materializados, as teorias estudadas nos componentes curriculares.

Estagiei em salas da Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, na Coordenação Pedagógica e em Espaços não Escolares. Durante esse período, especialmente em espaços não escolares, pude compreender a amplitude do trabalho do pedagogo em diferentes contextos.

Descobri que a atuação do pedagogo se estende por uma variedade de áreas, desde escolas, museus, centros culturais, ONGs, igrejas, hospitais e até empresas, dentre outros espaços. Em cada um deles, a Pedagogia desempenha um papel essencial e pode ser aplicada de maneira criativa que tenha como resultados diferentes aprendizagens e desenvolvimento pessoal e profissional para o estudante de Pedagogia. Através dessas experiências, percebi como a Pedagogia transcende os limites da sala de aula, adaptando-se às necessidades e peculiaridades de cada ambiente e sujeitos aprendentes.

Para que a Pedagogia exerça influência positiva no espaço de aprendizagens, é essencial saber utilizar os conhecimentos, os saberes e os princípios pedagógicos, além das características e as necessidades do ambiente específico, ou seja, o espaço de atuação. Com isso, possibilita incluir a elaboração de projetos, programas e palestras, com o objetivo de desenvolver o pensamento científico, crítico, reflexivo, criativo, ético e respeitoso com aqueles que fazem parte desse ambiente.

Ao observar as aulas durante os estágios e lecionar na Educação Infantil, pude perceber como acontecem as práticas pedagógicas, o planejamento e a execução das atividades (como adaptam os conteúdos para as necessidades), o desenvolvimento infantil e a dinâmica da escola, e como lidar com imprevistos e diversidades. Assim, a minha formação acadêmica e profissional e as minhas aprendizagens durante esse período me propiciaram refletir criticamente ao analisar as minhas práticas como docente, por exemplo, questionar onde posso melhorar nessas práticas e quais são os conhecimentos que preciso me apropriar para ensinar. É uma busca contínua e continuada para crescer profissionalmente e fazer adaptações no planejamento para atender às necessidades formativas dos nossos estudantes.

Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental, pude vivenciar outras experiências e aprendizagens. Entendi, por exemplo, que cada pessoa tem um ritmo de aprendizado diferente, e com isso percebi a importância de utilizar diferentes tipos de

abordagens para atender os estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e equitativo.

No tocante à Coordenação Pedagógica, me chamou atenção ver como os profissionais dessa área lidam com a responsabilidade de organizar o planejamento da escola, os resultados das avaliações internas e externas, os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes, a mediação e a gestão de conflitos, além de dar suporte aos professores, como, por exemplo, ao desempenhar um papel importante na formação continuada do corpo docente. Essas aprendizagens me fizeram refletir e reconhecer a importância da Coordenação Pedagógica como um pilar fundamental para a qualidade da educação na escola, em parceria com a direção. Ao rememorar essas vivências, lembrei de um autor estudado em sala de aula – Carlos Libâneo –, que tem a pedagogia entre os seus objetos de pesquisa.

Para Libâneo,

O que justifica a existência da pedagogia é o fato de esse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas que se realizam em sociedade como processos fundamentais da condição humana. A pedagogia, segundo o autor, serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas com o objetivo de propor a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem. Ela se constitui, sob esse entendimento, em um campo de conhecimento que possui objeto, problemáticas e métodos próprios de investigação, configurando-se como “ciência da educação.” (Libâneo, 2007, p. 513)

Lendo novamente esse texto, percebi, mais uma vez, quanta responsabilidade temos em trabalhar nessa área de conhecimento. Não desmerecendo as demais, mas a compreendo como base para todas as licenciaturas.

Em meu namoro com a Pedagogia em um espaço não escolar, descobri como o pedagogo atua nesse contexto, que oferece um leque de oportunidades para desenvolver habilidades pedagógicas de forma inovadora, criativa e direcionada a esse cenário.

Mesmo sendo senso comum associar a Pedagogia ao ambiente escolar e à sala de aula, existem diferentes contextos para que o pedagogo possa desenvolver as suas habilidades e internalizar conhecimentos, além de permitir que o outro também o faça, sob a sua orientação, desde empresas a organizações sociais e culturais. Atuar em um espaço não escolar me permitiu desenvolver uma abordagem mais flexível e adaptável às necessidades específicas de cada pessoa envolvida nas atividades.

Nos diferentes espaços dos estágios em que experienciei diversas atividades, tive a oportunidade de trabalhar em equipe, com a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. A multidisciplinaridade ocorre quando há mais de uma área de conhecimento em um determinado projeto ou propósito, mas cada uma dessas disciplinas mantém seus métodos e teorias em perspectiva. Já a interdisciplinaridade é quando mais de uma área se une em um projeto comum, com um planejamento que relacione os componentes curriculares ou áreas de conhecimento durante o processo, cujas áreas trocam conhecimentos e enriquecem ainda mais as possibilidades de aprendizagens (Zabala, 1999) e o trabalho pedagógico, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento integral dos estudantes. Foi uma jornada desafiadora e gratificante, pelo fato de colocar em prática esses conhecimentos vistos em sala de aula.

Estaguei em uma igreja, no grupo “Os Desbravadores”, e foi uma experiência cheia de conhecimento e aprendizado. Embora haja crítica sobre esse espaço não escolar não se caracterizar como ambiente de formação, quero revelar que é necessário conhecer o contexto. Há igrejas, como é o caso dessa, que oferecem, aos adolescentes e jovens, estudos de natureza acadêmica, buscando conciliar os conteúdos atitudinais (respeito, valores, ética) aos conceituais e procedimentais. Por exemplo, um dos temas trabalhados diz respeito ao respeito pela natureza e, em especial, aos animais.

Nesse espaço, pude, junto com um colega de turma, trabalhar nessa perspectiva. Organizamos um planejamento interdisciplinar, ou seja, a partir de um tema, elaboramos as atividades, cujo conteúdo das várias áreas dialogam. Para essa finalidade, tomamos como tema para integrar os componentes curriculares “a importância de um planejamento sistematizado”. Com essa experiência, pude perceber e sentir o que é estar no campo de atuação de um profissional pedagogo em um espaço não escolar, ao mesmo tempo já imaginando a realização da prática futura.

Conheci a pedagogia hospitalar e desde então é meu sonho trabalhar nessa área, pois esse profissional tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de cada criança e adolescente durante o período de internação, uma vez que atua como facilitador no processo educativo, adaptando as práticas de acordo com as condições individuais de saúde de cada paciente. Porém esse processo não envolve apenas a partilha de conhecimentos que está no currículo, mas também o apoio psicossocial, essencial para esses sujeitos que se encontram tão frágeis. Nesse trabalho, o profissional precisa ter empatia, sensibilidade e habilidades profissionais para lidar com

questões delicadas, como, por exemplo, a baixa autoestima do paciente, proporcionada pelo prolongamento da hospitalização e diversas situações que podem acontecer durante a sua internação.

No Brasil, a prática educacional em espaço não convencional é ainda pouco utilizada e enfrenta muitos desafios. Barros (2011) revela que a possibilidade de um serviço com o profissional de pedagogia, mediante atividades lúdicas, contação de histórias, teatro, além de outras atividades e estratégias didático-pedagógicas, estimula o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens, propiciando momentos de aprendizagens, desenvolvimento e diversão, e com isso enfrentam esse período de hospitalização de uma forma mais positiva e construtiva.

Barros (2008) argumenta acerca da escola hospitalar como espaço de pesquisa e assevera a imprescindibilidade de não apenas se relatarem experiências pontuais exitosas desses espaços, mas a possibilidade de suscitar questões de pesquisa a partir da experiência empírica em campo. Para mim, um campo desafiador que muito me encanta.

Assim como em um namoro, no Estágio Curricular Supervisionado em espaço não escolar há desafios a serem enfrentados. É preciso lidar com imprevistos e problemas diários, principalmente aqueles que criam situações que podem comprometer a vida do estudante paciente, além de lidar com suas emoções, com o seu sofrimento. Mas, é a resolução desses problemas com competência técnica, ou seja, com investimento na profissionalidade, como defendem Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), que faz o profissional ser qualificado e enfrentar qualquer situação do dia a dia no seu campo de atuação.

Ao final dos estágios, é inevitável olhar para trás e não refletir sobre essa experiência tão valiosa, pois essas vivências me permitiram pensar sobre as minhas posições como mãe, como profissional e, acima de tudo, como pessoa, além de trazer nas lembranças os ensinamentos dos professores tanto da Educação Básica como do Ensino Superior, de modo a enxergar as minhas necessidades formativas. Portanto, é imprescindível continuarmos estudando, aprendendo, nos formando, nos desenvolvendo profissionalmente, para, assim, sermos sujeitos conscientes da importância de investirmos na nossa profissão.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.

Paulo Freire

Ao escrever as considerações finais, remeto-me a Paulo Freire quando nos diz que somos seres inacabados, pois na escrita dessas narrativas reconheço mais ainda como somos seres inacabados. Percebo minhas necessidades formativas, o que me estimula a continuar me formando e me desenvolvendo no campo profissional.

Produzir o meu Memorial de Formação foi para mim uma experiência valiosa. Em cada registro que eu elaborava, surgiam lembranças preciosas da minha vida. Ele não apenas documenta minhas lutas e conquistas, mas também minhas reflexões sobre as experiências que me constituíram e dizem quem sou eu hoje, nas dimensões pessoal, educacional e profissional.

O Memorial de Formação me proporcionou compartilhar com os leitores experiências, realizações e valores que me são caros, pois me deu uma visão holística da minha trajetória de vida, com autoridade para dizer que as narrativas que aqui apresento são aquelas que escolhi partilhar com o leitor. Ele transcende o simples papel de um documento acadêmico. É um reflexo da minha jornada de autoconhecimento e crescimento nas diferentes dimensões da vida de um sujeito. É como embarcar em uma viagem introspectiva pelas páginas da minha própria vida. E a cada página que eu escrevia sentia-me guiada pela mistura de nostalgia e gratidão, consciente do valor de cada passo dado, procurando meticulosamente escolher cada palavra para captar a essência da minha experiência, socializando não apenas fatos, mas também emoções e aprendizados.

Então, esta sou eu, que, em busca de novos conhecimentos e autodescobertas, vou me resignificando sem perder minha identidade. Porém, nesse cenário, conto com pessoas preciosas ao meu lado, como a minha filha Thaís, que foi uma das minhas companheiras de estudo e motivação nesse caminhar tão sonhado e desejado. Cada momento de estudo foi uma experiência de ensino e aprendizado, uma reflexão interna de conhecimentos e contradições. Construímos memórias valiosas que serão para a vida

toda, fortalecendo a nossa conexão e apoio mútuo, consolidando nossos laços entre mãe e filha.

De mãos dadas com Thaís nesse processo formativo e acadêmico repleto de desafios, descoberta e crescimento, tudo ficou mais leve. Cada ano e cada semestre foi marcado por momentos de desafios, superação e aprendizados. Ao longo desse percurso, encontrei professores que pegaram na minha mão e foram me guiando, assim como colegas de sala que me incentivaram a melhorar a cada trabalho apresentado, cada componente curricular, cada prova, cada projeto, cada seminário – oportunidades de investigar e identificar as minhas habilidades e desenvolvê-las. Assim, me formo, aprendo e me desenvolvo no campo da Pedagogia e como pessoa.

Hoje, olho para o passado e vejo que cada passo dado nessa jornada teve um propósito: melhorar como mãe, como pessoa e como profissional. E esse meu processo formativo e acadêmico ainda está em andamento e assim continuará, pois, como defende Freire (1984), nós somos seres inacabados.

Portanto, inacabamento, consciência e educabilidade estão intrinsecamente relacionados ao processo dialógico, considerado central na concepção de educação de Freire (1987). É mediante o diálogo que se estabelecem as dimensões crítica e transformadora da educação, e é por ele que esses aspectos vão se entrelaçando e, consequentemente, é nele que se fundamenta o caráter crítico e emancipador da Educação Socioambiental.

Baseado nos escritos de Paulo Freire e em minhas vivências, sei que cada momento vivenciado foi fundamental para me tornar quem sou hoje, consciente de que sempre estarei aprendendo e me desenvolvendo tanto pessoal quanto profissionalmente. Conciliar meu processo acadêmico com minha vida profissional foi um desafio inevitável e necessário, pois me fez descobrir minha força interior, minha resiliência e minha capacidade de superação.

Minha vida profissional é precisa em termos de determinação e necessidade; é meu porto seguro onde encontro estabilidade financeira. Mas também é um espaço de criatividade, onde posso inovar e me ressignificar, seja numa sala de aula escolar ou não escolar, ou ao realizar atividades domésticas em residências. Acredito que posso fazer diferença na vida das pessoas através disso. Contudo, para melhorar profissionalmente, minha mãe, a quem considero minha rainha, me incentivou a cursar Pedagogia, uma profissão que guarda memórias dela. Esse apoio e incentivo da minha mãe têm sido e

serão sempre como uma rocha e um alicerce sólido. Eles foram, são e serão fundamentais para a construção da minha jornada educacional, da minha identidade pessoal e profissional.

Minha mãe não apenas me encorajou, mas também foi o alicerce para a construção dos meus princípios éticos, valores e crenças. Para mim, a Pedagogia não é apenas uma profissão, é uma maneira de honrar e perpetuar o amor pela Pedagogia que ela me legou; é a luz para enxergar a vida com outro olhar, o olhar e o fazer responsivos, em que meu discurso se reflete nas minhas ações. A Pedagogia me mostrou o poder de cada descoberta, a capacidade de transformar não apenas a mente, mas também o meu coração. Ela me provocou a mergulhar fundo atrás dos saberes, dos questionamentos, da reflexão, a querer mais e mais conhecimentos, não só como estudante, mas como ser humano, ou seja, ela me proporcionou maior conscientização, orientando-me a colocar meu pensamento em ação com ética e responsabilidade, conforme nos ensina Freire (2001).

Assim, a Pedagogia: entrelaçamentos de saberes e conhecimento, uma das seções deste memorial, se constitui como uma forma única e enriquecedora que me permitiu vivenciar e investigar, ao longo do curso, não apenas a teoria, mas a prática pedagógica. Os entrelaçamentos dos saberes e os conhecimentos me proporcionaram uma compreensão mais abrangente e profunda do fenômeno educativo, alertando-me como futura pedagoga a enxergar a educação como parte integrante do contexto social, cultural e histórico. Começo timidamente a compreender que o saber e o conhecimento precisam estar em nossa prática, e me questiono: de que saberes me apropriei ao longo da minha vida acadêmica para utilizar os conhecimentos de forma consciente, ética e científica?

Senti nas minhas vivências durante o curso que o entrelaçamento também ocorre diretamente com o contato com a prática pedagógica, seja por meio dos Estágios Curriculares Supervisionados ou outras práticas. Esses estágios me possibilitaram refletir criticamente sobre a interlocução entre os conhecimentos teóricos e as práticas em sala de aula nos dois espaços (escolar e não escolar), propiciando uma compreensão mais concreta, e foi onde aconteceu meu namoro com o espaço não escolar.

Com todo o meu processo acadêmico e formativo-profissional construído no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, posso afirmar que essa instituição de formação de professores faz jus ao que diz sua missão e visão: promover formação de qualidade para profissionais que atuam em processos educacionais, por meio do Ensino,

da Pesquisa e da Extensão, na perspectiva de desenvolvimento do estado do Rio Grande do Norte; continuar sendo uma Instituição de Ensino Superior reconhecida como referência na área de formação de profissionais da Educação Básica que atuam em espaços escolares e não escolares do estado do RN, buscando a inovação e melhoria dos processos educacionais desenvolvidos pelos poderes públicos, com vistas na indução de políticas públicas voltadas para a disseminação do conhecimento científico, cultural, ambiental e tecnológico (Rio Grande do Norte, 2019).

Essa instituição tão singular me proporcionou experiência prática, de modo que eu aprendi a estabelecer compreensivamente a relação entre a teoria e a realidade prática, entendendo melhor as nuances das diferentes áreas profissionais.

Com um quadro qualificado de professores, a referida instituição de ensino desempenhou um papel crucial para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Nós, estudantes, tivemos a oportunidade de experienciar diferentes campos de conhecimento e expandir nossos horizontes intelectuais. Pude sentir como o IFESP se compromete com seus estudantes. A meu ver, os professores não apenas compartilham conhecimentos, eles nos inspiram, são exemplos éticos e competentes a serem seguidos. As lições aprendidas no Instituto Kennedy transcendem o currículo acadêmico, elas proporcionam ao estudante condições para ele refletir sobre conhecimentos, saberes e valores, mudando sua visão de mundo e pessoal, consideravelmente. Nessa instituição, compreendi que somos responsáveis por nossos discursos e que as dimensões política, pedagógica e científica devem se constituir como conhecimentos inerentes a qualquer profissão.

Toda essa experiência trouxe para mim a perspectiva de ter um olhar mais comprometido e uma consciência de que é preciso estar em constante crescimento profissional, desenvolvendo e aprimorando minhas habilidades, ou seja, a minha profissionalidade. Acredito na importância do aprendizado contínuo e na procura incansável pelo conhecimento, nas inovações e na criatividade e na busca constante do equilíbrio saudável entre o trabalho e a vida pessoal.

Ao refletir sobre minha perspectiva para o futuro profissional, percebo que ela é construída por combinações de experiências do passado com as metas e objetivos futuros. Cada período concluído no percurso acadêmico contribuiu para a identidade da profissional que desejo ser.

Encerro as minhas narrativas neste manuscrito autoral retomando o título do meu Memorial de Formação, “Meu Olhar Reflexivo para Construção da Minha Identidade

Pessoal e Profissional: desafios, conquistas e lições aprendidas”. Escrever cada palavra me fez revisitar minha identidade, compreendendo que essa construção é contínua e permanente, constituída mediante desafios e momentos felizes que me ensinaram valiosas lições e resultaram em conquistas significativas, moldando-me e me fazendo quem sou: Maria Gorete Bezerra.

Grata por me constituírem como pessoa e profissional!

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima.

Produzindo gêneros textuais: o memorial. Campina Grande/Natal: Editora da UFRN, 2007.

BARROS, Alessandra Santana S. Escolas hospitalares como espaços de intervenção e pesquisa. Presente! **Revista de Educação**/Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Salvador, n. 61, p. 32-37, 2008.

BARROS, Alessandra Santana S. **Notas sócio-históricas e antropológicas sobre a escolarização em hospitais.** In. SCHILKE, A. L.; NUNES, L. B.; AROSA, A.C. (Org.). Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres. Niterói: Intertexto, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura - MEC. Secretaria de Educação Básica - SEB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, nº 9.394.** Brasília-DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura - MEC. Secretaria de Educação Básica - SEB. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC.** Brasília-DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura - MEC. Secretaria de Educação Básica - SEB. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC.** Brasília-DF, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Quem Sou Eu.** Disponível em:

https://www.pensador.com/quem_sou_eu_clarice_lispector/. Acesso em: 26 de mai. 2024.

FLAVELL, John H. Metacognitive aspects of problem solving. Em L. B. Resnik (Ed.), **The Nature of Intelligence** (pp. 231-236). Hillsdale: Lawrence Erlbaum. 1976.

Frases de Paulo Freire. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTQzMTUy/>. Acesso em: 26 de mai. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade: Paulo Freire educação e conscientização**. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1983>. Acesso em 20 de mai. 2024.

Legislação do cuidador de idosos – diretrizes principais. Disponível em: <https://blog.sosempregadordomestico.com.br/legislacao-cuidador-de-idosos/>. Acesso em: 08 de mai. 2024.

1º de Maio – Dia do Trabalhador. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-do-trabalho.htm>. Acesso em 10 mai. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. PEDAGOGIA E PEDAGOGOS, PARA QUÊ? **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, maio/ago. 2007.

PASSEGGI, Maria da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

Pensador – Mensagens para Reflexão. Disponível em: https://www.pensador.com/mensagens_de_reflexao_para_filhos/. Acesso em 26 mai. 2024.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

RAMALHO, Betania L.; NÚÑEZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o Professor** – Profissionalizar o Ensino. 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy**. Natal/RN, 2019.

SOLIGO, Rosaura. De cada um conforme suas possibilidades, a cada um conforme suas necessidades – o único método possível para alfabetizar. **XX ENDIPE** - Fazeres-Saberes Pedagógicos: Diálogos, insurgências e políticas. 2020.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação & Sociedade**, 2013, 34(123), 551-571.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000200013>. Acesso em: 14 de mai. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamiento y Language**. Editora Pueblo, Havana, Cuba, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. 224 p.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores**: idéias e prática. Lisboa/Porto Educa. 1993.

52 frases de crescimento profissional para encarar todos os desafios (2022).

Disponível em: <https://www.tuacarreira.com/frases-de-crescimento-profissional/>. Acesso em: 26 mai. 2024.

Capítulo X: Narrativas que Contam Minha História de Vida

Ana Cláudia Ferreira da Silva

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial de Formação tem o objetivo de apresentar experiências marcantes ocorridas no percurso da minha história de vida, desde a minha infância até a minha trajetória formativa, profissional, acadêmica e pessoal.

O Memorial de Formação é um gênero textual/discursivo rico e dinâmico que se insere na ordem do relatar, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como “um gênero que oportuniza às pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória” (Arcoverde, 2007, p. 2).

Os autores que me embasei para respaldar a escrita do meu Memorial, são: Paulo Freire (1989; 1993; 2001; 2002); Lev S. Vygostky(2005); Selma Garrido Pimenta (2006); Ecléa Bosi (1987); Maria Divanira Arcoverde e Rossana Delmar Arcoverde (1987), entre outros de igual relevância.

Este Memorial está organizado em seções assim estruturadas: Introdução; Fragmentos da minha infância: quanta ludicidade vivida; Adolescência e juventude: brincadeiras com responsabilidade e consciência; Retorno à sala de aula: novos desafios; O magistério na Escola Estadual Berilo Wanderley; Meus filhos, minha família: inspiração para escrever a minha história de vida; O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy: Os Estágios supervisionados me formando professora; as considerações finais; e por fim, apresento as referências.

As minhas narrativas enunciam memórias que consegui lembrar, as quais autorizo o leitor conhecer (Pineau, 2006), pois o Memorial de Formação, embora seja um gênero acadêmico da minha autoria, há lembranças que me sinto no direito de guardá-las só para mim.

Prezado (a) leitor (a) o (a) convido (a) a conhecer momentos da minha história de vida, os quais muito me orgulham, aqueles que me constituíram e ainda me constituem como pessoa e profissional.

Nele, estarão minhas vozes e as vozes do outro, pois, somos construídos (as) em interação com esse outro, sejam as vozes dos autores que escolhi dialogar com as minhas memórias, da minha família, dos amigos, dos colegas de turma, dos professores, bem como da natureza, quando você aprende a escutá-la. Escrevo narrativas da minha vida que decidi compartilhar com o leitor, e que este possa se deleitar com as minhas experiências e vivências.

2 FRAGMENTOS DA MINHA INFÂNCIA: QUANTA LUDICIDADE VIVIDA!

Nesta seção relato fragmentos da minha infância, momentos de brincadeiras, de peraltices, que hoje compreendo que foram momentos de ludicidade, termo esse que vim conhecer durante o curso de Pedagogia – Licenciatura. Em minhas leituras orientadas pelos professores, conheci as ideias de Vygotsky (2005), esse autor nos revela que quando se inclui o lúdico como atividade para as crianças, elas aprendem e se desenvolvem de tal maneira que conseguem internalizar os novos conhecimentos, de modo a mobilizá-los para resolver situações em seu cotidiano.

A minha infância foi recheada de momentos vividos e inesquecíveis, eu era uma criança levada e brincalhona, uma criança muito amada pelos pais que lutaram tanto para dar uma boa educação. Mesmo em situações difíceis, minha mãe, Marina da Silva Ferreira (*in memoriam*), com a profissão de lavadeira, e meu pai, Pedro Camilo da Silva (*in memoriam*), pedreiro, com condições financeiras bem regradas, nos ensinaram o respeito e o amor, e nos fizeram compreender que podemos ser felizes mediante à simplicidade, a qual não nos faltou.

Ao recordar fragmentos da minha infância na década dos anos 1980, pude relembrar momentos inesquecíveis e vividos, pois quando criança tive a oportunidade de brincar e estudar. Embora ainda muito menina, lembro-me do tempo em que eu estudei no jardim de infância “Tia Anjinha”, que porventura ainda existe. Lá, eu aprendi a ler e a escrever com a professora Telma.

Lembro-me dos ensinamentos e aprendizagens. Eu era uma criança muito esperta para a minha idade, muito ativa nas brincadeiras nos intervalos como “tica-tica”, “ciranda-cirandinha”, entre outras. Até o momento de hoje, ainda me comunico com a professora Telma, uma lembrança que eu nunca irei esquecer.

Ao rememorar esses momentos, veio em minha mente o termo “tia”, e assim, me reporte ao livro de Paulo Freire (1993), “Professora, sim; tia, não.” É uma das últimas obras publicadas por ele, bastante lida, principalmente, no meio educacional. Considero a leitura desse livro essencial para estudantes e educadores, sobre as questões que nos leva a refletir sobre o que é ser um professor; que tem identidade própria, de um profissional que se formou e se apropriou dos conhecimentos para ensinar.

Hoje, reconheço a importância da valorização profissional, pois segundo Ramalho, Núñez e Gauthier (2004), ela passa pela profissionalização docente, ou seja, se ancora na profissionalidade (competência técnica para ensinar) e no profissionalismo (os status de ser professor). Essas características embasam a identidade profissional.

Continuando os meus relatos sobre a infância, no tocante à vida escolar, infelizmente, não fiquei muito tempo na escola. Não frequentei o “Jardim de infância”, pois por falta de recursos financeiros minha mãe teve que me colocar no ensino público: uma creche. Embora sabendo que existem instituições públicas de qualidade, existem aquelas que não acolhem os estudantes com afetividade e amorosidade. A instituição onde fui matriculada não tinha as mesmas características da escola anterior, em que os profissionais eram afetuosos. Na época se chamava Creche Nossa Senhora de Nazaré, situada no bairro de Nazaré, em Natal/RN. Hoje, o prédio é um abrigo para menores infratores.

Ao lembrar esses momentos, os quais não foram nada bons para mim porque não sentia afetividade das professoras para comigo, reflito sobre a importância dessa afetividade, principalmente, quando me reporto ao pensamento de Freire (1987). A amorosidade, de acordo o pensador, deve se juntar à humildade, pois é ela que dá significado ao trabalho pedagógico. “[...] E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar... um amor armado de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar” (Freire, 1987, p. 38).

Durante as aulas no Instituto Kennedy, mediante às explicações dos professores com as vivências práticas e leituras orientadas, fui aprendendo como a afetividade é importante para a internalização das aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, ou seja, como é imprescindível a criação de laços entre professor e estudante, pois, possibilita confiança, segurança, evitando assim possíveis fraturas no processo de aprendizagem (Fernández, 1991).

Apesar de ter passado um ano na nova escola, foram momentos vividos bem difíceis, a minha mãe não podia me deixar nesse espaço, saía muito cedo para trabalhar, então, ela pagava uma pessoa para ir me buscar. O difícil era o dia no qual eu sentia muita falta da minha mãe, eu percebia que era um pouco rejeitada pelas professoras, eu chupava chupeta, então, elas tiravam de mim bruscamente, sem ao menos me explicar o motivo e só me devolviam quando eu ia dormir.

Em relação a essa situação, eu passava a maior parte do dia chorando, tinha sempre um colega que me batia e nada as professoras faziam. Foi muito difícil esse período, não gosto muito de recordar, mas, superei e hoje entendo, e posso inferir que faltava formação adequada para aquelas professoras, ou seja, uma formação que propiciasse o conhecimento em relação à *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*, componente curricular que muito me ensinou em relação a essas questões.

Sobre esse assunto, Carrilho (2007) nos revela que esses são relatos de experiências vividas destacadas por transformarem o caminho de formação positiva ou negativamente, mas que conferem um novo direcionamento, ou um posicionamento, também, um enfrentamento, ou, ainda, um novo olhar sobre a vida e a formação. Hoje, tenho esse olhar ressignificado devido aos estudos realizados no curso de Pedagogia.

Para Passegi (2010) narrar é humano e civilizatório, portanto, como humana e atualmente, com conhecimentos internalizados que adquiri nesse curso, posso dizer que meu olhar para essas questões assume uma visão ressignificada.

Por meio desse curso, conheci concepções de estudiosos da teoria do desenvolvimento como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), quando revelam a relevância da afetividade no processo de desenvolvimento. Foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) quem fundamentou, de maneira mais específica e aprofundada, o papel e a importância da afetividade para o desenvolvimento integral da criança.

Após esse período na creche eu fui estudar na Escola Estadual Lauro de Castro, situada no bairro Cidade da Esperança, onde estudei durante três anos, 1ª; 2ª e 3ª série do Ensino Fundamental¹. Eu lembro muito bem de duas professoras: Solange e Sônia, com

¹Até o ano 2006, o Ensino Fundamental era classificado em séries, o Ensino Fundamental Anos Iniciais, antigo Ensino Fundamental anos iniciais, incluía da primeira à quarta série. Ainda em 2006, o governo aprovou a Lei 11.274, de 6 de fevereiro, que ampliou a duração total do Ensino Fundamental para nove anos, estabelecendo que a matrícula das crianças deveria ocorrer a partir dos seis anos de idade. Na época, foi estabelecido o prazo de implantação do novo formato pelas escolas e sistemas de ensino até 2010.

elas eu aprendi com a Cartilha do ABC² a escrever e ler melhor e a ter um entendimento mais claro sobre o que estava fazendo, foi um período de acesso a muitos conhecimentos e aprendizagens.

Apesar da minha timidez fiquei traumatizada pelo tempo em que fiquei na creche, mas aos poucos fui me aproximando e fazendo novos amigos, onde tínhamos momentos inesquecíveis, inclusive, para fazer trabalhos em grupo ir à biblioteca coletar informações sobre algum tema orientado pela professora, atividades realizadas com papel pautado e lápis grafite.

Diferentemente de hoje, que temos as tecnologias digitais que muito facilitam o nosso trabalho escolar e acadêmico. Embora não seja acesso de todos, o que ficou evidente com as desigualdades sociais sentidas durante a Pandemia causada pelo COVID-19 entre os anos de 2020 e 2022. Tal acontecimento causou grande impacto nas vidas das pessoas, obrigando-nos o distanciamento social e seguirmos normas sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde. Foi um momento que impactou o mundo.

Na escola Lauro de Castro, os momentos bons eram na hora do recreio, o lanche, as brincadeiras, o corre-corre, e como toda criança eu amava tudo isso, era um tempo em que os estudantes cantavam o Hino Nacional antes de entrar na sala de aula, tempo que se tinha mais respeito entre as pessoas, conforme a minha percepção. Até os estudantes cumprimentavam os professores respeitosamente, sinto falta desses momentos. Mas, hoje eu sei que ao mesmo tempo foi um momento sombrio, pois o Brasil vivia sob o regime de uma Ditadura Militar.

A Ditadura Militar no Brasil, segundo Bezerra (s/data) foi um regime autoritário que se iniciou com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. Ele perdurou por 21 anos, revela a autora (s/data), de 1964 a 1985, época em foi estabelecida a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime.

Ao estudar sobre esse conteúdo, presente na estrutura curricular do curso de Pedagogia do Instituto Kennedy e ao escrever essa memória, reflito e me pergunto: o respeito que me refiro que antes existia mais do que hoje, será que era fruto da repressão?

² Conforme destaca Stamatto (1998), a cartilha (*segundo o dicionário Houaiss a palavra cartilha designa um pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os rudimentos para aprender a ler, carta do ABC*), manuais escolares empregados na alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil, desde a época colonial. Disponível em: <https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=imagem+da+cartilha>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Em relação a essa escola que descrevo, acredito que não, pois o respeito era conquistado por meio da afetividade.

Tive professores excelentes, a minha maior dificuldade era no conteúdo de Matemática, como até hoje tenho, mas o que me salvava eram os livros distribuídos gratuitamente na escola, facilitavam a compreensão e me ajudavam na sistematização dos conteúdos.

Na época, esse recurso pedagógico era orientado para estudarmos os assuntos, por meio da memorização. Infelizmente, essa era a realidade do ensino, o estudante repetia o que dizia o professor e o livro didático, mas aprendi, não como gostaria, pois, reconheço as lacunas que me acompanham em várias áreas de conhecimento, as quais terei que ensinar ao adentrar as salas de aula na Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Mas, nos componentes referentes à Matemática, os professores do Instituto Kennedy com competência e paciência, aos poucos me fizeram olhar essa ciência com mais tranquilidade, uma vez que em suas aulas não desvinculam a teoria da prática.

Esse movimento psicológico surgiu nos albores do século XX, a teoria da aprendizagem utilizada pelos professores era o behaviorismo, centrada no comportamento, no estímulo e resposta, um ensino centrado no professor, como critica Freire, tratava-se da Educação Bancária, que ainda hoje persiste em alguns espaços escolares. Ou seja, cabia ao professor ensinar e ao estudante assimilar os conteúdos sem refletir sobre eles.

A educação bancária, segundo Freire (2002), é uma abordagem de ensino limitante e autoritária, que não promove o pensamento crítico e a reflexão, e que não leva em consideração os conhecimentos que os estudantes possuem, sendo um instrumento de manutenção do *status quo* e da opressão, e como tal, deve ser rejeitada em favor de uma educação libertadora e transformadora.

Para superar uma educação opressora, é fundamental uma educação que prepare “o homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue. Isto obriga, a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos” (Freire, 2001, p. 45).

Depois desse período fui transferida para a Escola Municipal Professor Luiz Maranhão Filho, uma escola que foi fundada no bairro de Cidade Nova, local muito carente na época. Embora tenha suas dificuldades em relação aos recursos financeiros para

administrá-la, hoje, com mais recursos, percebe-se a variedade de atividades desenvolvidas para os estudantes (tive a oportunidade de observar). No tempo em que a referida instituição foi inaugurada, a comunidade só tinha uma escola no bairro. Então, devido à demanda e ao número de crianças e a situação social da comunidade, a dita escola foi inaugurada em 1988, onde eu estudei a 4ª série do Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental, sendo repetente da mesma série.

No ano seguinte, repeti a 5ª série, tive bons professores, profissionais que incentivavam os estudantes, eram afetuosos, mas não me adaptei à escola, apesar de eles realizarem um trabalho excelente, tínhamos momentos em que sentia que aprendia melhor, por exemplo, ao ir à biblioteca, participar de gincanas.

Como entretenimento foi bom, mas eu não me adaptei, e assim repeti a 5ª série. Fui transferida para outra escola: Escola Estadual União do Povo, situada em Natal/RN, no mesmo bairro, na qual eu estudei da 5ª a 8ª série (Ensino Fundamental).

Foi nesse lugar que me encontrei de verdade, fiz boas amizades, tive professores maravilhosos, como por exemplo, os professores Anecildo, Ailton, entre outros, que ficaram na minha memória. Já nessa época, não brincava mais como antes, era outro tempo, outro momento da minha vida, uma fase de transformação, tanto no meu corpo, como nos meus pensamentos, tudo acontecendo ao mesmo tempo, foram momentos inesquecíveis.

Refletindo com o olhar de “quase pedagoga”, percebo que vivenciei momentos que me fizeram formar-me, aprender e me desenvolver nas dimensões pessoal e profissional, além de reconhecer que muito ainda tenho o que me formar, aprender e me desenvolver para ensinar, de tal forma, que os estudantes que serão meus alunos no futuro, possam aprender e se desenvolver com interação, qualidade e justiça social, ou seja, com direito a uma educação que prime a diversidade, a igualdade e a equidade, como apregoa a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Internalizei novos conhecimentos que alicerçaram meu modo de agir e compreender o mundo para então enfrentar diferentes desafios cognitivos, afetivos e emocionais na fase da adolescência, juventude e vida adulta.

3 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: BRINCADEIRAS COM RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA

Apresento nesta seção experiências vivenciadas na minha adolescência e juventude. Nelas, brinquei, aprendi e me desenvolvi como um ser humano consciente das minhas responsabilidades. Escolhi marcar nessas narrativas as brincadeiras que vivenciei na adolescência e juventude, em especial, nas festas juninas, pois eram ocasiões em que eu realmente podia brincar, divertir, viver momentos tão singelos e importantes para mim.

Sempre fui uma criança e adolescente deveras ativa, mas na minha adolescência, aos meus doze anos, me apaixonei pelas “Quadrilhas Juninas”, foi aí então, que eu me deixei levar pela emoção de participar da quadrilha chamada “Arraiá da Mocidade”, em 1994.

Na época, dançar em uma Quadrilha Tradicional permitia que vivenciávamos momentos inesquecíveis, pois viajávamos muito, participando de competições em alguns lugares. Havia ocasião em que ganhávamos a competição e em outros não, mas o importante para mim eram as brincadeiras, as festas, os laços de amizades que eram realizados, participava dessas vivências com responsabilidade e respeito.

Em 1995 a “Quadrilha Mocidade” se desfez, sendo criado um grupo, o qual recebeu outra denominação, sendo criada a “Quadrilha Peneirou”, já com outro estilo. Era uma quadrilha estilizada com vestidos elaborados por estilistas, era bem diferente em relação à dança e às vestimentas.

As competições e viagens ficaram mais intensas, e à medida que nos apresentávamos, nos aperfeiçoávamos mais ainda para atender aos critérios estabelecidos pelos concursos. Participamos do concurso da TV Cabugi, fomos campeões, quanta euforia e felicidade!

Nesse interim, uma surpresa me fez desistir de continuar participando desse evento, descobri a minha gravidez. Se constituiu como um novo desafio, o qual soube lidar, mesmo tendo ficado inicialmente desesperada.

Os momentos vividos nessa época são inesquecíveis, pois fiz amizades maravilhosas que até hoje guardo em meu coração. Pessoas que marcaram época com seu carinho e dedicação aos ensaios que ocorriam nos finais de semana para não atrapalhar os nossos estudos, pessoas que ainda se encontram entre nós e outras, que já se foram,

saudades eternas daqueles que deixaram muita alegria com suas travessuras, muitas brincadeiras e conversas que nos faziam gargalhar, hoje, são as resenhas.

Escrevendo sobre esse momento da minha história de vida, relembrei de momentos vividos no Instituto Kennedy, instituição na qual estou me graduando. Quando chega este período do ano, esta instituição nos proporciona momentos que me fazem lembrar aqueles vividos quando criança, adolescente e jovem. Não tem as quadrilhas que eu participava outrora, mas o ambiente é preparado para essas vivências, porém com um olhar diferente, experiência que vivenciamos com respaldo teórico, um olhar ressignificado. Uma visão didático-pedagógica, ou seja, compreendendo como um conhecimento inerente a nossa profissão.

Segundo Fernandes (s/data), professora licenciada em Letras, a Quadrilha Junina também pode ser nomeada de Quadrilha Caipira ou Quadrilha Matuta, é um estilo de dança folclórica coletiva muito popular no Brasil. Ela esclarece que essa dança de teor caipira é típica das festas juninas, que geralmente ocorrem nos meses de junho e julho em todas as regiões do país. Por ser uma dança caipira, afirma a autora, sua linguagem se aproxima da coloquial e dos meios sertanejos e nordestinos.

Nas salas de aula do Instituto Kennedy, aprendi que por meio dessa festividade, organizada junto com os estudantes, posso utilizar como estratégia didático-pedagógica para ensinar diferentes conteúdos, como por exemplo, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, podemos estudar as cores, as formas, a coordenação motora fina e ampla, espaço, tempo, dança, música, as quatro operações matemáticas.

A Quadrilha Junina pode ser incluída no planejamento como tema interdisciplinar, ou seja, é possível estabelecer o diálogo com as diversas áreas de conhecimento dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por exemplo, e com os objetivos de aprendizagens na Educação Infantil.

Foram momentos felizes e desafiadores que ao escrever sobre eles, já percebo como ressignifiquei o meu olhar para a realidade, consciente que novos desafios e alegrias estariam a minha espera para vivenciar novas experiências, como por exemplo, o meu retorno a sala de aula.

4 RETORNO À SALA DE AULA: NOVOS DESAFIOS

Mais uma narrativa que enuncia minhas memórias compartilho, um espaço que permitiu concretamente relembrar de momentos que outrora pensei que os tinha esquecido, momentos desafiadores que enfrentei ao adentrar a sala de aula. Assim, convido você leitor a conhecer vivências e experiências sentidas no meu retorno à sala de aula.

Após terminar o 8º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual União do Povo em 1995, uma instituição pública do nosso Estado, fui transferida para a Escola Estadual Winston Churchill, também pública estadual, em 1996 para iniciar o 2º grau; ao iniciar o ano letivo obtive algumas conquistas, como por exemplo, ter acesso a novos conhecimentos e novos amigos.

Enfrentei novos desafios, tudo ocorria bem até que no dia 02 de junho do mesmo ano recebi uma notícia muito triste, uma perda que para mim foi muito difícil, o falecimento da minha mãe Dona Marina da Silva Ferreira, vítima de um Acidente Vascular Cerebral – AVC.

Foram momentos muitos difíceis porque após o seu falecimento, descobri que estava grávida, como já mencionei. O desespero tomou conta de mim, aos dezoito anos de idade, grávida e sem meu porto seguro, a minha mãe. Então, tive que parar os estudos para trabalhar em uma residência situada em Natal/RN para sustentar a casa, pois meu pai entrou em uma profunda depressão com a partida da minha mãe.

Na época eu não entendia muito bem o que estava acontecendo com o meu corpo e mente, mas tive que enfrentar os desafios que estavam por vir. Sem forças para lutar, desmotivada para dar conta de tantas coisas, inclusive continuar estudando. O tempo passou e no dia 28 de janeiro de 1997, o meu filho nasceu, Davson Alef. Nesse período, as coisas começaram a melhorar, meu pai voltou a trabalhar, mas não foi nada fácil para mim voltar a estudar, era um grande desafio, pois por três anos consecutivos me matriculava em escolas diferentes, mas não conseguia continuar.

Muitos obstáculos se enunciavam, decorrentes de toda essa situação vivida, estava sem ânimo e sem vontade de voltar a estudar, pois eu me achava incapaz de voltar a sala de aula, uma vez que tinha que dar conta do trabalho, da casa, do filho, dentre outros afazeres que tomavam o meu tempo.

Meu pai Pedro Camilo da Silva (*in memoriam*) sempre foi um homem trabalhador, mas com a sua idade avançada teve suas limitações, então, nesse momento eu conheci as dificuldades e as necessidades dentro do meio familiar, mas isso não me abalou, mais uma vez deixei de estudar para trabalhar, mas foram esses momentos que me fortaleceram para continuar a minha caminhada.

O tempo passou rápido, e em 2004 nasceu a minha filha, Andreline, e mesmo em situações difíceis com pouco incentivo para estudar, tentei novamente voltar, mas não consegui continuar, estava desanimada. Fiquei 18 anos sem estudar, foi então, que tomei uma decisão de voltar em 2015 e me matriculei na Escola Estadual União do Povo, foi nessa instituição que conclui o 1^a, 2^a e 3^a séries do Ensino Médio.

Tomar a decisão de voltar a estudar foi muito difícil, novos conhecimentos para me apropriar, novos desafios na vivência com pessoas, em que o tempo todo me dizia “você não é capaz”, “você não vai conseguir”, “isso é só fogo de palha”, mas, não me deixei levar por esses discursos, eles só me fortaleceram ainda mais para continuar com o meu propósito: o de estudar.

Seguir essa nova etapa da minha vida, não foi fácil subir cada degrau, foi uma grande satisfação para mim reconhecer que eu sou capaz de seguir e conseguir vencer os obstáculos da vida. Ao retornar aos estudos eu disse para mim: Deus me ajude! Deus me guie! Me dê direção e discernimento que tanto preciso. Eu não quero mais parar de estudar.

Foram muitos momentos em que eu queria desistir, mas a vontade de estudar cresceu dentro de mim, buscar novos conhecimentos, novas oportunidades de aprendizado, mesmo em meio às dificuldades, então, consegui concluir mais essa etapa da minha vida.

Esse trilhar da minha vida, quando rememoro, lembro de um trecho do livro de Paulo Freire (1989), *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, em que o autor defende a importância de nos libertarmos, em termos de mentes, aprender a ler o mundo, ser crítico, reflexivo, atuar neste mundo para transformá-lo, de tal forma, que todos tenha direito a uma vida digna.

E acredito, principalmente, após cursar Licenciatura em Pedagogia, que é por meio do conhecimento que nos libertamos que deixamos de ser marionetes do sistema, que podemos expressar as nossas opiniões, seguir outros caminhos sem medo. E, assim,

continuo a relatar minha vivências, dentre elas, aquelas experienciadas no curso Magistério.

5 O MAGISTÉRIO NA ESCOLA ESTADUAL BERILO WANDERLEY

Nesta seção relato minhas vivências e experiências no curso de Magistério na Escola Pública Estadual Berilo Wanderley. Quantos desafios maravilhosos enfrentei, maravilhosos porque eu estava no curso que sempre almejei.

A escola Berilo Wanderley é uma instituição pública estadual que oferece as modalidades de ensino: Ensino Regular, Curso Técnico Integrado, Ensino Regular/Magistério. É organizada com a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus estudantes, como por exemplo: alimentação, laboratório de informática, área verde, quadra esportiva coberta, biblioteca, refeitório, laboratório de ciências, sala de professores, pátio descoberto, banda larga, Internet.

De acordo com Censo Escolar (Brasil, 2023), em Língua Portuguesa 69% dos estudantes não chegam ao nível de conhecimento considerado adequado; e 95% deles saem do Ensino Médio sem conhecimento adequado em matemática. Ao ter conhecimento sobre esses resultados, fiquei deveras preocupada. Muitos questionamentos passaram em minha mente, dentre eles: será que esses estudantes chegarão ao Ensino Médio, seja em qual for em outro nível ou modalidade de ensino, sem base para compreender os conteúdos? Pois, me lembro das minhas dificuldades em Matemática quando cheguei na escola de Ensino Médio/Normal.

Ao descrever essa nova fase da minha vida, após terminar, lembro que no Ensino Médio, em 2017, abriu-se um leque de possibilidades, não queria parar de estudar, a vontade de prosseguir com os estudos era imensa. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer o Magistério na Escola Estadual Berilo Wanderley, em 2018. Para conquistar essa nova experiência e enfrentar novos desafios não foi fácil, eu não sabia como era essa modalidade de ensino.

O Magistério para mim foi de extrema importância, de um aprendizado que me deu sentido e significado para me formar professora, tive o privilégio de estudar com professores competentes, que muito contribuíram com a transformação da minha vida. Lembro da professora Conceição Pessoa, a qual tenho muito apreço, uma professora que entre outras, me ensinou muito no desenvolvimento da minha escrita, pois ela marcou

muito esse processo tão importante na minha caminhada, só tenho a agradecer por todos que fizeram parte para que pudesse prosseguir.

Ao lembrar desse episódio da minha vida, começo a estabelecer interlocução com algumas teorias que estudei no curso de Pedagogia, que muito contribuíram com a alfabetização e Letramento. Refiro-me às autoras Magda Soares (1932-2023) e Emília Ferreiro (1936-2023), as quais deixaram um grande legado em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Ao contribuir com as minhas aprendizagens na escrita, a minha afetuosa professora trazia consigo concepções da Magda Soares (2005) e da Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984), no que tange a importância de considerar o contexto da criança como fundamento importante para ensiná-la a ler e a escrever.

No que tange à concepção de Magda Soares (1932-2023), como a autora, a minha professora defendia que o letramento deveria acontecer mediante o diagnóstico, considerando o contexto em que o estudante estava incluído, compreendendo uma sociedade letrada como forma de se criar, também, uma sociedade mais justa, com melhor distribuição da riqueza e com todos acessando bens culturais. Em suas aulas, sempre se utilizava de exemplos do cotidiano para facilitar as nossas aprendizagens e buscava saber acerca dos conhecimentos já internalizados por nós.

Para Soares e Batista (2005), é imprescindível utilizar nas aulas elementos do cotidiano das crianças para alfabetizá-las, o que era radicalmente diferente do modelo tradicional baseado em cartilhas e no ensino de famílias fonéticas. Dessa forma, ela elaborou o conceito de *Alfaletrar*, que une a ideia de letramento com perspectiva social e a necessidade de se ensinar, também, as famílias fonéticas.

Já Ferreiro e Teberosky (1984) destacam que a alfabetização é um processo ativo de construção, cujas crianças constroem a compreensão da linguagem escrita com base em suas experiências e reflexões, em vez de simplesmente receberem informações passivamente. Elas revelam a imprescindibilidade de compreender o pensamento das crianças durante esse processo, reconhecendo que elas apresentam conhecimentos internalizados e sabem interpretar desde o início.

Para mim, esse início de formação na minha vida foram momentos de vivências com teorias e práticas, diante das atividades, como por exemplo, apresentação de seminários, construção de maquetes, sendo este um trabalho excepcional realizado em grupo que marcou muito aquele momento. Todo o material utilizado com perspectivas reciclável e reaproveitável. Momentos como ir à biblioteca para um evento cultural com

grandes poetas potiguares, como por exemplo, Câmara Cascudo, Nísia Floresta, dentre outros.

Também não posso deixar de citar uma pessoa importante na minha formação, Dona Ana – a merendeira da Escola Berilo Wanderley, uma pessoa incrível que cuidava com carinho da alimentação dos estudantes, ela sempre deixava o meu jantar guardado, pois sempre chegava atrasada, tenho muito a agradecer por todos os momentos oportunos que vivi.

As minhas experiências nos estágios foram grandes desafios, eu não fazia ideia de como seria estar em uma sala de aula, exercendo a função de estagiária. Foi uma experiência singular chegar nesse momento e vivenciar tantas experiências, como mobilizar os conhecimentos teóricos para a prática, a convivência nesse espaço escolar. Foi desafiador para mim ao chegar no Centro Municipal de Educação Infantil, o CMEI Marize Paiva, localizada na avenida Solange Nunes, em Natal no Rio Grande do Norte, era a minha primeira experiência junto à colega de turma Raíssa Milena.

Fomos estagiar em uma turma do nível V (crianças de cinco anos de idade) no turno vespertino, junto à professora Maristela, a qual nos recebeu com muito carinho. Essa vivência foi de um aprendizado que fez sentido em minha vida, pois, conseguia ver a teoria nas aulas da professora, bem como, nas aulas que preparava para ministrar. Observava, por exemplo, como as crianças se desenvolviam em relação à coordenação motora fina, ao recortar papéis, pintar dentro de um determinado espaço.

As crianças eram maravilhosas e muito desenvolvidas em relação às aprendizagens, tinham sede de aprender, perguntavam muito, ficavam atentas as aulas, embora, tinha algumas com dificuldades, mas eram bem atenciosas em tudo que nós propúnhamos, como brincadeiras, atividades com desenhos, com escrita, com dinâmicas. Foram cinco dias de muito trabalho e aprendizado, uma experiência que guardo no coração com muito carinho.

Meus dois filhos estudaram no CMEI, Davison Alef Ferreira da Silva e Andreline Beatriz Ferreira Vitaliano. Eu acompanhava suas atividades em casa, o que facilitou ainda mais internalizar novos conhecimentos e enxergar em suas atividades concepções pedagógicas que estudava em meu curso, como por exemplo, o que defende Vygotsky (2005) sobre atividades com jogos e brincadeiras contributivos para as aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Já na segunda fase do estágio foi mais fácil, obtive mais experiências, então, fui estagiar na Escola Municipal professora Emília Ramos, localizada na rua Dantas Barreto s/n, em Natal/RN. Uma experiência mais desafiadora, com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino. Esse estágio, foi um período difícil para mim, pois os planos de aula eram mais complexos, pois como houve a troca de professora, a substituta não me orientava como a anterior fazia. Mas, consegui elaborar com a orientação da professora Lúcia e coordenação pedagógica, que muito me ajudou nessa etapa, orientando-me na elaboração de cada atividade.

A cada brincadeira com objetivos bem definidos, eu via as crianças interagirem, embora algumas crianças fossem um pouco resistentes. Mas, aos poucos percebia que estavam participando das atividades, foram interagindo até que todas estavam incluídas nas atividades propostas. Foram experiências enriquecedoras, pois os estágios me fizeram refletir que cada um tem seu tempo e suas conquistas vão se revelando de tal forma, que percebemos cada uma subir um degrau de cada vez, cada um enfrentando seus desafios com a ajuda do outro, seja de um colega ou da professora.

Ao rememorar este momento da minha história de vida, compreendo que o curso de Magistério me deu subsídio para entender os conhecimentos explicitados no curso de Pedagogia. Porém, tenho a consciência de que tinha e tenho ainda muito a aprender, pois novos conhecimentos me foram apresentados, importantes para pensar com mais profundidade a relação teoria-prática para o meu fazer pedagógico.

6 MEUS FILHOS, MINHA FAMÍLIA: INSPIRAÇÃO PARA ESCREVER A MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Nessas narrativas revisito o passado, já com um outro olhar, um olhar ressignificado em relação aos meus filhos e a minha família. São seres especiais que me inspiraram para continuar a minha caminhada em relação à minha vida intelectual. Pessoas que fazem parte da minha história de vida, as quais me constituíram como pessoa, filha, mãe e avó. Já brinco com o meu neto trazendo jogos, brinquedos e brincadeiras numa perspectiva lúdica, compreendendo que esses contribuem para as suas aprendizagens e desenvolvimento, como sinaliza Vygotsky (2005).

Diante de tantas situações, a minha família sempre foi a minha base, sempre batalhei por meus filhos para que eles tivessem uma educação adequada, ou seja, de

qualidade – uma educação em que eles possam ascender socialmente, cuja profissão e competência possam lhes permitir exercer de fato a cidadania, com direitos e deveres igualitários para todos, como promulga a Constituição Federativa Brasileira de 1988, com salário e condições dignos de um ser humano.

Mesmo com dificuldades financeiras criei meus filhos Davson e Andreline sozinha, sempre trabalhando como diarista para que nada lhe faltasse, afinal, naquela época eram menores de idade. Mas, às vezes, faltava o básico, foi uma época muito difícil para mim, ter que assumir uma casa e filhos sozinha. No entanto, não baixei a cabeça e segui em frente, dia a dia, e hoje vejo que valeu a pena lutar pelos meus objetivos, pois não é fácil criar duas crianças sozinha.

Com o apoio do meu pai, que foi sempre uma figura paterna afetiva, e graças a Deus, consegui, mesmo com todo o preconceito da sociedade, pelo fato de ser mãe solo, com a sua ajuda consegui criá-los. Os meus filhos sempre foram a minha força para hoje eu está aqui escrevendo o meu Memorial de Formação, contando um pouco da minha trajetória como mãe solo.

Meus pais Pedro Andrelino da Silva e Marina da Silva Ferreira (*In memoriam*) sempre me apoiaram, embora não tivessem condições financeiras para investir na minha educação, não consegui entrar na faculdade na idade comum a todos, é por isso que só hoje estou em uma Instituição de Ensino Superior (IES), vivenciando essa experiência por mim, pelos meus filhos e por meus pais que com certeza se estivessem aqui estariam muito felizes.

Certa vez, não lembro exatamente quando escutei na mídia sobre mães solo, apenas lembro que era uma propaganda da Nestlé. A chamada da propaganda era “Ninhos do Brasil por Nestlé”. Resolvi buscar informações na *Internet* quando eu estava escrevendo esta seção do meu Memorial de Formação. No endereço digital encontrei esta citação:

Você já ouviu falar em mãe solo? São as mães que criam sozinhas seus filhos, uma realidade em muitos lares brasileiros. O termo entrou em uso para substituir a ideia de “mãe solteira” e dar visibilidade para essas mulheres e tipos de família. “Não existe mãe solteira, mãe não é estado civil”. Esta fala do Papa Francisco, durante um discurso, ecoou no mundo inteiro. Por que chamamos as mães que não são casadas de “mãe solteira”, se o pai é sempre “pai”? A nomenclatura mudou, mas muitos desafios permanecem. (Ninhos do Brasil por Nestlé, s/ano, s/p.)

Esses ditos me fizeram refletir e buscar ler os depoimentos de mães como eu, a maioria moradoras de periferia, com força e fé como eu. Mas principalmente, engajadas

para dar o melhor aos seus filhos, que eles não fossem mais um no índice de violência. Em seus depoimentos viam na escola seu porto seguro, lutam por escolas em tempo integral para os seus filhos, pois acreditam que se assim for, passarão o dia na escola protegidos da violência.

Quando escuto os professores discursarem sobre a importância dessas escolas, seus argumentos me convencem, ou seja, uma escola de tempo integral, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013) proporciona o desenvolvimento integral do ser humano. Mas, infelizmente, nas minhas vivências em Natal, no Rio Grande do Norte, essa escola ainda não chegou para todos.

7 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY: OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS ME FORMANDO PROFESSORA

Enfim, me debruço para escrever sobre minhas memórias que as constituir no lugar que sempre sonhei está e que é meu de direito – uma instituição de Ensino Superior. Nela, fiz amigos, conheci colegas, colegas que muitas vezes, não me viam como capaz, mas eu acreditava que era, assim, não foi obstáculo para prosseguir. Nesse lugar, estou me formando pedagoga, uma profissão que tanto sonhei, e hoje sinto a sua realização. Só gratidão!

Ao terminar o curso de Magistério na Escola Estadual Berilo Wanderley, surgiu a oportunidade de me inscrever no processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, uma instituição de formação de professores do Estado do Rio Grande do Norte. Em 2019, participei do processo seletivo e fui aprovada, iniciando dessa forma, a estudar no ano de 2020.

Para mim, foi uma grande realização, pois não imaginava chegar tão longe, mas estou aqui terminando o meu curso de Pedagogia nessa instituição, a qual me proporcionou oportunidades de vivenciar momentos inesquecíveis, como palestras, encontros voltados para a educação, aulas em espaços externos, como em museus, por exemplo. Quantas aprendizagens para a minha vida acadêmica e profissional, e pessoal, pois, posso contribuir pedagogicamente com a formação do meu neto, e daqueles que serão meus estudantes.

Chegar até aqui me trouxe um olhar diferenciado para a educação e para mim mesma, sinto que lidar com a educação é uma dádiva, é uma entrega, mas sou consciente

que consiste em grande responsabilidade do ponto de vista da minha identidade profissional. Ramalho, Núñez e Gauthier (2004) destacam que a identidade profissional se ancora na tríade: formação, aprendizagem e desenvolvimento profissional, segundo esses autores essa tríade tributa para a profissionalização da docência, ou seja, a competência técnica para ensinar e o status de ser professor, respectivamente.

A vivência com os professores foi de extrema importância para mim, pois cada um nos abraça da sua forma, mas, a maioria com afetividade e respeito, o que me trouxe tranquilidade e equilíbrio emocional, de modo a me sentir com competência teórico-prática para um futuro acadêmico e profissional com confiança.

Os professores nos aconselham e orientam, chamando atenção de que iremos encontrar desafios no decorrer da nossa vida profissional, mas que devemos seguir em frente, de forma que cada dia amadurecemos profissionalmente e humanamente para ir em busca de novas conquistas, novos conhecimentos e novos saberes, com metodologias que possam contribuir com as aprendizagens e desenvolvimento dos estudantes. Cada etapa vivenciada no campo de atuação do pedagogo, se constitui como um aprendizado diferente, cada desafio, é uma experiência vivida que nos formará professores com maestria para ensinar e aprender.

Com os colegas de sala de aula foi importante vivenciar momentos de aprendizagens, de embates discursivos, assim, com a colaboração de todos, cada um me trouxe experiências diferentes, alguns se destacaram, aqueles que respeitosa e eticamente, nos momentos de conflitos souberam conduzir. Mas, não só na instituição espero encontrar pessoas que contribuam com o meu desenvolvimento profissional, mas no decorrer da minha vida. Só tenho a agradecer por todos os momentos inesquecíveis vividos nesses anos de formação no Instituto Kennedy.

Os componentes curriculares foram e são importantes para o meu desenvolvimento profissional, alguns obtive mais entendimento, outros tive algumas dificuldades de compreensão principalmente, em 2020 quando iniciei o curso de Pedagogia. Foram momentos de grande aprendizado e desafios para todos nós. Um grande desafio foi a Pandemia ocasionada pelo COVID-19, um vírus que foi disseminado de tal maneira que levou à morte de quase meio milhão de pessoas em todo o mundo (Organização Mundial de Saúde, 2022).

A Organização Mundial de Saúde – OMS (2022), divulgou Estatísticas Mundiais de Saúde referentes a 2020, primeiro ano da pandemia de COVID-19, que levou a um

excesso de mortes estimado em 4,5 milhões. Conforme esta entidade, as estatísticas revelam o quanto a pandemia vem afetando os sistemas de saúde em todo o mundo, em alguns casos restringindo severamente o acesso a serviços essenciais. “Essas interrupções provavelmente atrasarão o progresso global tanto na expectativa de vida quanto na expectativa de vida saudável nos primeiros 20 anos do século” (OMS, 2022, s/p.).

Além da nossa preocupação com a nossa saúde, estávamos e ainda estamos inquietos com o ensino-aprendizagem de nossos estudantes, pois escolas no mundo inteiro tiveram que fechar, ou seja, o afastamento social, era necessário.

Mas, diante de tantas dificuldades e desafios, um deles consistiu em saber lidar com as tecnologias digitais. Embora, desde 2017 estivesse estabelecida como uma das competências básicas – a digital, na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), para mim ainda se constituía como um grande desafio a enfrentar. Aprendi a lidar com as tecnologias digitais, a passos lentos, ainda tenho dificuldades, mas sou consciente de quanto aprendi. Reconheci que se constituía como uma necessidade formativa minha, de todos os professores.

As tecnologias digitais, proporcionaram para todos nós principalmente, professores e estudantes, a capacidade de realizar pesquisas, produzir artigos, realizar apresentação folclórica, apresentar seminários, entre outras atividades, no formato *on-line*. Foram oportunidades que vivenciamos no decorrer desse momento tão difícil para todos nós, especialmente, para mim, devido à grandes dificuldades nesse campo do conhecimento.

Ao retornar as aulas presenciais em 2022, foi tudo novo para mim, novos componentes curriculares foram sendo oferecidos para cursarmos, novas conquistas e aprendizagens se enunciavam, de tal forma, que mesmo receosa, devido ser novo para mim, os momentos foram se desenvolvendo na minha vida gradativamente, com paciência e acreditando que conseguiria.

Em alguns componentes curriculares, percebi que obtive maior desenvolvimento, mas em outros, não obtive as respostas que buscava, ou seja, a sua aplicação em sala de aula. Mas, sei que todos foram e são importantes para a minha vida profissional, e com a prática, saberei mobilizar os conhecimentos internalizados para a realização da minha atividade docente.

As vivências nos Estágios Curriculares Supervisionados me proporcionaram ter esta certeza, uma vez que, mediante a eles pude identificar o que já havia me apropriado para ensinar e as minhas necessidades formativas.

Segundo Bianchi *et al.* (2005) o Estágio Curricular Supervisionado é uma experiência em que o graduando mostra sua criatividade, independência e estilo de trabalho. Esses momentos oportunizam ao licenciando perceber se a escolha de sua profissão corresponde as suas expectativas.

Essas etapas vividas na minha vida acadêmica, atividades realizadas, seminários apresentados ainda com inexperiência, contribuíram com a minha formação profissional, pois, a cada momento desse, reconhecia o que ainda precisava aprender para ensinar; e pessoal, uma vez, que realizei atividades em grupo, e experienciei situações de conflito que se enunciavam, mas que aprendi a gerir. Mas, todas essas vivências, me fortaleceram durante esse percurso, o qual eu só obtive respostas e experiências com resultados que contribuíram para a minha formação profissional.

As minhas vivências em sala de aula nos Estágios Curriculares Supervisionados me proporcionaram aprendizagens que levarei para a sala de aula, quando estiver lecionando, desde a elaboração dos planejamentos até a forma de se comportar em sala de aula. Cada estágio me permitiu uma nova experiência, como por exemplo, de como saber lidar com os estudantes em sala de aula, o respeito para com o outro profissional que se doa por inteiro ao ministrar uma aula.

Essas experiências propiciaram o amadurecimento intelectual e afetivo, consegui enxergar muito mais além do que uma simples sala de aula, ou seja, a importância de conhecer o contexto no qual estaremos prestes a lecionar, enxergando os sujeitos de aprendizagens como seres que trazem conhecimento, o qual é tão importante para termos a capacidade de contribuir com a sua formação.

O primeiro Estágio Curricular Supervisionado (Estágio I – destinado a Educação Infantil) ocorreu em um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, nível V, com crianças entre cinco e seis anos de idade. Experiência vivenciada no Centro Municipal de Educação Infantil Maria dos Martírios Lisboa de Menezes, situado no bairro Pitimbu, no município de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte.

Esse estágio me trouxe grandes vivências e realizações sobre as orientações dos professores Nednaldo Dantas dos Santos e a professora Denise Caballero da Silva, os

quais nos orientaram desde o planejamento das nossas observações e aulas até a aplicação desse.

Realizei o estágio no horário vespertino e ao chegar no CMEI fui bem recebida por aqueles que fazem parte da instituição de ensino, principalmente, a professora Fátima e a sua auxiliar de sala Karen. Senti-me acolhida, pois elas tiveram toda uma preparação para que esse momento acontecesse, de maneira tranquila e afetuosa, organizando três dias de observação, em que o estudante observava as ações pedagógicas e a infraestrutura da instituição.

A realização dos registros das nossas observações é importante para quando estivermos em sala de aula, colocarmos em prática as vivências, mediante às atividades de estudo e a regência de sala de aula. Posteriormente, a entrega da documentação do estágio à escola, as observações, fui inserida em sala de aula e nela pude colocar em prática o planejamento junto com a professora Fátima.

Foram momentos de companheirismo e de aprendizagens junto com as crianças e a professora, na realização das atividades. Estávamos na Semana do Folclore, cada criança interagiu com jogos e brincadeiras, cada um com o seu jeito de aprender e com os desafios dessas etapas.

Esses momentos, fizeram-me refletir o quanto é importante as atividades lúdicas para a interação da criança, para o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo (Vygotsky, 2005), nessa interação, cada um querendo aprender mais e aprendendo do seu jeito.

O segundo Estágio Curricular Supervisionado (destinado aos anos iniciais do Ensino Fundamental), foi realizado na Escola Municipal Professora Emília Ramos, localizada no bairro Cidade Nova, em Natal/RN. Esse estágio foi realizado na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) nível II (3º e 4º anos do Ensino Fundamental). Ele me permitiu refletir que nunca é tarde para aprender mais. Sob a observação da professora Denise Caballero e a parceria com a colega de sala, Ana Maria de Oliveira, podemos realizar as orientações estabelecidas.

Além das nossas observações, nesse período também realizamos a intervenção e a regência; a intervenção, consistiu em um momento de maior conhecimento em relação ao espaço escolar. Em sala de aula, observamos os estudantes (aprendizagem, interação, comportamento); a área física; a proposta pedagógica da escola, participando de reuniões pedagógicas com alguns professores, conhecimento fundamental para a minha vida acadêmica e profissional.

Na vivência na sala de aula, eu e a colega de sala, Ana Maria de Oliveira, pudemos realizar as atividades em parceria com a orientação da professora Denise Caballero da Silva, a qual nos ajudou nessa etapa, pois muitos dos estudantes da sala ainda apresentavam dificuldades em ler, poucos sabiam sequer escrever seu nome.

Ao relembrar de uma dinâmica com os estudantes, orientamos para que cada um deles escrevesse um pouco da sua trajetória de vida, desde a infância até o momento adulto, observei quanta diversidade havia naquele contexto, desde os níveis de aprendizagens até suas experiências e vivências de vida. Alguns conseguiram relatar um pouco de cada fase, mas uma estudante me chamou até a sua mesa e relatou o quanto era difícil escrever, mesmo que fosse apenas uma linha. A sua infância e adolescência, segundo narrou, não foi fácil, sem exprimir detalhes. Isso me fez pensar como teria sido a vida dessa estudante, assim como muitos outros, que se encontravam na sala de aula, que precisaram parar de estudar para seguir outro rumo, como por exemplo, o mundo do trabalho.

Eu aprendi uma grande lição nesse estágio, que todos nós somos capazes de realizar os nossos sonhos, mesmo em meio a tantas dificuldades e situações que enfrentamos no decorrer da nossa vida, pois, suas histórias dialogaram com a minha, pois agora, que consegui realizar o sonho do Ensino Superior, depois de tantos anos.

Ao conhecer suas histórias de vida e suas representações sociais em relação ao mundo, me apaixonei por esse público, afinal, pude encontrar pessoas com vontade de aprender e se sentirem capazes de atuar na sociedade, mediante tantas demandas que chegam à escola, com o olhar para um novo horizonte, acreditando em si.

Para Carolina Martins Moraes; Ludgleydson Fernandes de Araújo e Fauston Negreiros (2019), a EJA é uma modalidade da educação básica destinada a jovens e adultos que não iniciaram a escolarização ou que se encontram com a escolarização incompleta, seja porque deixaram a escola por diversos motivos, seja por terem enfrentado sucessivas reprovações (Brasil, 2010 *apud* Moraes, Araújo, Negreiros, 2019).

[...] a compreensão da EJA em uma dimensão psicossocial e as representações partilhadas pelo grupo de estudantes da modalidade são relevantes, pois contribuem para o conhecimento da realidade social desses alunos, suas expectativas e anseios ante o processo de escolarização e, além disso, para o fomento de políticas educacionais adequadas ao contexto sociocultural desse público. (Moraes, Araújo, Negreiros, 2019, p. 532)

Concordando com Moraes, Araújo e Negreiros (2019), pude observar que há uma tendência dos estudantes em representar a escola como um espaço que lhes proporcione apropriação do conhecimento, ensino, novas aprendizagens, e ascensão social, mesmo muitos tendo enfrentado situações adversas em sua trajetória escolar, como por exemplo, não ter conseguido na época conciliar trabalho e estudo. Além de ter percebido que para eles, a escola também é representada como um ambiente de socialização, para eles, a escola desempenha uma função social e possivelmente de formação humana.

O Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar, que corresponde ao estágio III constitutivo da matriz curricular do curso de Pedagogia do Instituto Kennedy, como os demais, foi realizado na Escola Municipal Djalma Maranhão, localizada na rua Santa Maria Madalena, no bairro Felipe Camarão, Natal/RN, no horário noturno, minhas orientadoras professoras Ellen e Claudete.

Ao chegar na escola fui recebida pela coordenadora Ada Oliveira de Araújo e o gestor e diretor Djalma Thiago Sérgio Gomes que me compartilharam as informações que segundo eles, são imprescindíveis para uma boa gestão escolar, como por exemplo, o trabalho em equipe e a comunicação.

Nos dias de observação eu pude identificar desafios enfrentados pelos estudantes, um desses diz respeito à sua permanência na escola, muitos dos estudantes são homens e mulheres que trabalham e chegam cansados do trabalho, e muitas das mulheres não tem com quem deixar seus filhos, infelizmente, devido à essas situações, o número de estudantes desistentes é expressivo pelo que pude constatar durante o tempo em que estagiei.

Ao identificar essa situação propus a coordenação pedagógica e a gestão um plano de ação para que os pais que estudam nessa escola na modalidade EJA, possam trazer seus filhos, de modo que não tenham prejuízos em seu desempenho escolar. Elaborei um Plano de Ação direcionado aos filhos desses trabalhadores estudantes. Confesso que não foi fácil interagir com as crianças, pois ainda não as conhecia, não sabia dos conteúdos prévios que traziam.

Mas, o meu objetivo consistia em deixar as crianças longe dos pais naquele momento, para que esses pudessem estudar com tranquilidade. Para que esse Plano de Ação tivesse bons resultados planejei diversas brincadeiras, desde jogos à contação de história. Minha intenção era que a gestão junto com a equipe pedagógica pudesse acolher esse plano e assim, essas crianças. Com esse plano em ação percebemos que o número

de estudantes aumentou em sala de aula, uma vez que no momento das aulas, eu realizava atividades lúdicas com as crianças.

Nesse estágio, aprendi que uma gestão escolar não é apenas receber verbas e não pensar em planos de ação em prol da comunidade escolar, mas uma equipe trabalhando orientada pelos mesmos objetivos, pensando na melhoria do espaço escolar, como por exemplo, o ambiente físico, compreender a necessidade de uma escola com acessibilidade, um espaço que abrace toda a comunidade escolar, com alinhamento entre as dimensões pedagógica, administrativa e financeira.

O Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar foi outro aprendizado para minha formação acadêmica e profissional, uma experiência vivida no meio social e cultural que me constituíram como profissional da educação.

Ao chegar na escola fui recebida pela coordenadora Ada Oliveira de Araújo e pelo diretor Thiago que compartilharam comigo informações que diziam respeito à uma boa gestão escolar, principalmente, a fluência na comunicação e o trabalho em equipe. Nos dias de observação, pude identificar dificuldades que a comunidade escolar enfrentava no tocante à permanência da Educação de Jovens e Adultos - a EJA. Os estudantes matriculados trabalham durante o dia e chegam cansados do trabalho, e muitas das mulheres, não tinham com quem deixar seus filhos, infelizmente, o que levava à redução do número de estudantes na escola.

Inquieta com essa situação, propus à coordenação e à direção um Plano de Ação para que os pais que estudassem nessa escola na modalidade EJA, pudessem trazer seus filhos, de modo que pudessem estudar sem tais dificuldades. Elaborei um plano de ação para ser concretizado com as crianças (filhos dos trabalhadores estudantes), não era fácil interagir com as crianças.

Para que esse plano de ação tivesse bons resultados, planejei e desenvolvi diversas brincadeiras, de modo que a gestão junto com a parte pedagógica escolar pudesse abraçar essa proposição. Com esse plano em ação, percebemos a diminuição de evasão de estudantes na escola.

Nesse Estágio Curricular Supervisionado aprendi que uma gestão escolar não consiste apenas em receber verbas, é necessário ter competência técnica e transparência para usá-las. Além da necessidade de um corpo de profissionais buscando os mesmos objetivos, ou seja, colocar em primeiro lugar a formação dos estudantes. Um conjunto de pessoas trabalhando em prol das melhorias do ambiente escolar nas suas diferentes

dimensões: pedagógica, administrativa e financeira. Esse estágio foi um aprendizado para minha formação acadêmica e profissional que ficará em minhas memórias.

Essas memórias de cunho profissional me remetem à importância das dimensões política, social e cultural, além da pedagógica, como constitutivas da docência. Bosi (1987) revela a importância das três primeiras dimensões, defendendo a imprescindibilidade do nosso envolvimento como docente na sociedade, que precisa dessa atenção especial.

Sou do universo feminino, mulher, filha, irmã, mãe e avó que busca um lugar reconhecido na sociedade, mediante a profissão “ser professora”. Assim, sou aquela mulher escrita por Bosi (1987) que por meio da luta encontra esperança para fazer diferença no mundo em que vive.

O estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar foi um aprendizado para minha formação acadêmica, uma experiência vivida no meio social e cultural desenvolvendo etapas concluídas no período do estágio supervisionado.

O Estágio Curricular Supervisionado em Espaços não Escolares, que corresponde ao estágio IV, foi realizado no Memorial da Capoeira – Escola Cordão de Ouro que fica localizada na avenida Solange Nunes do Nascimento, nº1000, no bairro Cidade Nova, Natal/RN. Fomos recebidas pelo professor pedagogo Nivaldo Freire da Silva, eu e as professoras orientadoras Denise Caballero da Silva e Rozicleide Bezerra Carvalho. Ao iniciar esse estágio nesse espaço, para mim foi uma nova experiência, pois não sabia quantas riquezas esse estágio poderia me proporcionar, quanto conhecimento e em relação a outras atividades que poderia realizar, além de ser professora.

Ao realizar esse estágio com a colega Josiana Moraes Mendes, minha colega de turma, nos primeiros dias pudemos observar o quão difícil é a manutenção (infraestrutura) do ambiente, principalmente, no que diz respeito ao controle da limpeza e dos materiais. A instituição desenvolve vários projetos sociais com ajuda da comunidade, e dos pais dos estudantes de capoeira, como por exemplo, aulas para as pessoas da comunidade que queiram trabalhar em salão de beleza, oferecendo o curso de cabelereira, além de oficinas para fabricação de objetos a partir do reaproveitamento, desses. Para a limpeza do ambiente, não há funcionário, sendo na maioria das vezes realizada por aqueles que se beneficiam das oficinas de capoeira.

A cada observação das atividades desse espaço, enxergava concepções teóricas sobre esse tipo de estágio, como por exemplo o trabalho coletivo. Lembrei-me de Gohn

(2008, p.104) quando revela: “[...] sempre tem um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, é viva como práxis concreta de um grupo, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente”.

Assim, como destaca o autor, a educação desenvolvida na coletividade ganha evidência, pela produção mútua de saberes, vivências e reflexões de práticas sociais em espaços formativos. Como nos revela Pimenta (2006, pp, 121-122): “[...] atividade teórica (de conhecimento e estabelecimento de finalidades) na formação do professor instrumentalizadora da práxis (atividade teórica e prática) educacional”. Portanto se constituindo como um momento de ação-reflexão-transformação, o que poderá levar a mudanças na prática docente.

A partir das observações, nós pudemos elaborar um Plano de Ação para os pais dos estudantes que fazem aulas de capoeira, que muitas vezes ficam só observando seus filhos em sua atividade. Mas, foi através dessas observações que tivemos um momento com os pais, no qual realizamos uma entrevista com o objetivo de conhecermos dificuldades da instituição, e assim, poder ajudar.

Esse plano consistiu em um conjunto de atividades que pudessem beneficiar à instituição, já que ela oferece tantas formações. A entrevista foi realizada por meio de uma roda de conversa, cujo objetivo foi escutá-los em relação ao espaço em que seus filhos tinham aulas de capoeira, no sentido de refletir sobre importância da contribuição deles (pais e filhos) para a limpeza. Eles mesmos expressaram que seria uma forma de agradecimento.

Ao colocar em prática esse plano, aprendi sobre a importância da escuta e da interação com pessoas que não conhecíamos, escutá-las sobre a importância que davam à instituição foi importante para mim, assim como a consciência de ajudar a instituição, seja na sua conservação, ou mesmo, em outra necessidade de infraestrutura.

Foi um momento único em realizar essas atividades, o conhecimento sobre a parte cultural da instituição, sua historicidade, o prazer que eles sentiam, principalmente, o gestor em ajudar a comunidade, isso me fez refletir o quanto é importante a cultura para todos nós.

O Estágio Curricular Supervisionado no espaço não escolar no Memorial da Capoeira me trouxe de volta uma lembrança adormecida, pois já fui estudante de capoeira junto com Nivaldo nos anos 1990. Ele continuou a sua trajetória, e hoje sendo

professor de Pedagogia e mestre de capoeira conhecido como mestre arrepio, tem contribuído com a formação de crianças, jovens e adolescentes do bairro.

Todos os estágios me fizeram amadurecer como pessoa e como profissional da educação, consegui enxergar além do que eu imaginava. Contribuiu com a minha formação, enxergando que eu posso me profissionalizar para atuar em qualquer um desses espaços.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo o título do meu Memorial de Formação “Minha História de Vida: narrativas que contam”. Contam o quê? Contam momentos da minha história de vida que escolhi partilhar com o leitor. Experiências vividas que me permitiram sorrir, chorar, me orgulhar. Sentimentos que me fizeram ser o que sou: filha, mãe, avó, amiga, mas principalmente, uma mulher guerreira e perseverante que se quiser pode ocupar qualquer lugar na sociedade.

Apreendi em cada espaço que ocupei na sociedade que todos eles foram e são importantes para a minha formação humana, pessoal e profissional. Com toda essa bagagem que venho adquirindo ao longo do tempo, com tantas aprendizagens e conhecimentos na minha vida familiar, acadêmica e profissional, sei que ainda tenho muito o que aprender, pois vivemos no mundo de aprendizagens e vivências na vida social e cultural.

Nas ações docentes percebi como levam a sério a missão da instituição: garantir à população um ensino público de qualidade, assegurando-lhe a universalização do acesso e permanência dos estudantes na escola, visando o pleno exercício da cidadania.

Como profissional da Pedagogia quero contribuir para uma educação e um ensino de qualidade. Ser responsável com aqueles que dependerão de mim para aprender. Por esta razão, continuarei a investir na minha vida profissional com ética e responsabilidade, como por exemplo, uma pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. **Produzindo gêneros textuais: o memorial**. Campina Grande/Natal: Editora da UFRN, 2007.
- BEZERRA, Juliana. **Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso: 13 de abr. 2024.
- BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Quatroz/ Edusp, 1987.
- BRASIL. MEC e Inep divulgam resultados do Censo Escolar 2023. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023>. Acesso em: 16 de mai. 2024.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. Secretaria de Educação Básica – SEB. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais – DCNG**. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. Secretaria de Educação Básica – SEB. Brasília, DF, 2013.
- BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. Secretaria de Educação Básica – SEB. Brasília, DF, 1988.
- CARRILHO, Maria de Fátima P. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora: vivências e escrita de si**. Tese de doutorado apresentada ao PPGED/UFRN, 2007.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GOHN, María da Gloria Marcondes. **Novas teorias dos movimentos sociais**, São Paulo: Edições Loyola, p. 166. 1988.

MORAES, Carolina Martins; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; NEGREIROS, Fauston. Educação de Jovens e Adultos e representações sociais: um estudo psicossocial entre estudantes da EJA. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 3, p. 529-541, jul./set. 2020.

Ninhos do Brasil: Para mães e pais em fase de crescimento. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/mae-solo-desafios>. Acesso em: 26 de mai. 2024.

OMS divulga novas estatísticas mundiais de saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-5-2022-oms-divulga-novas-estatisticas-mundiais-saude>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2006.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

QEdU: Censo Escolar 2023 – INEP. Escola Berilo Wanderley. **Resultado do Aprendizado dos Estudantes**. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/24057614-ee-berilo-wanderley>. Acesso em: 13 mai. 2024.

Quadrilha: Revisão por **Márcia Fernandes** (Professora licenciada em Letras). Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/quadrilha/>. Acesso em: 26 de mai. 2024.

RAMALHO, Betânia L.; NUNÊZ, Isauo B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, 208 p.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto do Curso de Pedagogia**. Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, Natal/RN. 2019.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**: caderno do professor / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Os manuais escolares, o método de alfabetização e de ensino no Brasil (1822 -1889). *In*: FERNANDES, Rogério; ADÃO; Áurea, (org.). **Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)**. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Porto, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamiento y Lenguage**. Editora Pueblo, Havana, Cuba, 2005.

Capítulo XI: Fios Que Tecem Minha História De Vida: Da Brincadeira de Boneca à Formação Acadêmica e Profissional

Darcileide Lopes de Souza

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial de Formação é um gênero textual/discursivo acadêmico que tem o objetivo relatar momentos da vida da autora que são narrados, a partir de momentos da sua infância, adolescência, perpassando pela educação básica até a trajetória formativa, profissional, acadêmica e pessoal.

O Memorial de Formação, segundo Arcoverde & Arcoverde (2007, p. 2), “é um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado ainda como um gênero que possibilita nos expressar, compartilhando a construção da nossa identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória.

Os teóricos que escolhi me embasar para a escrita do Memorial de Formação são aqueles com os quais me identifiquei e os trago nas minhas memórias com admiração: Paulo Freire (1968), Henri Wallon (1986), Magda Soares (2020), entre outros de relevância para dialogar com a minha história de vida.

O texto que constitui o meu memorial está organizado em: Introdução, em seguida, pelas seções: Infância vivida e sentida: experiências desafiadoras para um ser criança; Meu encontro primeiro com a minha mãe do coração após uma separação tão dolorosa: que felicidade!; Fragmentos das minhas vivências nas escolas que estudei: apenas os momentos felizes; O magistério: novos saberes e sabores; Família que construí: luz na minha vida; Minha vida profissional: minhas experiências como professora; O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy: satisfação e gratidão; Os Estágios Curriculares Supervisionados: a confirmação da vida pessoal e profissional; Considerações Finais, por fim, as Referências.

2 INFÂNCIA VIVIDA E SENTIDA: EXPERIÊNCIAS DESAFIADORAS PARA UM SER CRIANÇA

Nesta seção, os meus relatos dizem respeito às memórias que lembro sobre a minha infância, cujas experiências foram desafiadoras, as quais autorizo o leitor conhecer.

Falar de infância atualmente, formando em pedagogia, remete-me a autores como Henri Wallon (1986) e Paulo Freire (1992) que defendem a importância da afetividade para o desenvolvimento pleno da criança, desde as suas interações familiares até o espaço escolar. Relembrando essas memórias, as enxergo de outra maneira, considerando imprescindível o que dizem esses autores.

Na minha Infância houve acontecimentos que até hoje ainda traz marcas por ser adotada após os três anos de idade, pois os meus pais biológicos me tiraram dos braços dos pais adotivos – Maria Antônia Lopes de Souza e Francisco Deoclécio de Souza (*in memoriam*) levando para outro Estado, deixando-me com dores bem profundas. Devido a esse ocorrido, fiquei com trauma, pois obtive consequências graves, não me alimentava, brincava, mas sempre à procura dos meus pais adotivos porque, para mim, eles seriam meus pais eternamente.

O tempo passou, era a década de 1970, ouvi aquela voz rouca me chamando, era o meu pai adotivo que tanto amava, corri para os seus braços com o coração tão acelerado que mal conseguia me mover com a rapidez que buscava.

Fiquei com os meus pais adotivos até o dia e a hora de seus falecimentos, quando eu tinha por volta dos 40 anos. Mas também mantive contato com os meus pais biológicos, hoje já falecidos. Não tenho mágoa e nem rancor, só gratidão pela família a quem fui entregue. Eu era filha única, criada com as condições econômicas de dois aposentados dispostos a renunciar algumas realizações e sonhos para que pudesse hoje estar aqui. Só gratidão e amor.

Devido a esse trauma, adquiri medo de ficar sozinha dentro de casa, saía apenas se fosse com a minha mãe, que ficava sempre comigo, até para ir ao banheiro tinha que estar acompanhada. Aconselharam os meus pais a me levarem a um especialista, que na época, o profissional indicado era psiquiatra e não atendia pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atualmente, Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Não havia indicação para serviços de psicologia.

Fui levada para ser consultada com o psiquiatra, e assim, e ele receitou medicamentos, orientando a minha mãe me matricular em um Jardim de infância, argumentando sobre a importância da convivência na escola, destacando que a socialização com outras crianças era necessária e me faria perder esse medo. Ao relembrar dessa experiência, recordei-me dos estudos no curso de Pedagogia no Instituto Kennedy, quando estudamos, por exemplo, textos sobre as concepções de Vygotsky (2005) que argumentava que as aprendizagens ocorrem em interação com o outro e a escola se constitui como um espaço de excelência para esse feito.

Sendo assim, comecei a vida escolar, com a minha mãe ficando do lado de fora da sala de aula, mas presente na escola até o término da pré-escola – o Externato Menino Jesus de Praga, localizado na Rua Mascarenhas, no bairro das Quintas, em Natal, no Rio Grande do Norte.

O que posso refletir sobre essas vivências? Posso afirmar que consegui independência, segurança e autonomia na minha vida. Pois, eu era uma pessoa que tinha medo de tudo, era insegura. A partir do momento que estabelecia relações na escola com os colegas, comecei a perceber que não havia motivo dessa insegurança, pois as amigas que fiz nesta época (e que mantenho até hoje) me proporcionaram me libertar. Sentia nessas relações o cuidado e a afetividade para comigo e percebo hoje, mediante os estudos no curso de Pedagogia, a importância desse tipo de sentimento que deve estar incluído na formação de professores.

A teoria walloniana nos apresenta contribuições para a compreensão das relações entre o professor e o estudante, além de situar a escola como um espaço fundamental nas aprendizagens e no desenvolvimento desses sujeitos. Segundo Wallon (1986), a noção de domínios funcionais entre os quais vai se distribuir a pesquisa das etapas que a criança cursa serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e do próprio sujeito.

Fui criança um dia, brinquei com bonecas, corri, subi em árvores, cai e me levantei. Essas brincadeiras de criança são determinantes para o desenvolvimento desse ser. Um ser que aprende e se desenvolve e assim, paulatinamente se forma como pessoa e profissional com os pensamentos e ações transformados e transformadores para ensinar aqueles que estão na fase de criança, que assim como eu se transformará e transformará o outro, para então, atuar na sociedade.

3 ADOLESCÊNCIA: GRANDES DESAFIOS PESSOAIS

O meu relato nesta seção diz respeito a momentos vividos na minha adolescência, os quais, para mim, foram de grandes desafios.

A adolescência chegou! As brincadeiras com bonecas vão diminuindo, pois outros interesses se enunciam, como por exemplo, o namoro, o querer ser aceito por aquele grupo que nos conquista, além das leituras que são outras etc. É a fase do romance, das incertezas, da insegurança, da aceitação. Assim, fui me constituindo adolescente.

No ano de 1987, estudando na Escola Pública Municipal Joaquim Honório, situada em Natal, no Rio Grande do Norte, com uma equipe de professores dedicados, cada um com a sua metodologia singular para nos ensinar, permitiu-me a internalização de vários conhecimentos das diferentes áreas de conhecimento: Ciências da Natureza, Matemática, Ciências Humanas e Linguagens.

Alguns professores nos estimulavam a pensar, a criticar, a exprimir as nossas opiniões, outros, centravam-se em um ensino behaviorista, ou seja, para explicar as aprendizagens, mas principalmente a variabilidade do reflexo (Skinner, 1938). Skinner (1992) buscava as "leis da variabilidade", o que, de certo modo, já começava a afastá-lo da lógica mecanicista, mesmo tomando o reflexo como objeto de estudos.

As relações estímulo antecedente-resposta, defendida pelo autor, no lugar de relações invariáveis, passaram a ser vistas como dependentes de "terceiras variáveis", inicialmente formuladas com a referência ao condicionamento, a partir da motivação e a emoção, conceitos com os quais Skinner (1987) alega que estaria ainda abordando condições ambientais externas ao organismo.

Nas aulas de História, eu não esqueço dos 18 nomes e sobrenomes de D. Pedro I (Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon) que a professora Inés desafiou a decorar, passei dois dias repetindo, mas consegui, pensando eu que iria surgir alguma questão na prova com este nome, engano meu, mesmo assim, obtive sucesso! Estávamos na época do ensino orientado pelas ideias de autores como Skinner (1987).

Meu oitavo ano, único! Pelo fato de ter sido tão maravilhoso para mim, pois fazia parte de uma turma unida, estava com os colegas desde a 4ª série¹, atualmente, 4º ano dos

¹ A Lei nº 4.024, de 1961, estabelecia quatro anos; pelo Acordo de Punta Del Este e Santiago, o governo brasileiro assumiu a obrigação de estabelecer a duração de seis anos de ensino primário para todos os

anos iniciais do Ensino Fundamental. Éramos como irmãos. Era um Ginásio (atualmente, anos finais do Ensino Fundamental) de excelência! Minhas amigas do coração eram: Adriana, Rosemary, Carla Jackeline, Rejane e Erineide, passamos o primário e o ginásio¹ na mesma sala.

Brincamos, aprendemos, nos divertimos com os torneios de queimadas e de futebol com os meninos, fazendo torcidas. Deixávamos a orientadora educacional inquieta com as nossas brincadeiras no corredor. O que era legal desse tempo, era o lanche, formávamos uma fila enorme para receber pão com ovo, biscoito com água de leite, mas no dia que era sopa ou papa, eu não encarava a fila, pois não apreciava.

Ao chegar próximo do término do ginásio, por volta do ano de 1989, tínhamos que procurar uma nova escola, todos nós da turma, estávamos tristes porque cada um iria tomar diferentes caminhos. Uma amiga decidiu ir para uma escola na cidade alta, bairro de Natal, do nosso Estado para fazer o segundo grau, atualmente, Ensino Médio². As três amigas decidiram cursar o Magistério³.

A minha mãe queria que me submetesse à seleção da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), atualmente, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Porém, o que eu queria e sonhava era a sala de aula, afinal, já ministrava “aula de reforço” em casa para uma criança da rua onde morava. Isto é, o Magistério seria o caminho.

Para satisfazer a minha mãe fiz o exame no ano de 1989 e fui aprovada para cursar o *Pro-Técnico*, é um curso presencial que tem como característica a revisão e a complementação dos conhecimentos internalizados no Ensino Fundamental, proporcionando aos estudantes uma preparação mais adequada para concorrer a uma das vagas dos cursos técnicos integrados de Nível Médio.

brasileiros, prevendo cumpri-la até 1970. Em 1971, a Lei nº 5.692 estendeu a obrigatoriedade para oito anos. Já em 1996, a LDBEN nº 9.394, sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos, a iniciar-se aos seis anos de idade. Atualmente, a nomenclatura anteriormente, denominada de “série”, passa a ser denominada de “ano.”

² Em 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB nº 9.394 (**Brasil, 1996**). O ensino do 2º grau passou a ser denominado *ensino médio*, compondo a totalidade da educação básica. Inicialmente, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), foi tratada de forma independente da educação básica, sobretudo do ensino médio. No entanto, embora o decreto nº 5.154/2004 (**Brasil, 2004**) afirme que a educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida de forma articulada com o ensino médio, somente a partir de 2008, por meio da lei nº 11.741 (**Brasil, 2008**), é que a EPTNM passou a compor a educação básica como uma modalidade de ensino.

³ O Curso Normal – Formação de Professores tem como premissa a formação do indivíduo nas suas variadas dimensões. Destinado para professores que lecionarão nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil da educação básica.

Caso, se obtivesse boas notas era selecionado para cursar os cursos técnicos. Eu tinha escolhido o curso de Mineração. Ainda passei 3 meses participando dessa preparação, mas resolvi desistir, não era do meu interesse, já se aproximava o final do ano letivo. Ainda não tinha escola certa para estudar, em meio a tudo isso, escutava da minha mãe reclamações porque eu só queria coisas difíceis.

Não desisti, comecei a procurar com Adriana, uma amiga, escolas que oferecessem o curso de Magistério. Descobrimos que no Colégio Atheneu Riograndense, situado em Natal, ofertava, mas precisaria se submeter à seleção. Eu, Adriana e Rosemary, amigas sempre unidas, participamos da seleção e fomos aprovadas, ficamos felizes por esta conquista, mas eu e Adriana queríamos ser normalistas⁴, aquela saia plissada (com pregas), sapato colegial (tipo mocassim), nos encantavam, este era o nosso sonho. Realizamos o processo seletivo e nos incumbia no momento aguardar o resultado.

No ano de 1989, ficamos sabendo do processo seletivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, uma instituição situada em Natal, já era o último dia, nos apressamos e conseguimos fazer a inscrição. Quando chegou o grande dia, estava ansiosa para realizar a prova. Saí de casa muito confiante, acreditando na aprovação.

Finalizando o ano letivo de 1989, recebi o resultado do Colégio Ateneu, fui aprovada, a minha mãe realizou a minha matrícula e de Adriana, e ficamos na expectativa do resultado do Instituto Kennedy.

O grande dia chegou! APROVADAS. Não sabia se ria ou se chorava, era o ano de 1990. Eu e Adriana decidimos nos matricular no Instituto Kennedy; Rosemary optou por estudar no Colégio Atheneu, mesmo com a distância entre essas duas instituições, não perdemos o contato, a amizade se firmou mais ainda, as MENINAS SUPER PODEROSAS, assim nos denominávamos.

Trago nas minhas memórias grandes conquistas profissionais e pessoais, sobretudo, as grandes amizades que ainda estão vivas até o dia de hoje, momentos que me fizeram amadurecer como pessoa e profissional, importantes para a minha formação.

⁴ O termo “normalista” é utilizado para se referir a um profissional formado em um curso de Magistério, também conhecido como curso Normal. Essa formação é voltada para a preparação de professores para atuarem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

4 MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM MINHA MÃE DO CORAÇÃO APÓS UMA SEPARAÇÃO TÃO DOLOROSA: QUE FELICIDADE!

Os relatos desta seção revelam as minhas memórias referentes a detalhes sobre o meu encontro com a minha mãe do coração, após uma separação que, para mim, foi deveras dolorosa. Embora já tenha mencionado sobre essa memória, o faço novamente, de uma forma mais intensa, pelo fato de consistir em uma vivência muito cara para mim.

Iniciei no maternal com 2 anos e 6 meses, no ano de 1975, estava muito feliz de ir para a escola, ainda não conseguia me socializar com outras crianças. Depois de dois anos de vida escolar, o progresso, a socialização e o despego do colo maternal acontecia. Assim, o recebimento do certificado da alfabetização (ABC) e festa de formatura havia chegado. Estava tão feliz! Ainda não sabia ler, sendo muito cobrada pela minha mãe, mas ela sempre me estimulando.

Dando continuidade ao ensino primário, no ano de 1980, o meu primeiro ano foi na mesma escola. Ao passar o ano letivo, tive que deixar a minha primeira escola devido à mudança de endereço, pois ainda não tínhamos casa própria. Fui matriculada na escola Adventista Brasília no ano de 1983, situada em Natal/RN.

Nessa escola passei dois anos (1983-1984), era uma escola onde encontrei colegas que faziam *bullying*⁵, devido eu ser gordinha e calada, isso provocava raiva nas demais colegas. Naquela época não havia na escola nenhum incentivo de combate a esse problema, que trouxe e tem trazido situações preocupantes, como por exemplo, o suicídio, pois crianças e adolescentes que passam por esta situação, aguentam caladas, sem pedir ajuda.

Também tinha que conviver com uma professora que demonstrava não gostar de mim, ainda procuro resposta até hoje que justifiquem tal antipatia por minha pessoa. No final do ano letivo (1984) fui reprovada. Segundo o relato da minha mãe, esse resultado se deveu por eu ter me ausentado no dia de uma prova, sendo este fato questionado.

No ano seguinte (1985), os meus pais precisaram mudar de residência, por motivo de doença. O meu pai tinha uma borracharia no Alecrim, bairro de Natal/RN, e a minha mãe precisava tomar a direção da casa e da borracharia. Sendo assim, foi necessário mudar para outra escola mais próxima.

⁵ O *bullying* é a prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima.

Nessa nova escola, tudo diferente, por ser uma instituição católica em que a disciplina era rigorosa, mas amei, fiz muitos amigos. A escola Nossa Senhora do Desterro situada nas dependências da igreja São Sebastião, no Alecrim, em Natal, no Rio Grande do Norte, foi onde me tornei independente em relação à presença da minha mãe nas aulas, e assim, ia me tornando uma pessoa segura na escola e em outros lugares.

Por problemas financeiros, foi necessário concluir os estudos em uma escola pública, fiquei muito triste com a mudança, pois era tudo novo. Outras mudanças vieram, fui estudar na escola pública Municipal Joaquim Honório, que funcionava no prédio da Escola Municipal João XXIII, em Natal/RN.

Ao chegar nesse lugar, observei que a instituição era imensa, com muitos estudantes e professores, fiquei encantada. Fiz amizades com quatro meninas superlegais: Adriana, Rosemary, Carla e Rejane. Participamos de várias atividades estudantis juntas, como por exemplo, jogos internos, pois gostávamos de jogar e de torcer.

Sentia tanta afetividade para comigo, o que me fazia, paulatinamente, sentir mais segura fora de casa, justamente por essa amorosidade sentida. Para Paulo Freire (1987), a “educação é um ato de amor”, sentimento em que homens e mulheres veem-se como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender, sendo que segundo ele, não pode haver diálogo, se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens.

Atualmente, relembro essas vivências, pude perceber que podemos superar desafios, não deixando que as pedras encontradas no caminho venham nos fazer desistir de sonhos e amizades construídas em rocha firme, ou seja, nossos princípios sólidos aprendidos com os nossos pais, e que nenhuma tempestade possa vir a destruí-los.

5 O MAGISTÉRIO: NOVOS SABERES E SABORES

Nesta seção trago relatos de uma adolescente que com muito esforço conseguiu entrar no curso que tanto almejava – o Magistério. No ano de 1988, lembro do meu primeiro dia de aula com a farda, era uma saia plissada, camisa branca, gravata borboleta e sapato colegial preto. Momento de entusiasmo e ansiedade no coração, estava então cursando o Magistério no Instituto de Educação Presidente Kennedy, que passou a ser denominado em 1971 Escola Estadual Presidente Kennedy. Quanta emoção!

Na década de 1970, no contexto das reformas da educação brasileira, cujo marco principal é a Lei Complementar nº 5.692/71, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, o Instituto de Educação Presidente Kennedy passou a ser denominada Escola Estadual Presidente Kennedy – 1º e 2º graus, sob a autorização nº 394/76, transformando o curso normal em uma das habilidades profissionais de 2º grau, ou seja, Curso de Magistério. (IFESP, 2019, p. 12)

No primeiro dia de aula, conheci um professor que era muito comentado pelos estudantes dos 2º e 3º anos do referido curso, eles relatavam que era um profissional exigente e que ninguém dormia em suas aulas. Caso cochilássemos, acordávamos assustados com um barulho na mesa (suas mãos fortes batiam sobre a mesa). Eu tentava ficar sempre em alerta, este professor lecionava *Filosofia da Educação e História da Educação* com muita competência e rigor. Já os outros professores eram tranquilos, tinham ótima formação acadêmica e profissional.

Trago em minhas memórias, a professora Gracinha que lecionava *Língua Portuguesa, Organização Social e Política Brasileira* (OSPB)⁶ e *Educação Moral e Cívica* com a professora Marta, pois me remete a momentos de atenção e afetividade para com os estudantes, dimensões tão importantes para o desenvolvimento intelectual e emocional dos sujeitos, como defende Wallon (1986).

No decorrer do ano letivo de 1990, os componentes curriculares estudados eram mais teóricos devido ser um 2º grau junto com o curso de Magistério, apresentando as partes diversificadas que era as disciplinas da estrutura curricular do Magistério que são: Psicologia, Literatura Infantil, Estrutura e Função do 1º Grau, Didática, Metodologia de Ensino, Comunicação e Expressão, Ciências da Matemática, Estudos Sociais, Prática de Ensino e Jogos e Recreação. Sabendo que estes componentes fazem parte da formação de professores. O que me deu o prazer em aprender foram as práticas, em que obtive conhecimentos específicos para me tornar a profissional que sou hoje.

No ano 1989, 2º ano de Magistério ainda estava namorando com um garoto que conheci no final do ginásio⁷, e o namoro ficou mais intenso e mais sério. Engravidei no mês de fevereiro no início do ano letivo deste mesmo ano, eu tinha 17 anos. Mesmo assim,

⁶ Componente Curricular que, de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornou-se obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969, juntamente com a disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). Ambas foram adotadas em substituição às matérias de Filosofia e Sociologia e ficaram caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise.

⁷ Atualmente, classificado como anos finais do Ensino Fundamental, conforme a LDBEN nº 9.394/1996.

continuei a estudar com muita dificuldade, éramos estudantes, quem iria manter esta criança que estava para nascer?

Quando rememoro essa trajetória da minha vida, remeto-me ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, sancionado em 1990 durante o governo de Fernando Collor de Melo. Naquela época não existia esse olhar cuidadoso, ou seja, não havia diretrizes tão específicas para esse assunto. Segundo Juliana Bezerra, professora de História (s/ano), essas diretrizes constituem a Lei n.º 8.069, que consiste em um conjunto de leis específicas para cuidar das pessoas brasileiras menores de 18 anos, e àquelas que vivam no Brasil. Segundo a autora, com a elaboração desse documento, as crianças e os adolescentes começam a adquirir direitos e deveres garantidos por lei e reconhecidos assim.

Para tanto, a importância do conteúdo do ECA deve ser conhecida pelas crianças e adolescentes, de forma a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, todos reconhecem seus direitos e deveres e podem lutar por eles. O que ocorre no Brasil, uma vez que o país possui um histórico colonialista, é o desconhecimento das leis por parte do grupo social, tornando-o vulnerável a qualquer tipo de abuso de poder. (Bezerra, s/ano, s/p.)

Dentre esses direitos e deveres garantidos, está o direito de ser criança e adolescente, como por exemplo, o direito à educação e a proteção em relação à gravidez precoce. Ou seja, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, em seu Art. 5º: nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (Brasil, 1990).

Esse documento também orienta que é dever da família e da escola fazer chegar ao conhecimento da criança e o do adolescente tais direitos e deveres. Mas, compreendo, que na época que engravidei, por não existir ainda talvez, este documento, na condição de adolescente, meus pais devido à sua formação, não se sentiam à vontade para conversar sobre sexualidade, principalmente, pelo fato de eu ser do gênero feminino. Mas, não impediu que eles fossem tão cuidadosos e afetuosos comigo durante todo esse processo, pois contei com a ajuda da minha mãe que sempre estava ali para me ajudar nas condições dela.

Minha Mãe comprava as minhas passagens do mês para ir de ônibus para escola, não podia comprar lanche que não tinha dinheiro para esse feito, era tudo muito contado. Então diante de tal situação, a minha amiga Adriana me acompanhava todos os dias a escola, e o dinheiro para os tickets das passagens ficavam para comprar lanche, e assim, foi até o mês de novembro quando chegou o mês do nascimento do meu filho.

Já no final da gravidez, estava muito pesada e, às vezes, faltava as aulas, alguns professores entendiam, outros, criticavam por estar grávida. Durante o ano letivo me esforcei para obter boas notas e ser aprovada no 3º semestre. Mas, em um componente curricular, não foi bem assim, o de *Sociologia da Educação*, precisei do quarto bimestre para obter a média de aprovação. Essas vivências, além de servirem de lição para eu ser atenta com os meus filhos, ou seja, ter o cuidado com orientações mais diretas sobre esse assunto, hoje, vejo como é imprescindível que este conteúdo seja trabalhado em sala de aula.

No final de outubro daquele ano, as contrações começaram a ficar forte quando me locomovia, não falava nada com ninguém, mas, quando chegou o dia 2 de novembro daquele mesmo ano, as dores do parto aumentaram consideravelmente, as contrações ficaram muito fortes, inexperiente, procurei a médica, ainda não era a hora, assim, retornei para casa e continuei indo para a escola.

Iniciei o trabalho de parto no dia 10 de novembro, fui para o hospital e fiquei internada. Quando segurei a minha filha, tamanha foi a felicidade, quanta felicidade e emoção! Meio a esse acontecimento, houve a greve dos professores, os quais reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. Não recordo o tempo que perdurou. Após o término, minha amiga e colega de turma Adriana, me entregava as atividades orientadas pelos professores, concluir a 2ª série do Ensino Médio com aprovação.

Chegou o ano de 1990, me matriculei no 3º ano (atualmente, 3ª série), para estudar a minha filha ficava com a minha mãe. Mudei meu horário de estudo, ou seja, passei a estudar no turno vespertino, era mais confortável para a minha mãe, devido ao horário de trabalho dela. Em termos de estudo e cumprimento das atividades no 1º semestre, tudo ocorreu com tranquilidade.

Os estágios supervisionados começaram, estagiei na escola Kennedy/RN (fazia parte de uma das escolas que constituía o complexo do instituto Kennedy), no mesmo horário das minhas aulas, pelo fato de eu estar amamentando e para não ter que ficar

longe da minha filha. Nesse estágio fui direcionada para o 2º ano do Ensino Fundamental, anteriormente, a classificação dada era série). Essa experiência foi um grande desafio, e de muita felicidade por estar vivenciando o que mais queria: **SER PROFESSORA!** Neles, tive a oportunidade de aprender a elaborar o planejamento e atividades para as crianças.

Lembrei-me das brincadeiras de crianças, quando brincava com jogos e com bonecas, esses recursos, passava a fazer mais sentido em relação às suas contribuições para as aprendizagens e desenvolvimento de uma criança. Vigotsky (2005) revela que a ludicidade é de grande importância para o desenvolvimento desses sujeitos. E assim, na fase adulta volto a brincar com bonecas em interação com as crianças dessa escola, com o olhar agora, de uma profissional que estava se formando em Magistério.

Concluí neste ano o Magistério, com direito à aula da saudade, formatura e baile, portanto, sonho realizado. Agora, eu era uma profissional do Magistério e mãe, ainda tão nova, mas, feliz!

Reflico sobre esse meu relato, percebendo mediante essas narrativas, como sou outra pessoa, lembro do passado, mas com um olhar ressignificado, o olhar do presente, uma visão de quase pedagoga, pois, novos conhecimentos internalizei no curso de Pedagogia, os quais me possibilitaram esse novo olhar para esta nova realidade. Percebo os obstáculos e as lutas que enfrentei, ainda tão jovem que me serviram de aprendizado e me permitiram o amadurecimento pessoal e profissional, com a contribuição de pessoas afetuosas que me ajudaram tal crescimento tão importante para os diferentes campos das nossas vidas.

6 A FAMÍLIA QUE CONSTRUI: LUZ NA MINHA VIDA

Nesta seção apresento memórias sobre a família que construí, que representa luz na minha vida. Escolhi compartilhar com o (a) leitor (a) momentos que para são marcantes.

A primeira luz que se fez presente em minha vida nesta nova fase foi quando descobri que estava grávida, mesmo sendo uma adolescente inexperiente, cheia de dúvidas e ansiedades, não percebia que os meus sonhos de uma graduação estaria se distanciando, caso vivenciasse uma gravidez precoce. Nasceu a minha filha (Kellyane). A família começou a crescer, agora um menino estava para chegar, trabalhava em uma escola

denominada de Educandário da Julinha, no mesmo bairro que morava (Pajuçara), na qual era professora de alfabetização da minha filha. Permaneci até o final letivo de 1996.

Depois passei alguns meses sem lecionar, devido à determinação da lei que não podia lecionar sem graduação⁸. Fiquei triste, mas no coração a esperança que conseguiria. Anos se passaram, mais um bebê para compor a família, outro menino, cujo nome é Kleydson (nasceu em 1998). Depois, nasceu Daniel (nasceu em 1999), pensando que seria o último a fazer parte da família, me enganei! Em uma das fases mais difíceis da minha vida, Kauã estava a caminho e completou a minha família naquele momento.

Alguns anos depois, em 2012, a minha filha Kellyane, com idade de 18 anos, informa que iria se casar. Assim, entra para a família uma pessoa que considero como um filho, meu genro Anderson, que fez a minha inscrição para o processo seletivo do Kennedy, em 2019. Foi ele quem me deu a notícia da minha aprovação no ano de 2020. Eu não acreditei, chorei bastante de alegria, os meus filhos ficaram felizes e meu esposo Canindé chegou junto comigo e falou que iria me ajudar a realizar este sonho.

Ele me falou que iria me buscar todos os dias na parada de ônibus, onde morávamos e ainda moramos, pois a nossa casa se localiza distante da parada do ônibus da linha 08, o único transporte de acessibilidade da minha moradia para o Instituto Kennedy. Até chegar à parada do ônibus, era muito escuro, principalmente, quando chovia. Até hoje, tenho incentivo os meus netos (Davi Lucas e Ester Karoline), mesmo sem eles saberem exatamente sobre o meu sonho de me formar pedagoga, me dão forças para concluir.

Estes meus netos são exemplos de vida junto com a minha nora (Ana Beatriz), uma mãe dedicada com Arthur, uma criança que nasceu com várias síndromes, ela sempre encontra forças para que ele tenha um melhor desenvolvimento, junto com o pai Kellyson. O meu outro filho, Kleydson, longe dos olhos, mas perto do meu coração, me ajuda nas horas mais difíceis, quando penso em desistir, ele, com palavras afetuosas me estimula a prosseguir. Já Klevson, tem o cuidado em me ajudar nos envios das atividades acadêmicas, pois para mim, ainda é desafiante o uso das tecnologias, e o Kauã, sempre pronto a

⁸ Art. 62 da legislação educacional, complementa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394 de 1996: a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

demonstrar carinho com as minhas colegas (Ana Cláudia e Ana Maria)) do curso, quando vão fazer algum trabalho na minha casa. Uma grande família hoje, gratidão a Deus.

Compreendo a importância da família como pilar para conseguirmos enfrentar os desafios da vida, principalmente, a vida acadêmica, o ensino superior, que sei que consegui sem muitos transtornos graças a essa família maravilhosa que construí, por isso, intitulei esta seção: *A Família que Construí: luz na minha vida*.

7 MINHA VIDA PROFISSIONAL: MINHAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSORA

Nesta seção descrevo relatos da minha vida pessoal e profissional, narrativas da minha vida profissional, minhas experiências como professora.

Escrever as minhas narrativas acerca das minhas experiências como professora, na atualidade, remeto aos ditos de Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), quando desvelam sobre a importância da tríade “formação, aprendizagem e desenvolvimento profissional”, para os autores, essas dimensões precisam ser compreendidas como categorias de análise, pois segundo eles, são dimensões que constantemente precisam ser analisadas, mediante à reflexão e à autoavaliação da nossa prática em sala de aula.

Considerar essa tríade como categoria de análise é concebê-la como pilares para a profissionalização da docência, ou seja, a profissionalidade (competência tecnocientífica e pedagógica para ensinar) e o profissionalismo (o status de ser professor, sendo forte nesse quesito, a dimensão política). Portanto, o reconhecimento da identidade profissional.

Ao terminar o Magistério na Escola Estadual Presidente Kennedy, no ano de 1990, aos 18 anos, comecei a lecionar em uma escola particular no conjunto Pajuçara, situado na Zona Norte no município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, cujo nome era João e Maria, na turma de Jardim II (atualmente, nível II) com crianças de dois anos de idade, nos dois períodos (matutino e vespertino). Deslocava-me de onde morava no bairro das Quintas, Natal/RN para a escola, às 5h da manhã e retornava às 17h, chegando em casa por volta das 18h.

Nesta escola vivenciei momentos bons e desafiadores, a gestora D. Lucinete e as professoras Luciana, Denise e Zilda, a secretária da escola – Maria do Socorro Lobo que atualmente, cursa Letras no IFESP, e D. Doninha uma pessoa maravilhosa que era a nossa mãe conselheira por ser idosa, contribuíram para o desenvolvimento da minha vida

profissional e pessoal. Lecionei durante cinco anos nesta instituição, trabalhando sem carteira registrada, mas quando concluir minha vida profissional na dita escola, recebi as minhas contas de acordo com a Lei trabalhista, o que me proporcionou comprar um terreno na Zona Norte.

Nesse período, a minha filha já estava no tempo de ir para a escola, eu já estava trabalhando em outra escola e levava a minha filha junto comigo. Nesse mesmo ano, aconteceu a separação conjugal, assim precisei morar com os meus pais, ambos aposentados, não tinham condições de sustentar uma criança, então saí à procura de emprego; encontrei uma vaga na escola Recanto Escolar Cristo Rei (RCREI), situada em Natal/RN, levando a minha filha comigo, e assim, trocava o meu trabalho pelo estudo da minha filha.

Trabalhei em diferentes escolas particulares, entre Alecrim, Quintas e Tirol, bairros de Natal, no Rio Grande do Norte. Uma delas, a Pousada do bebê, onde descobri a área da Educação infantil, que de imediato me identifiquei. Fiquei pouco tempo, mas o suficiente para grandes aprendizados, como por exemplo, vivenciar novas práticas de sala de aula, modelo diferente de planejamento, entre outros.

Como o pai de minha filha não dava pensão, resolvi sair da área da Educação e ingressar no comércio. A educação já era minha vida. Onde residia, dava bolsa para a minha menina em uma escola muito bem situada no Alecrim. A gestora deu-me a oportunidade de eu lecionar em uma turma de alfabetização, estava diante de novos aprendizados, desenvolvi um trabalho maravilhoso, pois, todos os estudantes no final do ano letivo estavam lendo.

Em 1996 minha mãe realizou o sonho da casa própria e mudamos para a Zona Norte. Saí da escola Eugenio Pacelli, na qual lecionava, devido à distância e não tinha ajuda de custo de transporte. Ao chegar no bairro Pajuçara, encontrei uma escola para lecionar e a minha filha teve o direito de estudar, deu tudo certo. Após três anos, casei novamente e tive três filhos, e assim, deixei o sonho da graduação para outro momento.

Naquele tempo não tinha condições financeiras para pagar uma universidade, pois, o ensino superior em uma instituição pública, acredita não ser capaz devido à grande quantidade de candidatos, e não tinha com quem deixar as crianças. Mas, o sonho de ingressar no ensino superior continuava em minha cabeça, e no meu coração, a cada dia que as crianças cresciam o meu sonho também crescia, almejava ser pedagoga.

No decorrer da minha jornada acadêmica e profissional, encontrei gestores que acreditavam no meu potencial em sala de aula. Assim, fui contratada para lecionar na Escola Ressurgir (Natal/RN), entre 2011 e 2013, uma escola privada situada no bairro de Santarém (Natal/RN). Foram muitos aprendizados que internalizei, dentre eles, cito as práticas pedagógicas vivenciadas com crianças dos Jardins I e II, como por exemplo, a ludicidade. Infelizmente, devido a problemas com a sua saúde, a diretora precisou fechar a escola.

Nesse período vivenciei momentos tristes e desafiadores, os quais não tenho condições de relatar neste Memorial. Foi necessário renunciar, por enquanto, a vida de professora, pois precisei dar um tempo para cuidar dos meus pais adotivos, já com a idade avançada acometidos com doenças crônicas em fase terminal. Durante este tempo, a gestora da escola anterior não se afastou de mim em nenhum momento.

No hospital, ela levava atividades manuais, para eu fazer, de modo que ficasse com a mente ocupada. Passei noventa dias no hospital com a minha mãe até os seus dias finais na Terra, em 27 de maio de 2013, ela partiu. Neste dia, a gestora a quem me refiro, Rosemary Lopes de Souza, q fez parte da minha vida profissional, mas também se tornou minha amiga, pois quando mais precisei, ela estava presente – no falecimento da pessoa que tanto amava, a minha querida mãe.

A vida continuou, tinha agora, uma pessoa que ficou sob a minha responsabilidade – o meu pai com 91 anos, acometido de câncer de próstata, passando pelos mesmos sofrimentos nos hospitais que vivenciei com a minha mãe, mas estava feliz em poder ficar com ele até o último dia da sua vida – 01 de junho de 2015, dando-lhe afeto e sendo grata por ter cuidado tão bem de mim.

Após o falecimento dos meus pais, Rosemary me convidou para ajudá-la na escola onde ela era sócia, aceitei o convite de imediato, a atividade orientada para eu realizar era a decoração das salas de aula e estou nesta escola até hoje.

Foram muitas perdas, ainda estou em fase de superação, desafios e oportunidades. Essas vivências trouxeram para a minha vida profissional e pessoal, um encorajamento de lutar pelos meus sonhos por motivos, me tornei uma mulher mais forte, resiliente e paciente, mas sempre disposta de conquistar os meus direitos. Pois, aprendi com essas experiências que eu posso estar no lugar que eu decidir estar. Hoje, sei que passei por tudo isso, e tenho a convicção que Deus me preparou para ser uma educadora e uma pessoa segura, em relação ao fazer pedagógico.

Tenho a certeza de que com essas vivências profissionais, investi na minha profissionalidade, ou seja, na minha competência técnica para ensinar, construir e ainda estou construindo a minha identidade profissional, pois, constantemente, estou aprendendo, me formando e me desenvolvendo como docente, como destacam Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), pois, a cada fio que teço em relação à minha profissionalidade, construo a minha identidade profissional.

8 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY: SATISFAÇÃO E GRATIDÃO

Nesta seção narro sobre as memórias que escolhi contar, as quais vivenciei no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), a qual só tenho gratidão.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia (Rio Grande do Norte, 2019) o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy é uma instituição de ensino superior de caráter público, organizada sob a forma de autarquia, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer com sede e foro na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte/RN.

Segundo o documento, O IFESP tem um caminho centenário. É uma instituição de ensino com história muito específica em Natal e no Rio Grande do Norte. Sua origem, afirma o projeto do curso, se situa no contexto da criação das Escolas Normais no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX. Essas tinham por objetivo formar o professor para atuar no ensino primário.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) oferece cursos de graduação em Pedagogia, Letras e Matemática; e cursos de pós-graduação *lato sensu*, Especialização em Educação Ambiental, Especialização em Educação Infantil, Especialização em Gestão de Processos Educacionais. Especialização em Educação de Jovens e Adultos: Saberes e Práticas na Formação Docente, Especialização em Educação Matemática: Teoria e Prática no Ensino Fundamental, Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (Rio Grande do Norte, 2019).

O IFESP é considerado uma referência na formação de professores no Rio Grande do Norte, em especial, no que se refere à formação docente da Rede Estadual de Ensino. Além do mais, mantém um diálogo permanente com a comunidade, em particular com o município de Natal e a sua região metropolitana, por ser um elemento fundamental na

operacionalização de resposta às demandas latentes em relação à formação dos profissionais da Educação Básica (IFESP, 2019).

Ao tomar conhecimento sobre essas informações e estimuladas por colegas, resolvi me inscrever no processo seletivo dessa instituição, no ano de 2019, iniciando as aulas em 2020. Nessas aulas, tive a oportunidade de estudar diversos componentes curriculares, cada um teve para mim grande importância, pois contribuiu para que eu pudesse escrever minha história de vida em diálogo com autores estudados neles. Além de identificar suas concepções durante as práticas realizadas nos estágios. Destaco *Fundamentos do Ensino de Ciências*, por gostar de lecionar o conteúdo de Ciências, ter conhecido e me encantado com o *Ensino por Investigação*, ministrado pela Professora Rozicleide Bezerra de Carvalho. Outro componente que evidencio é *Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP)*, pois vivenciei de fato como realizamos pesquisa em nosso campo profissional.

8.1 OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: A CONFIRMAÇÃO DA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL

As narrativas neste espaço dizem respeito às minhas vivências refletidas nos Estágios Supervisionados, os curriculares e os obrigatórios, vivenciados durante o curso de Pedagogia. Vivenciando os estágios, tive mais ainda a confirmação da minha profissão, que muito tem impactado na minha vida pessoal.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (Rio Grande do Norte, 2019), o objetivo geral do curso é formar professores para exercer funções de Magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio pedagógico, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Quando me foi apresentado esse objetivo, mais uma vez tive a certeza de que estava na instituição certa.

Conforme o referido documento, no Curso de Pedagogia - Licenciatura, os Estágios Curriculares Supervisionados (I, II, III e IV) são parte do processo de formação do estudante, em que são integrados ao currículo, como componente curricular obrigatório, no qual favorece a interlocução entre a formação acadêmica e o mundo profissional, por meio de uma (re) aproximação contínua da Academia com a realidade social, cultural e educacional. O estágio I, refere-se à Educação Infantil; o estágio II, aos anos iniciais do

Ensino Fundamental; o estágio III, a Gestão Escolar; e o estágio IV, a espaços não escolares.

Quanto aprendizados internalizei em cada um deles, afinal, consegui mobilizar para a prática, concepções teóricas que estudava em sala de aula. Conseguia perceber como o curso Normal e as minhas vivências como professora nas escolas particulares me subsidiaram para observar, ensinar, elaborar os relatórios, além de reconhecer as minhas necessidades formativas.

O estágio na Educação Infantil foi realizado na Escola de Educação Infantil Tindolelê, no Bairro Santarém, na cidade de Natal/RN, em uma escola particular, instituição onde trabalho há sete anos, com a Educação infantil. No início, pensei que fosse fácil, que não iria ficar nervosa, estava muito enganada, senti diferentes emoções: ansiedade, alegria, insegurança, dentre outras que tocam o nosso emocional.

Muito agradecida pela gestão pedagógica e a professora Rosimeire Câmara por favorecer este momento importante na trajetória acadêmica, disponibilizado a sala de aula e como toda escola. Observava cada relato maravilhoso das crianças em relação às suas aprendizagens, como por exemplo, o reconhecimento das letras do alfabeto, dos símbolos de objetos que via no trajeto para a escola.

Nesse estágio tive o prazer de ler o livro de Magda Soares sobre alfabetização e letramento, “Alfaletrar” (2020), que foi para mim, de suma importância. Como trabalhava no nível 4 (crianças com quatro anos de idade), fui direcionada para o nível 5 cujas crianças tinham a idade de cinco anos. Elas eram maravilhosas e me receberam muito bem. Cheguei mesmo na semana de comemoração do Dia das Crianças, dentre as atividades, vivenciei brincadeiras, jogos, passeio ao teatro; eu observava cada relato maravilhoso das crianças, em relação aos seus sentimentos por estarem naquele espaço, vivenciando tantas experiências.

O livro da Magda Soares é maravilhoso, encantei-me quando comecei a ler para elaborar o meu planejamento. É uma produção maravilhosa porque em seu discurso, a autora defende que toda criança pode aprender a ler e a escrever.

O livro reforça a imprescindibilidade de democratizar o acesso e a qualidade do ensino público, chamando atenção em relação a garantir a todas as crianças a apropriação da leitura e da escrita. A obra baseia-se fortemente na experiência da autora no *Projeto Alfaletrar*, que vem sendo desenvolvido na cidade mineira de Lagoa Santa, desde 2007.

Mediante o componente curricular *Alfabetização e Letramento*, apropriei-me de novos conhecimentos, além daqueles que já havia internalizado com os anos de experiência em sala de aula. No período de realização desse estágio, estava passando problemas de saúde devido a uma queimadura de terceiro grau muito dolorosa, deixando-me, às vezes, sem condições físicas de ir para o estágio. Contudo, como a vontade e a determinação eram mais fortes, consegui finalizar.

O Estágio na Educação Infantil, trouxe uma confirmação na minha vida acadêmica e profissional, pois proporcionou estabelecer relação entre a teoria e a prática, percebidas como unidade indissociável. Vivenciei uma nova prática com o olhar para uma nova teoria, ou seja, tive a oportunidade de me fundamentar na concepção de Soares (2020) para trabalhar com as crianças o conhecimento dos códigos linguísticos, experienciando diversas realidades vivenciadas no espaço escolar, importantes para a minha formação.

O Estágio no Ensino Fundamental – anos iniciais – não foi possível ser realizado durante o dia, devido ao fato de eu trabalhar em tempo integral. Mas, consegui uma instituição que me acolheu maravilhosamente bem, uma escola que conhecia, pois os meus filhos estudaram lá. Eu gostava de trabalhar nesta instituição – a Escola Municipal Professora Maria Madalena Andrade da Silva Xavier, situada no bairro Potengi, em Natal/RN. Para a realização desse estágio, aprendi com orientadores competentes – e com o professor Nednaldo Dantas dos Santos e professora Mariza Silva.

Esse estágio, por ser à noite, foi realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A minha parceira de sala de aula foi a Daniela de Jesus. Juntas, passamos um período de quase 15 dias, tanto na observação, como na regência na sala da professora Joelma da Silva, uma excelente profissional, com elas experenciei novas vivências. Já havia trabalhado com Programa Brasil Alfabetizado⁹, já faz algum tempo, não me recordo o ano. Sei que foi maravilhosa esta etapa do estágio fiquei muito emocionada com a turma, pois demonstrava interesse em querer aprender, trazia em seus discursos a leitura de mundo, e aquelas oriundas de suas relações com os seus pares, famílias, meio profissional.

Citando Freire (1968), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, vejo quão rica essa interação, cujas mediatizações se materializavam em cada aula ministrada, aprendíamos juntos.

⁹ Criado em 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) tem como objetivo alfabetizar jovens e adultos de 15 anos ou mais que não puderam estudar na idade apropriada. O Programa é uma porta de acesso ao pleno exercício da cidadania. O PBA é mais do que uma estratégia para perseguir a Meta 9 do Plano Nacional de Educação. Trata-se do compromisso moral de não abandonar “Nenhum brasileiro!”.

Realizar o estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi uma experiência profundamente enriquecedora e transformadora, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal. Ao longo do estágio, vivenciei uma série de desafios e aprendizados que me permitiram desenvolver uma compreensão mais ampla e empática das necessidades e particularidades.

Um dos principais desafios foi a diversidade de perfis dos estudantes. Na EJA encontramos uma diversidade de idades, de níveis de escolaridade, experiências de vida e motivos para retornar aos estudos. Essa heterogeneidade exige que o professor adapte suas metodologias de ensino-aprendizagem para atender às diferentes necessidades e ritmos de aprendizagens. Desenvolver atividades que incluam todos os estudantes e sejam relevantes para suas realidades foi uma atividade desafiadora, mas também gratificante.

Além disso, diversos estudantes da EJA enfrentam barreiras socioeconômicas e pessoais peculiares, como longas jornadas de trabalho, responsabilidades familiares e, em alguns casos, traumas e estigmas associados ao abandono escolar, ocorridos anteriormente. Essas questões muitas vezes impactam a frequência e o desempenho escolar, exigindo do professor sensibilidade e flexibilidade no currículo, como defende Freire (1992), é necessária a presença da afetividade constantemente, de modo que esses estudantes possam se sentir valorizados e capazes de aprender.

A convivência diária com os estudantes da EJA me ensinou a ser mais empática e resiliente. Compreender as histórias de vida e os obstáculos que cada um deles enfrenta reforçou a importância de acolher e apoiar cada ser desse, de forma única e respeitosa.

Para incluir os estudantes com perfis tão diversos, foi necessário trabalhar com metodologias ativas e inovadoras, como por exemplo, aprendizagens baseadas em projetos, uso de tecnologias digitais, debates e estudos de caso, as quais mostraram-se adequadas para contribuir com o aprendizado mais dinâmico e inclusivo.

Arroyo (2001) destaca sobre a importância de reconhecer e valorizar as histórias de vida e as experiências dos estudantes da EJA, considerando os desafios e injustiças que enfrentaram.

Considera que a experiência de vida dos estudantes da EJA se constituiu como uma das mais importantes estratégias didático-pedagógicas contributivas para o processo

educativo¹⁰ e didático-pedagógico¹¹. Incluir essas vivências nas atividades didático-pedagógicas não só enriqueceu as aulas, mas também propiciou a autoestima dos estudantes, que se sentiram valorizados e respeitados.

A experiência na EJA me permitiu compreender e reconhecer que a educação é um processo contínuo e permanente, independente de idade e cultura. O desejo dos estudantes de continuar aprendendo, mesmo em face de tantas dificuldades, é um testemunho poderoso do valor da educação ao longo da vida.

O estágio na EJA foi uma experiência fundamental para minha formação como educadora. Enfrentar os desafios e aprender com eles me formou para ser uma profissional mais preparada, consciente, empática e criativa, pois precisei estudar para melhor me preparar, me colocando em seu lugar e buscando diferentes estratégias didático-pedagógicas que pudessem incluí-los no contexto, e assim, contribuir com as suas aprendizagens.

A gratificação de ver o progresso e a satisfação dos estudantes ao alcançarem seus objetivos e suas metas educacionais se constituiu como um dos maiores presentes dessa experiência. Esse estágio reforçou meu compromisso com a educação inclusiva e a credibilidade de que, independentemente da idade ou circunstância, todos têm o direito e a capacidade de aprender e se desenvolver, como apregoa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9.394 de 1996.

No Estágio em Gestão Escolar, senti muita dificuldade no início, não entendia o que as professoras orientavam, pensei em trancar o componente, não tinha segurança nesta parte de gestão, a área até então, que tinha experiência era a sala de aula. As minhas companheiras de estudo, Iara Lúcia, Ana Maria e Maria Gorete me incentivaram, e a paciência das professoras orientadoras Claudete e Ellen que me convenceram a não desistir. O estágio foi realizado na Escola Municipal Professora Maria Madalena Andrade Xavier, situada na Zona Norte de Natal/RN.

Fazer o estágio em Gestão Escolar foi uma oportunidade única para conhecer e compreender as complexidades e responsabilidades envolvidas na administração de uma instituição educativa.

¹⁰ Aquele relacionado diretamente à internalização dos novos conhecimentos ao longo da vida dos sujeitos (Leontiev, 2001).

¹¹ Aquele intrínseco ao ensino-aprendizagem.

O estágio proporciona experiência prática na liderança, permitindo que o estagiário observe e participe do processo de tomada de decisões. A gestão de uma escola envolve lidar com questões didático-pedagógicas, administrativas e financeiras; e o estagiário tem a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais de liderança, como comunicação, gestão e resolução de conflitos, e gestão de equipe.

Durante o estágio, é possível aprender sobre as políticas educacionais que regem o funcionamento das escolas. Isso inclui a aplicação de normas e diretrizes do Ministério da Educação, o cumprimento de metas educacionais e a garantia da qualidade do ensino-aprendizagem, como por exemplo, a LDBEN, nº 9.394/1996, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais – DCN (Brasil, 2013), a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), o Documento Curricular Potiguar (Rio Grande do Norte, 2018), dentre outros documentos de igual relevância para a educação. Essa compreensão é crucial para a formação de gestores escolares competentes e comprometidos com a educação.

O estágio oferece a oportunidade de interagir com diversos membros da comunidade escolar, incluindo professores, gestores, estudantes, pais e funcionários da instituição, como por exemplo, as merendeiras, os auxiliares de serviços gerais, o porteiro, e os funcionários da secretaria. Essa interação ajuda a entender as diferentes perspectivas e necessidades de cada grupo, o que é fundamental para criar um ambiente escolar inclusivo e colaborativo.

Um dos aspectos mais valiosos do estágio, para mim, foi a oportunidade de vivenciar os desafios cotidianos da gestão escolar, como por exemplo, a gestão e a resolução de problemas disciplinares, a gestão de recursos limitados, a implementação de novas tecnologias educacionais e a adaptação às mudanças nas políticas educacionais. Enfrentar esses desafios em um ambiente controlado, como é a escola, permite ao estagiário internalizar novos conhecimentos e desenvolver habilidades práticas em articulação com a teoria para atuar nesse espaço.

Nos estágios observei a importância da formação contínua e do desenvolvimento profissional para gestores escolares. A educação é um campo dinâmico e os gestores precisam estar atualizados com as últimas tendências, políticas públicas e práticas educacionais. Participar de cursos, seminários e outras atividades de desenvolvimento profissional é essencial para a competência técnico-científica, política e pedagógica na gestão escolar. Portanto, o estágio em gestão escolar é uma experiência valiosa que

proporciona uma visão abrangente das responsabilidades e desafios da administração escolar.

O estágio realizado em um espaço não escolar foi desenvolvido no Centro Cultural e Biblioteca Escolar Professor Américo de Oliveira Costa, instituição situada na Zona Norte de Natal/RN. Este espaço é também conhecido como Biblioteca do Santarém, é uma biblioteca pública e espaço público cultural e de lazer. A biblioteca mantém um acervo de mais de 45 mil obras, principalmente voltadas para o público dos ensinos Fundamental e Médio, mas também abriga obras raras, clássicos da literatura nacional e universal, infanto-juvenis, literatura de cordel e obras sobre o Rio Grande do Norte. Segundo os funcionários da instituição, é a maior biblioteca mantida pelo Governo do Estado.

Nossas atividades nesse espaço estiveram sob a orientação das professoras Denise Caballero da Silva e Rozicleide Bezerra de Carvalho. Nos envolvemos em diferentes atividades, sob a orientação da professora Heloísa, docente da instituição. Dentre essas, o ballet clássico coordenado por esta professora, com a participação das suas estudantes, todas da companhia de dança.

A professora apresentou uma dança, cuja coreografia tinha como tema a leitura, eu ainda não tinha vivenciado tal experiência, que me permitiu perceber mais uma vez a importância da ludicidade para as aprendizagens e desenvolvimento de uma criança. Outra atividade vivenciada, foi a contação de história, conduzida pela professora Maria do Socorro Lobo; e uma outra atividade que envolveu a cultura afrodescendente, mediante a roda de capoeira, mostrando a importância do respeito e da autonomia em uma sociedade com tantos preconceitos.

Mais uma vez me vi refletindo sobre a diversidade de atividades lúdicas e que eu posso incluir nas minhas ações docentes. As atividades desenvolvidas tiveram como objetivo incluir a comunidade de sua proximidade e adjacências, de modo a contribuir com as aprendizagens das crianças, e principalmente, apresentar a importância da cultura e da leitura para o desenvolvimento de um sujeito.

Com este estágio em espaços não escolares expandi a visão de que este, se constitui como um ambiente de aprendizagens, podendo ocorrer em diversos locais e formatos, cada um com suas próprias particularidades e desafios.

A atuação em contextos variados ajuda a desenvolver uma diversidade de habilidades, como a adaptabilidade, a comunicação intercultural, e a capacidade de

planejar e realizar atividades educativas que atendam às necessidades específicas de diferentes públicos.

O estágio foi realizado na Biblioteca Professor Américo de Oliveira, tive o prazer de planejar e desenvolver um evento cultural envolvendo dança clássica leitura, doações de livros e apresentação de capoeira com estudantes das redes privada e pública do município de Natal/RN.

Tenho gratidão pela orientação e visita das professoras orientadoras Denise Caballero da Silva e Rozicleide Bezerra de Carvalho, e o reencontro com o meu sobrinho Cleivson, pois, em relação a ele, fazia anos que tínhamos perdido o contato. Neste dia foi surreal, pelo fato do reencontro, bem como das atividades vivenciadas, senti-me extremamente realizada.

Trabalhar em espaços não escolares requer colaboração com profissionais diversificados, mas com um só propósito. Nesse estágio pude perceber que incentivam a criatividade e a inovação pedagógica. Assim, sem as limitações estruturais da escola tradicional, os estudantes podem experimentar novas metodologias e abordagens educativas.

É essencial para a formação de educadores vivenciar diferentes experiências no campo educacional. Ao vivenciar diferentes realidades e desafios, os futuros pedagogos se formam e assim, se sentirão mais preparados para atuar em diversos contextos e contribuir de maneira competente para a educação.

8.2 O ESTÁGIO REMUNERADO

No Estágio Supervisionado Remunerado, realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Amor de Mãe, localizado no bairro das Rocas, em Natal/RN, vivenciei experiências que me permitiram aprendizagens com profissionais dedicados, uma equipe organizada de professores e gestores que me acolheram com afetividade. Fui direcionada para estagiar no Berçário I (com crianças de um ano e seis meses de idade), com a professora Sandra Marise, uma pessoa de personalidade forte, mas que não houve nenhum conflito entre nós, aprendi muito com ela, principalmente, no que se refere ao rigor em relação aos cuidados e responsabilidades com as crianças.

Por motivos particulares, optei por mudar de turma, devido à faixa etária das crianças, que eram muito pequeninas e necessitavam de cuidados mais atenciosos e

criteriosos, não que as demais também não necessitassem, porém, já tinham mais autonomia em relação à coordenação motora ampla.

Mudei de sala para o Berçário II – B (com crianças de um ano e seis meses de idade), com a professora Sara, com que trabalhei por um ano e seis meses. Momentos de conhecimentos e aprendizagens diferentes, específicos daquela idade das crianças. Vivenciei contínua troca de experiências, tanto na prática como em relação à teoria, junto com a coordenadora Ana Karla, que sempre estava disponível para me ajudar tanto nas atividades com as crianças da instituição, como da faculdade, sempre atenta ao meu desempenho profissional.

Neste estágio tive a oportunidade de conhecer como são desenvolvidas as atividades no ensino público, em que nunca tinha trabalhado. Tinha um olhar de que os professores trabalhavam como queriam, ou seja, não tinham um planejamento, e isto não acontece.

Todas as atividades educacionais são organizadas a partir de um planejamento e de um cronograma a cumprir, às vezes, com precariedade, devido à falta de recursos didático-pedagógicos pretendidos, mas que não é justificativa para não realizar as atividades, sempre encontram caminhos diversos no tocante a materiais didático-pedagógicos para que as crianças aprendam e se desenvolvam.

Os estágios oferecem uma oportunidade para reflexão pessoal e crescimento profissional. A experiência permite que o estagiário avalie os conhecimentos internalizados e as suas próprias habilidades, e identifique suas necessidades formativas, de forma a desenvolver a conscientização da importância da autoformação. Além disso, ao refletir sobre as experiências vividas durante o estágio, pude desenvolver a compreensão com mais clareza dos meus objetivos profissionais e do papel que desejo desempenhar no campo da educação.

Hoje tenho um olhar diferente para a instituição pública, consciente de que existem aquelas que possam não ter tanto zelo como esta que vivenciei, graças ao curso de Pedagogia do Instituto Kennedy, tive a oportunidade de conhecer uma pequena parte da educação da rede pública de Natal/RN.

Refletindo sobre as vivências em cada um desses estágios, reporto-me a Pimenta (1999) ao revelar que há saberes da docência – a experiência e saberes da docência – o conhecimento. Segundo a autora, os estudantes ao adentrarem na formação inicial, já trazem consigo o que é ser professor, já tem internalizado o que é ser professor, se

espelhando nas experiências vivenciadas com aqueles que foram seus durante a Educação Básica. Pimenta (1999) explicita que ao iniciar sua formação inicial, os estudantes de licenciatura já começam a compreender sobre a importância dos conhecimentos científicos e pedagógicos para ensinar, inicia-se, então, a construção da identidade profissional.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este Memorial de Formação, refleti sobre a trajetória que percorri ao longo do curso de Pedagogia e a evolução tanto pessoal quanto profissional que experimentei. A jornada foi marcada por grandes desafios, aprendizagens significativas e conquistas que moldaram minha compreensão sobre o papel do pedagogo na sociedade.

Durante o curso, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em diversas áreas da educação, desde as teorias pedagógicas clássicas até as práticas mais contemporâneas e inovadoras. Os componentes cursados proporcionaram uma base sólida e abrangente, permitindo-me desenvolver uma visão crítica e reflexiva sobre o processo educativo. As experiências de estágio foram particularmente valiosas, pois me colocaram em contato direto com a realidade escolar, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos.

Além do aspecto acadêmico, a convivência com colegas, professores e a participação em projetos e atividades extracurriculares enriqueceram ainda mais a minha formação. Esses momentos de interação e troca de experiências foram fundamentais para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, tão essenciais na prática pedagógica.

Reconheço que a educação é um campo em constante transformação e que o aprendizado não se encerra com a conclusão do curso. Sinto-me preparada para enfrentar os desafios da profissão e contribuir de maneira significativa para a construção de uma educação de qualidade, inclusiva e transformadora. Continuarei a me aperfeiçoar, buscando novos conhecimentos e experiências que possam fortalecer minha prática pedagógica.

Reconheço que ainda tenho muito o que caminhar em relação à minha formação profissional, pois nos estágios pude identificar as minhas necessidades formativas. Assim, não pararei por aqui, almejo a pós-graduação, mas continuarei a buscar novas leituras para então, cada vez mais me apropriar de novos conhecimentos para ensinar.

Agradeço a todos que fizeram parte desta trajetória – professores, colegas, familiares e amigos – pelo apoio, incentivo e colaboração. Cada um de vocês teve um papel essencial na realização deste sonho.

Encerro este memorial com a convicção de que a Pedagogia é uma ciência, mas também, é um ato de amor e compromisso com o ser humano. Com essa certeza, sigo em frente, pronta para exercer minha profissão com competência, dedicação, ética, respeito e entusiasmo, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima.

Produzindo gêneros textuais: o memorial. Campina Grande/Natal: Editora da UFRN, 2007.

ARROYO, Miguel. **As Contribuições de Miguel Arroyo para A EJA**. Disponível em:

<https://1library.org/article/as-contribui%C3%A7%C3%B5es-de-miguel-arroyo-para-a-eja.q2e1kqpq>. Acesso em: 11 de jul. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Artigo 5 da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10619333/artigo-5-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 13 mai. 2024.

BRASIL. **Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais**.

Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 1961**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.692**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=713997&filename=LegislacaoCitada+-PL+6416/2009. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/1996**.

Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de

Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2001/lei-10172-9-janeiro-2001-359024-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 2004a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm >. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 jul. 2008c. Disponível em: <Available at: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm >.

» http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm
Acesso em: 18 abr. 2024. BRASIL. Artigo 62 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei nº 13.415, de 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686325/artigo-62-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2017.

Dom Pedro I: História do Brasil. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/dom-pedro.htm>. Acesso em: 11 de jul. 2024.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por Juliana Bezerra – Professora de História. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/>. Acesso em: 13 mai. 2024.

O que é Bullying? Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. IFESP, Natal/RN, 2019.

RIO GRANDE DO NORTE. **Documento Curricular Potiguar**. Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer, Natal/RN, 2018.

RAMALHO, Betânia L.; NUNÊZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.208.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Acton, MA: Copley, 1992.

SKINNER, B. F. What is Wrong With Daily Life in the Western World? In B. F. Skinner (Ed.), **Upon further reflection** (pp. 15-31). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1987.

SKINNER, B. F. **The behavior of organism**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. p.352.

BRASIL. **Brasil Alfabetizado. Ministério da Educação e da Cultura**. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/pba>. Acesso em: 30 de jun. 2024.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

Capítulo XII: História de Vida e Resiliência: Fios que Transformaram a Minha Identidade Pessoal e Profissional

Vera Lúcia da Silva

1 INTRODUÇÃO

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.

Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro Modo.

Paulo Freire

O presente Memorial de Formação tem como objetivo apresentar narrativas da minha história de vida e experiências enquanto discente no curso de Pedagogia – Licenciatura, no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP. Além de algumas tessituras que bordei em outros espaços. Registrar minhas memórias que vivenciei no decorrer do curso me trouxe recordações e reflexões sobre a importância da escrita deste Memorial durante o meu processo de formação, pois, por meio dessa escrita revivi momentos diversos e me vi transformada. Estou partindo do Instituto Kennedy como outra pessoa, nas dimensões pessoal, acadêmica e profissional.

O Memorial de Formação é um gênero textual discursivo e uma autobiografia que enuncia relatos reflexivos de fatos guardados na nossa memória e documentação de experiências humanas vivenciadas. Ele pode ser considerado, ainda, como um gênero que propicia às pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória de vida. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. (Passey, 2007).

Mesmo diante de desafios diversos que me encontrei ao longo do curso nunca pensei em desistir, foram momentos desafiadores entre alegria, superação e autoconfiança, e com diversas obrigações e responsabilidades; e diante das adversidades sempre pensei em meus dois filhos – o motivo de não ter desistido e de ter chegado até

aqui. Porque penso como o nosso querido Paulo Freire que “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” e que “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Logo, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1967).

Ao relatar refletidamente momentos da minha vida neste Memorial, descrevo minhas experiências e vivências que me levaram ao meu sonho de ser professora, pois, já tinha ingressado no Magistério no ano de 1992, no turno noturno. E agora, após muitos anos, retornei para a sala de aula, na graduação em Pedagogia – Licenciatura, ingressando no Instituto Kennedy, em 2014.

Durante a graduação em Pedagogia enfrentei desafios vários, como tem acontecido na minha vida, creio que faça parte. Mediante os estágios, pude alinhar a teoria e a prática, pois na sala de aula pude vivenciar o cotidiano de uma professora. Assim, nesse vivenciar, precisei buscar teóricos que fui orientada pelos professores para embasar meus planejamentos, minhas atividades, dentre outros trabalhos que precisei elaborar e organizar em parceria com colegas de turma, além de tê-los selecionados para servirem de base para refletir teoricamente sobre a minha história de vida.

E foi exatamente, por meio dessas experiências vivenciadas nos estágios que percebi o quanto são importantes os Componentes Curriculares que fazem parte da matriz teórico-metodológica da instituição, pois, esses foram imprescindíveis para elaboração dos meus planejamentos e das minhas ações nas regências das aulas.

Os teóricos que selecionei para estabelecer diálogo com a minha história de vida, foram: Paulo Freire (1967; 1979; 1996), Maria da Conceição Passegi (2008), Magda Soares (2016), Gaston Pineau (2006), Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1990) dentre outros de igual relevância.

O meu Memorial de Formação está assim delineado: Introdução (primeira seção); A minha infância: brincadeiras inocentes e peraltices (segunda seção); Adolescência e juventude: amigos inesquecíveis, momentos desafiadores com liberdade, responsabilidade e consciência (terceira seção); Eu, minha filha e meu filho: juntos na conquista da formação superior (quarta seção); A minha vida profissional: um olhar humanizado para o outro (quinta seção); o curso superior: apropriação do conhecimento para partilhar com o outro (sexta seção); Minhas aprendizagens no curso de pedagogia – licenciatura (subseção da sexta seção); os estágios supervisionados: olhando para as

minhas aprendizagens e necessidades formativas (subseção da sexta seção); Lembranças do projeto casulo (sétima seção); Considerações finais (oitava seção) e Referências.

As memórias que enuncio nesses escritos são aquelas que escolhi compartilhar com você, leitor (Pineau, 2006). Portanto, os convido a conhecê-las.

2 A MINHA INFÂNCIA: BRINCADEIRAS INOCENTES E PERALTICES

Quando brinca, a criança assimila o mundo a sua maneira sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função da criança lhe atribuiu.

Jean Piaget

Nesta seção as minhas narrativas dizem respeito à minha infância, no tocante ao meu processo de alfabetização. Além de narrar sobre as brincadeiras e peraltices vivenciadas com alegria. Narrar sobre a minha infância na posição, na qual me encontro atualmente, é inevitável não trazer os teóricos da educação para fundamentar essa fase da minha vida.

Fui alfabetizada pelo Método da Cartilha do ABC¹ (Figura 1), um método para ensinar a ler e a escrever. Isto significa saber codificar e decodificar as palavras. Este recurso didático era composto de consoantes e vogais, dessa forma, era orientado para nos apropriarmos de um conceito, termos foco na primeira letra desse, por exemplo, "a" abraço, "c" cachorro. Ou seja, o ensino-aprendizagem se dava mediante o Método Fônico.

A figura 2 corresponde a imagem do meu diploma do Jardim de Infância.

¹ Obra tão própria para as escolas como para uso das famílias, inteiramente refundida e aumentada de várias lithographias. Antonio Feliciano de Castilho. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. [A 1a. edição é, provavelmente, de 1850. Em 1855, Antonio de Castilho veio ao Brasil divulgar seu "Método" de alfabetização.

Figura 1 - Cartilha do ABC



Fonte: Acervo da Internet

Figura 2 - Diploma do Jardim de Infância



Fonte: Acervo da autora, 1979

O brincar é uma importante forma de comunicação e de interação, por meio de atividades lúdicas, a criança reproduz seu cotidiano, de modo que a ludicidade pode contribuir com suas aprendizagens e desenvolvimento. Atividades essas que precisam estar relacionadas aos objetivos claros para este fim, o brincar estimula a reflexão, a autonomia e a sua criatividade, sobretudo, a socialização.

Independentemente do método ou metodologia que contribua com as aprendizagens e desenvolvimento das crianças, compreendi mediante às aulas no curso de Pedagogia que a ludicidade deve ser compreendida como uma das mais importantes estratégias didático-pedagógicas para ensinar às crianças. Compreendo que antes mesmo de se pensar em método (s) para ensinar a ler e a escrever, é imprescindível refletir sobre a importância de se conhecer o contexto pelos quais as crianças estão incluídas e diferentes estratégias didático-pedagógicas para este feito. Para então, pensar-se em um planejamento inclusivo.

Segundo Sebra e Dias (2011), nos primeiros séculos de ensino de leitura e de escrita, havia a predominância de instruções denominadas sintéticas. O método mais usado era o alfabético, iniciado com o ensino das letras e seus nomes, assim, o método fônico, que propõe o ensino sistemático e explícito das correspondências entre letras e sons, nasceu provavelmente no século XVI, com educadores alemães.

As autoras destacam que esta proposição à alfabetização ensina, como parte fundamental da sua prática, as correspondências grafofonêmicas, ou seja, entre as letras e seus sons. “Segundo esse método, seria mais econômico ensinar a palavra como um todo

às crianças, sem focalizar unidades menores (Sebra; Dias, 2011, p.1). Assim, era preconizado o ensino direto das associações entre as palavras e seus significados.

Refletido sobre esse tema, lembro-me de professores que lecionaram em nossa turma esse conteúdo, nos levavam a refletir sobre a importância de conhecermos os diferentes métodos ou concepções de alfabetização, pois cada um deles apresenta potencialidades e limitações, por esta razão, entendo a importância de conhecer a realidade na qual estarei para esta função: ensinar crianças a ler e a escrever. Além de nos apresentar essa concepção de alfabetização, esses profissionais nos proporcionaram conhecer outras, como por exemplo, as de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1990) e de Magda Soares (2016).

Ferreiro e Teberosky (1990) explicitam que, embora a escrita seja concebida como sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, nas aprendizagens de conceitos, mas se a escrita é concebida como código de transcrição, as aprendizagens são concretas, como a aquisição de uma técnica. Já Soares (2016) critica o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), o qual recomenda a utilização do método fônico na alfabetização com a justificativa de ser o único método baseado em evidências científicas.

Embora diversos outros métodos de alfabetização tenham surgido, destacam Sebra e Dias (2011), que um grande debate tem ocorrido entre o método fônico, de um lado, e o método global, de outro lado. Tal debate, deslindam as autoras, tem ocorrido já há algumas décadas internacionalmente e, no Brasil, tem se intensificado nos últimos anos.

O processo de alfabetização mudou muito, se pensarmos nos últimos vinte anos com as novas tecnologias, o comportamento das crianças também mudou, em articulação a isso, também mudou a forma de aprender, e o modo de ensinar uma criança a ler. Com esse conhecimento internalizado, já me vejo planejando as minhas aulas pensando no contexto da criança e em qual (is) método (s) posso me embasar para ensinar.

Com o avanço nos anos 2000, por exemplo, argumentam Aragão e Moraes (2020), as crianças agora podem ter acesso a livros, jornais, revista em quadrinhos, dentre outros gêneros. Com este novo contexto no processo de alfabetização, vimo-nos com novas ferramentas tecnológicas – as digitais: celulares, tablets, computadores, de maneira que ficou mais fácil acessar a informação, tornando a leitura mais dinâmica.

Quanto ainda tenho que aprender sobre o uso das tecnologias digitais para fins didático-pedagógicos! As crianças já se utilizam dessa ferramenta para diversas situações

cotidianas, a exemplo disso, o uso dos celulares. Refletindo sobre os interesses das crianças na atualidade, nativos digitais, preciso pensar nessa ferramenta para ensinar e articular com aquelas que não são digitais em conjunto com metodologias que possibilitem o protagonismo desses sujeitos.

Aragão e Moraes (2020) revelam que em suas pesquisas sobre alfabetização, os dados obtidos sugerem que não faria sentido torturar crianças, obrigando-as a pronunciar os fonemas isolados de cada palavra, bem como não haveria ganhos especiais em fazê-las adicionar ou subtrair fonemas de palavras nem em fazê-las ouvir fonemas soltos para “juntá-los”, reconstituindo uma palavra real. As evidências prévias obtidas por Aragão e Moraes (2013), ao realizarem a análise do baixíssimo desempenho em relação às aprendizagens de crianças (já com hipótese alfabética), ao responder atividades em que eram utilizadas “pseudo palavras”, também atesta o pouco uso desse tipo de recurso didático, supostamente sofisticado, afirma os autores.

Como alternativa a tais “treinamentos” de habilidades exclusivamente fonêmicas, estudos realizados em nosso país (cf. Moraes; 2012, Moraes; Albuquerque; Brandão, 2016) têm demonstrado o quanto o emprego de atividades lúdicas, envolvendo jogos (Brasil-MEC, 2009) ou cantigas e outros textos poéticos da tradição oral, pode fazer com que uma alta proporção de aprendizes chegue a uma hipótese alfabética, no último ano da educação infantil (Aragão; Moraes, 2020, p. 32).

Ao refletir sobre as minhas aprendizagens em leitura e escrita, no sentido de como elas foram concebidas e ao relacionar ao contexto atual, percebo mudanças e assim compreendo que é possível buscar as nuances de cada um desses métodos, abstraindo suas potencialidades, de modo a ter como principal referência para ensinar a criança a ler e a escrever, conhecer o universo desta, seus interesses, seus desejos. Diferentemente, de como fui alfabetizada, ou seja, havia palavras que não conseguia compreender pelo fato de não saber qual objeto ela representava, pois esse ainda não fazia parte como imagem mental.

3 LEMBRANÇAS DO PROJETO CASULO

Não sou o que fui ontem,
 Não serei como querem no amanhã.
 Todas as noites medito em meu casulo, para
 amanhecer, transformada em uma nova e diferente
 borboleta.
MC Beth

Venho relatar nesta seção, lembranças da minha infância quando iniciei a minha vida escolar, na escola modelo Instituto Presidente Kennedy no ano de 1977, no *Projeto Casulo*. Lembro-me que foi uma época muito feliz, nesta escola. Até hoje me recordo de uma casinha de boneca onde íamos brincar na hora do recreio, nela tinha geladeira, fogão, panelinhas, mesinha e várias bonecas.

Ao relembrar esta fase da minha vida para escrever e durante a escrita, o meu olhar já de uma pedagoga, de uma professora que pode se utilizar desses objetos para que as crianças possam aprender e se desenvolver. Posso me utilizar dos brinquedos, na perspectivas de brincadeiras e de jogos, mexer com o imaginário das crianças mediante a ludicidade. Esta ludicidade permitia o desenvolvimento da afetividade entre eu, meus colegas e a professora, corroborando com Wallon (1986), quando destaca sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento saudável da criança.

[...] o que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além desta atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. [...] Brincar, jogar, agir ludicamente exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente ao mesmo tempo (Luckesi, 2002, p. 21).

Pensar em atividades lúdicas é remeter-me a brinquedos, jogos e brincadeiras que vivenciei com os meus filhos e nos espaços escolares. Por meio da ludicidade percebi as aprendizagens e desenvolvimento acontecendo com os meus filhos e as crianças da instituição escolar, na qual lecionava.

Conforme Melo (2020), o *Projeto Casulo* foi criado no ano 1977 pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) e tinha como um dos principais objetivos possibilitar o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Kuhlmann Jr. (2000) revela que além desse objetivo, havia outros subjacentes como, por exemplo, evitar que as famílias pobres, especialmente, as crianças morressem de fome e ingressassem na marginalidade, sendo este último aspecto destacado por Rosemberg (2006, p. 152), quando a autora afirma que o pensamento na época era o de que “os pobres poderiam ameaçar a segurança nacional”.

Este aspecto também é reiterado por Freitas, quando assegura que:

O programa de educação pré-escolar de massa – o Projeto Casulo – foi implantado em 1976 pela LBA, órgão federal de assistência social. A LBA havia sido criada em 1942, associada ao esforço de guerra, como órgão de

apoio aos pracinhas e suas famílias. Considerada como criadora e criatura do serviço social no Brasil, a LBA desenvolveu, até a implantação do Projeto Casulo, uma série de programas destinados à maternidade e à infância, localizados, não extensivos, com base no voluntariado (2003, p. 151).

Durante os anos da Ditadura Militar, por exemplo, em 1977, sob os governos dos Generais Geisel e Figueiredo, visando atingir expressivos contingentes de crianças e famílias das periferias urbanas, o projeto se constituiu como modelo de prestação de serviços simplificados por meio de convênios com entidades sociais. O atendimento nas creches-casulo foi conceituado como assistência integral que visava, segundo órgão Federal, assistência a crianças, não só no aspecto alimentar, mas de saúde, higiene e Educação. Além disso, tinha como objetivo envolver a família com participação direta no atendimento.

A renda *per capita* foi reconhecida como insuficiente, pela própria instituição Federal, essa assistência ficou com a LBA. O envolvimento da comunidade, o implicou em um trabalho voluntário de mulheres carentes e de encargos pesados para a entidade beneficentes ou comunitárias que se organizavam para prestar o atendimento direto (Vieira e Melo, 1987).

O projeto se constitui como modelo de prestação de serviços, ditos simplificados por meio de convênios com entidades sociais e municípios, que para se consumir propugnavam a participação comunitária, o uso de "espaços ociosos", o trabalho voluntário e sub-remunerado de mulheres do povo, o engajamento empresarial. Este projeto foi adotado posteriormente por municipalidades brasileiras, supõe-se que o modelo incitou o avanço de creches comunitárias no contexto de Redemocratização da sociedade brasileira, configurando movimentos por luta por convênios pela ação direta dos poderes públicos na criação e financiamento.

Diante do exposto, reflito que o *Projeto Casulo* exerceu um papel importante no tocante à oferta do atendimento voltado para as crianças e sua educação no Brasil, bem como evidenciou a necessidade de se pensar na atualidade, que ainda temos muitas crianças com idade para a Educação Infantil fora do espaço escolar. Portanto, como estudante de Pedagogia posso inferir sobre a necessidade de implantação e implementação de Políticas Públicas em prol da Educação Infantil.

4 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: AMIZADES INESQUECÍVEIS, MOMENTOS DESAFIADORES COM LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA

A adolescência é entendida como uma passagem que, liga nada, a lugar nenhum, mas possibilita novas combinações e composições que levam a mecanismo complexos.

Sigmund Freud

Neste texto relato sobre momentos vivenciados na minha adolescência e na minha juventude, aqueles que são inesquecíveis, desafiadores, vividos com liberdade, responsabilidade e consciência na Educação Básica. Sendo estes tão importantes para me constituir mais forte e perseverante como pessoa, mãe e profissional. Não tem como escrevê-los sem trazer o meu olhar do presente, olho para o passado já com a visão do agora, com o pensamento então constituído de concepções que conheci e aprendi no curso de Pedagogia no Instituto Kennedy.

Iniciei meus anos finais do Ensino Fundamental no ano de 1985, na Escola Estadual Manoel Vilaça, situada na rua Miguel Castro, 133, Lagoa nova, em Natal, no Rio Grande do Norte. Sempre fui atenciosa nas aulas, lembro-me que antes das aulas tínhamos que ir para a frente da escola, ficávamos enfileirados para ver o hasteamento da Bandeira do Brasil e cantávamos o Hino Nacional.

Nesta época da minha vida estudantil, os professores eram vistos como os únicos detentores do saber, ensinavam por meio do método tradicional², aquele que nos levava a decorar e a responder o que estava escrito nos livros, não éramos estimulados a pensar criticamente, muito menos ter uma visão mais reflexiva em relação à realidade. Com esse comportamento dos professores, tínhamos muito medo deles, não éramos respeitados, no sentido de podermos opinar em qualquer situação. Nesta época, os estudantes desta escola, em sua maioria não terminavam o ano letivo e o índice de reprovação era muito alto.

Nos anos de 1980 e 1990, o ensino era marcado por um modelo da pedagogia tradicional, compreendi por meio dos estudos no curso de Pedagogia que esse tipo de

² A pedagogia tradicional foi um dos primeiros métodos de ensino-aprendizagem surgidos na história recente, por isso recebe o nome “tradicional”. O estudante não é considerado um sujeito ativo no processo de aquisição de conhecimento, mas alguém que deve aprender com o professor, este sim, é a figura central no processo de ensino-aprendizagem.

ensino era denominado de behaviorismo, ou seja, centrado no comportamento mediante estímulo-resposta. Segundo Tourinho (2007) os manuais de Psicologia revelam que o behaviorismo é uma escola de pensamento na Psicologia, inaugurada por John B. Watson (1878-1958), com seu manifesto de 1913 (Watson, 1913/1994).

Essencialmente, afirma o autor, que essa escola se caracterizava pela proposição do comportamento como objeto de estudos da Psicologia, pela ideia de continuidade entre as espécies e pela adoção dos métodos de investigação das ciências naturais: observação e experimentação. Ou seja, foi a forma como eu fui educada na escola, não era dado a nós estudantes a oportunidade de se expressar livremente, de expor os nossos pensamentos, as nossas ideias, era um ensino mecânico, de repetição.

Lembro-me de tantos questionários com as respostas prontas eu tinha que decorar para a prova. Ao rememorar esta fase da minha vida, lembrei-me de diferentes componentes curriculares que estudei no curso de Pedagogia, dentre eles *Psicologia da Educação* e *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*, além de *Didática*. Tínhamos professores incríveis para ministrar cada componente curricular.

Esses professores articulavam seus conteúdos ao uso das tecnologias digitais em parceria com metodologias que nos colocavam como sujeitos da própria aprendizagem, o que nos permitia compreender melhor os conceitos e procedimentos dessas ciências. E assim, reconhecer que a Pedagogia Tradicional não responde à realidade educacional da atualidade, embora eu reconheça (atenção que eles pediam) que há alguns elementos dessa concepção que possam ser dialogados com tais metodologias. Por exemplo, por vezes, esses professores se utilizavam da aula expositiva, quando observavam que nós ainda não tínhamos construído repertório para compreender.

Com base na Constituição Federal Brasileira de 1988 (Brasil, 1988) são elaboradas: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394 (Brasil, 1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais – DCN (Brasil, 2013), as quais estabelecem que as escolas devem incluir em seus currículos o uso das tecnologias digitais e metodologias que coloquem os estudantes como protagonistas. Quando os professores do Kennedy, assim o fizeram, senti-me mais ouvida e com liberdade para pensar e desenvolver as atividades de estudo e, assim, compreender aquele conteúdo que ainda não conhecia.

Nos textos desses documentos, observamos que o uso dessas ferramentas tecnológicas para fins pedagógicos aliados às metodologias que permitam os estudantes aprenderem, além de permitir o desenvolvimento da autonomia dos deles. Nesses

documentos já percebíamos um movimento para que a realidade pudesse ser entendida dessa forma. Assim, os holofotes já começavam ser direcionados para os estudantes. Afinal, como determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais – DCN (Brasil, 2013): “a realização de parceria com órgãos, tais como os de assistência social, desenvolvimento e direitos humanos, cidadania, ciência e tecnologia, esporte, turismo, cultura e arte, saúde, meio ambiente.” (Brasil, 2013, s/p.). Iniciava então, o movimento em relação à valorização do estudante, compreendendo-o como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, diferentemente do behaviorismo.

De acordo com as DCN (Brasil, 2013), os currículos devem ser flexíveis, respeitando-se o contexto de vivência dos estudantes, incluindo-os nesses conhecimentos e cultura. Baseando-se em Moreira e Candau (2006) este documento diretriz apresenta diversas definições atribuídas ao currículo, a partir da concepção de cultura como prática social, ou seja, como algo que, em vez de apresentar significados intrínsecos, como ocorre, por exemplo, com as manifestações artísticas, a cultura expressa significados atribuídos a partir da linguagem. Ou seja, o estudante deve ser compreendido como sujeito histórico.

Para esse fim, tendo aprendido sobre esse conteúdo, faz-se necessário que as atividades curriculares nas escolas sejam permeadas pelas relações sociais e culturais, buscando a interlocução com vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades desses sujeitos. Hoje, tenho este conhecimento devido às aulas no curso de Pedagogia, pois este me fez compreender a importância de conceber o estudante como protagonista de suas aprendizagens, o que não acontecia na época em que estudei na Educação Básica.

E assim, fui me formando, aprendendo e me desenvolvendo como Vera, uma estudante e profissional, reconhecendo as minhas necessidades formativas, e vendo o quanto tenho avançado nesse sentido, principalmente, quando rememoro a minha infância, passando pela juventude, e atualmente, quase pedagoga. Consigo olhar para esse passado já com o pensamento ressignificado. Aquela adolescente e jovem introvertida, de poucos amigos, que cursava os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio consegue atualmente observar a realidade vivida no passado com o olhar do presente, com conhecimentos internalizados no curso de Pedagogia.

Para Souza:

[...] apreender a formação como uma atividade centrada no sujeito tem se configurado como um paradigma que possibilita mergulhos e reflexões sobre o vivido, ao possibilitar aproximações sobre lembranças, histórias

e representações sobre as aprendizagens e discursos pedagógicos construídos no espaço escolar (2010, p. 446).

Escrevendo sobre essas memórias, mais uma vez me vejo aprendendo, pois ao materializar meus pensamentos nessas laudas, compreendo que o Memorial de Formação também se constitui como um recurso e uma estratégia didático-pedagógica que contribui com a nossa aprendizagem e o reconhecimento das nossas necessidades formativas.

Com os conhecimentos que internalizei no curso de Pedagogia sobre afetividade, por exemplo, quando estudamos as concepções de Wallon (1986), compreendi que o professor afetivo é aquele que acolhe o estudante, trabalhando com atividades que lhes estimule o desejo por aprender, portanto, a afetividade para este teórico se constitui como um dos principais fatores contributivos para o desenvolvimento saudável de uma criança. Afetividade sentida com alguns colegas de turma.

Lembro-me de cinco amigos, Fabinha, Adriana, Ninho, Carlinhos e Jarinho. Sempre estavam comigo, eram amigos fiéis. O nosso ponto de encontro era em frente à minha casa, lá, nos sentávamos em cadeiras em frente à rua. Conversávamos sobre tudo: escola, festas, passeios, eram momentos felizes e de muita descontração. Mas, tinha hora certa para entrar em casa, mesmo assim aceitávamos sem questionar, pois sabíamos que no outro dia iríamos nos encontrar. Éramos conscientes das nossas responsabilidades e até onde poderíamos ir.

Essa fase da vida é muito desafiadora, principalmente, a adolescência, transformações no corpo e na mente, inseguranças, aceitação ao se olhar no espelho. Aprendi com os discursos dos professores que lecionaram Psicologia no curso de Pedagogia que a adolescência consiste em uma das etapas do desenvolvimento humano que se caracteriza pelas complexas alterações psíquicas e sociais. Há um turbilhão de mudanças que ocorre em nós, passamos a ter uma nova visão do mundo e de si, de redefinir seu comportamento, social, sexual, ideológico e profissional.

Com essas vivências, aprendi que nesta fase passamos por momentos desafiadores, dúvidas e questionamentos sobre nós e a vida, tentamos compreender em que lugar do mundo ocupamos, quem realmente somos e o que gostamos. Das amizades e conquistas tenho boas lembranças até hoje de confiança e companheirismo, momentos esses que não voltam mais.

5 EU, MINHA FILHA E MEU FILHO: JUNTOS NA CONQUISTA DA FORMAÇÃO SUPERIOR

*Educação e vida, um vento libertador seguindo em
todas as direções. Porque a dinâmica da vida nos cobra,
exige de nós a cada dia uma nova ação.*

Bárbara Melo

As narrativas que relato nesta seção dizem respeito a momentos vividos com a minha filha, Caroline, e o meu filho, Artur, pois é uma honra narrar sobre nós três, conquistando o Ensino Superior.

Durante a minha vida como estudante estar em uma sala de aula de uma instituição de Ensino Superior era um sonho distante para mim. Conclui meu Ensino Médio na Escola Estadual Presidente Kennedy – Natal/RN, no ano de 1994, depois de vinte anos me vi desafiada a voltar a estudar. Confesso que fiquei muito feliz, mas também com muito receio, pois era tudo novo.

Ao ser aprovada em 2014 na seleção para o curso de Licenciatura em Pedagogia, no Instituto de Educação superior Presidente Kennedy – IFESP, uma instituição renomada no tocante à formação de professores do Estado do Rio Grande do Norte, ficava pensando em como enfrentar esse novo desafio! Ter que superar as provocações intelectuais que porventura iria enfrentar, novos amigos, opiniões divergentes, conhecimentos diversos, alegrias e tristezas andavam juntas, era uma mistura de sentimentos.

Em alguns momentos durante o processo formativo pensei que não iria conseguir, mas sempre tinha aquelas amigas que sempre chegavam com palavras de apoio e acolhimento, pois era a realidade de muitos ali presentes que também buscavam o Ensino Superior, com desafios a superar, um deles como o meu: o tempo distante da sala de aula. Mas, estávamos todos juntos pelo mesmo objetivo: concluir o Ensino Superior.

Foram os quatro anos da minha vida de muita resiliência e fé, sempre que pensava em desistir, refletia em relação aos meus filhos, pois queria ser uma incentivadora para eles e lhes mostrar a importância do conhecimento, mediante à formação superior.

Dizer que foi fácil, jamais! Mas, foi e é gratificante, saber que você, apesar das suas dificuldades e adversidades, pode sonhar e conquistar o que está proposto a realizar, desde que tenhamos perseverança e objetivos na vida, além de disciplina em sua rotina de estudo.

As aprendizagens durante todo o curso foram e são de grande relevância para a minha vida profissional. Os componentes curriculares que fazem parte da matriz curricular do curso se relacionaram entre si, permitindo a compreensão dos teóricos estudados que são referências para nossa vivência no âmbito profissional, no qual vamos trabalhar.

Os componentes curriculares que constitui a matriz curricular do curso foram relevantes no meu processo de formação, pois, pude vivenciar nos seminários que participei e nos estágios que realizei, a prática didático-pedagógica. Minha formação acontecia paulatinamente, mediante às leituras orientadas, às conversas com os colegas, às explicações dos professores. Assim, os meus conhecimentos se aprofundavam quando eu preparava os seminários, por exemplo, pois por meio deles externalizava as minhas aprendizagens, ouvia a minha voz, olhava os slides e assim, percebia que internalizava aqueles conhecimentos que apresentava em sala de aula.

Vygotsky (2005) revela que nós aprendemos do plano social para o plano individual, mediante à interação com o outro. Assim, na medida que eu falava e ouvia a mim mesma, aos colegas, aos professores durante esse processo, lembrava da concepção desse autor sobre como nós aprendemos. Ou seja, aqueles conhecimentos que ainda não faziam parte da minha estrutura mental, paulatinamente, instalavam-se.

Na sala de aula aos poucos venci desafios dos trabalhos, leitura de textos e pesquisas com a orientação dos professores. Recordo-me do primeiro ano do início do curso, tudo era novo para mim, o meu primeiro contato numa sala de aula como estudante universitária estava acontecendo. Esses momentos de incertezas e conflitos serviram de reflexão, aprendizado e amadurecimento pessoal ao enfrentar obstáculos, que é representativo e tem importância na minha vida, pois, por meio deles, percebia que me desenvolvia pessoal e profissionalmente.

Um dos desafios que enfrentei para concluir o curso foi o deslocamento para chegar à instituição, pois moro na Zona Sul de Natal e a referida instituição está localizada na Zona Oeste, com uma distância de 7,91 km. Portanto, dependia de dois ônibus para chegar ao meu destino. O retorno para casa era ainda mais difícil, chegava muito tarde (à noite), mesmo assim, não desisti, continuei com foco e determinação no meu propósito: me formar pedagoga.

Os Componentes Curriculares que estudei durante o curso foram e são importantes para meu crescimento educativo e profissional. Educativo, pelo fato de ter me permitido

internalizar novos conhecimentos que hoje faz parte da minha vida; profissional, porque compreendo que são inerentes a minha profissão, o que constitui a minha competência técnica, científica, didática, pedagógica e política.

Apresento alguns Componentes Curriculares que foram significativos para mim: *Pesquisa e Prática Pedagógica* (I a VIII), foi de grande relevância para nossa prática docente, pois me permitiu refletir sobre o professor que queremos ser e como podemos trabalhar em sala de aula. Ou seja, se formar um professor pesquisador da nossa prática, identificando situações-problema referentes à nossa atividade docente, buscando a resolução, mediante à relação teoria-prática, de modo a contribuir com as aprendizagens dos estudantes.

Galizzi (2003) nos revela que educar pela pesquisa, implica trabalhar em sala de aula com o ensino por investigação e, assim, desenvolver nos estudantes, o pensamento teórico, procedimental e atitudinal em relação à realidade. De tal forma, que eles possam mobilizar os conhecimentos científicos para resolver situações no contexto real com consciência e refletividade, o que apregoa o texto da Base Nacional Comum curricular – BNCC (Brasil, 2017), com base nas ideias de Gimeno Sacristán (2011).

Saber relacionar teoria e prática de modo reflexivo e crítico contribuiu para que se desenvolva o olhar de pesquisador para poder avaliar sua prática, de maneira crítica e reflexiva. As mudanças constantes no mundo requerem de nós futuros professores um grande desafio: formar cidadãos para que possam exercer de fato a cidadania, ou seja, ter a consciência dos seus deveres e direitos perante a sociedade. Como revela Freire (1979), não é suficiente a consciência, mas a conscientização, ou seja, é imprescindível colocar em ação a consciência crítica e reflexiva para resolver problemas da sociedade, pensando e atuando para a coletividade.

Portanto, esse pensamento de Paulo Freire, deve se constituir como conhecimento inerente a nossa profissão para que possamos ensinar aos nossos estudantes. E assim, permitir a eles, o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e emancipador. O ensino tradicional, aquele que muito tempo foi assumido pelos professores, e ainda, perdura em sala de aula, não dá mais conta na atualidade, como defende Freire (1979), é necessário incluir nas atividades da docência, o ensino problematizador. É importante considerar que deveremos desenvolver um novo olhar em relação a como ensinar, nos formarmos para sermos professores pesquisadores da nossa prática. Um professor reflexivo em relação ao fazer pedagógico (Schön, 2000).

Maciel Leão (1999) nos esclarece que o ensino tradicional se fundamentou na filosofia da essência, de Rousseau, passando à pedagogia da essência (Saviani, 1991). Tal pedagogia, acrescenta a autora, acredita na igualdade essencial entre os seres humanos: “a de serem livres, e essa igualdade vai servir de base para estruturar a pedagogia da essência respaldando o surgimento dos *sistemas nacionais de ensino* [...]”. A autora, nos revela que esses ensinamentos foram fundamentais para proporcionar a escolarização para todos.

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, quando, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática (Saviani, 1991. p.54).

Freire (1996) nos revela que não há ensino sem pesquisa, sendo assim, a pesquisa como princípio educativo e científico como apregoa Demo (2006) deve se constituir como conhecimento inerente a nossa profissão. Ensinando e pesquisando me permito aprender e desenvolver a consciência crítica em relação à minha profissão. Ensino porque compartilho o desconhecido com o estudante, de modo que através da minha prática, permito ao estudante buscar respostas, por meio da pesquisa.

Pesquiso a minha prática porque busco, indago o pensamento do outro e me indago no que se refere ao fazer pedagógico (Freire, 1996). Pesquiso para contatar, constando intervenho, intervindo, educo e ao mesmo tempo me educo. Ensino e pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Sendo assim, o Componente Curricular Pesquisa e Prática Pedagógica nos permite pesquisar a nossa prática, de modo crítico, reflexivo e criativa.

O Componente Curricular “Didática Geral” tem grande relevância no processo formativo e de ensino-aprendizagem, pois auxilia o docente a elaborar e desenvolver metodologias que favoreçam o desenvolvimento de habilidades cognitivas, procedimentais e atitudinais, contribuindo com o processo de aprendizagem-aprendizagem dos estudantes.

Uma didática atrativa significa, criar condições para o estudante desenvolver o interesse em aprender, e permanecer no espaço educativo, seja a sala de aula ou externo a ela. Esse se constitui como um dos desafios para os professores. Ensinar na contemporaneidade é um desafio para o professor, pois ele precisa está formado para

responder as novas situações de aprendizagens que se enunciam diariamente, no contexto escolar.

Observo na escola que o estudante não mais se adequa exclusivamente com aulas expositivas, sem diálogo, sem provocações intelectuais e procedimentais, sem lhe permitir expressar a sua opinião. Vivemos em uma realidade desafiadoras, em que se expressa diante de nós situações-problema diversas, dentre elas, as questões climáticas, as notícias falsas, entre outras. Por exemplo, estamos vivenciando o mundo das tecnologias digitais, nossos estudantes diariamente estão conectados, seja mediante o *WhatsApp*, o *Instagram*, o *Facebook*, dentre outros meios de comunicação.

Mas, ainda não é a realidade para todas as escolas utilizarem essas ferramentas como favorecedoras do ensino-aprendizagem, esse fato se deve a vários fatores, como por exemplo, o não acesso à maioria delas. As tecnologias digitais podem ser utilizadas em articulação com o ensino problémico, ou seja, ensinar se utilizando da pesquisa como princípios educativo e científico, como defende Demo (2006).

O autor argumenta que deve haver desmistificação entre a separação ensino e pesquisa, esta possibilita divisão entre professores que apenas ensinam e aqueles que apenas pesquisam. Considerando que o saber está naturalmente em interlocução com interesses sociais, Demo (2006) reitera que pesquisar implica influenciar a prática, ou seja, quem ensina deve pesquisar.

Assim, é necessário que desde a formação inicial da docência, as metodologias para esse fim estejam presentes na sala de aula, para que talvez, os estudantes compreendam a importância desse pensar didático-pedagógico para ensinar. Se não houve esse direcionamento, que o faça na formação continuada.

Freire (1996) em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, revela que o ensinar exige segurança e competência profissional, com responsabilidade metódica, tanto no estímulo da capacidade e atitudes éticas. Segundo o autor, são necessárias propostas de práticas pedagógicas como forma de desenvolver a autonomia dos estudantes, valorizando e respeitando sua cultura e os conhecimentos por eles internalizados.

O componente curricular *Educação Especial* foi e é de grande relevância para mim, pois os conhecimentos apresentados mediante a ela, sobre esse conteúdo e vivências, possibilitou que eu tivesse mais certeza da importância da inclusão de pessoas com deficiência, de que elas também estejam no contexto escolar.

A Educação Especial e inclusiva faz parte da nova escola contemporânea, ou seja, sempre fizeram parte, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9.394 de 1996 determina que a escola deve ser inclusiva, deve respeitar a diversidade. As Políticas Públicas Educacionais devem garantir o acesso desses estudantes à escola.

A Educação Especial é uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação (Redação dada pela Lei nº. 12.769/2013, art, 58). Esta alterou a LDBEN citada anteriormente.

E com muito orgulho que venho relatar minha experiência em família. Juntos, eu, Caroline e Artur na jornada do conhecimento. Um caminho que não é fácil diante das adversidades da vida, mas com um único objetivo: concluir a faculdade para almejar voos mais altos, na realização pessoal e profissional. É apenas o início de uma caminhada para realização de sonhos e projetos. Acredite em você e não deixe que ninguém o faça duvidar do seu potencial.

Internalizei esses conhecimentos no curso de Pedagogia e ao mesmo tempo que aprendia, acompanhava a formação superior dos meus filhos. Ora estava ali, diante deles, orientando para esses feitos, ora eles me ajudavam na formação de nível superior. Quantas vezes recorri a eles, em relação a me ensinarem sobre tecnologias digitais. Momentos que se constituíram singular em nossas vidas.

Com o meu olhar como quase pedagoga, realizava algumas intervenções no tocante às suas atividades acadêmicas. Que gratidão estarmos vivendo esse processo juntos, sinto-me feliz por estar conduzindo-os no melhor caminho que é a transformação de vida. que começa pela educação.

6 MINHA VIDA PROFISSIONAL EM ENFERMAGEM: UM OLHAR HUMANIZADO PARA O OUTRO

*A Enfermagem é uma arte, para realizá-la como arte,
requer uma devoção tão exclusiva, um preparo
rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor.*

Florence Nightingale

Estimados leitores, continuo a contar sobre as minhas memórias, narrativas sobre a minha vida profissional, a qual por fazer parte da minha essência, meu olhar para o outro sempre será humanizado e criterioso.

Desde muito jovem gostava de cuidar de pessoas, tinha sempre um olhar de acolhimento, como até hoje, eu sou assim. Tenho uma irmã, Maria de Lourdes que trabalhava em um hospital como auxiliar de enfermagem. Sempre a via sair toda de branco e ficava observando.

Certo dia, ela me perguntou se eu tinha vontade de fazer o curso, eu não sabia o que responder naquela hora, mas disse que ia pensar. Eu ficava com meus sobrinhos para ela trabalhar. Foi então que ela me revelou que custeava o curso para mim, caso eu quisesse, aceitei e comecei a estudar na Escola de Enfermagem Potiguar, no ano de 1991, situada na rua Fonseca e Silva, no bairro de Alecrim, em Natal, no Rio Grande do Norte.

Sou grata a minha irmã por ter me incentivado a realizar este curso, no qual me profissionalizou e abriu oportunidades de emprego. Foram momentos desafiadores que pensei que não conseguiria concluir. Os estágios foram bem complexos, pois exigia relacionar a teoria a prática, mas consegui concluir.

Os Componentes Curriculares, os quais me identifiquei foram: *Materno Infantil, Urgência e Emergência*, os quais eu tenho a minha experiência profissional até hoje. Após o término do curso, ocorrido no ano de 1992, consegui meu primeiro emprego no hospital Infantil Varela Santiago, situado na Avenida Deodoro da Fonseca, centro Natal, Rio Grande do Norte.

Trabalhava no período da manhã, seis horas por dia, o setor que trabalhei no início foi com crianças prematuras (em incubadoras). Era muita responsabilidade cuidar de vinte crianças graves sozinha, foi desafiador para mim. Mas aos poucos fui me adaptando à minha realidade profissional.

Depois, fui para outro setor do hospital, com crianças maiores, com idades de cinco a dez anos. Já com essas era bem melhor de se trabalhar, tinham mais autonomia, tenho boas recomendações. Lembro-me que após as minhas atribuições no setor como técnica de enfermagem, reunia as crianças que estavam melhor realizava contação de histórias para elas. Quando começava a ler, sentia que esses momentos para elas, eram mágicos, estavam num ambiente adverso, longe da família ou responsáveis.

O hospital disponibilizava de recursos materiais diversos, entre eles, bonecos de fantoche, mediante esse recurso, eu contava histórias, utilizando um biombo, que é um

objeto para dividir os leitos de internação, otimizando, reconfigurando um ambiente, proporcionando dessa forma, maior privacidade e conforto aos pacientes.

Ao vivenciar experiências no hospital, comecei a entender por que eu gostava de ajudar às pessoas, pois me sentia (e ainda me sinto bem). Foram anos de muito aprendizado e experiências vividas, boas e ruins, como por exemplo, a perda de pessoas (me sentia impotente).

No ano de 1996, prestei concurso para a Secretaria Municipal de Saúde, em Natal/RN, para o cargo de auxiliar de enfermagem, na época. Recordo-me de realizar as provas no mês de janeiro do mesmo ano. Fiquei ansiosa para saber o resultado. Para minha felicidade, fui aprovada entre os primeiros colocados. Sou grata a Deus por ter obtido esta graça.

No mês de julho do mesmo ano, fui convocada para me apresentar com meus documentos e o diploma do curso. Além desses, os médicos, realizei exames para minha admissão. Foi um processo feliz para mim, pois consegui esta oportunidade com apenas 23 anos de idade.

Apresentei-me no Hospital Giselda Trigueiro, instituição situada na rua Cônego Monte, nº 110, no bairro das Quintas, Natal/RN. Fui encaminhada para o setor de Recursos Humanos – RH. Direcionaram-me para trabalhar na Urgência e Emergência. Foram espaços hospitalares desafiadores, pois estávamos vivenciando a Pandemia da Cólera. O hospital era e continua sendo referência para atender a pacientes com doenças infectocontagiosas, esse se constituiu como um período severamente crítico e bastante cansativo.

Durante a minha trajetória profissional, tenho convicção de que escolhi a profissão certa, sinto-me realizada, apesar das dificuldades encontradas no caminho, não só a profissional, mas na assistência aos pacientes. Diante das situações que vivenciava nesse ambiente, preocupava-me. Dentre elas, a infraestrutura e o atendimento apenas técnico realizado por alguns profissionais. É necessário se pensar em implementar Políticas Públicas de Saúde que se considere maior compromisso com esta esfera: a saúde das pessoas carentes.

Ademais, um olhar mais humanizado, principalmente, dos médicos e de outros profissionais da saúde que não atendem com afetividade. Enuncio essas memórias embasadas nas minhas experiências do dia a dia de trabalho nesse hospital. São trinta anos de profissão, a qual brevemente me despedirei com a minha aposentadoria, mas com

a certeza da minha contribuição para a sociedade, como profissional e pessoa. Sentirei saudades dos pacientes e amigos, mas tenho gratidão, agradeço a Deus por ter permitido vivenciar esses momentos.

Escrevo essa trajetória da minha vida atualmente, concluindo o curso de Pedagogia, defendo a inclusão de pedagogos no espaço hospitalar, aqueles que atendem crianças e adolescentes. Um pedagogo nesse espaço, contribuirá significativamente para as aprendizagens e desenvolvimento dos estudantes que precisem ficar longos períodos no hospital.

7 O CURSO SUPERIOR: APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA PARTILHAR COM O OUTRO

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.

Cora Coralina

Materializar minhas memórias nesse escrito sobre o Ensino Superior que estou concluindo no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, uma instituição formadora de referência no Estado do Rio Grande do Norte, é relembrar de leituras que realizei junto com os colegas e vivências nos Estágios Curriculares Supervisionados, os quais me propiciaram estabelecer interlocuções entre teoria e prática, entendendo essas categorias como unidade (teoria-prática).

Ao narrar minhas vivências, percebi que a minha mente se transportou em um movimento, que me levou a tomadas de consciência em relação às experiências e aprendizagens internalizadas ao longo desse recorte da minha história de vida. No qual, mediante reflexões, permito-me contar como aconteceu a minha formação como Pedagoga, e como a minha prática nas atividades de sala de aula influenciou a minha identidade profissional. Souza (2010, p.45) destaca que “através da abordagem biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes”.

Nesse relembrar se enunciam vivências felizes e desafiadoras, e ao rememorar aquelas desafiadoras, recuamos um pouco, pois, traz insatisfação, rejeição, pude senti-las ao escrevê-las e relembrar acerca das ideias Passeggi (2008) quando descreveu sobre esse sentimento, em seus textos.

Assim, parafraseando a autora: haverá momentos de tensão entre o *Eu* das experiências vividas e o *Eu* do hoje, repleto de novas concepções de si e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que você leu, o qual pode embasar a sua argumentação. Narrar acerca do positivo ou negativo em uma postura de reflexão e não de redução do que fez parte de sua formação, ou seja, um verdadeiro processo de análise reflexiva (Passeggi, 2008), de ressignificação, de transformação.

Aprendi que existem momentos em que é necessária uma tomada de decisão rápida para então, deixar fluir e enfrentar novos desafios, sempre olhando para eles com serenidade, responsabilidade e consciência. Assim, é com a nossa formação pessoal, acadêmica e profissional, construída na coletividade por meio de experiências que nos fazem ser o que somos, a nossa identidade.

Josso (2002) desvela que as narrativas de formação possibilitam diferenciar experiências coletivamente partilhadas em nossas vivências socioculturais e experiências individuais; experiências únicas e experiências em série. As memórias de uma história de vida implicam no modo de escrever de si e sobre si mesmo, possibilitando um diálogo entre o que foi vivenciado e as experiências formativas e autoformativas e das transformações de identidade advindas do processo de formação (Pontes e Medeiros, s/ano.)

7.1 MINHAS APRENDIZAGENS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Minhas aprendizagens no curso de Licenciatura em Pedagogia foram de grande relevância para mim. Foi mais do que o esperado, proporcionou-me um olhar mais crítico e reflexivo sobre a educação. Os Componentes Curriculares ministrados durante todo o curso foram importantes para o meu processo de formação e o meu futuro profissional como pedagoga. Uma vez que é por meio das concepções sobre ensino e educação que me embasarei para realizar a minha prática na docência.

Um aspecto importante a ser considerado ao se pensar na sua profissão é a escolha de uma instituição comprometida em formar profissionais com um ensino de qualidade, é saber como desempenhar a nossa função na sociedade, e compreender a importância de termos dedicação no decorrer de nossa trajetória profissional, exige comprometimento,

profissionalidade³, profissionalismo⁴ (Ramalho, Núñez e Gauthier, 2003), e força de vontade para saber lidar com diferentes desafios em um espaço educativo.

Em sala de aula foram diversos desafios, dentre eles, atividades escritas, seminários, aulas de campo e textos orientados para estudarmos. Estudar para mim, passou a ser uma forma de me redescobrir e me ver diante de novas oportunidades. Para mim, aprender é uma atividade desafiadora, na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido. Assim, compreendo a importância do professor como pesquisador da sua prática, como revelam Galiazzi, Moraes e Ramos (2013).

Vivenciei diversos conflitos em sala de aula, uns superados e outros ainda em processo de superação, opiniões divergentes, por muitas vezes me senti excluída, mas fiz bons amigos, seres sinceros, embora compreenda que as divergências façam parte da vida, mas precisam ser externalizadas com respeito e ética. Porém, mesmo diante das adversidades encontradas, permaneci firme no meu objetivo: me formar pedagoga. O curso me permitiu analisar e compreender as novas formas de ensinar e aprender, e como posso melhorar a minha prática, de modo que os estudantes aprendam e se desenvolvam e estejam preparados para continuar suas vidas, dentro e fora do espaço escolar.

Lembro-me da primeira leitura orientada no curso, do livro de Freire (1996), *Pedagogia da Autonomia*. Essa obra do Paulo Freire muito me inspirou no decorrer de todo curso. Ela foi fundamental para eu compreender a singularidade dos processos educativos e para refletir sobre a minha prática docente.

O curso de Pedagogia me trouxe um olhar, ao refletir sobre o antes, o durante e o depois da minha formação, e como as mudanças em cada etapa do meu processo formativo se delineou, voltadas para a minha prática educativa. Pois, o professor é um eterno aprendiz, visto que como defende esse autor, somos seres inacabados.

As experiências que vivenciei durante esse processo de formação, serviram de lições para que, mesmo diante das adversidades da vida, devemos sempre acreditar que somos capazes. Cada um no seu tempo e assim acreditarmos que possamos realizar nossos objetivos e sonhos.

³ Competência técnica (pedagógica, didática e científica) para ensinar (Ramalho, Núñez, Gauthier, 2003).

⁴ Status de ser professor (o reconhecimento profissional) (Ramalho, Núñez, Gauthier, 2003).

7.2 OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: OLHANDO PARA AS MINHAS APRENDIZAGENS E NECESSIDADES FORMATIVAS

A formação acadêmica e técnica do pedagogo não pode ser dissociada da prática educativa, já na sua formação inicial ou continuada. Ao longo do curso de Pedagogia tive a oportunidade de vivenciar diferentes experiências durante os Estágios Curriculares Supervisionados que foram de grande relevância para minha formação. Principalmente, pelo fato de permitir mobilizar para a nossa prática, as concepções estudadas durante o curso.

Nos estágios vivenciamos três fases: a) fase de inserção no contexto escolar, b) fase de observação, c) fase de Regência. Na primeira, conhecemos a escola em relação à sua infraestrutura e serviços administrativo e pedagógico. Os Estágios Curriculares Supervisionados são obrigatórios e são alicerces para o desenvolvimento da prática pedagógica, por meio deles refletimos acerca da importância da unidade teoria-prática. Segundo o Parecer nº. 09/01, do Conselho Nacional de Educação, "O estágio é o processo de ensino-aprendizagem que tornará concreto e autônomo quando da profissionalização desde estágio" (Brasil, 2002, p.3).

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (Rio Grande do Norte, 2019), são oferecidos aos estudantes quatro Estágios Curriculares Supervisionados: estágio na Educação Infantil (estágio I); estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental (estágio II); estágio em Gestão Escolar (estágio III) e estágio em Espaço não Escolar (estágio IV).

No estágio referente à Educação Infantil, o realizei em um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI Padre Sabino, localizado no bairro Parque das Dunas, na zona Norte de Natal/RN, no período da tarde. As vivências foram novas, pois não as tinha vivido ainda. Foi desafiador estar em um ambiente novo. Fui bem acolhida pela professora que me recebeu com gentileza e me auxiliou sempre que necessário. Ela me deixou à vontade para realizar a regência, mas sempre me orientava nos planejamentos e na elaboração das atividades.

A Educação Infantil é o início da Educação Básica, consiste na educação das crianças antes de ingressar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com os preceitos estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), na Educação Infantil o educador deve propiciar interações e brincadeiras que permitam a criança

conhecer o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Esses argumentos nos levam a inferir que, conforme este documento, o educador deve refletir, selecionar, organizar, planejar, mediatizar e monitorar todas as práticas de ensino-aprendizagem para que sejam desenvolvidos os objetivos de aprendizagem e as habilidades assim estabelecidos no documento em articulação com as atividades de estudo.

A criança é um ser em desenvolvimento com potencial para tudo, só depende da nossa experiência, competência técnico-científica e saber estimulá-la adequadamente. Para Freire (1996), pensar na Educação Infantil é compreender que a educação é permanente na vida dos sujeitos, não é apenas preparar para viver em sociedade, mas formar esses sujeitos em uma constante leitura de mundo, cada vez mais crítica.

O segundo estágio, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, realizei com uma amiga que estudava comigo na turma, na escola onde ela lecionava. Foi em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, em uma sala com 25 crianças. Fomos bem recebidas pela professora da sala e pelas crianças, com muito carinho.

Planejamos as aulas conforme o planejamento da professora da turma, sendo com a orientação dela, sempre que necessário. Foi de grande aprendizado essa experiência. Eu ainda tinha algumas dúvidas sobre planejamento, principalmente, em pensar quais atividades poderiam ser pensadas que respondessem aos objetivos de aprendizagens propostos pela BNCC (Brasil, 2017), por exemplo.

Segundo Libâneo (1994, p. 222):

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática no contexto do Social [...] por essa razão o planejamento é uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações [...].

Compreendo a relevância do planejamento da ação docente para dar sequência nas aulas de forma contextualizada e consciente.

No terceiro estágio tive a oportunidade de vivenciar e refletir sobre as ações da gestão no espaço escolar, a do coordenador pedagógico, com atribuições no tocante ao planejamento e gerência das atividades pedagógicas dos professores. E, do diretor, suas responsabilidades no que se refere aos campos administrativo-financeiro. Compreendo

sobre a importância de uma comunicação transparente entre a gestão e os demais funcionários da escola e professores para que as ações nesse espaço possam se dirigir para a educação dos estudantes.

Em relação ao estágio no Espaço não Escolar, foi uma experiência diferente, vivenciei uma prática que ainda não conhecia. Esse estágio, o realizei junto com meu colega de estágio Ramilson, na Casa do Menor Trabalhador,⁵ segundo a equipe gestora, esta instituição que foi idealizada em 1987, quando a mística da Pastoral do Menor (que coincide com a de São Vicente de Paulo) cresceu com o tema da Campanha da Fraternidade daquele ano, “...*Quem Acolhe o Menor a mim acolhe...*”.

A equipe gestora nos revelou que a instituição é reconhecida pelo trabalho realizado em Natal, sendo este gerido por duas Filhas da Caridade: Irmã Lúcia Montenegro e Irmã Hilda Saldanha. A então Provincial Irmã Heloísa Maia, doou parte do terreno do Externato Dom Marcolino Dantas para a construção da casa que serviria de apoio ao trabalho com meninos de rua. A coordenação pedagógica acrescenta que com a ajuda de Dom Eugênio Sales, conseguiu-se verba junto ao Governo Federal, para erguer o núcleo inicial da Casa. Hoje, acrescido em mais de 90% de área construída.

Durante essa vivência, com base em nosso planejamento, desenvolvemos rodas de conversa, apresentação de slides com a temática “Projeto de Vida”, uma atividade que foi realizada em dupla, que contou com situações de aprendizagens que envolveram perguntas sobre o que eles pretendiam realizar no futuro em relação aos seus objetivos de vida. Essa atividade me permitiu refletir sobre a importância de incluir nos currículos das escolas de Educação Básica esta temática, pois acredito que possa ser um facilitador para que os jovens possam iniciar a planejar seus futuros.

Apreendi que trabalhar com adolescentes é desafiador, eles são questionadores, portanto, compreendi que é necessário que nós como educadores, estejamos preparados para lidar com esses estudantes em formação, ou seja, investir na formação, de tal forma que possamos contribuir com suas aprendizagens e desenvolvimento no tocante aos conceitos, procedimentos e atitudes. Contribuindo dessa forma, tanto com a vida pessoal como a vida acadêmica e profissional desses sujeitos.

Esses adolescentes e jovens estão cotidianamente conectados no universo virtual, sabem utilizar as tecnologias digitais, sendo assim, com a inclusão das novas tecnologias

⁵ Texto disponível do site: casadomenortrabalhadorrn.org/portal/

na educação, a realidade atual, requer de nós docentes que estejamos atualizados com essas novas formas de aprendizagens para que possamos preparar aulas mais atrativas, e assim, contribuir com o processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Percebemos nas vivências nesse estágio, que esses adolescentes e jovens dominam muito bem essas tecnologias, eles querem aulas mais diversificadas, ou seja, relataram que é importante usar conteúdo usando as tecnologias digitais e assim, desenvolver projetos. Para eles, as aulas devem ser atrativas, de modo que possam fazer despertar o seu interesse nas aulas, opinião que concordo.

Os conhecimentos que internalizei em sala de aula e que poderia ser mobilizado para esse espaço, desde o planejamento até a sua materialização, foram base para a elaboração dos planejamentos e a regência em sala de aula. Compreendi como pedagoga que tenho outros ambientes que posso trabalhar, como por exemplo, hospitais, ONG, museus, espaços recreativos, dentre tantos outros de igual importância para a minha profissão.

Esses estágios foram de suma importância para completar a minha formação, pois entendo que a Pedagogia está inserida nesses ambientes e deve se constituir como ciência que alicerça as demais ciências que constituem as licenciaturas, uma vez que compreendo que os conhecimentos pedagógicos devem ser reconhecidos como conhecimentos inerentes a todas as licenciaturas.

As vivências que me foram proporcionadas durante todo o curso, me fizeram refletir que todos temos potenciais a desenvolver e habilidades a serem formadas e desenvolvidas. Hoje, penso diferente, em como agir, tanto na minha vida pessoal, como na profissional e futura pedagoga. Foram quatro anos de resiliência, para hoje poder contar minha história de vida pessoal, acadêmica e profissional.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se você está planejando por um ano, semeie arroz. Se
você está planejando por uma década, plante árvores.
Se você está planejando para toda a vida, eduque as
pessoas.*

Provérbio chinês

A escrita desse Memorial de Formação foi um grande desafio para mim, foram memórias diversas que estavam adormecidas e para serem lembradas durante todo o curso não foi fácil. Principalmente, pelo fato de não termos o hábito de escrever sobre nossas experiências vivenciadas no cotidiano. Ainda mais, uma escrita que deve ser enunciada em diálogo com narrativas argumentativas de teóricos, os quais estudamos no curso de Pedagogia, pois exige caráter crítico e reflexivo e as formalidades de um trabalho de conclusão de curso, cuja linguagem é científica.

Registrar momentos da minha vida pessoal, os quais estavam em minha memória, foi uma experiência singular, pois ao relembrá-los o fiz com muita saudade da minha infância, na qual fui muito feliz, livre, com muitas brincadeiras que me recordo até hoje. Atualmente, percebo como nesses momentos aprendi e me desenvolvi intelectual e emocionalmente.

Os relatos e reflexões citados neste Memorial de Formação foram relevantes ao longo da minha trajetória, escrever a história do passado associando-o ao presente, fez-me sentir que não sou mais aquela pessoa de outrora, pois trago comigo as vozes de autores que estudei no curso, dos professores com suas concepções teórico-práticas e de vida. Encontro-me então, inferindo e interpretando acerca da realidade docente com o olhar pedagógico.

A vivência acadêmica me fez refletir sobre um novo jeito de ver o mundo, um olhar mais criterioso, científico, de professora com o olhar de pesquisadora da sua prática como orientam Galiazzi, Moraes e Ramos (2003), que antes não percebia. O curso de Pedagogia foi para mim uma conquista pessoal, mas também um encontro com o conhecimento para meu futuro profissional como Pedagoga. Enxergo o mundo com o olhar que Freire (1979) nos orienta, sob o prisma da reflexão e da criticidade, movimentando os meus pensamentos para ação, pensando coletivamente, para o bem da nossa sociedade.

Hoje, posso falar que a Educação é o ponto de partida que transforma uma sociedade, em que é necessária uma formação de qualidade. Em que esta sociedade possa valorizar e reconhecer o profissional da Educação.

O que almejo para o meu futuro é trilhar mais conhecimentos, que buscarei por meio da formação continuada, pois, pretendo fazer a minha pós-graduação na modalidade: Educação de Jovens e Adultos – EJA, de modo a contribuir com a formação desses sujeitos.

Ressalto neste Memorial de Formação, a relevância da formação continuada para as aprendizagens e desenvolvimento docente, para que possamos compartilhar com o nosso melhor para a sociedade como um todo, uma educação de qualidade, aquela que pensa na igualdade, na equidade e na diversidade, portanto, na justiça social.

Através dos altos e baixos da vida, podemos nos apoiar na promessa da eterna certeza que existe uma força maior que orchestra o Universo. Esta força nos capacita a enfrentar as adversidades com coragem, fé e esperança. Portanto, vamos esperar, como revela Freire (1979).

Retomo o título do meu Memorial de Formação “MINHA HISTÓRIA DE VIDA E RESILIÊNCIA: FIOS QUE TRANSFORMARAM A MINHA IDENTIDADE PESSOAL E PROFISSIONAL” para dizer que cada fio que teci na minha trajetória de vida me constituiu como pessoa, mãe, irmã, amiga, estudante e profissional. Fios com cores, saberes e sabores diferentes, que somente Vera Lúcia da Silva soube tecer e unir para formar a sua identidade.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Silvia de Souza Azevedo; MORAIS, Artur Gomes. Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. Dossiê Alfabetização e Letramento no Campo Educacional, v.36, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria Básica de Educação. Brasília, DF: 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais**. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria Básica de Educação. Brasília, DF: 2013.

BRASIL. **Lei nº. 12.769 de 04 de abril de 2013, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências..** Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria Básica de Educação. Brasília, DF: 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm. Acesso em: 03 de ago. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal. Brasília-DF: 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/ind.asp. Acesso em: 25 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior. **Parecer CNE/CP nº 9/2001, aprovado em 8 de maio de 2001**. Conselho Nacional de Educação – CNE. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_009.pdf?query=diretrizes%20curriculares%20complementares. Acesso em: 08 de ago. 2024.

CASA DO MENOR TRABALHADOR: QUEM SOMOS. Disponível em: <https://casadomenortrabalhadorrn.org/portal/>. Acesso em: 31 de jul. 2024.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

FERREIRO, Emilia. A escrita... antes das letras. In: SINCLAIR, H. (Org.). **A produção de notações na criança**: linguagem, número, ritmos e melodia. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque; RAMOS, Maurivan Güntzel Educar pela pesquisa: as resistências sinalizando o processo de profissionalização de professores. **Educar em Revista**, núm. 21, 2003, pp. 1-15.

HISTÓRIA DAS CARTILHAS DE ALFABETIZAÇÃO: AS MAIS ANTIGAS (2021). Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao-as-mais-antigas/>. Acesso em: 13 de jun. 2024.

JOSSO, M-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio de António Nóvoa, tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Lisboa: Editora Educa-Formação/Universidade de Lisboa, 2002.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. s. **História da Educação Brasileira**. In: Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/ago, nº 14, 2000. Disponível em: <http://nuted.ufrgs.br/oa/pi/html/kuhlmann.pdf>. Acesso em: 12 de jul. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. (**Coleção magistério 2º grau**). Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese. **Ludopedagogia**, Salvador, BA: UFBA/FACED/PPGE, v. 1, p. 9-42, 2002.

MACIEL LEÃO, Denise Maria. Paradigmas Contemporâneo de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 187-206, julho/1999.

MELO, José Carlos de. O projeto casulo e a assistência a criança pequena e seus reflexos na educação infantil contemporânea. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.32. 2020.

PASSEGI, Maria da Conceição. **Mediação Biográfica**: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes. PASSEGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PONTES, Rosa Maria de A.; MEDEIROS, Arilene M. S. de. **Memórias e Vivências nos Caminhos da Gestão Escolar**. Disponível em: <https://anpae.org.br/simposio26/3relatos/RosaMariadeAndradePontes>. Acesso em 31 de mai. 2024.

RAMALHO, Betânia L.; NUNÊZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ROSEMBERG, F. **A LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional**. In: FREITAS, M. F. História social da infância no Brasil. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SACRISTÁN, Gimeno *et al.* Educar por Competências. Artmed Editora. Porto Alegre, 2016, p. 264.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SEBRA, Alessandra G. ; DIAS, Natália M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. psicopedag.** vol.28 no.87. São Paulo, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA Maria Inez Salgado de. **Currículo, cultura e cotidiano**: algumas notas a partir de estudos das formações curriculares na contemporaneidade. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão et al. (org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Notas sobre o Behaviorismo de Ontem e de Hoje. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 24(1), 186-194. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/6DMNMfRqyqFzMd4Vtbvtw7x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 de mai. 2024.

VIEIRA, Livia Maria Fraga; MELO, Regina L. C. A creche comunitária "Casinha da Vovó": Prática de manutenção/Prática de Educação. São Paulo, **Cadernos de Pesquisa**, n. 62, p. 60-78, ago., 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamiento y Lenguage**. Editora Pueblo, Habana, Cuba, 2005.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

Capítulo XIII: Entre Memórias e Concretudes: Melhor que Sonhar é Realizar

Sidcleia Pereira Costa do Nascimento

1 INTRODUÇÃO

O Memorial de Formação é um gênero acadêmico, textual e discursivo que relata, narra, descreve e argumenta sobre situações, ações, práticas, caminhos, pessoas, objetos, e outros que tiveram influência na formação pessoal e profissional do narrador (Carrilho, 2007).

Ao escrevermos este gênero, refletimos acerca da nossa história de vida, relembando o passado, sentindo o presente e vislumbrando o futuro em uma teia narrativa de encontros e desencontros (Carvalho e Santos, 2024).

Dentre os teóricos os quais me utilizei para a escrita do meu Memorial de Formação, destaco: Paulo Freire (1999), Henri Wallon (1986), Jean Piaget (1990), Maria da Conceição Passegi (2010), entre outros.

Ainda acerca do que vem a ser Memorial de Formação:

[...] é um texto no qual os acontecimentos geralmente são narrados na primeira pessoa do singular, com uma sequência definida com base nas memórias e nas escolhas do autor no registro da própria experiência e visando, como todo texto escrito, produzir certos efeitos nos leitores. (Prado e Soligo, 2007 *apud* Buogo e Castro, 2013, p. 436)

A partir desse embasamento teórico e com toda a descrição da minha história de vida pessoal, familiar e educacional, ressalto a importância da educação em minha trajetória, desde a infância, passando pela adolescência até chegar à idade adulta.

Possuo como objetivo geral apresentar aos leitores as minhas vivências familiares e educacionais, iniciando com a Educação Infantil até o curso de Pedagogia no Instituto Kennedy. Como objetivos específicos, relatar um pouco sobre a minha subjetividade na conjuntura educacional e discorrer sobre as contemplações das minhas aprendizagens ao longo da vida estudantil.

Este trabalho traz como justificativa o desejo de motivar os leitores com a descrição de um sonho realizado, mostrando que é possível a concretização de um curso de ensino

superior, apesar dos percalços da vida, pois sempre há tempo para aprender. A metodologia utilizada é a autobiografia.

Este Memorial de Formação está organizado nas seguintes seções: a priori abordo o valor da família em minha vida; em seguida, descrevo as minhas experiências escolares na infância e adolescência; continuo com memórias da idade adulta, destacando questões sociais acerca da minha profissão na época; conto a história sobre a família que construí; relato a lembrança de que talvez eu não desejasse ser professora; falo acerca do meu primeiro encontro com a sala de aula. Então vem o sonho realizado ao atingir o nível acadêmico superior; os estágios supervisionados; a escolha da Educação Infantil para futura atuação; e por fim, relatos de mim e de minha filha, juntas, na formação em Pedagogia.

2 MINHA FAMÍLIA, MINHA FORÇA, MEU LASTRO

Nesta seção, minhas narrativas sobre a minha família representam, para mim, minha força e meu lastro. São contadas em primeiro lugar neste memorial pelo fato de compreender que a família é constituída por pessoas, cujos laços nunca se desatarão, pois é ela que nos forma para enfrentar os desafios que nos esperam. É ela quem nos acolhe nos momentos de dor e de aflição, sempre nos dizendo “estou aqui”, seja estando no passado, vivendo conosco o presente e nos fazendo acreditar que também estará no futuro, mesmo que seja apenas lembranças.

Sempre presentes em minha vida, tenho muito orgulho dos meus pais. Eles me mostraram a todo momento que os valores da família são fundamentais para a vida. Eles sempre trabalharam muito, mas não descuidavam da nossa educação: a minha e do meu irmão. Tenho consciência de que não sou uma filha perfeita, no entanto, sempre faço por não os decepcionar.

Moro no bairro das Rocas¹, em Natal no Estado do Rio Grande do Norte, e esse local é conhecido como o “berço do samba”. No ano de 2023, foi comemorado os 76 anos das Rocas, escrevendo sobre essa memória, lembro de um texto de Dácio Galvão:

É importantíssima a celebração do aniversário do bairro das Rocas, considerado o berço do samba e de várias manifestações culturais que

¹ Lar de pescadores, a sua ocupação remota ao século XVIII. Lugar de cultura. Lá moravam raros pescadores, mais numerosos na parte superior, que se dizia Areal, no início do século X. Contam que o nome provém do Atol das Rocas, pesqueiros afamados e de fácil atração para os pescadores. Os que pescavam nas águas do atol das Rocas qualificaram Rocas à morada em terra firme (Cascudo, 1999, p.246 *apud* PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL, 2012).

reafirmam a identidade da cidade de Natal. As Rocas deve ser legitimada como uma região que fomenta a economia criativa e a identidade cultural, de forma organizada pelos seus próprios protagonistas que são o seu povo, a sua comunidade (Galvão *apud* SECULT/FUNCARTE, 2023).

E não seria diferente para mim, pois, meu pai foi sambista das escolas de samba “Malandros do Samba” e “Balanço do Morro”, em que tive essa influência cultural. Minha mãe foi baiana da escola de Samba “Balanço do Morro”, que é a nossa escola preferida e que ficou no coração da família. O Carnaval está inserido nas raízes do meu grupo familiar.

Meus pais são admiráveis pelos seus 47 anos de casamento, superando desafios os quais vivenciaram, como também são orgulhosos por terem 2 filhos bem instruídos. Sou a primeira filha a ter a oportunidade de uma graduação no Ensino Superior e tenho a certeza de que estou enchendo os corações da minha família de orgulho, talvez não no tempo que ela esperava, mas, como nunca é tarde para vivermos os nossos sonhos, concluo o curso de Pedagogia atualmente.

Na época atual agradeço por tudo que os meus pais fizeram por mim e lembro de quando meu pai me falava: “Estude, pois, os seus estudos não servirão para mim, mas sim para você!”. No entanto, apenas hoje eu sei o quanto ele tinha razão. E, atualmente, o agradeço pelas sábias palavras, por isso, sou grata por ter a possibilidade de estar retribuindo toda dedicação aos meus pais, que são meus heróis.

Fomos educados na religião católica. Minha mãe é devota, como toda boa nordestina, de padrinho Cícero. Já foi a várias romarias e é também devota de Nossa Senhora de Fátima, mas reclama porque nunca a acompanho nas romarias. Fiz a primeira comunhão, ela sempre prezou por esses acontecimentos.

Meus pais são avós maravilhosos. Minhas filhas são muito ricas, como costumo falar, por terem avós tão apaixonados e dedicados. A convivência com eles permite a concretude dos nossos valores e princípios pautados na honestidade, no trabalho, no amor, na solidariedade e na união. Portanto, reitero que a minha família é a minha força e o meu lastro para continuar enfrentando desafios que outrora já foram superados e outros, que hora estão no presente, mas sei, que outros me aguardam no futuro que nasce com o raiar de cada dia.

3 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E SENTIDAS

Os relatos nesta seção se fazem ecoar apresentando memórias da minha vida, da infância à adolescência com narrativas que contam experiências vividas e sentidas. Só que agora, essas memórias são sentidas de forma diferente, ressignificadas. Pois, atualmente outras vozes fazem parte da minha história.

No ano 1982 dei início ao meu primeiro contato com a escola, aos 2 anos de idade, na instituição particular chamada Ambulatório São José, localizado na Zona Leste da cidade do Natal/RN, no bairro das Rocas.

Na mesma escola estudei do maternal até a 4ª série, hoje, 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, denominação estabelecida nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais – DCNG (Brasil, 2013). Eu era uma estudante bem calada e muito tímida. Nunca fui uma criança de muita amizade, então enfrentava minhas dificuldades sozinha, não tinha ajuda de ninguém para me auxiliar em minhas atividades. Minha mãe só mandava eu fazer os exercícios e do jeito que eu realizava estava bom, no colégio era a professora quem os corrigia, se fosse preciso.

Tinha muitas dificuldades, não conseguia me expressar, mas mesmo com os obstáculos, amava estar na escola. Possuo lembranças do cheiro da sala de aula, lembro-me da minha primeira professora que se chamava Suely, um amor de pessoa. Na terceira série (3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental) realizei a primeira comunhão, onde a preparação e a realização aconteceram na capela da própria escola, denominada São José, pois a religiosidade católica é bem característica da instituição, chamada na época de “Ambulatório São José”.

Na instituição citada, as freiras eram responsáveis pela educação, tinha a irmã Irene (*in memoriam*) que era a diretora, sempre bem exigente nos cuidados com o nosso comportamento, acompanhava as crianças desde a entrada até a saída da escola.

Atualmente, a instituição que deixou de ser chamada de Ambulatório e passou a ser denominada de “Escola São José”, é considerada referência na educação por ter até hoje um ensino de qualidade, devido aos princípios que assume, ou seja, preza pelo respeito à diversidade, igualdade e equidade. Além do seu desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB (BRASIL, 2021), quando consideramos a nota padronizada em português e matemática é igual a 6,34 (nível de aprendizado), de acordo com a Prova SAEB de 2021. De acordo com a fonte IDEB – INEP (2021) a cada cem

estudantes da escola, cinco não foram aprovados, o que nos permite inferir que a escola apresenta boa qualidade no ensino-aprendizagem.

Da escola tenho memórias afetivas maravilhosas. Aprendi a rezar e a cantar a canção religiosa “Mãezinha do céu” todos os dias antes de começar a aula.

Na nossa escola, as salas eram organizadas em fileiras e o birô da professora de frente, em que a autoridade era o professor, cabia a nós respondermos às perguntas da professora e fazer as atividades de estudo.

Segundo Watson (1878-1958), psicólogo norte-americano que lançou as bases teóricas do "Behaviorismo Metodológico" (teoria psicológica que tem por objetivo o estudo do comportamento), o foco não está na mente ou nas emoções, mas sim nas ações e reações observáveis. Ou seja, para o teórico, o comportamento humano pode ser condicionado.

Hoje, sei que essa perspectiva não responde mais à realidade, pois, no curso de Pedagogia vivenciei concepções que permitem ao estudante ser o protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, posso citar o ensino por investigação e a pedagogia de projetos que contribuem para que o estudante seja esse protagonista.

Paulo Freire (2006) revela que as relações entre professor e estudante se dão mediante as narrativas daquele que ensina que é teórica, cabendo aos estudantes escutarem essas narrativas, as quais posiciona o professor como o único transmissor do conhecimento, transmitindo a eles informações prontas e finalizadas, sem inclui-los no processo de ensino-aprendizagem, sem lhes dar espaço para questionamentos. Dessa forma, tira do estudante a sua autonomia, o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo.

Estudei no “Ambulatório São José” dos dois anos de idade até os meus onze anos de idade, como já mencionado, do maternal até a 4ª série, pois era até onde a escola ofertava os níveis de educação atuais Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Saindo da instituição de ensino “Ambulatório São José”, fui para a Escola Estadual Padre Monte, localizada no bairro da Ribeira, em Natal, no Rio Grande do Norte. Cheguei com muitas expectativas. Entretanto, comecei a me sentir frustrada, pois a escola era grande e não conseguia me adaptar à mudança de vários professores, ou seja, professor para cada componente curricular, e fui reprovada pela primeira vez, fiquei muito angustiada.

O ensino continuava sendo pautado na concepção behaviorista. Não sentia mais aquela afetividade das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na qual me sentia acolhida. Continuava ainda com dificuldades de me comunicar e isso reverberava em dificuldades para aprender, no entanto, meus pais não entendiam, pois, para os meus familiares era falta de interesse para com os estudos.

Na escola E. E. Padre Monte fiquei até a oitava série, atualmente 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental². Concluída essa modalidade de ensino, passei a cursar o Segundo Grau, hoje Ensino Médio (Brasil, 2012), aos 19 anos de idade, na Escola Estadual Atheneu Norte Rio Grandense, no ano de 1999, apesar de estar “fora de faixa”, que significa dizer que fui reprovada algumas vezes.

O Colégio Estadual Atheneu Norte Riograndense é uma tradicional instituição situada em Natal no Rio Grande do Norte, cuja modalidade de ensino ofertada é o Ensino Médio. Foi fundado em 3 de fevereiro de 1834, pelo então presidente da província, Basílio Quaresma Torreão, que também foi o seu primeiro Diretor-geral.

Ele escolheu o nome do colégio, a versão portuguesa de *Athénaion*. Como explicou Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), folclorista, historiador, professor e jornalista, conhecido nacionalmente como um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais (Frazão, s/ano): "No Atheneu de Atenas os poetas liam os poemas e os historiadores o relato das jornadas pelas terras estranhas e misteriosas".

No início do ano 2000, engravidei da minha primeira filha, Maria Eduarda, e foi muito difícil continuar frequentando a escola, pois tive muitos enjoos e era desconfortável. Então fiquei um tempo afastada, por orientações médicas e realizava as atividades em casa. Mas, após o nascimento da minha filha, graças a Deus, consegui terminar o segundo ano do Segundo Grau.

Contudo, depois da conclusão desse ano de estudos, voltei para a Escola Estadual Padre Monte no ano de 2001 para estudar à noite, uma vez que me tornei mãe e já tinha responsabilidades de adulta. Entretanto, tendo voltado a estudar à noite, não conseguia me adaptar, pois com o cansaço do dia não conseguia concluir as atividades escolares durante o período noturno, então, tranquei a matrícula e, foi mais uma frustração.

² A determinação legal (Lei nº 10.172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental) de implantar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade, tem duas intenções: “oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade”.

Retomei os estudos no ano de 2002, com minha filha maior e já podendo levá-la algumas vezes para escola. Então consegui terminar o tão sonhado Segundo Grau, aos 22 anos de idade, e fiquei muito feliz pela conclusão. Apesar de todas as minhas dificuldades, nunca desisti.

Eu já possuía o sentimento de que eu não era capaz e de que ninguém se importava com o meu desempenho na escola, e quando não obtive aprovação, meus pais esbravejavam as suas insatisfações, então me sentia triste e incapaz. Não me perguntavam o porquê daquele resultado no final do ano. Meu pai repetia sua fala a qual o estudo não iria servir para ele, e sim para mim, no entanto, ninguém me incentivava para que eu melhorasse o desempenho escolar; eu precisava enfrentar as minhas limitações sozinha.

4 A FAMÍLIA QUE CONSTRUÍ: ORGULHO E PRESENTE DE DEUS

Nesta seção enuncio momentos vividos com a minha família, aquela que construí, que para mim significa muito e é um presente de Deus. Minha família é o capítulo da minha vida do qual mais me orgulho; é meu grande presente de Deus.

De acordo com Menezes (2024), o conceito de família consiste na representação da união entre pessoas que possuem laços sanguíneos de convivência e/ou baseados no afeto. Segundo o mesmo autor, há vários tipos de famílias, como a monoparental, em que a constituição se dá por um pai ou uma mãe e seus filhos, a nuclear, compreendida pelos pais e seus filhos, dentre outras.

Conheci meu esposo ainda criança, na rua Belo Monte, no bairro das Rocas, em Natal/RN, em que fui criada, pois ficava com minha avó, Maria de Lourdes (*In memoriam*), enquanto os meus pais trabalhavam. Na minha infância, eu tinha a liberdade de brincar na rua, onde se juntavam todas as crianças da vizinhança naquela época e que até hoje são meus amigos.

Assim nos divertíamos, com diversas brincadeiras. E o meu marido desde menino sempre esteve presente em minha vida, nas minhas festas de aniversário, por exemplo. Sempre fomos amigos, participamos muito de concursos de lambada, memórias muito maravilhosas de nossa infância.

Então, logo chegou a adolescência, ele foi para o exército, participei de sua formatura, como sempre, um sempre presente na vida do outro, e continuamos com

mesmo o ciclo de amizade. Juntos nós fomos para muitas festas e apreciamos muitos Carnavais. Sempre tivemos um carinho um pelo outro, mas só fomos nos dar conta dos nossos sentimentos e nos olharmos com outro sentimento, já de paixão, por volta dos meus dezoito anos de idade. Aqui já éramos namorados.

Pouco menos de um ano do nosso relacionamento, já fomos surpreendidos com a gravidez da minha primeira filha, então eu pensei: “Meu Deus, e agora? O que vamos fazer?!” Apesar de muito assustada com tudo, fiquei muito feliz. Com isso, demos a boa notícia aos meus pais, que ficaram muito felizes, e para a família dele, que não foi diferente.

A partir deste momento já começava a formação da nossa família. Casamo-nos no dia treze de abril do ano 2000, foi um dia mágico. No casamento civil tivemos uma comemoração maravilhosa com pessoas especiais que até hoje fazem parte das nossas vidas. Já o dia 20 de outubro de 2000, foi o dia mais especial em nossas vidas, com um presente que Deus nos concedeu, nossa filha Maria Eduarda chega cercada de amor, agora já éramos uma família constituída.

Após dez anos, fomos agraciados mais uma vez pela chegada da nossa segunda filha, Maria Letícia, nossa caçula, agora já adultos e com uma bagagem recheada de experiências vividas, recebemos Maria Letícia com muita alegria e gratidão a Deus, então nossa família estava completa com nossas filhas cheias de saúde e muito amadas.

Já estamos casados há vinte e quatro anos, meu esposo foi o meu primeiro e único amor, sou muito grata a Deus por ter me escolhido para presentear com um dos projetos de vida mais lindo que é a família. Tenho duas joias valiosas que me trazem riqueza: são as minhas duas filhas que formam a minha família.

Hoje eu tenho certeza de que a minha família é fruto do amor e do verdadeiro valor afetivo, pois criamos raízes firmes, cuja árvore colhemos mais belos frutos que são nossas filhas, e assim, construímos a nossa família, a qual considero como uma real conquista. Real, porque vivenciamos juntos alegrias e desafios, um segurando a mão do outro com a certeza de que dias melhores virão.

5 NÃO LEMBRO SE UM DIA IMAGINEI SER PROFESSORA

As narrativas expressas nesta seção dizem respeito às minhas vivências no campo da educação.

Na minha adolescência, quando entrei para a 6ª série, aos doze anos de idade, no ano de 1991, estudei na escola pública Estadual Padre Monte, no bairro da Ribeira, em Natal/RN. Sempre optei pelo ensino científico que era a preparação para prestar o vestibular, a outra opção ofertada era a preparação para a entrada no curso de formação em Magistério. No entanto, eu não tinha muito interesse, pois sempre me julguei incapaz.

Nesse mesmo ano, a Educação Brasileira ganhava um programa do governo Federal, chamado de “Salto para o Futuro”, com a iniciativa da Fundação Roquette Pinto, o qual destinava-se à formação continuada e ao aperfeiçoamento de professores e estudantes dos cursos de Magistério³. Apresentava séries temáticas relacionadas às práticas pedagógicas da Educação Básica (Brasil, 2024).

Comecei a trabalhar aos 22 anos de idade. Parece destino ou coincidência meu primeiro emprego ter sido em uma livraria, lugar onde eu amava trabalhar, com todos aqueles materiais escolares e entre livros. Lá, fiquei por quatro anos. Após esse período saí e fiquei fora do mercado de trabalho por algum tempo. Ainda não tinha o desejo de ter uma formação acadêmica em Pedagogia. Sempre falei que professor trabalhava muito e via que não era reconhecido, mesmo sendo fundamental na sociedade.

Destarte, terminei meu Segundo Grau e fui seguindo minha vida cuidando da minha família e filhas. Só tinha o desejo de trabalhar para trazer o sustento para dentro de casa.

Não venho de uma família de professores e nem meus pais tinham qualquer formação, eu era apenas incentivada a terminar o Segundo Grau, atualmente, denominado de Ensino Médio. Nem mesmo durante a minha infância não me lembro de brincar de ser professora. Mas, o destino me levaria para ambientes onde seriam plantadas sementes desse novo desejo.

Hoje faço uma reflexão que esse desejo sempre esteve presente em minha vida, na verdade o medo de enfrentar os desafios me fizeram acreditar que um dia almejaria e estaria neste lugar.

Hoje tenho certeza do quanto foi importante passar por todas as experiências vividas, para amadurecer os meus ideais, de tal forma que não podemos nos omitir e

³ O Curso Normal – Formação de Professores tem como premissa a formação do indivíduo nas suas variadas dimensões. Destinado para professores que lecionarão nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na educação infantil da educação básica.

recuar em relação aos nossos sonhos, e nos esconder através dos obstáculos que a vida nos coloca, devemos ter foco e coragem para enfrentar os desafios da vida, sempre vislumbrando crescer profissionalmente.

6 PRIMEIRO ENCONTRO COM A SALA DE AULA: O DESPERTAR PARA SER PROFESSORA

Meu primeiro encontro com a sala de aula foi amor à primeira vista. Em 2012, recebi uma proposta de trabalhar como Auxiliar de Serviços Gerais (ASG). Quando me apresentei na instituição de ensino infantil, fui informada que minha função seria como Auxiliar de sala. Pensei: “Meu Deus, e agora o que vou fazer ali pela manhã?”.

A minha função era a de auxiliar no berçário com os bebês, e a tarde no nível II, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Amor de Mãe, no bairro Praia do Meio, em Natal/RN, pelo período de onze meses.

Vivi momentos mágicos e as experiências sentidas foram como nunca havia sentido antes. Aquele ambiente escolar começou a fazer parte de mim. Sentia-me como parte dele, enxergava-me naquele lugar como professora.

Para Vigotski, o desenvolvimento da criança acontece através da interação social, portanto, em sua fala, ele afirma:

Até mesmo quando o meio se mantém quase inalterado, o próprio fator de que a criança se modifica no processo de desenvolvimento conduz à constatação de que o papel e o significado dos elementos do meio, que permaneceram como que inalteráveis, modificam-se. (Vigotski, 1935 *apud* Pino, p. 748, 2010)

Deste modo, faz sentido pensar na utilização de todos os recursos lúdicos presentes no ambiente educacional para o desenvolvimento do ser humano na infância.

Então, foi só crescendo esse desejo que se transformou em meu verdadeiro sonho de vida, de ter a graduação, mesmo tendo pessoas que não acreditavam em mim, mas eu tinha certeza do meu sonho, que só cursaria uma graduação se fosse no curso de Pedagogia.

Todas essas vivências em sala de aula foram me deixando apaixonada e encantada, o que me fazia cada vez mais almejar por trabalhar na área da educação, sobretudo, a educação infantil. O meu encantamento se deve ao perceber o desenvolvimento das

crianças em cada situação de aprendizagem, pois, elas conseguem compreender a rotina, ficam atentas a cada orientação e realizam as atividades com autonomia e criatividade.

Os meus trabalhos seguintes foram sempre em escolas, o que me encaminhava para a realização do meu sonho de ser pedagoga, pois essas vivências me faziam compreender a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças.

As minhas atividades eram realizadas como auxiliar de sala de aula, bem como na organização dos estudantes nas ditas salas, ou seja, quando os estudantes estavam nos corredores, eu os orientava a voltar para sala, além de auxiliar os professores com materiais didático-pedagógicos.

Ao escrever essas memórias, hoje consigo enxergar esses momentos vividos com o olhar de pedagoga, pois, com esse novo olhar, percebo a importância de compreender essas vivências estabelecendo relação entre teoria e prática, bem como incluir em nossa prática a afetividade, ou seja, ter uma visão humanizada para cada estudante, como apregoa Freire (1983).

7 MEU SONHO COM O CURSO DE PEDAGOGIA REALIZADO: SEMPRE SOUBE SER CAPAZ

Meu sonho com a curso de Pedagogia era muito distante, eu tinha certeza de que eu conseguiria realizar. No entanto, de tanto escutar que era besteira e que eu não era capaz, diante de todos que duvidavam, eu fui acreditando que realmente eu não tinha capacidade, e que existiam outros sonhos para serem vividos. Então, com os trabalhos dentro e fora de casa, filhas, marido e a família que eu tinha que cuidar, sempre fui deixando o meu sonho adormecido, pois tinha muitas prioridades para eu dar conta.

Até que certa vez fiquei sabendo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy em 2018, por um amigo chamado Cleber. Logo, ele quem me incentivou a fazer o processo seletivo para o curso de Pedagogia, ele fez a minha inscrição ano de 2019, quando eu e minha amiga Telma decidimos fazer. Ela foi aprovada e já resolveu ingressar. Eu também fui aprovada, mas como não consegui ficar nas primeiras colocações não fui contemplada nas vagas ofertadas. No entanto, acredito que tudo o que Deus faz é perfeito.

Eu queria fazer a prova para mostrar para mim que sou capaz, e queria ser um exemplo para as minhas filhas, principalmente, para Maria Eduarda que tinha me dado um pouco de trabalho para terminar o Ensino Médio. E quanto à Maria Letícia, desejava

que ela crescesse vendo que mesmo com a idade madura eu não tinha desistido do meu sonho, que era a graduação em Pedagogia.

Em 2019 tentei pela segunda vez. Naquele momento já com a companhia da minha filha mais velha, Maria Eduarda, fomos juntas fazer nossa inscrição. Eu tinha confiança de que ela ia passar e eu estava ali para lhe mostrar um caminho profissional para o ingresso dela no Ensino Superior. Todavia, mais uma vez meu sonho foi posto em segundo lugar, todo mundo já acreditando em Maria Eduarda e não em mim.

No entanto, fizemos a prova. Saí dela bem decepcionada e sem acreditar no meu potencial. Esperamos o resultado e ele logo chegou com a aprovação de Maria Eduarda, eu como mãe fiquei tão feliz por ela que nem vi que eu também havia sido aprovada. Eu olhava meu nome ainda sem acreditar na minha capacidade de aprovação, fiquei muito feliz por ter a felicidade em dose dupla. E como já falei, Deus preparou o momento certo para que eu pudesse dar início ao meu sonho, e de presente, junto com a minha filha.

Desse modo, iniciamos o curso no mês de março do ano de 2020, graças a Deus. No entanto, fomos para as aulas durante dois dias e logo fomos surpreendidas com a pandemia da COVID 19⁴. Então veio o período de quarentena, em que pensei que após a reclusão dos quarenta dias tudo voltaria ao normal. Mas tudo parou de funcionar, como comércios, lojas, e com a faculdade não foi diferente, tudo muito incerto do que ia acontecer.

Com isso, após três meses começaram as aulas remotas⁵. Todavia, como eu não tinha muito conhecimento tecnológico me assustei, tive muitas dificuldades para aparecer e ter contato com as pessoas através da tela do celular. Para mim, por ser muito tímida, era uma tortura, e passamos por esse período difícil, mas grata por não ter desistido mesmo com as dificuldades. Voltamos para as aulas presenciais em março de 2022 e, graças a Deus, sobrevivemos a esse caos que foi a pandemia.

As linhas de ônibus urbano tiveram uma redução intensa no início de 2020 pelo poder público, incluindo a linha 36, a que eu utilizava para ir ao IFESP, mais um obstáculo. Então pensei em como iria fazer para frequentar as aulas e, para agravar a situação, as aulas eram à noite. Desta forma, eu tive que fazer uso de outra linha de ônibus, a 33, com

⁴ De acordo com o Ministério da Saúde, a pandemia, doença de transmissão mundial da COVID 19 foi causada por um vírus chamado coronavírus SARS-CoV-2, de altíssima transmissibilidade, causando falta de ar, vindo da China, em dezembro de 2019, infectando seres humanos, o que em muitos casos, os levaram a óbito.

⁵ Aulas remotas são aquelas realizadas por meio *on line*. Normalmente, essas aulas são adotadas como uma medida emergencial quando as atividades presenciais precisam ser suspensas por uma causa maior, neste caso, a pandemia causada pelo COVID-19.

isso, eu saltava em um ponto de ônibus e caminhava de 15 a 20 minutos para chegar até o Instituto Kennedy. Como não era horário comercial, à noite ficava muito esquisito, eu sentia medo de assaltos e coisas desse tipo.

E como tenho medo do escuro e de lugar esquisito, desenvolvi uma alta ansiedade que quase me fez desistir de concluir o curso, mas minha filha Maria Eduarda sempre me apoiava, e com essa troca chegamos até aqui, com muitas dificuldades financeiras e psicológicas, no entanto, com muita gratidão a Deus por termos conseguido continuar a frequentar as aulas para a conclusão do curso de Pedagogia.

Agora como estou orgulhosa da minha trajetória e caminhada que não é fácil. Olhando para trás, percebo como sou corajosa e forte, pois dias difíceis todos nós temos, entretanto, não podemos deixar que esses dias determinem nossos dias de glória, uma vez que Deus sempre me mostra que dias melhores virão.

Exponho a minha felicidade em chegar até aqui com professores maravilhosos, com alguns me identifiquei mais, marcaram a minha trajetória, como os professores Nednaldo Dantas, Denise Caballero, Ana Paula Leão, Elisângela Ribeiro, são professores que vou levar para minha vida com todos os ensinamentos e por todas as experiências vividas.

Já no final da graduação, tive o privilégio de conhecer a professora Rozicleide Bezerra de Carvalho, uma pessoa de uma energia maravilhosa que ensina com uma dedicação e amor a qual eu nunca havia visto, a ela só gratidão.

Refletindo sobre esses momentos, durante a minha escrita me surpreendo, pois, antes de adentrar no curso de Pedagogia compreendia que este lugar não me pertencia, pois, não me sentia capaz. Hoje, eu vejo que eu posso estar em qualquer lugar, pois, tenho a consciência de que sou uma pessoa competente e inteligente, portanto, tenho orgulho de mim, pois eu acredito que sou eu quem determina em qual lugar quero chegar.

Esse meu pensar se tornou ainda mais forte quando participei pela primeira vez em um evento científico do Instituto Kennedy – o VI Encontro Científico e Pedagógico – VI ENCIPE. Foi um momento muito rico em relação ao meu aprendizado acadêmico e profissional, com trocas de experiências, pois apresentar o trabalho produzido por nós discentes, tendo a oportunidade de mostrar nosso conhecimento, estudado durante os estudos foi mágico. Nunca tinha participado e vivido essa experiência tão valiosa. Agradeço à professora Rozi por ter nos proporcionado esse momento.

E esse caminho que tanto almejei, foi aos poucos se concretizando, mediante as aulas a que assistia, as atividades que realizava e, principalmente, quando enfim, materializei o fazer pedagógico, por meio dos Estágios Supervisionados, pois, foi por meio deles que escolhi o campo que quero atuar como profissional da Pedagogia.

7.1 OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: DESAFIOS PARA ESCOLHER O CAMPO DE ATUAÇÃO

Os Estágios Supervisionados: desafio para escolher o campo de atuação do pedagogo me proporcionaram uma alegria, reflexão nos momentos dessas vivências, em que teoria e prática dialogaram. Com base nesse preâmbulo, escrevo essas narrativas.

De acordo com o Projeto do Curso de Pedagogia (IFESP/RN), a Graduação em Pedagogia - Licenciatura desta instituição foi autorizada a operar conforme o Parecer CEE/CES Nº 094/08, homologado pelo Decreto Estadual nº 21.009, de 12 de janeiro de 2009, e teve sua renovação de reconhecimento com base no Parecer nº 014/2014 - CEE/CES/RN e no Decreto Estadual nº 24.801, de 11 de novembro de 2014. Esse documento representa a atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) para solicitação de reconhecimento, ao mesmo tempo que substituirá a versão anterior em vigor.

O Curso de Pedagogia - Licenciatura consiste em um curso presencial que valoriza processos didáticos que não sejam focados na mera transmissão de conteúdos científicos, mas na valorização dos saberes e das experiências trazidas pelos (as) alunos(as), na participação em atividades de pesquisa e de extensão e que incorporem o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem. (IFESP, 2019, p. 7)

Para tanto, são quatro estágios supervisionados constitutivos do curso de Pedagogia – Licenciatura do IFESP. Considero importantes essas informações sobre os estágios pelo fato de saber que o meu memorial poderá ser lido por alguém que almeje cursar Pedagogia no Instituto Kennedy e não tenha ainda conhecimento sobre o curso, servindo dessa forma como orientação, pois, o meu Memorial de Formação, além de ser um Trabalho de Conclusão de Curso, ele é um produto das minhas aprendizagens e uma base orientadora para aqueles que desejam saber como é a escrita desse gênero acadêmico na nossa instituição.

- Estágio I (Educação Infantil): foi realizado em uma instituição pública, localizada em Natal-RN, no bairro Praia do Meio, um momento de muita vivência e foi maravilhoso me ver fazendo parte daquele lugar como professora, foi feita a regência de “banho literário”, com contação de história com fantoche, um mundo mágico;
- Estágio II: foi realizado instituição pública, localizada em Natal/RN, bairro de Santos Reis, na EJA. Uma nova experiência que conheci e que cheguei bem assustada, afinal, encontrei em sala de aula uma grande diversidade de realidade de vida e idade. Mas fui surpreendida com uma turma cheia de ensinamentos de vida, aprendi mais que ensinei, sai desse estágio na certeza de que a educação de verdade abre portas, não importa a idade;
- Estágio III (Gestão Escolar): foi muito difícil para mim ter que contar com as disponibilidades da equipe gestora para poder nos reunir, entender como funciona uma gestão, para mim, não houve identificação com nada. Mas, sei que vivenciar na prática tudo que estudamos na teoria é que, às vezes, é bem distante da realidade;
- Estágio IV (Espaço não Escolar): era o mais esperado, pois até então conhecia o pedagogo só para atuar em sala de aula. E me surpreendi com a variações de atividades que pedagogo pode vir contribuir em um ambiente não escolar, meu estágio foi realizado em uma biblioteca pública, onde tem alguns projetos com município de Natal e são realizadas aulas de reforço, como também oferta aulas para senhoras de macramê, creche, bijuteria. Trabalhei com as crianças o projeto da sustentabilidade e a importância de preservar a Praia e o Rio, já que moramos em uma área de pesca no bairro das Rocas. Foram desenvolvidos brinquedos, utilizando reciclagem, foi um momento mágico para as crianças na construção de seus próprios jogos e brinquedos.

Assim, percebemos que o próprio objetivo do estágio está voltado para uma apresentação no campo de atuação profissional para o curso de Pedagogia. Por meio dele, pude mobilizar concepções teóricas para a prática, e assim, aos poucos me formar pedagoga, percebia nessas vivências a minha profissionalização acontecendo e a minha identidade profissional, minhas aprendizagens e o meu desenvolvimento pessoal e profissional, como expressam Ramalho, Núñez e Gauthier (2003).

Antes dos estágios, os percebia como uma atividade sem objetivos direcionados, ou seja, entendia que as crianças brincavam por brincar, que por trás dessas atividades, não havia uma intencionalidade pedagógica. Ou seja, que essas, não se centravam em objetivos relacionados às atividades que realizava com as crianças.

Assim, ao vivenciar esses momentos, constatei a importância dos planejamentos, das atividades em articulação com os objetivos e principalmente, vivenciei a interação entre teoria e prática, o que eu estudava na teoria, conseguia enxergar em cada atividade prática que realizava.

Portanto, posso afirmar, o quanto é importante termos o conhecimento para contribuir com as aprendizagens e desenvolvimento das crianças, entendimento proporcionado pelo curso de Pedagogia.

7.2 O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I: ENCONTRO QUE ME FEZ ESCOLHER A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Essas narrativas apresentam de modo breve os motivos pelos quais me levou a escolher a Educação Infantil como campo de trabalho. Foi meu primeiro contato com essa modalidade de ensino, a qual me inquietava e me deixava curiosa em relação às aprendizagens e desenvolvimento das crianças dessa faixa etária.

Durante essa vivência, pude observar as transformações no desenvolvimento dessas crianças. Tanto nas minhas observações como na minha atuação nesse campo de conhecimento, ou seja, desenvolvendo atividades de estudo, tive a certeza de que gostaria de lecionar nesse espaço

Compreendo a importância do papel do pedagogo no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças, mediante atividades que propiciem o desenvolvimento motor, a interação social, de maneira lúdica. Por meio dos jogos, brinquedos e brincadeiras compreendi que as crianças desenvolvem habilidades cognitivas e sócio-linguísticas, vivenciando suas próprias experiências, orientadas pelos professores.

Ao escrever este relato, e durante a realização das atividades na instituição, na qual realizei o Estágio Supervisionado, percebi a presença de concepções que estudei no curso de Pedagogia. Por exemplo, quando vivenciei com as crianças as atividades lúdicas, relembrei das ideias de Jean Piaget (1990) ao definir esse objeto de conhecimento, destacando que o lúdico é o processo de ensino-aprendizagem que se dá mediante as

brincadeiras, em que a criança descobre novas informações e pratica o conteúdo que aprendeu.

Assim, compreendi sobre a importância de conhecermos teoricamente diferentes concepções sobre aprendizagem e desenvolvimento, de maneira a saber selecionar e elaborar atividades que dialoguem com tais percepções. Além de entender que o educador tem um papel transformador na vida das crianças, contribuindo para que elas se formem com pensamento crítico e encorajador para experimentar novos desafios, sabendo intervir em situações diversas de seu contexto.

8 EU E A MINHA FILHA DE MÃOS DADAS NOS FORMANDO PROFESSORAS

As minhas narrativas nesta seção enunciam com emoção e vislumbre trilhas percorridas com a minha filha no curso de Pedagogia, desde a nossa entrada na instituição. Foram muitos desafios que enfrentamos e superamos juntas. Acredito ser um presente de Deus esse momento maravilhoso em nossas vidas.

Ao escrever essas memórias, sentir a interação do meu Eu com a minha própria história em tempos diferentes, passado, presente e futuro. Como revela Passegi (2010), a relação do escrevente com sua própria história em tempo não-linear.

Segundo a autora, é a escrita de etapas da vida daquele que escreve que ele seleciona e organiza, desconsiderando o tempo cronológico, observando as relações entre as lembranças e o conhecimento internalizado até o momento da escrita.

Afinal, quem escreve, afirma Passegi (2010), é aquele que se encontra no tempo presente e que vai se dirigir a vários desdobramentos de posicionamentos subjetivos, em um processo de construção de concepções sobre vivências diversas, jamais revivendo a experiência tal como a experimentou, mas reelaborando um novo sentido para o vivido.

Assim, Passegi (2008) deslinda que haverá momentos de tensão entre o Eu das experiências vividas e o Eu do hoje, repleto de novas concepções de si e de outros, do que aprendeu, daquele teórico que você leu, o qual pode fundamentar sua argumentação.

Eu, Sidcleia Pereira Costa do Nascimento, fui mãe, aos meus 20 anos de idade, da linda menina, Maria Eduarda Costa do Nascimento e sempre fui muito presente em sua educação como mãe. E ela sempre foi muito comprometida com seus estudos até o 9º ano (Ensino Fundamental – anos finais).

Quando passou para o Ensino Médio, na fase da adolescência, ela começou a se desinteressar pelos estudos e assim, quando completou 18 anos, eu dei a responsabilidade realmente para ela.

Já estava meio cansada de tantas orientações, poucas vezes seguidas, mas não no intuito de desistir dela, mas que ela pudesse perceber com outros olhos a educação que lhe faria ter sucesso no futuro, ou seja, que a permitisse ingressar no mundo do trabalho com segurança intelectual e financeira. Falava-lhe que as minhas exigências eram porque eu queria um futuro seguro para a sua vida, e assim eu fiz. Sendo assim, ela conseguiu conquistar o seu Ensino Médio. Ainda não imaginava que pudéssemos cursar uma faculdade juntas.

A adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Brasil, 2007b). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 2007c). Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Formigli; Costa & Porto, 2000).

Segundo Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Mattos Silveiras (2010), da mesma forma se observa mudanças na compreensão do que é adolescência, também percebemos transformações em como os teóricos que pesquisam esse objeto de estudo abordam essa etapa da vida.

Principalmente, a dimensão comportamental. Hoje observamos uma perspectiva de estudar todo o ciclo vital, considerando, então, a adolescência como mais uma etapa, com características próprias que atuarão na construção das trajetórias de vida de cada sujeito, dentro de um contexto sociocultural (Sifuentes & Cols, 2007).

Diante dessas transformações, ciente que com o tempo passaria, meu objetivo era vê-la fazer uma faculdade, conquistar uma graduação, e eu estar com ela na plateia vibrando por ela. Mas, tinha certeza de que Deus tinha um plano para as nossas vidas. Ainda não compreendia nesses momentos turbulentos da adolescência.

Eu fui uma mãe muito nova, na época não tinha essa visão para o futuro, sempre fui muito materna, concentrada nos cuidados com a educação, buscando uma orientá-la da melhor forma possível. Quando ela concluiu o segundo grau (aos 19 anos) eu fui prestar

o vestibular no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, não fui aprovada.

Logo em seguida, a esse acontecimento, ocorreu a oportunidade de ela também entrar na mesma instituição para cursar Pedagogia, e assim, eu a convidei para fazer a seleção junto comigo. Eu acredito que que não tinha sido aprovada da primeira vez porque Deus tinha planos para as nossas vidas.

Quando resolvi tentar pela segunda vez, o fiz para incentivá-la e para mostrar a ela que nós poderíamos assim, mudar as nossas vidas, por meio da educação. Nesse período da minha vida, eu já tinha um olhar diferente de quando era adolescente, e assim, realizamos a seleção e fomos aprovadas em 2019, e por coincidência ficamos na mesma turma, que foi para nós um presente de Deus, pois, eu pude acompanhá-la, uma dando força para outra, porque não foi fácil, fazia muito tempo que estava longe da sala de aula, pois havia concluído o Ensino Médio em 2002.

Fiquei muito emocionada quando cheguei em sala de aula na companhia da minha filha, ficava muito calada, sempre tratando-a como colega de sala, até então, ninguém da sala sabia que éramos mãe e filha. Mas, no decorrer do ano todos da sala ficaram sabendo quem realmente nós éramos, todos ficaram surpresos, demonstraram alegria, pelo fato de ver mãe e filha estudando juntas em uma faculdade de graduação, E eu muito mais orgulhosa pela dedicação dela aos estudos, eu estava vivenciando e participando do desenvolvimento pessoal e profissional.

Quando surgiam os desafios, como por exemplo, o nível alto das aulas, a complexidade dos textos, ter que participar de seminários, ela queria não ir para as aulas, mas eu não deixava desistir, e eu ali dando forças, embora eu estivesse mais fraquejada do que ela. Não a deixaria fraquejar, pois mesmo diante de tais dificuldades, eu sempre dizia “nós vamos conseguir”, eu nunca soltei a mão dela, e ela a minha, sempre tive ali, fazendo-a se sentir segura.

Hoje, eu só sou grata a Deus por todos esses momentos que passamos juntas, desde o seu nascimento a adolescência, até chegar à vida adulta, vivenciando-a se tornar essa mulher responsável, sensível, capaz de assumir suas responsabilidades, comprometida com a faculdade e com o seu trabalho.

Deus preparou para mim um imenso presente que é Maria Eduarda, eu costumo dizer que a minha família é o meu maior orgulho, melhor presente, e Deus ainda deu um

bônus, permitir que eu possa fazer a minha graduação, que sempre foi o meu sonho, e me formar junto com minha filha.

Então, eu não consigo nem descrever em palavras o que é que eu sinto quando eu penso que isso está se concretizando. Assim, eu só tenho gratidão a Deus pela filha que ela é, e por essa oportunidade que me deu em ver uma das minhas filhas concluindo comigo o Ensino Superior.

No percurso da minha vida, encontrei pessoas que me incentivaram a prosseguir com os meus sonhos, uma delas, muito especial, foi a gestora de um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, em Natal/RN, em que eu trabalhava – a gestora Flávia Gonçalves. Em sua despedida da escola, reuniu todos os professores, colocou uma música “Aquarela”, de autoria de Toquinho, e nos deu uma folha em branco, nos orientando a escrever como seria escrita a nossa história, enfatizando, que no início, seriam rabiscos, mas que esses, com o nosso esforço se transformaria em uma linda aquarela.

Atualmente, eu vejo que pelo fato de ter acreditado em mim e não ter desistido dos meus sonhos, enxergo nitidamente, a minha aquela desenhada, mas que, ainda inacabada, pois sou um ser inacabado, como defende Freire (1983).

O inacabamento do ser humano como sua característica basilar se enuncia na maioria dos textos de Paulo Freire, desde o início das obras até seus últimos escritos (Freire, 1983, p. 41; 2004, p. 22). A compreensão do inacabamento é imprescindível para se entender o pensamento de Freire, já que é por ele que se justifica a sua concepção e o seu pensamento.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de um Memorial de Formação requer um mergulho em nossas lembranças, pois ao fazer essa imersão, nos encontramos vivenciando situações que não nos fazem sentirmos bem, por isso não é tão fácil, mas, ao mesmo tempo muito prazeroso e emocionante, porque conseguimos perceber que o olhar para o passado vivido e sentido, é um olhar ressignificado, maduro, cauteloso e resiliente.

Mas, ao mesmo tempo nos dar a sensação de dever cumprido, de superação, de orgulho, de amor e carinho, pois quer sejam os momentos felizes ou aqueles desafiadores nos serviram para acreditar o quanto somos capazes de enfrentar tempestades e bonanças, partilhando com aqueles que nunca soltaram as nossas mãos.

Apresento em meu memorial lembranças e momentos que fizeram parte da minha vida, contribuindo para a formação pessoal e profissional com as experiências vividas na vida. Memórias que me permitem avançar em minha caminhada, vislumbrando outros horizontes e tendo a certeza de que sou capaz de enfrentar qualquer obstáculo.

Hoje estou muito orgulhosa de mim mesma, por não desistir e acreditar que sou capaz, quero continuar estudando buscando novos conhecimentos e assumir com responsabilidade a profissão que escolhi para minha vida, sinto-me realizada como pessoa e como profissional pelo aprendizado que internalizei.

Com os meus colegas de turma aprendi a conviver, a ouvir, e a silenciar, quando era necessário; com os professores, aprendi novos conhecimentos, metodologias, atitudes e valores no tocante à nossa profissão.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, desempenhou sua função como instituição formadora de ensino superior de qualidade, conhecimentos que são fundamentais para minha vida profissional e formação como cidadã crítica, política e reflexiva em relação à minha profissão e como pessoa, como mãe e como mulher, no sentido de reconhecer que posso escolher ocupar qualquer lugar nessa sociedade tão desigual.

Todos esses anos de estudos, vivências, experiências nesta instituição formativa propiciaram momentos de desenvolvimento dos meus pensamentos crítico, científico e moral, assim, transformando a minha vida e ampliando horizontes.

Sinto-me hoje, como nos escritos de Freire (1999) em uma de suas obras “Educação como Prática da Liberdade”, por acreditar que a Educação Superior me proporcionou tal liberdade.

E assim, retomo o título do meu Memorial de formação “ENTRE MEMÓRIAS E CONCRETUDES: MELHOR QUE SONHAR É REALIZAR” para dizer que os sonhos sonhados, no sentido da minha profissão, foram realizados, pois, já me sinto pedagoga.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Quatro Rodas/ Edusp, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de Nove Anos**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

BRASIL. **Saúde de adolescentes e jovens**. 2007^a. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/saude/>. Acesso em: 10 de mai. De 2024.

BRASIL (2007b). **Indicadores sociais**. Crianças e adolescentes. 2007b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 10 de mai. De 2024.

BRASIL. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 10 de mai. De 2024.

BUOGO, Miriam. CASTRO, Gradeia. **Memorial de Formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/kpNFGXdLvXBhKXHg67mc5MN/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 22 fev 2024.

CARVALHO, Rozicleide B. de; SANTOS, Guilherme M. T. dos. **O Memorial de Formação como Atividade Metacognitiva de Pedagogas Recém-Formadas**. 2024. (no prelo).

CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro. **Tornar-Se Professor Formador pela Experiência Formadora**: vivências e escrita de si. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14532/1/Tornar-seProfessorFormador_Carrilho_2007.pdf> Acesso em: 17 jan. 2024.

FORMIGLI, V. L. A., COSTA, M. C. O., & PORTO, L. A. Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. **Cadernos de Saúde Pública**, 16, 831-841, 2000.

FRAZÃO, Dilva. **Luís da Câmara Cascudo**: folclorista brasileiro. Disponível em: https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 23^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GALVÃO, Dácio. Titular da Secretaria Municipal de Cultura (Secult/Funcart). **Bairro das Rocas comemora 76 anos**. Prefeitura do Natal. Publicado em 12 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://www.natal.rn.gov.br/news/post2/39605>> Acesso em: 23 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Salto para o futuro**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/26_salto_futuro.pdf#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%201991%20pela%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Roquette-Pinto%2C%20o%20Salto,tem%C3%A1ticas%20relacionadas%20%C3%A0s%20pr%C3%A1ticas%20pedag%C3%B3gicas%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica> Acesso em: 22 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus>> Acesso em: 06 mar 2024.

MENEZES, Pedro. Família: conceito, evolução e tipos. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/familia-conceito-tipos/>> Acesso em: 17 fev 2024.

Organização Mundial da Saúde. Problemas de la salud de la adolescencia. **Informe de un comité de expertos de la O.M.S** (Informe técnico nº 308). Ginebra, 1965.

PASSEGGI, Maria da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Mediação Biográfica**: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes. PASSEGGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. (Á. Cabral, Trad). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1945). 1990.

PINO, Angel. **A CRIANÇA E SEU MEIO: CONTRIBUIÇÃO DE VIGOTSKI AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E À SUA EDUCAÇÃO**. Psicologia USP, São Paulo, 2010, 21(4), 741-756. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psp/a/rn7G9MgGqBsMsMZd3h9xWjJ/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 26 fev 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL. **CONHEÇA MELHOR SEU BAIRRO. ROCAS**. Natal, RN, novembro de 2012. Disponível em: <<https://www.natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Rocas.pdf>> Acesso em: 22 jan. 2024.

QEdU: IDEB da Escola São José – Natal/RN. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/52021459-escola-municipal-sao-jose/ideb>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; FARIAS, Maria Aznar; MATTOS SILVARES, Edwiges Ferreira de. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234 Adolescência através dos Séculos

RAMALHO, Betania L.; NÚÑEZ Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o Professor – Profissionalizar o Ensino**. 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy**. Natal/RN, 2019.

TEIXEIRA, L.H.O. **A ABORDAGEM TRADICIONAL DE ENSINO E SUAS REPERCUSSÕES SOB A PERCEPÇÃO DE UM ALUNO**. Revista Educação em Foco-Edição nº 10-Ano: 2018. Faculdade de São Lourenço. MG. Disponível em:
<https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/08/009_A_ABORDAGEM_TRADICIONAL_DE_ENSINO_E_SUAS_REPERCUSS%C3%95ES.pdf> Acesso em: 01 de fev. 2024.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

Capítulo XIV: A Menina que Sonhava Outrora, Hoje é uma Mulher de Lutas e Conquistas!

Maria Eduarda Costa do Nascimento

1 INTRODUÇÃO

O Memorial de Formação, enquanto gênero acadêmico consiste em ser um instrumento que pode possibilitar ao profissional de educação ou de outra área, a revisitação da memória e com isso pode vir a recuperar algumas lembranças para com essas estabelecer em sua narrativa uma relação entre a formação escolar, profissional e acadêmica, considerando as teorias estudadas e as experiências vividas em contato com o conhecimento humano e profissional (Passeggi, 2010).

Os teóricos os quais fundamento a escrita do meu Memorial de Formação são: Paulo Freire (1989; 2006; 2008), Lev Vigotsky (2009), Henri Wallon (1986; 2008), entre outros.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral: apresentar aos leitores as minhas experiências de vida estudantil nas fases da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Superior. Como objetivos específicos, busquei descrever um pouco sobre a minha subjetividade no contexto escolar e expor as considerações dos estudos transformadas em aprendizagens.

A construção deste trabalho se justifica no meu pensamento de levar o benefício de incentivo do estudo e da pesquisa na área Pedagógica, a partir da minha história com a Pedagogia.

O material aqui escrito se utiliza da metodologia da autobiografia em conjunto com a revisão bibliográfica para a fundamentação teórica deste Memorial de Formação, as quais dialogaram com a minha história de vida.

As seções descritas se organizam da seguinte forma: Inicialmente abordo o prazer vivenciado na minha infância; relato minhas histórias enquanto adolescente; em seguida, descrevo sobre o ingresso no Instituto Kennedy com o curso de Pedagogia; exponho a minha experiência em sala de aula em conjunto com a minha mãe; trago

também vivências em família; e descrevo as aprendizagens obtidas com os estágios supervisionados, e encerro refletindo sobre minha postura como futura pedagoga.

2 INFÂNCIA VIVIDA COM PRAZER: MEUS PAIS, A MINHA REFERÊNCIA

Nesta seção relato sobre memórias da minha infância, momentos vividos com meus pais que foram repletos de muitas aprendizagens e experiências prazerosas.

Em 20 de outubro de 2000, nascia Maria Eduarda Costa do Nascimento, filha de Sidcleia Pereira Costa do Nascimento e Ivanildo Matos do Nascimento. Fruto de um amor de longas datas. Um bebê muito esperado por toda família. O dia do meu nascimento foi cheio de alegria, rodeado de muito amor e cuidado. Assim, contara a minha mãe.

Quando bebê e criança eu era tranquila, esperta, comunicativa, extrovertida e carinhosa. Meus pais me contam que todos queriam me pegar no colo e que eu chamava a atenção onde passava.

Na rua em que morava, chamada Belo Monte, no bairro das Rocas, em Natal, no Rio Grande do Norte, eu era conhecida como "bebê cheirosa", pois todas as tardes minha mãe me arrumava e eu saía com meus pais, outras vezes, com meus tios e tias, para passear, e vivia cada momento descobrindo o mundo que ali estava e usava muito da imaginação para entender alguns momentos.

Ao lembrar esses momentos, já consigo estabelecer relação com ideias de alguns autores que estudei no curso de Pedagogia, como por exemplo, Vygotsky (2005), pois percebo como é importante para a aprendizagem e desenvolvimento de uma criança as relações com o meio e com diferentes pessoas. Ou seja, compreendo como a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, é imprescindível para a criança internalizar novos conhecimentos. Também me recordo das ideias de Wallon (2008), quando defende a importância da afetividade no desenvolvimento de uma criança.

Minha mãe concluiu os estudos após o meu nascimento e em seguida entrou para o mercado de trabalho, e meu pai já tinha concluído os estudos e trabalhava. No ano de 2003, com dois anos e quatro meses, iniciei minha vida escolar em uma escola privada chamada "Jardim Escola Lago dos Cisnes", no bairro das Rocas, em Natal/RN, ingressando no maternal, atualmente, início da Educação Infantil, onde fiquei um ano.

Nessa instituição aprendi sobre as cores, conheci os números, desenvolvi a coordenação motora fina e grossa, dentre outras descobertas, tão importantes para o

desenvolvimento da criança. Rememorando este momento, compreendi a importância da escola como ambiente social e cultural para criança, nele, ela desenvolve a criatividade, a autonomia, dentre outras ações tão importantes para o seu desenvolvimento.

Vygotsky (2009) revela que o desenvolvimento da criatividade é fundamentalmente orientado pelos contextos social e cultural, no qual pertence o sujeito, o que o permite a materialização do ato criativo.

Segundo Neves-Pereira e Branco (2015) a expressão criativa individual, da criança, reflete a influência do coletivo, é obra do grupo, da dimensão social, em que o sujeito, como agente, apenas externaliza, necessidade ou pensamento oriundo e emergente da cultura e do meio interativo em que vive. As autoras revelam que a criatividade surge, então, do domínio sociocultural como produto das interrelações do sujeito com seu ambiente, impulsionado neste percurso pelos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

No ano de 2004, comecei a estudar na escola privada “São José”, também localizada no bairro das Rocas, em Natal /RN. Então, iniciei o Jardim de Infância¹, estudando por dois anos. Nessa escola tive duas professoras: “tia”² Sulamita e “tia” Fátima”, que após estudar no curso de Pedagogia sobre esse assunto, compreendo a inadequação da utilização desse termo, como revela Freire (2008). Essas duas docentes marcaram as minhas vivências na Educação Infantil, pois eram extrovertidas e dinâmicas em sala de aula e fora dela.

Todos os dias tinha sempre algo novo e eu sentia prazer em ir ao colégio. Saí dessa instituição já sabendo escrever meu nome completo e a escrever copiando do quadro. Era muita afetividade, dimensão tão importante nessa fase da vida, como defende Wallon (1986). Para o autor a afetividade é um dos pilares que contribui substancialmente para o desenvolvimento de uma criança. Pois, por meio dela a criança estabelece laços afetivos, de confiança, aprende e se desenvolve de forma plena.

¹ Concebidos na atualidade como Educação Infantil. A LDB 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996, em consonância com a Constituição Federal Brasileira (1988), reconhece, em seus artigos 29 e 30, a educação infantil como a primeira etapa da educação básica oferecida em creches para atender a criança de até três anos de idade e em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos. Embora essa etapa da educação básica não seja obrigatória para a criança, é um direito seu e de sua família, cuja oferta é um dever do poder público, mais precisamente, dos municípios.

² O autor chama a atenção para o fato de que as “ensinantes” são também “aprendizes”, porque, enquanto se ensina, se aprende, e que estas devem se definir sempre como professoras, desafiando-as a deixar o cômodo papel de tia e refletir sobre até que ponto querem deixar a comodidade que essa expressão carrega e assumirem-se como verdadeiras profissionais da educação.

No ano de 2006, a Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, entra em vigor, em que as etapas escolares passam a ser chamadas de Pré-escola³, Ensino Fundamental e Ensino Médio. E, então, dou início em 2006 ao Ensino Fundamental.

O 1º ano com a "tia Jaciara" na escola privada "Padre Frederico Pastors". Na metade do ano letivo eu já estava alfabetizada e letrada, sabia ler e escrever, e com isso fiz minha primeira identidade assinando meu nome completo. Nessa instituição fiquei até o 5º ano do Ensino Fundamental, passei por diversos professores em especial "tia Jaciara", que me alfabetizou e foi professora no 3º ano. Até hoje ela se faz presente em minha vida, como "tia Socorro", que nos ensinava em sala de aula não apenas sobre ciência, mas também aprendíamos valores como ser humano.

Na escola "Padre Frederico Pastors" sempre fui estudante destaque e não me esqueço do momento em que recebi o convite da gestão escolar para que fizesse uma homenagem à escola no ano em que o colégio comemoraria uma data significativa de existência. Dentre toda a escola fui escolhida, e foi um prazer enorme contar a cada um que entrava na instituição a história da escola na qual eu tinha tanto orgulho de estudar.

No dia 09 de março de 2010 chega na minha vida uma luz, pois nasce minha irmã, Maria Letícia Costa do Nascimento, naquele momento um sentimento de amor tomava conta de mim, mas me deixava confusa: Onde que eu fico agora? Como ia ser?

Em 2011 ingressei na escola privada "CDF Colégio e Curso", cursando o 6º ano do Ensino Fundamental. Uma mudança radical em minha trajetória acadêmica. Uma escola grande em estrutura física e intelectual. Lá, fiquei até o 8º ano e foi a melhor época da minha vida acadêmica escolar. Sempre fui participativa em todos os momentos nessa instituição, fiz novas amizades, participei pela primeira vez de uma Olimpíada interna de Matemática e sendo aprovada em segundo lugar.

Lembro-me como se fosse hoje o tamanho da felicidade que senti pela minha conquista, tive minha primeira amostra cultural, em que produzi meu primeiro projeto cujo tema fora: "Artesanato: Arte e fonte de vida". Tive professores que me instruíram a ser disciplinada, dedicada e esforçada. Dentre eles, os professores Jairo e Gutemberg de Matemática, a professora de Geografia Maria Natividade (*in memoriam*), o professor Lucas, de redação o qual me conduziu e me orientou na produção da minha primeira

redação, e o professor Junior Leite que era extremamente exigente e disciplinado, mas era muito querido por toda a escola.

No entanto, chegou o momento de mais uma mudança. Minha irmã começou a estudar e meus pais não tinham condições financeiras de me manter no ensino particular. Por este fato, no ano de 2014 fui cursar o 9º ano na Escola Estadual Newton Braga, no bairro do Alecrim. Para mim, aos 14 anos, era uma tristeza ter que sair da escola que eu tanto gostava.

Com a mudança, por ser um ambiente novo e por se tratar de uma escola pública, eu não aceitava, pois queria terminar com a minha antiga turma do CDF. Não foi um ano fácil, a escola era desinteressante para mim, uma vez que tudo era novo para os outros estudantes menos para mim, pois eu só estava revendo o que já havia estudado no CDF Colégio e Curso, e isso refletia em mim de forma negativa. As minhas notas começaram a cair, o ano foi passando e pela primeira vez fiquei em dependência⁴. Fui para a primeira série do Ensino Médio⁵ com dependência em História.

Mas, mesmo diante de tantos desafios, que os enxergava como dificuldades que hoje posso olhar para este passado sob um prisma diferente. Ou seja, com a compreensão de que eles me serviram para me sentir mais forte. Ao mesmo tempo, como quase pedagoga entendo a importância de acolhermos afetivamente qualquer estudante, seja qual for a sua faixa etária, para que ele possa se sentir seguro no novo espaço escolar. E assim, não implicar de modo negativo no seu processo de ensino-aprendizagem.

4 MINHA CHEGADA AO INSTITUTO KENNEDY: A PEDAGOGIA ME ESCOLHEU

As narrativas que constituem esta seção dizem respeito a minha chegada ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, instituição formadora de professores, nela, relato os motivos pelos quais justifico o porquê de a Pedagogia ter me escolhido. É um diálogo entre vivências que escolhi enunciar e os autores que julgo importantes para a minha formação.

⁴ A Dependência escolar consiste na possibilidade de o aluno passar adiante no ano letivo, com a possibilidade de aprender conteúdo de até três disciplinas passadas. Foi instituída nos anos 2000 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000).

⁵ Art. 3º O ensino médio é direito de todos e dever do Estado e da família e será promovido e incentivado com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, conforme previsto no art. 205 da Constituição Federal e no art. 2º da Lei nº 9.394/1996 (LDB).

Naquele ano de 2020, quando iniciei o curso de Pedagogia-Licenciatura, entrei convicta que se eu não gostasse dele, desistiria. Iniciaram as aulas e o primeiro componente curricular que conheci foi *Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação I*, ministrado pelo Professor Márcio Fabrício. A aula foi presencial em que compartilhamos conhecimentos em sala sobre o filósofo Aristóteles e o biólogo epistemológico Jean Piaget, que embora não fossem conteúdos que eu tenha gostado, mas apreciei a aula.

Apreendi nas aulas do professor Márcio que Aristóteles foi um defensor do sistema político democrático pelo qual Atenas já havia passado, tendo escrito um livro sobre esse assunto. Também escreveu tratados de **Ética**, em que afirmava a necessidade da busca de uma moderação das ações humanas baseada na prudência para que a vida em sociedade levasse os cidadãos à felicidade. A partir de então, ainda não havia lido ou tido aula sobre ética, apenas ouvia falar, compreendendo assim, a importância da ética, dos princípios e dos valores em todas as dimensões da nossa vida, em particular na nossa vida profissional.

Sobre Jean Piaget (1990), aprendi que foi um estudioso da psicologia e da educação que muito contribuiu para compreendermos como as crianças aprendem. Esse teórico, dentre suas contribuições, defende que a utilização de atividades que promovam o conflito cognitivo e que o lúdico propicia o desenvolvimento dos estudantes. Sabendo disso, já me imaginava estagiando na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, planejando jogos e brincadeiras para que os estudantes pudessem aprender e se desenvolver com interesse e prazer.

Acredito não ter gostado inicialmente porque não estava familiarizada com concepções teóricas e filosóficas tão rebuscadas, termos de difícil compreensão. Mas, a forma paciente e encorajadora a qual o professor ministrou, me encantou. Após essa primeira aula, os professores da rede estadual entraram em greve e quando fomos voltar às salas de aula, ocorreu um período de muita preocupação, comoção e cuidados – pela primeira vez estávamos vivenciando uma Pandemia: a pandemia do COVID-19⁶.

⁶ A pandemia de COVID-19 também conhecida como pandemia de corona vírus, é uma pandemia da doença por corona vírus 2019(COVID-19), causada pelo corona vírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. As tentativas de contê-lo falharam, permitindo que o vírus se espalhasse para outras áreas da China e, posteriormente, para todo o mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (PHEIC) e, em 11 de março de 2020, como pandemia.

O mundo inteiro foi acometido por esse vírus, que eu tinha visto apenas nos livros de Ciências, Biologia, História e Geografia, quando ainda cursava a Educação Básica. Tratava-se de uma nova doença causada por um vírus denominado COVID-19 que chegou e mudou toda a nossa vida por completo. Ficamos em quarentena, comércios fechados, ninguém nas ruas, aulas suspensas, medidas sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021) sendo tomadas para que todos pudessem se proteger de alguma forma.

Então, ficamos um tempo sem aula, até os professores se organizarem para iniciar as aulas *on-line*⁷, e passamos mais de um ano assistindo às aulas na modalidade remota⁸, e quando retomamos às aulas presenciais em 2022, o COVID-19 ainda estava presente entre nós, embora com menos intensidade, como foi nos anos de 2020 e 2021. Nesse retorno, todas as instituições de ensino brasileiras, seguiram protocolos estabelecidos pelo Estado, com base naqueles determinados pela OMS. Para esse retorno, uma das medidas tomadas foi a administração de vacina contra esse vírus.

Mas, foi ainda na Pandemia, durante as aulas *on-line* que eu descobri que a Pedagogia me escolheu, pois começava a me encantar com os teóricos que estudava: Jean Piaget (1990), que defendia a importância do conflito cognitivo para aprender o mundo dos objetos; Henri Wallon (1986; 2008), que nos mostrava mediante seus escritos sobre a relevância da afetividade, ou seja, precisamos afetar o outro de forma positiva, de tal maneira, que este tenha interesse em aprender; Lev Vygotsky (2005), que enuncia a imprescindibilidade de considerarmos a Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP) dos sujeitos, em que consiste na relação da distância entre os níveis de desenvolvimento real – NDA (conhecimentos internalizados), e potencial – NDP (capacidade que os sujeitos tem para aprender); Selma Pimenta (1999), que discute sobre formação docente e identidade profissional; Magda Soares (2020), Emília Ferreiro (1985), ambas discutem sobre alfabetização e letramento, dentre outros.

Durante as aulas, éramos orientados a preparar e apresentar seminários, realizávamos atividades em grupo, e assim, paulatinamente, ia me identificando e gostando de todo aquele processo, pois estava me formando, aprendendo e me

⁷ O ensino *on-line* é, portanto, uma forma de educação à distância, mas o termo é mais comumente usado para se referir a cursos em que os professores são separados dos alunos, sem contato presencial.

⁸ Diferentemente do ensino à distância (EaD), o ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial.

desenvolvendo como profissional da Educação. E assim, construía a minha identidade profissional e a minha profissionalização.

Ao voltarmos às salas de aula no formato presencial, as aulas me encantavam, cada professor com sua metodologia proporcionava novos conhecimentos e sede de querer sempre aprender mais, imaginava como seria quando eu adentrasse às salas de aula, de fato.

Hoje, tenho a certeza de que a Pedagogia me escolheu, pois de fato não a conhecia, não estava em meus planos, mas também sei, que ao conhecê-la, eu a escolhi para ser a minha profissão. Ela se faz em minha vida, não apenas como profissão, e sim como parte de mim, pois sem a Pedagogia eu não seria quem eu sou hoje, como profissional e como pessoa.

Ou seja, vejo o processo de ensino-aprendizagem com um novo olhar, sabendo que as concepções de educação que estudei posso utilizá-las em sala de aula respeitando o contexto no qual estarei incluída para lecionar. E quando for mãe poderei acompanhar meus filhos em suas atividades escolares com esses conhecimentos.

5 UMA SALA DE AULA E DUAS VIDAS QUE SE COMPLETAM: EU E A MINHA MÃE NOS FORMANDO EM PEDAGOGIA

Essas narrativas enunciam momentos vividos com a minha mãe e em interlocução com as minhas aprendizagens na sala de aula do curso de Pedagogia do IFESP.

Quando iniciei a minha vida escolar, amava quando a minha mãe me deixava e me buscava na escola, mas, jamais imaginei estar em sala de aula com ela, cursando Pedagogia no Instituto Kennedy, instituição renomada do Rio Grande do Norte em formação de professores, aprendendo juntas.

Dentre os sonhos almejados, a vida me permitiu realizar três deles ao mesmo tempo: cursar o Ensino Superior, ver a minha mãe se formar no curso que ela sempre sonhou e o sonho da minha mãe em me ver concluindo o curso superior. E este, passou a ser meu. Pensar em uma profissão em nível superior significa para mim ascensão na sociedade, é ter melhores condições de vida, é poder olhar para a realidade pensando científica e criticamente.

Concordo com Freire (1989) quando em sua obra “A importância do ato de ler”, defende que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, referindo-se à leitura da realidade com pensamento crítico, emancipatório e libertador. No meu entender, para realizarmos essa leitura, é necessário que os sujeitos estejam imersos em um ambiente que lhes permitam desenvolver o pensamento crítico, que no meu caso, se inicia quando entro no curso superior – o curso de Pedagogia.

Eu só tenho a dizer da gratidão que sinto, por Deus ter proporcionado essa conquista e orgulho da profissional que eu vi minha mãe se tornar, a cada aprendizado desafios, dentre esses, dificuldades financeiras, pessoais, mas sempre fomos o alicerce e a força uma para a outra. É uma honra compartilhar esse momento com a pessoa que me deu à luz e sempre cuidou de mim da melhor forma possível.

Quero que ela saiba o quanto foi difícil em alguns momentos não a chamar de mãe, dirigindo-me a ela pelo seu nome “Sidcleia”, mas eu tenho orgulho da mulher, mãe e profissional Sidcleia que ela se constituiu ao longo da sua trajetória de vida. Afinal, a considero uma guerreira, capaz de realizar seus sonhos, e sei que esse é só o primeiro de muitos que virão. Serei sempre grata por tudo, ela foi e sempre será a melhor colega de sala, minha melhor dupla e a melhor mãe do mundo.

Como mãe ela me ensinou princípios éticos, valores e afetividade; como colega de turma, ensinou-me conteúdos que, às vezes, tinha dúvidas e ela me esclarecia.

6 OS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS: CONFIRMAÇÃO DO CAMPO DE ATUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Narrar sobre os Estágios Curriculares Supervisionados é aprender novamente, pois por meio desses escritos, reflito sobre a minha prática e os conhecimentos que internalizei e àqueles que ainda preciso e tenho desejo de aprender para então, ensinar. São essas narrativas, que decidi compartilhar com o leitor.

Nos Estágios Curriculares Supervisionados que tive a oportunidade de vivenciar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental; na Coordenação Pedagógica (espaços escolares); bem como em Espaços não Escolares, fizeram-me perceber a sua importância para que, como futuro profissional da educação, adquira experiência para atuar em diferentes campos de conhecimento, para que possa identificar em qual área irei atuar.

Hoje, eu sei que, graças aos estágios, pude descobrir qual espaço me identifico para lecionar. Nesses espaços vivenciei diferentes experiências na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Gestão Pedagógica (espaços escolares), ou em Espaço não Escolar.

No espaço da Educação Infantil, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Amor de Mãe”, em Natal, no Rio Grande do Norte, construí e realizei junto à minha dupla de estágio – Sidcleia – o projeto literário, trabalhando cultura, cores, formas, e lazer na piscina “banho literário”, atividades deveras marcantes para nós, e momentos de muita ludicidade. Nessas atividades, pude perceber teorias estudadas em sala de aula, como por exemplo, ao desenvolver as atividades com as crianças, percebi a interação entre elas, tão importante para o seu desenvolvimento, como destacam Vygotsky (2005) e Piaget (1990).

Para esses autores, a linguagem se dá por interação, e assim, as aprendizagens e desenvolvimento acontecem no meio social. Enquanto Vygotsky (2005) defende que aprendemos do plano social para o plano individual, Piaget (1990) afirma que para aprendermos se faz necessário estarmos maturacional e cognitivamente desenvolvidos. A minha experiência como estudante e experienciando os estágios, por exemplo, faz-me assumir a concepção vygotskiana, pois percebi que à medida que eu aprendia, desenvolvia intelectual e profissionalmente, vi isto acontecer, sobretudo, nos estágios e nos seminários quando me apresentava em grupo.

No Ensino Fundamental (anos iniciais), o estágio também foi realizado em dupla com Sidcleia, este ocorreu na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na escola pública de Santos Reis, no bairro de Santos Reis, em Natal/RN. A nossa regência em sala de aula ocorreu em uma semana, apaixonei-me por esta modalidade de ensino, devido às vivências compartilhadas, pela luta dos trabalhadores estudantes em não desistir, pois sempre nos relatavam que o cansaço era um dos motivos, que às vezes atrapalhava o seu deslocamento até a escola.

Compreendi como é importante conhecermos o meio social, econômico, familiar de cada estudante, para então, elaborarmos o planejamento que atenda às suas necessidades formativas. Nesse estágio elaboramos e materializamos um projeto sobre o câncer de mama, pois era o mês de outubro, que se consagrou como “Outubro Rosa”.

Ao adentrar essa realidade, para então pensar em um planejamento adequado às necessidades formativas desses sujeitos, fui buscar junto com a minha dupla vários autores, dentre eles, Paulo Freire (1989), pesquisador que elaborou uma concepção de educação para jovens e adultos. Ele defende que é necessário conhecermos o contexto de

vida dessas pessoas, para então, ensinar de modo que eles possam aprender com compreensão e consciência, e que esta, se transforme em conscientização, ou seja, o pensamento em ação.

No estágio referente à Gestão Pedagógica, realizado no *CMEI Amor de Mãe*, foi o único que não me identifiquei, pois me vejo em sala de aula. Para mim foi lindo e formador vivenciar o trabalho dos que fazem a instituição, além dos professores, diretores e coordenadores pedagógicos, mas não me vejo atualmente, atuando neste campo de trabalho. Como conteúdo, abordamos como objetos de conhecimento princípios e valores em relação à ética e o respeito. Lembrei-me das aulas do professor Márcio Fabrício.

Como atividade de estudo, realizamos com os funcionários da escola uma enquête, mediante um questionário e uma entrevista, cujo objetivo foi o de conhecer a opinião desses em relação à gestão da instituição. Após essa pesquisa, organizamos os resultados, construímos gráficos e apresentamos à gestão, a qual compreendeu como positiva as opiniões dos funcionários, de modo que relataram que iriam utilizar esse resultado para melhorar a atuação como gestores.

No Espaço não Escolar, o estágio ocorreu na *Biblioteca Virgílio Urbano*, situada no bairro das Rocas, em Natal/RN. Nesse ambiente, realizamos com as crianças que frequentavam o ambiente para melhorar seu desempenho cognitivo, uma oficina sobre reaproveitamento de materiais com o intuito de construir brinquedos para que eles utilizassem no momento de intervalo. Participar dessas atividades, desde o seu planejamento até a sua execução, me permitiu refletir sobre diferentes autores que pesquisam sobre dificuldades de aprendizagens. Dentre eles, Freire (2006), Beber, Silva e Bonfiglio (2014).

Esses autores têm destacado a necessidade de se investigar e avaliar diferentes fatores que impactam nas aprendizagens dos estudantes, de modo a ampliar a compreensão e intervenção sobre essas dificuldades. Segundo eles, é imprescindível olhar para além do foco nas habilidades desses sujeitos, além dos ambientes de aprendizagens. Freire (2006), Beber, Silva e Bonfiglio (2014).

Tais aspectos implicam um conjunto de mediadores e variáveis sociocognitivos presentes nas condições de ensino-aprendizagem, tais como conteúdos prévios; desenvolvimento cognitivo e psicossocial; autorregulação, autoeficácia e estratégias de aprendizagens; concepções e abordagens à aprendizagem. (Silva; K. P.; Jardim, A. P; Souza, M. L. de, 2019)

Assim, ao conhecer as atividades disponibilizadas para esses estudantes, percebi que ainda se utilizavam do ensino behaviorista, conhecido como comportamentalismo, ramo da Psicologia que estuda o comportamento humano e animal. O foco não está na mente ou nas emoções, mas sim nas ações e reações observáveis. A ideia básica é simples: comportamentos são aprendidos e, portanto, podem ser desaprendidos ou reconicionados. (Viega; Vandenberghe, 2001)

Sabendo que esta concepção não mais atende à realidade atual em relação às aprendizagens e desenvolvimento dos sujeitos aprendizes, em acordo com a minha dupla, organizamos nossas atividades, de modo que os estudantes pudessem contar suas histórias e assim, protagonizarem no fazer pedagógico. Utilizamos principalmente, a ludicidade para encantá-los e dessa forma participarem das atividades com desejo e prazer, e foi justamente o que aconteceu.

Com essa experiência também percebi que as várias concepções de ensino-aprendizagem têm suas potencialidades e limitações, cabendo a nós educadores, saber empregá-las nos contextos, nos quais estamos vivenciando.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de um Memorial de Formação é um processo de reflexão e de muita emoção, pois é nesse processo que percebemos o quanto aprendemos e nos desenvolvemos como profissional e ser humano, em seus diversos aspectos.

Não é fácil relembrar de tudo que passamos ou vivemos, pois existem momentos de muitas dificuldades para lembrar fatos que nos entristecem. Com esta escrita, percebi o quão forte eu sou, pois mesmo em meio a desafios, estou hoje aqui concluindo a graduação em Pedagogia, com o coração cheio de gratidão a todos que fizeram parte dessa conquista.

Além de sentir a sensação do primeiro dever cumprido comigo mesma, uma vez que, se sinto que fui capaz de realizar este sonho, sou capaz de realizar outros, mesmo que tenha que enfrentar uma longa jornada de formação. Aprendi que sou eu quem escolhe o lugar que quero ocupar.

Apresento em meu Memorial de Formação relatos sobre a minha história e vivências que independente do momento, todos foram contributivos para que eu chegasse hoje a ser a uma pedagoga.

Cada momento pelo qual passei, cada dificuldade, cada desafio, pois, hoje entendo a importância de cada teórico da educação que tive a oportunidade de conhecer, mediante seus escritos, fez-me compreender que tudo faz parte de um processo de ensino-aprendizagem para que eu possa ser competente para atuar nesta profissão. É com muito orgulho que concluo essa etapa da minha vida, pois, sei que outras, tão importantes como esta, me aguardam.

Hoje, com vinte e três anos de idade tenho um imenso orgulho da mulher adulta e profissional que me formei e me tornei, pois com dedicação, esforço e responsabilidade honro a mim e a todos aqueles que sempre acreditaram que eu era capaz de ter uma profissão, de me formar em uma das melhores profissões que me escolheu e que a escolhi depois que a conheci: a profissão de pedagoga.

Com a turma do Instituto Kennedy pude vivenciar diversas experiências nesses quatro anos de formação, agradeço a parceria, o respeito, a compreensão em todas as situações. E o mais importante, foi a partilha de conhecimento, pois com todos aprendi algo que vou levar para toda a vida.

Continuarei a minha formação profissional, pois como diz o nosso querido Paulo Freire (1989), somos seres inacabados, portanto, aprendemos sempre.

Ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, agradeço a oportunidade de mudança de vida e realização de um sonho, pois, me proporcionou a chance dessa formação no curso de Pedagogia. Tenho muito orgulho de estar me formando nesta instituição, pois é de grande referência educacional para mim, pois, as vivências e experiências só quem sabe é quem por aqui passou e desfrutou.

E assim, ancorada no pensamento de Esopo⁹ que diz que “ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar”, retomo o título do meu Memorial de formação “A menina que sonha outrora, hoje é a mulher de lutas e conquistas”, para dizer que toda conquista parte de uma ideia, uma meta, um sonho, que é percorrido com lutas e desafios até se tornar real.

⁹ Esopo (séc. VI a.C) foi um fabulista grego que teria vivido na Grécia antiga. Figura supostamente lendária, passou para a história como o primeiro criador de fábula.

REFERÊNCIAS

BEBER, B., Silva, E., & Bonfiglio, S. U. **Metacognição como processo de aprendizagem**. *Revista Psicopedagogia*, 31, p. 144-51. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1671892&pid=S1414-4. Acesso em: 10 mai 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/1996**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622. Acesso em: 10 mai 2024.

BRASIL. **Constituição Federativa Brasileira de 1988**. 10 ed. Atualizada em 1998. Brasília, Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1988. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1631567&pid=S1414-6975200800020000400004&lng=pt. Acesso em: 11 mai 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Progresso parcial por série**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb28_00.pdf> Acesso em: 16 fev 2024.

BRASIL. Planalto do Governo. **Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 16 fev 2024.

Esopo: Fabulista grego. Por Diva Frazão. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/esopo/> <https://www.ebiografia.com/esopo/> . Acesso em: 01 jul, 2024.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein e outros. Porte Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, L. G. L. Concepções e abordagens sobre a aprendizagem: a construção do conhecimento através da experiência dos alunos. **Revista Eletrônica Ciências e Cognição**, 9, p. 162-168. 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/>>. Acesso em 30 de mai. 2024.

NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; BRANCO. Angela Uchoa. Criatividade na educação infantil: contribuições da psicologia cultural para a investigação de concepções e práticas de educadores. **Estudos de Psicologia**, 20(3), julho a setembro de 2015, 161-172.

PASSEGGI, M da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010
PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

RAMALHO, Betania L.; NÚÑEZ Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o Professor –** Profissionalizar o Ensino. Porto Alegre: 2ª ed. Sulina, 2003. 208p.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy.** Natal/RN, 2019.

VIEGA, Marla; VANDENBERGHE, Luc. Behaviorismo: reflexões acerca da sua epistemologia. **Rev. bras. ter. comport. cogn.** vol.3 no.2, São Paulo, dez. 2001

SILVA; Kele P; JARDIM, A. P; Souza, Mariane L. de. **Dificuldades de aprendizagem:** contribuições da psicologia cognitiva e da fenomenografia. Psicologia da Educação. *Versão On-line*, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414. Acesso em: 10 mai 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

VYGOTSKY, Lev S. **A imaginação e a arte na infância.** Lisboa: Relógio D'Água. 2009.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes: Rio de Janeiro, 2008.

Capítulo XV: Narrativas Formativas e Reflexivas das Memórias de uma Estudante de Pedagogia

Janiclei Melo Silva

1 INTRODUÇÃO

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

Ao conhecer esse pensamento de Nelson Mandela (1918-2013), me encantei! Mas ainda não tinha compreendido a dimensão do seu significado. À medida que os componentes curriculares do curso de Pedagogia eram apresentados a mim e eu estava em sala de aula alfabetizando crianças, comecei a perceber que a Educação, por meio de ações responsivas dos professores, se constitui como um instrumento valioso para transformar a vida das pessoas, permitindo-lhes acessar a sociedade. Assim, compreendi a mensagem que Nelson Mandela pretendia compartilhar.

Este Memorial de Formação, intitulado “Narrativas Formativas e Reflexivas das Memórias de uma Estudante de Pedagogia”, tem como objetivo relatar, de forma reflexiva e crítica, momentos da minha trajetória de vida, buscando estabelecer relações entre a prática e a teoria vividas durante minha formação na instituição em que me formei como Pedagoga: o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), uma instituição de formação de professores e referência no estado do Rio Grande do Norte. Sua missão consiste em garantir à população um ensino público de qualidade, assegurando a universalização do acesso e a permanência dos discentes na escola, visando o pleno exercício da cidadania (IFESP, 2019).

O Memorial de Formação se constitui em uma autobiografia histórica e reflexiva. Sua composição deve estar sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional do autor (Severino, 2000). Com esse pensamento, o autor revela que o memorial é apresentado de forma histórica, consistindo em um relato analítico e crítico, com reflexões que abranjam os fatos e acontecimentos que formaram a trajetória pessoal e acadêmica-profissional, para que se construa uma autobiografia do autor.

Em princípio, começo a compartilhar as memórias que escolhi narrar a partir do trajeto percorrido na minha vida estudantil, profissional e acadêmica, relatando conquistas e desafios encontrados ao longo do caminho, até o vislumbre de alcançar o título de Licenciada em Pedagogia no Instituto de Educação Presidente Kennedy (IFESP).

São memórias que busco estabelecer relacionando umas às outras, considerando os aspectos psicológicos, cognitivos, afetivos, coletivos, históricos, acadêmicos e profissionais, os quais me constituíram e continuarão a me constituir, pois aprendemos em interação com o outro. Ao articular em minhas narrativas as dimensões psicológica, coletiva, histórica e discursiva da memória, Smolka (2000) nos revela que muitos lugares de memória emergem, explicitando alguns dos muitos sentidos desses lugares. Nos momentos de escrita, evidenciam-se situações que, na época em que vivi, tinham um sentido; hoje, outros se enunciam, pois vivenciamos novas experiências de vida. Assim, vamos nos constituindo.

A escrita dessas memórias me permitiu refletir e internalizar novos conhecimentos a respeito das obras estudadas, às quais recorri em alguns momentos para dialogar com minha história de vida. Momentos cruciais que me fizeram compreender os fundamentos teóricos de cada componente curricular, relembando autores que poderiam fundamentar minhas vivências.

O Memorial de Formação contribuiu para minha formação, propiciando a reflexão sobre a construção da minha identidade profissional, além de ter me estimulado a ter um olhar cauteloso em relação à formação das crianças das quais sou professora, além de outras futuras e aquelas que apresentem algum tipo de deficiência ou transtorno. Conciliar trabalho, família e minha vida acadêmica não foi uma tarefa fácil; contudo, consegui atingir meu objetivo: concluir o curso de Pedagogia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em quatro seções. A primeira – a introdução – tem como objetivo explicitar o que é um Memorial de Formação e sua organização, situando o leitor. Na segunda seção, narro reflexivamente minhas aprendizagens no Ensino Fundamental e no Magistério, compartilhando experiências vividas e sentidas. A terceira seção aborda minha trajetória formativa no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy ao cursar Pedagogia, compreendendo esse momento como um desafio que me permitiu aprender. Na quarta seção, apresento as considerações finais, nas quais retomo minha escrita, refletindo mais uma vez sobre as memórias que escolhi compartilhar com o leitor. Reconheço a importância do Instituto

Kennedy na minha formação superior e enuncio minha pretensão de continuar me formando, aprendendo e me desenvolvendo profissionalmente, vislumbrando uma pós-graduação. Por fim, incluo as referências escolhidas para dialogar com as memórias que compartilho.

2 ENSINO FUNDAMENTAL E MAGISTÉRIO: DESAFIOS VIVIDOS E SENTIDOS

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente.
Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.

Paulo Freire (1992)

Trazer essa epígrafe para esta seção do meu Memorial de Formação representa para mim um valor inestimável, especialmente em relação à superação, pois estudar sempre foi um sonho que eu tinha certeza de realizar. Para esse fim, mantive a esperança, mas não fiquei apenas à espera; fui à luta. Às vezes, quase fraquejei diante dos obstáculos, mas me levantei e decidi seguir em frente.

Apresento, nesta seção, memórias de momentos vividos no Ensino Fundamental e no Magistério, vivências que foram e ainda são ensinamentos de vida.

Fui para a escola com seis anos de idade, mas não me recordo do ano. A escola ficava próxima a minha casa, o que facilitava a minha vida. Passei por dificuldades em meu processo de alfabetização. Descobri as primeiras letras já na 1ª série¹ do Ensino Fundamental, aprendi a realizar a decomposição de palavras em sílabas na 2ª série e, ao chegar à 3ª série, continuei avançando em relação à escrita, começando a compreender frases um pouco mais longas.

Foi, entretanto, com a chegada à 4ª série que comecei, como que magicamente, a entender as frases que escrevia. Meus olhos se abriam para o mundo ainda desconhecido da leitura e da escrita! Foi uma experiência de altos e baixos, pois, como minha mãe precisava trabalhar, eu tinha que gerenciar meus estudos e as atividades domésticas, sendo a filha mais velha.

¹ Até o ano 2006, o Ensino Fundamental era classificado em séries. O Ensino Fundamental anos iniciais antigo incluía da primeira à quarta série. Ainda em 2006, o governo aprovou a Lei 11.274, de 6 de fevereiro, que ampliou a duração total do Ensino Fundamental para nove anos, estabelecendo que a matrícula das crianças deveria ocorrer a partir dos seis anos de idade. Na época, foi estabelecido o prazo de implantação do novo formato pelas escolas e sistemas de ensino até 2010.

Devido a uma série de dificuldades, tanto de ordem material quanto de organização familiar, meus primeiros anos escolares não foram fáceis. Na 7ª e 8ª séries precisei trabalhar para ajudar a família com as despesas da casa.

Eu, Janiclei Melo Silva, nasci no dia 7 de fevereiro de 1978. Sou natural de João Câmara, município do Rio Grande do Norte que até 1953 se chamava Baixa-Verde, passando a ser denominado Dr. João Câmara em homenagem ao prefeito da cidade. Tem uma população, segundo o Censo de 2022 do IBGE, de 33.191 habitantes.

Éramos seis irmãos (eu, Joice, Messias, Francisco, Cícero e Joames), sendo eu a terceira. Desde pequena, sempre gostei de estudar. Minha mãe nos matriculou em uma escola particular de pequeno porte, próxima de casa, quando eu tinha sete anos. Não cheguei a frequentar o Jardim de Infância e fui diretamente para a primeira série (atualmente classificada como anos iniciais do Ensino Fundamental), com muita vontade de aprender. Minha mãe não tinha condições de me colocar em uma escola maior, pois éramos muitos e essas escolas ficavam longe de casa, no centro da cidade, e éramos pequenos demais para irmos sozinhos.

Somos filhos de feirantes e, devido à rotina de trabalho, meus pais não tinham tempo para acompanhar nossas atividades escolares. Quando minha mãe estava de folga, dedicava-se a colocar a casa em ordem e eu assumia a responsabilidade de cuidar dos meus irmãos mais novos, Joice e Messias. Assim, não havia tempo para brincar e receber carinho, mas creio que a responsabilidade de garantir o alimento era uma forma de carinho, pois cuidar dos filhos com responsabilidade, para mim, significa amor.

Ao relembrar esses momentos da minha vida, reflito sobre a importância do brincar para as crianças. Como Vygotsky (2005) desvela, o brincar se constitui como um aliado do processo de ensino-aprendizagem, pois, brincando, a criança aprende e se desenvolve. Sinto, na realidade vivida outrora, como isso é verdadeiramente importante.

Eu gostava muito da hora de ir para a escola e achava muito ruim quando não havia aula; ficava triste. Lembro-me como se fosse hoje de juntar letra por letra para formar sílabas e, em seguida, frases. Comecei a ver os livros com outros olhos; eles não eram apenas figuras, mas um novo mundo a ser explorado. Ao escrever sobre essa passagem da minha vida, relembro dos ensinamentos do curso de Pedagogia,

especialmente das ideias de Magda Soares sobre alfabetização e letramento. Assim, a minha alfabetização se deu mediante o método da Cartilha do ABC².

Segundo Mortatti (2007), nas primeiras tematizações brasileiras sobre o ensino-aprendizagem inicial da leitura e da escrita, ou alfabetização, produzidas no final do século XIX, pode-se observar a estreita relação entre os métodos e as cartilhas para esse ensino. Desde então, a cartilha consolidou-se como um instrumento imprescindível na materialização dos métodos de ensino da leitura e da escrita e, em decorrência, na configuração de determinado conteúdo desse ensino, assim como de certas concepções de alfabetização, por vezes silenciosas, mas sempre operantes. A permanência dessas concepções pode ser constatada até os dias atuais, na tensão característica das constantes disputas entre o “novo” e o “velho” que se observam ao longo desse movimento histórico.

A exemplo desse novo, pode-se citar as ideias de Soares (2020).

É fundamental esclarecer que o que se propõe não é um “método”, mas uma orientação para ensinar com método, fundamentando-se em uma concepção de aprendizagem da língua escrita que articula contribuições de várias ciências: da psicogênese da escrita, da psicologia do desenvolvimento cognitivo e linguístico, da psicologia cognitiva da leitura e das ciências linguísticas que estudam a escrita, sobretudo a Fonética e a Fonologia. Todas essas ciências contribuem com “evidências científicas” para a compreensão do processo de alfabetização e, em decorrência disso, para o ensino (Soares, 2020, p. 112).

Ao apresentar essa citação, reflito sobre a importância de associar a orientação para ensinar a ler e a escrever ao contexto de vivência das crianças. Assim, como destaca a autora, isso contribuirá para a “compreensão do processo de alfabetização” (Soares, 2020, p. 112).

A primeira escola que frequentei foi fundada no bairro onde morávamos, o bairro São Francisco, na cidade de João Câmara. Estudei na Escola Estadual Antônio da Câmara nos anos 1980. Minha primeira professora se chamava Luciana e era, por sinal, muito boa; gostava do que fazia e era carinhosa e atenciosa com os alunos e com a forma de apresentar suas aulas. Seu jeito de ensinar me encantava cada vez mais, pois sentia a afetividade, característica tão importante para um professor, o que facilita a compreensão

² (Obra tão própria para as escolas como para uso das famílias, inteiramente refundida e aumentada de várias lithographias) Antonio Feliciano de Castilho. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. [A 1ª edição é, provavelmente, de 1850. Em 1855, Antonio de Castilho veio ao Brasil divulgar seu “Método” de alfabetização.].

das atividades de estudo e, conseqüentemente, a aprendizagem, como destaca Freire (1992).

Nas 1ª, 2ª e 3ª séries, estudei em uma escola no centro da cidade de João Câmara, junto com meus irmãos Francisco, Cícero e Joames, que já eram bem crescidos. Íamos juntos a pé para a escola. Naquela época, era comum o uso da palmatória para punir o aluno caso ele não soubesse alguma questão, então eu morria de medo de errar.

Continuei meus estudos na Escola Estadual Francisco de Assis Bittencourt, em João Câmara, onde concluí a 4ª e a 5ª séries, atualmente classificadas como anos do Ensino Fundamental. Por questões pessoais, finalizei a 6ª série em outra escola, situada no bairro do Alecrim, em Natal/RN, mas não me recordo do nome da instituição. Estudei a 7ª e a 8ª séries na Escola Estadual Maia Neto, localizada no bairro Neópolis, na zona Sul de Natal. O Ensino Médio, referente ao Magistério, cursei na Escola Estadual Luiz Antônio, situada no bairro de Candelária, também na zona Sul de Natal.

Nesse período, já tinha minha primeira filha, Daniely. Com 23 anos, trabalhava como arrumadeira em casa de família e fiquei afastada dos estudos e do trabalho por dois anos. Ao relembrar esses momentos, compreendo a importância de ter continuado meus estudos. Essas experiências me fizeram valorizar cada instante, pois serviram de base para enfrentar desafios futuros, como não desistir quando essa ideia surgiu em minha mente após perder minha filha, fato que contarei em uma seção posterior.

Fui morar em Felipe Camarão, bairro da zona Oeste de Natal, com o pai da minha filha. Nesse meio tempo, conheci a esposa de um amigo do meu esposo, que me convidou para trabalhar com ela. Aceitei o convite e matriculei minha filha em uma escola de tempo integral, Vovó Francisca, no bairro onde morávamos. Três meses após iniciar o trabalho, assumi duas salas de aula, correspondentes aos níveis II e IV, com quinze crianças, cujas idades variavam entre 2 e 3 anos e entre 4 e 5 anos, respectivamente. Nas salas em que lecionava, sentia-me feliz por cada atividade realizada.

No ano seguinte, em 2000, a escola teve que se mudar para outro bairro, muito distante. Foi a partir desse tempo de trabalho que voltei a estudar e descobri que queria ser professora formada. Esse momento foi mágico para mim e me fez despertar para a vida.

Enfim, o curso de Magistério³! Meu sonho estava prestes a se materializar: ser professora. Em busca de uma escola para cursar, encontrei uma vaga na Escola Estadual Professor Luiz Antônio, em Candelária, e voltei para casa feliz da vida. Matriculei-me no curso Normal Magistério. Um ano depois, passei a ser mãe solo e precisei de ajuda em relação à moradia e à parte financeira. Logo consegui um emprego de auxiliar de serviços gerais com carteira assinada e enfrentei desafios para conciliar as atividades da escola e as de casa. Trabalhar e ser mãe era, e é, o mais importante em minha vida. Apesar de ter vivenciado tantos obstáculos, não desisti e terminei o Magistério com a ajuda de colegas que se tornaram verdadeiros amigos. É o caso de Rosa, Andreia e Geilza, minhas parceiras até hoje.

Novos desafios surgiram em minha vida. Precisei parar de estudar e, novamente, mudei de cidade por motivos pessoais. Casei-me pela segunda vez, tive duas filhas e fiquei sem estudar por dez anos. Não tinha tempo para isso, pois passei a trabalhar como diarista de segunda a sábado, das 6h às 20h, e não tinha condições financeiras para concluir uma faculdade. Através de amigos que estudavam no Instituto Kennedy, uma instituição de educação superior para a formação de professores, recebi o convite para o processo seletivo e resolvi me candidatar. Para mim, era um privilégio cursar o Ensino Superior; meu sonho estava se tornando realidade. Foi mágico!

Na primeira semana do mês de dezembro de 2018, participei de atividades para conhecer o funcionamento da instituição e dos professores, que até hoje nos ajudam a nos integrar nesse novo espaço. Para quem passou tanto tempo sem estudar, essa acolhida é essencial. Fomos orientados sobre como devemos nos comportar durante essa nova jornada, que é a de ser um pedagogo com competência técnica e conhecimento político sobre a nossa profissão. Era um mundo novo para mim; a cada passo que dava, eu me surpreendia mais e mais. Não foi fácil, especialmente aprender.

Conheci uma professora formadora que nos dizia: “aprender dói, dói muito!” Para alguns, sim, mas é gratificante. Passamos a ver o mundo com outros olhos, ou seja, com respaldo teórico e criticidade. Isso só nos faz crescer com qualidade e sabedoria para que possamos ensinar nossos estudantes com competência didático-pedagógica, científica e política.

³ O Curso Normal – Formação de Professores tem como premissa a formação do indivíduo nas suas variadas dimensões. Destinado para professores que lecionarão nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Educação Básica (IFESP, 2019).

3 TRAJETÓRIA FORMATIVA: NOVOS DESAFIOS PARA APRENDER

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire (1996)

Antes de chegar ao Ensino Superior, sonhei. Sonhei para buscar! Busquei concretizar um sonho que outrora pensava estar distante. Pretendia aprender para ensinar com maestria, por isso me permiti sonhar, acreditando que poderia encontrar o conhecimento – aquele que, ao ser encontrado, traz a “boniteza e a alegria de conhecer”, como enuncia Freire (1996). Para adentrar no desconhecido, senti dor, mas essa dor me transformou e me proporcionou olhar para a realidade com esperança. A cada desafio superado, chegava a alegria e a beleza de ser um ser que se transforma mediante a luz do conhecimento científico.

Nesta seção, meus relatos dizem respeito às minhas aprendizagens, formação e desenvolvimento como pessoa, estudante e futura pedagoga – uma tríade defendida por Ramalho, Núñez e Gauthier (2003). Os autores destacam que essa tríade contribui para a profissionalização da docência, ancorada pela profissionalidade e profissionalismo. A primeira dimensão refere-se à nossa competência didática, pedagógica e científica para exercer a profissão, enquanto a segunda diz respeito ao nosso reconhecimento profissional, caracterizando assim a dimensão política.

Nesses relatos, enuncio os desafios vividos na minha vida acadêmica, como, por exemplo, os momentos experienciados durante o período pandêmico, quando o mundo praticamente parou devido à disseminação de um vírus cientificamente denominado SARS-CoV-2, causador da covid-19.

Essas narrativas, ao serem escritas, me fizeram lembrar momentos tristes que descreverei a seguir. Durante essa etapa da minha vida, aprendi e me desenvolvi como pessoa e como profissional. Como pessoa, porque me tornei mais forte, enxergando o mundo como um espaço que nos permite a transformação para sermos solidários e empáticos. Como profissional, porque, por meio dos conhecimentos presentes nos componentes curriculares e da minha vivência nos Estágios Curriculares Supervisionados,

consegui olhar para aqueles momentos desafiadores como oportunidades de aprendizagem.

3.1 MOMENTO PANDÊMICO

A pandemia ocasionada pela covid-19 foi um momento devastador em nossas vidas, especialmente para aqueles como eu, que perderam pessoas queridas para o vírus. Mesmo vivenciando situações desafiadoras e tristes, enxerguei momentos positivos que me permitiram aprender e olhar para o mundo de outra forma – um olhar que via pessoas altruístas, dispostas a ajudar, mesmo tendo tão pouco e correndo risco de vida. Nessas narrativas, reflito sobre esses momentos como verdadeiros ensinamentos e aprendizagens para a vida.

Boaventura Santos (2020), em sua obra “A Cruel Pedagogia do Vírus”, nos revela que a pandemia se constituiu como uma oportunidade pedagógica, pois nos permitiu ressignificar nosso olhar sobre diversas áreas: a política, a saúde, a economia, a educação, entre outras. Todas essas áreas foram afetadas e, de forma explícita, as desigualdades sociais se tornaram ainda mais visíveis. O autor destaca que essas desigualdades foram acirradas durante esse período.

Assim, desvela o autor:

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? (Boaventura Santos, 2020, s/p.).

Ao refletir sobre o que nos diz o autor, destaco como um novo conhecimento que a situação pandêmica me possibilitou: a apropriação do uso das tecnologias digitais. Eu tinha receio e pensava nas dificuldades que enfrentaria para participar das aulas virtuais. O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy foi o primeiro em nosso estado a se movimentar para que não ficassemos sem aulas, promovendo formação para os professores sobre a Plataforma – Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), de modo que pudessem nos ensinar. Foi um longo caminho, mas aprendi. Embora reconheça que ainda

tenho muito a aprender para afirmar que sei usar as tecnologias digitais com proficiência, conheço o básico, conhecimento adquirido nesse período de dor e incertezas.

Elencando os pontos negativos e positivos, lamento a perda da minha querida filha, que faleceu com insuficiência respiratória aos 20 anos. Ela fez o teste para covid-19, que deu negativo. Porém, como no início não havia segurança em revelar os resultados, a espera por um diagnóstico foi angustiante. Logo depois, ela estava na UTI, entubada, sem conseguir respirar sem os aparelhos. Quando aumentaram a medicação, os rins infeccionaram e ela não resistiu, vindo a falecer logo em seguida.

Esse foi um momento extremamente tenso e triste; senti como se tivesse perdido o chão e que tudo havia parado. O tempo parecia ter congelado e eu não conseguia vislumbrar um futuro. Até hoje sinto que ela está viajando e que um dia ainda a verei. Embora eu saiba exatamente o que aconteceu, escolho pensar assim.

Foram vinte e oito dias de sofrimento. Durante as visitas, só recebia respostas negativas da equipe médica. Não vivi o luto, pois precisava ser forte pelos irmãos dela, um de 10 anos e outro de 3 na época. Por essa razão, os desafios que se apresentaram em seguida foram e continuam sendo marcantes. As respostas que recebia, tanto da equipe médica quanto da mídia, eram evasivas, e percebia que todos estavam perdidos, sem saber como lidar com a situação.

Segundo a BBC News (2021), as primeiras notícias sobre uma “pneumonia misteriosa” que afetava algumas regiões da China começaram a surgir na mídia internacional no final de dezembro de 2019. Informações de cientistas chineses, divulgadas em 8 de janeiro de 2020, apontavam para um novo tipo de coronavírus. Rapidamente, a cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, foi identificada como epicentro da crise sanitária, levando ao bloqueio de seus aeroportos, portos, ferrovias e rodovias, numa tentativa de conter a disseminação do vírus. Mas já era tarde: logo apareceram casos em outras partes da China e o agente infeccioso foi identificado em países próximos, como Japão e Tailândia. A Organização Mundial da Saúde (OMS) então determinou o distanciamento social, e escolas e demais setores tiveram que fechar as suas portas.

Era o início do ano de 2020, e logo as aulas iriam começar na nossa instituição. Portanto, como já mencionado, as aulas tiveram que ser on-line, no formato remoto, o que foi uma notícia terrível para mim, porque eu não entendia muito sobre o uso das tecnologias digitais; só sabia o básico. Era a minha filha primogênita quem fazia a digitação

e a correção gramatical das minhas atividades acadêmicas. Tal situação tornava as coisas ainda mais desafiadoras, pois, embora ela me ajudasse quando eu solicitava, era impaciente nesses momentos, penso que devido à idade.

No início da sua perda, eu queria sumir e desistir de tudo: Ensino Superior, trabalho, ficar em casa sem fazer nada, pensando no que tinha acontecido. Porém eu olhei ao meu redor e vi os meus dois filhos, João Davy e Janiele, que precisavam de mim. Eu precisava continuar a minha vida. Nesse período pandêmico, eu não trabalhava devido ao contexto. Portanto, meu marido João Paulo e eu tínhamos como recurso financeiro o salário dele como vigilante de uma escola, o meu salário de estágio remunerado (que, embora a escola não funcionasse, continuou sendo pago com valor reduzido) e o Bolsa Família, programa do governo federal⁴.

Nesse período, o Instituto Kennedy estabeleceu que as aulas ocorressem na modalidade on-line. Fiquei um ano sem entrar em contato com as plataformas digitais, em especial, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Instituto Kennedy. Só quando ia à casa da minha sobrinha Ingrid, que estava na faculdade, conseguia enviar as atividades orientadas pelos professores. Aqueles que não podia ou não conseguia fazer por meio do AVA, enviava por e-mail ou pelo grupo de WhatsApp.

Confesso que senti uma vontade enorme de desistir, jogar tudo para o alto. Porém, pensava e, durante minhas reflexões, me acalmava e voltava para os trabalhos que tinha a realizar, procurando meus amigos de sala e solicitando explicações sobre os assuntos. Eles me atendiam e, com calma, eu resolvia cada atividade de estudo orientada pelos professores. Eu passava a limpo cada manuscrito, digitava e levava para uma gráfica para finalizar o trabalho. Era uma das estudantes que entregava as atividades fora do prazo. O tempo para a entrega dessas era complicado para mim, pois, como tinha dificuldades no uso das tecnologias digitais, as aulas também eram realizadas através de aplicativos, e foi assim que consegui fazer alguma coisa.

Em meio a tantos desafios, poucos dias depois, ainda em 2020, minha mãe precisou fazer uma cirurgia de alto risco e de urgência, então precisei me dedicar aos seus cuidados. Na maioria das vezes, eu estava no hospital, revezando com meus irmãos, e em

⁴ Além de garantir renda para as famílias em situação de pobreza, o Programa Bolsa Família busca integrar políticas públicas, fortalecendo o acesso das famílias a direitos básicos como saúde, educação e assistência social. O Bolsa Família busca promover a dignidade e a cidadania das famílias também pela atuação em ações complementares por meio de articulação com outras políticas para a superação da pobreza e transformação social, tais como esporte, ciência e trabalho.

outros dias minha sobrinha me ajudava. Quando estava no hospital, usava fone de ouvido conectado ao celular; não podia incomodar minha mãe e, através desse dispositivo, realizava minhas atividades e lia as mensagens dos professores, que enviavam atividades e ajudavam com as dúvidas. Somos seis irmãos: Francisco, Cícero, Gildeni, Joames, Joice e Messias, mas apenas eu e o meu irmão Francisco ficamos com a responsabilidade de cuidar da nossa mãe.

Além das aprendizagens que foram desafiadoras e tristes para mim, trago como pontos positivos o fato de ter aprendido a enviar e-mails e a escrever algo importante (as atividades de estudo e minhas dúvidas) para meus professores. Confesso que gostei da experiência, mas não tinha e ainda não tenho ferramentas tecnológicas, como computador ou iPad. Realizar meus trabalhos do curso de Pedagogia ainda não é fácil. As aulas no período pandêmico eram ministradas pela Plataforma AVA do IFESP (de difícil acesso para mim) e pelo Google Meet. Gosto mesmo das aulas presenciais devido à convivência com as pessoas, o que facilita esclarecer minhas dúvidas, sem falar na troca de experiências e aprendizagens.

3.2 ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS

Os Estágios Curriculares Supervisionados são componentes curriculares que constituem a matriz curricular do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. São quatro os estágios, destinados a: Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Gestão Escolar e Espaços Não Escolares. Portanto, nesta subseção, escrevo sobre eles de modo reflexivo, compreendendo a unidade teoria-prática como indissociável.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso (IFESP, 2019), o estágio é parte do processo de formação do estudante integrado ao currículo, como componente curricular obrigatório, favorecendo a interlocução entre a formação acadêmica e o mundo profissional, por meio de uma (re)aproximação contínua da Academia com a realidade social, cultural e educacional. Ele se constitui, portanto, “como um espaço de aprofundamento teórico e prático de diferentes aspectos da Educação Básica e gestão pedagógica em espaços institucionais e não escolares” (IFESP, 2019, p. 39).

Meu primeiro estágio, referente à Educação Infantil, foi orientado pela professora Elisângela de Oliveira Cabral e pelo professor Robson Santos, no Centro Municipal de

Educação Infantil (CMEI) Anita Sofia de Oliveira, situado na cidade de São José de Mipibu, no Rio Grande do Norte. Foi uma experiência gratificante, pois aprendi e fiz laços de amizade no campo profissional.

Essa instituição é considerada modelo no município, com uma metodologia rica em diversidade, tão importante nesta fase da Educação Infantil. Vivenciei diferentes tipos de atividades, como contos de histórias infantis, como “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve” e “Os Três Porquinhos”, literatura clássica da editora Brasil. Além disso, participei de atividades que envolviam jogos, brincadeiras e situações de aprendizagem problematizadoras. As crianças sempre estavam no centro das aprendizagens; as professoras explicitavam essa abordagem em suas ações.

Percebia as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças acontecendo em cada atividade. Esse aprendizado se dava por meio do esforço contínuo dos professores em possibilitar que as crianças construíssem seu conhecimento, estimulando-as para suas próprias descobertas. Portanto as atividades desenvolvidas eram lúdicas, principalmente com jogos, brincadeiras de roda e músicas.

Segundo Teixeira (2012), as brincadeiras, os brinquedos e os jogos sempre ocuparam um espaço essencial na vida e no desenvolvimento das crianças. Desde os primórdios, todos tinham suas formas, modos e instrumentos de brincar.

Gostei muito dessa experiência, pois foi nesse momento que descobri que quero me especializar em Educação Infantil. Como esclarece Teixeira (2012), é por meio da ludicidade que a criança aprende e se desenvolve, além de adquirir autoconfiança. Estou encantada a cada dia com as leituras dos textos, principalmente pelo fato de compreender que a ludicidade se constitui como uma estratégia didático-pedagógica que propicia às crianças autoconfiança, criatividade e interesse em participar das atividades.

No Estágio Curricular Supervisionado II, referente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizei as atividades na Escola Municipal Maria Aparecida de Carvalho Ferreira, localizada na Avenida Senador João Câmara, no centro de São José de Mipibu/RN. A titular da sala de aula era uma professora com bastante experiência no Ensino Fundamental.

No primeiro dia, as crianças não prestaram atenção no que eu estava falando. Fiquei em silêncio para que pudessem concluir a conversa. Após esse momento de silêncio, aos poucos, se organizaram em suas carteiras; era apenas uma questão de tempo.

Em seguida, o silêncio tomou conta da sala de aula e o planejamento começou a ser materializado, assim consegui dar minhas aulas de modo tranquilo.

O que pude observar nesse estágio supervisionado é que o que assistia nas mídias sobre o retorno das crianças à escola eu estava vivenciando. As crianças, sem conhecer o código alfabético, estavam, em parte, prejudicadas pela pandemia. Aqueles que, em 2020, cursariam o primeiro ano do Ensino Fundamental, estavam matriculados no terceiro ano deste nível escolar. Compreendi a necessidade de buscar saber o que essas crianças traziam de conhecimento, pois entendo que a pandemia, ocasionada por esse vírus, foi pedagógica. Ela nos ensinou muito, principalmente a pensar em novas estratégias para que essas crianças pudessem aprender, por exemplo, a ler.

Refletindo sobre essa situação, em parceria com a professora da turma, selecionamos como principal estratégia didático-pedagógica o lúdico, para que as crianças desenvolvessem desejo e interesse pelas atividades. Escolhemos atividades como músicas, contação de histórias, jogos e brincadeiras. Ao realizarmos as atividades, percebíamos que, paulatinamente, as crianças começavam a aprender as letras do alfabeto e a reconhecê-las nas imagens com as palavras. Vygotsky (2005) evidencia que a ludicidade contribui para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, permitindo-lhes mobilizar os conhecimentos internalizados para resolver situações no contexto real.

O estágio em Gestão Escolar teve um papel formativo expressivo em relação à minha profissionalidade como futura pedagoga. Ao escrever o relatório sobre essas vivências, refletia sobre cada atividade que realizei. O relatório constituiu-se como uma ferramenta que me permitiu perceber se as ações tomadas pela gestão estavam contribuindo para o desenvolvimento dos estudantes.

Compreendi que a função de gestor escolar exige um olhar macro para a escola, ou seja, não pode haver dissociação entre as dimensões pedagógica, administrativa e financeira. Mediante o alinhamento dessas dimensões, a escola poderá, por exemplo, pensar na dimensão pedagógica com base no aspecto financeiro. Percebi esse cuidado entre os gestores, que verbalizavam que a dimensão pedagógica deve estar em primeiro lugar, e que é necessário realizar avaliações financeiras e administrativas, considerando as necessidades formativas dos estudantes.

A infraestrutura da instituição, o controle das ações dos gestores, a captação de fundos e a prestação de contas com transparência são de grande importância na tomada

de decisões do gestor escolar. Assim, compreendi a necessidade e a importância da formação para exercer essa função na escola.

Em relação ao Estágio Curricular Supervisionado em espaços não escolares, realizei-o em parceria com uma colega de turma na Associação Natalense da Terceira Idade, situada no bairro das Quintas, zona Oeste de Natal. Sua fundadora e administradora é Daniela Félix, assistente social. A Associação Natalense conta com uma equipe que atua de forma multidisciplinar, contribuindo para o bem-estar dos associados.

O estágio foi realizado com pessoas da terceira idade, que nos receberam com carinho e atenção. Senti-me acolhida por todos. Vivenciei momentos prazerosos, os quais são de grande importância para meu processo de formação. O estágio na educação de adultos dessa faixa etária me fez perceber o quanto o pedagogo deve estar preparado para atendê-los, considerando suas aprendizagens e desenvolvimento.

Compreendo que é necessária formação especializada para ensinar a esses trabalhadores-estudantes. Vejo que é de grande importância o pedagogo experienciar situações de aprendizagem com os idosos, pois eles demonstram confiança em nós, respeito e o desejo de compartilhar suas experiências de vida. Foi maravilhoso e gratificante, pois aprendi mais do que ensinei.

Enquanto me preparava para adentrar nos estágios, relembrava os textos e orientações dos professores, que nos apresentaram as ideias do professor Carlos Libâneo (2001), da professora Selma Garrido Pimenta, entre outros que pesquisam sobre esse objeto de estudo.

Para Pimenta (2012), o Estágio Curricular Supervisionado é compreendido como um processo que cria, investiga, interpreta e intervém na realidade escolar, educacional e social, favorecendo ao estudante estagiário os conhecimentos necessários à formação e atuação docente.

A autora revela que, nesse espaço escolar, podem surgir temáticas reflexivas que embasam o desenvolvimento de pesquisas que envolvem o fazer docente. Ou seja, percebi que são espaços de pesquisa para o pedagogo, pois neles identifiquei situações que podem ser objetos de pesquisa, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem em leitura de crianças que estão fora da faixa etária adequada. Portanto, entendo o Estágio Curricular Supervisionado como um campo de pesquisa para o pedagogo.

3.3 OS COMPONENTES CURRICULARES: DIÁLOGO COM A TEORIA

Nesta subseção, relato, de modo breve, momentos vivenciados por mim no curso de Pedagogia, experiências desafiadoras cujos obstáculos enfrentei e superei com confiança em mim e nos professores, que sempre estavam dispostos a me encorajar, fazendo-me acreditar que sou capaz.

Destaco alguns componentes curriculares, não porque os que não menciono não sejam importantes, mas porque esses apresentaram desafios que me fizeram compreender a importância da pesquisa em sala de aula e o reconhecimento de que ainda tinha muito a aprender sobre eles.

3.3.1 Educação Especial

Quando disponibilizei meu tempo para escrever sobre as minhas aprendizagens nos componentes curriculares, o primeiro que veio à minha mente foi Educação Especial, um componente oferecido no 4º período do curso. Neste, estudamos aspectos históricos, legislação e políticas de Educação Especial no contexto brasileiro, considerando as especificidades das necessidades educativas das pessoas com deficiência e com transtornos do desenvolvimento, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), as adaptações curriculares e as práticas pedagógicas inclusivas, além dos desafios da inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar. Assim, as orientações estabelecidas no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP, 2019) são fundamentais.

Ao tomar conhecimento da ementa, fiquei deveras reflexiva, imaginando o quanto tinha a aprender para ser capaz de ensinar sujeitos com deficiência, munida de conhecimento teórico e embasada em leis.

Estudando Educação Especial, pude entender um pouco sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, conhecido pela sigla TDAH. O TDAH é um transtorno neurológico com grande participação genética, e é tratado de forma mais eficaz quando diagnosticado na infância. Não conhecia detalhes sobre o Espectro Autista, e ao entender esse objeto de estudo do ponto de vista científico, percebi a importância de os professores estarem capacitados nesse campo de conhecimento e nos demais da Educação Especial.

Assim, expresso informações sobre esse conceito, por entender que é importante compartilhar e constituir conhecimento na docência, para ensinar com competência didático-pedagógica. Dessa forma, mediante o meu Memorial de Formação, posso contribuir com os conhecimentos aprendidos sobre esse conteúdo, reconhecendo-o como inerente à nossa profissão.

A palavra “autismo” tem sua origem no alemão “AUTISMUS”. O psiquiatra Eugen Bleuler foi o primeiro a utilizar o termo, com o intuito de descrever um paciente esquizofrênico que se retirava de seu próprio mundo. O prefixo grego ‘AUTO-’, que significa ‘de si mesmo’, combinado com o sufixo ‘-ISMOS’, que indica ação ou estado, reforça a denotação do vocábulo. Quanto à palavra “autista”, é um termo utilizado para designar pessoas que possuem autismo. O prefixo ‘AUTO-’ também enfatiza a escassa interação do indivíduo com os seus semelhantes.

Segundo Tamanaha; Perissinoto e Chiari (2008), o Autismo Infantil foi definido por Kanner em 1943, inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Essa condição apresenta características comportamentais específicas, como perturbações nas relações afetivas, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no gênero masculino.

Ao conhecer essas informações durante as aulas desse componente curricular, refletia sobre as dificuldades que os professores enfrentam para ministrar aulas e propor atividades que incluam esses sujeitos. Penso que esse objeto de estudo deve estar presente de forma efetiva desde a formação inicial dos professores. Ao mesmo tempo, reflito sobre a importância de políticas públicas que permitam à escola cumprir efetivamente sua função de ensinar, especialmente em relação à diversidade.

Tive curiosidade em saber mais, para além do senso comum, sobre esses transtornos. Uma pessoa do meu círculo familiar apresentou características do espectro autista, e a família demorou a ter conhecimento sobre o diagnóstico. Quando a família chegou à escola, sob orientação, procurou um especialista e compreendeu que se tratava do espectro autista. Isso demonstra a importância da escola no processo formativo dos sujeitos e sua função social.

A maioria dos professores ainda apresenta pouco conhecimento sobre esse objeto de estudo; por isso, são necessárias formações continuadas e a inclusão de práticas

educativas nas atividades docentes. Podemos aprender a lidar com a diferença, pois o sujeito com espectro autista expressa limitações de socialização e desenvolvimento. Para isso, além de investimentos nas formações inicial e continuada, são necessárias implementações de políticas públicas que promovam de fato a inclusão desses sujeitos na sociedade. Não me refiro apenas a essa deficiência, mas a todas as demais presentes em nossa realidade.

3.3.2 Língua Brasileira de Sinais

Meu contato com o componente curricular Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi revelador. Com o estudo das noções de LIBRAS, pude entender a língua como uma modalidade de comunicação gestual-visual, através da qual expressamos nossos pensamentos e sentimentos, entre outros atos comunicativos, especialmente quando os canais tradicionais de comunicação e os sentidos de recepção estão comprometidos, como revela Lacerda (2009).

A LIBRAS é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de abril de 2002, conforme estabelecido pela Lei nº 10.436, e essa legalidade representa uma importante orientação para a inclusão, pois possibilita e facilita a comunicação com pessoas surdas.

Através de reproduções em vídeos, análises e debates sobre filmes e documentários em sala de aula, aprendi sobre um tema que já conhecia, mas apenas pela perspectiva do senso comum. Filmes como “O Milagre de Anne Sullivan” (2000) e “Seu Nome é Jonas” (1979), além do documentário “As Borboletas de Zagorsk” (1992), permitiram reflexões sobre as difíceis e angustiantes situações enfrentadas por pessoas com diversas dificuldades, desde as físicas até as intelectuais, superando barreiras limitantes de comunicação, expressão, mobilidade e compreensão do mundo ao seu redor. Essas obras audiovisuais são mais do que ilustrações de temáticas; serviram de base para provocar reflexões morais e profissionais sobre nossa condição humana e nossa disposição para com o outro.

Minha experiência foi um momento de satisfação: como já tinha um certo conhecimento sobre LIBRAS, pude auxiliar meus colegas que apresentavam dificuldades na aprendizagem gestual dos sinais. Nas aulas com a professora Maria Tereza da Penha de Araújo Silva, percebi a importância de reconhecermos esse objeto de estudo como um

conhecimento inerente à profissão docente, e a relevância desse aprendizado para o pedagogo. É fundamental que nos apropriemos desse conhecimento para que possamos apoiar a inclusão social de pessoas surdas em qualquer espaço da sociedade.

3.3.3 Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Matemática

Gostei das aulas de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Matemática, ministradas pelo professor José Damião Souza de Oliveira, que ensinava com uma didática diferente de tudo o que eu havia presenciado até então. O professor utilizava, principalmente, o lúdico como estratégia didático-pedagógica, o que facilitou meu aprendizado.

Essa abordagem me levou a compreender que há outras maneiras de ensinar conteúdos matemáticos, além do meramente formal. Utilizamos jogos e ele promoveu reflexões sobre práticas com materiais que facilitam o entendimento. Assim, aplicarei essas estratégias quando trabalhar com estudantes da Educação Básica.

3.3.4 Pesquisa e Prática Pedagógica

De acordo com o Projeto Pedagógico (IFESP, 2019), os componentes Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP1 à PPP8) estão orientados a favorecer espaços para a iniciação à pesquisa e à aprendizagem prática dos pedagogos em formação. Segundo o documento, esse componente curricular busca proporcionar elementos concretos para a reflexão sobre o fenômeno educacional em sua complexidade, partindo do princípio de que o conhecimento específico da área educacional não pode prescindir das dimensões práticas, fundamentais para a articulação interdisciplinar advinda das variadas teorias sociais, do conhecimento e do ser cognoscente.

O Projeto destaca que o objetivo desse componente curricular é identificar e experienciar as teorias discutidas nos componentes curriculares, através das práticas vividas nos espaços escolares e não escolares, vinculando essas atividades, preferencialmente, à pesquisa enquanto princípio educativo, científico e pedagógico, além do envolvimento dos estudantes nas atividades propostas.

O que é pesquisa? Compreendo pesquisa como um conjunto de procedimentos sistemáticos, rigorosos e inacabados, com a finalidade de descrever ou explicar uma dada

realidade. Ela permite a apropriação de novos conhecimentos em uma determinada área do conhecimento humano.

No meio acadêmico, a pesquisa é um dos pilares da atividade universitária, quando os pesquisadores têm como objetivo produzir conhecimentos para um componente curricular. A pesquisa também possui um caráter didático-pedagógico e científico, contribuindo para o avanço da ciência e para o desenvolvimento social.

Derivada do latim *perquirere*, a palavra pesquisa destaca a investigação. Está estabelecida sobre o prefixo *per-*, entendido como “através” ou “por meio”, e o verbo *quarere*, que se refere a consultar, indagar ou procurar. Pesquisa sempre implica uma busca proposital, com metas a atingir. Assim, não poderia ser diferente na pesquisa pedagógica.

Por meio desses componentes curriculares, compreendi a importância de desenvolvermos o olhar de pesquisador sobre nossa prática docente, identificando situações no contexto escolar, especialmente aquelas relacionadas às aprendizagens dos estudantes, e elaborando estratégias de resolução, como afirma Carvalho (2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

Paulo Freire (1996)

A escrita de um Memorial de Formação exige uma imersão cuidadosa em nossas memórias. Ao fazer essa reflexão, descobrimos situações que, muitas vezes, não nos fazem sentir bem. Por isso, não é um processo simples; no entanto, é gratificante e nos permite olhar para o passado de uma maneira ressignificada. Compreendemos que muitas dessas vivências foram fundamentais para a nossa formação, pois percebemos que esse olhar transformado nos ensina a ser cautelosos e resilientes diante das diversas situações, especialmente as conflituosas.

Neste memorial, compartilho partes da minha história de vida, especialmente aquelas que me sinto à vontade para dividir. Algumas experiências são apenas para mim, mas contribuíram significativamente para minha formação pessoal e profissional. Essas memórias me impulsionaram a prosseguir em minha caminhada, almejando novos

horizontes, como o desejo de aprofundar meus estudos em Educação Infantil, ciente de que sou capaz de enfrentar qualquer desafio que se apresente.

Hoje, sinto orgulho de mim mesma e uma profunda satisfação pelo curso de Pedagogia e pelas vivências no Instituto Kennedy. Em meio a tantas adversidades, pensei que poderia não conseguir, mas não desisti de acreditar em meu potencial. Quero continuar estudando, buscando novos conhecimentos e agindo de forma responsável na profissão que escolhi. Sinto-me realizada como pessoa e como profissional, pelos saberes que internalizei, embora reconheça que ainda há muito a aprender e desenvolver na minha prática docente, como professora pesquisadora. Assim, busco contribuir para as aprendizagens dos estudantes, conforme orientam Galiazzi, Moraes e Ramos (2003).

Com meus colegas de turma, aprendi a conviver, ouvir e silenciar quando necessário. Com os professores, adquiri novos conhecimentos, metodologias, atitudes e valores relevantes para a nossa profissão. O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy cumpriu sua função como instituição formadora, permitindo-me conhecer as dimensões inerentes à minha profissão: didática, pedagógica, científica e política.

Atualmente, me identifico com as palavras de Freire (1999) em “Educação como Prática da Liberdade”, por acreditar que a Educação Superior me proporcionou essa liberdade. Portanto, reapresento o título do meu Memorial de Formação, “Narrativas Formativas e Reflexivas das Memórias de uma Estudante de Pedagogia”, para dizer que os sonhos que sonhei em relação à minha profissão foram realizados. Cursar Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, aprender para ensinar com competência, ética e respeito pelo conhecimento e, principalmente, pelo outro, faz eu me sentir realizada. Já me considero pedagoga, pois, além de ter consciência do que essa profissão envolve, sinto-me mais incluída na sociedade por ter conquistado um diploma de curso superior.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Inclusão social. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Educação especial: temas atuais**. Marília: Unesp, 2000.

BBC NEWS: **A Pandemia Covid-19**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56189539>. Acesso em: 14 de ago. 2024.

BRASIL. Programa Bolsa Família. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/calamidades-publicas-e-emergencias>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. Nações Unidas. Artigo 26: Direito à Educação (2018). A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, disse o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela (1994-1999). Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/81970-artigo-26-direito-%C3%A0-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CARVALHO, Rozicleide Bezerra de. A observação como atividade no ensino de ciências. In: SANTOS, Alexandre Luis Belchior dos (Org.). **Educação [livro eletrônico]: as principais abordagens dessa área**. Curitiba, PR: Seven Publicações, 2022.

Etimologia de “autismo” e “autista”. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-autismo-e-autista/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque; RAMOS, Maurivan Güntzel. Educar pela Pesquisa: as resistências sinalizando o processo de profissionalização de professores. **Educar**, Curitiba, n. 21, p. 227-241, 2003.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MORTATTI, M. R. L. Cartilhas de alfabetização no Brasil: uma história (2007). In: **Diálogos apócrifos**: sobre educação, ensino de língua e literatura [on-line]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 87-97. ISBN: 978-85-68334-79-9. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788568334799.0016>. Acesso em: 29 ago. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação do Professor**: unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

RAMALHO, Betânia L.; NUNÊZ, Isauro B.; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. 208 p.

RIO GRANDE DO NORTE. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. IFESP, Natal/RN, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S. A., 2020.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SMOLKA, Ana L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. In. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 71, jul. 2000.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2008, 13(3): 296-9. Disponível em: <https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E211BR105G0&p=Revista+da+Sociedade+Brasileira+de+Fonoaudiologia>. Acesso em: ago. 2024.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeira e brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento/Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira - 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamiento y Lenguaje**. Editora Pueblo, Havana, Cuba, 2005.

Capítulo XVI: Transformando o Rumo da Minha História: Vivendo uma Nova Vida para a Realização de um Sonho

Maria Mércia Barros de Souza Targino

1 INTRODUÇÃO

“Não nasci para competir com os outros, mas para superar a mim mesmo.”

Autor desconhecido.

Por meio deste Memorial de Formação, apresento vivências importantes que ocorreram na minha vida de estudante, partindo da educação básica para, então, enunciar a minha trajetória formativa, profissional, acadêmica e pessoal, perpassando por experiências vividas e sentidas na infância.

O Memorial de Formação é um relato narrativo, descritivo, argumentativo e reflexivo daquele que escreve sua trajetória de vida, em momentos e situações escolhidos por ele, por significarem pontos relevantes em sua formação como pessoa e como profissional (Carrilho, 2007).

Os teóricos nos quais me baseei para estabelecer interlocução com a minha história de vida foram: Paulo Freire (1989; 1992; 1996), Maurice Tardif (2020), Selma Garrido Pimenta (2012), Lev S. Vygotsky (2001; 2004), Henri Wallon (1986), dentre outros de igual relevância.

O meu Memorial de Formação está organizado em seis seções. Inicia-se com a introdução e, posteriormente, relato sobre a minha infância nas escolas de educação básica, o meu encontro com a fé para as minhas conquistas, o sonho de ser professora – um desejo almejado e alcançado –, uma descrição reflexiva sobre o meu primeiro curso profissional, e o curso de Pedagogia no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, relatando as aprendizagens que levarei para toda a minha vida, com foco nos Estágios Curriculares Supervisionados, nos quais vivenciei, de fato, a realidade de ser professora. Por fim, apresento as considerações finais e as referências.

2 MOMENTOS DA MINHA INFÂNCIA NARRADA NO MEU MEMORIAL DE FORMAÇÃO: MOMENTOS DIVERTIDOS E DESAFIADORES

“É preciso coragem e força para não desistir frente aos desafios da vida.”

Autor desconhecido.

Nesta seção, narro os momentos da minha infância, alguns dos quais foram divertidos, outros, desafiadores. No entanto, todos foram importantes para me constituir como uma pessoa com princípios éticos e valores que considero essenciais para a minha formação.

Nasci em Natal, no Rio Grande do Norte, em 02 de fevereiro de 1981. Durante a minha infância, lembro-me de vários episódios de conflitos entre meus pais, que me deixavam triste, mas que hoje consegui ressignificar. Acredito que tudo em nossa vida nos traz aprendizagens.

Lembro-me de que meu pai trabalhava em uma empresa e, quando saiu, não conseguiu mais emprego por muito tempo. Minha mãe trabalhou por um período em uma casa de família, mas precisava dormir no trabalho. Ela não gostava, mas tinha consciência da importância e necessidade de trabalhar, pois dependíamos dela para ter mantimentos em casa.

Na escola, eu sempre estava na fila para repetir a refeição oferecida, pois aquela poderia ser a única do dia. Meu pai sempre participava de campanhas eleitorais, pois havia quem promettesse um emprego, mas nunca teve êxito. Minha mãe sempre o alertava, dizendo que não deveríamos confiar nessas promessas, especialmente em época de eleição.

Quando nos faltava alimento, minha mãe, várias vezes, nos orientava a ir à casa da minha avó. Era um sítio onde morava toda a família, em uma propriedade que pertencia ao meu avô. Nossa casa ficava a 2 ou 3 minutos de caminhada da casa da minha avó. Às vezes, eu queria ajudar nas atividades domésticas, mas não podia, pois ela estava sempre ocupada com outras tarefas.

Apesar das adversidades, tenho algumas boas lembranças de quando brincava. Brinquei muito nesse sítio, com ou sem colegas da vizinhança. Brincava de tica-tica, de correr, tomava banho de chuva. Tinha um balanço do qual, um dia, caí; foi uma queda

enorme. Também brincava de “tô no poço” com colegas vizinhos, e era muito divertido. Com o olhar de pedagoga, compreendo a importância do brincar para as aprendizagens e o desenvolvimento da criança, pois a ludicidade promove a criatividade e o fortalecimento da autoestima, além de estimular a imaginação, o que contribui para a compreensão do mundo dos objetos.

Na escola, lembro-me de uma professora de quem gostei muito. Seu nome era Cláudia Morena; ela era alta e muito atenciosa comigo. Certa vez, ela colocou no quadro uma música com a sua letra, acompanhada por um desenho que fazia parte da canção: “Lá vem o pato, pato aqui, pato acolá... Lá vem o pato para ver o que é que há.” Eu gostei tanto dessa música que, ao chegar em casa, queria cantá-la e mostrei a letra no caderno, toda empolgada, para o meu pai.

Eu queria entender todas as letras para mostrá-las ao meu pai. Cantava para ele, e ele, encantado, cantava junto comigo, me mostrava cada letra da música, mas eu queria ler também, saber o que estava escrito ali e compreender. Era um momento afetivo que eu adorava. Esse foi meu primeiro contato com a leitura e, hoje, entendo a importância que, no meu caso, a música teve ao despertar o prazer pela leitura. Esse momento afetivo me incentivava a querer aprender mais.

Estudiosos da teoria do desenvolvimento, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já destacavam a relevância da afetividade no processo de desenvolvimento. No entanto, foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) quem fundamentou de maneira mais detalhada a função e a importância da afetividade para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

O desenvolvimento, segundo Wallon (1986), só se torna possível mediante a integração das três dimensões psíquicas: a motora, a afetiva e a cognitiva, exigindo uma interlocução entre o corpo do sujeito e o ambiente social em que ele vive. De acordo com o autor, a afetividade é um elemento indispensável para o desenvolvimento humano.

Sempre me lembro do meu pai nos incentivando e nos ajudando com as atividades escolares. Não é que minha mãe não quisesse ajudar, mas ela não tinha uma boa leitura, ou seja, não lia com fluência e tinha dificuldade de compreensão, mas sabia ler o mundo, como destaca Paulo Freire (1989). Então, sempre lembro do meu pai nesses momentos. Ele ia às reuniões escolares e eu me recordo de chegar para mostrar o boletim a ele, que me parabenizava. Eu sempre era aprovada nas avaliações, e ele era quem nos ensinava e incentivava a mim e aos meus irmãos a estudar.

Atualmente, com o olhar de uma estudante de Pedagogia, percebo como esses momentos vividos foram importantes. Aprendi e me desenvolvi como pessoa e como profissional.

3 MEU ENCONTRO COM A FÉ PARA O ALCANCE DAS MINHAS CONQUISTAS

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.”

Paulo Freire (1992)

As narrativas enunciadas nesta seção, dizem respeito a momentos que escolhi compartilhar com o leitor acerca do meu encontro com a fé e a credibilidade em mim, com foco nas minhas conquistas.

Durante toda a minha infância, ouvia e via minha vó indo à igreja lendo a bíblia e cantando louvores a Deus. Minha avó me levou algumas vezes para visitar a sua igreja, mas foi a partir dos 13 anos de idade que comecei a frequentar. Na igreja, eu participava dos cultos, de reuniões de oração, de estudos bíblicos, realizando o evangelismo em casas, andávamos de porta em porta. Durante esse período conheci pessoas que davam testemunho de fé, mulheres e homens que demonstravam ser piedosos, expressavam a sua verdadeira fé, dando seus testemunhos diante das pessoas.

Conheci jovens adolescentes da minha idade, com os quais convivi durante muito tempo. A minha fé foi muito importante, principalmente, durante a adolescência, que é um período de tantos questionamentos. Durante a minha vida adulta, alcancei bençãos que não teria alcançado se não fosse por meio da fé. Compreendo que para alcançar o meu sonho de ser professora, um dos caminhos é a fé, em interação com meus esforços ao estudar, buscar conhecimentos científicos e didático-pedagógicos para ensinar.

Durante todo o percurso da minha formação, busquei a fé, o que me permitia ter coragem para não desistir. Tive, durante esse caminhar, colegas e professores que com palavras de otimismo me faziam sentir capaz e pronta para prosseguir. Por exemplo, durante a pandemia do COVID-19¹, não foi fácil e hoje sinto que ressuscitei das cinzas,

¹ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa

foram alguns momentos que pensei não conseguir aguentar, mas a minha fé me fez ressurgir, me fez ter esperança, forças para continuar.

O número real de mortes por COVID-19 no mundo, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial de Saúde (2022) pode ter chegado a 15 milhões. Além do afastamento social, com escolas fechadas e outros estabelecimentos, essa quantidade de mortes me abalavam. Nos anos de 2020 e 2021, nossas aulas aconteciam *on-line*², para isso utilizávamos diversos programas e aplicativos para aulas síncronas³ e muitas vezes os colegas não abriam suas câmeras, ficávamos ouvindo o professor, a interação não acontecia, de forma que pudéssemos trocar as nossas experiências, as nossas dores, provocadas por este período. Almejava as aulas presenciais.

No ano 2022, retornamos às aulas no modo presencial, ainda com muito cuidado com a contaminação, a instituição nos apresentou um protocolo de segurança, o qual seguimos. Durante algumas idas e vindas para o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), tinha que passar por caminhos e paradas esquisitos, ou seja, quase não encontrava pessoas nas ruas, estudava no turno noturno. Chegava em casa mais de 11h da noite, medos, correrias, ansiedade, principalmente, em dias de chuva, engarrafamentos, distância expressiva, tudo isso só foi possível enfrentar devido a fé em Deus e a vontade de ser pedagoga.

Sempre estava orando em diversas situações para conseguir chegar ao meu objetivo, vencer e me formar em Pedagogia. Foi por meio das minhas vivências que aprendi a respeito do que é o amor. Esses ensinamentos foram importantes para a minha vida, por isso sou muito grata a Deus por acreditar em mim, pois durante a minha vida enfrentamos momentos de angústias e lutas, momentos de tristezas, e que na minha vida só foi possível superá-los pensando positivamente e olhando para um futuro promissor, que dependia, principalmente, de mim.

São muitas histórias de cura, superação, em que superei a depressão, assim como o reencontro com a minha família, perdão, casamento. Refletindo a este respeito, eu achava que nunca me casaria. Como também histórias da família, faculdade, doenças,

desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. (<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>).

² As aulas on-line esteve presente durante a pandemia (COVID-19) pelo fato de ter sido determinado o fechamento das instituições educacionais.

³ As aulas síncronas são aquelas que ocorrem em tempo real, ou seja, o professor e os alunos estão conectados simultaneamente, no mesmo horário e na mesma sala virtual, e podem interagir uns com os outros durante a transmissão ao vivo (<https://www.clipescola.com/aulas-sincronas-e-assincronas/>).

livramentos, foram e são diversas situações que só foram possíveis superar porque acredito na fé, aquela que pode mover montanhas, mas precisamos nos esforçar, caminhar pensando que todas essas vivências são aprendizagens que nos fortalecem para continuar e, assim, construir um novo olhar para cada situação dessa vivenciada; um olhar, cujo conhecimento me fez compreender com maior amplitude.

4 QUANDO CRESCER VOU SER PROFESSORA: DESEJO ALMEJADO E ALCANÇADO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire (1996)

Nesta seção, meus relatos dizem respeito ao caminho que percorri para alcançar meu desejo de me formar professora, pois vivências em sala de aula, ainda na infância e adolescência, me fizeram sonhar com essa profissão. Durante minha infância, precisamente na fase de alfabetização, tive uma professora por quem eu gostava e admirava muito. Ficava observando seu jeito de ensinar, sua paciência, sua firmeza com afetividade e suas vestes, com as unhas sempre limpas e cortadas. Eu a achava simplesmente linda e ela tratava a todos igualmente. Lembro-me que, nessa época, eu não tinha dificuldades para aprender com essa professora. Admirava muito seu jeito de ensinar.

Para mim, ela era linda, elegante e estava sempre bem-vestida. Era realmente linda! Suas roupas estavam sempre limpas e muito bem arrumadas para a ocasião. Ela usava calça jeans e camiseta, sempre limpas e bem passadas. Para mim, é incrível como essas vivências ficaram marcadas em minha mente. Durante o período em que estive com essa professora, lembro-me de que passei a levar para casa sobras de giz, e como em nossa casa havia um guarda-roupa que foi doado pela minha avó, tive a brilhante ideia de brincar de ser professora. O guarda-roupa era o quadro, o quarto era a sala de aula, e os estudantes surgiam da minha imaginação.

Em meus pensamentos, organizava todos sentados, e eu era a professora, sempre tentando imitar aquela que eu tanto admirava. Depois desses episódios, sempre dizia aos meus pais que queria ser professora. Quando me perguntavam o que gostaria de ser quando crescesse, eu respondia: “Eu quero ser professora, igual à minha professora

Cláudia”. No Ensino Fundamental, nos anos finais, foi diferente. Eram vários componentes curriculares e diversos professores.

As experiências foram diferentes. Estudei na Escola Municipal Irmã Arcângela, localizada no bairro do Igapó, em Natal, no Rio Grande do Norte. Foi no Ensino Fundamental que cresci como pessoa, ou seja, comecei a enxergar o mundo de modo mais propositivo e perspectivo. Desenvolvi atitudes, como responsabilidade, saber trabalhar em equipe e conviver com as diferenças, mas também habilidades como ter autonomia, saber tomar decisões e escrever com coerência. Essas habilidades contribuíram para minha formação acadêmica, no sentido de adquirir mais responsabilidade e autonomia.

Os trabalhos em grupo me ajudaram nas interações com os colegas. Meus maiores desafios foram com os componentes curriculares Matemática e Língua Portuguesa. Eu gostava muito do segundo, mas, nesse período, estava mais complicado, pois precisava dominar regras gramaticais, escrever com coerência e lidar com operações matemáticas em outro nível. Eu precisava trazer comigo conhecimentos matemáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental para melhor compreender aqueles dos anos finais.

O componente curricular que mais me interessou nessa época foi Ciências. Desenvolvi diversos trabalhos relacionados a esse componente. Os professores pareciam mais distantes quando comparados aos dos anos iniciais, mas acredito que isso se devia à formação deles. Hoje, vejo com mais clareza que os professores desse nível de ensino, muitas vezes, não trazem consigo a formação pedagógica do pedagogo, desconhecendo, na maioria das vezes, as teorias de aprendizagem e a importância da afetividade para o sucesso dos estudantes em suas aprendizagens e desenvolvimento.

Eu tinha grande admiração pelos professores que me ensinavam, devido à sua competência em ministrar os conteúdos, e um pouco de medo, pois, nessa época, os professores eram rígidos e não nos acolhiam afetivamente. Amava fazer trabalhos de colagens em cartolinas, coletar informações sobre novos conhecimentos, principalmente sobre os conteúdos de Ciências. Quando chegou o período de cursar o segundo grau, atualmente Ensino Médio, escolhi o curso de Magistério na Escola Municipal Vicente de França Monte, localizada em São Gonçalo do Amarante, no estado do Rio Grande do Norte.

Era um pouco distante da minha casa, mas, ainda assim, eu caminhava a pé até a escola, levando mais ou menos meia hora para chegar. No curso de Magistério, a maior dificuldade foi enfrentar o desafio de falar em público e superar minha timidez, algo que foi importante para a realização do meu estágio. Durante essa atividade, aprendi que

precisava estudar em casa todo o assunto para dar aula e escrever corretamente no quadro. Ou seja, além de me aperfeiçoar nos conhecimentos teóricos, era necessário saber mobilizá-los na prática de sala de aula. Compreendo que esse conhecimento é um dos mais importantes para lecionar; afinal, somos responsáveis pela formação de crianças e, portanto, precisamos estar em constante formação.

Nesse curso, houve um professor que também me inspirou. Suas aulas eram fontes de curiosidade e me motivavam a buscar aprender sempre. Ele conversava muito com os estudantes e nos fazia acreditar em nosso potencial. Nos estimulava a refletir sobre nosso fazer pedagógico. Com isso, aprendi que a relação entre professor e estudante pode contribuir para as aprendizagens e desenvolvimento dos educandos. As dinâmicas e trabalhos em grupo que ele proporcionava me ajudaram a ser mais colaborativa, a saber ser e conviver, e a aprender com o outro.

Vygotsky (2004) nos revela que as aprendizagens e o desenvolvimento dos sujeitos são processos construídos nas e pelas interações de afetividade que eles estabelecem no contexto histórico e cultural no qual estão inseridos. Para o autor, a internalização do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação social e, portanto, é a partir da inclusão na cultura que a criança aprende e se desenvolve na inter-relação com o outro. Portanto, o professor deve assumir a posição de mediador nesses processos. Vygotsky (2001) expressa que a emoção é a reação reflexa de certos estímulos, que são mediados a partir do meio sociocultural (símbolos, signos e instrumentos) e mediatizados pelo professor.

As emoções influenciam e diversificam o comportamento. Portanto, quando as palavras são ditas com sentimentos, agem sobre o indivíduo de forma diferente de quando isso não acontece. Desse modo, se o professor objetiva realizar mediações junto ao estudante, é necessário estabelecer uma interlocução entre suas ações didático-pedagógicas e uma emoção positiva, para obter o sucesso pretendido no processo de ensino-aprendizagem. Aos poucos, mediante os estudos que fazia sobre aprendizagem e desenvolvimento no espaço escolar, compreendia a importância da afetividade, mas também dos saberes da experiência para lecionar com competência. Ainda assim, tinha receio de lecionar, pois não tinha experiência.

O saber dos professores é um saber social e essa natureza social se deve ao fato de este saber estar relacionado a objetos e práticas sociais, ao considerar que as questões relativas ao ensino passam, ao longo do tempo, por mudanças e adaptações (Tardif, 2010).

Ao concluir o curso de Magistério, enviei currículos para várias escolas de ensino particular. Dentre elas, fui chamada em duas escolas. Passei alguns meses em uma delas, mas fui dispensada sem qualquer justificativa. Devido a essa situação, passei a acreditar que não era para mim ser professora, que eu não sabia ensinar, mesmo sendo essa a profissão que eu tanto queria. Não entendia por que não conseguia avançar e continuar meu trabalho na docência. Mais uma vez, reforçava o pensamento de que eu não estava preparada profissionalmente para ensinar.

Minhas interpretações me levam a pensar que, no início, é natural essa insegurança e falta de experiência, pois, por não ter vivências nesse campo de trabalho, a situação ficava ainda mais complicada. Durante essa fase da minha vida, o único estágio que realizei foi o obrigatório, que durou apenas uma semana. Não recebi nenhuma orientação e não tinha ninguém para me ensinar ou orientar. Era inexperiente e as escolas não entendiam por que eu não conseguia ministrar aula com segurança, afinal, eu havia concluído o curso de Magistério e, portanto, deveria estar preparada. Devido a esses episódios, parei de enviar currículos para escolas e, depois de um tempo, resolvi, por orientação do meu pai e de outras pessoas, fazer um curso técnico de enfermagem.

Tenho certeza de que não era isso que eu queria, mas para não decepcionar meu pai, resolvi fazer. Contudo, apenas confirmei que não era o que desejava. Cursei Técnico em Enfermagem durante dois anos, e, nos estágios, descobri que não era isso que eu queria. Assim, desisti no último momento. Depois de mais de dez anos sem estudar, sem abrir um livro para ler, sem pegar em um lápis para escrever, e sendo incentivada por minha irmã, que já era formada em Pedagogia e conhecia minha situação e meu desejo de ser professora, vi um anúncio de um curso de cuidador infantil no Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN.

Ela me disse que seria uma formação importante para quem queria prestar concurso para auxiliar de sala de aula e trabalhar com crianças. Então, comecei a enxergar que poderia me apropriar de conhecimentos e experiências para ser professora. Sem pensar duas vezes, fui até o IFRN saber mais informações. Chegando à instituição, fui informada de que o curso de formação inicial e continuada, oferecido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), era específico para mulheres em vulnerabilidade social. Decidi, então, fazer minha inscrição. Concluí o curso, e, em poucos dias, minha irmã me enviou outro anúncio de uma nova oportunidade de estudo, desta vez, Pedagogia – Licenciatura.

5 O CURSO DE PEDAGOGIA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY: APRENDIZAGENS PARA A MINHA VIDA

As narrativas nesta seção expressam minhas aprendizagens no curso de Pedagogia. Não conseguirei contar todas, mas mencionarei aquelas que foram e são importantes para mim. Escolhi focar nos Estágios Curriculares Supervisionados, pois foi a partir deles que vi me formar como professora, enxergando neles a teoria estudada no curso.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia – Licenciatura (IFESP, 2019), o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) é uma instituição de ensino superior de caráter público, organizada sob a forma de autarquia, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer. Sua sede está localizada na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte.

O IFESP tem uma trajetória centenária, sendo uma instituição de ensino com história peculiar em Natal e no Rio Grande do Norte. Conforme revelado no PPC (IFESP, 2019), sua origem se situa no contexto da concepção das Escolas Normais no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX. Essas instituições objetivavam formar professores para lecionar no ensino primário. A instituição oferece os cursos de graduação, além de Pedagogia – Licenciatura, Licenciatura em Letras e Matemática, bem como cursos de pós-graduação.

Meu relato sobre a instituição se dá pela necessidade que senti de evidenciá-la, pois, para mim, ela merece ser divulgada. Quando alguém ler o meu Memorial de Formação, conhecerá um pouco da grandeza desse espaço educativo. Nesse espaço, convivi com colegas, amigos, professores e funcionários, todos colaborando para que nossa formação fosse de qualidade. Entrei no Instituto Kennedy trazendo saberes e conhecimentos que, aos poucos, foram se ampliando, de tal forma que saio dele constituída por aqueles com quem convivi com afeto, desafios, conflitos, mas também experiências e vivências que só me fizeram crescer como pessoa e profissional.

Percebi que cada componente curricular que conheci e vivenciei serviu de base para que eu pudesse mobilizá-lo quando adentrei nos Estágios Curriculares Supervisionados. Neles, vivenciei o que mais os professores defendiam: teoria e prática, que, segundo eles, são duas dimensões que devem ser compreendidas como uma unidade indissociável. Por meio da prática enxerguei a teoria, e, na teoria, enxerguei a prática.

O curso de Pedagogia me permite perceber sua importância para a formação pedagógica, didática, científica e política do ser professor. Nele, enxerguei, por exemplo, que a educação é um direito de todos, uma educação de qualidade que possibilite aos estudantes aprenderem, se desenvolverem e acessarem a sociedade.

5.1 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS: A REALIDADE DE SER PROFESSORA

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (IFESP, 2019), além de outros componentes que constituem a matriz curricular do curso de Pedagogia, são oferecidos quatro Estágios Curriculares Supervisionados: Estágio I, destinado à Educação Infantil, Estágio II, aos anos iniciais do Ensino Fundamental, Estágio III, à Gestão Escolar, e Estágio IV, aos Espaços não Escolares.

O Estágio Curricular Supervisionado I foi realizado na Escola Municipal Poty Cavalcante, localizada na cidade de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte. Estagiei no turno matutino e fui recebida pela diretora da escola, que me mostrou todas as dependências. Esse primeiro momento correspondeu à realização de observações da escola, mediante um roteiro de observação.

No meu primeiro dia de observação, quando cheguei pela manhã, a diretora me conduziu à sala da Educação Infantil, onde estavam crianças de 4 a 5 anos de idade. A professora me recebeu em sala de aula e, em seguida, apresentou-me a turma, que me acolheu com muito carinho, juntamente com a professora, que gentilmente disse para eu não me preocupar, garantindo que tudo daria certo e que aquele seria um momento de aprendizado.

As crianças ainda eram orientadas a usar máscaras e a realizar a higienização das mãos, orientação esta que também era seguida pelos professores, inclusive por mim. Após o período de observação, no qual conheci a infraestrutura da escola e sua didática, iniciei minha regência, que ocorria todos os dias em sala de aula, sob a supervisão da professora da turma.

Tínhamos o momento do lanche, que acompanhávamos. Depois dessa vivência, eu realizava diferentes tipos de atividades com as crianças, como conversação, cantigas e contação de histórias. As crianças eram organizadas em roda, sentadas em cadeiras ou no chão. Cantávamos músicas com palmas ou gestos, como a música da 'janelinha', e em seguida conversávamos sobre o tempo. Às vezes, pedia para que elas observassem o

tempo lá fora e explicassem se estava um dia de sol ou de chuva. Perguntávamos o que tinham feito enquanto não estavam na escola, e eu escrevia a data no quadro, mostrando cada número. Realizei atividades sobre a importância da higienização das mãos e levei cartazes com imagens dos elementos necessários para evitar o coronavírus.

À medida que realizava as atividades, observava nas falas das crianças a desenvoltura, curiosidade, vontade de aprender e compartilhar o que sabiam. Paralelamente a esses acontecimentos, lembrava das aulas no curso, das atividades orientadas pelos professores. Ou seja, conseguia enxergar concepções de autores como Henri Wallon (1879-1962) e Jean Piaget (1896-1980), ambos defensores da importância da afetividade para o estabelecimento de um clima acolhedor em sala de aula, especialmente na roda de conversa, defendida por Paulo Freire, que orientava sobre a importância do círculo de cultura, criado por ele na década de 1960, o qual permite aos sujeitos se posicionarem diante da realidade discutida. Além da importância de se considerar os conteúdos trazidos pelos sujeitos e, assim eu fazia, sob a supervisão da professora.

Nas vivências na Educação Infantil, aprendi na prática sobre a importância da roda de conversa como estratégia pedagógica. Dessa forma, incluí a roda de conversa em meu planejamento todos os dias da regência, para que as crianças pudessem socializar suas experiências, internalizar novos conhecimentos e, assim, conhecê-las melhor. De acordo com a Teoria Histórico-Cultural, elaborada por Lev Vygotsky (1896-1934) e seus colaboradores, é necessário proporcionar momentos de fala em sala de aula, pois, por meio dessa atividade, as crianças internalizam experiências, saberes e conhecimentos.

Nesses momentos de regência, apresentava o tema de estudo, sempre cuidando para trazê-lo para a realidade das crianças. Essa ação docente promovia a participação delas e assim ocorriam o diálogo e a interação. Sempre perguntava às crianças o que elas sabiam sobre o tema de estudo, e, dessa forma, acontecia a interação: interação entre elas, entre nós e elas, e entre elas e o conhecimento. Nesse processo de ensino-aprendizagem, quando uma criança respondia a uma pergunta feita por mim ou pela professora, outra criança prestava atenção à resposta e complementava, e assim eu observava suas aprendizagens.

Realizávamos também outras atividades que promoviam a interação e o acolhimento, como desenhos, pintura, quebra-cabeça, leitura de imagens, escuta de músicas, conversas, contação de histórias e brincadeiras sobre o tema trabalhado. Aprendi

na prática que as crianças realmente aprendem através das interações e brincadeiras, vivenciando a importância do lúdico como elemento essencial para as aprendizagens e o desenvolvimento durante essa fase da vida.

Quanto ao Estágio Supervisionado II, que corresponde aos anos iniciais do Ensino Fundamental, o realizei na Escola Municipal Poti Cavalcanti, localizada na cidade de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte. No primeiro dia, fui muito bem recebida pela diretora, que me mostrou a escola e passou as informações necessárias. Em seguida, ela me apresentou à professora que iria me acompanhar na regência. Ela me apresentou aos estudantes da turma do 3º ano do Ensino Fundamental, que me receberam sem estranheza, pois já estavam acostumados com outros docentes ou estagiários em sala de aula.

No dia seguinte, foi o meu primeiro dia de observação, no qual permaneci sentada no fundo da sala, observando conforme os critérios orientados pelos professores de estágio. Os primeiros quatro dias foram dedicados à observação. Na semana seguinte, começou meu período de regência, mas, antes de iniciar essa etapa, sentei-me com a professora para elaborarmos o planejamento das aulas que seriam desenvolvidas durante meu período de regência.

Conforme observei todos os dias, a rotina da sala de aula já estava escrita no quadro, com a listagem das atividades que seriam realizadas naquele dia, seus respectivos horários, os componentes curriculares e o conteúdo a ser estudado. As crianças eram orientadas a registrar a rotina do dia em seus cadernos, enquanto a professora caminhava entre elas com o caderno de frequência, no qual cada estudante registrava seu próprio nome. Em seguida, dava-se início à aula, sempre com orientações precisas.

Essas ações que observei levei para a minha regência, pois compreendi a importância da orientação detalhada, apresentando o passo a passo e retomando-os para garantir a qualidade da aprendizagem. Essas ações também permitiam saber quais alunos haviam feito as atividades de casa e quais não as haviam realizado, já que um dos passos da rotina era verificar essas tarefas.

Aprendi que o professor deve elaborar estratégias para resolver algumas situações, como, por exemplo, lidar com os estudantes que não faziam as atividades de casa. A professora utilizou uma estratégia para incentivá-los a realizar as tarefas. Também presenciei a importância de trazer o assunto discutido em sala de aula de acordo com a realidade dos estudantes, o que contribui para suas aprendizagens e os faz sentir parte

integrante do processo de ensino-aprendizagem. Isso os envolve mais nas discussões, trazendo seus conhecimentos e experiências.

Freire (1996) destaca que considerar o contexto dos sujeitos viabiliza suas aprendizagens e desenvolvimento, pois eles se sentem participantes desse processo. A importância da rotina diária em sala de aula, para que se tenha uma melhor organização do horário e do espaço, é uma ação que contribui para o desenvolvimento da responsabilidade. Observei também a importância da interação entre o estudante, o professor e os colegas. Aprendi que muitas situações no cotidiano de sala de aula só podem ser resolvidas com a prática associada à teoria. Os saberes advindos das experiências do professor são fundamentais como conhecimento inerente à sua profissão, como destaca Tardif (2010).

Durante a experiência em sala de aula, situações desafiadoras podem ocorrer no cotidiano escolar. Cito, por exemplo, o relato de uma estudante que disse à professora que iria se matar. Ao questioná-la sobre o motivo, a criança respondeu que suas colegas não queriam brincar com ela, o que a fazia se sentir excluída. Outras situações envolvendo bullying também foram relatadas. A professora me informou que essa não era a primeira vez que a criança falava sobre esse assunto.

Diante desse contexto, refleti sobre a importância de se pensar na implementação de projetos que possam contribuir para evitar essas situações em sala de aula. Compreendi a importância da articulação entre os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais em todas as áreas de conhecimento, como defende Zabala (1998).

Imaginava que, ao chegar a uma sala de Ensino Fundamental, encontraria a maioria dos estudantes já sabendo ler e ao menos escrever seu nome completo. No entanto, essa não foi a realidade observada. Havia um grupo de crianças alfabetizadas, que já sabiam ler e escrever seus próprios nomes, mas também havia um grupo na sala que ainda não sabia escrever nem mesmo seu nome, e copiavam do quadro com muita dificuldade. Essa realidade era bastante controversa, com estudantes fora da faixa etária.

Observei também outras situações, como a falta de recursos materiais. Para que a aula acontecesse conforme o planejamento, a professora relatou que, muitas vezes, ela mesma comprava alguns materiais, pois a escola não os fornecia. São realidades que o professor vivencia e busca resolver, embora saiba que essa não é sua função.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reapresento o título do meu Memorial de Formação, “Transformando o Rumo da Minha História: vivendo uma nova vida para a realização de um sonho”, pelo fato de essa formação superior me fazer sentir o sabor de ter conseguido transformar o rumo da minha história. Antes, era um sonho almejado; hoje, é um sonho alcançado, mesmo ainda não tendo o diploma em mãos, mas isso é apenas uma questão de tempo. Logo, saborearei este momento, compartilhando com aqueles que amo e que sempre acreditaram que eu conseguiria. Os dissabores foram importantes para que eu pudesse saborear este momento.

O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy trouxe para mim contribuições formativas inestimáveis: as vivências em sala de aula e os estágios vivenciados nos espaços escolares e não escolares, onde pude colocar em prática o que aprendi na teoria, experienciando situações reais e refletindo sobre minha prática pedagógica, sempre com a orientação dos professores formadores da instituição.

O curso de Pedagogia – Licenciatura também me deu a oportunidade de aprender sobre empatia, paciência, comunicação e o desenvolvimento de práticas pedagógicas, através de uma base teórica, didática e pedagógica. Aprendi com os estudantes das salas de aula e com aqueles com quem tive a oportunidade de conviver nos estágios, bem como com os profissionais das escolas onde estagiei. Os estudantes dessas escolas me ensinaram como posso ensiná-los e como eles aprendem de maneira qualitativa.

A importância do curso de Pedagogia, para mim, está na imprescindibilidade de compreendermos que a formação de professores deve ser entendida em interlocução com o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Ou seja, formação docente e ensino-aprendizagem devem ser concebidas como uma unidade indissociável, pois essa unidade contribui para a formação de um cidadão crítico e reflexivo, com ações produtivas, coletivas e sustentáveis para a sociedade.

Minhas aprendizagens mais importantes foram sobre como lidar com estudantes com necessidades educacionais especiais no tocante à didática, conforme suas necessidades formativas, considerando suas especificidades. O componente Psicologia da Educação contribuiu significativamente para eu compreender um pouco do desenvolvimento desses sujeitos. Almejo, sim, continuar estudando e fazer uma pós-graduação, embora ainda esteja refletindo sobre qual área seguir.

REFERÊNCIAS

Como funciona a brincadeira caiu no poço? Disponível em: <https://explicado.net/como-funciona-a-brincadeira-caiu-no-poco/>. Acesso em 08 de ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam, São Paulo: Autores Associados. 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 245 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OPAS/OMS: Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (2022). **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 de ago. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na Formação de professores**: unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán e GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2ª ed., Porto Alegre: Sulinas, 2004.

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, Natal, RN, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. 224 p.

Sobre o Currículo das Organizadoras

Rozicleide Bezerra de Carvalho, possui Pós-Doutorado em Linguagens pela Universidade Federal do Rio grande do Norte (2019-2020) sob a supervisão da Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio grande do Norte (2016) sob a orientação da Profa. Dra. Betania Leite Ramalho, Mestre em Ensino de Ciências Naturais e Matemática pela mesma Universidade, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Gorette Lima da Silva. Graduada em Ciências Biológicas - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba em 1989 e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1996, modalidade Zoologia. Psicopedagoga pela Universidade Potiguar (2004). Pesquisadora do CNPq, com a participação nos grupos de pesquisa GEBAK (UFRN); GEPPESP (UnB) e Educação, Representações e Formação Docente (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente: ciência, linguagens e tecnologias (IFESP-RN). Atua como professora formadora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP). Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental do IFESP (2018-2022) e Colaboradora da Secretaria de Educação do Estado, da Cultura e do Lazer do Rio Grande do Norte. Membro do Comitê Territorial de Educação Integral do Rio Grande do Norte (2019-2023). Parecerista da FEBRACE e do Caderno Estágios (UFRN). Coordenadora do subprojeto de Ciências pelo CNPq em 2018. Assessora da Apoema: Escola Dialógica. Presta assessoria a escolas privadas em Natal (RN) e tem atuação como formadora de programas de formação continuada. Pesquisa sobre metacognição, Resolução de problemas socioambientais, formação docente, leitura e escrita compreensiva em Ciências da Natureza. Integrante do Projeto Rede TISSE: Territórios Inteligentes e Sustentáveis nos âmbitos Social e Educativo, coordenado no Brasil pela Profa. Dra. Betania Leite Ramalho (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa: Formação Docente: Ciência, Linguagens e Tecnologias do IFESP/RN. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1050482183473864>.

Betania Leite Ramalho: Graduada em Tecnólogo em Estatística (1978) e Pedagogia pela UFPB (1979); Especialização em Estatística Educacional pelo CIENES e Universidade Católica CHILE (1978); Mestrado em Educação de Adultos pela UFPB (1985) e Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona (1993). Prof^a Adjunta do Centro de Educação da UFPB entre 1981 e 1994. Desde 1995 é Professora da UFRN. Tornou-se professora Titular/UFRN em 2010, atuando no PPGE, no curso de Pedagogia do Centro de Educação e Departamento de Práticas Pedagógicas e Currículo. Foi presidente da Comissão do Vestibular da UFRN entre 2003-2010. Foi vice-presidente e presidente da ANPEd, entre 2000-2002 e 2003 -2005. Foi membro da Comissão Nacional de Avaliação da Área de Educação junto à CAPES, em diferentes períodos: 1997,1998, 2006, 2008, 2009; 2010; 2018. Foi vice coordenadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRN:1996-1997 e 1998-2002. Coordenou, o Fórum dos Programas de Pós-graduação em Educação das Regiões Norte e Nordeste (1998-2002), tendo atuado na reinserção dos PPGE dessas duas regiões no SNPG/CAPES; Atuou como consultora voluntária para a criação de mestrados e doutorados em Educação junto a IES públicas de vários Estados da Federação; foi membro da Comissão de Especialistas do curso de Pedagogia e Normal Superior. (SESU/MEC). Foi Secretária de Educação do Estado do Rio Grande do Norte entre 2011 e 2014. Membro do

grupo assessor da SEB/MEC em 2014/2015; integrou o Conselho Técnico-Científico da Educação Básica da CAPES (CTC-EB), entre 2014-2016. Conselheira do indexador de periódicos EDUC@/FCC desde 2014; Parecerista de vários periódicos: Revista Perspectiva (UFSM); Ensaio: avaliação e políticas pública, da Cesgranrio; Educação em Questão/UFRN; Eccos/Uninove; Retornou, em 2018, à comissão para avaliação de Cursos Novos (APCN/CAPES); Coordenou em 2018 e coordena neste ano (2019) o Prêmio Teses/Educação da CAPES; Estuda os temas: Ensino-Aprendizagem, Formação, Profissionalização e Desenvolvimento Profissional Docentes (âmbito da Educação Básica e do Ensino Superior); Gestão, Avaliação e Inovação Tecnológica com Base Pedagógica. Desde 2016 é Professora Permanente do Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologia Educacional do IMD/UFRN. Coordena o Projeto Institucional "Educação Básica no Território Inteligente, estudo sobre vulnerabilidades socioeducativas e fatores preditores do (In)sucesso escolar". Coordena convênios internacionais e atua como professora visitante convidada em grupos de pesquisa das Universidades de Valência (ES); Coimbra (CIES20), Universidade do Minho (PT); Universidade de Lleida (ES); Criou, em 2017, em parceria com os Profs. Antônio Rochette e Luís Alcoforado (CIES20/U.Coimbra), a Rede TISSE: Territórios Inteligentes e Sustentáveis nos âmbito Social e Educativo. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1326690619078211>.

SOBRE O CURRÍCULO DA ILUSTRADORA

Regina Lúcia Alves Costa, é Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), linha de pesquisa - Educação, Formação e Profissionalização Docente. Professora Especialista em (Tecnologias na Educação; MBA/Executivo em Gestão Pública; Design Instrucional para organização de Cursos Online). Professora do quadro permanente do Estado do Rio Grande do Norte, há 39 anos- Lotada Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy exercendo atividades como professora formadora desde 2012, nos cursos de graduação e Pós em s componentes curriculares como: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, Introdução a Pedagogia, Didática Geral, Gestão Educacional , Fundamentos de Educação a Distância, Estágio, Avaliação Educacional. Desenvolve atividades junto ao SEBRAE como Consultora Educacional e Facilitadora no Repasse das Metodologias Educacionais e professora conteudista da metodologia voltada ao empreendedorismo na educação (Curso DESPERTAR - 2013). Desenvolveu atividades durante 6 anos no Programa Brasil Alfabetizado/RN Alfabetizado em atividades de elaboração de material didático para alfabetização de adultos, alfabetizadora formadora e coordenadora de polo nesse período. Exerceu na equipe pedagógica dos PRONATEC; UFRN;EAJ nos cursos FIC e Técnicos . Participou do Grupo responsável pela elaboração dos Referenciais Curriculares para o Estado do Rio Grande do Norte, colaborando nas definições das Competências Digitais necessárias à Educação Básica (2011 e 2012). **Lattes:** CV: <http://lattes.cnpq.br/3491833734621963>.

SOBRE O CURRÍCULO DOS REVISORES

Liédja Lira da Silva Cunha, possui Doutorado em Educação, pela UFRN, atuando na linha de pesquisa Educação, Formação e Profissionalização Docente; Mestra em Estudos da Linguagem, pela UFRN, atuando na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Sociais (2009); Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura em Língua Portuguesa, pela Universidade Potiguar (2001); Especialista em Leitura e Literatura, pela Universidade Potiguar (2005); Especialista em Língua Portuguesa: Leitura, Gramática e Produção de Texto, pela UFRN (2007); Atualmente, é professora formadora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy e professora de Língua Portuguesa da rede Municipal do Natal. Presidente do Núcleo Docente Estruturante do curso de Letras do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Atuou, de 2018 a 2020, como docente orientadora do Programa Residência Pedagógica, no IFESP, coordenando o subprojeto Alfabetização e Letramento na formação de leitores da contemporaneidade. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rede Territórios Inteligentes e Sustentáveis no âmbito Social e Educativo - TISSE (IMD/UFRN/CNPq). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: letramento, literatura, educação e produção textual. Líder da Linha de Pesquisa “Metacognição de Múltiplas Linguagens” do Grupo de Pesquisa “Formação Docente: Ciência, Linguagens e Tecnologias”, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. **Lattes:** CV: <http://lattes.cnpq.br/5195331030623795>.

Arandí Róbson Câmara Martins, possui doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2020). Mestrado em Estudos da Linguagem - Literatura Comparada na UFRN (2009). Especialização em Gestão Escolar (2008) e em Leitura e Literatura (2005). Possui Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa (2003). Tem experiência como gestor escolar em escola pública da Educação Básica, no período de 2006 a 2009. Fez parte da equipe da subcoordenadoria de avaliação escolar, na secretaria estadual de educação (SEEC), de 2010 a 2012. Coordenou o setor do Ensino Fundamental da SEEC, nos anos de 2013/2014. No mesmo período, coordenou o Programa Mais Educação na rede estadual de ensino. Gerenciou o projeto RN Sustentável no ano de 2015. Exerceu a função de coordenador do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação (NEPE), no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP). Atualmente, é coordenador da Especialização em Ensino de Língua Portuguesa no IFESP, membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Letras do Instituto Kennedy e professor de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Parnamirim, atuando na formação docente, notadamente, na área de leitura e produção de textos, literaturas e letramento. **Lattes:** CV: <http://lattes.cnpq.br/6358759553111379>.